UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário do Porto
Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Comunicação e Ativismos

DESIGUALDADE, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL.

Vozes Subalternizadas, Empoderamento e o Museu da Pessoa

Tese de Doutoramento apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de doutor em Comunicação e Ativismos, em 02/05/2025, orientada pela Professora Doutora Maria de Lurdes de Sousa Macedo e coorientada pelo Professor Doutor Massimo Di Felice.

Cláudia Leonor Guedes de Azevedo Oliveira

2025

Universidade Lusófona
Centro Universitário do Porto
Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

DESIGUALDADE, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL.

Vozes Subalternizadas, Empoderamento e o Museu da Pessoa

VERSÃO FINAL

Tese defendida por Cláudia Leonor Guedes deAzevedo Oliveira em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Porto no dia 02/05/2025, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 136/2025, de 11 de fevereiro, com a seguinte composição:
Presidente: Prof. Doutor Moisés de Lemos Martins (Professor Catedrático, Diretor da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação),

Vogal: Profa. Doutora Eliete da Silva Pereira Professora Adjunta UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo e Pesquisadora do Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS – USP), arguente;

Vogal: Prof.ª Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares (Professora Associada com Agregação, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa), arguente;

Vogal: Prof.ª Doutora Maria Teresa Cruz (Professora Associada, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa);

Vogal: Prof.ª Doutora Isabel Maria Perez da Silva Babo Lança (Professora Catedrática, Universidade Lusófona);

Vogal: Prof.ª Doutora Célia Maria Taborda da Silva (Professora Associada, Universidade Lusófona);

Vogal: Prof.ª Doutora Maria José Lisboa Brites de Azeredo (Professora Associada com Agregação, Universidade Lusófona);

Orientador: Prof.ª Doutora Maria de Lurdes de Sousa Macedo (Professora Auxiliar, Universidade Lusófona).

Este trabalho também foi orientado por Prof. Doutor Massimo Di Felice.

Cláudia Leonor Guedes de Azevedo Oliveira

Será que existe, no trabalho da memória, uma satisfação que se alimenta de si mesma, e aquilo que lembramos conta menos do que o ato de lembrar?

Jacqueline Harpman,
Eu que nunca conheci os homens

Dedico esta tese para Isabel, minha amada filha, que com 4 anos de idade, um dia me perguntou: “por que as pessoas que pedem dinheiro no farol são sempre negras?” E que, com 8 anos de idade, atravessou o Atlântico, para vivermos a mais transformadora experiência de nossas vidas. E que, aos 16 anos de idade, mostra-se uma jovem indignada com a pobreza e a injustiça social de seu país.

AGRADECIMENTOS

Depois de nos dedicarmos tantos anos à uma escrita, agradecer às pessoas que sempre estiveram ao nosso lado é algo simplesmente complexo e corre-se o risco de esquecermos algum nome essencial. Esperamos, pois, não incorrermos nesta indelicadeza. Por isso agradeço, em primeiro lugar aos meus pais, Marina e Djalma (*in memorian*), por sempre acreditarem em mim, por terem me oferecido condições excepcionais de estudo e por me receberem em sua casa sempre que precisei de um lugar para me aconchegar, entre tantas idas e vindas ao longo de tantos anos. Na pessoa deles agradeço a todos os meus irmãos pela imensa disponibilidade em me apoiar nos mais diversos momentos.

Em segundo lugar, não posso deixar de mencionar um agradecimento excecional aos professores da Universidade Lusófona do Porto, em especial à então Digníssima Reitora, Prof.ª Dra. Isabel Maria Perez Babo-Lança, minha primeira orientadora e com quem tive um contacto estreito, mas de grandes ensinamentos, em especial sobre o ofício do investigador e das leituras que correm o risco de serem mera erudição. Jamais esquecerei.

Agradeço especialmente aos meus orientadores. Ao Prof. Dr. Massimo Di Felice, minha gratidão ao inserir-me no mundo do doutoramento na Europa, permitindo-me navegar em mares desconhecidos. À Prof.ª Dra. Lurdes Macedo agradeço o facto de ter-me conduzido por terra firme, pois mesmo à distância, ainda que de forma remota, ainda que em reuniões e/aulas regidas pela diferença de fuso horário, os momentos de orientação – em especial por conta do momento pandêmico em que vivíamos entre 2020-2021 – foram absolutamente significativos, repletos de respeito e de trocas valiosas de conhecimento, sempre guiando-me pelos meandros da escrita académica.

Também agradeço à Prof.ª Dra. Elisabete Pinto da Costa por acompanhar-me ao longo do processo de seleção e inscrição no doutoramento e aproveito para estender também os meus agradecimentos aos Profs. Drs. Manuel Damásio, Maria José Brites, Pedro António Costa, Rui Pereira, Carla Cerqueira, Célia Taborda, Luís Loureiro, Conceição Ramos e Vanessa Rodrigues. Agradeço especialmente ao colegiado da ULP que me concedeu a oportunidade de ser bolseira em nível de doutoramento em Portugal. Uma oportunidade única que fez minha vida académica ficar deveras interessante.

Dos amigos mais próximos, todos são especiais, mas Daysi Lange fez-se presença constante desde o dia em que nos conhecemos nas salas da Universidade Lusófona até ao

momento da entrega da versão final desta tese. Leitora crítica e atenta dos meus escritos, amiga, irmã mais velha que a estadia e vida no Porto me deram, sempre me incentivou a continuar, mesmo nos momentos mais difíceis.

Outras pessoas também foram essenciais, seja pela amizade, seja pelo interesse em sempre buscarmos novos horizontes de aprendizado, assim é com carinho que me lembro neste momento de Eliete Pereira da Silva, Marina Magalhães, Thiago Franco, Daniela Sinhorini, Maria Mazzarello Veloso e Chris Lansoni, amigos sempre valorosos, presentes nos cursos do Instituto Toposofia no Porto. Agradeço também as frutíferas trocas e palavras de incentivo dos colegas do Centro de Pesquisa Internacional Átopos (ECA/USP-São Paulo), coordenado pelo Prof. Dr. Massimo Di Felice e aos colegas do Grupo de Pesquisa Pítia: Memória e Mediação (FFCLRP/USP-Ribeirão Preto), coordenado pela Profa. Dra. Silvia Maria do Espírito Santo.

Também não posso deixar de agradecer às minhas amigas de adolescência, que com muita alegria acompanharam à distância todo este percurso, em especial Carla Berro passou na casa de minha mãe para ajudar a chavear as malas, apenas algumas horas antes de pegar o voo rumo ao Porto. E é impossível esquecer do amigo português, que me apresentou aos melhores fadistas e cantantes de Portugal, Manuel Ferreira, também se fez presente nesses dias de imersão no Porto. Agradeço imenso a amizade sincera.

Um grande número de pessoas auxiliou-me na localização de uma preciosa bibliografia, compartilhando comigo formas de pesquisa, acesso às bibliotecas e bases de dados e/ou livros raros e antigos. Assim, agradeço à Delfina, pela amizade sincera e desprovida de interesse, amiga que se constituiu um porto seguro nos meses em que fomos vizinhas no Porto – não só pelas boas e infinitas conversas que tivemos, mas também pelo acesso à biblioteca da Escola Superior de Educação da Universidade do Porto. Agradeço igualmente à Liliane Pinto por ser sempre a palavra mais amiga dentro da Biblioteca da Universidade Lusófona.

Agradeço imensamente aos colegas do Museu da Pessoa: Rosana Miziara, Sônia London, Márcia Ruiz, Rosali Henriques, Ana Maria Leitão, Lucas Lara e Felipe Rocha pela participação nas entrevistas temáticas que embasaram parte da componente empírica desta tese. Agradeço à Renata Pante pela localização de inúmeros documentos do Museu da Pessoa que eu sabia existirem, mas que era necessário localizar os originais para checar as informações e confirmar alguns dados.

Para Karen Worcman, um agradecimento mais do que especial, pelo facto de ter-me apresentado, no já longínquo ano de 1991, o incrível mundo das narrativas orais e por ter possibilitado que eu vivenciasse por muito tempo a experiência da escuta. Sem sombra de dúvida, foi o que me levou a conhecer melhor um outro Brasil, um país com seus rincões de alegrias e de tristezas, mas acima de tudo formado por uma gente criativa e sábia, que traz uma pujante cultura e que passa de geração para geração seus conhecimentos.

Um beijo fraterno para a "menina" Alice Gonçalves, que um dia saiu de Bauru para conhecer a terra de seu pai (*in memorian*) e se tornou, ainda que temporariamente, uma espécie de irmã mais velha de minha filha Isabel. Juntas as três, descobrimos o Porto nos dias que antecederam a primavera, época em que floresceram as magnólias, anunciando que o melhor de toda esta experiência ainda estava por vir.

Agradeço imensamente aos colegas de trabalho e às irmãs da UniSagrado pelo incentivo ao longo dos dias em que me dividi entre as aulas e o término desta escrita, em especial ao Corodenador do curso de História, Roger Gomes. Também agradeço aos meus alunos, que tanto me ouviram falar do meu trabalho doutoral, mas em especial para a Lívia, Gabriela e Érick. Foi no dia dos professores que eles me presentearam com um romance de Jaqueline Haspman, autora que eu desconhecia, mas que, logo às primeiras páginas, trouxe-me a preciosa frase que consta como epígrafe desta tese.

Por fim, gostaria de agradecer, de coração, a presença e o incentivo constante da Profa. Dra. Cecilia de Lara – professora de Literatura Brasileira do Instituto de Estudos Brasileiros e coordenadora da Oficina da Palavra – pelo enorme apoio que recebi desde o dia em que lhe contei que havia sido contemplada com uma bolsa de doutoramento. Nas inúmeras conversas sobre a temática deste trabalho de tese, aprendi muito sobre a palavra "travessia", em especial o significado que tal palavra assume em Guimarães Rosa, um autor do qual Cecilia de Lara é especialista, uma vez que foi ela a responsável pela organização do acervo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

Travessia que realizei ao cruzar o Atlântico de volta à terra dos meus antepassados, travessia que realizei de mestre a doutora, travessia que realizei pelo amadurecimento pessoal e intelectual. Como Cecília sempre diz, é impossível atravessar de uma margem do rio para a outra e continuar a ser a mesma pessoa. O rio é diferente, assim como nós nos tornamos diferentes ao longo desta travessia. Gratidão é a palavra final para todos.

Resumo

O advento da Era Digital, a partir dos anos de 1990, alterou a forma de relacionamento entre humanos e entre estes e os seus contextos, possibilitando, entre outras transformações, uma maior visibilidade de grupos sociais tradicionalmente subalternizados. Este trabalho doutoral tem como objetivo principal questionar em que medida o facto de um indivíduo (enquanto ator social) ou um grupo (enquanto entidade coletiva) relembrar, narrar e registar a sua experiência de vida, especificamente numa plataforma digital, leva a uma tomada de consciência de si, do seu protagonismo histórico e ao seu empoderamento.

Para tal, além de recuperarmos questões teóricas relacionadas com desigualdade social, desenvolvimento, comunicação e memória, recorremos à composição de duas amostras para testarmos a nossa hipótese principal: o efeito potencial das plataformas digitais, a exemplo da do Museu da Pessoa, e das memórias recolhidas, armazenadas e disponibilizadas na Web, no empoderamento de pessoas e de grupos sociais, contribuindo assim para a transformação social e para o desenvolvimento. Nesse sentido, foram selecionadas entrevistas realizadas a 30 pessoas no âmbito de dois projetos desenvolvidos por esta instituição, que, uma vez validadas, foram devidamente analisadas com recurso a metodologias qualitativas, nomeadamente através do método compreensivo. A investigação permitiu concluir que o ato de narrar a sua própria história para que esta figure no acervo da plataforma digital do Museu da Pessoa incita ao empoderamento, sobretudo entre sujeitos com maiores qualificações escolares.

A canção Manifestação, da autoria do compositor brasileiro Carlos Rennó, atua como o fio condutor deste estudo, pois a mesma inspira à reflexão sobre as questões que são trabalhadas nesta investigação.

Palavras-chave: Desigualdades Sociais, Memória, Comunicação, Era Digital, Empoderamento, Museu da Pessoa.

Abstract

The advent of the Digital Age in the 1990s changed the way humans relate to each other and to their contexts, enabling, among other transformations, greater visibility for traditionally subalternized social groups. The main aim of this doctoral work is to question the extent to which the fact that an individual (as a social actor) or a group (as a collective entity) remembers, narrates and records their life experience, specifically on a digital platform, leads to an awareness of themselves, their historical protagonism and their empowerment.

To this end, in addition to recovering theoretical issues related to social inequality, development, communication and memory, we used two samples to test our main hypothesis: the potential effect of digital platforms, such as the Museu da Pessoa, and the memories collected, stored and made available on the web, on the empowerment of people and social groups, thus contributing to social transformation and development. To this end, interviews were selected with 30 people within the scope of two projects developed by this institution, which, once validated, were duly analyzed using qualitative methodologies, namely the comprehensive method. The research led to the conclusion that the act of telling one's own story so that it can be included in the Museu da Pessoa's digital platform encourages empowerment, especially among people with higher educational qualifications.

The song Manifestação, by the Brazilian composer Carlos Rennó, acts as the leitmotif of this study, as it inspires reflection on the issues addressed in this research.

Keywords: Social Inequalities, Memory, Communication, Digital Age, Empowerment, Museu da Pessoa (Museum of the Person).

Acrónimos e símbolos

Acrónimo/Símbolo	Descrição
AOL	*American On Line*
APC	*Association pour la communication progressiste*
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
CERU	Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CPC	Centro Popular de Cultura
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CPM	Corpo de Patrulheiros Mirim
CREASF	Centro de Referência de Estudo Afro do Sul Fluminense
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
DEMA	Departamento de Museus e Arquivos
ECA	Escola de Comunicação e Artes
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
FBB	Fundação Banco do Brasil
FFCLRP	Faculdade de Filosofa, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
HTML	*HyperText Markup Language*
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geologia e Estatística
ICOM	*International Council of Museuns*
ICHIM	*International Conference on Hypermedia and Interactivity in Museums*
ICS	*Comissão Estratigráfica Internacional*
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHAP	Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado às Pressões sobre o Planeta
IEB/USP	Instituto de Estudos Brasileiros
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trans, *Queer*, Intersexo, Assexuais e mais
MinC	Ministério da Cultura
MIS-RJ	Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro
MIS-SP	Museu da Imagem e do Som de São Paulo
MPL	Movimento Passe Livre
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
ODM	Objetivos do Milênio

ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
PNUD SESC-SP	Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas Serviço Social do Comércio – São Paulo
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
SPFC	São Paulo Futebol Clube
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TSM	Tecnologia Social da Memória
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UOL	Universo On-Line
USP	Universidade de São Paulo

ÍNDICE

Lista de Abreviaturas, siglas e símbolos *10*
Índice geral *12*
Índice de Figuras *15*
Índice de Tabelas *17*
Índice de Gráficos *18*
Introdução *19*
1. Capítulo 1 – Dos anseios da diversidade *30*
1.1. Da promessa à proposta **30**
1.2. Da proposta de diversidade da Terra Brasilis **35**
1.3. Do projeto de ocupar **53**
1.4. Do projeto à denúncia **60**
1.5. Do anseio de uma outra História **68**
1.6. Sobre interseções e heranças do patriarcado **75**
1.7. Os movimentos sociais no Brasil e os ativismos **79**
1.8. À guisa da primeira reflexão: a utopia de Pe. António Vieira e a soma de todos os anseios ***86***
2. Capítulo 2 – Das utopias do desenvolvimento *91*
2.1. As utopias das cidades de papel **96**
2.2. Os utópicos românticos **99**
2.3. As utopias do desenvolvimento **108**
2.3.1. Algumas definições **108**
2.3.2. Os desafios para o estudo do desenvolvimento 113
2.4. As utopias latino-americanas e o pensamento cepalino **119**
2.4.1. O Brasil e a utopia pragmática de Celso Furtado 123
2.5. Desenvolvimento Sustentável: utopia ou quimera? **128**
2.6. À guisa da segunda reflexão: o esgotamento das energias utópicas e o advento da Sociedade da Informação **138**
3. Capítulo 3 – Dos desafios da partilha *142*
3.1. Pôr em comum ***149***
3.1.1. Modos de comunicar 149
3.1.2. Modos de conectar: a rede 153
3.2. Modos de rememorar 162
3.2.1. Modos de exibir: as exposições universais **162**
3.2.2. Modos de preservar: os museus **165**
3.2.3. Modos de relembrar: as memórias **167**
3.2.4. Modos de narrar: os relatos de si **179**

3.3. A perda do suporte ***187***

3.3.1. Modos de virtualizar ***187***

3.4. À guisa da terceira reflexão: o fim dos pontos de vista centrais e da conceção unitária da História ***191***

4. Capítulo 4 – Habitar memórias: questões metodológicas ***198***

4.1. Apresentação e caracterização do objeto de estudo: o Museu da Pessoa.....**203**

4.1.1. Considerações preliminares.....203

4.1.2. O início de tudo.....205

4.1.3. Os relatos orais.....209

4.1.4. A entrada na era digital.....213

4.1.5. O ponto de viragem: anos 2000.....223

4.1.6. A estruturação do Portal Museu da Pessoa e a formação da rede internacional de histórias de vida 226

4.1.7. Em busca da Tecnologia Social da Memória.....229

4.1.8. Projetos autorais, um olhar para as memórias do Brasil.....233

4.1.9. Crise política no Pós-crise financeira: de 2010 aos dias de hoje.....238

4.2. Descrição do itinerário metodológico desta investigação **240**

4.2.1. O Museu da Pessoa como um estudo de caso 242

4.2.2. Etnografia digital ou netnografia 243

4.2.3. A perspetiva atópica.....246

4.3. Análise Qualitativa das Histórias de Vida e o Método Compreensivo **247**

4.4. Apresentação do Corpus **253**

4.4.1. Projeto Memórias dos Brasileiros.....255

4.4.2. Projeto Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista.....259

4.5. Amostras..... **263**

4.5.1. Amostra 1 – Projeto Memória dos Brasileiros 263

4.5.2. Amostra 2 – Projeto Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista.....265

4.5.3. Virtudes e limitações das amostras.....266

4.6. Desafios do Itinerário Metodológico..... **267**

4.7. Questões Éticas..... **270**

4.8. À guisa da quarta reflexão: habitar memórias de forma atópica **271**

Capítulo 5 – Tomar a palavra: análise dos dados.....***276***

5.1. Apresentação dos Dados Demográficos das amostras **278**

5.1.1. Caracterização da Amostra 1 – griôs.....278

5.1.2. Caracterização da Amostra 2 – comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços.....284

5.2. Na primeira pessoa e em discurso direto: análise das narrativas dos griôs.....**293**

5.2.0. Primeiro Eixo: trajetórias de vida dos mestres griôs 294

5.2.2. Segundo Eixo: considerações dos griôs sobre as entrevistas realizadas.....310

5.3. Na primeira pessoa e em discurso direto: análise das narrativas dos comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços.....319

5.3.1. Primeiro Eixo: trajetórias de vida dos trabalhadores do comércio 335

5.3.2. Segundo Eixo: Considerações dos trabalhadores do comércio sobre as entrevistas realizadas 337

5.4. As perceções dos colaboradores do Museu da Pessoa 343

5.4.1. Primeiros desafios exercidos no Museu da Pessoa 343

5.4.2. Sobre o ato de conceder uma entrevista ao Museu da Pessoa 346

5.4.3. Sobre empoderamento ao conceder entrevista para o Museu da Pessoa.....348

5.5. À guisa da quinta reflexão – a utopia da superação do passado colonial.....351

6. Considerações Finais 353

Referências.....362

Anexos 384

Índice de Figuras

Figura 1. Botocudos, Puris, Pataxós e Machacalis, tela de Jean-Baptiste Debret. Fonte: Wikipedia, 1834..... 46

Figura 2. Mapa da província de São Paulo, elaborado a pedido da Sociedade Organizadora de Imigração de São Paulo. Fonte: Wikipedia, 1886..... 56

Figura 3. América Invertida, de Joaquín Torres García. Fonte: Wikipedia, 1943..... 59

Figura 4. Painel que ficava à entrada da cabina de gravação de entrevistas, por ocasião do evento *Memória & Migração.* Fonte: Museu da Pessoa, 1991..... 207

Figura 5. Karen Worcman entrevista convidado, por ocasião da abertura do evento *Memória & Migração.* Fonte: Museu da Pessoa 208

Figuras 6 e 7. Cartaz do evento *Tipo 93.* Fonte: Museu da Pessoa..... 215

Figura 8. Aspetos diversos do interior do Memorial do São Paulo Futebol Clube. Fonte: Acervo *online* do SPFC, n.d. 218

Figura 9. Remontagem da página inicial do primeiro sítio do Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa, n.d..... 220

Figura 10. Segunda versão do sítio do Museu da Pessoa. Fonte: Acervo Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa. 222

Figura 11. Artigo do *Wall Street Journal.* Fonte: Museu da Pessoa, 1999..... 223

Figura 12. Terceira versão do sítio do Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa, n.d..... 226

Figura 13. Página inicial da primeira versão do Portal do Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa n.d. 228

Figura 14. Gravação de uma roda de histórias com imigrantes japoneses sobreviventes das bombas atómicas Fonte: Museu da Pessoa, 2008..... 229

Figura 15. Publicações organizadas pelo Museu da Pessoa. Fonte: Museu da Pessoa, 2005-2008..... 223

Figura 16. Algumas das publicações oriundas do projeto Memória dos Brasileiros. Fonte: Museu da Pessoa, 2008..... 237

Figura 17. Quinta versão da plataforma do Museu da Pessoa, com a implementação da ferramenta Monte sua Coleção. Fonte: Museu da Pessoa, n.d. ... 239

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Perfil dos colaboradores do Museu da Pessoa entrevistados para este trabalho de tese. Tabela elaborada pela autora	254
Tabela 2 – Localização do meio em que o entrevistado, da Amostra 1, passou a maior parte da vida. Tabela elaborada pela autora	294
Tabela 3 – Atividades mais praticadas na infância, da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora	295
Tabela 4 – Primeiros trabalhos efetivamente desenvolvidos, pelos entrevistados da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora	296
Tabela 5 – Menção aos trabalhos como mestre griô e/ou griô aprendiz, à época da entrevista, pelos entrevistados da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora	297
Tabela 6 – Menção aos significados que o ato de narrar assume para os sujeitos narradores da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora	310
Tabela 7 – Localização do meio em que o entrevistado, da Amostra 2, passou a maior parte da vida. Tabela elaborada pela autora	320
Tabela 8 – Atividades mais praticadas na infância, da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora	323
Tabela 9 – Primeiros trabalhos efetivamente desenvolvidos, pelos entrevistados da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora	327
Tabela 10 - Menção aos trabalhos exercidos, à época da entrevista, pelos entrevistados da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora	331
Tabela 11 – Significados que o ato de narrar assume para os sujeitos narradores da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora	337

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – As linhas de pesquisa e os sujeitos que narram no âmbito do projeto Memórias dos Brasileiros. Gráfico elaborado pela autora.....	259
Gráfico 2 – Caracterização do projeto *Memórias do Comércio: rumo ao interior paulista* segundo o critério do ramo de atividade exercido pelo entrevistado. Gráfico elaborado pela autora.....	262
Gráfico 3 – Distribuição da Amostra 1 por género. Gráfico elaborado pela autora.....	279
Gráfico 4 – Distribuição da Amostra 1, por faixa etária, de acordo com a década de nascimento. Gráfico elaborado pela autora	280
Gráfico 5 – Nível de Escolarização da Amostra 1. Gráfico elaborado pela autora	281
Gráfico 6 – Origem Étnica da Amostra 1. Gráfico elaborado pela autora	282
Gráfico 7 – Distribuição geográfica, da Amostra 1, por estado de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.....	283
Gráfico 8 – Distribuição geográfica, da Amostra 1, por região de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.....	284
Gráfico 9 – Distribuição da Amostra 2 por género. Gráfico elaborado pela autora	284
Gráfico 10 – Distribuição da Amostra 2, por faixa etária, de acordo com a década de nascimento. Gráfico elaborado pela autora	285

Introdução

Como parte integrante do processo de investigação para obtenção do título do doutoramento, nós nos propusemos a investigar, por meio de um Estudo de Caso, de que forma as memórias de toda e qualquer pessoa e/ou grupo social, gravadas por meio de entrevistas e disponibilizadas em plataforma digital, são práticas indutoras de empoderamento destes indivíduos ou dos grupos sociais aos quais eles pertencem. Para tal, recorreremos à plataforma digital do Instituto Museu da Pessoa.Net – doravante denominado somente por Museu da Pessoa[1] – uma organização não-governamental, criada no Brasil no final de 1991 com a missão de registar e preservar histórias de toda e qualquer pessoa

A instituição, criada pela historiadora e linguista Karen Worcman, vem trabalhando, há mais de 30 anos, na preservação da memória social de diversos grupos sociais, étnicos e etários do Brasil e, em menor escala, de outros países com os quais mantem parcerias estratégicas. Atuando desta forma, o Museu da Pessoa não só acumulou um acervo significativo da história mais recente do Brasil, como se tornou referência na área de preservação das experiências de diferentes grupos sociais, contribuindo para a visibilização de grupos subalternizados.

Para o Museu da Pessoa, o facto de uma pessoa contar a sua história de vida a outra, possibilitando a essa outra o ato de escutar e conhecer realidades diversas, pode mudar a forma como as pessoas veem o mundo. Desta feita, a missão da organização preza pela transformação da história de uma pessoa em património cultural, como se a história dessa pessoa fosse uma peça de museu. Agindo com este viés, a instituição cultiva como valores a escuta, a democratização da memória, o protagonismo de toda e qualquer pessoa, a colaboração mútua e a justiça social.

Assim, o Museu da Pessoa possui, no total, mais de 20 mil histórias de vida, cerca de 60 mil documentos iconográficos, entre fotografias e documentos textuais e 5 mil vídeos[2]. Note-se que este acervo virtual inclui contributos diretos de utilizadores[3], os quais totalizam cerca de 200 coleções e perto de 4 mil histórias. O impacto social da instituição é amplo: mais de 60 mil alunos e professores foram beneficiados com projetos desenvolvidos em escolas da rede pública (municipal e estadual de diversos estados

[1] Disponível em: www.museudapessoa.org Acesso em 04.08.2024
[2] Disponível em: www.museudapessoa.org Acesso em 04.08.2024
[3] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre-o-museu/ Acesso em 04.08.2024

brasileiros), 90 publicações, 100 exposições virtuais e físicas e 18 premiações que reconhecem a seriedade, a inovação e a importância do trabalho desenvolvido pelo Museu da Pessoa[4] ao longo destes 30 anos de atuação.

Desta feita, o nosso trabalho de investigação procurará descrever, refletir e questionar em que medida o facto de um indivíduo (enquanto ator social) ou um grupo (enquanto entidade coletiva) relembrar, narrar e registar a sua experiência de vida – em plataforma digital a exemplo da disponibilizada pelo Museu da Pessoa – leva a uma tomada de consciência de si e do seu protagonismo histórico, bem como a processos de empoderamento, de modo a contribuir para ações de desenvolvimento e mudança social.

Para tal, trazemos as seguintes questões norteadoras desta investigação:

1. Quais as condições político-económicas que levam pessoas, povos e grupos sociais a buscar a sua representatividade por meio das suas próprias narrativas?
2. Qual o conceito de Comunicação que o Portal do Museu da Pessoa convoca, ao disponibilizar o seu acervo em plataformas digitais?
3. Em que medida o Portal do Museu da Pessoa se configura como espaço plural e democrático para registo e preservação das experiências das pessoas?
4. Em que medida as plataformas digitais, como o Museu da Pessoa poderão transformar a função social da memória?
5. São as narrativas registadas, disponibilizadas e compartilhadas em meio digital potencializadoras de empoderamento dos narradores?

Dado que a problemática central envolvida em nossa investigação diz respeito à presença de coleções de narrativas, as quais assumem os mais diversos formatos, em plataformas digitais, buscaremos a interface entre a Comunicação e História enquanto campos de conhecimento distintos. A investigação que agora delineia-se buscará superar as aproximações mais simplistas entre estas duas áreas, que comumente buscam lidar com o nexo e as tensões existentes entre Comunicação e História. Tradicionalmente, isso se

[4] https://museudapessoa.org/sobre-o-museu/ Acesso em 04.08.2020.

dá pelo facto de que para os historiadores, os média se traduzem essencialmente como fonte de pesquisa e, para os comunicólogos, a história da comunicação e a história dos média se definem pela historicização dos meios de comunicação (Herschmann & Ribeiro, 2008; Martino, 2008).

Além disto, esta investigação foi desenvolvida em um interregno deveras interessante. Primeiramente, não há como esquecer os anos de 2020 e 2021, ao longo dos quais os humanos depararam-se com os inúmeros desafios trazidos pela disseminação do vírus Coronavírus – causador de uma das doenças mais cruéis que já se conheceu, a Covid-19 –, entre eles o temor de se contaminar, a necessidade de um isolamento prolongado, o questionamento frente aos ditames dos cientistas e o enfrentamento da morte em milhares de casos. No Brasil, até o momento foram registados, oficialmente mais de 700 mil mortes por Covid-19[5].

Mas esta é também uma tese que foi escrita ao longo de muitos anos (2018-2024), alguns nos quais a democracia brasileira esteve ameaçada por grupos defensores de governos que, no espectro político, flertam com o extremismo de direita, momentos nos quais os direitos humanos, as minorias sociais, em especial as mulheres, os indígenas e os afrodescendentes foram deixados de lado das principais políticas públicas. Veremos ao longo deste trabalho de tese a deterioração dos índices brasileiros (escolaridade, violência, alfabetização, etc.) que traz o esgarçamento do tecido social e coloca em risco a coesão da sociedade. À negação e ao revisionismo histórico que tomaram conta do debate entre a população, só podemos combater com a experiência vivida em tempos anteriores e as práticas memorialistas dos narradores, que como E. Bosi (1987) ressalta, são misteres do seu próprio ofício.

Este trabalho de tese é, acima de tudo, uma investigação que envolve diferentes atores sociais – os humanos que falam por si e por isso realizam a "tomada da palavra" (Vattimo, 1992) –, narradores de suas próprias histórias, em sua maioria afrodescendentes e/ou indígenas, grupos que tradicionalmente são excluídos dos processos decisórios brasileiros, como veremos mais adiante.

É contra a exclusão sistemática e o esquecimento destas ditas minorias ao longo do processo histórico brasileiro, é que emerge a proposta do Museu da Pessoa. De modo a

[5] Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19. Acesso em 24.07.2023.

ampliar a compreensão desse processo de trabalho, diversos profissionais do Museu da Pessoa também foram convidados a participar desta investigação, concedendo-nos entrevistas nas quais foram abordados temas pontuais, a exemplo da metodologia de trabalho, os desafios no quotidiano de trabalho, a importância do digital e a questão do empoderamento, em específico. A mim, coube ouvi-los atentamente, sempre respeitando os diferentes pontos de vista que cada um deles nos trazia.

Com base nos motivos acima apresentados, assumimos, logo de partida, uma autoria coletiva deste trabalho de tese, utilizando ao longo do texto o pronome da primeira pessoa do plural. Apesar de trilharmos individualmente um caminho solitário de pesquisa e escrita, nunca estivemos verdadeiramente sozinhos. Ademais, com as múltiplas vozes, a ressoar nos média, em busca de suas representatividades, aqui assumimos o "nosso lugar de fala"[6] – enquanto mulher, brasileira, branca, classe média e, sobretudo, investigadora das Ciências da Comunicação e da História. Neste trabalho, pretendemos – como procuraremos demonstrar – refletir sobre o processo de empoderamento de indivíduos e grupos sociais por meio das narrativas. Não se trata, de falar por alguém, nem de falar de alguém; mas, sobretudo, a possibilidade de investigar sobre alguém que fala por si.

Para tal, o nosso trabalho de tese está estruturado da seguinte forma: a Parte I é composta por três capítulos que sustentam o quadro referencial, possibilitando a análise do estatuto do Museu da Pessoa e sua plataforma digital. Esta componente teórica versa sobre as origens da desigualdade social no Brasil, bem como discute os conceitos de desenvolvimento, comunicação e memória. O nosso intuito é que este arcabouço teórico nos permita tecer considerações sobre a estruturação e a atuação de uma organização como o Museu da Pessoa. Além disso, permitirá reconhecer a importância do registo e da partilha de vozes subalternizadas, com ênfase no empoderamento – tanto ao nível individual, quanto ao nível coletivo – de modo a contribuir para uma efetiva transformação social.

O *Capítulo 1 – Dos anseios da diversidade*, traz um panorama da trajetória histórica do Brasil, desde o momento do seu achamento, e suas questões mais urgentes – em especial as que esgarçam o tecido social e corroboram para o aumento e/ou manutenção da desigualdade social – as quais trazem desafios significativos para o país superar a sua eterna condição de país em desenvolvimento Para tal, convocamos, inicialmente os

[6] Voltar-se-á a este conceito ao longo do Capítulo 1 da presente tese.

autores que são tidos como os fundantes da matriz epistemológica do Brasil, a saber: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Na busca de uma visão mais contemporânea sobre estas questões, recorremos a Darcy Ribeiro, Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez, bem como Alfredo Bosi e Jessé de Souza, entre outros.

O primeiro autor, Darcy Ribeiro (2006), defende a configuração do Brasil como um grande caldeirão étnico, cuja miscigenação traz a possibilidade do caldeamento de um "povo novo". Esse "povo novo" se constituiu pelos hábitos indígenas de famílias extensas e a prática do cunhadismo, os quais favoreceram amplamente os relacionamentos interraciais entre os brancos e os ameríndios. Paralelamente, a vinda de maciça de portugueses e de meninas órfãs (especialmente em meados do século XVIII) e dos africanos escravizados complementaram esse profundo e tenso processo de miscigenação que leva o autor a pensar que o Brasil se configura como uma 'Nova Roma" (Darcy Ribeiro, 2006). Trata-se de um processo de ampla miscigenação, que está na proto-história do Brasil e continua a ocorrer até os nossos dias, dadas as inúmeras diásporas em curso.

Neste sentido, convocamos Jessé de Souza (2016) uma voz mais crítica da nossa contemporaneidade. Mesmo com abertura política em 1984, as oligarquias dominantes procuraram manter seus privilégios de classe. A analisar os processos políticos de 2016 que culminaram na cassação da presidenta Dilma Roussef, Souza (2016) faz cair o véu do mito do "homem cordial" cunhado por Sérgio Buarque de Holanda. É pois, na manutenção das relações de assimetria entre a Casa-grande e a Senzala (assimetrias que podem incluir outras polaridades tais como rico/pobre, branco/rico, escolarizado/analfabeto, empregado/desempregado, etc.) que se busca a manutenção dos privilégios, em que o Outro – mulher, indígena, negro, pobre, famélico, roto, malvestido, iletrado, fedido, dependente químico – não tem espaço nesta tessitura social, vivendo nas franjas e nas sombras da democracia.

Este capítulo encerra-se com a visão utópica de Padre Vieira: a de Portugal como cabeça do Quinto Império, um lugar que ainda está por se realizar, e o Brasil como o *locus* desta realização pelo ideal da instalação de uma "Nova Roma", no sentido colocado por Darcy Ribeiro (2006).

O *Capítulo 2 – Das utopias do desenvolvimento* concentra-se nas questões do desenvolvimento, iniciando com uma abordagem clássica que compreende a

conceituação do desenvolvimento na perspetiva económica até as suas abordagens mais atuais, que procuram superar as assimetrias entre o Norte e o Sul global. Primeiramente, consideramos as questões iniciais da preocupação com a coesão do tecido social, situada entre o fim do medievo e os primeiros momentos da revolução industrial. Seus defensores são apontados por vários críticos como socialistas utópicos, pois ainda não haviam incorporado em sua crítica a questão da mais-valia e da luta de classes. São questões trazidas por autores como Álvaro Garrido e Maria da Glória Ghon, entre outros.

Em seguida, convocamos as variadas conceções do conceito de desenvolvimento e, para tal, partimos do texto do sociólogo português Fernando Bessa Ribeiro, cuja obra valoriza o conceito de sistema-mundo de Wallerstein e seus desdobramentos. Neste momento, buscamos também as abordagens de Thomas Piketty e Amartya Sen, abordagens que valorizem mais o social e não somente a performance económica, trazendo definições mais atuais.

Uma secção foi largamente dedicada aos trabalhos desenvolvidos pela *Comissão Económica para a América Latina e o Caribe* (Cepal), sob o comando do argentino Raul Prebish, da qual emerge o pensamento do brasileiro Celso Furtado; juntos, Prebish e Furtado são tidos como os responsáveis por tornar a Cepal não uma agência de desenvolvimento económico – a exemplo de outras agências criadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) –, mas sim uma escola de pensamento económico cunhado na América Latina.

Finalizando este capítulo, abordamos as questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável, bem como as críticas erigidas pelos defensores do decrescimento, em especial a partir de autores como Serge Latouche, Manuel Chaparro Escudero e Carlos Taibo.

Ao longo do *Capítulo 3 – Dos Desafios da Partilha* são abordadas componentes teóricas relacionadas à Comunicação e às questões concernentes à vozes das pessoas subalternizadas. O foco está direcionado para dois aspetos: a comunicação intercultural e a comunicação por meio dos novos dispositivos digitais, que trazem uma reconfiguração do ser e estar no mundo.

Trabalhamos com autores já clássicos neste campo, tais como Pierre Lévy e Manuel Castells, mas também convocamos autores mais contemporâneos como Isabel Babo, Bragança de Miranda e também, Massimo Di Felice, que traz o conceito do “habitar

atópico", dado que a experiência nas plataformas digitais, é uma experiência desligada do lugar, intercultural e situada na rede.

No desafio da passagem da temática da comunicação para a temática da memória e das narrativas que ela organiza, convocamos o italiano Gianni Vattimo que nos apresenta o fenómeno da "tomada da palavra" a partir dos média.

Há que se ressaltar a presença de muitas autoras afrodescendentes, entre elas Djamila Ribeiro, Karla Akotirene e Rose Berth – todas brasileiras, e também, Grada Kilomba, nascida em Lisboa e Chimamanda Nogizi Adichie, oriunda da Nigéria. Todas elas discutem temas essenciais ao colonialismo e às desigualdades sociais e tiveram uma participação significativa neste trabalho de tese.

Já a Parte II procurará os enquadramentos necessários e os instrumentos de pesquisa para análise da plataforma do Museu da Pessoa no seu tempo histórico, ou seja, inserido no âmbito dos Novos Movimentos Sociais e da Sociedade da Informação, mas também no contexto de redemocratização do Brasil após o fim da ditadura imposta pelo Golpe civil-militar de 1964.

Assim, o Capítulo 4 deste trabalho doutoral elenca as questões metodológicas que nortearam a componente empírica da investigação. É um capítulo estruturado em diversas secções nas quais buscamos justificar as nossas escolhas metodológicas. Desta feita, na Secção 1 apresentamos, de forma bastante detalhada, o Museu da Pessoa e a sua trajetória ao longo dos anos, abordando, em especial, as questões e desafios que levaram a instituição a desenvolver a sua plataforma digital. Por sua vez, a Secção 2 trata do itinerário metodológico percorrido, o qual caracterizamos como um itinerário híbrido e multimétodo, justamente pelo desafio de investigarmos plataformas digitais. Na Secção 3 discorremos sobre as questões que envolvem pesquisa quantitativa e qualitativa, bem como as justificações para a escolha do Método Compreensivo para analisar histórias de vida disponibilizadas na plataforma digital do Museu da Pessoa. Na Secção 4 detalhamos a formação do *corpus* para análise a partir da escolha de dois projetos desenvolvidos pelas equipas do Museu da Pessoa: o projeto *Memória dos Brasileiros* e o projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*. Uma vez detalhado este *corpus*, na Secção 5 buscamos delimitar as amostras empíricas a partir da seleção de dois grupos de narradores, cada qual advindo de um dos projetos mencionados anteriormente. É também nesta secção que discorremos sobre as virtudes e limitações destas duas amostras. Na

sequência, na Secção 6 detemo-nos sobre os desafios do itinerário metodológico e, por fim, na Secção 7 abordamos as questões éticas que envolvem este trabalho doutoral.

Ao longo do Capítulo 5 apresentamos a análise das entrevistas concedidas pelos sujeitos narradores ao Museu da Pessoa. Neste sentido, buscamos categorizações, definimos eixos de análise, efetuamos as leituras das transcrições das entrevistas e fizemos as devidas reflexões, buscando respostas para as questões colocadas ao início deste trabalho doutoral.

Finalmente, são apresentadas as Considerações Finais, momento no qual retomamos as nossas questões de investigação colocadas de partida, verificando se elas foram contempladas ao longo do estudo em questão. Também é neste momento que demonstraremos se nossa hipótese foi comprovada e em que medida isso ocorreu, apontando para a possibilidade de continuidade destes estudos.

Seguem-se as Referências Bibliográficas e os Anexos – secção na qual disponibilizamos os guiões das entrevistas realizadas, a tabulação das entrevistas analisadas, documentos diversos, bem como a íntegra das letras das músicas e poesias citadas ao longo deste trabalho.

Esta tese oferece, como contextura que liga as suas diversas partes, uma possível interpretação da canção *Manifestação*, cuja letra é de Carlos Rennó e a música de Russo Passapusso, Rincon Sapiência e Xuxa Levy. Criada em 2016, foi gravada dois anos depois, por ocasião da comemoração do 57º aniversário da Anistia Internacional Brasil e do 70º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A escolha desta canção se justifica por compartilhamos do seu sentimento de mal-estar que se espraiou ao longo dos últimos quatro anos e por acreditarmos que ela representa um dos atos socialmente valiosos para chamar atenção aos problemas sociais e contribuir para a mudança social. Sua produção e gravação do teledisco seguiram o modelo inaugurado pelo movimento *USA For Africa*[7], que reuniu dezenas de artistas[8] conhecidos do grande

[7] O *USA For Africa* foi uma iniciativa liderada por Michael Jackson, Lionel Ritchie e Kenny Rogers, entre outros para a gravação da música *We are the world* (de autoria de Jackson e Ritchie), envolvendo 45 músicos norte-americanos que cantaram juntos, em 1985, com produção de Quincy Jones. Não foi a primeira iniciativa do gênero. A sugestão chegou pelas mãos de Harry Belafonte – músico e ativista político que se inspirou na gravação do compacto *Do They Know It's Christmas?*, realizada um ano antes, para a iniciativa da formação da banda *Band Aid* que arrecadou fundos para o combate à fome na Etiópia. Apesar das críticas, o compacto com a gravação vendeu mais de 7,5 milhões de cópias. Ao todo o projeto arrecadou mais de 50 milhões de dólares. O teledisco foi disponibilizado no canal do Youtube e tem mais de 56 milhões de visualizações. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=s3wNuru4U0I Acesso em 22.07.2024.

[8] *Manifestação* conta com as interpretações de Ana Cañas, As Bahias e a Cozinha Mineira (Raquel Virgínia e Assucena), BNegão, Camila Pitanga, Chico Buarque, Chico César, Criolo, Ellen Oleria, Fernanda Montenegro, Filipe

público, os quais emprestaram as suas vozes por uma mesma causa, aumentando a adesão e a visibilidade da mesma.

Também o teledisco[9] de *Manifestação* seguiu esse mesmo formato, tendo sido editado em composição de mosaico, no qual cada um dos intérpretes é captado no momento da gravação, com a face muito próxima à câmara, em imagens sobredimensionadas sempre em preto e branco, recursos que aumentam a dramaticidade da interpretação.

Ao lado dos artistas participantes, o teledisco faz-se acompanhar de cenas – muitas delas ampliadas, aumentando a granulação da imagem – de manifestações ocorridas no Brasil em um passado não muito distante. Nessas manifestações estão presentes pessoas de muitas etnias, idades, crenças religiosas e géneros, tanto moradoras do campo como das cidades, as quais participam de passeatas e comícios ou de embates diretos com a polícia, que se apresenta fortemente armada (indicando uma relação de poder e força repressiva por parte dos policiais). São pessoas que portam megafones para amplificar palavras de ordem e mobilizar os participantes; levam consigo seus telemóveis os quais registam as diversas cenas das manifestações.

Participam destes atos os indígenas empunhando arcos, flechas e machadinhas; apresenta-se uma diversidade de corpos vestidos, travestidos, desnudos e pintados, não faltando os que ostentam na face a máscara do personagem V – do filme *V de Vingança* (2005) – a qual se tornou o símbolo do ativismo na nossa contemporaneidade, tendo se popularizado por meio das ações dos *Anonymous*, grupos presentes na Internet, que agem de forma independente e buscam o anonimato.

Assim, cada capítulo desta tese, ao seu início, tem suas questões cruciais estruturadas a partir de uma interpretação das estrofes que compõem a canção *Manifestação*[10].

Tendo em vista a complexidade da língua portuguesa e suas constantes atualizações, por meio dos acordos ortográficos internacionais entre os Países de Língua Portuguesa, procuramos, neste trabalho de tese, desenvolver a redação final utilizando a ortografia corrente em Portugal, porém preservando nas citações – sejam de autores brasileiros,

Catto, Larissa Luz, Leticia Sabatella, Ludmilla, Luedji Luna, Marcelino Freire, Marcelo Jeneci, Márcia Castro, Paulinho Moska, Paulo Miklos, Pedro Luís, Péricles, Pretinho da Serrinha, Rael, Rico Dalasam, Rincon Sapiência, Roberta Estrela D´Alva, Russo Passapusso, Siba e Xênia França.

[9] O teledisco da canção *Manifestação* conta com sítio próprio e pode ser acessado em https://www.manifestacao.org Acesso em 24.05.2020.

[10] A letra completa da canção Manifestação pode ser acedida no Anexo nº 1.

portugueses, moçambicanos ou angolanos – a grafia original constante da publicação, respeitando a época da impressão.

No que diz respeito às citações em língua estrangeira, optamos por traduções livres – de modo a fazer fluir a leitura e compreensão por parte do leitor – cujos excertos originais estão nas notas de rodapé, devidamente identificados. Também é preciso mencionar que este trabalho de tese seguiu as normas recomendadas pelo colegiado da Universidade Lusófona, APA, em sua última versão, ou seja, a APA7[11].

Por fim, salientamos que esta investigação está repleta de referências culturais, tais como músicas, poesias, telediscos, filmes e literatura. Optamos por proceder desta forma pois acreditamos que ler, escrever, descrever, analisar e teorizar sobre narrativas, experiências de vida e memórias são também uma forma de arte, ultrapassando a mera citação a título de ilustração.

Agimos deste modo, inspirados que fomos pela obra do indiano Homi Bhabha, *O Local da Cultura*, quando – além de uma magistral análise sobre a questão da alteridade presente do livro *Amada*, de Toni Morrison – o referido autor nos afirma que "como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que *algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização* (Bhabha, 1998, p. 34, grifo do autor). Segundo o autor, é da literatura que emanam cenas da vida cotidiana, justificativas para os ocorridos e a devida contextualização dos episódios históricos. Enfim, nada é gratuito.

Este trabalho de doutoramento sempre considerou a língua portuguesa como vetor de referência. São intrínsecos laços entre o Brasil – meu país de nascença – e Portugal, repositório das minhas raízes e referências mais ancestrais – que me levaram a fazer o caminho inverso dos meus parentes mais distantes, oriundos do Norte, região de Braga: atravessar o Atlântico e buscar no Porto as possibilidades de crescimento pessoal e amadurecimento intelectual.

São laços, episódios e motivos diversos que nos fazem sentir com maior intensidade as palavras do compositor brasileiro Caetano Veloso, em *Língua*[12], das quais emana o

[11] Importante ressaltar, logo à partida, que alguns autores têm sobrenomes em comum. A APA recomenda que nesse caso, ao sobrenome do autor, seja acrescentado, à frente, a inicial do seu nome. Isso acontece em especial com os sobrenomes Ribeiro, Furtado e Babo, entre outros. Ocorre que em algumas ocasiões a inicial do nome também traz a mesma letra, sendo recomendado pelo APA que se utilize o nome por extenso do autor.

[12] *Língua* faz parte do disco *Velô*, de Caetano Veloso, lançado em 1984. A versão do disco tem a participação de Elza Soares. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jw-VUYgVvhc Acesso em 21.04.2021. Uma versão mais

facto de que – assim como eu – o português brasileiro se distanciou da língua mãe, sem jamais perder os laços com as origens:

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira! Fala!

Caetano Veloso (1984)

recente pode ser acedida em https://youtu.be/tX7cqBreLUY. Acesso em 21.04.2021. Para a versão integral, ver Anexo nº 2.

Capítulo 1 – Dos anseios da diversidade

1.1. Da promessa à proposta

Aqui ´stamos na avenida,
Pelas ruas, pela vida,
Marchando com o cortejo
Que flui horizontalmente,
Manifestando o desejo
De uma cidade includente
E uma nação cidadã tra-
duzida numa canção,
Numa sentença, num mantra,
Num grito ou numa oração…

(1ª estrofe da canção *Manifestação*)

Iniciamos o presente capítulo com a 1ª estrofe da música *Manifestação*, que evidencia a prática da canção de protesto ou da canção participante, a qual popularizou-se no Brasil, em especial a partir dos anos de 1960. De acordo com Contier (1998), esse facto provavelmente ocorreu devido ao envolvimento de diversos artistas com iniciativas que valorizavam o posicionamento político e social. Tal atitude, ainda de acordo com o historiador brasileiro, "representava uma possível intervenção política do artista na realidade social do país, contribuindo assim para a transformação desta numa sociedade mais *justa*" (Contier, 1998, p. 15, grifo do autor).

Ao compor *Manifestação*, Carlos Rennó segue uma tendência que Contier (1998) atentava ocorrer especialmente no Brasil: de que não é somente no senso estético que repousa o fenómeno cultural, mas também que os artistas, em geral, devem se posicionar politicamente. Essas ideias, de acordo com Contier (1998), encontraram suporte num texto do sociólogo brasileiro Carlos Estevan Martins[13], intitulado *Manifesto,* publicado entre 1961-1962, pelo Centro Popular de Cultura (CPC), no qual o autor defendia que o artista deveria ser "capaz de interferir na História através de suas *armas espirituais*, em prol da *libertação material e cultural do nosso povo*" (Contier, 1998, pp. 22-23, grifo do autor). Caso o artista não se importasse com esse viés politizado, tendo somente praticado

[13] Carlos Estevan Martins era sociólogo, funcionário do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e membro do Centro Popular de Cultura (CPC), criado pela União Brasileira de Estudantes (UNE) – órgão máximo de representação dos estudantes no Brasil, que, em 1961, atuou fortemente nas questões políticas brasileiras, dividindo-se entre grupos conservadores e progressistas. O referido *Manifesto* foi publicado inicialmente na revista *Movimento* (Rio de Janeiro, nº2, Encarte 1, maio, 1962) e trazia como título *Por uma arte popular revolucionária*.

a arte por mero prazer estético, tornar-se-ia uma vítima do sistema opressor e assumiria seu papel de subserviência à classe dominante (Contier, 1998).

Existem várias canções de renomados compositores brasileiros que se enquadram nesse contexto, desde Edu Lobo até Carlos Lyra, de Caetano Veloso a Gilberto Gil (Contier, 1998); no entanto, não podemos deixar de mencionar Geraldo Vandré, cuja canção *Pra não dizer que não falei das flores*[14] (1968), foi apontada como um hino revolucionário contrário à ditadura civil-militar trazida pelo golpe de 31 de março de 1964 que depôs o presidente João Goulart, também conhecido como Jango. Na sequência, foi instaurado um governo formado por uma junta militar, a qual deu início a um Estado de exceção[15] que durou de 1964 a 1984, no Brasil.

Segundo Fausto (2009), "Jango e sua cúpula tinham uma visão distorcida da realidade" (Fausto, 2009, p. 461), pois acreditavam que as reformas que empreendiam eram amplamente apoiadas pelo Exército e também por parte da sociedade civil. No entanto, "nessa óptica, lembraríamos que um modelo econômico – o do desenvolvimento nacional autônomo – e o regime político a ele associado – o populismo – tinham esgotado suas possibilidades de existência" (Fausto, 2009, p. 461).

Na sua primeira estrofe, a canção *Manifestação* expressa os anseios de quem a entoa: a vontade de viver num país no qual a cidadania seja uma realidade. O cortejo humano que percorre as ruas, avenidas, estradas e redes sociais busca uma sociedade menos desigual, menos violenta, mais justa e com horizontes amplos para as futuras gerações. Essa busca estrutura-se de forma horizontal, em movimentos que se auto-organizam, sem hierarquias, em prol da igualdade e de forma tão diversa quanto a própria nação brasileira.

Seguindo o pensamento de Contier (1998), *Manifestação* pode ser enquadrada dentro das prerrogativas do movimento de protesto de músicos, artistas e intelectuais que agregam o sentido das denúncias e da mobilização, geralmente em torno de pautas que se encontram alijadas do *mainstream media.* Ao reunir uma série de elementos que questionam as injustiças de poder, a violação dos direitos básicos e a opressão da

[14] A canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de autoria de Geraldo Vandré foi regravada ao longo de vários anos por diversos artistas. A versão que aqui apresentamos é do Charlie Brown Jr., uma banda de rock atuante nos anos 1990. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wM8Zwz2N7YY Acesso em 07.11.2020

[15] Termo cunhado pelo jurista alemão, Carl Schmitt, no qual o estado democrático de direito deixa de existir, quando os poderes do Executivo se sobrepõe aos poderes do Legislativo e do Judiciário. No dito popular, reconhece-se este período como uma ditadura.

liberdade dos cidadãos, a canção de Carlos Rennó retoma a importância das mobilizações em busca de resposta social diante desses problemas.

Segundo análises da Agência Brasil, o relatório de 2019 do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), avalia que no Brasil – a despeito de ter apresentado um crescimento constante ao longo dos últimos 30 anos – "o acesso às estruturas de ciência, tecnologia e à inovação são novos focos de desigualdade social. A desigualdade de género também representa um obstáculo para as políticas públicas" (Agência Brasil, 2019)[16]. Comparando os relatórios do PNUD de 2019 e 2020, percebe-se que o Brasil, que figurava em 2019 na 79º posição, em relação aos 189 países membros da ONU, passou a figurar em 84º lugar em 2020 (Agência Brasil, 2020)[17]. Os referidos relatórios mencionam algumas áreas sensíveis, cujos problemas, precisam ser enfrentados com urgência. Na edição de 2020, por exemplo, há uma preocupação explícita com a questão das alterações climáticas, dado o subtítulo do relatório: *A próxima fronteira. O desenvolvimento humano e o Antropoceno*.

A menção ao Antropoceno[18] – que pode ser definido como uma nova era geológica, na qual o crescimento da população acaba por impactar o uso dos recursos naturais disponíveis – aponta para o facto de que a partir deste momento é necessário prestar maior atenção às escolhas humanas, dado que o planeta Terra atingiu um limite, devido às alterações climáticas, o que também potencializa o esgarçamento do tecido social. Nesse sentido, o PNUD ajustou o índice com o qual trabalha há 30 anos, o Índice de Desenvolvimento Humano[19] (IDH), para o – ainda experimental – Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado às Pressões sobre o Planeta (IDHAP). Com efeito, os desequilíbrios em nível planetário (as alterações globais perigosas para as pessoas e para todas as formas de vida) e os desequilíbrios sociais exacerbam-se mutuamente.

---

[16] Recuperado de https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-12/brasil-avanca-no-idh-em-2019-mas-tera-novos-desafios Acesso em 05.09.2021.

[17] Recuperado de https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/brasil-fica-em-84o-lugar-em-ranking-mundial-do-idh Acesso em 05.09.2021.

[18] O Antropoceno é um termo popularizado pelo prêmio Nobel de Química de 1995, Paul Crutzen, que pode ser compreendido como uma nova era geológica da Terra, trazida em primeiro lugar pelo amplo desenvolvimento da agricultura e , em segundo lugar com o início da Revolução Industrial e o advento das máquinas a vapor, dos motores a combustão e do uso de combustíveis fósseis. Neste sentido, o crescimento da população e a atividade humana colocam em pauta o que seriam os "limites planetários seguros" (Artaxo, 2014, p. 17). Voltar-se-á à questão do Antropoceno ao longo do Capítulo 2 que tratará dos conceitos do Desenvolvimento.

[19] Foi criado, por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, em contraposição ao índice do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, dado ao facto de que este leva em consideração somente a dimensão econômica do desenvolvimento.

O Brasil é um país imenso, de dimensões continentais; apresenta aproximadamente 8.000 quilómetros de costa marítima e uma área total de 8.515.767,049 quilómetros quadrados[20]. O censo de 2022, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geologia e Estatística (IBGE), apontou que o país tem uma população da ordem de 203.086.756 pessoas[21]. A complexidade brasileira, além da geográfica e territorial, agrega diferentes desafios de geração de trabalho e distribuição de renda e, consequentemente, de desenvolvimento social.

Historicamente a questão da desigualdade no Brasil carrega as marcas do colonialismo vivenciado. Trata-se de um colonialismo que negou a dignidade humana e o reconhecimento de diferentes grupos sociais, além de estar comprometido com um sistema que gerou opressão e sofrimento, principalmente em diversos países que hoje se encontram na porção geográfica designada como Sul Global, local no qual há concentração de países menos desenvolvidos, em oposição ao Norte Global, espaço geográfico ocupado especificamente por países mais desenvolvidos, em especial os Estados Unidos da América e os países europeus .

O tema do colonialismo insere-se na questão da identidade – compreendida como uma construção histórica e relacional – trabalhada no campo dos Estudos Culturais que "tem como objetivo criticar o estabelecimento de hierarquias culturais, nas quais algumas culturas são consideradas superiores a outras" (Silva & Silva, 2009, p. 204). No entanto, I. Henriques (2014) adverte que ao longo do século XX, o termo colonialismo sofreu uma espécie de "banalização", não só devido à necessidade de ampliar os estudos sobre o tema, mas em especial devido à sua face mais obscura: o racismo. O Colonialismo é aqui compreendido como uma forma de manter a hegemonia perante outra Nação, quer seja pelas redes de informação, quer seja pelos capitais de organizações entrelaçadas às outras Nações (I. Henriques, 2014).

Em resposta às práticas colonialistas e à perpetuação de uma cultura centro-europeia como sendo a única matriz epistemológica, emergem práticas e conceitos que questionam

[20] Seu território é atravessado por seis biomas que trazem paisagens agrícolas diferenciadas e modos de vida específicos para cada região. São eles (com sua respetiva área ocupada em KM² e porcentagem correspondente): Amazônia (4196943, 49,3%), Cerrado (2.036.448, 23,9%), Mata Atlântica (1.110.182, 13,0%), Caatinga (844.453, 9,9%), Pampa (176.496, 2,1%) e Pantanal (150.355, 1,8%). O IBGE define bioma como "uma área com dimensões normalmente superiores a um milhão de quilômetros quadrados em que o clima, a fisionomia da vegetação, o solo e a altitude são semelhantes ou aparentados. Recuperado de https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio.html. Acesso em 02.01.2020.
[21] Dados do IBGE. Recuperado de https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal . Acesso em 22.07.2024

esse modelo de construção de conhecimento, uma vez que essas práticas continuam a ter impacto até aos dias de hoje. Em B. S. Santos (2007) encontramos a necessidade de superação de um pensamento europeísta e concretizar um pensamento que vá para além das linhas abissais – no sentido metafórico – configurando o que o autor denomina de "epistemologias do Sul".

Em um enquadramento próximo, verificamos que um grupo de intelectuais e investigadores peruanos – membros do *Grupo de Pesquisa Modernidade/Colonialidade*, liderados por Aníbal Quijano – desenvolveu o conceito do pensamento decolonial que propõe uma construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistémicas (Candau & Oliveira, 2010). O despontar do conceito de decolonialidade abarca um "projeto epistemológico, ético e político a partir de uma crítica à modernidade ocidental no seguimento dos estudos pós-coloniais"[22] (Candau & Oliveira, 2010, p. 16).

Neste capítulo da presente tese, vamos explorar a trajetória histórica do Brasil. Diferentes questões advindas do seu período colonial (1500-1822) são essenciais para a compreensão da formação do Brasil Contemporâneo, daí a importância de compreender a complexidade estrutural das desigualdades. Seguindo as abordagens de Schwarcz (2019), que realça o facto de que a desigualdade social está relacionada com o acesso aos bens públicos tais como saúde, educação, transporte e lazer, também podemos acrescentar a questão da segurança pública, do desemprego, da conectividade, da cultura, do património histórico e do baixo investimento em áreas sociais. Segundo Schwarcz (2019), "não por coincidência, a desigualdade afeta vigorosamente, os países periféricos e de passado colonial, onde se percebe a preservação de um robusto gap social no padrão de vida dos habitantes" (Schwarcz, 2019, pp. 126-127).

Buscar compreender o atual estágio de desenvolvimento do Brasil, de modo a realizar um Estudo de Caso na perspetiva que estamos propondo nesta investigação, requer – sem querer fazer aqui um extenso e minucioso recorte histórico – um olhar para essa trajetória, bem como para os diferentes enfoques interpretativos.

[22] Todos estes conceitos serão abordados de forma aprofundada ao longo deste trabalho de tese.

1.2. Da proposta de diversidade da *Terra Brasilis*

Por todo jovem negro que é caçado
Pela polícia na periferia;
Por todo pobre criminalizado
Só por ser pobre, por pobrefobia;
Por todo povo índio que é expulso
Da sua terra por um ruralista;
Pela mulher que é vítima do impulso
Covarde e violento de um machista;

(2ª estrofe da canção *Manifestação*)

A 2ª estrofe da canção *Manifestação* faz referência aos elementos humanos que participaram inicialmente da ocupação do território brasileiro – indígenas, negros e mulheres, além do homem branco. É necessário reconhecer esses grupos como intervenientes sociais, partícipes do processo de formação da futura nação brasileira, na aceção de Darcy Ribeiro (2006), como fundantes de uma cultura nacional e de uma "proto-etnia". A seguir, elencamos as principais questões relacionadas a estes grupos sociais na constituição da sociedade brasileira.

Vários foram os autores que, entre início e meados do século XX, procuraram compreender o sentido da formação do Brasil. A matriz epistemológica que pela primeira vez reflete sobre o país é formada a partir de Oliveira Vianna, por meio da obra *Populações Meridionais do Brasil* (1920), seguido por Gilberto Freyre com a obra *Casa-Grande e Senzala* (1933) e Sérgio Buarque de Holanda ao publicar *Raízes do Brasil* (1936). A esses estudos podemos destacar os que foram realizados por Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior e Celso Furtado[23] (G. N. Ferreira, 1996; Ventura, 2002). Ao lado deles, Ventura (2002) também insere Caio Prado Jr., e Raimundo Faoro[24].

Conforme observado pela brasileira e cientista política, Gabriela Nunes Ferreira (1996), as obras de Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda partilham alguns aspetos comuns: para além de buscarem no passado as explicações acerca da realidade brasileira tanto no âmbito social, cultural e político, todas elas

[23] Autores de *Formação Histórica do Brasil* (1963), *Formação do Brasil Contemporâneo (*1942) *Formação Econômica do Brasil (1959*), respectivamente.
[24] Autores de *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) e *Os donos do poder* (1958), respectivamente.

recorrem à distinção entre o público e o privado, à integração da sociedade, à primazia do urbano sobre o rural, do americano sobre o ibérico e à relação dialética entre tradição e modernidade (Ferreira, 1996).

Mas, em Oliveira Vianna a explicação principal está na formação e na predominância do clã rural, facto que deriva da forma como ocorreu a colonização no Brasil (G. N. Ferreira, 1996), servindo como base para justificar o estado autoritário. Por sua vez, Gilberto Freyre traz a noção de plasticidade da colonização, que envolve vários aspetos, incluindo a miscigenação, a mobilidade social e a adaptabilidade aos trópicos. Já em Sérgio Buarque de Holanda, o argumento histórico se justifica pela herança ibérica que origina a conceção do chamado "homem cordial" (G.N. Ferreira, 1996).

O "homem cordial" – que pode ser compreendido como o indivíduo de bom coração – revestiu-se de mito e, no senso comum, essa cordialidade acabou por ser confundida com subserviência. Daí resulta o facto de Schwarcz (2008) defender que essa cordialidade à qual se refere Sérgio Buarque de Holanda, trata-se, na verdade, de "um alerta contra nossa aversão ao formalismo e a convencionalismos sociais" (Schwarcz, 2008, p. 86). Ou seja, o "homem cordial" é aquele que efetua pagamentos por fora por algum serviço, o que procura obter vantagens – geralmente indevidas – é aquele que solicita e distribui favores. Podemos localizar esta prática ao início do nosso processo colonizador, a ser exercida por Pêro Vaz de Caminha, uma vez que, ao final do texto da Carta do Achamento[25], ele pede um favor a El Rei: a libertação de seu genro, que se encontrava exilado em São Tomé.

Para Ventura (2002), *Casa-Grande & Senzala* – publicado pela primeira vez em 1933 – é indubitavelmente um dos livros mais importantes e polémicos editados no Brasil. Constitui um ensaio profundo sobre o país, porém escrito com métodos pouco ortodoxos "antirracistas". Com diversas referências pessoais vivenciadas pelo próprio autor, especialmente o seu olhar sobre a família e suas experiências sexuais, Freyre "concebeu, de forma idílica e harmônica, as relações entre senhores e escravos, centradas na autoridade benevolente dos patriarcas e no amolecimento trazido pela miscigenação, capaz de gerar uma sociedade que favorecia a mobilidade social dos negros e mestiços" (Ventura, 2002, p. 221).

[25] A Carta de Pêro Vaz de Caminha e as suas percepções de sobre as terras brasileiras e suas gentes serão analisadas mais à frente, neste mesmo subitem.

De facto, Gilberto Freyre recebeu críticas severas por este olhar benevolente, em especial por parte dos sociólogos brasileiros Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, todos intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) "que denunciaram o caráter mercantil e violento das relações sociais sob o cativeiro e criticaram a tese da democracia racial, segundo a qual não haveria preconceitos contra os negros no Brasil" (Ventura, 2002, p. 221).

No entanto, em Darcy Ribeiro (2006), por meio da obra *O Povo Brasileiro*, é que encontramos a refutação da tese formulada por Gilberto Freyre sobre a "democracia racial". Nesta obra que se caracteriza como um testamento[26], Darcy Ribeiro (2006) destaca que no Brasil manifestam-se vários elementos – em especial a inexistência da "democracia racial" – que impedem a efetivação de uma democracia social, desfazendo a ideia de uma miscigenação pacífica e ordenada.

A estratificação social e a desigualdade social no Brasil foram acentuadas pelo aparato colonizador – em especial pelo mecanismo de escravização (indígena e africana) que, de acordo com a perspetiva eurocêntrica, desconsiderou o elemento indígena e tratou o escravo como mercadoria, negando-lhe a sua identidade e historicidade. Esta é a marca do colonialismo, que fomentou relações assimétricas pela incapacidade de diálogo e, consequentemente, pela falta de reconhecimento do Outro como sujeito portador de historicidade, saberes e experiências.

Essa ausência de reconhecimento e de diálogo com o Outro, aquando da chegada dos europeus à América é realçada pelo linguista búlgaro radicado na França, Tzvetan Todorov (1999) em relação à postura de Cristóvão Colombo frente ao tratamento atribuído aos indígenas, ao longo de suas três viagens para outro continente. Em primeiro lugar, Todorov (1999) classifica Colombo como um hermeneuta, aquele que age, *à priori*, em função de sua crença ou de textos de várias naturezas. Assim, o referido autor descreve que o navegador genovês agiu, em primeiro lugar, devido à sua fé cristã: a ideia de que o Paraíso terrestre – o Éden – estaria localizado em uma região temperada, o que é confirmado pela natureza exuberante e deslumbrante que ele encontra no Caribe e ilhas

[26] *O povo brasileiro* foi escrito por Darcy Ribeiro entre inúmeras idas e vindas de sua trajetória como autor, entre elas as pesquisas desenvolvidas no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), do Ministério da Educação, nos anos de 1950, o desafio de criação da Universidade de Brasília, e o exílio. Neste ínterim, Darcy Ribeiro publicou muitos outros textos, em especial *O processo civilizatório*, *As Américas e a civilização* e *Os brasileiros: I. Teoria do Brasil*, além de *Os índios e a civilização*. *O povo brasileiro* foi finalizado na premência de um diagnóstico de cancro. Nas palavras do autor, "uma nova pulsão, mortal, reaviva a necessidade de publicar este livro que, além de um texto antropólogo explicativo, é, e quer ser, um gesto meu na nova luta por um Brasil decente" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 16).

adjacentes. Em segundo lugar, ele atuou como homem de Ciência ao observar a sistemática dos ventos, o posicionamento das estrelas e do pôr do sol, ao usar a bússola e o astrolábio, bem como contemplar a própria natureza edénica. De acordo com Todorov (1999), Colombo "inaugura a navegação pelas estrelas e descobre a declinação magnética" (Todorov, 1999, p. 23). É, portanto, um homem que se encontrava em uma fronteira ténue, entre o sagrado e o profano, entre a religião e a ciência, entre os ameríndios e os iberos, entre a Europa e a América; mesmo que ele não tenha chegado a saber que se encontrava em continente distinto.

Porém, são justamente estas características que o distanciam da compreensão do Outro. O encanto pela natureza tem lugar preponderante nos diários de Colombo. A beleza é sempre algo que é realçado e, ao nominar os rios, montes, baías e demais acidentes geográficos, o navegador adota uma atitude que pode ser interpretada como a tomada de posse do Novo Mundo. Em enquadramento similar, Macedo (2013) – em relação aos novos territórios africanos os quais foram incorporados ao império colonial português –, destaca a colocação de marcos e padrões portugueses "que atestem não só a sua presença, como também o seu senhorio" (Macedo, 2013, p. 42). Esta prática ocorreu especialmente em África, ao longo do reinado de D. João II – o *Príncipe Perfeito* – que teve início em 1481 (Macedo, 2013).

Na Carta de Pêro Vaz de Caminha, podemos perceber a tomada de posse por outro símbolo: a construção e colocação de uma cruz cristã nas terras recém-descobertas.

No que diz respeito à questão da comunicação propriamente dita, Macedo (2013) ressalta que, no caso dos portugueses em relação aos novos territórios conhecidos em África a leste do Cabo da Boa Esperança, os colonizadores também enfrentaram dificuldades, uma vez que a "incompreensão mútua e os erros de julgamento eram frequentes e advinham não só das diferenças de organização social, mas sobretudo das diferenças culturais que colocavam entraves à comunicação" (Macedo, 2013, p. 44). A autora também menciona que tanto a comunicação quanto a sua ausência – derivada das disparidades, juntamente com as discrepâncias culturais – devem ser analisadas no contexto da violência que se praticava nas colónias portuguesas, em especial em África[27],

[27] Observa-se que a violência em África também se espraiava até o Brasil, dado que o negócio do tráfico negreiro se constituía entre a Metrópole, o Brasil-colónia e as possessões portuguesas em África. Importante assinalar que a independência do Brasil (decretada em 1822, mas reconhecida por Portugal somente em 1825, após um acordo internacional) encerra também "um ciclo na história do império colonial português" (Macedo, 2013, p. 55), uma vez que dali em diante seria necessário que Portugal aumentasse a sua presença e atuação em terras africanas, além de continuar com os relacionamentos no Oriente, com Goa, Macau e Timor (Macedo, 2013).

pois "com efeito, o confronto com um conjunto cada vez mais extenso de alteridades irrealizáveis aos olhos dos portugueses, criaram as condições para que a agressão ao outro se tornasse a estratégia mais óbvia" (Macedo, 2013, p. 46).

Apesar da perceção da diversidade do mundo, assinalada por Macedo (2013), é crucial ponderar que o encontro com o Outro, ocorrido ao tempo das Grandes Navegações (na América) e ao tempo do Novo Imperialismo (em África e Ásia) traz um imbricamento que repercute não apenas as questões da pobreza e da luta contra a desigualdade social, mas que também perpassa pelo âmbito do diálogo intercultural.

Nesta relação de alteridade, o Outro sofreu o descaso como sujeito portador de humanidade, sendo desconsiderados quaisquer elementos culturais pré-existentes. Esta atitude por parte do colonizador denota relações marcadas pela ausência de diálogo, sendo ainda evidente uma dificuldade de comunicação (Macedo, 2013; Todorov, 1999), e também "ignorância da língua e dos costumes dos índios" (Todorov, 1999, p. 38).

No entanto, o linguista observa que ocorreu uma mudança de postura na qual "Colombo passará do assimilacionismo, que implica uma igualdade de princípio, à ideologia escravagista e, portanto, à afirmação de inferioridade dos índios" (Todorov, 1999, p. 55). Ainda que a Coroa espanhola tenha inicialmente demonstrado recusa à escravização dos indígenas[28] – uma vez que preferia súbditos que pagassem impostos –, Colombo justifica a prática da escravidão dos ameríndios pelo simples facto de que estes ainda não haviam sido convertidos ao catolicismo e, assim, não se tinham constituído como seres humanos. Além disso, argumenta que os indígenas escravizados também serviriam de contrapartida aos homens que se dedicariam ao transporte de animais de carga no sentido Europa-América, de modo que as embarcações não retornassem vazias ao continente europeu.

O transporte de indígenas para serem comercializados na Europa[29] – e, consequentemente, tratados como objetos vivos e não como pessoas – seria justificado em nome da Santíssima Trindade, muito provavelmente como resultado do "não-reconhecimento do direito dos índios à vontade própria" (Todorov, 1999, p. 57). Para Todorov (1999), esta atitude de Colombo só se torna possível devido ao seu

[28] Postura que também era defendida por Bartolomé de Las Casas que argumentava que tanto os ameríndios como as terras eram livres por direito natural, chegando mesmo a criticar o carácter violento e coercitivo da conquista (Acruche, 2017)

[29] Juntamente com a madeira brasil (Todorov, 1999).

desconhecimento em relação aos povos nativos e à sua própria recusa em reconhecê-los como sujeitos.

Muitos são os historiadores que se debruçaram sobre as causas das discrepâncias entre as colonizações ibéricas – tanto a engendrada por Portugal como a engendrada pela Espanha – e a colonização anglo-saxónica (Theodoro, 1991; Karnal, 2007). No final dos anos de 1920, surge um profícuo debate acerca das diferenças e semelhanças entre as três colonizações, e em especial sobre as chamadas colónias de povoamento e as colónias de exploração. No contexto das 13 colónias do Norte, o sucesso da empreitada era aferido pela disponibilidade de estar no Novo Mundo com o amplo intuído de povoar as novas terras, escapando das perseguições religiosas engendradas em especial aos puritanos, transladando o modo de vida que tinham na Inglaterra. À América Latina, de acordo com esta visão mais tradicional, a colonização estava vinculada ao mero enriquecimento para posterior retorno à Europa (Theodoro, 1991; Karnal, 2007).

Vem associada a esta versão uma corrente de pensamento que argumenta que as diferenças das colonizações derivaram do perfil dos colonizadores. Para as 13 colónias dirigiram-se indivíduos de boa índole, com fortes convicções religiosas, que tinham a verdadeira intenção de colonizar as novas terras. Já para as colónias ibéricas, acorreram toda a sorte de baixa gente: degredados, larápios, salteadores e assassinos. Outra abordagem destas diferenças residiu na matriz religiosa dos colonizadores: ao Norte do Novo Mundo estariam os povoadores protestantes que pregavam uma vida dedicada ao trabalho, afastada da ociosidade e do luxo; entretanto, no Centro e no Sul, a colonização foi conduzida por católicos, cuja fé religiosa proibia o lucro excessivo e o trabalho excessivo, uma vez que a prioridade era a salvação da alma.

A interpretação historiográfica atualmente mais aceite é a de que a linha divisória entre o sucesso e o insucesso da colonização estava fundamentada nos próprios objetivos das metrópoles. Portugal e Espanha delinearam projetos de colonização[30] amplos e robustos, em contraste com a colonização empreendida pela Inglaterra, que se caracterizou por ser assistemática[31] (Karnal, 2007). Para o autor:

[30] No que diz respeito à América Espanhola, sob este aspeto destacam-se os sólidos edifícios religiosos na Cidade do México e em Buenos Aires bem como a instalação de centros de estudos superiores tais como as universidades de São Domingos (1538), do Peru (1551), México (1553), Bogotá (1662), Cuzco (1692), Havana (1728) e Santiago (1738) (Karnal, 2007).

[31] Assistemática porque a Inglaterra ainda lidava com questões internas tais como a Guerra das Duas Rosas (1455-1485) a ascensão da dinastia Tudor (1485-1603) e a reforma religiosa empreendida por Henrique VIII , a iminência de invasão espanhola comandada parte de Filipe II (que perdurou cerca de 16 anos após a derrota da Invencível Armada

> Decorridos cem anos do início da colonização, caso comparássemos as duas Américas, constataríamos que a ibérica tornou-se muito mais urbana e possuía mais comércio, maior população e produções culturais e artísticas mais "desenvolvidas" que a inglesa. Nesse fato vai residir a maior facilidade dos colonos norte-americanos em proclamarem sua independência. [...] O mundo ibérico dá a idéia de permanência (Karnal, 2007, pp 28-29).

Em relação ao Brasil, nas abordagens de Darcy Ribeiro (2006), verificamos que o autor defende a conceção de que nele reside o local de surgimento de um "povo novo", dado que "surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 7).

Segundo sua conceção, numa leitura dialética, o Brasil, simultaneamente, é considerado território de um "povo novo", e também de um povo antigo, dado que faz parte do projeto de expansão marítima de nações europeias com a necessidade de geração de bens e lucro, unidade integrante da empresa colonial. Darcy Ribeiro (2006) afirma que os "neobrasileiros" surgem a partir de uma classe dominante representada por empresários, burocratas e a própria igreja que desempenhou um papel fundamental,

> [...] como reitora do processo de formação do povo brasileiro [...] em que o objetivo jamais foi criar um povo autônomo, mas cujo resultado principal foi fazer surgir como entidade étnica e configuração cultural um povo novo, destribalizando os índios, desafricanizando negros, deseuropeizando brancos (Darcy Ribeiro, 2006, pp. 162-163).

Observando a realidade contemporânea do Brasil, é possível identificar o quão longe estamos de efetivar a idealização conjeturada por Darcy Ribeiro. O abismo, as diferenças e as contradições existentes tornam-se evidentes quando verificamos a questão da desigualdade social (Schwarcz, 2019), a pobreza e os desafios para o desenvolvimento[32].

A forma de como se estruturou esta proposta de diversidade na *Terra Brasilis* e os desafios enfrentados pelos grupos sociais envolvidos no processo histórico são outras questões latentes que devem ser abordadas. A expectativa pela diversidade não advém somente dos fatores geográficos; certamente, eles influenciaram o processo da colonização brasileira. Porém, guarda profunda correlação com os agentes históricos, os

em 1588), o período da dinastia Stuart (em 1603), a Guerra Civil (1642-1649) liderada por Oliver Cromwell e, por fim, podemos citar a Revolução Gloriosa (1688-1689) que pôs fim a monarquia absoluta na Inglaterra com o triunfo do Parlamento sobre o rei e a edição da lei dos direitos dos cidadãos (Karnal, 2007; Burns et. al, 1995).

[32] Voltar-se-á ao tema do desenvolvimento em profundida ao longo do Capítulo 2 da presente tese.

indígenas e os portugueses, representados pela armada do fidalgo Pedro Álvares Cabral que partiu do rio Tejo, em Lisboa, a 9 de março de 1500 e, ao passar por Cabo Verde[33], tomou rumo a oeste, afastando-se da costa africana, chegando a 22 de abril do mesmo ano, ao atual território brasileiro. Ao avistar o denominado Monte Pascoal, a esquadra, composta por 13 navios e cerca de 1.500 homens, configurava "uma das grandes vilas ou cidades portuguesas que navegava no mar Oceano[34]" (Coelho, 2000, p. 18), sendo composta por "filhos de camponeses, e capitães, pilotos, mestres, calafates, carpinteiros, tanoeiros, ferreiros, marinheiros, fidalgos, frades, mercadores, aventureiros, degredados, escravos e alguns línguas como o piloto Pêro Anes" (Coelho, 2000, p. 18).

A historiografia ainda discute a suposta "descoberta" do Brasil. Um grupo de investigadores observa que Coroa portuguesa já tinha conhecimento prévio das "novas terras". Segundo Fausto (2009), "tudo indica que a expedição de Cabral se destinava efetivamente às Índias" (Fausto, 2009, p. 30). Porém, a tese do "achamento" do Brasil é sustentada pelo historiador português Joaquim Barradas de Carvalho, a partir da obra *Esmeraldo de situ orbis*, de autoria de Duarte Pacheco Pereira – publicada, ao que se supõe, em 1505. Barradas de Carvalho defende a presença do navegador Duarte Pacheco Pereira, em 1498, nas terras ao sul do Equador, transformando-o no verdadeiro 'descobridor' das terras do novo Mundo, e, por conseguinte, o verdadeiro e legítimo descobridor do Brasil (Lopez & Mota, 2008). De acordo com P. R. Pereira (1999), o texto de Duarte Pacheco Pereira é de difícil interpretação e tem sido questionado tanto pela imprecisão de localizar a região a qual ele se refere, como pelo facto do sumiço do texto original.

Em documentação datada de 1892, o português Antonio Artur Baldaque da Silva defende o termo "achamento" ao invés de "descoberta". Baldaque, Capitão-tenente da armada e engenheiro hidrográfico, avalia três hipóteses que explicariam a chegada da armada de Cabral ao Brasil. As duas primeiras hipóteses – a de que os navios foram arrastados pela força "para oeste pela acção forçada e insuperável do meio em que navegavam" (A. A. B. da Silva, 1892, p. 4) – correntes marítimas ou atmosféricas e/ou

[33] A chegada de Colombo às Antilhas (1492), trouxe, a reboque, a necessidade de dividir o mundo em zonas de influência. O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, sacramenta esta divisão ao afirmar que as terras que estivessem a 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde pertenceriam à Espanha, as que estavam a leste seriam domínios de Portugal. Essa fronteira invisível era fluida e permeável, tendo sido ultrapassada inúmeras vezes, em especial quando do período conhecido como União Ibérica, entre 1580 e 1640, fazendo aumentar consideravelmente as terras do Brasil. Com esta divisão, Portugal assume a posse de todas as terras a leste, incluindo a costa da África, a contra-costa africana bem como as ilhas, em especial São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

[34] Mar Oceano ou Mar Tenebroso é como os antigos denominavam o Oceano Atlântico.

"que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação" (A. A. B. da Silva, 1892, p. 4) – são descartadas através do argumento do conhecimento acumulado e experiência dos navegadores portugueses, em especial, Vasco da Gama. A terceira hipótese, a de que a armada naval rumara para o oeste de forma proposital, encontra em António Artur Baldaque da Silva a confirmação da sua tese, dado que Cabral possuía instruções para realizar o desvio em direção ao oeste, tanto por vantagem de navegação como para explorar os mares ocidentais (A. A. B. da Silva, 1892).

Para P. R. Pereira (1999), ainda não há um consenso sobre a chegada dos europeus às terras brasileiras, pela documentação disponível no momento. Ainda afirma o autor crer que "cremos que o mais plausível é aceitá-la como causal" (P. R. Pereira, 1999, p. 21). Porém, para Macedo (2013), o que importa é reter que "a chegada dos portugueses ao Brasil marca o início de um tempo em que a sua presença se faria sentir nos quatro continentes e que as suas navegações haveriam de os ligar de forma permanente" (Macedo, 2013, p. 43).

Pêro Vaz de Caminha, um dos sete escrivães da frota de Pedro Álvares Cabral, ficou responsável por registar os sucessos e também os insucessos enfrentados pela esquadra cabralina como, por exemplo, o naufrágio da nau comandada por Vasco de Ataíde. A *Carta de Pêro Vaz de Caminha*[35], (P. R. Pereira, 1999; IPHAN, n.d.), também conhecida como *Carta do Achamento*, é considerada a primeira produção literária sobre o novo território que emergia com a chegada dos europeus. Pouco conhecidos do público em geral, existem ainda outros dois documentos referentes à chegada dos portugueses ao Brasil: a *Relação do Piloto Anónimo* e a *Carta do Mestre João Faras* (Macedo, 2013; P. R. Pereira, 1999).

A *Carta do Achamento* do Brasil descreve as primeiras impressões acerca dos aspetos geográficos e territoriais, dando particular atenção àqueles que viriam a ser chamados de índios no novo território, originalmente denominado de Terra de Vera Cruz. Pêro Vaz de Caminha, incumbido de informar o rei de Portugal, Dom Manuel I, sobre o êxito da

[35] A *Carta de Pêro Vaz de Caminha* chegou às mãos de Dom Manuel I, por meio de Gaspar Lemos, incumbido de regressar e dar a boa nova ao Rei de Portugal. Ficou conhecida do grande público somente em 1817, quando Aires do Casal publicou-a (Góes, 1991). Pela importância da descoberta, o documento, ou seja, a memória do feito – foi classificado como sigiloso e permaneceu nesta condição por quase 300 anos, tendo sido encerrado nos Arquivos Reais da Torre do Tombo. Foi escrita a partir da Terra de Vera Cruz e data de 1 de maio de 1500, tendo sido publicada pela primeira vez em 1817. O documento encontra-se depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e está inscrito no Registo da Memória do Mundo, Programa da UNESCO, por recomendação do respectivo Comité Internacional Consultivo, reunido na China de 13 a 16 de Junho. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836 Acesso em 16.06.2020

empreitada, elabora um relato semelhante a um diário de viajante. No entanto, é pela "fresta literária" (L. A. O. Santos, 2009) que a carta de Caminha ultrapassa os pormenores relatados à realeza para alcançar o *status* de documento histórico, devido à "relevância das observações da viagem e dos indígenas encontrados na costa brasileira" (L. A. O. Santos, 2009, p. 51). Para Fonseca (2000), é notório que Caminha esforça-se para construir o relato a partir de duas premissas, sendo elas "a experiência de quem esteve presente e assistiu aos acontecimentos descritos, por um lado, e a verossimilhança da informação que se transmite, por outro lado" (Fonseca, 2000, p. 40).

O relato de Pêro Vaz de Caminha aproxima-se da visão paradisíaca formulada por Cristóvão Colombo ao referir-se à natureza e aos indígenas. O escrivão transmite o seu encantamento ao descrever os rapazes pelos seus corpos desnudos, pela destreza com que manejam o arco e a flecha, pelas tinturas corporais utilizadas e pelos cabelos tosquiados; ao passo que as moças trazem cabelos longos e escorredios até as espáduas e as suas "vergonhas" se mostram tão elevadas e cerradinhas, bem como a gentileza das mesmas (IPHAN, n.d.).

Porém, como ressalta Fonseca (2000), Caminha descreve os ameríndios como pardos, diferenciando-os dos negros africanos, já conhecidos pelos navegadores portugueses. Relata também a alegria com que portugueses e os indígenas brincaram e dançaram ao som da gaita de Diogo Dias. Sobre este momento de congraçamento entre dois povos, assim descreve Caminha:

> Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito (IPHAN, n.d., p. 9).

.

Na perspetiva burocrática de Caminha, o encontro entre o branco (europeu) e o indígena (nativo) assume uma preponderância sobre a narrativa da viagem, em detrimento da descrição da nova terra. Revela, ao olhar do português, a bondade, a inocência e a alegria dos povos ameríndios (L. A. O. Santos, 2009). Para Caminha, os nativos, de um modo geral, poderão se converter, pois o escrivão não duvida "que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão-de fazer cristãos e crer em nossa santa fé" (IPHAN, n.d.,

p. 13). Além disso, a alegria os acompanha, quase sempre, visto que "enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus" (IPHAN, n.d., p. 14) . Ainda segundo o relato de Caminha, "muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha" (IPHAN, n.d., p. 5).

Percebe-se que Caminha não consegue vislumbrar a existência da proto-história delineada por Darcy Ribeiro (2006) quando este assinala "uma miríade de povos tribais, falando línguas do mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua. Cada um dos quais, ao crescer, se bipartia, fazendo dois povos que começavam a se diferenciar e logo se desconheciam e se hostilizavam" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 26). É devido a descrições como estas que L. A. O. Santos (2009) adverte que o espaço concedido pelo escrivão da frota de Cabral aos nativos – no documento que ficou conhecido como Carta do Achamento – é muito maior do que o reservado para descrever as novas terras e suas possíveis riquezas naturais.

A Carta do Achamento do Brasil constitui um dos primeiros relatos do encontro com o Outro na *Terra Brasilis*, sendo um momento em que a alteridade é marcada pelo sentimento de estranheza do homem branco, europeu, ocidental e autointitulado "civilizado" em relação ao nativo americano, que andava seminu e que, em geral, vivia semialdeado e/ou comunitariamente, tirando seu sustento da/na floresta. Deste modo, segundo a Carta do Achamento, o denominado indígena é caracterizado muito mais pela vertente idílica do que demoníaca, conforme as perceções formadas pelos europeus sobre esse assunto.

As informações que envolveram o atual território brasileiro e que foram encaminhadas ao rei D. Manuel I, o Venturoso, foram protegidas por "uma pesada cortina de sigilo" (Lopez & Mota, 2008, p. 66). Durante um longo tempo, o imaginário europeu acerca das novas terras foi nutrido por uma compilação de relatos de viagens tal como a obra intitulada *Paesi nuovamente ritrovati*, de 1507, elaborada por Fracanzio de Montalboddo que reunia os relatos de Américo Vespúcio sobre os territórios ultramarinos portugueses (Lopez & Mota, 2008).

Após a chegada dos portugueses ao Brasil, desencadearam-se múltiplos debates nos âmbitos jurídico, religioso e filosófico, procurando explanar as origens e a essência dos designados "índios". Nestas discussões, os gentis e dóceis indígenas, passaram a ser retratados como selvagens, bárbaros, primitivos, bestas, incapazes de se adequar ao trabalho cotidiano e também praticantes de canibalismo e da sodomia (Lopez & Mota, 2008), a exemplo das nações indígenas retratadas por Jean-Baptiste Debret na pintura abaixo.

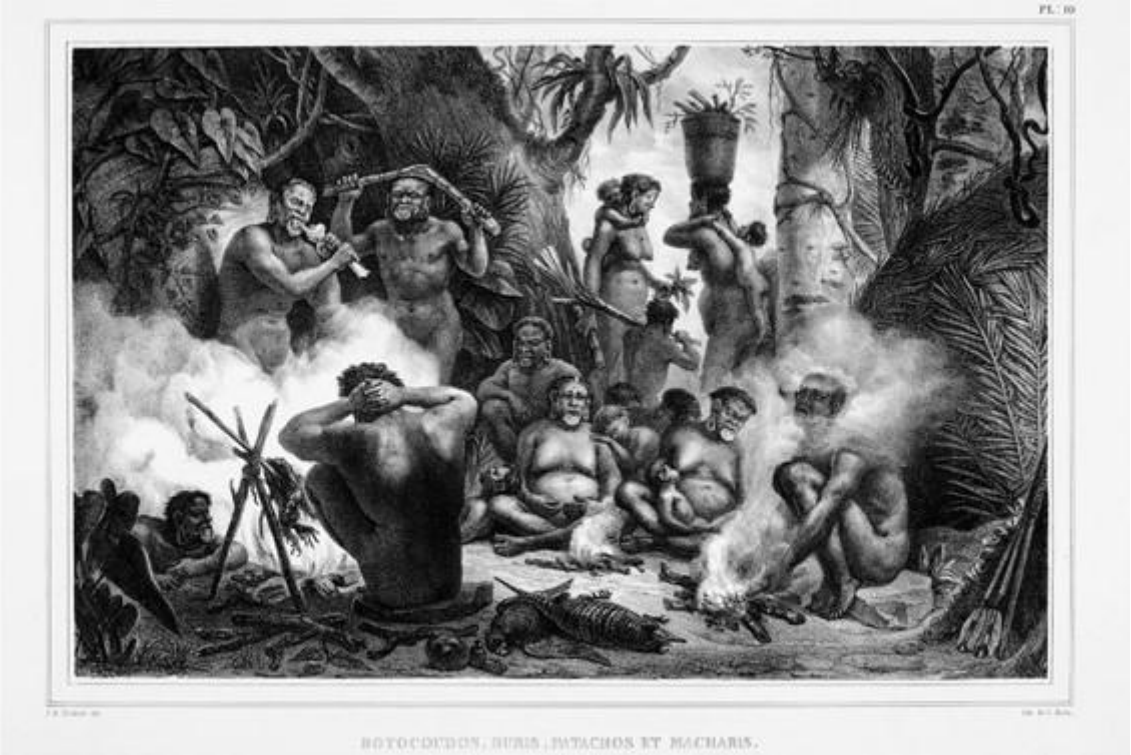

Figura 1 - Botocudos, Puris, Pataxós e Machacalis, de Jean-Baptiste Debret, 1834. Editor: Firmin Didot Frères, Paris. Fonte: Wikipedia

Neste sentido, o projeto colonial tratou de invisibilizar experiências, conhecimentos e narrativas que excluíram comunidades, sociedades e nações. B. S. Santos (2007) põe em relevo que a própria natureza humana dos povos originários foi, entre os séculos XV e XVI, negada reforçando a visão de "alma nula"[36]. O autor referido menciona o facto do

[36] Mattelart (1994) infere que Descartes – buscando estabelecer uma ordem universal de conhecimento, tal como a matemática havia desenvolvido – passou a construir autómatos com o intuito de provar que os animais eram completamente destituídos de alma, sentimentos e/ou pensamentos, e portanto se assemelhavam às máquinas, "animais-máquinas (Mattelart, 1994, p. 20). Desta feita, as populações ameríndias também se assemelhariam aos animais, podendo ser tratados como coisa ou objeto a ser vendido e/ou trocado.

Papa Paulo III afirmar, através da Bula *Sublimis Deus*, de 1537, que os povos selvagens eram um "receptáculo vazio, uma *anima nullius*, muito semelhante à *terra nullius*, o conceito de vazio jurídico que justificou a invasão e ocupação dos territórios indígenas" (B. S. Santos, 2007, p. 9). É essa "alma nula" que justifica a catequese empreendida a partir de 1549, com a chegada do primeiro grupo de jesuítas à *Terra Brasilis*, mas não autoriza a sua escravização, como veremos adiante neste mesmo capítulo.

Coelho (2000), afirma que a edificação desta nova sociedade – inicialmente denominada de Terra de Vera Cruz e posteriormente de Brasil – deu-se

> sob a direcção do rei, dos capitães, dos senhores de engenho, dos mercadores, dos padres jesuítas, reuniu ameríndios, africanos, mamelucos, portugueses, aventureiros europeus, começa verdadeiramente em 1532, quando em São Vicente, Martin Afonso de Sousa deu aos homens terra e fundou vilas de São Vicente e Piratininga (Coelho, 2000, p. 20).

Na realidade, a perspetiva de diversidade – e portanto, de miscigenação e/ou mestiçagem – já estava em curso, ainda que contrariasse os planos dos padres jesuítas. Martin Afonso de Souza – que comandou a primeira expedição de povoamento e foi o primeiro donatário da capitania de São Vicente – ao desembarcar ao sul da nova terra, em 1531, deparou-se com o também português João Ramalho como um próspero comerciante, a viver maritalmente com uma indígena chamada Bartira. Este lusitano, tratado ora por degredado, ora por náufrago, é considerado o iniciador de dois povoados, um à beira-mar, fundado oficialmente por Martin Afonso de Souza com o nome de São Vicente, e outro logo após a subida das escarpas da Serra do Mar, onde hoje se encontra Santo André, mas que foi abandonado em prol da localidade que mais tarde recebeu a denominação de São Paulo do Piratininga (Godoy, 2014).

Aquela que é considerada a primeira união interétnica entre mundos opostos: o Velho e o Novo, o branco e o indígena, o colonizador e o colonizado, o dominante e o dominado, entre a Terra de Vera Cruz e o Reino de Portugal, foi recebida com horror pelos representantes da igreja católica. O jesuíta Pe. Manoel da Nóbrega – integrante da comitiva de Tomé de Souza, designado primeiro governador-geral do Brasil – enviado para São Paulo do Piratininga, em 1549, com a missão de fundar um colégio para a catequização dos indígenas, não via com bons olhos estas interações e uniões conjugais, considerando-as ilícitas. Além disso, Ramalho representava, para Nóbrega, uma espécie

de empecilho para a conversão dos gentios, tamanho era o seu poder de proteção aos tupinambás de São Paulo perante os belicosos Tamoios.

A aproximação foi inevitável: era necessário o apoio de Ramalho para combater os franceses que estavam sediados na Baía da Guanabara e impedir a presença dos calvinistas, adeptos da Reforma (Darcy Ribeiro, 2006). Neste contexto, Nóbrega foi responsável pela conversão e batismo de Bartira[37], que recebeu o nome de Izabel Dias, bem como pelo sacramento do matrimónio, mesmo que já tivessem gerado vários filhos, netos e bisnetos, todos mestiços. Podemos então afirmar que se impunha a perspetiva de diversidade, dado que "o certo é que em São Paulo a miscigenação foi uma prática constante" (Goes, 1991, p. 69).

Por sua vez, a chegada do colonizador branco, europeu e cristão representou uma verdadeira catástrofe para os indígenas. Se ao início as relações pareciam amigáveis, com o passar do tempo instaurou-se uma situação permeada por animosidades, conflitos e beligerância que culminou na morte – como já mencionado – de milhares de ameríndios. Segundo Darcy Ribeiro (2006), este momento foi marcado pelo confronto entre dois mundos. A princípio verificou-se a instalação de uma guerra biológica, dado que a "indiada" (Darcy Ribeiro, 2006) não possuía anticorpos para as doenças decorrentes do contacto com os europeus, bem como as guerras de extermínio e a escravização.

Salientamos que é preciso compreender o conceito de índio e/ou indígena tendo em conta o processo histórico, bem como a etimologia da palavra. Cristóvão Colombo, em 1492, nomeou os nativos das ilhas do Caribe como índios, acreditando naquele contexto, ter chegado às Índias – termo que designava praticamente todo o sudeste asiático – contribuindo para a construção de uma visão homogeneizada em relação aos habitantes originários do atual território americano. Contudo, mais recentemente, sobretudo no Brasil, a aplicação do termo "índio" para as populações originárias, tem sido questionada. O emprego da palavra "indígena" revela-se mais adequado, dado que vem do latim e significa "aquele que nasceu dentro" de um país (Bizocchi, 2022)[38].

[37] O pai de Bartira, o cacique Tibiriçá também foi batizado e recebeu um nome híbrido: Martin Afonso Tibiriçá. Foi ele quem permitiu a presença dos jesuítas em sua aldeia e autorizou a construção da Capela e do Colégio de São Paulo do Piratininga, modesto início da megalópole na qual São Paulo se converteria. Para Godoy (2014), "o nome e o sobrenome do índio aludiam a uma sólida aliança entre índios e portugueses, mas preservando e reconhecendo a dimensão do poder de Tibiriçá entre os índios do planalto" (Godoy, 2014, p. 194)

[38] Disponível em: https://diariodeumlinguista.com/2022/06/06/indio-ou-indigena/ Acesso em 26.12.2022

No entanto, é necessário levar em consideração que os designados indígenas formam um grupo heterogéneo com uma riquíssima diversidade cultural. Em 1986, a ONU elaborou uma significativa definição sobre os indígenas, tendo em consideração o facto de que

> [...] as comunidades, os povos e as nações indígenas são aqueles que, contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade, e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica (Baniwa, 2006, p. 27).

A presença do povo português em solo colonial brasileiro foi marcada também pela sua incompreensão do modo de vida, dos rituais e da estrutura organizacional indígena. De uma maneira geral, o desconhecimento europeu, potencializado pela dificuldade de diálogo e pela situação de compreensão da alteridade, ajudou na construção de alguns estereótipos aos indígenas como, por exemplo, considerá-los como preguiçosos, pouco dados ao trabalho sistemático e extremamente bárbaros. Porém, foi a prática do cunhadismo[39], "velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 72) praticado por esses mesmos indígenas, que permitiu a fixação do homem branco, ao início do processo colonizador, pois os "povoadores europeus que aqui vieram ter eram uns poucos náufragos e degredados, deixados pelas naus de descoberta, ou marinheiros fugidos para aventurar vida nova entre os índios" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 73).

Tão importante quanto a presença do homem branco e europeu na conformação deste caldo cultural (Darcy Ribeiro, 2006) foi a participação da mulher, branca europeia, que ocorreu pela submissão à estrutura hierárquica social. Ao início dos tempos coloniais, as mulheres indígenas permearam parte do imaginário do europeu colonizador, cujas descrições se baseavam a partir dos "cânones de beleza europeia" (Priore, 2000). No entanto, foi com o polímata brasileiro, Gilberto Freyre, que a mulher passa a ser descrita como a "moura encantada" (Priore, 2000).

[39] O cunhadismo, prática que já existia anteriormente ao "achamento" do Brasil, consistia em doar ou oferecer uma jovem índia como esposa a um homem. Foram os primeiros relacionamentos interraciais que ocorreram no Brasil e faziam os padres jesuítas clamar pela regularização destes relacionamentos por meio do sacramento do casamento (Darcy Ribeiro, 2006).

Porém, o território do feminino que se estruturou além-mar, como resultado do caldeamento das três etnias fundantes desta nova sociedade – o branco, o negro e o indígena – (Darcy Ribeiro, 2006) encontrou um cenário de violência e exploração que acentuou as diferenças entre as próprias mulheres e que persiste até aos dias de hoje. Para Priore (1995),

> [...] não se pode ter a ingenuidade de crer numa solidariedade de gênero, acima de diferenças de raça, credo e segmento econômico, embora, por vezes – e a maternidade era um desses raros momentos – laços de cumplicidade e comadrio mais parecessem um nó cego (Priore, 1995, p. 25).

O imaginário colonial é impregnado pelo mito da "santa-mãezinha" (Priore, 1995) que ajudou a valorizar a importância do papel feminino na geração de uma descendência numerosa que contribuísse para o projeto de povoamento – bem como ato civilizador da maior colónia portuguesa.

Podemos vislumbrar este aspeto do papel feminino, no desafio de povoar e zelar pela retidão dos costumes nas novas terras, nas cenas iniciais do filme *Desmundo*[40]. Seriam cenas líricas, se não fossem desoladoras, dado que a obra utiliza, para argumento inicial, a carta elaborada pelo Pe. Manuel da Nóbrega, na qual ele escreveu:

> Si El-Rei determina augmentar o povo nestas regiões, é necessário que venham para se casar aqui muitas orphãs e quaesquer mulheres ainda que sejam erradas, pois também aqui ha varias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote ás orphãs. E desta arte assaz se previne a occasião do peccado e a multidão se augmentará em serviço de Deus (Nóbrega, 1931, p. 109).

Na correspondência enviada ao Pe. Mestre Simão, Pe. Manuel da Nóbrega reforça a sua perceção sobre a escassez de mulheres europeias no território colonial, quando afirma que

> Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo (Nóbrega, 1931, p. 80).

[40] Filme de Alan Fresnot, roteirizado a partir do romance de mesmo nome, de Anna Miranda; estreou nas salas de cinema em 2002. A ação passa-se no ano de 1750, no Brasil e conta a história da jovem Oribela, órfã portuguesa que foi obrigada a casar-se com o rude Francisco de Albuquerque. A película foi gravada em galego-português, para dar maior realidade à trama. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=bH3vyt7ZW84 Acesso em 12.07.2020.

Peixoto (1931), como editor da coletânea de cartas do também jesuíta Pe. José de Anchieta, avalia, por meio de nota referencial que o envio de órfãos era uma prática usual exercida entre Portugal e Terra de Vera Cruz, nos acordos entre a Corte e a Companhia de Jesus; destacando que "desde os primeiros trabalhos dos jesuítas no Brasil, de Portugal eram enviados meninos órfãos que aqui auxiliavam a catequese. Os mais aptos entravam para a Companhia, como aconteceu com Antônio de Pina e João Pereira" (Peixoto, 1931, p. 69). Diferentemente das órfãs, aos rapazes estava destinada a tarefa de ajudarem na catequese dos indígenas, principalmente os mais jovens (Peixoto, 1931).

Outro grupo social importante para o denominado "caldeamento étnico" é o dos africanos, os quais foram trazidos, para as terras recentemente descobertas, como escravizados, dentro da estrutura do exclusivo colonial[41]. Darcy Ribeiro (2006) afirma que foram eles os responsáveis por "aportuguesar" o Brasil, pois coube aos africanos a tarefa de "difundir a língua do colonizador e que ensinaria aos escravos recém-chegados as técnicas de trabalho, as normas e valores próprios da subcultura a que se via incorporado" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 104).

De acordo com Reis (2007), o tráfico de pessoas escravizadas para o Brasil ocorreu, em grande parte, entre os séculos XVI e XVII, por meio do comércio estabelecido, envolvendo os chefes políticos, mercadores e intermediários em solo africano, na África centro-ocidental.

Ao chegarem como escravos, os africanos geralmente recebiam novas identidades passando a ser designados, por exemplo, como congos, angolas, benguelas, cabindas, castanhos, monjolos, rebolos, moçambiques, entre outros. Aqueles que partiram do porto de Luanda eram denominados de angola, enquanto os benguelas eram constituídos pelos traficados da região ao sul de Angola. No contexto do século XVII, o atual estado da Bahia recebeu escravos africanos oriundos da região do Golfo do Benin – localizada atualmente a sudoeste da Nigéria – sendo geralmente denominados de dogomés, jejes, ussás, bornos, tapas e nagôs. Reis (2007) realça que, segundo Maria Inês Oliveira, a

[41] Fausto (2009) define o exclusivo colonial como o papel de contribuinte, por parte da colónia, para a autossuficiência da metrópole, de onde emanava um "conjunto de normas e práticas, criado de acordo com as concepções mercantilistas" (Fausto, 2009, pp. 55-56). Seu principal eixo estava baseado no "exclusivo metropolitano", ou seja: a atividade comercial da colónia deveria ser exercida tão somente com a sua metrópole. No entanto, o mesmo autor assinala que por volta do século XVI, os portugueses já não tinham condições de exercer o monopólio do seu comércio, tendo feito importantes parcerias com os holandeses (Fausto, 2009).

maioria desses termos étnicos não constituem autodesignações dos escravos, mas sim identidades adquiridas decorrentes do funcionamento do circuito do tráfico (Reis, 2007).

Os africanos que foram escravizados provinham de diferentes comunidades tribais. Trouxeram em sua bagagem cultural inúmeros dialetos que refletiam a sua diversidade. Entretanto, uma prática colonial portuguesa consistia em evitar que fossem colocados nas mesmas plantações, engenhos ou minas com o objetivo de impedir e dificultar a possibilidade de terem a ideia de esboçar uma reação mais violenta ao que estava sendo imposto e, até mesmo, no que concerne à prevenção da "formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 103).

Retirados à força dos seus ambientes e territórios, os negros eram escravizados e privados de sua humanidade e de sua liberdade. Estes africanos escravizados engendraram estruturas de resistência e resiliência pois "todo negro alentava no peito uma ilusão de fuga, era suficientemente audaz para, tendo uma oportunidade, fugir" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 106). Esta afirmação refuta a ideia errônea de que os africanos escravizados aceitavam pacificamente a sua nova condição no Brasil, ao contrário dos povos indígenas. Fugas individuais ou em massa, bem como as revoltas e a formação de quilombos existiram desde sempre na história do Brasil (Fausto, 2009).

A luta abolicionista, iniciada a partir da segunda metade do século XIX, foi um longo processo, permeado por diferentes legislações na tentativa de efetuar uma lenta e gradual substituição da mão de obra escrava pelo trabalho assalariado. Diversas vozes levantaram-se em favor da liberdade dos escravizados, entre eles Castro Alves e Joaquim Nabuco – oriundos de famílias abastadas – juntamente com negros e mestiços como André Rebouças, Luís Gama e José do Patrocínio, que passaram a fazer uso dos jornais para a promover a causa abolicionista e, dessa forma, conquistar apoiantes para a mesma. Contudo, sem um projeto político que os acolhesse, os negros foram deixados à margem da sociedade, no período após a assinatura da Lei Áurea (Lopez & Mota, 2008; Darcy Ribeiro, 2006). Com a abolição, "numerosos grupos de negros concentraram-se, então, à entrada das vilas e cidades, nas condições mais precárias. Para escapar a essa liberdade famélica é que começaram a se deixar aliciar para o trabalho sob as condições ditadas pelo latifúndio" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 213).

De acordo com Darcy Ribeiro (2006), estes fatores estão na origem do alijamento dos afrodescendentes na sociedade brasileira contemporânea, o que acabou por dificultar-lhes

o seu percurso para a ascensão social, pois a "manutenção de critérios racialmente discriminatórios que, obstaculizando sua atenção a simples condição de gente comum, igual a todos os demais, tornou mais difícil para ele obter educação e incorporar-se na força de trabalho dos setores modernizados" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 215).

É a partir dessa diversidade de sujeitos que foi identificada aos primórdios da descoberta e colonização do Brasil, que surge a intenção de ocupar, não somente no sentido de colonizar, mas também no sentido de pertencer, de amalgamar uma nova realidade, de forjar um "povo novo" (Darcy Ribeiro, 2006).

1.3. Do projeto de ocupar

Por todo irmão do Senegal, de Angola
E lá do Congo aqui refugiado;
Pelo menor de idade sem escola,
A se formar no crime condenado;
Por todo professor da rede pública
Mal-pago e maltratado pelo Estado;
Pelo mendigo roto em cada súplica;
Por todo casal gay discriminado.

(3ª estrofe da canção *Manifestação*)

Ao refletir sobre a trajetória histórica do Brasil, podemos identificar alguns dos problemas sociais e seu processo de exclusão, problemas esses que alimentam as desigualdades económicas, políticas e socioculturais, colocando diante do país a necessidade de superar grandes desafios. Isto implica ultrapassar os padrões colonialistas que persistem ao longo do tempo, algo que se reflete num contexto marcado pelas heranças excludentes de parte da população, incluindo aquelas que resultam do sexismo e do racismo do período colonial, mesmo nos tempos atuais.

O terceiro trecho da música *Manifestação,* referido na abertura desta secção, aborda tanto a falta de perspetivas de emprego para os professores como para os refugiados, bem como a ausência de visões de futuro para os jovens. Resta a esses jovens as atividades criminosas e de mendicidade como forma de assegurar um mínimo de subsistência, provavelmente devido ao facto de o Estado não investir em educação como projeto de mudança social. Entretanto, esta estrofe da canção parece retratar a estagnação trazida por

um processo de espoliação que não foi interrompido, em especial quando a canção aponta para os aspetos arcaicos da suposta modernidade, referindo a presença da censura, a desvalorização das vidas humanas e o fardo repressivo do passado ao tratar os descendentes dos africanos escravizados como refugiados. Isto evidencia, também, a ausência de políticas públicas que favoreçam a coesão do tecido social.

É o que nos leva a refletir sobre o conceito e a abrangência conceitual dos termos colonialismo/colonização, bem como os termos correlatos a eles – um ato que se aproxima da resolução de um nó górdio, como bem nos lembra I. Henriques (2014) – pois envolve a necessidade de utilizarmos alguns termos em função do seu enquadramento no tempo histórico. Isso ocorreu porque desde a "'domesticação' portuguesa do oceano Atlântico e da ocupação/povoamento das ilhas desabitadas – que fornecem a primeira base da mundialização –, seguidos da colonização das Américas, que o processo colonizador/colonial adquire uma dimensão política, económica, territorial, estratégica e nacional" (I. Henriques, 2014, p. 48).

Ao ponderar sobre a questão da colonização, A. Bosi (1992) parte do seu significado chamando atenção para o facto de que as palavras "*cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo,* cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*" (A. Bosi, 1992, p. 11, grifo do autor). Destarte, *colo* significa o mesmo que morar, ocupar e também cultivar e/ou trabalhar a terra. De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (Silva & Silva, 2005), o termo colonização ultrapassa a ideia de conceito e conforma-se enquanto categoria histórica, porque diz respeito às "diferentes sociedades e momentos ao longo do tempo" (Silva & Silva, 2005, p. 67).

Mais do que ocupar uma nova terra – como no caso das antigas civilizações gregas, romanas e persas – e/ou estar intrinsecamente ligado às descobertas de novas terras pelos iberos, o termo colonização faz referência, acima de tudo, aos deslocamentos humanos sobre espaços vazios. Contudo, A. Bosi (1992) adverte que colonização, enquanto conceito, não pode ser compreendido meramente como processo migratório, dado que "ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório" (A. Bosi, 1992, p. 13).

O referido autor também nos ensina que *colo,* enquanto ação "denota sempre alguma coisa de incompleto e transitivo" (A. Bosi, 1992, p. 11), ou seja, algo que ainda está por

se realizar, algo em curso; *colo* é também matriz da palavra colónia, "enquanto espaço que se está ocupado, terra ou povo que se pode trabalhar ou sujeitar" (A. Bosi, 1992, p. 11). I. Henriques (2014) completa essa definição de colónia ao afirmar que ela se define "como um estabelecimento fundado por uma nação num território estrangeiro, mais longínquo que próximo, quase sempre habitado por populações culturalmente diferentes, 'menos evoluídas', que fica na dependência do país ocupante, mais tarde designado de metrópole" (I. Henriques, 2014, pp. 45-46).

Outro aspecto que A. Bosi (1992) chama a atenção acerca da palavra colonização é o facto de que o sentido primeiro de colonizar – tomar conta de – é, ao mesmo tempo, o ato de mandar, de subjugar. Portanto, o colonizador, não é só aquele que habita e/ou procede a exploração do solo – dois tipos de colonização apontados pelo autor – mas é também o mandatário, aquele que nem sempre se verá "como a um simples conquistador" [mas que] buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus" (A. Bosi, 1992, p. 12). Por isso, a proeminência da figura do pioneiro, do fundador, ou do "chegador" – termo mais utilizado no Oeste paulista para os exploradores do século XIX que se faziam presentes nos avanços dos portugueses e/ou seus descendentes rumo ao sertão.

Sobre este assunto, Mombeig (1984) assinala a ausência de perceção do Outro e a valorização do europeu ou seu descendente em sua obra *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*; onde o papel de pioneiro é exercido tanto pelos fazendeiros, como pelos coronéis e também pelos grileiros. Nestes meandros, o colono era essencialmente um operário rural, que mantinha um contrato de trabalho com um fazendeiro, em substituição à mão de obra escrava (Mombeig, 1984, p. 156). Deste modo, a palavra colono designa o empregado que lavra a terra, a pessoa que presta um serviço e por ele é remunerado caracterizando um relacionamento baseado no salário pago pelo empregador. É por isso que Mombeig (1984) assinala que é o colono, sempre em busca de melhores salários, o elemento que contribui para o alargamento da fronteira entre o mundo civilizado e o não-civilizado, em especial no Estado de São Paulo. Neste universo, característico de meados do século XIX, o autor refere que colónia diz respeito ao conjunto de casas construídas pelos fazendeiros para abrigar o colono e sua família. Digno de nota são os inúmeros mapas que retratam a antiga província de São Paulo que trazem à esquerda, na banda ocidental um grande vazio para as terras que ficavam à oeste, estas eram chamadas de

“desconhecidas” e em sua maioria, de “desabitadas", ignorando a presença dos povos originários.

Figura 2 – Mapa da província de São Paulo, elaborado a pedido da Sociedade Organizadora de Imigração de São Paulo, 1886. Fonte Wikipedia.

O projeto colonizador constituiu-se a partir da definição do papel das colónias: estas deveriam contribuir para a autossuficiência económica da Metrópole, transformando-se em áreas reservadas de cada potência colonizadora, colaborando na concorrência internacional da Metrópole junto às demais. Esse conjunto de normas e práticas, criado de acordo com as conceções mercantilistas, constituiu o que se convencionou chamar de sistema colonial: “Seu eixo consistia no 'exclusivo metropolitano', segundo a expressiva linguagem da época, ou seja, na exclusividade do comércio externo da colónia em favor da metrópole” (Fausto, 2009, p. 56).

Para Fausto (2009), a expansão correspondia aos interesses de diversos grupos sociais e instituições que compunham a sociedade portuguesa. Para os comerciantes representava um bom negócio; para os nobres e membros da igreja, servir ao rei ou servir a Deus, cristianizando povos “bárbaros” (Fausto, 2009); para o povo, a possibilidade de uma vida

melhor, fugindo de um sistema de opressões, como por exemplo, o morgadio[42] e consequentemente o direito à terra.

Contudo, a Terra de Santa Cruz ficou praticamente abandonada nos primeiros trinta anos de sua existência do calendário gregoriano adotado pelos europeus e por grande parte dos países na atualidade. O projeto colonizador só tomou forma com as constantes ameaças de ocupação pelos franceses e holandeses, a partir de 1531 (Darcy Ribeiro, 2006; Lopez & Mota, 2008).

Ao Brasil do período colonial era vedada a instalação de fábricas, companhias de comércio, jornais e até mesmo universidades. A única exceção foi durante o período do reinado de Dom José I (1750-1777), que tendo Sebastião José de Carvalho e Melo – o Marquês de Pombal – como primeiro-ministro, fomentou a instalação de fábricas e de companhias de comércio buscando diminuir a dependência de produtos industrializados fornecidos pela Inglaterra. As poucas e pequenas fábricas que existiam até então dedicavam-se à produção de tecidos rústicos de baixa qualidade, voltados ou para os escravos ou para a população branca empobrecida (Fausto, 2009; Lopez & Mota, 2008). Essa situação só se alterou por completo somente em 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, devido à pressão exercida pelos exércitos napoleónicos sobre Portugal. Os primeiros atos de Dom João VI em *Terra Brasilis* foram a abertura dos portos às nações amigas (em especial a Inglaterra), exatamente ao dia de sua chegada em Salvador e a elevação do Brasil à condição de Reino Unido de Portugal, e Algarves, em 1815[43]. Para grande parte dos historiadores, este é o primeiro passo da independência que irá ter lugar somente em 1822 (Lopez & Mota, 2008).

É precisamente este projeto colonizador que acaba por moldar o povo brasileiro, como já delineado anteriormente, de acordo com a perspetiva de Darcy Ribeiro (2006), agregando segundo ele, três elementos étnicos fundadores do Brasil como nação: o ameríndio, o europeu e o africano. Para o referido autor, o brasileiro surge da confluência, do entrechoque e do caldeamento destes três elementos, tal qual um

> [..] implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor

[42] O morgadio foi um sistema de heranças e transmissão de terras, onde o descendente primogênito varão herdava as terras em sua totalidade.

[43] O término das Guerras Napoleónicas e a organização do Congresso de Viena em 1815 fazia com que fosse imperioso o retorno de Dom João VI a Portugal. No entanto, o monarca fazia pouca questão em abandonar o Brasil. Elevá-lo a Reino Unido permitiria à Metrópole participar abertamente das discussões a serem levadas a efeito no Congresso de Viena para a reorganização da Europa após a derrocada de Napoleão Bonaparte (Lopez & Mota, 2008; Fausto, 2009).

> colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população que recruta no país ou importa (Darcy Ribeiro, 2006, p. 17).

Entretanto, da necessidade de ocupar a América Latina e, em especial o Brasil – e a permanência dessa prática de ocupação por vias mais tênues após as independências dos países latino-americanos e também dos países de África e Ásia, também colónias ao longo do século XIX – é que surgem, a partir do século XX, duas novas palavras para estes contextos; as mesmas foram assinaladas primeiramente no Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo, editado em 1945. É I. Henriques (2014) quem afirma isso, da seguinte forma:

> Pertencem às "novidades linguísticas" do século XX os termos colonialismo (sistema de expansão e dominação colonial; teorias e doutrinas coloniais e ainda, na língua portuguesa, "interesse, paixão das coisas coloniais") e colonialista (relativo ao colonialismo; partidário do colonialismo; significa também na língua portuguesa, "aquele que se dedica a assuntos coloniais"). (I. Henriques, 2014, p. 48).

Seguida da observação de que

> Estes dois últimos termos revelam uma dimensão classificatória, adquirem densidade teórica e naturalmente também um sentido pejorativo, pois concentram os princípios e os valores fundadores e estruturantes das ideologias e das políticas que sustentam e materializam os projetos europeus (I. Henriques, 2014, p. 48).

Assis (2014) sustenta que tanto a expansão colonial ocorrida a partir do século XVI, por meio das grandes navegações, como o neocolonialismo do século XIX, em especial em África e Ásia foram os suportes "para a existência e manutenção do capitalismo industrial" (Assis, 2014, p. 613), dado que o paradigma modernidade/colonialidade inflige aos povos subalternizados a expropriação de recursos naturais de modo a sustentar o acúmulo de capital (Assis, 2014).

No entanto, a extinção do colonialismo nestas áreas, "não foi condição necessária e suficiente para a emancipação político-econômica e cultural dos países periféricos" (Assis, 2014, p. 613). Assim, de acordo com Assis (2014), Aníbal Quijano – sociólogo peruano – elaborou o conceito de colonialidade "como algo que transcende as particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. Essa formulação é uma tentativa de explicar a modernidade como um processo intrinsecamente vinculado à experiência colonial" (Assis, 2014, p. 614).

Desta feita, como já mencionado, é a partir do pensamento de Aníbal Quijano que emerge o conceito do pensamento decolonial como um caminho para que os povos subalternizados tenham e/ou busquem alternativas para superar a sua condição de colónia. O conceito do pensamento decolonial está relacionado com a perceção da reprodução das relações coloniais e do imaginário racista após a empresa colonizadora, que mantém intacta a hierarquia colonial, fundamentada pela ideia de raça, de estratificação cultural e de etnicização, do século XIX e XX. Trata-se de uma colonialidade que ainda nega a plenitude do direito à representação e visibilidade política, na qual persiste a leitura e a representação simplificada do Outro (Candau & Oliveira, 2010).

Uma das mais interessantes representações do debate sobre a descolonização da América do Sul está no desenho apresentado por Joaquín Torres García, em 1943, intitulado *América Invertida*. Nesta imagem, o desenhista uruguaio redefine a polarização entre Norte e Sul, subvertendo a tradicional visão eurocêntrica, e chamando a atenção para os desafios inerentes à emancipação da América Latina. A partir deste desenho é possível colocar em discussão questões como a formação identitária do continente (afastando-se da chamada América do Norte), os resquícios do colonialismo e a busca de autonomia e/ou valorização das culturas locais. Por isso mesmo, na contemporaneidade, é também possível trazer esta imagem para ilustrar a abordagem decolonial em curso, a qual está ainda longe de ter atingido os seus objetivos.

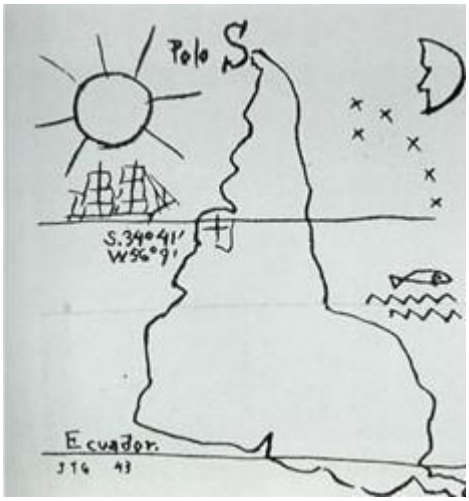

Figura 3 - América Invertida, de Joaquín Torres García.
Desenho produzido para ilustrar um texto de sua autoria, intitulado Escuela Del Sul.
Fonte: Wikipedia, 1943

B. S. Santos (2007) compreende a discussão sobre as dicotomias colonizador/colonizado e metrópole/colónia a partir da metáfora das linhas abissais, as linhas cartográficas que estabeleciam limites entre o Velho o Novo Mundo, afirmando que elas "permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo" (B. S. Santos, 2007, p. 3). Para tal, o autor parte da premissa de que as formas do pensamento ocidental ainda se traduzem por um pensamento dual, baseado na superioridade de uns em detrimento de outros, e que esse pensamento – ao qual ele denomina de pensamento abissal – se realiza numa distinção invisível entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais (B. S. Santos, 2007). Para superar essa dualidade de modo que haja justiça social global, é necessário ultrapassar essas distinções, abrindo temporalidades e espaços para um pensamento pós-abissal, por meio de uma Ecologia dos Saberes.

B. S. Santos (2007) atesta a disputa epistemológica que existe a partir de um tipo de conhecimento baseado apenas na ciência moderna como repositório de conhecimentos, a qual acaba por invisibilizar saberes que não se encaixam na forma tradicional ocidental de compreensão do mundo, das quais a ciência, a filosofia e a teologia são depositárias. Para o autor "os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas" (B. S. Santos, 2007, pp. 72-73) que estão do outro lado da linha abissal acabam sendo classificados pelo tradicional pensamento Ocidental como o espaço da "magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas" (B. S. Santos, 2007, p. 73).

1.4. Do projeto à denúncia

Aqui ´stamos nós de volta,
Sob o signo da revolta,
Por uma vida mais digna
E por um mundo mais justo,
Com quem já não se resigna
E se opõe sem nenhum susto
A uma classe dominante
Hostil à população,
Numa ação dignificante
Que nasce da indignação…

(4ª estrofe da canção *Manifestação*)

Na estrofe acima, a canção passa da formulação de um desejo latente, nunca adormecido para a necessidade de denúncia às graves violações dos direitos humanos presentes na sociedade brasileira, em especial aos grupos mais vulneráveis como as denominadas minorias sociais[44], entre eles os negros, os pobres, as populações indígenas, as mulheres, e as pessoas em situação de rua, os LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trans, *Queer*, Intersexo, Assexuais e mais). A estrofe acima, escrita a partir da indignação, reata o fio da história apontando como símbolo das injustiças sofridas a presença de uma classe dominante que reproduz a lógica do colonialismo; e explicita a necessidade de uma proposta de mudança social, que revela o colonialismo como um problema fundamental e a descolonização como um projeto de ação. Sob o signo da revolta, as minorias sociais rebelam-se contra a classe dominante, herdeira dos condutores do processo civilizatório.

No Estado de bem-estar social, no qual deveria haver a prática da liberdade e da igualdade, a invisibilidade política leva à busca de brechas para que arranjos institucionais e/ou especializados e/ou grupos sociais possam falar e reivindicar os direitos dos marginalizados e vulneráveis, ou seja, dos povos colonizados e/ou subalternizados.

Seguindo a abordagem de Spivak (2010) sobre a possibilidade de o subalterno falar e ser ouvido, a música *Manifestação* acena para o despertar dos diferentes grupos que historicamente lutam pela afirmação de sua humanidade e pelo reconhecimento de seus direitos e necessidades, expressos por meio de comportamentos e ações contra as injustiças presentes em suas vidas. Essas injustiças são resultado de um projeto colonizador que, visando a exploração económica, silenciou e justificou a violência e a escravização do indígena e do africano.

Avalia-se que em 1500, aquando da chegada dos portugueses, toda a gente autóctone somava uma população de cerca de cinco milhões de habitantes, distribuídos entre o litoral e o interior. Setenta anos depois, essa população era estimada em 800.000 pessoas, mas ainda constituía 94% do total de habitantes. Pior cenário se avizinha quando, no

[44] Embora possa parecer anacrónico o uso da palavra minoria para caracterizar estas populações que, numericamente são bastante expressivas, convocamos aqui a noção contemporânea de minoria a partir da perspetiva trabalhada por Sodré (2005) de que elas se caracterizam como uma voz qualitativa, dado que a democracia é composta pelas minorias que se fazem ouvir. Segundo o autor, a noção contemporânea de minoria diz respeito à oportunidade de que estes grupos tenham "voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social (Sodré, 2005, p.12). Dentro desta perspetiva, encontramos os negros, os homossexuais e toda a comunidade LGBTQI, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os pobres, os comunistas, os antineoliberalistas etc.

primeiro quartel do século XIX, a população indígena em terras brasileiras foi reduzida para 360 mil indivíduos, perfazendo 9,14% da população total (Azevedo, 2008).

De acordo com Fausto (2009), o que pode ter determinado esse decrescimento tão abrupto da população indígena, ao início da colonização, foi o do encontro do branco europeu com o indígena, o qual caracterizou-se como uma verdadeira guerra para os povos autóctones da América. No Brasil, uma das formas de resistência foi o isolamento obtido graças a deslocamentos para regiões cada vez mais distantes da faixa litorânea, de modo a evitar o contacto com os brancos europeus, pois este representava a escravização e o trabalho compulsório. Isso obrigava os bandeirantes (portugueses e paulistas que buscavam ouro e indígenas a serem apresados) a adentrar cada vez mais o território. Essas fugas acabaram por cunhar a noção de sertão, palavra que se origina provavelmente de uma corruptela de "desertão" e que significava o que acontecia ou tinha lugar fora da faixa litorânea, traduzindo-se também como local ermo e desconhecido, a ser explorado, pelos conquistadores, fossem eles portugueses ou espanhóis (Goes, 1991).

Por sua vez, Todorov (1999) defende a ideia de que a destruição das populações nativas da América espanhola deve ser analisada em dois planos: o quantitativo e o qualitativo. Quantitativamente, Todorov (1999) considera que por volta de 1500, enquanto a população mundial era da grandeza de 400 milhões de pessoas, cerca de 80 milhões habitavam as Américas – um número que se aproxima da expectativa inicial de Bartolomeu de Las Casas[45]. Considerando que houve uma diminuição da população que é estimada em 70 milhões de pessoas, o referido autor conclui que este caso só pode tratar-se de um genocídio. Porém, ele também defende o facto de que aos espanhóis não pode ser imputada a responsabilidade total, dado que três são as causas de tamanha mortandade, a saber: o assassinato direto (por guerra justa ou não), os maus-tratos[46] e por fim, o que

[45] Bartolomeu de Las Casas (Sevilha, 1484 — Madrid, 1566) foi um frade dominicano espanhol que atuou como cronista, teólogo, político e jurista no processo de colonização da América. Filho de um modesto comerciante de Tarifa, na Andaluzia, estudou Latim e Humanidades em Salamanca. Motivado pelo espírito aventureiro e explorador de riquezas esteve nas Américas por ocasião da segunda viagem de Cristóvão Colombo e da viagem de Nicolás de Ovando (1502/1503). De início, alinhado ao papel dos colonizadores, aceitou o ponto de vista convencional quanto à exploração da mão de obra indígena, atuando como explorador de riquezas. Mais tarde, foi para Roma, onde terminou os estudos e se ordenou sacerdote em 1507. Em 21 de dezembro de 1511, escutou o célebre Sermão do Advento por frei António de Montesinos, no qual este defendia a dignidade dos indígenas. O profundo impacto daquela pregação levou Bartolomeu de Las Casas a uma nova atitude, passando a ser visto como grande defensor dos indígenas e combatendo as diversas formas de exploração, fosse nas plantações, fosse nas minas de prata. Em 1516 foi nomeado pelo Cardeal Cisneros, como "protetor dos índios".

[46] Os maus-tratos estão relacionados às péssimas condições de trabalho nas minas e à insalubridade desses locais, mas também a má alimentação favorecia o surgimento de epidemias. O facto de que os ameríndios morrerem "às pencas é uma prova de que Deus está do lado dos conquistadores" (Todorov, 1999, p. 161)

teria sido o grande causador deste flagelo que seria o "choque microbiano" no qual pereceu grande parte da população ameríndia (Todorov, 1999).

É preciso registar que, desde 1757, no Brasil, com a publicação do documento *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão* (em vigor entre os anos de 1757 e 1798), os indígenas são tutelados pelo Estado[47] (Lopez & Mota, 2008). O referido documento, compilado pelo Marquês de Pombal após a expulsão dos jesuítas de Portugal e colónias[48], buscou efetivar a integração dos colonos com os indígenas, que passariam à categoria de súbditos. Nesta condição, os indígenas eram obrigados a trabalhar, bem como prestar serviço militar. Para Lopez e Mota (2008), este novo estatuto acabou por submeter a população indígena a formas extremas de exploração, apesar do facto de que "na prática, manteve-se a concentração dos índios em povoações sujeitas ao governo de um grupo de administradores leigos, o Diretório dos Índios, que deveriam zelar pela sua educação e pelos seus interesses" (Lopez & Mota, 2008, p. 227).

Porém, após esses números caírem abruptamente, até que se atingisse em 1957 o menor número para a população indígena (cerca de 70 mil pessoas), percebe-se uma retomada do crescimento dessa população, que atinge em 2005 a marca de 450 mil indivíduos. Estudos mais recentes apontam que o Censo Demográfico de 1991 registava o facto de que a população indígena representava apenas 0,2% do total da população brasileira, com 294 mil pessoas identificadas como indígenas. Esse número aumentou em 2000 para 734 mil pessoas autoidentificadas como pessoas indígenas (Pereira & Azevedo, 2004; IBGE, 2013). Duas variáveis são pertinentes para analisar estes números: o facto de que desde 1991 o IBGE adota o padrão da autodeclaração para a definição de etnias e raças e, o facto de que a população indígena mantém um alto nível de taxa de fecundidade (Pereira & Azevedo, 2004).

Pereira e Azevedo (2004) consideram que este crescimento expressivo não pode ser explicado apenas pelo aumento demográfico, mas também pelo facto de que nos últimos

[47] Durante a República, a tutela do Estado foi assumida pelo Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), depois Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1973 foi aprovado o Estatuto do Índio (Lei nº 6.001) que permanece vigente até 1988, cessando somente com a nova Constituição.

[48] A expulsão dos jesuítas de Portugal e de todas as suas colónias ocorreu após um longo processo de desgaste entre o Ministro de Estado de Dom José I – o Marques de Pombal – e a Companhia de Jesus (Aranha, 2006; Fausto, 2009; Hilsdorf, 2003; Lopez & Mota, 2008). Para Fausto (2009), a expulsão dos jesuítas em 1759 – acusada de formar "um Estado dentro do estado" – foi uma das medidas mais controvertidas tomada pelo Marquês de Pombal, mas que pode ser entendida dentro dos objetivos do absolutismo ilustrado de "centralizar a administração portuguesa e impedir áreas de atuação autônomas por ordens religiosas cujos fins eram diversos dos da Coroa" (Fausto, 2009, p. 111)

anos têm existido condições favoráveis para a identificação de pessoas como indígenas, que anteriormente eram identificadas como pardas (Pereira & Azevedo, 2004). Ao longo do processo civilizatório, essas populações quase desapareceram, mas, mais recentemente, tem aumentado o número de pessoas, no Brasil, que se identificam pública e oficialmente como pessoas indígenas: "trata-se de famílias que, miscigenadas e territorialmente espoliadas ao longo do tempo, reencontram, no presente, contextos políticos e históricos favoráveis à retomada de suas identidades coletivas indígenas" (Povos Indígenas no Brasil, 2021)[49].

Contemporaneamente, estrutura-se uma voz ativa e atuante das comunidades indígenas brasileiras, que encontrou campo fértil de atuação por meio das TIC e das redes sociais digitais, dentro da perspetiva do net-ativismo[50]. Conforma-se um comportamento de resistência histórica iniciado desde a ocupação europeia após as grandes descobertas, mas que na contemporaneidade se caracteriza por uma maior participação e representatividade. Note-se que esta representatividade aumentou a partir do momento em que Mário Juruna[51] foi eleito deputado federal, em 1982, e Ailton Krenak[52] obteve participação no Congresso Nacional que elaborou a Constituição de 1988. Importante registar, neste cenário, a indicação do Cacique Raoni Metuktire[53] para o Prémio Nobel da Paz de 2020, devido à defesa dos povos indígenas do Brasil e também do bioma da Amazónia[54].

[49] Recuperado de https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o em 01. Out. 2021.
[50] A temática do net-ativismo será desenvolvida ao longo do Capítulo 3
[51] Mário Juruna, indígena e político, nasceu em 1943 e faleceu em 2002. De etnia Xavante, Mário Juruna nasceu na aldeia de Namakura, estado de Mato Grosso e é considerado o primeiro indígena a exercer um cargo deputado federal, tendo sido eleito em 1982, pelo estado do Rio de Janeiro. Sua luta, desde os anos de 1970, foi a demarcação das terras indígenas. Realista em relação às falsas promessas, passou a gravar as conversas com seus interlocutores em um gravador portátil.
[52] Ailton Krenak é uma liderança indígena brasileira, nascida em 1953. Sua etnia, Krenak, tradicionalmente habita a região do rio Doce, estado de Minas Gerais. Desde cedo em constante contato com a natureza, aprendeu a entender a floresta e o rio como parte de sua família. No entanto, a região é profundamente impactada pelas empresas extrativistas de minério, o que o levou a ser uma voz em prol das comunidades indígenas. Ficou nacional e internacionalmente conhecido ao pintar seu rosto de jerimum e discursar em reunião da Assembleia Nacional Constituinte, em 1987. Recentemente, alguns de seus discursos transformaram-se em publicações, a exemplo de *Ideias para adiar o fim do mundo*, *O amanhã não está á venda*, *A vida não é Útil* e *Futuro Ancestral*. Em 2024 tornou-se o primeiro indígena a tomar posse na Academia Brasileira de Letras.
[53] Sua candidatura não só ganhou o apoio de pessoas indígenas de diversas etnias e ribeirinhos, mas também de personalidades internacionais tais como o cantor Sting, o presidente da França Emmanuel Macron, e também o Papa Francisco. Recuperado de https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/por-que-o-cacique-raoni-metuktire-deve-ganhar-o-nobel-da-paz. Acesso em 16.09.2021. A campanha para Cacique Raoni ser laureado com o Nobel da Paz de 2020 também ganhou o apoio do coletivo Mídia Ninja, por meio da edição de um teledisco o qual a candidatura é apresentada. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=uHh6Juv-5ns Acesso em 16.09.2021.
[54] Em termos internacionais, os direitos das pessoas indígenas estão assegurados desde 2007 quando a ONU aprovou, por meio da Assembleia Geral, a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, estendendo a este grupo os direitos já assegurados aos demais povos, em termos de direitos humanos e liberdades fundamentais. Nesta declaração são assegurados o direito às liberdades fundamentais, à autodeterminação, ao autogoverno e, no que

Quanto à presença dos africanos escravizados no Brasil ao longo do processo de colonização, os números também são relativos. De acordo com Reis (2007), os dados mais atualizados contabilizam cerca de 4 milhões de pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que foram trazidos entre os séculos XVI e XVIII da África para o Brasil como parte da montagem do chamado exclusivo colonial, com a implementação da monocultura da cana-de-açúcar a partir da mão de obra de pessoas escravizadas.

A diáspora africana para o Brasil justificava-se pelo facto de que na ótica colonial, a escravidão indígena era vista como um fracasso. O grande número de mortes entre os ameríndios, logo nos primeiros setenta anos de colonização (por doenças, por fome ou violência), aliado ao discurso da inadaptação dos mesmos ao trabalho organizado, justificava o facto de que, a partir de então, os africanos é que deveriam ser escravizados para o trabalho na lavoura brasileira; na essência, o tráfico também passou a ser uma lucrativa atividade para a Coroa. Tal procedimento encontrou nos chefes políticos e negociantes da África Centro-Ocidental, os aliados perfeitos para o início e a intensificação do tráfico negreiro, efetuado maioritariamente por navios portugueses e, posteriormente, por ingleses e franceses (Reis, 2007).

Essa estrutura ligada ao tráfico de africanos escravizados apresentou-se como um comércio mais lucrativo para a Coroa e passou a ser parte integrante do sistema de *plantation* que se implementava no Brasil para a produção de cana-de-açúcar, em paralelo[55]. Porém, além da Coroa, esta "escravidão fundamentada e praticada desde o tempo dos antigos foi reproduzida à escala de um modo de produção de proporções gigantescas que visava a acumulação de capitais por parte das classes dominantes provenientes da metrópole" (Macedo, 2013, p. 51).

Para Fausto (2009) a dualidade entre a *plantation* e a produção de géneros alimentícios defendidos por frentes opostas (Colonizadores e Coroa) se dá por conta dos interesses privados de cada uma dessas frentes. Também para o autor, "a concepção definidora da colonização pela grande empresa monocultora escravista é um modelo cujo valor consiste

tange à sua cultura, está assegurado o direito à não-destruição, à viabilização da sua prática, bem como é garantido o direito à sua revitalização (Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, 2008).

[55] Existe uma divergência de interpretações em relação à produção agrícola do Brasil-colónia. Fausto (2009) assinala que a ideia de *plantation* – caracterizada pela monocultura em grandes extensões de terra (latifúndios) tem início na obra de Caio Prado Jr. No entanto, correntes mais recentes da historiografia brasileira assinalam o incentivo, por parte da Coroa, para o plantio de géneros alimentícios para consumo dos próprios colonos. Essa visão é defendida por Francisco Carlos Teixeira da Silva e Ciro Flamarion Cardoso que argumenta o facto de a questão colocar de lado fatores importantes da complexa realidade económico-social da época, entre eles a presença de um campesinato em formação, ou seja pequenos proprietários rurais (Fausto, 2009).

em dar as linhas básicas de entendimento de um sistema que caracterizou o Brasil na Colônia e deixou suas marcas após a Independência" (Fausto, 2009, p.59). Essas marcas são: "a grande propriedade, a vinculação com o exterior através de uns poucos produtos primários de exportação, a escravidão e suas consequências" (Fausto, 2009, p.59).

No entanto, ao longo de mais de 300 anos de opressão, muitas foram as formas de resistência, entre elas a fuga e a constituição dos quilombos, espécie de território livre, onde a vida podia ser minimamente reestruturada longe do trabalho compulsório e dos castigos corporais (Fausto 2009). Reis (2007) chama a atenção para uma terceira forma como recusa de submissão – para além da fuga e da constituição de quilombos –, "a resistência cotidiana, caracterizada pelo fingimento de doenças, o trabalho malfeito, as estratégias de negociação para extrair pequenas vantagens, materiais e outras, dos senhores" (Reis, 2007, p. 84). Assinala ainda o autor que essa era uma prática bem efetivada pelos escravos que nasciam no Brasil, mais acostumados com o modo de ser e de viver dos senhores esclavagistas. Muitas outras formas de resistência se estruturaram ao longo da história do Brasil, perpassando pela denúncia, pela busca de equidade e pela luta para obtenção dos direitos básicos dos cidadãos. Estas lutas assinalavam a busca de autonomia e uma efetiva descolonização, por meio da mobilização cidadã e da organização dos movimentos sociais[56].

A historiografia recente identifica que o Golpe civil-militar de 1964 representou a tentativa de reprimir e pôr termo às mobilizações populares; porém, aos poucos e nas franjas da igreja, do operariado e da educação, a resistência começa a se organizar com a emergência de movimentos sociais que colocaram em discussão o direito das minorias. Segundo Gohn (2000) foram conquistas sociais de trabalhadores, mulheres, índios, menores e cidadãos até então considerados como pessoas de "segunda categoria" (Ghon, 2000, p. 19). Por outro lado, C. E. G. Silva (2010) considera que a década de 1970 foi fundamental para o surgimento das Organizações não-governamentais (ONGs) – que não têm existência jurídica no Brasil – , pois elas foram responsáveis pela "disseminação da noção de cidadania e pela pressão para seu exercício pleno, favoreceram também a entrada de recursos de organizações internacionais, tais como *Ford Foundation*, *Rockefeller* ou *MacArthur*, assim como de agências de fomento e cooperação internacional" (C. E. G. Silva, 2010, p. 1309).

[56] Voltar-se-á a este assunto ao final deste capítulo.

O projeto colonizador não se limitou apenas à exploração económica das novas terras. Incluiu também um processo civilizatório para os povos originários, gestado pelo jesuíta Pe. Manoel da Nóbrega em 1558 (Darcy Ribeiro, 2006), com os objetivos de eliminar os rituais antropofágicos[57] – tidos como sinal de atraso[58]. Ainda de acordo com Darcy Ribeiro (2006), implementado com rigor pelo Governador Geral Mem de Sá, causou "desespero e a destruição para cerca de trezentas aldeias indígenas na costa brasileira do século XVI" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 47). Porém, a proposta inicial de Pe. Manoel da Nóbrega se reconfigura tempos depois, dado o declínio abrupto da população ameríndia litorânea. A seguinte citação, embora longa, além de explanar a ambiguidade do papel do indígena no processo civilizatório, também reflete a crítica ácida, por parte de Darcy Ribeiro (2006), ao chamado processo civilizatório:

> Apesar de o projeto jesuítico de colonização do Brasil nascente ter sido formulado sem qualquer escrúpulo humanitário, tal foi a ferocidade da colonização leiga que estalou, algumas décadas depois, um sério conflito entre os padres da Companhia e os povoadores dos núcleos agrário-mercantis. Para os primeiros, os índios então em declínio e ameaçados de extinção, passaram a ser criaturas de Deus e donos originais da terra, com direito a sobreviver se abandonassem suas heresias para se incorporarem ao rebanho da Igreja, na qualidade de operários da empresa colonial recolhidos às missões. Para os colonos, os índios eram gado humano, cuja natureza, mais próxima de bicho que de gente, só os recomendava à escravidão (Darcy Ribeiro, 2006, pp. 48-49).

É a partir deste enquadramento de luta e de resiliência, mais do que de resistência, que podemos compreender o propósito de uma outra história, que inclua os grupos subalternizados e invisibilizados que se expressam por si próprios e cujas vozes podem e devem ser ouvidas. É o que veremos em seguida.

[57] A antropofagia era um ritual praticado por determinadas tribos do tronco Tupi que, movidos por alguma indisposição, guerreavam a faziam prisioneiros para o sacrifício. Esses deveriam ter valores próximos aos seus captores, em altivez e coragem para serem devorados. Em seu relato, o náufrago alemão Hans Staden narra que por três vezes os índios se recusaram a comê-lo, pois era chorão e covarde (Darcy Ribeiro, 2006).

[58] Ao chegarem ao Brasil, os portugueses encontraram uma população nativa bastante numerosa, que pode ser dividida em dois grandes grupos: os tupi-guaranis e os tapuias. Os tupi-guaranis – que também podem ser subdivididos em dois grandes grupos, ocupavam quase toda a costa brasileira, desde o Ceará até o extremo sul do Brasil, em Lagoa dos Patos. Os tupis ou tupinambás dominavam a faixa litorânea do Norte até Cananéia, já os guaranis localizavam-se na Bacia Paraná-Paraguai e no trecho entre Cananeia e o extremo sul. Por sua vez, os tapuias – pertencentes ao tronco linguístico Jê, tinha suas populações organizadas em núcleos menores (Fausto, 2009; Vainfas, 2007). A despeito das teorias sobre as formas de ocupação do solo brasileiro ainda serem objeto de discussão, essa classificação deu-se, de acordo com Vainfas (2007), pela "necessidade de identificar os povos que habitavam o Brasil, fosse para melhor catequizá-los, escravizá-los, combatê-los ou mesmo aliar-se a eles, levou os colonizadores, leigos ou eclesiásticos, a rascunhar classificações minimamente etnográficas" (Vainfas, 2007, p. 38).

1.5 – Do anseio de uma outra História

... Por todo homem algemado ao poste,
Tal qual seu ancestral posto no tronco;
E o jovem que protesta até que o prostre
O tiro besta de um PM bronco;
Por todo morador de rua, sem saída,
Tratado como lixo sob a ponte;
Por toda a vida que foi destruída
Em Mariana ou no Xingu, por Belo Monte;

(5 ª estrofe da canção *Manifestação*)

A estrofe acima alerta para a similaridade da manutenção de práticas de exclusão e violência que, sob novas roupagens, persistem ao longo do processo histórico brasileiro. Por exemplo, as vidas "sem valor" dos negros quando continuam sendo presos e mortos pelos representantes do estado, o crescente número de pessoas sem-abrigo e com nenhuma perspetiva de mudança numa sociedade cada vez mais hierárquica, com substancial aumento das diferenças entre ricos e pobres. Ao mesmo tempo, aborda o problema das atuais migrações internas, em específico a dos povos ribeirinhos e indígenas, devido à construção de novas hidroelétricas, a exemplo da Usina Hidrelétrica de Belo Monte[59]. Também faz referência aos desastres ambientais de grande impacto como o ocorrido com o rompimento da Barragem do Fundão, localizada no município de Mariana, ao final do ano de 2015 e o rompimento da Barragem do Córrego do Feijão, em janeiro de 2019 no município de Brumadinho, ambos acidentes localizados no estado de Minas Gerais[60].

[59] A Usina Hidrelétrica de Belo Monte foi construída na bacia do Rio Xingu, próxima ao município de Altamira, estado do Pará. O projeto de Belo Monte é polêmico porque impactou diversas comunidades indígenas. Os protestos engendrados por estas comunidades e também por ambientalistas e membros da Igreja Católica fizeram com que o Governo Federal suspendesse a construção de outras hidrelétricas que estavam previstas no Pará. A Usina Hidrelétrica do Bel Monte entrou em operação em 2016.

[60] No dia 5 de novembro de 2015, a Barragem do Fundão – propriedade da Vale e da BHP Billiton, localizada na área rural de Mariana (MG) rompeu-se causando a morte de 19 pessoas. Esse evento catastrófico possibilitou o extravasamento de cerca de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro e sílica, constituindo-se em um dos maiores desastres ambientais do Brasil. Até hoje as famílias atingidas – as que perderam entes próximos ou suas casas e pertences – aguardam na justiça ações indemnizatórias e reparatórias. Várias foram as localidades atingidas, entre distritos e cidades; o rejeito que a barragem armazenava chegou até o rio Gualaxo do Norte, rio do Carmo e também o Rio Doce. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre Acesso em 14.03.2021. Anos depois, no dia 26 de janeiro de 2019, ocorreu outro rompimento, de uma barragem de rejeitos, a Barragem do Córrego do Feijão, também de propriedade da Vale, em Brumadinho (MG). Desta vez, o acidente ambiental causou elevado número de mortos - cerca de 300 vítimas – a maior parte de funcionários da empresa – chegando a impactar também áreas indígenas das etnias Pataxó e Hã Hãe. Os dois processos de indenizações das vítimas arrastam-se na justiça há anos. Disponível em http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-brumadinho Acesso em 14.03.2021.

Na realidade, esta estrofe da canção *Manifestação* alerta para a necessidade de romper com as velhas práticas de exclusão social que, sob novas vestimentas, persistem ao longo do processo histórico brasileiro, muitas vezes respaldado no mito do "homem cordial".

Para Souza (2016), é na transição do "homem emotivo" de Gilberto Freyre para o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda que se cria um mito, ou seja, "uma imagem oficial do Brasil, que abarca todo o espectro político da direita à esquerda, até os dias de hoje" (Souza, 2016, p. 16). Isso porque,

> [...] toda a sociedade constrói um mito, ou seja, uma narrativa acerca do lugar de onde se vem, quem se é e para onde se vai. Nas sociedades modernas, esse mito é sempre um mito nacional. [...] Os mitos nacionais são uma espécie de consolidação articulada desses palpites de leigos que ganham pela repetição e pretensa obviedade o estatuto de verdade prática (Souza, 2016, p. 29).

Neste sentido, os grupos sociais dominantes acabaram por "saber 'colonizar' o espírito" (Souza, 2016, p. 19), de forma a evitar uma possível reação por parte das classes consideradas subalternas com o objetivo de "convencer os espoliados de que a dominação que os explora e subordina é para seu próprio bem" (Souza, 2016, p. 19). Porém, se o Brasil acabou por configurar-se como o *locus* do "congraçamento entre as raças e cultura" do qual Gilberto Freyre tornou-se porta-voz em décadas passadas. Por outra via, grande parte de sua população, nos últimos 30 anos, buscou exercer, de maneira mais assertiva o seu protagonismo histórico.

Em um longo processo de tomada de consciência e de busca de espaços de autoafirmação e atuação, muitas são as vozes que querem se fazer ouvir, muitas são as vozes que se empoderaram. Os sem-voz, as pessoas subalternizadas, as ditas minorias sociais começaram a ocupar um papel cada vez mais ativo, incluindo o despertar de uma consciência crítica e construtiva sobre a sua própria realidade. Para Schwarcz (2019), a promulgação da Constituição de 1988 trouxe conquistas memoráveis no que tange à ampliação do "catálogo de direitos e um projeto consistente de transformação da sociedade" (Schwarcz, 2019, p. 234).

Entrementes, quando investigamos as minorias sociais, suas lutas, suas bandeiras e seus processos de empoderamento, é preciso cautela para não correr o risco de falar em nome delas, algo que ocorre com frequência na imprensa de referência (Djamila Ribeiro, 2019). Buscando conceituar o termo "lugar de fala" – ainda que epistemologicamente difícil de localizar a sua génese – a filósofa afro-brasileira Djamila Ribeiro (2019) afirma

que com o não reconhecimento de que existem diferentes lugares de onde se fala – referindo-se aqui ao lugar social ocupado pela pessoa–, corre-se o risco da exclusão. Para a referida autora, ignorar ou negar a determinados grupos sociais os espaços de produções e conhecimentos acaba por impossibilitar "que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet (Djamila Ribeiro, 2019, pp. 63-64).

A questão envolve o desenvolvimento de um coletivo empoderado, no qual é necessário ir além da "superação individual de certas opressões" (Berth, 2019, p. 50). Assim sendo, torna-se essencial o conceito de empoderamento, que tem origem na noção de *empowerment,* termo que em língua inglesa significa capacitar, dar poder ou desenvolver em alguém, uma habilidade. Trata-se, portanto, de um neologismo na língua portuguesa. Contrariando o senso comum de que o empoderamento trata de uma escalada de poder, Berth (2019), arquiteta brasileira afrodescendente, apresenta a noção de que, na verdade, "empoderamento é um conceito complexo, muito distorcido e incompreendido, o que se deve em grande parte ao debate acrítico sobre o tema" (Berth, 2019).

Neste sentido, é importante distinguir que o referencial de partida para as questões que envolvem o despertar de uma consciência crítica e construtiva é o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire. Para Freire (1967), nada mais libertador e formador de opinião crítica do que a Educação com criticidade. Para o pedagogo, o mero assistencialismo rouba do homem a sua própria alma, impõe o mutismo e a passividade e, consequentemente, a responsabilidade sobre si mesmo. Assim, a passagem da consciência intransitiva para a transitividade se daria pela Educação crítica, em paralelo com as grandes transformações dos padrões económicos do Brasil, um "trabalho educativo advertido do perigo da massificação, em íntima relação com a industrialização, que nos era e é um imperativo existencial (Freire, 1967, p. 61).

Conforme observado por Berth (2019), na visão de Freire, "os próprios grupos subalternizados deveriam empoderar a si próprios, processo esse que se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora" (Berth, 2019, p. 38). No entanto, a despeito do enorme e significativo contributo do pensamento freireano sobre a questão dos oprimidos, é o movimento feminino que vai contestar suas ideias, argumentando que o oprimido não é um conceito genérico e homogéneo, há que se olhar para as especificidades de cada grupo social: as indígenas, as latino-americanas, as

mulheres negras e as mulheres brancas, ou seja, é preciso pensar a diversidade dentro da diversidade (Berth, 2019).

Portanto, para superar a condição de ex-colónia e os aspetos múltiplos da colonialidade, em busca do desenvolvimento económico, bem como da mudança social, devemos ter em consideração as minorias sociais e os processos de empoderamento a ela inerentes, pela vontade de justiça e equidade e pelo anseio de uma outra história, portanto, pelo direito à "tomada da palavra" e à memória.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie alerta para o perigo da "história única"[61]. Ela ressalta, em concorrida sessão no evento TED Talk[62] (Technology, Entertainement and Design) em 2009, o quanto uma pessoa se torna vulnerável caso não tenha acesso a um repertório rico e diferenciado, que apresente diferentes visões de mundo, para além das referências que lhe são tradicionalmente oferecidas ou impostas. A sua principal crítica incide sobre a carência de opções em relação a um padrão narrativo que provém apenas dos livros americanos ou britânicos disponíveis para as crianças de seu país. Da mesma forma, a autora relata que, em grande parte das vezes, as pessoas possuem também uma "história única" sobre a África subsaariana, retratando-a como um local de catástrofes, de negações e diferenças (Adichie, 2009a, 2009b, 2019). Na busca de outras narrativas, que reflitam uma Nigéria contemporânea que se afaste dos estereótipos – que, na visão de Adichie, são incompletos e criam uma narrativa unidimensional –, os seus romances apresentam uma visão de como o país é contraditório pela esperança de espelhar-se nas ditas nações desenvolvidas, assim como tantas outras antigas colónias do Sul Global.

Seu romance *Hibisco roxo* (2011), por exemplo, trata dos dilemas de uma família nigeriana em meio a mais uma mudança de governo. A narrativa revela a repressão policial contra os professores universitários e expõe a falta de infraestrutura básica à população como água, eletricidade, alimentos e gasolina, numa Nação cujo tecido social está em processo de rompimento.

---

[61] A questão do fim das grandes narrativas e dos pontos de vista centrais, conceitos trabalhados por Gianni Vattimo a partir da constatação de que existira uma conceção europeia de história serão vistos mais detalhadamente ao longo dos Capítulo 3 e Capítulo 4 da presente tese.

[62] No Brasil, a referida conversa foi publicada com o mesmo título, *O perigo da história única*, pela Companhia das Letras. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8 Acesso em 28.02.2021, também disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?subtitle=en&lng=pt-br&geo=pt-br Acesso em 31.08.2023

Além disso, o livro também aborda o estranhamento entre as gerações devido aos diferentes costumes que criam polarizações e, muitas vezes, acentuam as diferenças, em especial no que diz respeito às práticas religiosas tradicionais (tidas como pagãs) e as práticas religiosas católicas; e o estranhamento das línguas nativas (neste caso, o *igbo*) e o inglês, ou até mesmo o estranhamento das inflexões. Digna de nota é a passagem narrada por Kambili, a protagonista do romance que, ao referir-se ao seu avô, ressalta o estranhamento que sentia em relação aos registos ancestrais e a resistência dos idosos à adaptação às práticas dos neocolonizadores: "O lábio inferior dele tremeu, assim como sua voz, e às vezes eu levava um ou dois segundos para compreender o que ele dizia, pois seu dialeto era muito antigo; suas palavras não tinham as inflexões anglicizadas das nossas" (Adichie, 2011, p. 54).

As cenas descritas na obra por Adichie (2011) revelam também a riqueza da cultura local, com suas inúmeras referências, que vão desde os músicos Fela e Onienka aos nomes africanos recebidos ao nascimento que se transmutam em nomes estrangeiros por ocasião dos rituais católicos do batizado e da crisma, passando pelas flores tais como as alamandas, as ixoras ou os hibiscos roxos. Além disso, descreve a culinária local, repleta de pratos com inhames, taiobas e guizados, bem como as mangas, que aos ouvidos das comunidades quilombolas brasileiras, nem soam tão estranhos como soariam maçãs e pêssegos (Adichie, 2011).

Entretanto, não só o "perigo da história única" (Adichie, 2009a, 2009b, 2019) mas também o "direito à memória" – dos povos invisibilizados, das minorias caladas, dos grupos subalternizados, do questionamento aos monumentos vandalizados e dos locais da memória destruídos pela ânsia urbanizadora das grandes cidades (Nora, 1993) –, deve ser amplamente discutido. Neste sentido, a filósofa e catedrática da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, aquando do seu mandato como Secretária Municipal de Cultura de São Paulo (1989-1992), implementou uma diretriz de atuação, a qual denominou de "cidadania cultural" (Chauí, 1995). A autora destaca que, à época, era necessário alargar o conceito de cultura para além das belas-artes, repensar o papel do Estado enquanto produtor cultural, repudiar o reducionismo contido na oposição entre cultura popular e cultura de elite, além de promover "a abertura de campos de atividade não submetidos ao poderio dos padrões fixados pela *mass mídia*" (Chauí, 1995, p. 82, grifo do autor). Assim,

a proposta cultural engendrada pela equipe de Chauí[63] definiu a cultura como "direito dos cidadãos e a política cultural como cidadania cultural" (Chauí, 1995, p. 80). Nesta perspetiva, a memória pode ser percebida como um direito e também como uma prática de cidadania cultural[64].

I. Henriques (2014) alerta para a questão da memória no âmbito do processo de colonização, ao afirmar que colonizar é retirar, ou negar de um dado grupo ou organização social, a sua autonomia económica e política, mas também implica em alijamento cultural, além de desconsiderar a trajetória histórica percorrida até o momento da "posse" e da instauração do processo de colonização, pois

> [...] colonizar é um exercício que visa desmemoriar as populações em relação à sua própria história introduzindo a história do colonizador e construindo uma nova memória, onde uns e outros são hierarquizados de acordo com a ordem do colonizador, marcando de forma definitiva a valorização do mesmo, a desvalorização e a recusa do outro (I. Henriques, 2014, p. 49).

Retomando o conceito de B. S. Santos (2007) – já abordado ao início deste capítulo – da necessidade da superação do pensamento abissal pelo pensamento pós-abissal –, é preciso efetuar uma "ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação da modernidade ocidental" (B. S. Santos, 2007, p. 85). No mesmo sentido, o referido autor também indica que "o pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada" (B. S. Santos, 2007, p. 21). A diversidade epistemológica do mundo ainda está a ser construída, uma vez que

> A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos a nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global não-imperial, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistémico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo. (B. S. Santos, 2007, pp. 22-23).

Assim, contra o processo de alijamento da memória desses grupos sociais subalternizados e invisíveis e, no contexto da redemocratização do Brasil – ocorrida após

[63] Nesta época, foi eleita como prefeita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a assistente social Luiza Erundina, que governou a maior cidade da América Latina entre os anos de 1988 a 1992. Fundadora do Partido dos Trabalhadores em 1980, seu governo foi marcado por uma agenda progressista e nomes relevantes em seu secretariado como Paulo Freire na pasta da Educação, Paul Singer no Planejamento e Hélio Bicudo para os Negócios Jurídicos, além da própria Marilena Chauí para a pasta da Cultura. Recuperado de https://luizaerundina.com.br/biografia/ Acesso em 8.12.2021.
[64] Voltar-se-á a este tema no Capítulo 3.

1984 – e da estabilização financeira com o Plano Real[65] (1998), acompanhando o surgimento e a ascensão dos novos movimentos sociais, bem como a conformação do Terceiro Sector no Brasil e na busca de uma epistemologia que represente não só o "direito à memória", mas também grupos sociais empoderados, é que podemos situar o surgimento do Museu da Pessoa. A sua trajetória e grande parte de seu *modus operandi* estão intrinsecamente ligados ao início do funcionamento da Internet comercial no Brasil – ocorrido no ano de 1995 – e à ampla disseminação da metodologia de registo de narrativas por meio da sistematização de uma metodologia própria de trabalho denominada Tecnologia Social da Memória[66].

É importante salientar que o Museu da Pessoa se configura como o espaço das contra narrativas dado que trabalha para a valorização da diversidade, o combate à intolerância e a promoção do empoderamento de indivíduos e grupos sociais diversos. Este posicionamento está ancorado na afirmação de que "somos um museu aberto e colaborativo que transforma histórias de vida em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos"[67]. Criado em fins de 1991, a instituição define-se na atualidade como "um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa"[68]. Sua crença é sua atividade pode mudar o jeito das pessoas verem o mundo.

O trabalho do Museu da Pessoa será o enfoque principal do Capítulo Quatro quando então discorreremos em profundidade a trajetória da instituição e seus principais pontos de inflexão, notadamente a partir de meados dos anos 2000, pela elaboração dos chamados projetos estruturantes e da sistematização da Tecnologia Social da Memória. Relembramos que dois desses projetos constituirão adiante o objeto empírico desta investigação.

[65] O Plano Real foi para M. Leitão (2011) o "mais bem-sucedido plano de estabilização do Brasil" (M. Leitão, 2011, p. 251). Foi criado pelo então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso após uma série de planos econômicos ortodoxos e desastrosos, em um momento que a inflação chegava a 40% ao mês. O plano econômico foi implementado por meio de Medida Provisório a 1º de março de 1994; inseriu a Unidade Real de Valor (URV), um padrão monetário de conversão para a moeda corrente, o cruzeiro real. A médio prazo, a URV se converteria em Real, a nova moeda brasileira, a oitava; isso aconteceu a partir de 9 de abril de 1994. Com o sucesso do Plano Real, Fernando Henrique Cardoso candidatou-se à presidente da República, tendo sido eleito e reeleito. A continuidade do Plano Real estava garantida (M. Leitão, 2011).
[66] Trataremos da compilação da Tecnologia Social da Memória ao longo do Capítulo 4.
[67] Recuperado de https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa Acesso em 21.07.2020
[68] Recuperado de https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/ Acesso em 22.07.2024

1.6. Sobre interseções e heranças do patriarcado

Por toda vítima de cada enchente,
De cada seca dura e duradoura;
Por todo escravo ou seu equivalente;
Pela criança que labuta na lavoura;
Por todo pai ou mãe de santo atacada
Por quem exclui quem crê num outro deus;
Por toda mãe guerreira, abandonada,
Que cria sem o pai os filhos seus.

(6ª estrofe da canção *Manifestação*)

A 6ª estrofe da canção *Manifestação* aponta para problemas cruciais do processo histórico brasileiro ainda presentes na contemporaneidade, resultando em mortes, execuções, chacinas e assassinatos[69], que acabam por silenciar as vozes daqueles que estão a viver nas franjas da sociedade brasileira. Entre os múltiplos aspetos que envolvem a questão da violência, Schwarcz (2019) cita o facto de o Brasil ter-se transformado em um corredor de passagem de drogas entre as localidades produtoras da América Latina e as localidades consumidoras, em especial a América do Norte e a Europa. Também os abusos sexuais praticados contra crianças e adolescentes[70], o medo e a insegurança sentida pelos moradores das áreas urbanas e, por fim, a violência no campo contra quilombolas, indígenas e moradores de comunidades rurais tradicionais, que muitas vezes têm seus territórios invadidos por conta das riquezas naturais e pelo avanço do agronegócio devem ser enumerados quando se aborda a violência no Brasil (Schwarcz, 2019).

Por outro lado, a proteção que deveria ser assegurada pelo Estado não se cumpre, uma vez que é o próprio Estado que muitas vezes incorre em violência, seja por meio de chacinas, seja por meio de ações truculentas ou de prisões nas quais os acusados

[69] Em termos percentuais, o *Atlas da Violência 2021* (IPEA, 2021)[69] diagnostica que, de maneira geral, entre os anos de 2008 e 2019 ocorreu uma queda no número de homicídios de 22,1%, mas que estes números devem ser vistos com grande cautela, pois há uma "deterioração na qualidade de registros oficiais" (IPEA, 2021, p. 11). Mesmo assim, o ano de 2019 registou 45.503 homicídios no Brasil, ou seja 21,7 mortes a cada 100 mil habitantes, um número ainda alto. Também de acordo com o *Atlas da Violência 2021* (IPEA, 2021), causas para esta diminuição, ao longo da década seriam três: "a mudança do regime demográfico rumo ao envelhecimento da população e à diminuição do número de jovens; a implementação de ações e programas qualificados de segurança pública em alguns estados e municípios brasileiros; e o Estatuto do Desarmamento" (IPEA, 2021, p. 13). Aliado à isso, o armistício firmado entre corporações de narcotráfico também teria colaborado com a diminuição no número de homicídios, em especial no Norte e Nordeste do país (IPEA, 2021). No entanto, a proposta de flexibilização para a aquisição de armas para a população (em curso desde 2019) e outros fatores que trazem esgarçamento do tecido social brasileiro possibilitam pôr termo a essa sequência de decrescimento do número de homicídios "ao facilitar o acesso a tais armas, a nova regulação pode favorecer a ocorrência de crimes interpessoais e passionais, além de facilitar o acesso das mesmas a criminosos contumazes (traficantes, assaltantes, milicianos, entre outros)" (IPEA, 2021, p. 14).

[70] De acordo com Schwarcz (2019), em 2017 a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República contabilizou 84.049 casos de abuso infantil.

permanecem por meses detidos sem o devido julgamento. Isso gera, de antemão, preconceitos em relação aos inocentes mortos, aos presos de forma injusta e às suas mães, que, na maioria das vezes, são mulheres, negras, pobres, mães solo[71], violentadas, assassinadas. Essas mulheres enfrentam inúmeros, pequenos e indesejados papéis, num claro exemplo de como a interseccionalidade – um conceito que pode ser compreendido, a priori, como a crítica ao racismo patriarcal (Akotirene, 2020) – aprofunda sobremaneira as desigualdades sociais, em especial para as mulheres negras[72]. Desde o Brasil do período colonial, desejada é a mulher branca, casta, virgem e honesta (Priore & Venâncio, 2010), de preferência aquela que traz consigo o dote[73].

A relação com o Outro, de acordo com Schwarcz (2019), evidencia o facto de que "toda sociedade elabora seus próprios marcadores de diferença. Ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência" (Schwarcz, 2019, p. 174). Prosseguindo neste raciocínio, a autora afirma que esses marcadores sociais acabam por condicionar, de forma negativa, "o acesso à saúde, ao emprego, à educação, ao transporte e à habitação" (Schwarcz, 2019, p. 175). Daí resulta a situação de invisibilidade em que esses grupos sociais se encontram relegados.

O aviltamento frente ao Outro e a adoção de uma atitude de superioridade, seja com base em etnia, raça, género, orientação sexual e/ou crença religiosa (ou a ausência dela), desvela uma relação díspar entre as pessoas e/ou grupos sociais. É essa "interpretação de superioridade" (Cortina, 2017) que justifica o uso de atos e palavras violentos frente às minorias sociais, quando então se estabelece uma relação de assimetria, na qual o Outro é objeto de rechaço e depreciação. No entanto, para a autora, o problema não é de raça, nem de etnia e tampouco de estrangeirismo, trata-se de uma patologia social: o horror ao pobre (Cortina, 2017; Abadia, 2019).

Cortina (2017), na ausência de um termo para referenciar a repulsão aos pobres, criou o vocábulo "aporofobia"[74], que vem do grego, *a-poros* que significa "pobre", e *fobeu* que

[71] No Brasil, têm-se usado de forma mais contundente o termo "mãe solo", para as mulheres que criam seus filhos sem a colaboração do homem que os gerou, independente do estado civil e/ou outras formas de relacionamento.
[72] Voltar-se-á a este assunto ao longo do Capítulo 3.
[73] O dote é um mecanismo pelo qual o marido, ao casar-se com uma pretendente, recebia do pai dela, dinheiro ou bens. Trata-se de uma prática antiga herdada dos costumes portugueses (prática essa que também ocorria em Alemanha e que perdurou no Brasil, pelo menos até fins do século XIX, caindo em desuso, principalmente no estado de São Paulo em função do desenvolvimento de um contexto urbano mais complexo (Moura, 2002)
[74] Em artigo publicado ao final de 1995, na coluna Creación ética, do diário ABC Cultural, intitulado Aporofobia (Cortina, 2017)

traz como significado "espantar-se", evidenciando o aspeto patológico da questão. A autora acabou também desenvolvendo o seu conceito: a justificativa para tal é que não há meios para qualificar abstrações (em especial sentimentos) e por isso, é necessário nomeá-las para que se possa também reconhecê-las, estudá-las e analisá-las[75]. Para a autora, "uma cultura moral e política baseada no respeito e na igual dignidade de todas as pessoas, deveria superar estas formas de discriminação cotidiana[76]" (Cortina, 2017, p. 24). Isso porque "é a fobia aos pobres que leva a rejeitar pessoas, raças e etnias que normalmente não têm recursos e, portanto, não podem oferecer nada, ou parece que não podem" (Cortina, 2017, p. 21).

Na 2ª estrofe da canção *Manifestação* – já analisada neste capítulo – o compositor Carlos Rennó também apresenta uma palavra nova, criando o neologismo "pobrefobia". O seu significado aproxima-se à conceituação do vocábulo "aporofobia" na perspetiva trabalhada por Cortina (2017). Ou seja, em *Manifestação*, o compositor Carlos Rennó ao afirmar que o pobre é criminalizado por ser pobre, afirma em realidade que ele é criminalizado pela fobia aos pobres.

Para o PNUD Brasil (2005), a complexidade de se compreender o racismo no Brasil seria uma das causas de sua permanência ao longo do tempo e, consequentemente, o gerador da pobreza e da desigualdade social. O *Relatório de Desenvolvimento Humano. Racismo, violência e pobreza – 2005* (PNUD Brasil, 2005) afirmava que ao lado do mito da "democracia racial" e da noção de "escravidão benigna"[77] apresentada por Gilberto Freyre, está a ausência de leis segregacionistas, as quais acabam por suavizar os contornos do racismo. Isso perdurou ao longo dos anos, mesmo entre vários autores de renome[78]; uma situação que começou a reverter-se somente por volta dos anos de 1950, com os estudos do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes[79], para quem o negro só passou a ser

[75] Isso também ocorre com os conceitos que não podem ser esquecidos tais como islamofobia, homofobia, cristianofobia, xenofobia e racismo entre outros, sendo que, estes dois últimos, apesar de serem tão velhos quanto a própria humanidade, só foram reconhecidos em determinado tempo histórico (Cortina, 2017, Abadia, 2019).
[76] No original: "una cultura moral y política, basada en el respeto a la igual dignidad de todas las personas, debería superar estas formas de discriminación cotidiana" (Cortina, 2017, p. 24).
[77] Conceito menos conhecido do que o "homem cordial" de Gilberto Freyre, a noção de "escravidão benigna" é utilizada em sua obra tanto para referenciar a questão da colonização como a questão da escravidão. Cardão (2020) aponta o facto de que Gilberto Freyre buscou a singularidade da colonização portuguesa, privilegiando "os temas da acomodação e conciliação entre contrários" (Cardão, 2020, p. 50). Por sua vez, Cardozo (2021) revela que o tema da escravidão benigna está presente na obra de Gilberto Freyre desde os seus primeiros textos, de onde se ressalta uma visão de uma escravidão suave e democrática, olhar que foi baseado no uso pioneiro de relatos de viajantes como fontes históricas.
[78] Alguns dos autores mencionados pelo PNUD Brasil (2005) foram trabalhados ao longo do Capítulo 1, tal como Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda.
[79] Depois de ter estudado a sociedade dos Tupinambá em profundidade e ter publicado diversos livros a respeito, Florestan Fernandes publicou, em 1965, o livro *A integração do negro na sociedade de classes*, no qual realiza um estudo sobre as relações raciais no Brasil.

aceite nas indústrias nacionais, em especial as paulistas, pela alta demanda de mão de obra que a imigração de europeus não havia dado conta (PNUD Brasil, 2005). Porém, "mantiveram-se as desigualdades salariais, a intimação dos trabalhadores negros para os trabalhos mais pesados, insalubres e perigosos, e o teto de vidro (as barreiras artificiais e invisíveis) que impediam a ascensão na hierarquia ocupacional" (PNUD Brasil, 2005, p. 129).

A psicóloga e artista interdisciplinar afro-portuguesa Grada Kilomba (2019) define o racismo a partir de três características, todas elas pensadas a partir do sujeito branco ou da branquitude. Primeiramente, a autora ressalta a questão da diferença na forma como a pessoa é percebida, seja devido à sua origem racial ou crença religiosa. Em segundo lugar, também relacionado à questão da diferença, estão os aspetos que envolvem os valores hierárquicos, na qual "essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade" (Kilomba, 2019. P. 75). Por fim, para Kilomba (2019), o terceiro marcador de diferença está alicerçado em torno da questão do poder em suas múltiplas dimensões: histórica, política, espacial e/ou económica. Para a autora, o racismo, que alia poder e preconceito, se configura pela "*supremacia branca* [sendo que] outros grupos raciais não podem performar o racismo, pois não possuem esse poder" (Kilomba, 2019, p. 76, grifo do autor).

O racismo se dá no Brasil, de acordo com o *Relatório de Desenvolvimento Humano. Racismo, pobreza e violência – 2005* (PNUD Brasil, 2005), pela dimensão política da pobreza, que se traduz pela baixa representatividade de negros nas altas esferas políticas e em posições de relevância nas empresas, de onde emerge o facto de que essas minorias sociais – como já delineado ao início deste trabalho de tese – estão alienadas dos processos decisórios, tanto de recursos coletivos, como de bens particulares.

Em consonância com o pensamento de Amartya Sen[80], que defende que o desenvolvimento deve estar centrado na realização da pessoa como indivíduo, *o Relatório de Desenvolvimento Humano. Racismo, pobreza e violência – 2005* (PNUD Brasil, 2005) ressalta que o paradigma do desenvolvimento humano põe foco na "expansão das liberdades, aqui entendidas como possibilidades de os indivíduos e as coletividades realizarem plenamente suas potencialidades" (PNUD Brasil, 2005, p. 55). Desta forma, a

[80] Pensamento esse que será detalhado no Capítulo 2 da presente tese.

alienação dos negros e de outras minorias sociais acabam por gerar uma invisibilidade que os aproxima ainda mais da pobreza política e da pobreza social.

1.7. Os movimentos sociais no Brasil e os ativismos

Eis aqui a face escrota
De um modelo que se esgota.
Policiais não defendem;
Políticos não contentam;
Uns nos agridem ou prendem;
Outros não nos representam.
E aquele que não é títere,
E é rebelde coração,
Vai no Face, no zapp e Twitter e
Combina um ato ou ação…

(7ª estrofe da canção *Manifestação*)

A 7ª estrofe da canção *Manifestação* assinala o sentimento de uma fração da sociedade brasileira – tradicionalmente hierárquica e desigual – que não se sente protegida e nem representada. Trata-se de um exemplo dos resquícios do Brasil durante o período colonial, no qual teve lugar um mundo conectado pela lógica imperialista, que criou a exploração mercantilista de outras terras, que trouxe a escravidão pela etnia ou cor da pele, algo comum nas *plantations* e também a violência sexual contra as mulheres africanas e indígenas escravizadas (Fausto, 2009; Lopez & Mota, 2008).

A canção alerta também para a ideia de livre-arbítrio no que diz respeito ao direito de manifestar a indignação, dado que nem todos são autómatos ou títeres, como sua letra ressalta. Ao afirmar que entre Uns e Outros a população não se sente representada, resta às minorias planear, por rebeldia, um ato ou ação, os quais são convocados por meio de dispositivos tecnológicos com ativação das redes sociais digitais, para manifestarem sua irritação nas ruas, avenidas e/ou praças e foram denominados como os Novos Movimentos Sociais.

Essa expectativa de mudança, na contemporaneidade, foi alavancada por uma nova condição habitativa trazida pela chamada Era Digital, a qual possibilita uma nova forma de ser e estar no mundo: desterritorializada, fluída, conectada, que celebra a não-separação entre humanos e não-humanos, que busca a superação das dicotomias, em

especial do sujeito/objeto, do humano/não-humano (Di Felice, 2009, 2012). Neste espectro, a ação social deslocou-se para uma ação conectiva que traz a perspetiva do Net-ativismo, compreendido como uma forma de protesto que tem seu ponto inicial nas redes sociais digitais, mas que não necessariamente se converte em ação presencial[81].

A canção de Carlos Rennó avança na conformação dos novos movimentos sociais na contemporaneidade, cujo conceito, para Ghon (2000), abarca um conjunto díspar de fenómenos sociais que podem ser definidos como "ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais" (Ghon, 2000, p. 13). Para a autora, os primeiros movimentos sociais ocorridos no Brasil eram em sua maioria de cunho separatista ou como forma de protesto, porém também havia movimentos de reivindicação de direitos para diversas categorias de trabalhadores[82] e/ou movimentos das classes populares[83] (Ghon, 2000). Paralelamente a esses primeiros movimentos de protesto de carácter urbano, os processos de urbanização e industrialização ocorridos no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930 aumentaram o agravamento das problemáticas sociais e deram origem a um grande número de organizações voltadas para as práticas da solidariedade, entre eles "sindicatos, associações profissionais, federações e confederação que defendiam interesses coletivos mais específicos, mas também vincularam o setor privado a práticas da doação e da assistência, nomeadamente ao operariado" (C. E. G Silva, 2010, p. 1307).

Entretanto, em termos históricos, Ghon (2000) assinala que os primeiros movimentos sociais que ocorreram no Brasil eram, em sua maioria, de cunho separatista, como a Revolução Pernambucana (1817) e a Inconfidência Mineira (1789). Porém, é no período subsequente à abdicação de Pedro I ao trono brasileiro, que esses movimentos se caracterizaram como movimentos de protesto, tendo sido denominados, de forma generalizada, de revoltas provinciais. Os levantes[84] ocorreram em um curto período de

[81] Voltar-se-á à tais conceitos no subitem 1.4 *Do desejo de conectividade*, deste mesmo capítulo, e de forma mais detalhada/aprofundada no Capítulo 3 que versa sobre as questões da Comunicação.
[82] O grande exemplo é a Revolta da Chibata, de 1924, quando marinheiros – em sua maior parte negros e/ou pardos – se rebelaram contra a prática de castigos corporais aos quais eram submetidos de acordo com Código de Conduta da Marinha. Era a extensão das práticas esclavagistas que ocorriam nas plantações para o convés dos navios brasileiros.
[83] A exemplo da Revolta da Vacina, de 1904, quando o médico sanitarista Osvaldo Cruz organiza uma grande campanha de saneamento do Rio de Janeiro. A capital do Brasil, à época, representava um enorme foco de doenças tropicais e um obstáculo para o desenvolvimento da jovem república. As equipas de controlo dos mosquitos e ratos (causadores da febre amarela e peste bubônica) eram bem toleradas pela população, mas a obrigatoriedade da vacina contra a varíola mexeu com os brios dos cariocas, que, ensandecidos, tomaram o centro da cidade entre 10 e 13 de novembro, indo às vias de facto para uma depredação em massa (Carvalho, 2004). Recuperado de https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0711200402.htm Acesso em 10.10.2021
[84] Também conhecidos como revoltas provinciais ou nativistas.

quatro anos e se espalharam por todo o país, sendo impossível a sua generalização, dado que algumas destas revoltas traziam reivindicações específicas e locais.

Na impossibilidade de o príncipe Pedro II assumir o governo devido à sua idade (5 anos na época), foram os regentes da Regência Trina Provisória que combateram quase todas essas revoltas – com maior ou menor uso da força – exceção apenas para a Farroupilha, a qual durou dez anos. Coube a eles – os regentes – governar de forma a manter a coesão geográfica e identitária daquela que tinha sido a maior colónia de Portugal. Assim, após a promulgação do Ato Adicional de 1834 – que fez alterações e adições na Constituição de 1824, determinando, entre outras coisas, a supressão do Conselho de Estado e a criação das Assembleias Provinciais com maiores poderes, em substituição aos antigos Conselhos Gerais –, ocorreram a Cabanagem, no Pará (1835/1840), a Sabinada, na Bahia (1837/1838), a Balaiada, no Maranhão (1838/1840) e a Farroupilha, no Rio Grande do Sul (1836/1845) (Ghon, 2000).

Esse momento foi paradoxal, pois "a Regência procurou dar alguma autonomia às Assembleias Provinciais, descentralizando a administração. Ocorre que, agindo nesse sentido, os regentes acabaram incentivando as disputas entre elites regionais pelo controle das províncias cuja importância crescia" (Fausto, 2006, p. 165).

No que tange às reivindicações sociais destas primeiras manifestações por uma nova ordem social e política, identificadas por Ghon (2000), como sendo fundadores dos movimentos sociais no período do Brasil-colónia, é importante destacar aquela que é considerada a revolta mais popular ocorrida no Brasil antes de sua independência, a Conjuração Baiana. Esta revolta teve lugar na Bahia, ao final do século XVIII e pode ser considerada "a primeira revolução social brasileira". É o que defende Affonso Ruy (1970), em obra que traz este mesmo subtítulo.

Tendo em suas fileiras membros advindos das camadas mais empobrecidas da sociedade baiana, formadas por negros libertos, negros escravizados ou brancos empobrecidos – tais como alfaiates, soldados e artesãos – a Conjuração Baiana teve início em 12 de agosto de 1797, quando várias casas de Salvador amanheceram com as paredes plenas de cartazes conclamando o povo para aderir à revolução. Ruy (1970) ainda aponta indícios de um posicionamento político mais à esquerda dos participantes, na medida em que afirma que se tratava de um "trabalho lento, persistente, de massas doutrinadas, conscientes" (Ruy, 1970, p. 16).

Releva assinalar que o movimento foi duramente reprimido, com prisão – e posterior degredo ou enforcamento – de diversos dos envolvidos, quer estivessem na cidade, quer estivessem no subúrbio ou no campo. Isso ocorreu 14 dias após os soteropolitanos[85] terem lidos os cartazes que clamavam pela busca de igualdade: "Animai-os Povo bainense que está pra chegar o tempo feliz da nossa Liberdade: o tempo em que todos seremos irmãos: o tempo em que todos seremos iguais" (Ruy, 1970, p. 67).

Porém, ao comparar a Inconfidência Mineira[86] (1789) com a Inconfidência Baiana (também conhecida como Conjuração dos Alfaiates), Lopez e Mota (2008) assinalam que o *leitimotiv* para os inconfidentes era a situação colonial, dado que grande parte deles eram proprietários de terra. Porém, no segundo caso, os autores corroboram a questão do social em detrimento das questões da independência em relação à Metrópole, assinalando que "o problema era mais social que colonial [...] por esse motivo verificou-se em Salvador, maior circulação de conceitos como 'riqueza', 'miséria', 'opulência' que de outros termos como 'independência'" (Lopez & Mota, 2008, p. 300). Dado que os revoltosos vinham das camadas das classes populares, não-proprietárias, "nesse sentido foi mais profundo o movimento [baiano] do que o de Minas" (Lopez & Mota, 2008, p. 300). Ainda assim, afirmam os autores ser o movimento parte de um longo processo em busca da independência, isso porque "as atitudes dos revolucionários prenunciavam um tempo no qual os ideais de liberdade e igualdade marcariam os povos do mundo, com as revoluções liberais e nacionais e com a descolonização" (Lopez & Mota, 2008, p. 298).

Já no período do Brasil Republicano, a Era Vargas (1930-1945) pode ser compreendida como um período de avanços e retrocessos no que diz respeito às conquistas sociais. Por um aspeto, aplicou-se uma legislação que beneficiava o trabalhador, em especial com a criação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), por outro lado foi um período de

[85] Denominação dada aos habitantes da cidade de Salvador (Estado da Bahía).

[86] Apesar do facto de que tanto a Inconfidência Mineira (1789) como a Baiana (1798) terem representado as aspirações para uma outra ordem social, elas guardam também tanto momentos de distanciamento como de aproximação. Para Fausto (2009), de uma maneira geral, os revoltosos não constituíam um grupo homogéneo e nem tinham a mesma ideologia. Os inconfidentes mineiros faziam parte de uma elite local e tinham como inspiração os revolucionários norte-americanos, chegaram até mesmo a enviar representantes dispostos a reunir-se em Paris com Thomas Jefferson (Lopez & Mota, 2008). Já a Conjuração dos Alfaiates ou Inconfidência Baiana se caracterizava pela presença de pessoas afrodescendentes ou então brancos das camadas mais baixas da sociedade baiana (artesãos, soldados ou profissionais liberais) que viviam dias difíceis para a sobrevivência, seja pela escassez de alimentos, seja pela carestia dos mesmos (Fausto, 2009). Para Lopez e Mota (2008), a questão da propriedade da terra, de gado e de lavouras é o que mobilizava os inconfidentes mineiros (daí a aproximação com os norte-americanos), ao passo que os inconfidentes baianos – que não eram proprietários de terras – preocuparam-se mais com a questão social do que com a questão colonial, "e só nesse sentido foi mais profundo o movimento do que o de Minas (Lopez & Mota, 2008, p. 300).

grande repressão – incluindo a coibição à atuação dos movimentos sociais –, em especial a partir de 1937 com a instauração do Estado Novo.

Para Fausto (2009), um dos aspetos mais coerentes de Getúlio Vargas foi a política trabalhista, que entre 1930 e 1945 passou por várias fases, mas desde logo se apresentou como inovadora em relação ao período anterior. Teve por objetivo reprimir os esforços organizativos da classe trabalhadora urbana fora do controlo do Estado e atraí-la para uso do governo. Neste sentido, a repressão abateu-se sobre partidos e organizações de esquerda, especialmente o PCB. Por outro lado, durante o período getulista criou-se uma política governamental específica. Em primeiro lugar com a criação, em novembro de 1930, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

> Seguiram-se leis de proteção ao trabalhador, de enquadramento dos sindicatos pelo Estado, e criavam-se órgãos para arbitrar conflitos entre patrões e operários - as Juntas de Conciliação e Julgamento. [...] O sindicato foi definido como órgão consultivo e de colaboração com o poder público. Adotou-se o princípio da unidade sindical, ou seja, do reconhecimento pelo Estado de um único sindicato por categoria profissional (Fausto, 2009, p. 335).

Entre os avanços estava a Constituição de 1934 que afirmava que o Estado brasileiro assumia o modelo de Estado Social. Para C. E. G. Silva (2010), "iniciou-se um período caracterizado por forte dependência económica do Estado, que passou a exigir prestação de contas e a exercer maior controle sobre a gestão financeiro-administrativa das organizações" [87] (C. E. G. Silva, 2010, p. 1307).

Os anos que antecederam o período militar (1961-1964) caracterizaram-se pela organização de grandes movimentos que tinham como bandeiras a reforma agrária, a cultura e a educação[88]. O Golpe civil-militar de 1964 representou o fim de um grande momento de mobilização popular; porém, aos poucos e nas franjas da igreja, do operariado e da educação, a resistência começava a se organizar com a emergência de movimentos sociais que colocam em discussão o direito das minorias.

[87] C. E. G. Silva relata ainda que foi somente em 1916, com o Código Civil que essas organizações passaram a ter sua existência garantida como entidade jurídica, podendo ser classificadas como associações, fundações e sociedades civis sem fins económicos. Porém as igrejas foram consideradas como pessoas jurídicas de direito privado. Por outro lado, em 1935 as organizações que serviam desinteressadamente à coletividade poderiam receber o título de Utilidade Pública Federal, por meio da Lei 91/1935. (C. E. G. Silva, 2010, p. 1307)

[88] É desta época que Paulo Freire vai desenvolver e aplicar as suas teorias sobre uma educação inclusiva e para todos, que é criada a Universidade de Brasília, por Darcy Ribeiro e que um extenso programa de cultura popular gerido com a implantação de várias unidades chamadas de Centro Popular de Cultura (CPC).

No momento da luta pela redemocratização do Brasil é que entram em cena novos atores sociais, processo que foi corroborado pela Constituição de 1988. C. E. G. Silva (2010) aponta que a Carta Magna de 1988, também chamada de Constituição Cidadã foi aprovada dentro de um amplo processo de mobilização social, que, entre outras questões, introduziu novos direitos civis e socioeconómicos, bem como estabeleceu os princípios da descentralização na promoção das políticas sociais. É, pois, neste contexto que se dá a ascensão do Terceiro Sector no Brasil (C. E. G. Silva, 2010, p. 1311).

Potencializado a partir da ocorrência da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Diversidades, em 1992, no Rio de Janeiro, Brasil, o emergente Terceiro Sector foi qualificado por Gohn (2000) como uma espécie de Frankenstein, pois "é contraditório, agrega tanto organizações de direita como de esquerda, conservadoras e progressistas, as que trabalham com processos de empoderamento e as que são meramente assistencialistas" (Gohn, 2000, p. 22). Para esse processo, a autora advoga a ideia de que as ONGs militantes dos anos 1970 e 1980, que estavam por detrás dos principais movimentos sociais desta época,

> [...] construíram um conjunto de práticas que se traduzem numa cultura de cidadania, algo novo num país de tradição centralizadora, autoritária, patrimonialista e clientelista. Suas ações abriram espaços que demarcaram novos "lugares' para a ação política, especialmente no âmbito do poder local e no meio urbano, na gestão das cidades" (Gohn, 2000, p. 24).

Assim, as mudanças estruturais pelas quais o Brasil passou, principalmente com os governos mais recentes (1997-2006), com o fim da inflação, a estabilização da moeda – por meio do Plano Real – e a consolidação dos processos democráticos, bem como a adesão a práticas neoliberais, favoreceu a constituição de novas ONGs, já sem o perfil ideológico e longe do caráter de militância que as primeiras tinham. Porém, o que Ghon (2000) ressalta é que, para além da precisão do campo de atuação das ONGs militantes, com a distinção das novas ONGs que se auto intitulam Terceiro Sector, estão

> [...] as mudanças nas políticas sociais dos Estados Nacionais decorrentes da implantação de um novo modelo de desenvolvimento, de desconcentração de várias atividades estatais na área social, levando à desativação da atuação direta e transferência da operacionalização de vários serviços para o setor privado sem fins lucrativos, etc. (Gohn, 2000, p. 26).

Entre 2010 e 2013 ocorreu uma série de manifestações quase simultâneas no norte da África e no Oriente Médio, as quais ficaram conhecidas como Primavera Árabe. Castells (2017) observou um novo padrão de movimento social, característico de uma sociedade em rede que estava em curso, os quais ele denominou de novos movimentos sociais[89]. Na esteira dos acontecimentos da Primavera Árabe, o Brasil também foi tomado por diversas manifestações. De acordo com Magalhães e Miranda (2018), ao tempo da queda dos regimes ditatoriais do Oriente Médio, o Brasil vivia os primeiros protestos contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, na Amazónia, por meio da atuação do Movimento Gota d´Água. O país confrontou-se com diversas reivindicações que envolviam corrupção, carestia, má qualidade dos serviços públicos, questionamentos políticos e até mesmo o facto de sediar a Copa do Mundo em 2014.

As palavras de ordem ditas nos diversos protestos, ao longo de 2013 e 2014, mobilizaram milhões de pessoas nas ruas[90]. A despeito dos contextos específicos nos quais ocorreram, essas manifestações "ressaltam uma ligação fundamental entre si: a importância das redes sociais digitais como elemento participante em uma nova forma de promover o ativismo" (Magalhães & Miranda, 2018, p. 39).

Di Felice (2009, 2010, 2013) sustenta que é o advento de uma nova condição habitativa – à qual ele denomina de Atopia[91] – estruturada a partir de fluxos comunicativos e redes informacionais que permite a ascensão dos novos movimentos sociais que convocam para a ação cívica (Babo, 2017) por meio das TIC. São movimentos que clamam pela diminuição das desigualdades sociais, anseiam por reformas políticas e expressam também a sua indignação e esperança de justiça, bem como reivindicam reformas políticas (Castells, 2017). Observa-se que essas manifestações não só são convocadas por meio das redes sociais digitais como também são por elas "filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas *online*, o que retro-alimenta o movimento" (Di Felice, 2013, p. 58, grifo do autor).

[89] Para Castells (2017), essas manifestações - em surgiram a partir de uma confluência de fatores, entre eles a repressão política, as más condições económicas e uma massa de jovens instruídos em situação de subemprego ou desempregado.
[90] Em comparação com as manifestações pelo movimento em prol da campanha "Diretas Já", que arregimentou 400 mil pessoas em 1984, o dia 13 de março de 2016, de acordo com o El País, "foi a maior manifestação de rua da história da democracia do país depois do fim da ditadura", pois cerca de três milhões de pessoas foram às ruas em 229 cidades brasileiras. Segundo o jornal esta foi a quinta vez em que manifestantes tomaram os espaços públicos pedindo o *impeachment* da presidenta Dilma Roussef. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/politica/1457906776_440577.html Acesso em 08.10.2021
[91] Conceito que será detalhado no Capítulo 3 da presente tese.

A esse movimento, Di Felice (2017a, 2017b) denomina Net-Ativismo e se caracteriza por desdobramentos das ações conectadas; manifestações que nascem na rede, mas, ao tomarem as ruas, materializam-se em geografias informativas, uma ação que se retroalimenta continuamente entre as redes digitais e esses espaços materiais (Di Felice, 2013). Esse olhar mostra-se contrário do que apresenta Castells (2017) quando este defende a conceção de que os novos movimentos sociais se organizam nas redes digitais, utilizando-se para isso do ciberespaço e tomam o espaço das praças e ruas, caracterizando-se pela alternância dos modos *online* e *offline* Castells (2017).

É neste sentido que se amplia o significa da canção Manifestação, de Carlos Rennó: o encorajar a população a tomar as ruas, por meio de atos conectivos com o ideal de superar as desigualdades sociais, a partir do uso das redes sociais digitais[92].

1.8. À guisa da primeira reflexão: a utopia de Pe. António Vieira e a soma de todos os anseios

A soma de todos os anseios expressos ao longo da canção *Manifestação* insere-se na proposta de excluir a exclusão, pelo clamor de uma sociedade justa, alicerçada no Estado de bem-estar social que se responsabiliza por uma agenda avançada em termos de saúde e saneamento, segurança e educação, infraestrutura e lazer e que propicie a coesão do tecido social. Para tal, é necessário que pessoas, grupos sociais e organizações desenvolvam uma tomada de consciência crítica não só para a compreensão de sua realidade, mas para a sua efetiva transformação em um processo de empoderamento que leva essas mesmas pessoas, grupos sociais e organizações a atuarem em prol de suas prerrogativas; a vontade de escrever uma outra história, qualquer que seja a sua temporalidade.

Na busca desta promessa de diversidade, que aos poucos vai se configurando em terras brasileiras com a fundação de um "povo novo" na aceção de Darcy Ribeiro (2006), como já assinalado anteriormente, verificamos que é Pe. António Vieira – atuando sempre em confluência entre mundos diversos, em especial o Novo e o Velho Mundo, mas também entre o religioso e o diplomático, entre brancos e indígenas, entre a Corte e as Missões – quem desenvolve um pensamento utópico de fazer de Portugal não só uma grande Nação, mas projetá-la, a partir dos territórios conquistados no período das grandes navegações

[92] Voltar-se-á a esta temática de forma mais aprofundada ao longo do Capítulo 3.

intercontinentais, "como vanguarda do mundo" (Franco, 2009, p.103). A utopia de Pe. Vieira é que Portugal assuma – dado o seu papel preponderante frente às Grandes Navegações Intercontinentais –, um estatuto reservado a alguns povos das civilizações antigas, os quais tomaram para si a sua condição de império, tal como os persas, os assírios, os gregos e os romanos. Para Pe. Vieira, o destino da Cristandade e do mundo, nos finais do século XVII, estava nas mãos e no sangue português; e a Companhia de Jesus fazia parte deste plano divino.

Pe. António Vieira, nasceu em Lisboa no ano de 1608, mas desde os seis anos de idade passou a ser morador no Brasil, tendo vindo com sua família para Salvador (BA), onde seu pai exerceria o trabalho de escrivão. Ele representa o luso-brasileiro que transita bem entre a esfera política e a esfera religiosa, entre o Brasil, Portugal, Holanda, Espanha e Itália, em especial, Roma; entre os indígenas e os colonos, entre reis, fiéis e inimigos; desempenhando os papéis de padre, confessor, escritor e diplomata. Tendo logrado lugar de destaque ao ingressar na Companhia de Jesus[93], pouco tempo depois de ter chegado a Salvador, produziu desde a mais tenra idade uma obra monumental, composta por relatórios, cartas, sermões, documentos políticos e proféticos, teatro e também poesia. Macedo (2013) ressalta que Pe. Vieira caracterizava-se por ser um "exímio pregador, dom que veio a utilizar em defesa dos índios, dos negros, dos judeus e demais desprotegidos face às injustiças do mundo em que viveu" (Macedo, 2013, p. 99), uma espécie de porta-voz dos povos subalternizados.

É na singularidade do pensamento de Pe. Vieira que se celebra a proposta de diversidade sob dois aspetos: o desenvolvimento de um pensamento utópico por meio da escrita de diversos textos que imprimem a Portugal o lugar de cabeça do Quinto Império – posição já ocupada por outros impérios, como assinalado acima – e a sua defesa em favor das comunidades indígenas, posicionando-se contra a escravidão dos mesmos, o que lhe rendeu a expulsão do Maranhão no ano de 1661. Trata-se de uma postura nem sempre assumida, de forma clara, pela Companhia de Jesus.

Seu último texto – *A Chave dos Profetas* –, ainda que inacabado, representa o ponto máximo de um pensamento que já vinha se estruturando formalmente desde 1662, por

[93] Pde. Vieira, ainda no primeiro biênio de seu noviciado fora encarregue pelos padres de escrever a Carta Ânua referente aos anos 1624-1625. Espécie de relatório sobre os ocorridos na Bahia, A. Bosi (2009) ressalta o facto de com que este trabalho de Vieira, é possível vislumbrar não "apenas a perícia linguística e estilística do colegial de dezassete anos de idade: vale também como documento de um olhar observador capaz de relatar com precisão os momentos dramáticos vividos pela população da Bahia durante a primeira invasão holandesa" (A. Bosi, 2011, p.12).

ocasião da pregação do Sermão da Epifania[94], destacando-se por seu "idealismo reformista da fraternidade entre as raças e a exaltação do bem" (L. A. O. Santos, 2009, p. 100).

O Mito do Quinto Império, nas obras de Pe. António Vieira, representa uma releitura das profecias de Daniel, incorporando as crenças do sapateiro Bandarra, um profeta que acreditava na ressurreição de Dom Sebastião[95]. O desaparecimento de Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, deu início ao período conhecido como União Ibérica (1580-1640). Nos três textos, ao tempo em que reivindica à nação portuguesa a assunção do papel de Império do século XVII, Pe. Vieira também defende o estatuto de uma nação grandiosa. Isso se baseia na "mitificação das origens do Reino de Portugal, engrandecimento das suas gestas bélicas e das suas viagens marítimas, o descobrimento e expansão configurando uma história épica, glorificação da idade de ouro e da nova era da humanidade criada" (Franco, 2009, p. 102). O Brasil, terra situada nos trópicos, com sua gente alegre e inocente, é apresentado como o *lócus* da consubstanciação desta utopia.

Quanto ao africano escravizado, se nos textos de Pe. Anchieta, ele é descrito como submisso e dócil ao trabalho escravo; em Pe. Vieira, vislumbramos, incluindo o Sermão da Epifania, que a cor da pele não deve ser critério para a estratificação da sociedade. Macedo (2013) também enfatiza que alguns excertos deste texto

> [...] apesar de curtos, dão bem conta de um tipo de pensamento no qual o sonho de harmonia e paz entre os povos toma a primazia sobre a avidez e o lucro, pensamento esse que o jesuíta não só difundiu, como também evidenciou nas suas práticas" (Macedo, 2013, p. 101).

A proposta Pe. Vieira – que a princípio parece "proteger" ou se preocupar com os indígenas, pode ser compreendida como proposta diretamente ligada ao projeto colonial. Isso significa que o Estado decidia sobre o destino, a identidade, os interesses e também as necessidades dos seus habitantes.

Ao longo da história brasileira, principalmente no seu processo de urbanização e modernidade, bem como com o advento da República, surgiram outras propostas utópicas que procuraram se concretizar. Essas propostas vieram da sociedade em geral, por meio

[94] Proferido por Padre Antônio Vieira em Lisboa, na Capela Real em pregação à rainha Dona Maria Luísa de Gusmão, regente de Portugal e a D. Afonso VI, ainda adolescente.
[95] Sucedeu-lhe no trono Filipe I, da casa dos Habsburgos, rei da Espanha. Daí o início da União Ibérica. Filipe II recebeu em Portugal o nome de Filipe I. O Pacto de Tomar (1581) garantiu a autonomia de Portugal, incluindo a sua maior colónia, o Brasil.

de movimentos ou grupos sociais que foram tratados como caso de polícia e violentamente reprimidos, tais como as experiências no sertão de Canudos e do Contestado (Darcy Ribeiro, 20060, Lopez & Mota, 2008).

Esses espaços de liberdade, assim como os quilombos e as missões jesuíticas quase sempre se configuraram como o *lócus* não só da diversidade, mas do anseio de justiça e de igualdade, frente ao *establishment*; por isso, na maior parte das vezes, foram reprimidos violentamente. Darcy Ribeiro (2006) menciona que os jesuítas, uma vez arrependidos do seu papel inicial de converter, em nome de Deus, as almas indígenas, procuraram instalar "um projeto utópico de reconstrução intencional da vida social dos índios destribalizados" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 54). Eles estabeleceram missões nas quais os indígenas eram concentrados – depois de atraídos pelos padres ou subjugados pelo braço secular – em comunidades de fé realmente organizadas como economias autossuficientes, ainda que também tivessem alguma produção mercantil. Essa estrutura denotava uma clara organização que corria em paralelo com as ordenações da Coroa, pois o "projeto jesuítico de ocupação do território brasileiro era diametralmente oposto ao projeto colonizador português" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 50). A utopia de Pe. Vieira se revela como uma utopia de base socialista dado que

> [...] a tarefa a que os missionários se propunham não eram transplantar os modos europeus de ser e de viver para o Novo mundo. Era, ao contrário, recriar aqui o humano, desenvolvendo suas melhores potencialidades, para implantar, afinal, uma sociedade solidária, igualitária, orante e pia, nas bases sonhadas pelos profetas (Darcy Ribeiro, 2006, p. 55).

Essa é a utopia Brasil, tanto de Pe. Vieira, como de Darcy Ribeiro, que manifesta o anseio de que o Brasil venha a ser como uma "Roma tardia e tropical [que traz o desejo de ser] potência econômica, de progresso auto-sustentado [...] uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma" (Darcy Ribeiro, 2006, p. 411).

As grandes navegações intercontinentais, engendradas pelos ibéricos, além de apresentarem à Europa a circum-navegação da África e a descompartimentação do mundo revelaram a diversidade de outros povos. O velho continente, deixou de ser o único território conhecido e, a despeito disto, procurou manter-se como referência mestra pela prática do colonialismo engendrado tanto no século XVI nas Américas, como no século XIX em África. Porém, é fundamental reconhecer que ao lançarem-se ao Mar Oceano, os ibéricos conferiram uma dimensão planetária à civilização ocidental, ao mesmo tempo

em que adentraram a outros espaços culturais, seja pelo conhecimento produzido pelos próprios nautas, seja pelo encontro com a diversidade do Outro (Macedo, 2013).

No entanto, é crucial refletir acerca do impacto dos processos de colonização e colonialismo, bem como das lutas pela independência – cada qual a seu tempo e em seu processo histórico – sobre as populações do chamado Novo Mundo. Isso é especialmente relevante no que diz respeito à questão do desenvolvimento que, segundo C. A. Furtado (2014), foi incorporado como um facto emancipatório que permitiria aos países colonizados, em especial os africanos, a consubstanciação do sonho de "modernização" (C. A. Furtado, 2014, p. 97). Esse entendimento justificou as guerras de libertação, os conflitos armados e as guerras civis em África. Esses são os principais temas trabalhados ao longo do próximo capítulo, que abordará questões relacionadas à desigualdade social, à pobreza e aos múltiplos conceitos de desenvolvimento, que, de acordo com o sociólogo F. B. Ribeiro (2017), deve ser escrutinado para sua ampla compreensão.

Para finalizar esta reflexão, convocamos a imagem do sacrifício para a formação do império além-mar constituído pelos portugueses – e que agregava, além do imenso Brasil, pequenos territórios tais como Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe, e grandes áreas como Angola, Moçambique, bem como em Índia, Goa, Damão, além de Macau e Timor-Leste. Nesse intricado conjunto de terras, povos, culturas e formas de viver – e nas quais podia-se realizar a profecia de Pe. Vieira, de Portugal fazer-se império – é que concretiza-se a grandiosidade do que se esperava de Portugal, como celebra Fernando Pessoa no poema *Mar Português*[96]:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, (1972 [1933])

[96] Mar Português faz parte da coletânea *Mensagem.* único livro de Fernando Pessoa publicado em vida, no ano de 1933.

Capítulo 2 – Das utopias do desenvolvimento

...Por todo defensor da natureza
E cada ambientalista ameaçado;
E cada vítima de bullying indefesa;
E cada transexual crucificado;
E cada puta, cada travesti;
E cada louco, e cada craqueiro;
E cada imigrante do Haiti;
E cada quilombola e beradeiro;

Pelo trabalhador sem moradia,
Pelo sem-terra e pelo sem-trabalho;
Pelos que passam séculos ao dia
Em conduções que cansam pra caralho;
Pela empregada que batalha, e como,
Tal como no Sudeste o nordestino;
E a órfã sem pais hetero nem homo,
E a morta num aborto clandestino.

(8ª e 9ª estrofes da canção *Manifestação*)

As 8ª e 9ª estrofes de *Manifestação* inferem, de maneira geral, sobre a questão da violência no Brasil que atinge um número expressivo de atores sociais, os quais vivem nas franjas da sociedade e sofrem cotidianamente o impacto das agressões verbais, do olhar enviesado, dos espancamentos, das mortes encomendadas, dos assassinatos e das execuções. Se de um lado estão o louco e o craqueiro, ambos alienados da realidade em que vivem; de outro lado, encontra-se a mulher que em sua condição de subalternidade rende-se a horas de trabalho estafante, não-reconhecido e de baixa remuneração[97].

A desigualdade social no Brasil também pode ser compreendida pela baixa oferta de emprego existente no mercado de trabalho, o que resulta em pessoas desocupadas, subutilizadas, envolvidas em trabalhos informais ou com baixos rendimentos. Essa situação, como a canção *Manifestação* assinala, faz com que uma pessoa, mesmo se ocupando, seja um sem moradia ou um cidadão desempregado. Um facto é que o mercado

[97] Os dados de 2019 apontam que o nível de ocupação dos homens assinalou uma taxa de 65,5%, ao passo que para as mulheres o nível de ocupação atingiu a taxa de 46,1%. Também são as mulheres, em sua maioria, as que se responsabilizam pelos afazeres domésticos, uma vez que os dados apontam que são 92,1% das mulheres e 78,6% dos homens que realizam afazeres domésticos no domicílio ou em domicílio de parente (Síntese de Indicadores Sociais, 2020).

de trabalho no Brasil é "fortemente caracterizado por baixas remunerações, elevadas desigualdades entre grupos de população ocupada, altas taxas de informalidade e marcante heterogeneidade entre os setores produtivos" (IBGE, 2020, p. 12)[98]. É importante também destacar que as populações negras ou pardas, em função da sua baixa escolaridade, têm, em sua maioria, ocupações com baixo nível de rendimento, especialmente na agropecuária, na construção civil e nos serviços domésticos[99].

Mesmo com essas problemáticas, nas duas primeiras décadas do século XXI, o Brasil encarnava o sonho de uma vida melhor para milhares de refugiados latino-americanos, em especial o haitiano, como *Manifestação* destaca. O *Resumo Executivo do Relatório Anual 2020 OBMigra* (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2020), que traz dados comparativos sobre refugiados e solicitantes de refúgio ao longo da década de 10 do século XXI – assinala que ingressaram no Brasil, em condições legais (refugiados e solicitantes de refúgio), entre 2011 e 2019, o expressivo número de 1.085.673 pessoas, das quais 339.372 são mulheres[100].

Também nestas duas estrofes de *Manifestação*, o autor menciona a vítima de *bullying*, a morta durante ou após o procedimento do aborto e a pessoa que cresce órfã, numa alusão à falta de políticas públicas de saúde física e mental. Isso também configura uma violência do Estado contra estes sujeitos, que acabam entregues à sua própria sorte, numa situação de abandono social e do qual emerge o preconceito contra a comunidade LGBTQI+.

No Brasil, de acordo com o Instituto Ethos[101] (2016), as políticas públicas voltadas para os direitos humanos, para a igualdade racial e para os jovens e as mulheres receberam atenção especial entre os anos de 1997 e 2016, levada adiante por governos mais progressistas, por meio da criação da Secretaria de Direitos Humanos. Foi um período que contou com importantes avanços, principalmente no combate à pobreza, ao trabalho escravo contemporâneo e à discriminação racial e de género, por meio de programas governamentais, políticas públicas e a implementação da política de cotas raciais que

[98] O referido estudo também afirma que foi Celso Furtado, em seu livro clássico *Formação Econômica Brasileira*, quem demonstrou que o modelo económico brasileiro baseado na abundância de recursos naturais e também humano teve grande contributo para uma elevada concentração de renda no país (IBGE, 2020).
[99] O relatório do IBGE intitulado *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, para o ano de 2020 afirma que, em 2020, a população de cor e/ou raça branca que se encontrava empregada ganhava cerca de 73,4% a mais do que a população de cor e/ou raça preta ou parda (IBGE, 2020).
[100] Também é assinalado pelo referido relatório que o fluxo de imigrantes, em 2019, é oriundo de toda a América Latina, mas com predominância de haitianos e venezuelanos. Corroborando com essa informação, o relatório *Refúgio em Números* (Cavalcanti *et al*., 2021) especifica que em 2020, o número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado que vem do Haiti foi da ordem de 6.613 pessoas, ao passo que da Venezuela foi da ordem de 17.385.
[101] Disponível em: https://www.ethos.org.br/cedoc/30012/ Acesso em 30.01.2022

colocaram nas universidades e em cargos públicos milhares de pessoas de origem afrodescendente, em reparação aos danos trazidos pelo sistema esclavagista. O encerramento do órgão, enquanto Ministério, e a sua fusão ao Ministério da Justiça e Cidadania, em 2016, trouxe o risco da judicialização destas pautas, colocando-as em segundo plano[102].

Ao final da 9ª estrofe, a canção explicita a visão preconceituosa e provinciana, inserida no senso comum, de que as regiões Sul e Sudeste do Brasil caracterizam-se como o bastião do progresso em relação ao Nordeste, evidenciando – ainda que ligeiramente – o grave problema das diásporas humanas dentro do território brasileiro: populações que se deslocam sempre em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Para esses atores sociais que vivem nas franjas da sociedade, talvez a maior violência seja a invisibilidade social: marginalizados, ignorados e subalternizados, sustentam as suas escolhas na luta pela sobrevivência, dentro de um sistema que não os reconhece como parte integrante do mesmo.

A perspetiva do empoderamento e a construção de uma atitude crítica e construtiva sobre a sua realidade acaba por credenciá-los a falar sobre si e suas dores, mazelas e desejos, não significando com isso que suas vozes sejam ouvidas (Spivak, 2010). Estes atores sociais desprivilegiados, como veremos ao longo deste capítulo, são parte de substratos sociais que surgiram como consequência do fim do sistema esclavagista e da ascensão e consolidação do capitalismo. Este processo resultou numa divisão internacional do trabalho, apontada por Immanuel Wallerstein na sua obra-prima *O Sistema Mundial Moderno, vol. I, II e III*.

Martins (2015) aponta que o referido autor estrutura o conceito de sistema mundo dividindo os países em três níveis hierárquicos: o centro, a periferia e a semiperiferia, um sistema no qual

> [...] os países ocupam uma função na ordem produtiva capitalista, sendo que os países centrais ocupam-se da produção de alto valor agregado, os periféricos fabricam bens de baixo valor e fornecem *commodities* e matérias-primas para a produção de alto valor dos países centrais e, por fim, os países da semiperiferia, ora comportam-se como centro para a periferia, ora como

[102] Em 1997 foi criada a Secretaria de Direitos Humanos, com status de ministério, porém ligada à Presidência da República. Em 2003, a Secretaria também agregou a problemática da desconstrução da representação negativa do afrodescendente e passou a denominar-se Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Em 2015 a Secretaria passou a ser efetivamente um Ministério intitulado Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Foi extinto em 2016 e seus atributos passaram a fazer parte do Ministério da Justiça e da Cidadania (Instituto Ethos, 2016). Disponível em: https://www.ethos.org.br/cedoc/30012/ Acesso em 30.01.2022

> periferia para os Estados centrais, tendo um papel intermediário (Martins, 2015, p. 96).

Para encerrar este preâmbulo sobre o panorama das desigualdades sociais no Brasil, e em consonância com os últimos grupos sociais abarcados pelas 8ª e 9ª estrofes da Canção *Manifestação*, dados de algumas investigações nacionais nos fornecem uma dimensão dos problemas sociais referentes às crianças e às mulheres: baixa escolarização e pobreza. O *Relatório Anual UNI-2020* (Unicef Brasil, 2021) afirma que o Brasil possuía, em 2016, 57,1 milhões de crianças e adolescentes, dos quais cerca de dois milhões ainda estavam fora da escola em 2019, além do facto de que havia perto de 6,5 milhões com dois ou mais anos de atraso escolar, o caracterizava o principal motivo do abandono escolar[103].

No que tange à pobreza, em específico no Brasil, os dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2019 – sob responsabilidade do IBGE – concluem que a Extrema Pobreza[104] atinge cerca de 6,5% da população brasileira; já a Pobreza[105] é uma realidade para 24,7% da população brasileira, um valor um pouco melhor do que no ano anterior, que registava a marca de 25,3% (IBGE / Agência de Notícias, 2020)[106].

Desta feita, o enfrentamento à diminuição das desigualdades sociais perpassa pelo combate à pobreza, pelo investimento em áreas básicas como saúde, saneamento básico, educação e moradia, e pela busca de um projeto de desenvolvimento que possibilite uma efetiva mudança social. O desafio é desmedido, dado que ao longo do século XX, o Brasil passou por complexas transformações, as quais geraram algumas inversões em seu perfil. Se em 1900 cerca de 52% da população vivia no campo, nos anos 2000 quase 80% da população mora em áreas urbanas. Ao mesmo tempo, essa população cresceu quase dez vezes ao longo do século XX, chegando a 170 milhões de habitantes em 2000 (Nunes, 2006)[107]. Além disso, também ao longo do século XX, o Brasil passou de uma economia

---

[103] O mesmo relatório apontava à época, o fato de "6 entre cada 10 crianças e adolescentes brasileiros vivem na pobreza, em suas múltiplas dimensões" (Unicef Brasil, 2020, p. 3).

[104] De acordo com o Banco Mundial, estão na linha de pobreza as pessoas que vivem com menos de US$ 1 ao dia, *per capita*. Porém, este índice é polêmico para alguns investigadores dado que se trata de um problema por demais complexo, sendo necessário levar em consideração outros fatores. Recuperado de https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos. Acesso em 11.09.2021.

[105] Pessoas que vivem com rendimento inferior a US$ 5,5 ao dia, *per capita*

[106] Recuperado de https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao Acesso em 11.09.2021

[107] Dados retirados da entrevista que o economista Celso Furtado concedeu a Eduardo Pereira Nunes, então presidente do IBGE. Ver Nunes (2006).

baseada na agricultura e na criação de gado para uma predominância no setor de serviços[108].

A questão da pobreza e da desigualdade social não é uma condição específica do Brasil, nem dos países em desenvolvimento. Piketty (2014) assinala que, em termos de património, mesmo em sociedades reconhecidas como igualitárias, como "os países escandinavos dos anos 1970-1980, os 10% da população com patrimônios mais elevados representam cerca de 50% da riqueza nacional, ou até um pouco mais – entre 50% e 60% – se as maiores fortunas forem consideradas" (Piketty, 2014, p. 252). Esse percentual de concentração de riqueza aumentou no início dos anos de 2010, com o facto de que a "participação dos 10% de possuidores de patrimônios mais altos se situa em torno de 60% da riqueza nacional na maior parte dos países europeus, e em particular na França, na Alemanha, no Reino Unido e na Itália" (Piketty, 2014, p. 252). Por outro lado, nessas sociedades, "os 50% mais pobres em patrimônio detém sempre menos de 10% da riqueza nacional, e geralmente menos de 5%" (Piketty, 2014, p. 252)[109].

O conceito de pobreza, para Giddens (2005), assim como para outros sociólogos, pode ser convocado a partir de duas abordagens: a pobreza absoluta, baseada na condição de subsistência, ou seja, nas "condições básicas que devem ser preenchidas para que se mantenha uma existência fisicamente saudável" (Giddens, 2005, pp. 255-256); e, em contraponto, a noção de pobreza relativa, a qual "relaciona a pobreza ao padrão de vida geral predominante em uma sociedade específica" (Giddens, 2005, pp. 255-256). O sociólogo britânico também destaca os desafios de se empregar um único conceito de pobreza, dado que é necessário "levar em conta variações nas necessidades humanas existentes dentro de uma sociedade e entre as sociedades" (Giddens, 2005, p. 256). Em outras palavras, a aquisição de determinados bens de consumo não significa necessariamente ausência de pobreza.

A problemática que se impõe diante de nós, de resolver, ou pelo menos mitigar essa imensidão de problemas, trazidos pela presença das desigualdades sociais e pela necessidade premente de romper a barreira do subdesenvolvimento, mais se assemelha a

[108] De acordo com Nunes (2006), em "1900, a agropecuária contribuía com 45% do PIB; a indústria com 11%, e os serviços, com 44%. Já em 2000, essa distribuição passou a ser de 11% para a agropecuária, 28% da indústria e 61% para os serviços" (Nunes, 2006, p. 11).

[109] A formação de uma classe média patrimonial constitui "a principal transformação estrutural da distribuição de riqueza nos países desenvolvidos no século XX" (Piketty, 2014, p. 255), dado que entre 1900 e 1910, em inúmeros países "os 10% mais ricos detinham a quase totalidade da riqueza nacional, sendo que 40% dos que se situavam no meio dessa pirâmide, detinham, 'pouco mais de 5% da riqueza nacional'" (Piketty, 2014, p. 256).

uma utopia que urge realizar-se nos trópicos. No contexto da análise sobre a conjuntura da política brasileira, as sociólogas brasileiras Carvalho e Guerra (2016) percebem o agravamento de uma contenda iniciada em 2016[110] e seu impacto para as populações empobrecidas sob a perspetiva de uma geopolítica da crise, e questionam: "para onde apontam as utopias?" (Carvalho & Guerra, 2016, p. 267).

Longe de buscar uma resposta para esta questão, procuraremos neste capítulo refletir sobre o longo caminho engendrado na busca de um mundo mais justo, inclusivo e sustentável e, em especial, os rumos ou "desrrumos" do caso brasileiro, na perspetiva do combate à pobreza e à desigualdade social, refletindo sobretudo sobre qual o conceito de desenvolvimento que deveríamos adotar para este trabalho de tese.

Na contemporaneidade, as utopias podem ser compreendidas no âmbito dos desejos e das ilusões, mas também na possibilidade de transformação do mundo; elas se inscrevem, de acordo com Herculano (2006), no campo das esquerdas. Isso porque "as utopias, menos que um devaneio irrealizável sobre um lugar que não existe, tornam-se um paradigma, um modelo, um projeto, um arquétipo, um sistema de ideias a nortear ações revolucionárias em prol do socialismo, da igualdade e da liberdade" (Herculano, 2006, p. 8).

Desta feita, neste capítulo da presente tese, verificaremos como se organizaram e evoluíram as questões voltadas ao combate da pobreza e da desigualdade social, por meio de diferentes abordagens para o conceito de desenvolvimento, a partir da noção de Utopia.

2.1. As utopias das cidades de papel

Foi pela busca de uma sociedade justa e igualitária para grande parte da população que nela vive que Thomas Morus escreveu *Utopia,* publicado em 1516. Neste texto, o jurista inglês descreve um local imaginário no qual se primava pela felicidade coletiva a partir de uma determinada ideia de igualdade de direitos e de um Estado no qual não haveria a

[110] Para Carvalho e Guerra (2016), a crise brasileira, pode ser definida como "uma encarnação peculiar da crise do capital que em seus permanentes deslocamentos geográficos, materializa-se na América Latina, e particularmente, no Brasil" (Carvalho & Guerra, 2016, p. 275), e que acabou por impactar na opinião pública, baixando os índices de popularidade de Dilma Roussef, culminando no processo de *impeachment* da primeira presidenta brasileira, em 2016 (Souza, 2016).

propriedade privada. Esta sociedade estava consolidada em uma longínqua ilha, Utopus e foi descrita no texto de Morus por um viajante.

A sociedade igualitária pensada por Morus admitia a escravidão por dívidas e impunha tantas regras para os habitantes viverem em harmonia que acabava por se caracterizar como uma forma de opressão. Para Berriel (2004), Morus traz um dilema que se estende a todos os utopistas, pois

> [...] para salvaguardar a instituição ideal, criada na sua origem para o indivíduo, ele corre o risco de, ao contrário, oprimi-lo, e como todos os utopistas resolve o problema pressupondo que cada cidadão reconheça a coincidência entre necessidade e liberdade: a opressão não está nas intenções, mas nos fatos (Berriel, 2004, p. 47).

Interessa assinalar, para efeito desta tese que o texto de Morus – escrito com base nos clássicos *A República* e *As Leis* de Platão – deu origem a um género literário de grande relevância. Berriel (2004) também destaca que, como género literário, os textos utópicos surgiram em sua maioria ao longo do Renascimento e representavam o anseio de viver em cidades organizadas, planeadas, muito diferentes de como se apresentavam as caóticas cidades medievais (Berriel, 2004). Estas, que apresentavam ruas estreitas e lúgubres, casas sem quintal e/ou jardins, um ar fétido e repugnante, muitas vezes infetado com doenças tais como a lepra e a peste bubónica, deveriam ser substituídas por cidades com organizações espaciais racionalizadas, casas salubres para todos e arruamentos retilíneos e geométricos, ou seja: "uma cidade sã e racional" (Berriel, 2004, p. 46).

Na sequência da publicação de *Utopia*, Berriel (2004) assinala que é de Anton Francesco Domi o primeiro texto desta linha, escrito e publicado em Itália. Florentino de nascimento, Doni publicou *O mundo sábio e louco* em 1552, escrito do qual emana "uma igualdade rigorosa, um comunismo integral – o mais próximo possível à lei da natureza – que exclua inclusive a família" (Berriel, 2004, p. 48). Berriel também assinala que uma das características fortes do texto de Doni é que ele escreve para o povo e não para sábios e príncipes, trazendo um forte viés de nivelamento social (Berriel, 2004). Sua cidade ideal é essencialmente plebeia e terrena, sem grandes aspirações religiosas

Se Anton Doni é tido como o precursor desta linha de escrita no período do Renascimento, os textos *A Cidade do Sol*, de Tomasso Campanela e *A Cidade Feliz*, de Francesco Patrizi da Cherso, são considerados por Sandra Plastina – de acordo com

Moraes (2011), como as utopias mais significativas escritas na Itália entre os séculos XVI e XVII.

Em *A Cidade Feliz*, o ítalo-croata Francesco Patrizi da Cherso (1529-1597) apresenta uma proposta efetiva de planeamento urbano para Veneza. Os pressupostos de uma sociedade ideal baseiam-se na possibilidade de reforma das cidades reais, na qual o ponto de partida está nos conceitos médicos, ou seja, na saúde dos corpos de seus cidadãos e de um corpo social livre de dissensões civis. Se as demais cidades utópicas já estão concebidas, pelo menos enquanto texto, o escrito de Cherso traz uma proposta de núcleo urbano em curso, pois: "'A Cidade Feliz', mantém-se como proposta e, como tal, salvo certas exigências de caráter geográfico, sustentadas como essenciais a seu perfeito funcionamento, mostra-se mais compatível com um leque de possibilidades de concretização no espaço" (H. Moraes, 2011, p. 38).

Por sua vez o texto de Tomasso Campanela *A Cidade do Sol* foi escrito em 1602[111]. Para Berriel (2017), a utopia campanelliana considerada como a mais barroca das utopias, combina razão científica e fé, racionalidade científica e irracionalidade profética. Por isso, o autor ressalta que na cidade de Campanella, "rege, soberana uma ordem reverente ao Sagrado, que é investigado pelos cientistas" (Berriel, 2017, p. 72).

É, pois analisando alguns destes textos e a partir de uma perspetiva sociológica, que o também italiano Massimo Di Felice (2009) apresenta a definição do habitar como uma prática comunicativa, na qual as diferentes revoluções das tecnologias da comunicação impactaram na estruturação destas cidades e nestas formas habitativas. Para ele, as cidades descritas nos textos utópicos configuram-se como cidades de papel, um habitar que se realiza em forma de texto, escrito à mão ou impresso.

Assim, Di Felice (2009) considera que *A Cidade do Sol*, de Campanella, se configura como "a síntese da sede do conhecimento e da ansiedade de reforma do mundo através da intervenção conjunta da magia, da filosofia e da astrologia" (Di Felice, 2009, p. 97). O autor também defende que o texto de Campanella se insere – ao lado do *De Civitae Dei*

[111] Este foi um período em que a Igreja Católica mostrava-se hostil às descobertas científicas e perseguia homens como Galileu Galilei (1564-1642) e Giordano Bruno (1568-1600). Assim como seus contemporâneos, Campanela também foi alvo de perseguição: por motivos políticos foi barbaramente torturado e permaneceu preso por longos 27 anos. A causa imediata foi a sua participação na Revolta da Calábria, dado que ele "busca então instaurar pela força uma *polis* republicana, comunitária e teocrática, sem propriedade privada ou classes sociais, da qual ele mesmo seria o legislador e o chefe, organizando o país segundo os princípios de uma Cidade de Deus" (Berriel, 2017, p. 68).

(Santo Agostinho) e da *República* (Platão) – no habitar que se estrutura e permanece como tal no texto escrito, ou seja, são cidades "feitas de tinta e papel" (Di Felice, 2009, p. 91).

Seja das propostas de cidade ideal, restritas ao texto, seja das cidades enquanto projeto em vias de consecução, é destes textos utópicos que emerge o anseio de uma sociedade igualitária. É interessante notar que em *Utopia,* a narrativa inicia-se após os comentários sobre as viagens de Américo Vespúcio, em especial aquelas em que ele se faz acompanhar por Rafael Hitlodeu, o interlocutor de Morus. Ao ler o texto de Morus, temos a impressão de que as terras desconhecidas sempre exerceram um certo fascínio nos europeus, terras onde supostamente viviam sociedades igualitárias em clima de justiça social. Isto narra, de certa forma, o contacto com o Outro, do qual podemos vislumbrar a importância do diálogo intercultural na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.2. Os utópicos românticos

Se ao tempo da Idade Média não existia a noção de assistência social, era na fé e na piedade cristã que ela se realizava, constituindo estas uma espécie de resposta para a pobreza nas sociedades feudais, ainda que de forma incipiente e dependente do favor piedoso. Porém, esta atitude não resolvia os graves problemas sociais existentes, independente de ser uma atitude laica ou cristã. Também no Antigo Regime esse cuidado com o social não existia. As corporações de ofício estavam demasiadamente voltadas para a transmissão dos saberes artesanais, não constituindo, portanto, uma estrutura de proteção social.

Garrido (2016) esclarece que: "para as monarquias do Antigo Regime, as corporações de ofício eram estruturas de moralização do trabalho e das sociabilidades urbanas que interessava tutelar e integrar por razões de ordem pública" (Garrido, 2016, p. 68). Na realidade, elas eram vistas como um entrave aos direitos individuais, impedindo algo que estava na génese do capitalismo, entre eles a livre circulação financeira, a liberdade enquanto consumidor, bem como o progresso da técnica.

Foram duas as revoluções que moldaram o nosso pensamento contemporâneo: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, ambas tidas pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (2010) como uma "dupla revolução", não ficando restritas ao seu território, mas ocorrendo principalmente no noroeste da Europa, estendendo-se além-mar. Para o

autor, é "relevante notar que elas são, neste período, quase inconcebíveis sob qualquer outra forma que não a do triunfo do capitalismo liberal burguês" (Hobsbawm, 2010, p. 23).

Definido por Hobsbawm (2010) como o período da era das revoluções, pródigo em debates ideológicos e transformações estruturais que culminarão com as Revoluções de 1848 na Europa, este momento também contribuiu para a estruturação da noção de desigualdade social, que tem seu marco inicial em meados do século XIX.

Por um lado, houve o avanço do capitalismo enquanto sistema financeiro e do liberalismo económico, que tem como seu maior representante Adam Smith – autor do clássico *A riqueza das nações*, publicado em Londres, pela primeira em em 1776. Smith era defensor das leis naturais da economia, as quais seriam conduzidas pela "mão-invisível do mercado" (Mattos, 2017). Esta "mão-invisível" constituiu uma metáfora usada para representar "a idéia de que o 'mercado' seria uma instituição capaz de 'transformar' o auto-interesse individual em benefícios sociais, sem a necessidade de intervenção da 'mão-visível' do Estado. A este cumpriria apenas garantir a ordem institucional e administrar a justiça"[112] (Mattos, 2017, p. 109). Por outro lado, houve o desenvolvimento de um movimento democrático que, com conceções de igualdade, soberania do povo, direito da maioria, sufrágio universal e distribuição mais justa da propriedade, buscava minorar a desigualdade social e os efeitos nefastos da Revolução Industrial (Mattos, 2017).

Verifica-se que a criação do princípio de igualdade social localiza-se nas noções que são herdadas da Declaração dos Direitos Básicos do Homem e do Cidadão, forjada na França em 1789, no âmbito da Revolução Francesa. Logo de partida, no Artigo 1º, estabelece-se a ideia de igualdade entre os homens: "Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais somente podem fundamentar-se na utilidade comum" (Hobsbawm, 2010, p. 106). No entanto, é importante notar que esta noção deve ser aqui compreendida com ressalvas, uma vez que o próprio Hobsbawm (2010) adverte para o facto de que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão acaba por ser um

[112] A "mão-invisível do mercado" faz, para Mattos (2017), parte do imaginário de muitos economistas. O livro *A riqueza das nações,* de Adam Smith foi publicado em 1776 e tem como ponto central a análise de dois sistemas económicos distintos. De um lado está "o sistema mercantil" que traz a proposta de identificar a riqueza com a riqueza metálica, e a ideia de que para deter metais era preciso manter a Balança Comercial superavitária, sistematizada por um conjunto. E, por outro lado, "o sistema de liberdade natural" que se estruturaria "onde o Estado continuaria a exercer funções essenciais para o bom funcionamento da economia e para a garantia da estabilidade, ordem e desenvolvimento sociais" (Mattos, 2017, p. 114).

manifesto contra uma sociedade hierárquica baseada no privilégio dos nobres, pois estava longe de ser uma democracia.

A ascensão dos jacobinos ao poder proporcionou à França não apenas uma Constituição que garantia o sufrágio universal, o direito de insurreição, trabalho ou subsistência, mas também representou, de acordo com este autor, algo "mais significativo – a declaração oficial de que a felicidade de todos era o objetivo do governo e de que os direitos do povo deveriam ser não somente acessíveis, mas também operantes" (Hobsbawm, 2010, p. 121).

Para Tenbruck (1990), a Revolução Francesa e suas ideias mobilizaram poderosos movimentos sociais, fazendo com que "os povos despertassem para uma consciência em relação ao seu destino coletivo e deram início a movimentos nacionais, sociais, nativistas e milenaristas" (Tenbruck, 1990, p. 214). Entre os eventos que tiveram lugar na América, na esteira das revoluções ocorridas na Europa, está a Inconfidência Mineira em terras brasileiras, no ano de 1789, e a abolição dos escravos na Ilha de Santo Domingo[113], em 1791, por exemplo. Escudero (2015), em uma perspetiva mais crítica, afirma que os ideais da Revolução Francesa "se tornaram para a grande maioria da humanidade uma carta vazia, um desejo inatingível" (Escudero, 2015, p. 47).

Hobsbawm (2010), assinala três importantes e profundas consequências trazidas pela Revolução Francesa. Primeiramente, o facto de que ela não foi um movimento isolado, mas foi muito mais importante que outros acontecimentos da época. Em segundo lugar, o autor destaca que foi uma revolução mais radical do que qualquer outra manifestação, caracterizando-se como uma "revolução social de massa, a única ecumênica, um marco para todos os países" (Hobsbawm, 2010, pp. 99-100). Por fim, a Revolução Francesa serviu de modelo para diversos movimentos revolucionários no mundo inteiro, "pois ela forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequentes; suas lições (interpretadas segundo o gosto de cada um) tendo sido incorporadas ao socialismo e ao comunismo modernos" (Hobsbawm, 2010, p. 100).

O ponto de viragem desta situação está localizado entre os anos de 1760 e 1780. Se os historiadores tradicionais preferem 1760 como marco inicial da Revolução Industrial, os mais recentes estudos buscam determinar que o ano de 1780 é crucial, dado que "todos os índices estatísticos relevantes deram uma guinada repentina, brusca e quase vertical

[113] Atual território do Haiti e da República Dominicana.

para a 'partida'. A economia, por assim dizer, voava" (Hobsbawm, 2010, p. 59). Mais do que condições tecnológicas, as condições políticas foram essenciais para que o processo tenha sido liderado pela Grã-Bretanha. Além de dar origem a uma nova classe social, a burguesia, com novos hábitos de consumo e de ser e estar no mundo, a Revolução Industrial acabou por inaugurar uma época que trará grandes impactos em termos de degradação ambiental.

Foi na passagem do modo de produção[114] feudal para o modo de produção capitalista, que a Revolução Industrial propiciou, a partir de 1780, na Europa, a transformação de uma economia rural e artesanal numa economia dominada pela manufatura urbana e de propulsão mecânica. O aumento populacional, a intensa urbanização, a estruturação de bairros operários, as péssimas condições de moradia, a fumaça pestilenta das fábricas e as jornadas de trabalho que variavam entre 14 e 18 horas diárias, até mesmo para mulheres e crianças, revelam o lado sombrio do binómio industrialização-urbanização (Hobsbawm, 2010).

No que diz respeito à questão da pobreza e da desigualdade social, Piketty ressalta que "transformações radicais entraram em curso, propelidas pelo crescimento demográfico" (Piketty, 2014, p. 11), em grande parte causado pela Revolução Industrial e também pelo êxodo rural. O economista inglês enfatiza o pioneirismo do trabalho de Thomas Malthus, *Ensaio sobre o princípio da população*, no que diz respeito às preocupações relacionadas ao crescimento demográfico e as possibilidades de caos social e miséria, tal como a França experimentou em 1790[115].

Garrido (2016) enfatiza que nas décadas de 20 e 30 do século XIX, inspirados pelo conceito de economia social, vários autores "elaboraram um contradiscurso reformista a propósito da industrialização e em sentido oposto a da economia política liberal" (Garrido, 2016, p. 56) pela "valorização da propriedade colectiva e à socialização do lucro" (Garrido, 2016, p. 55). Nesse debate, tomaram espaço uma miríade de linhas de

[114] Manolescu e Rangel (2012) definem modo de produção como "uma forma específica de organizar a atividade produtiva e de repartir o resultado entre os participantes, destinada a agir sobre a natureza e obter os elementos necessários a satisfação das necessidades da sociedade por meio de processos compreendido na produção, propriamente dita, na circulação, distribuição e consumo" (Manolescu & Rangel, 2012, p. 3).

[115] O ano de 1789 marca o começo efetivo da Revolução Francesa, quando durante a reunião dos Estados Gerais – iniciada em maio, em Versalhes – o terceiro estado, que representava efetivamente o povo, retirou-se do órgão, pois defendia o voto unitário e não por estamentos. A essa crise política, juntou-se três outros eventos: a queda da Bastilha, que representava o poder real, as "Jornadas de Outubro" lideradas por mulheres insatisfeitas com o aumento do preço do pão (o que significava aumento do custo de vida), e o "Grande Medo", oriundo dos campos agrícolas. Os desdobramentos da Revolução Francesa preocuparão intelectuais, nobres e reis por toda a Europa nos anos subsequentes (Hobsbawm, 2010; Burns *et al*., 2005; Vizentini, 2006).

pensamento económico e de tentativas de implementação de ações práticas, representados por socialistas utópicos, comunitaristas, associacionistas, solidaristas e cooperativistas.

A economia social pode ser definida como "uma utopia construtiva, levantada contra os excessos do capital e em defesa do trabalho como valor social de si mesmo" (Hobsbawm, 2010, p. 17). Garrido (2016) destaca que a economia social é um conceito em permanente evolução, "uma ideia em movimento [...] animada pelas adesões e esperanças que despertou, declarou combate à economia política liberal, estabeleceu alianças com os socialismos laicos e cristãos, embrenhou-se no movimento sindical operário" (Garrido, 2016, p. 17).

No seguimento da ideia de um conceito em construção, Lechat (2002) defende o facto de que existiram diversas ondas de economia social, identificadas desde os anos 30 do século XIX. Defourny (2009), ainda afirma que "uma definição sumária de economia social remete àquelas atividades econômicas concernindo à sociedade de pessoas que busquem democracia econômica associada à utilidade social" (Defourny, 2009, p. 158).

A génese da Economia Social inscreve-se, portanto, no âmbito do desenvolvimento da ideologia socialista, preocupada com as condições de vida impostas pelo capitalismo e pela sociedade industrial. Isso inclui preocupações com os acidentes de trabalho e as doenças causadas pelas péssimas condições de vida no meio urbano, temas tratados tanto pelos marxistas, quanto pelos socialistas utópicos, e, mais tarde, pela própria Igreja Católica (Ramos, 2011).

Do sentido etimológico da palavra, que significa "o que não está em nenhum lugar" até a conceção de uma sociedade ideal, as utopias representadas ao longo de diferentes textos têm permeado o imaginário humano desde a Antiguidade Clássica à Modernidade na busca de uma sociedade ideal para a convivência em harmonia entre os homens.

Ainda que com pequenas variáveis, os traços comuns dessas utopias incluem, em termos de valores, a busca da elevação e o aperfeiçoamento da moral, bem como a prática da comensalidade, aqui entendida como o bom convívio entre o grupo durante as refeições. Além disso, essas utopias compartilham a noção de que "a propriedade privada é fator de envilecimento moral, o autoritarismo sobre a sexualidade, através da ideia das mulheres como comunais e das ligações sexuais como resultantes de decisões de magistrados" (Herculano, 2006).

Se o Renascimento foi um período pródigo na produção e circulação de textos que vislumbravam sociedades ideais, portanto utópicas, é no crepúsculo da Modernidade que esses propósitos vão se consubstanciar em propostas concretas e experiências vividas. No entanto, é importante relembrar que

> De fato, A República [de Platão] é a matriz das utopias literárias. Morus, Doni, Agostini, Campanella, entre outros, em maior ou menor grau retomam seus pontos mais importantes. É até possível dizer que seu tema central, o da predominância da justiça sobre todas as outras virtudes, ocupa também lugar de destaque nas outras utopias, obviamente assegurada a forma com que cada diferente autor a concebe, o que, às vezes, sugere seu contrário (H. Moraes, 2011, pp. 37-38).

Lechat (2002) observa que, de acordo com Martin Buber, esses pensadores, conhecidos como socialistas utópicos, podem ser enquadrados em três gerações históricas. Claude Henri de Rouvroy de Saint-Simon e François-Charles Fourier fariam parte da primeira geração; Robert Owen e Pierre-Joseph Proudhon seriam representantes da geração intermédia, enquanto o anarco-socialista Piotr Kropotkin e o anarquista Gustav Landauer se situariam na terceira geração, nascidos após 1870. Neste entendimento, Saint-Simon e Fourier foram os idealizadores do pensamento construtivo do socialismo utópico, enquanto os demais pensadores desempenharam papéis importantes na síntese deste movimento.

De acordo com Garrido (2016), os socialistas utópicos partiram do pressuposto de que a economia social possibilitaria a construção de uma sociedade ideal e recorreram às suas posses pessoais ou ao seu poder de influência que tinham na sociedade – muitos deles eram empresários ou industriais – para desenvolver iniciativas no interior do sistema capitalista. Inúmeros nomes se destacam, mas em especial Robert Owen, Pierre-Joseph Proudhon, bem como Louis Blanc, Constantino Pecquet e François Vidal que

> [...] contribuíram decisivamente para a transição de um ideal comunitarista de economia social para uma fórmula cooperativa que admitia o reformismo e não a violência revolucionária. Foi essa, talvez, a mais decisiva transformação da economia social durante a segunda metade do século XIX" (Garrido, 2016, p. 74).

O pensamento utópico de Saint-Simon está profundamente ligado a uma prática específica: "o objectivo de Saint-Simon é efectivamente fornecer os utensílios para administrar a economia orgânica desse grande corpo que é a sociedade" (Mattelart, 1994, p. 114). Dessa forma, o pensamento saintsimoniano instaura uma espécie de "fisiologia social" (Mattelart, 1994), que se caracteriza pela crítica àqueles que não trabalham

(portanto suscetíveis de adoecer) em detrimento daqueles que trabalham (aqueles que preservam a saúde). Este princípio será aplicado na construção de uma filosofia voltada para a indústria.

Por meio de sua doutrina, o industrialismo, Saint-Simon valorizava a classe dos industriais, que agregava um sem-número de atores sociais tais como empresários, gestores, contabilistas, engenheiros, operários – ou seja, todos os que trabalhavam e não eram considerados parasitas. Seu pensamento será apropriado por seus discípulos em especial no que diz respeito à construção dos caminhos de ferro, que na visão de Mattelart (1994), estão na génese do conceito de comunicação[116].

Garrido (2016) considera a trajetória do francês Joseph Proudhon como um exemplo do caminho de idas e vindas, no desenvolvimento do conceito de economia social. De início, Proudhon rejeitava a ideia do associativismo e criticava com veemência os economistas clássicos, considerando a propriedade privada a primeira causa da desigualdade social. Por outro lado, ele considerava que os comunistas representavam uma nova tirania sobre o povo.

Em sua obra, Proudhon não apenas defendia uma revolução social baseada em uma nova organização dos produtores, em oposição à luta revolucionária do proletariado, como antecipava o conceito de "mais-valia" de Karl Marx. Proudhon entendia que o capitalista pagava um salário em cima do valor do trabalho individual, mas não em cima do valor social do trabalho, ou seja, do produto resultante da cooperação entre trabalhadores. Por isso, "defende uma revolução social assente numa nova organização dos produtores, por oposição à luta revolucionária do proletariado, cuja violência recusa" (Garrido, 2016, p. 75).

Em 1849, Proudhon procurou solução para este problema ao reunir um pequeno capital e fundar um banco mutualista, o Banco Popular de Proudhon, com o objetivo de viabilizar crédito para as camadas mais baixas. No entanto, em 1860, após a falência desse banco, Proudohn mudou de posição e passou a aderir às experiências associativistas com exaltação da democraticidade das associações mutualistas operárias. Ele também passou a defender o modelo das cooperativas de consumo e focou as "suas hostilidades aos

[116] Voltar-se-á a este assunto na Capítulo 3 da presente tese.

monopólios e ao império das sociedades capitalistas da indústria e do comércio" (Garrido, 2016, p. 77).

Por outro lado, os comunitaristas Robert Owen e Charles Fourier desenvolveram premissas que se opunham à corrente de pensamento que imputava ao indivíduo a sua condição social. Ou seja, para eles a pobreza e a miséria não eram consequências de comportamentos inadequados, fruto da imoralidade ou da ociosidade.

No caso de Charles Fourier[117], ele via a divisão do trabalho como algo que dissociava o indivíduo da produção e do trabalho que lhe pertencia, deixando-o desamparado em relação à economia de troca e vulnerável às vontades dos homens. Daí a defesa que Fourier faz das comunidades, onde fosse possível socializar o produto do labor e onde fosse possível que as pessoas assumissem vários papeis da cadeia produtiva, desde a produção, passando pela redistribuição e consumo. É de Fourier a ideia dos falanstérios[118] como "organizações comunais ou cooperativas integrais onde o trabalho se transformaria em prazer e onde as necessidades primárias e espirituais dos indivíduos fariam da moeda e de outras utilidades mercantis, coisas dispensáveis" (Garrido, 2016, pp. 57-58). Ele acreditava que da "produção corretamente dirigida devia resultar a forma comunal da vida dos trabalhadores livremente associados" (Habermas, 1985, p. 117).

Entretanto, é importante destacar que, como observado por Herculano (2006), Fourier desvalorizava a instituição da família monogâmica – por seu viés antinatural – e também via as mulheres em uma condição de inferioridade. Isso ocorria porque ele acreditava "na possibilidade da boa integração entre o indivíduo e a sociedade, a ser obtido pelo desencadeamento pacífico e benéfico das paixões" (Herculano, 2006, p. 18).

Várias foram as tentativas de implantação de falanstérios, muitas delas após a morte de Fourier. A título de exemplo, algumas dessas estruturas foram instaladas na França, em Lyon e Citeux. No entanto, é significativo salientar que a América também registou experiências fourieristas. Herculano (2006) afirma que os EUA foram pródigos em receber comunidades utópicas, muitas delas com matizes de um "comunismo de

[117] Nasceu em Besançon, França no ano de 1772 e faleceu em 1837.
[118] Fourier era tido como obcecado por contagens e medições. Prova disso é a estrutura e conceção de um falanstério que deveria ter exatos 810 homens e 810 mulheres, que somando comporiam uma célula elementar. Sendo 810 um número cabalístico, sua explicação estaria na combinação de 21 paixões: 1. Paixões sensitivas (visão, audição, olfato paladar e tato, 2. Paixões afetivas (amizade, amor, ambição e familismo), 3. Paixões Distributivas (cabalística, composta – da alma e dos sentidos – e borboleta ou alternante – gosto e a necessidade de variedade). Uma 13ª paixão se avizinharia como a possibilidade da filantropia, da comunhão e do encontro com Deus (Herculano, 2006).

inspiração religiosa, com armazéns e fundos comuns de atendimento às necessidades, a igualdade de sexos, cor e nacionalidade, as práticas de não violência e o desenvolvimento de um artesanato de estilo e apuro na sua singeleza" (Herculano, 2006, p. 23).

Uma comunidade notável, de base fourierista, foi a Brook Farm, instalada por Charles Ripley, em 1841, nas cercanias do Rio Charles, perto de Boston (Massachusetts). Além disso, nos estados de Nova Jersey e Wisconsin também se desenvolveram experiências fourieristas mais duradouras (Herculano, 2006).

O Brasil também recebeu um dos seguidores de Fourier, o Dr. Mure, em 1840. A experiência do Falanstério do Sahy, por ele idealizado, foi estabelecida no atual estado de Santa Catarina e representou uma tentativa de dominar a natureza exuberante à beira-mar pela técnica. Neste caso, a pretensão inicial era a instalação de uma agroindústria. As expectativas em relação à iniciativa do Sahy foram descritas por Louise Bachelet em texto publicado na França em 1842. Nele, a viajante francesa descreve as impressões sobre a comunidade comunitarista que se erguia nos trópicos como a terra da promessa e da regeneração. Entusiasmada, chegou a afirmar que: "esta natureza nobre e luxuriante do novo mundo está tão bem em harmonia com o desenvolvimento do pensamento falantista! Ela é tão abundante em esperança e promessa!" (Bachelet, 1842, p. 13, tradução nossa)[119].

É por meio da crítica embasada a partir dos conceitos derivados do imaginário de cidades ideais, que o socialismo de Karl Marx explicou a sociedade, inserindo a questão da luta de classes e a necessidade de abolir a burguesia. Contra o socialismo utópico, ergueu-se a crítica do socialismo científico, a partir do texto de Engels, *Do Socialismo utópico ao socialismo científico*. Neste texto, Engels argumentou que o cerne do problema dos socialistas utópicos residia no que ele chamou "voluntarismo", ou seja, "na sua pretensão de mudar uma realidade social por meio da sua vontade, por sua inspiração individual, provinda de homens bem-pensantes desconectados com a classe operária" (Herculano, 2006, p. 20).

Não foi pelo facto de serem sonhadores que Owen, Saint-Simon e Fourier foram chamados de românticos, mas porque não tinham compreensão sobre as possibilidades do materialismo dialético para a análise e confronto entre as classes. Suas visões eram consideradas românticas porque careciam de uma abordagem fundamentada na análise

[119] No original: *Cette nature noble et luxuriante du nouveau-monde est si bien em harmonie avec le developpement de la pensée phalantérienne! Elle est si abondante en esperance et en promesses!*

científica das relações sociais e económicas, que Marx e Engels propunham por meio do socialismo científico (Herculano, 2006).

Para Vizentini (2006), a publicação, em 1848, por parte de Marx e Engels do panfleto político *Manifesto Comunista* foi fundamental para o entendimento do socialismo científico, pois foi a partir deste texto que os objetivos e princípios desse movimento ficaram claros e definidos, pois se esboçaram

> [...] estratégias para sua superação e deduziu determinados objetivos históricos para o socialismo e, enfim para o comunismo, estágio este em que as desigualdades de classe e o Estado como aparato repressivo de classe – mas não como articulador da vida social – desapareceriam (Vizentini, 2006, p. 69).

Na avaliação de Garrido (2016), a despeito das ideias que buscavam transformar a realidade capitalista, "os utópicos jamais alcançaram um enraizamento social significativo, nem nunca se arvoraram em representantes dos interesses da classe operária" (Garrido, 2016, p. 80). Isso sugere que as propostas dos utópicos românticos não conseguiram ganhar um apoio significativo entre a classe trabalhadora.

2.3. As Utopias do Desenvolvimento

2.3.1. Algumas definições

Para F. B. Ribeiro (2017), o estudo do desenvolvimento "exige uma abordagem multidisciplinar, capaz de dialogar e de integrar os contributos da ciência política, da economia, e da antropologia e história económicas" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 30). Assim, para o referido autor, dada à sua multidisciplinaridade, o desenvolvimento deve ser analisado com atenção a partir de três perspetivas: como conceito, como teoria e também como agenda política voltada para a melhoria das condições de vida da humanidade, devendo-se levar em conta a "estreita relação com o capitalismo e a produção das desigualdades sociais e, por outro lado, a relação destas com a degradação ambiental (F. B. Ribeiro, 2017, pp. 35-36).

Cláudio Furtado (2014) corrobora com a visão de F. B. Ribeiro na medida em que afirma que o desenvolvimento pode ser qualificado como um conceito, ou como uma realidade ou ambas as possibilidades. Pode-se encontrar, "em algumas de suas acepções, uma visão eurocêntrica, no sentido de que o conceito resulta de uma construção que tem

como referência empírica, civilizacional e ideológica as sociedades ocidentais" (Cláudio Furtado, 2014, p. 93).

Cláudio Furtado (2014) destaca duas perspetivas para o desenvolvimento. A primeira delas envolve a noção de progresso social e económico, abrangendo "mudanças nas condições de vida das pessoas, bem como nas instituições e nas estruturas produtivas" (Cláudio Furtado, 2014, p. 96). Por sua vez, a segunda perspetiva traz foco para o crescimento económico e "está associado ao crescimento da quantidade de bens e serviços disponibilizados à coletividade" (Cláudio Furtado, 2014, p. 96), sendo fundamentada no Produto Interno Bruto (PIB) ou na riqueza nacional.

Para o economista brasileiro, Celso Furtado[120] (1974), o desenvolvimento económico aproxima-se do mito do progresso tão presente na ideologia da burguesia no interior da qual se forjou a sociedade industrial. Para o autor, a conceção de desenvolvimento económico associada à ideia de mito torna possível "desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abre ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos como são os *investimentos*, as *exportações* e o *crescimento*" (Celso Furtado, 1974, pp. 75-76, grifo do autor).

A definição de desenvolvimento orientada para a performance económica será problematizada pelo próprio autor quando este afirmar que a teoria do desenvolvimento traz uma grave falha ao "ignorar que o desenvolvimento econômico possui uma nítida dimensão histórica"[121] (Celso Furtado, 2009, p. 147), dado que lidar com modelos abstratos não possibilitaria "pretender elevado grau de generalidade" (Celso Furtado, 2009, p. 147). Desta feita, o autor apresenta uma série de considerações que "evidenciam,

[120] Celso Furtado, nascido em 1920, trabalhou no DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), no DSP (Departamento de Serviço Público), em 1943, e na Fundação Getúlio Vargas, em 1948, todos órgãos do Estado do Rio de Janeiro. Ingressou nos quadros da Cepal em 1948, sendo que em 1953 presidiu o Grupo Misto CEPAL-BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento). Em 1958 desligou-se da Cepal e assumiu a direção do Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). Dois anos mais tarde, o economista que era formado primeiramente em Direito, assumiu a direção da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Em 1962, como ministro, assume o Ministério do Planejamento durante governo de João Goulart, quando então elabora o Plano Trienal. No ano seguinte, Furtado voltaria à Sudene; porém o Golpe civil-militar de 1964 encerra, ainda que temporariamente, as suas ações como um economista no Brasil. No longo período de exílio (1964-1985), foi professor em dezenas de universidades, sempre dividindo seu tempo entre as aulas e a compilação de muitos textos. Após retornar, assumiu o Ministério da Cultura durante o governo de José Sarney quando elaborou a legislação de incentivos fiscais à cultura. Integrou ainda diversas comissões da ONU/Unesco, e ingressou na Academia Brasileira de Letras e na Academia Brasileira de Ciências (2003). Foi ainda indicado ao Prémio Nobel de 2003. Faleceu em novembro de 2004, após publicar dezenas de livros, artigos e entrevistas. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_S=64 Acesso em 19.11.2021.

[121] Essa será um de seus principais contributos para as teses da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) como veremos adiante, neste mesmo capítulo.

com clareza, a íntima interdependência existente entre a evolução da tecnologia nos países industrializados e as condições históricas do seu desenvolvimento econômico" (Celso Furtado, 2009, p. 159).

Por sua vez, em oposição à conceção de desenvolvimento económico, o economista e filósofo indiano Amartya Sen[122] (2010) define desenvolvimento como "um processo da expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam" (Sen, 2010, p. 16). Isso requer a eliminação das "principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva dos Estados repressivos" (Sen, 2010, pp. 16-17). Em outras palavras, a negação dos direitos básicos do cidadão – principalmente em governos autoritários – consistiria em uma restrição às liberdades e, portanto, ao bem-estar social de comunidades e grupos sociais. Para Sen (2010), as liberdades substantivas, tais como as liberdades políticas, a educação e a assistência médica, são essenciais como componentes constitutivos do desenvolvimento, contribuindo também de modo eficaz para o progresso económico.

Sen (2010) enfatiza também que o desenvolvimento deve ser compreendido no âmbito das realidades locais, sejam elas em países ditos desenvolvidos ou subdesenvolvidos, ou para usar um termo mais contemporâneo, em desenvolvimento. Dessas características locais, Sen (2010) destaca a importância de considerar o desenvolvimento enquanto possibilidade de liberdade. Essa liberdade não se limita apenas à via democrática da escolha dos representantes políticos, mas, fundamentalmente, está relacionada ao acesso aos direitos básicos do cidadão, em especial saúde e educação de qualidade (Sen, 2010).

Amartya Sen foi colega de pós-graduação de Celso Furtado em Cambridge nos anos de 1950[123]. Certamente é por isso que em alguns autores, especialmente em Delgado (2017), encontramos a aproximação do pensamento de Amartya Sen ao de Celso Furtado. Para Delgado (2017), a ideia de "desenvolvimento como liberdade" de Sen se aproxima

[122] Laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 1998.
[123] Assim se refere Celso Furtado (1999) sobre Amartya Sen: "Fomos contemporâneos nos estudos de pós-graduação na Universidade de Cambridge, numa época em que a herança de Keynes se mantinha vigorosa. [...] supunha que seria mais um desses talentos de país subdesenvolvido destinado a ser cooptado pelo rico mundo universitário dos EUA. [...] E reencontrei-me com Sen na Índia. [...] Nos debates que se travaram – para surpresa minha foram extremamente vivos –, percebi que Sen tivera uma evolução bem diversa daquela que eu lhe pressagiara. Os indianos haviam desenvolvido e aplicado técnicas sofisticadas de planejamento econômico que Sen considerava insuficientes" (Celso Furtado, 1999). De facto, o que Amartya Sen pleiteava, de acordo com Celso Furtado, era a maior presença do Estado no plano social e não uma ação mais ampla do mesmo. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1311199901.htm Acesso em 22.11.2021

da teoria crítica ao subdesenvolvimento de Celso Furtado, numa perspetiva em que ambos trazem em comum a preocupação com a distribuição,

> [...] mas no caso de A. Sen são as privações humanos que obstam a liberdade humana; e no caso de Furtado, a desigualdade social e a dependência externa que se autorreproduzem, sem disseminação das correntes autônomas de progresso técnico, realimentam o subdesenvolvimento (Delgado, 2017, p. 2113).

Nesse sentido, e em consonância com o pensamento de Amartya Sen e de Celso Furtado, Cláudio Furtado (2014) conclui que o desenvolvimento "poderá reduzir o sofrimento material, aumentar as capacidades das pessoas e alargar as suas escolhas" (Cláudio Furtado, 2014, p. 96), ou seja, o desenvolvimento estaria nas chamadas "premissas morais [tais como] melhor educação, melhor saúde e maior liberdade" (Cláudio Furtado, 2014, p. 96).

Para o investigador espanhol e professor de jornalismo Manuel Chaparro Escudero (2009), a questão do desenvolvimento económico, numa perspetiva crítica, assemelha-se a uma quimera. Esta quimera pode ser compreendida na qualidade de um monstro formado de partes de diversos outros animais ou, numa perspetiva imaginativa, porém possível, em oposição à ideia de utopia.

A apreciação de Escudero (2015) fundamenta-se no facto de que esta conceção de desenvolvimento é construída a partir de um anacronismo: a exploração infinita de recursos não-renováveis, portanto finitos, voltada para um consumo exacerbado. Porém, a ideia de humanizar o desenvolvimento se traduziria na busca por uma vertente mais sustentável, mas que redunda em um modelo que mesmo assim ainda fomenta o consumo. Nesse sentido, revela-se inadequada[124].

Cláudio Furtado (2014) também observa que a questão do desenvolvimento em si foi apropriada pelo movimento emancipatório realizado pelos países africanos como uma condição para a saída do contexto de dominação colonial. Cláudio Furtado (2014), ao comentar a atuação de Amílcar Cabral como líder da independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, afirma que "as guerras de libertação ganham legitimidade pela necessidade do desenvolvimento, uma aspiração universal, e que tinha como pressuposto de sua concretização a autonomia política, por conseguinte, a independência" (Cláudio Furtado, 2014, p. 98).

[124] Voltar-se-á a esta temática mais à frente na terceira subsecção deste capítulo.

O romancista queniano Ngũgĩ wa Thiong'o expressa claramente o estranhamento que a presença britânica trouxe para o imaginário dos moradores de sua aldeia natal, Limuru, no livro autobiográfico *Sonhos em tempo de guerra*, publicado pela primeira vez em 2010. Neste livro, Thiong'o (2021) relata os seus primeiros anos de vida, durante os quais acontecimentos que entrariam para a História, principalmente os ocorridos no Quénia, impactaram sobremaneira a sua vida e a de sua extensa família[125]. Esses eventos incluem a participação dos quenianos ao lado da Inglaterra para defender a pátria-mãe durante a Segunda Guerra Mundial, a presença da fábrica de calçados Bata Limuri, a influência dos imigrantes indianos no comércio local, a construção da estrada de ferro do Uganda e a atuação de missionários britânicos no sistema escolar. Todos esses elementos indicam claramente os vestígios do colonialismo no Quénia. Logo de partida, no início do livro, Thiong'o (2021) descreve esse estranhamento que mescla religiosidade e disputa de terras ao afirmar:

> Aprendi que nossa terra não era exatamente nossa; que nosso terreno era parte da propriedade de um latifundiário africano, o Lorde Reverendo Stanley Kahahu, ou Bwana Stanley, como o chamávamos, que agora éramos *ahoi*, arrendatários sem contrato formal. Como viemos a ser *ahoi* em nossa própria terra? Perdêramos nossa terra tradicional para os europeus? A bruma não havia se dissipado inteiramente (Thiong'o, 2021, p.21).

Sobre a herança colonialista e sua correlação com a pobreza, Thiong'o afirma: “Olho para o mundo, como escritor, e vejo um grupo bem pequeno, em geral de países do Ocidente, que são ricos, e uma enorme maioria de países pobres. Mas esses ricos dependem muito dos recursos dos pobres, especialmente da África” (C. Moraes, 2015)[126].

No que diz respeito às consequências da colonização a médio e longo prazo para os países mais pobres, Piketty (2014) na obra *O capital no século XXI* faz interessantes considerações. Ele argumenta que, nos países asiáticos, a redução do atraso deu-se, sobretudo, por “investimentos em capital físico de que necessitavam” (Piketty, 2014, p. 75). Por outro lado, nos países “que são propriedades de outros, como na época colonial ou na África atual, não foram tão bem-sucedidos, muitas vezes porque se especializaram

[125] Seu pai, Thiong'o wa Nducu, casou-se quatro vezes. Ngũgĩ wa Thiong'o é o quinto filho de sua terceira esposa, Wanjiku wa Ngugi, de um total de 24 filhos (Thiong'o, 2021).
[126] Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/03/cultura/1435952470_967603.html Acesso em 26.11.2021.

em setores produtivos de pouco futuro ou devido a uma instabilidade política crônica" (Piketty, 2014, p. 75).

O autor também argumenta que um país que vivenciou ou ainda vive essa situação está "preso numa interminável alternância entre governos revolucionários [...] e governos que protegem os interesses dos proprietários existentes enquanto preparam a próxima revolução ou golpe de Estado" (Piketty, 2014, p. 75).

2.3.2. Os desafios para o estudo do desenvolvimento

Refletir sobre o desenvolvimento é de tal forma desafiante que F. B. Ribeiro (2017) salienta que podemos enquadrá-lo sob vários aspetos. Em primeiro lugar, pelo carácter polissémico do termo, o qual pode configurar-se como crescimento económico (em especial em termos de PIB – Produto Interno Bruto), desenvolvimento socioeconómico (baseado em indicadores) ou desenvolvimento social (por meio de critérios humanos e sociais), o que nos conduz à sua compreensão numa dimensão económica ou numa dimensão social.

O segundo ponto relevante é a reflexão sobre desenvolvimento como uma categoria histórica, na qual se considera o conceito de longa duração cunhado pelo historiador Fernand Braudel. A terceira questão envolve o conceito de desenvolvimento enquanto agenda política. E, por fim, a assertiva de que refletir sobre desenvolvimento implica refletir sobre o seu contraponto, o subdesenvolvimento. Isso ocorre visto que "um e outro jogam-se em contextos e processos históricos comuns encontrando vários séculos de intenção recíproca, não podendo ser compreendido desligados do capitalismo, do colonialismo e do imperialismo" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 45).

A partir desta miríade de perspetivas é que se depreende o quão complexo é o estudo do desenvolvimento. A seguir teceremos algumas considerações em busca de desdobramentos das assertivas acima postuladas, tendo como ponto de partida a obra de Fernando Bessa Ribeiro, cientista social português, intitulada *Uma Sociologia do Desenvolvimento* (2017) e que nos interessa diretamente para efeito deste trabalho de tese.

Para F. B. Ribeiro (2017), a compreensão do desenvolvimento enquanto performance económica, em especial nos índices do PIB, dá ênfase sobre a renda, a acumulação e a riqueza, e coloca em segundo plano a componente social. Este enquadramento está demasiado ligado às raízes históricas do termo, pois, tradicionalmente, a noção de

desenvolvimento remete à ideia de evolução, de melhoria, de progressão, enquadramento este profundamente imbricado com as transformações ocorridas durante o século XVIII, mas também, de forma remota, alicerçado nas grandes navegações dos séculos XV e XVI (F. B. Ribeiro, 2017).

Contudo, essas são considerações que devem superar a imagem comum do mito do progresso que "propulsiona a visão vulgar da história das sociedades, na qual prevalece a ideia da evolução do simples para o complexo, do mítico para o racional, da barbárie para a civilização" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 46), enquadramento para o qual a noção de desenvolvimento traz a "ideia da superioridade da economia e da cultura ocidental" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 46), em detrimento de outros saberes, modos de vida e de produção.

F. B. Ribeiro (2017) destaca a influência do trabalho do historiador francês Fernand Braudel para o pensamento de Immanuel Wallerstein, anteriormente convocado nesta dissertação. Diz F. B. Ribeiro (2017) que "o conceito de longa duração, do tempo longo que caracteriza a vida de muitas das estruturas sociais, políticas, culturais e ideológicas, ocupa um lugar incontornável no esquema teórico do sistema-mundo" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 51), dado que, para se compreender essa estrutura, é preciso examinar séculos inteiros.

Cunhado no âmbito *da Escola dos Annales*[127] por Fernand Braudel aquando da escrita e publicação de seu livro *O Mediterrâneo e Filipe II*, o conceito de longa duração representou, para Burke (1992), uma revolução na conceção e construção do conhecimento histórico; seja pela crítica à história política calcada nos acontecimentos protagonizados por reis e/ ou grandes vultos e personalidades, seja pelo facto de ser elencada de forma cronológica ou pela justificativa de não dar espaço para análises mais aprofundadas (Burke, 1992). Como as mudanças estruturais ocorrem ao longo de várias gerações, de vários séculos, elas passam quase impercetíveis. É, pois, no tempo da longa duração que se situa a "história das estruturas – sistemas econômicos, estados, sociedades, civilizações e formas mutantes de guerras" (Burke, 1992, p. 48) que é possível investigar a dimensão económica dos factos históricos[128], pois "as mudanças ocorrem no tempo de

[127] Foi o trabalho de Marc Bloch intitulado *Os reis Taumaturgos* (1924) que trouxe para o primeiro plano um novo tipo de história política, cuja análise está inserida no tempo estendido, procedimento esse que seria institucionalizado algumas décadas mais tarde por Fernand Braudel, ao desenvolver o conceito das três dimensões de tempo: ao tempo da média duração, é possível compreender as estruturas dos problemas em causa; porém, é no tempo da longa duração que se operam as mudanças das mentalidades, portanto, as mais profundas e duradouras. Ao tempo mais curto estaria reservado o acontecimental ou evenemencial (Burke, 1992).

[128] A obra de Braudel e o conceito do tempo da longa duração, influenciou, logo de partida, muitos jovens estudantes e investigadores. Se a Immanuel Wallerstein coube cunhar o conceito de sistema-mundo, Johan Galtung irá, por sua vez,

gerações, e mesmo de séculos, por isso os contemporâneos dos fatos nem sempre se apercebem delas" (Burke, 1992, p. 48).

F. B. Ribeiro (2017) salienta que também foi de fundamental importância para a obra de Wallerstein a consulta aos apontamentos do historiador português Vitorino Magalhães Godinho, e, em especial, à sua obra *Os descobrimentos e a Economia Mundial*, uma vez que eles, os descobrimentos, "foram também a descoberta de uma nova construção social de que estas viagens, estas rotas oceânicas, estas trocas comerciais faziam parte, [d]a construção da economia-mundo capitalista que todos vivemos" (F. B. Ribeiro, 2017, p 52).

De acordo com Acco (2018), Wallerstein define duas modalidades de sistemas, os minissistemas – caracterizados por pequenos grupos tribais, com uma divisão de trabalho orgânica e nada complexa, bem como uma entidade política única – e o sistema-mundo, que apresenta duas variações, a saber: o império-mundo (estruturado a partir de uma administração centralizada que coletava recursos e agregava territórios de diferentes matrizes culturais) e a economia-mundo (estruturada a partir da transição do feudalismo para o capitalismo). A economia-mundo, baseada na divisão de trabalho, desenvolveu-se a partir do século XVI "cobrindo inicialmente a maior parte da Europa, a partir da transição de um mercado de longa distância, restrito às *mercadorias de luxo,* para mercados de longa distância agora calcados em *mercadorias essenciais* para a plena reprodução do sistema-mundo" (Acco, 2018, p. 714).

Para Acco (2018), na perspetiva de Wallerstein, "o capitalismo deve ser compreendido como o sistema-mundo onde vigora a liberdade *parcial* dos fatores de produção nos mercados *e* marcado pelas *interferências seletivas* da máquina política no mercado" (Acco, 2018, p. 715, grifo do autor), além do facto de que o sistema mundial está constituído "por uma economia-mundo em incessante expansão, cuja divisão de trabalho exibe uma tensão centro-periferia baseada na troca desigual" (Acco, 2018, p. 715).

Enquanto conceito e agenda política, a questão do desenvolvimento entra, com maior veemência, no rol das ações da ONU a partir de dois momentos, ambos localizados temporalmente no após Segunda Grande Guerra: nos desdobramentos do discurso de

enquadrar os Estudos para a Paz no âmbito dos *Annales*, alinhando-os com a perspetiva do tempo da longa duração. Nesta proposta, Galtung defende a resolução de problemas cruciais na vida de um grupo social ou comunidade, de modo que as comunidades e populações possam viver em paz positiva, ou seja, em comunidades harmônicas – em contraposição à paz negativa que se traduz pura e simplesmente pela ausência de guerra –; para tal, faz-se necessário atuar nas estruturas e, portanto, agir no também no tempo da longa duração (Pureza, 2000).

Harry Truman – eleito presidente dos EUA em 1949, que originará o programa *Ponto Quatro* voltado para subsidiar o desenvolvimento de países em processo de descolonização, a fim de barrar o avanço da ideologia comunista promovida pela então URSS; e também com a elaboração da Carta das Nações Unidas, documento no qual se defende a "importância do desenvolvimento para a paz e o bem-estar dos povos" (F. B. Ribeiro, 2017, p. 44).

Mais recentemente, desde 2000, a ONU vem se dedicando com afinco a campanhas que procuram resolver os problemas na sua base; primeiramente, com o programa dos Objetivos do Milênio (ODM) – atingidos apenas parcialmente – e, desde 2016 com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que, em número de dezassete (17), buscam uma mudança que afete pessoas e o planeta de forma positiva (PNUD Brasil, 2024)[129].

Por fim, está a referência ao facto de que o desenvolvimento não se dissocia do seu oposto, o subdesenvolvimento. Relembrando a afirmação de F. B. Ribeiro (2017) sobre este assunto, apresentada no início desta secção, ambos se relacionam reciprocamente no contexto das estruturas surgidas com as navegações intercontinentais europeias: o capitalismo, o colonialismo e o imperialismo.

Tenbruck (1990) assinala ainda que o próprio termo desenvolvimento aplicado aos países, era incipiente nos anos de 1950, no contexto do pós-guerra, tendo sido popularizado justamente por meio das organizações internacionais, tais como o Banco para a Reconstrução, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a própria ONU, na busca de uma política de desenvolvimento baseada por princípios de fé e esperança, para além da guerra. O objetivo maior, além de resolver a questão do subdesenvolvimento "era também de poder reduzir as rivalidades, as tensões e os conflitos. Previa-se que a uniformidade representaria um desenvolvimento em bloco, o que implicaria uma solidariedade pacífica" (Tenbruck, 1990, p. 208). O referido autor ainda assinala que, apesar do esforço mundial para minorar as diferenças entre países ricos e países pobres, "a política do desenvolvimento transformou completamente o mundo ao iniciar um processo de descolonização, decidindo o destino de grupos e estabelecendo um relacionamento entre estados na base de dependentes" (Tenbruck, 1990, p. 207).

[129]Disponível em https://www.undp.org/pt/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel Acesso em 19.08.2024.

No mesmo enquadramento, Escudero (2009) alega que a noção de desenvolvimento foi uma categorização aplicada a poucos países da Europa e da América do Norte, no âmbito do após Segunda Guerra Mundial. Isso condenou quase todo o restante do orbe à menção de subdesenvolvido, "como se todo o mundo tivesse de participar do imaginário ocidental, seu modelo de vida, suas crenças e suas formas de explorar e tratar a natureza e seus recursos" (Escudero, 2009, p. 149, tradução nossa)[130].

Também para o economista Celso Furtado, tão importante quanto o desenvolvimento, é compreender a extensão do conceito do seu oposto, o subdesenvolvimento. Essa abordagem foi por ele proposta a partir da crítica a Walt Whitman Rostow, notável economista americano, cujo pensamento era amplamente difundido nos anos de 1960 (Nunes, 2006). F. B. Ribeiro (2017) destaca que Walt Whitman Rostow, ao lado de Berthold Frank Hozelitz propôs solucionar o problema dos países do chamado Terceiro Mundo, que deveriam buscar a modernização de base capitalista, por meio da teoria da modernização; mas, na realidade, o que se pretendia, entre outras questões, era "promover o desenvolvimento no quadro da contenção do socialismo e defesa do 'mundo livre"' (F. B. Ribeiro, 2017, p. 87).

Rebatendo o pensamento de Walt Whitman Rostow que defendia, entre os anos de 1940 e 1950, a existência de cinco estágios para o alcance do desenvolvimento, Celso Furtado (2009) apresentou a ideia de que o subdesenvolvimento não seria uma etapa histórica para se chegar ao desenvolvimento, mas sim um mecanismo trazido pela atuação das empresas estrangeiras em coexistência com uma economia voltada para a subsistência, nos casos mais simples. Porém, no caso mais complexo, e tendo a economia brasileira como melhor exemplo, Celso Furtado (2009) crê que o subdesenvolvimento

> [...] é aquele em que a economia apresenta três setores: um, principalmente de subsistência; outro, voltado para exportação e o terceiro, como o núcleo industrial ligado ao mercado interno, suficientemente diversificado para produzir parte dos bens de capital de que necessita para seu próprio crescimento. O núcleo industrial ligado ao mercado interno se desenvolve através de um processo de substituição de manufaturas antes importadas, vale dizer em condições de permanente concorrência com produtores forâneos. Daí resulta que a maior preocupação do industrial local é a de apresentar um artigo similar ao importado e adotar métodos de produção que o habilitem a competir com exportador estrangeiro. Em outras palavras, a estrutura de preços do setor industrial ligado ao mercado interno tende assemelhar-se à que prevalece nos

[130] No original: *a la categoría de subdesarrollados sin mas consideración, como si todo el mundo tuviera que participar del imaginario occidental, su modelo de vida, sus creencias y sus forma de explotar y tratar a la naturaleza y sus recursos.*

> países de elevado grau de industrialização, exportadores de manufaturas (Celso Furtado, 2009, p.171).

A citação acima, apesar de extremamente longa, traz a dimensão da complexidade do problema do desenvolvimento em países com um passado colonial. No contexto do desenvolvimento do núcleo industrial voltado para o mercado interno, emerge um processo dinâmico de substituição de manufaturas anteriormente importadas. Isso se desenvolve em meio à competição com produtores estrangeiros, fazendo com que os produtores locais busquem métodos de produção que lhes permitam rivalizar com os produtores estrangeiros, o que muitas vezes implica em baixos salários, pouco investimento em inovação e baixo respeito às questões ambientais.

Em 1961, Celso Furtado (2009) publicou o resultado de suas investigações e conclusões em um livro que se tornou um clássico. Trata-se da obra *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, no qual apresenta a Teoria do Subdesenvolvimento, a partir da crítica à abordagem clássica do desenvolvimento, que seria perfeitamente adaptada para o cenário europeu e, em especial para o Reino Unido e seus territórios ultramarinos (EUA e Austrália). Para ele, é necessária a superação do pensamento dicotómico que opunha o desenvolvimento ao subdesenvolvimento, com a derrubada do mito de que, para os países latino-americanos, o subdesenvolvimento seria uma etapa para se alcançar o desenvolvimento ao nível dos países europeus e norte-americanos (Celso Furtado, 2009).

É pois, a condição de homem público e de investigador de renome[131], bem como pelas inúmeras temáticas, nas quais Celso Furtado se envolveu ao longo de sua carreira, que tornam singular a sua crença de que era possível aos países latino-americanos, e em especial ao Brasil, sair de sua condição de subdesenvolvimento pela substituição das importações, engendrada por um processo de industrialização que geraria um mercado consumidor interno. Tal proposta leva-nos à próxima secção deste capítulo: as utopias latino-americanas e o pensamento cepalino.

[131] Celso Furtado se caracterizaria como um homem do fazer, do agir, do integrar o Estado de modo a gerir as políticas económicas. De acordo com Almeida Filho (2008) outra de suas características era a capacidade de realizar análises e compreender os processos quando os mesmos ainda estavam em curso, capacidade atribuída também a Marx e Keynes (Almeida Filho, 2008). Essa capacidade de Celso Furtado, o dispensaria da necessidade de distanciamento espaço-temporal tão caro aos historiadores, para análise dos processos históricos, dos fenómenos e das conjunturas (Almeida Filho, 2008). Por conta destes atributos, Celso Furtado seria um "raro e feliz caso de intelectual da ação" (Paulani, 2020, p. 68).

2.4. As utopias latino-americanas e o pensamento cepalino

Em J. M. Pereira (2011) encontramos as causas para a ascensão do keynesianismo[132] – como teoria económica para a América Latina. Defende o autor, que após a Primeira Guerra Mundial, as economias latino-americanas rebelaram-se contra o liberalismo, e, consequentemente, geraram um processo "espontâneo de industrialização em razão dos desequilíbrios crônicos no balanço de pagamentos desses países" (J. M. Pereira, 2011, p. 122). O autor ainda assinala que, entre 1945 e 1954, a taxa de crescimento das economias de países latino-americanos alcançaram o índice de 5,8%, com grandes transformações no perfil desses países, em especial no que diz respeito à urbanização e à industrialização (J. M. Pereira, 2011)[133].

Porém, a explicação para o subdesenvolvimento da América Latina – assim como para outros países, como vimos anteriormente – ainda era justificada, nessa época, partir dos preceitos de Rostow, um pensamento que tinha como modelo o processo de industrialização dos países europeus e também os Estados Unidos da América (J. M. Pereira, 2011). Para J. M. Pereira (2011), essa era uma postura que não considerava a situação da América Latina à época, dado que faltava "ainda um corpo teórico que demonstrasse que a industrialização era o caminho mais fácil para 'queimar' etapas e alcançar mais rápido o desenvolvimento" (J. M. Pereira, 2011, p. 123).

Sob esta demanda, em contraponto ao Plano Marshall de ajuda económica aos países europeus no cenário erigido após a Segunda Guerra Mundial, e devido à obsolescência do parque industrial latino – consequência das dificuldades de importação de maquinaria, seja pela guerra, seja pela falta de dólares trazida pela diminuição das exportações nesse período – é que foi criada a Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe),

[132]John Maynard Keynes defendia o pleno funcionamento do capitalismo, desde que ocorressem ajustes nos seus "defeitos internos". Keynes defendia o abandono da ideia de um orçamento plenamente equilibrado, apoiava a acumulação e o investimento de grandes somas de capital e recomendava o controle monetário como forma de promoção da prosperidade (Burns *et al*., 2005).

[133] A história da cidade de São Paulo é um bom exemplo dessa transformação. O ano de 1954 assinala a comemoração dos 400 anos de sua fundação, ocorrida a 25 de janeiro de 1554. A festa, que comemorou a efeméride, tratou também de celebrar o triunfo de um povo que venceu as adversidades da colonização, com grande enaltecimento aos bandeirantes (portugueses ou seus descendentes que por meio de ações de entrada no território paulista dominaram tanto a paisagem como os povos originários hostis – os indígenas). As comemorações, que se estenderam de 1951 a 1955, também celebrou o advento da indústria e o facto de que São Paulo abrigava o maior parque industrial das Américas, o que foi demonstrado pela exposição industrial alocada no recém-inaugurado Parque do Ibirapuera. É importante destacar que o idealizador das chamadas "Comemorações do IV Centenário" foi o industrial, ítalo-brasileiro, Cicillo Matarazzo, primeiro presidente da autarquia que planejou os eventos que tomaram a cidade e que assinalaram a enorme transformação pela qual a cidade passava por meio do binómio industrialização-urbanização (Oliveira Santos, 2002).

pela Organização das Nações Unidas, em 1948 (Bielschowsky, 1998; J. M. Pereira, 2011).

Com sede em Santiago do Chile (Chile), a Cepal teve como seu primeiro diretor o economista argentino Raúl Prebisch, que ocupou o cargo entre os anos de 1950 a 1963. Na instituição, Prebisch assumiu o papel de uma liderança teórica daquela que é considerada a primeira escola do pensamento económico da dita periferia do mundo, cujos postulados se difundiram por boa parte da América Latina (Grosfoguel, 2018; Bielschowsky, 1998). Junto a Prebisch, neste momento inicial da Cepal, de acordo com Bielschowsky (1998), estiveram grandes historiadores económicos da América Latina, entre eles Aníbal Pinto (Chile), Aldo Ferrer (Argentina) e Celso Furtado (Brasil)[134].

Para Bielschowsky (1998), o contributo da Cepal deve ser compreendido a partir do "reconhecimento de que se trata de um corpo analítico específico, aplicável a condições próprias da periferia latino-americana" (Bielschowsky, 1998, p. 21, tradução nossa)[135]. A linha mestra da teoria cepalina foi desenvolvida por Prebisch[136] e procurou explicar o atraso das economias dos países latino-americanos em relação aos países ditos desenvolvidos. De acordo com J. M. Pereira (2011), sete são as principais teses cepalinas: a noção de centro e periferia, a deterioração dos termos de troca, a inflação como problema estrutural, o planeamento e o protecionismo, a tendência ao desemprego, a tendência ao desequilíbrio externo e a substituição das importações. Destas, a mais reconhecida é o conceito da deterioração dos termos de troca – uma crítica à teoria das vantagens comparativas de David Ricardo[137] – e à tese estruturalista da inflação (Bielschowsky, 1998).

---

[134] J. M. Pereira (2011) ainda assinala que o departamento de economia da Universidade de Campinas (Unicamp) chegou a ser considerado um braço da Cepal, por abrigar economistas que com a instituição tiveram contato, em especial a portuguesa Maria da Conceição Tavares, José Serra, Antônio Barros de Castro e Carlos Lessa.

[135] No original: *reconocimiento de que se trata de un cuerpo analítico específico, aplicable a condiciones históricas propias de la periferia latino-americana.*

[136] De acordo com Bielschowsky (1998), as principais teses da Cepal, ou teses cepalinas estão presentes em três textos escritos por Raul Prebisch entre 1949 e 1950, a saber: *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas*, *Estudio Económico de América Latina* – de 1949 – e por fim, uma nova redacção dos cinco primeiros capítulos deste texto em 1950. Também para Bielschowsky (1998), é deste conjunto de textos que emana toda a referência, tanto a ideológica, como a analítica para os desenvolvimentistas latino-americanos e mais, se instalaria como a versão latino-americana do Keynesianismo, um período de oportunidades para a reflexão com ousadia, que agregou um grupo excecional de economistas (Bielschowsky, 1998, p. 25).

[137] David Ricardo, oriundo de uma família de financeiros portugueses de fé judaica, publicou no ano de 1817 a obra *Princípios de economia política tributária*, estava, acima de tudo, interessado na evolução do preço da terra. Todavia, a questão da terra como um recurso escasso e as dificuldades de acesso a ela, representadas por um preço que deveria ser elevado de tempos em tempos, somente não se consubstanciou na medida prevista por David Ricardo dado ao incremento tecnológico e à crescente importância da indústria, deixando para trás a produção agrícola (Piketty, 2014). De acordo com Nery (2004), a teoria das vantagens comparativas de Ricardo trazia uma ideia básica de que "os frutos do progresso técnico seriam distribuídos igualmente entre os países através da queda dos preços dos bens que houvessem incorporado novas tecnologias a seu processo de produção" (Nery, 2004, p.31). Desta feita não seria

A noção de centro e de periferia, como uma alternativa para a dicotomia desenvolvido vs. subdesenvolvido, é outra das teses cepalinas que se destacam por propor a superação de uma condição baseada na divisão internacional do trabalho. Anteriormente à Cepal, Raul Prebisch já fazia uso da expressão "países periféricos" (Bielschowsky, 1998), uma categoria que "servia para analisar a vulnerabilidade latino-americana à crise cíclica dos anos 1930, que gerou processos inflacionários com forte componente exógeno e tendências a contrações internas que, politicamente, forjaram soluções macroeconômicas pouco recomendáveis" (Bielschowsky, 1998, p. 26)[138].

Porém, nos termos adotados pela Cepal, a questão relacionada com o binómio centro e periferia que se coloca é a da evolução do progresso técnico que ocorria de maneira desigual entre os países ricos – que estariam no centro do sistema económico – e os países pobres – instalados na periferia deste sistema (Bielschowsky, 1998; J. M. Pereira, 2011). Aos países do centro, estava reservada a elevação da produtividade em todos os setores, de maneira mais homogénea, mas aos países da dita periferia estava definida a função da produção de matérias-primas e alimentos para o centro, sendo que "a difusão do progresso técnico era restrita ao setor exportador, não se propagando pelo resto do sistema produtivo" (J. M. Pereira, 2011, p. 123). Além da característica acima apontada, para Bielschowsky (1998), neste binómio,

> [...] os processos de crescimento, emprego e distribuição de renda na periferia seriam diferentes daqueles que ocorrem nos países centrais. As diferenças devem ser encontradas no fato de as economias periféricas apresentarem uma estrutura pouco diversificada e tecnologicamente heterogênea, o que contrasta com o padrão observado nos países centrais (Bielschowsky, 1998, p. 24, tradução nossa)[139].

O autor, ao analisar as etapas pelas quais foi se desenvolvendo o pensamento cepalino, aponta, logo de partida, duas características importantes: 1. A gestação e divulgação das ideias da Cepal foi realizada por economistas responsáveis por formular as políticas de desenvolvimento em diversos países da América Latina – os *policy makers*; 2. O princípio normativo era que o Estado conduzisse o ordenamento rumo ao desenvolvimento

necessário aos países produtores de bens primários, o advento da industrialização, pois produziriam com menor eficiência e perderiam vantagem naquilo que já produziam bem (Nery, 2004).

[138] No original*: la categoria servía hasta entonces para analizar la vulnerabilid latonoamericana a la crisis cíclica de lo años treinta, que derivaba en procesos inflacionarus con un fuerte componente exógeo y tendencias a las contracciones internas que, políticamente, formentaban soluciones macroeconómicas poco recomendables*.

[139] No original: *derivó en la idea de que la estructura socioeconómica periférica determina una modo singular de industrializar, introducir el progreso técnico y crecer, así como modo peculiar de absorber la fuerza de trabajo y distribuir el ingreso. O sea, en sus características centrales, los procesos de crecimiento, empleo y distribución del ingreso en la periferia serían distintos de los que ocurren en los países centrales. Las diferencias deben hallarse en el hecho de que las economias periféricas poseen una estructura poco diversificada y tecnológicamente heterogénea, que contrasta con el cuadro observado en los países centrales.*

económico nas ditas periferias latino-americanas. Tratava-se, neste caso, do paradigma desenvolvimentista latino-americano (Bielschowsky, 1998).

Se Raul Prebisch já alertava, em 1949, para a questão da "especificidade do processo de crescimento em circunstâncias estruturais e periféricas dos países da América Latina" (Bielschowsky, 1998, p. 24), foi Celso Furtado quem desenvolveu o pensamento cepalino pelo viés da legitimação histórica, dado que recebeu grande influência da Escola dos Annales e a perspetiva da longa duração – temática já trabalhada neste capítulo, durante o seu doutoramento realizado na França sob supervisão de Maurice Byé. Demasiado cedo e mais especificamente em seu programa doutoral, Celso Furtado se esforçou para compreender a trajetória brasileira do ponto de vista da economia o que o levou à "aplicação de um esquema interpretativo apoiado em ferramentas analíticas Keynesianas [que] representou uma verdadeira ruptura no pensamento da história econômica nacional" (A. T. Furtado, 2005, p. 1). Para A. T. Furtado (2005), a originalidade do trabalho de Celso Furtado "consiste em sua visão comparativa de diferentes contextos geográficos e de diferentes trajetórias nacionais" (A. T. Furtado, 2005, p. 2)[140].

A utopia pragmática de Celso Furtado defendia que o desenvolvimento apenas seria possível por meio da substituição das importações, e pela via da industrialização nos diversos países que se encontravam sob a classificação de "subdesenvolvidos". Este modo de trabalho acabava por impor às nações empobrecidas do sistema-mundo um modelo de desenvolvimento similar ao europeu ou ao norte-americano (Almeida Filho, 2008). A proposta para os cepalinos, de que a via para obter a saída da condição do subdesenvolvimento perpassava pela industrialização visando a substituição das importações, se fazia necessária, pois "sem um projeto de industrialização haveria uma pesada e contínua deterioração dos termos de troca, sem possibilidade de equalização do Balanço de Pagamentos em virtude dessa pauta exportadora de produtos primários e importadora de produtos industriais" (Strauss, 2018, p. 149).

A questão da deterioração dos termos de troca é mais uma das teses cepalinas que devemos levar em consideração neste trabalho investigativo para explicar a condição de

[140] Um bom exemplo deste aspeto está localizado no programa doutoral desenvolvido por Celso Furtado, momento no qual realizou uma investigação comparativa entre as economias das Antilhas francesas – baseada na pequena propriedade e em produtos tropicais voltados para a exportação – e a economia do Nordeste brasileiro – baseada na *plantation*, ou seja, na propriedade rural de grandes proporções e na larga produção de um único produto, no caso, a cana-de-açúcar. Concluiu ele que essa estrutura inviabiliza a concorrência das Antilhas naquele momento porque "a economia da *plantation* não era compatível com uma renda mais bem distribuída socialmente. Pelo contrário, ela favorecia a concentração da terra e a difusão da escravidão" (A. T. Furtado, 2005, p. 2).

subdesenvolvimento dos países periféricos, de modo a refletir sobre a comunicação e o desenvolvimento. Ela critica a "ideia clássica do comércio internacional, baseada na lei das vantagens comparativas ricardiana, teoria que dava suporte à divisão internacional do trabalho como uma meta para o desenvolvimento" (Strauss, 2018, p. 149). Para Celso Furtado, essa deterioração se caracterizaria como uma "debilidade congênita dos países latino-americanos" (Strauss, 2018, p. 149), que se especializaram na exportação de produtos primários ao mesmo tempo que importavam produtos industrializados. Para Strauss (2018), as teorias do desenvolvimento estavam até então alicerçadas "no neocolonialismo e nas ideologias da livre concorrência" (Strauss, 2018, p. 149).

Desta forma, estava estabelecido o paradigma desenvolvimentista na América Latina que oporia tradicionais liberais, os quais representavam as forças conservadoras, em contraponto com os desenvolvimentistas, que defendiam as forças reformistas[141] (J. M. Pereira, 2011). A Cepal, como uma escola de pensamento económico (Bielschowsky, 1998; Almeida Filho, 2008, 2011; Strauss, 2018) voltada para a América Latina, ou seja, como uma escola de pensamento económico na periferia (Grosfoguel, 2018) influenciou enormemente diversos países, em específico o Brasil, por meio da atuação de Celso Furtado. É sobre este assunto que dissertaremos em seguida.

2.4.1. O Brasil e a utopia pragmática de Celso Furtado

No que diz respeito, em específico, ao Brasil, os números e dados territoriais apresentados no início do presente capítulo – portanto um olhar quantitativo – não são suficientes para a compreensão do problema do desenvolvimento no país e, consequentemente, o estabelecimento das desigualdades sociais. A despeito do facto de o país ser imenso e de ter se apresentado, como vimos no Capítulo 1, a possibilidade de realizar-se como uma utopia nos trópicos, em entrevista ao então presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes, Celso Furtado nos alerta para a circunstância de "que o Brasil continua sendo uma constelação de regiões de distintos níveis de desenvolvimento, com uma grande heterogeneidade social, e graves problemas sociais que preocupam a todos os brasileiros" (Nunes, 2006, p. 11).

[141] J. M. Pereira (2011) destaca que no Brasil que a contenda era representada pelo industrial paulista Roberto Simonsen, desenvolvimentista em oposição a Eugênio Gudim, que defendia os interesses do comércio.

Para Celso Furtado (2005), o alvorecer do século XIX trouxe para o Brasil o desafio do crescimento pelo desenvolvimento do comércio internacional, uma vez que o mercado interno ainda era incipiente, apresentava baixa complexidade, e carecia de autonomia tecnológica. A cultura canavieira enfrentava, à época, a concorrência da produção das Antilhas, dos Estados Unidos (principalmente do Lousiana) e também de Cuba. Outros produtos tais como tabaco, algodão, cacau e arroz eram considerados produtos de menor importância.

No entanto, o café emergia como uma possibilidade promissora. Apesar de ter sido introduzido no Brasil no século XVIII, as instabilidades que afetaram o Haiti, que era até então um grande produtor de café, acabaram por desorganizar a sua produção. Além disso, a cultura do café poderia instalar-se utilizando a mesma estrutura da cana-de-açúcar, com o aproveitamento da mão de obra de pessoas escravizadas, em grandes extensões de terra, o que demandava um grau de capitalização muito mais baixo, uma vez que que se baseava principalmente no fator terra (Celso Furtado, 2005). Celso Furtado (2005) alega ainda que é justamente o fator terra que traz um problema endémico no tocante ao desenvolvimento para o Brasil: a necessidade de aumento da produção não demandava investimento em tecnologias mais avançadas, bastava ampliar a fronteira agrícola, dado a fartura da terra. O mesmo ocorria com a mão de obra: bastava intensificar o tráfico de pessoas africanas para se obter o incremento da produção (Celso Furtado, 2005).

A propriedade da terra, que anteriormente era doada por concessões da Coroa portuguesa (no sistema das sesmarias), foi legalizada a partir de 1850 com a Lei de Terras, limitando-as aos que já as exploravam e introduzindo a figura do "coronel" como líder político local. Poucos indivíduos livres tinham acesso às terras destinadas ao cultivo, praticando assim, uma cultura de subsistência: a "roça", na qual "o capital de que dispõe o roceiro é mínimo, e o método que utiliza para ocupar novas terras, o mais primitivo" (Celso Furtado, 2005, p. 122). Eram esses indivíduos livres, os roceiros, que se encontravam atados por "vínculos sociais a um grupo dentro do qual se cultivava a mística de fidelidade ao chefe como técnica de preservação do grupo social" (Celso Furtado, 2005, p. 123). Esta estrutura, também de acordo com Celso Furtado (2005), gerou a crença de que a mão de obra livre que estava disponível (em especial os escravos libertos) naquela época era inadequada para a grande lavoura e, nesse sentido, passou-se a incentivar a imigração em massa, a partir de meados do século XIX (Fausto, 2009).

Por conta disto, aos três elementos formadores da etnia de um "povo novo" como se configurou o Brasil (o ameríndio, o africano escravizado e o europeu colonizador) já apontados por Darcy Ribeiro (2006), Fausto (2009) agrega os imigrantes, em especial os italianos, espanhóis e japoneses, que vieram em grande número para o país, principalmente por campanhas imigratórias no sentido de substituição da mão de obra escrava[142]. Essas novas levas de imigrantes, em especial os espanhóis, deram origem a uma nova forma de relacionamento patronal, mais urbana, baseada nos sindicatos e na luta por melhores condições de trabalho (Fausto, 1998; Klein, 1995). Para Fausto (1998), os estrangeiros, em especial os que se dirigiram para São Paulo, "se consideravam gente devotada ao trabalho, os verdadeiros construtores de uma cidade que ia se convertendo em metrópole" (Fausto, 1998, p. 26).

Aos homens negros libertos, restou o refúgio nas zonas dos arrabaldes das incipientes cidades. Marginalizados, foram se reinventando nas franjas da sociedade que agora os repudiava, sendo o maior exemplo o crescimento exponencial da cidade de São Paulo, quando então se configura a sua área metropolitana (Ferreira, 1976; Gama, 1998; Oliveira Santos, 2002). Sobre o longo do processo de inversões pelo qual o Brasil passou, já apontadas no início deste capítulo, Celso Furtado assinala que "o crescimento da população urbana inchou as cidades, mas nelas não se criou emprego suficiente para absorver toda essa gente, daí as taxas de desemprego crescentes, a marginalidade" (Nunes, 2006, p. 12).

Os anos de 1950 em diante assinalam o início de um longo processo de migrações internas de pessoas oriundas do Nordeste brasileiro. Emprego e melhoria das condições de vida formaram os sonhos de muitos nordestinos, que, castigados pelas secas prolongadas, dirigiram-se ao Sul e Sudeste do país, em especial para a cidade de São Paulo, que exercia um forte atrativo pela indústria emergente, absorvendo esses migrantes que ali se instalavam no pós Segunda Grande Guerra (Fausto, 2009; Lopez & Mota, 2008; Oliveira Santos, 2002).

Com a canção *Menina Jesus*[143], o músico e compositor Tom Zé, bem ilustrou não meramente essa esperança de melhores condições de vida – com os benefícios do trabalho

[142] Apesar do olhar enviesado entre os nacionais e os imigrantes, Fausto (1998), considera de suma importância a presença dos que para o Brasil imigraram, pois "tinham em comum uma convicção essencial: todos se consideravam gente devotada ao trabalho, os verdadeiros construtores de uma cidade [São Paulo] que ia se convertendo em metrópole" (Fausto, 1998, p. 26).
[143] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LLgfodydIOo&list=TLPQMTMxMTIwMjFMPE9tHLR5aA&index=2

assalariado – como também o anseio de realização por meio de amplas possibilidades de consumo de produtos industrializados que esse trabalho assalariado propiciava, ao afirmar:

> *Porque pra plantar feijão eu não volto mais pra lá,*
> *eu quero é ser Cinderela, cantar na televisão,*
> *botar filho no colégio, dar picolé na merenda,*
> *viver bem civilizado, pagar imposto de renda,*
> *ser eleitor registrado, ter geladeira e TV,*
> *carteira do ministério, ter CIC, ter RG*[144]
>
> (Tom Zé, 1978)

Para alguns autores, (Almeida Filho, 2008; Fiori, 2000), Celso Furtado percebe que ao início da década de 1980 o Brasil abdicou de uma perspetiva de desenvolvimento minimamente autónoma em favor de um padrão de inserção definido pelas "estruturas internacionais de poder'" (Almeida Filho, 2008, p. 3). Esse foi um momento no qual o processo de formação económica do Brasil foi "atropelado pelas transformações mundiais que se aprofundaram a partir da década de 70 e interrompido pelas políticas e reformas liberais levadas a cabo pelos governos brasileiros da década de 90" (Fiori, 2000, p. 2). Foi nesse período que, após 40 anos de um "interregno desenvolvimentista" (Fiori, 2000, p. 3), o Brasil optou, claramente, por uma "nova estratégia econômica liberal" (Fiori, 200, p. 1).

De acordo com Fiori (2000), Celso Furtado já apontava os problemas que a política neoliberal traria ao Brasil, em especial pela entrada das transnacionais em um país ainda em formação económica. Almeida Filho (2008) corrobora com este posicionamento, em especial ao analisar a última publicação de Celso Furtado, intitulada *O longo amanhecer*, publicada primeiramente em 1999, e, mais especificamente, o primeiro capítulo cujo título é *A busca de novo horizonte utópico*[145]. Nesse capítulo, Celso Furtado (1999) busca compreender o impacto das escolhas levadas a cabo pelos dirigentes brasileiros no fecho do século XX, um tempo o qual ele qualifica como uma "era pós-keynesiana" (Celso

Acesso em 12.11.2021.

[144] *Menina Jesus* faz parte do álbum (LP) intitulado *Correio da Estação do Brás* que foi lançado em 1978. Interessante notar, que o compositor dá à divindade Jesus, uma feição feminina. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LLgfodydIOo Acesso em 31.08.2021. Para a versão integral, ver Anexo nº 3

[145] O texto *A busca de novo horizonte utópico*, foi inicialmente apresentado em conferência do mesmo título oferecida por Celso Furtado ao Fórum de Políticas Macroeconômicas, realizado em Belo Horizonte, em 1999. A versão que utilizamos nesta tese é a publicada pela Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Disponível em https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/655 Acesso em 19.01.2022.

Furtado, 1999, p. 3). Esse período se caracteriza como um momento de "atrofia das estruturas nacionais, de um forte crescimento das transnacionais e no avanço irregular das plurinacionais [processo cuja lógica] sofreu profundas mutações na medida em que a ideologia do bem-estar coletivo foi perdendo força, suplantada pela racionalidade mercantil" (Celso Furtado, 1999, p. 3). Desta forma, é possível perceber a preocupação com os rumos do Estado de bem-estar social, o abandono do ideal de pleno emprego e a ameaça à coesão do tecido social (Celso Furtado, 1999).

Esse momento da rutura foi identificado por Celso Furtado como a "construção interrompida" e tornou-se tema de um livro, lançado em 1992, intitulado *Brasil: a construção interrompida.* Paulani (2020) assim descreve esse movimento: "As elites escolheram a tutela militar, que produziu um processo de crescimento econômico com retrocesso de desenvolvimento social, e depois disso foram seduzidas pelas promessas da globalização, e do discurso (neo)liberal que a acompanhou" (Paulani, 2020, p. 72).

O que o mais famoso economista brasileiro vai lamentar é que, no caso do Brasil, ainda não havia se completado o ciclo da industrialização para substituição das importações aquando da estruturação do processo de globalização. Isso, juntamente com a importância do dinamismo do mercado consumidor interno, assinalaria o "caminho mais curto para o desenvolvimento" (Celso Furtado, 1999, p. 6), processo esse que permitiu não só ao Brasil, mas a vários países latino-americanos a sua inserção no mundo industrializado.

Mesmo assim, Celso Furtado (1999) ainda parece otimista, pois a ideia de globalização da economia em escala planetária traria a superação da tradicional figura do Estado nacional, baseado em conceitos geográficos. Esta globalização da economia se caracterizaria por ser um "processo evolutivo natural, conduzido pela *roda da história*, conforme a visão determinista do século passado [pela] superação dos resquícios dos poderes imperiais mediante a prevalência da racionalidade formal que conduz à maximização da eficiência no uso de recursos escassos" (Celso Furtado, 1999, p. 5).

A utopia de Celso Furtado (1999) se estruturaria, portanto, na globalização como "porta de acesso à estrada real que conduz ao uso pleno das potencialidades humanas" (Celso Furtado, 1999, p. 5). A conceção do Brasil como uma utopia partir do pensamento de Celso Furtado é viável porque a sua interpretação do Brasil "está a serviço da construção do futuro da Nação, uma espécie de utopia pragmática, feita a partir de uma

leitura histórica da constituição do País, de sua economia, mas com os olhos assentados no horizonte possível do seu desenvolvimento" (Almeida Filho, 2008, p. 3).

2.5. Desenvolvimento Sustentável: utopia ou quimera?

F. B. Ribeiro (2017) considera que o estudo do desenvolvimento não pode ser realizado ignorando-se a questão do capitalismo ou a questão ambiental, uma vez que o referido tema não pode ser compreendido desligado das perspetivas sociais, económicas e políticas. Celso Furtado (1974) já assinalava, em meados da década de 1970, a importância da questão ambiental para a Economia, com base nos apontamentos realizados pelo relatório do Clube de Roma, intitulado *Os limites do crescimento*[146]. Compilado em 1972, o texto trouxe para "o primeiro plano da discussão problemas cruciais que os economistas do desenvolvimento econômico trataram sempre de deixar na sombra" (Celso Furtado, 1974, p. 17).

Celso Furtado (1974) também destacava que os relatórios do Ministério do Interior dos Estados Unidos da América manifestavam preocupação com a alta dependência da economia norte-americana em relação a recursos não renováveis provenientes de outros países[147]. Dessa forma, o autor enfatizava o "caráter predatório do processo de civilização" (Celso Furtado, 1974, p. 19) alertando que, em consonância com o relatório do Clube de Roma, "a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso" (Celso Furtado, 1974, p. 19). Esta é uma ideia defendida nos dias de hoje pelo espanhol Carlos Taibo, professor universitário, militante do anarquismo e um dos estudiosos do tema do decrescimento, como veremos adiante, neste mesmo capítulo.

Para Escudero (2009), a ideia de desenvolvimento trouxe um imaginário que não se consubstanciou, pois acabou condenando um quinto da população mundial à pobreza e mais de um bilhão de pessoas a viver na extrema pobreza. Nesse sentido, para o autor, isso não significa somente a ausência de posse de riqueza, mas a "incapacidade de governar suas vidas no dia a dia, de tomar suas próprias decisões que lhes permitam uma

[146] No original: *The Limits to Growth*.
[147] Em especial cobre, enxofre e petróleo (Celso Furtado, 1974).

subsistência de acordo com as suas crenças e costumes" (Escudero, 2009, p. 148)[148], o que se alinha ao pensamento de Amartya Sen, que defende as liberdades substantivas (Sen, 2010). Como já assinalado, para Escudero (2009), trata-se de um conceito de desenvolvimento baseado na necessidade infinita de consumir e que classifica a maioria dos países, em especial os do Sul global, à categoria de subdesenvolvido (Escudero, 2009).

Trata-se de uma crítica a uma conceção de desenvolvimento que está baseada em performance económica, a partir da mensuração pelo PIB, que traz a ideia de crescimento alicerçado no progresso contínuo, no consumo desenfreado (para manter alta a produção), com exploração da mão de obra barata (muitas vezes instalada em países em desenvolvimento), que gera grande acumulação de capital para poucas pessoas ou conglomerados. Este modelo configura-se como um modelo de crescimento económico permanente e especulativo, que não leva em consideração a finitude dos recursos, as catástrofes ecológicas geradas e a destruição das pequenas economias locais, que são formas de subsistência de comunidades tradicionais (Escudero, 2009)[149].

Neste sentido é possível compreender que a escalada mundial da produção industrial e o consumo desenfreado de bens, juntamente com a expansão global do capitalismo, tenham causado profundas alterações em relação ao meio ambiente; compreendidas no âmbito das mudanças climáticas. Em função dessas alterações, Paul Crutzen[150], a partir de vários textos publicados em 2000, observou o facto de que deixamos de viver na era do Holoceno[151] e passamos a viver em uma nova era geológica da Terra, o Antropoceno. Este termo define a época a partir da qual os humanos estariam interferindo em processos específicos do planeta Terra, em especial os ocorridos nos últimos 200 anos (Artaxo, 2014).

O físico brasileiro Artaxo (2014), também destaca que foi o uso de tecnologias advindas da Revolução Industrial – em especial as máquinas a vapor, os motores a combustão interna e o uso de combustíveis fósseis – os responsáveis pelo grande aumento

[148] No original: *incapacidad para gobernar sus vidas en el día a día, de tomar sus propias decisiones que le permitan una subsistencia de acuerdo con sus creencias y costumbres.*
[149] Escudero (2009) cita entre outros casos, as extensas plantações de soja no Brasil, a exploração do óleo de palma na Indonésia e Malásia ou a semeadura da alga Eucheuma nas ilhas do Pacífico. Em todos esses casos, ocorre a destruição das economias locais.
[150] Prêmio Nobel de Química em 1995 (Artaxo, 2014)
[151] O Holoceno é um termo geológico que define uma época composta entre 10 e 12 mil anos e que pertence ao Período Quaternário da Era Cenozóica. A questão que Veiga (2021) levanta é que o Antropoceno não se define somente do ponto de vista geológico, por marcadores fósseis, mas pela "escalada geral de muitos outros impactos antrópicos sobre a Terra, em especial sobra sua biosfera" (Veiga, 2021, p. 13).

da concentração atmosférica de dióxido de carbono (CO2). Além disso, a expansão do capital em termos globais, o crescimento populacional e o uso intenso dos recursos naturais fez com que cientistas, governantes e população em geral passassem a prestar atenção à deterioração do meio ambiente circunscrito ao planeta Terra (Artaxo, 2014). Veiga (2021) acrescenta que esse processo foi sobremaneira virulento nas últimas sete décadas e que o sistema Terra estaria de certa forma ameaçado. Apesar de a comunidade científica, especialmente a Comissão Estratigráfica Internacional (ICS), não ter oficialmente reconhecido, é facto que aceleramos a degradação da nossa biosfera de tal forma que o Antropoceno já foi instaurado (Veiga, 2021)[152].

Este processo pode ser compreendido no âmbito do pensamento de John Lovelock (1991), para quem a Terra – enquanto planeta – pode ser compreendida como um organismo vivo, daí o facto de ter desenvolvido a Teoria de Gaia, um conceito no qual Gaia – enquanto organismo vivo – "é ativamente sustentada e regulada pela vida que há em sua superfície" (Lovelock, 1991, p. 1), o que reforça o antigo aforismo de Korolenko quando este afirma que a "Terra é um organismo vivo" (Lovelock, 1991, p. 7)[153]. É essa visão que leva Lovelock (1991), assim como Latouche (2009), Escudero (2009, 2011, 2015a), Boff (2012) e Veiga (2010, 2021) a se preocuparem com as constantes ameaças aos ecossistemas naturais de Gaia[154], onde o ser humano é visto como mais uma espécie, das tantas que habitam esse organismo. Assim, para Lovelock (1991), não há porque se intitular proprietário deste planeta: "o nosso futuro depende muito mais de um correto relacionamento com Gaia do que com o interminável drama de interesses humanos" (Lovelock, 1991, p. 11).

Para Escudero (2009), a temática do desenvolvimento apresentada por Harry Truman no cenário do pós-guerra em 1949 – como já assinalado –, foi o responsável direto pelo empobrecimento de grande parte da população, trazendo para o cenário mundial a questão do subdesenvolvimento, um viés que não fazia parte da agenda, nem de países latino-americanos, e muito menos das sociedades africanas. O referido autor avalia que "não é preciso redistribuir a riqueza, mas sim criar bases e condições para acolher os novos-

[152] O conceito de Antropoceno já foi explanado ao longo do Capítulo 1.
[153] O próprio James Lovelock afirma que a ideia de que a Terra é um organismo vivo, na verdade é muito antiga, talvez "tão velha quanto a humanidade" (Lovelock, 1991, p. 7), mas que as primeiras comunicações públicas remontam à participação de James Hutton, em 1875, na reunião da Royal Society de Edimburgo (Lovelock, 1991).
[154] Lovelock (1991) assinala, em específico, o aumento dos gases que produzem o efeito estufa e a questão da camada de ozônio com a possibilidade de aumento de ondas ultravioletas ou chuva ácida.

ricos, sem que isso implique uma distribuição igualitária ou redistribuição" (Escudero, 2009, p. 149, tradução nossa)[155].

O uso intensivo das riquezas e dos recursos para a geração de progresso traduz-se na criação de um mundo de iniquidade e exploração, em defesa do desenvolvimento como modelo especulativo. Este empobrece sociedades e populações, aumenta a desigualdade social, incentiva a monocultura que serve a um mercado consumidor mundial, destrói a diversidade de plantios tradicionais, incentiva o consumo de produtos industrializados, muda hábitos alimentares, aumentando assim os índices de obesidade e subnutrição, ao mesmo tempo (Escudero, 2009).

Numa perspetiva crítica, este modelo económico, baseado no consumo desenfreado, é inviável. Para Veiga (2010), é necessário romper com a lógica social e a economia centrada no consumo, pois o cerne da questão estaria nos diferentes estágios que os vários países do mundo se encontram em relação ao modo de produção e, no imenso abismo que existe entre os países industrializados e os emergentes. Nos dias de hoje, o Brasil faz parte do grupo dos países emergentes, participando de um bloco económico conhecido como BRICS, acrónimo formado a partir das iniciais dos países membros, a saber: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Por sua vez, a proposta do desenvolvimento sustentável, criada a partir de 1987 com o aparecimento do conceito de sustentabilidade, presente no relatório *Nosso Futuro Comum*, elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também se mostra inexequível, pois ainda opera na lógica do consumo e do crescimento ilimitado (Escudero, 2009). A investigação, coordenada pela norueguesa Gro Harlem Brundtland, definiu que desenvolvimento sustentável é "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades" (Brundtland, 1996, p. 46). Esta é uma questão que está ancorada no dilema do crescimento e que envolve produção de bens e seu posterior consumo. Pioneiramente, diga-se de passagem, porque conectou a inviabilidade dos modelos de desenvolvimento e crescimento à época adotados em grande parte dos países ditos desenvolvidos com os padrões de produção e consumo. Passou-se então à defesa do desenvolvimento sustentável.

[155] No original: *no es necessário redistribuir la riqueza sino crear bases y condiciones para dar la bienvenida a nuevos ricos, sin que esto implique ni reparto igualitário, ni redistribución.*

Porém, Escudero (2009), salienta que atuar em prol do desenvolvimento sustentável leva somente ao adiamento para o enfrentamento da questão sobre a finitude dos recursos naturais, dado que "definir algo como 'sustentável' é o mesmo que reconhecer um equilíbrio instável e não duradouro" (Escudero, 2019, p. 153)[156].

Uma das obras literárias brasileiras que recupera a temática da sustentabilidade num modelo baseado no consumo intenso, bem como a questão da manipulação dos meios de comunicação, é o texto do escritor brasileiro José Ignácio de Loyola Brandão, *Não verás país nenhum.*[157] Trata-se de uma ficção sobre o fim dos tempos tendo por cenário a cidade de São Paulo, Brasil. Escrito no início dos anos 1980, auge dos movimentos ambientalistas e do final do período da ditadura militar no país, o referido texto tem em Souza a figura do anti-herói, narrador e protagonista ao mesmo tempo: um professor de história aposentado compulsoriamente que perambula por uma metrópole distópica, governada por um oligopólio denominado "Esquema". Um futuro sombrio que Brandão (2008) nos apresenta da seguinte forma:

> As secas definitivas vieram logo após o grande deserto amazônico. Um ano sem uma gota de água e as represas de São Paulo se esgotaram. Apavorado, o povo fazia promessas, enchia as igrejas. Organizavam procissões, novenas, romarias. Inúteis. Poços artesianos começaram a ser abertos às pressas, às centenas. [...] Charlatões, fazedores de chuva enriqueceram. As chuvas não vieram. De nada adiantaram as procissões, rezas, trezenas, missas, macumbas. Padres gritavam no púlpito que tinha chegado o juízo final (Brandão, 2008, pp. 116-117).

Para prevenir essa possibilidade de vivermos um momento pré-apocalíptico tão bem descrito na ficção de Brandão (2008), a Cruz Verde e o Conselho da Terra encarregaram-se de redigir a Carta da Terra[158], no ano de 2000, documento que, de acordo com o teólogo brasileiro Leonardo Boff, "significa também um libelo em favor da esperança de um

---

[156] No original: *Definir algo como 'sostenible' equivale a reconocer un equilibrio inestable y no perdurable*.

[157] O título da obra, que recupera um trecho do poema de Olavo Bilac, *A Pátria* apresenta a inversão conceitual da referida poesia, uma vez que Bilac – poeta parnasiano – enaltece os atributos naturais do Brasil, ao afirmar: Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! / Não verás nenhum país como este! / Olha que céu! que mar! que rios! que floresta! / A Natureza, aqui, perpetuamente em festa, / É um seio de mãe a transbordar carinhos. Publicado em 1981, a primeira edição de *Não verás país nenhum* esgotou-se em apenas uma semana. Desde então vendeu mais de 1 milhão de cópias tendo sido traduzido para mais de dez línguas. Disponível em https://tab.uol.com.br/edicao/ignacio-loyola-brandao/index.htm?fbclid=IwAR0AUP_xeITAIJS34x_Ag0LyIo3SSYkFZRVLmQYp95BKFjftVYgtVZl9YbE#page14 Acesso em 24.01.2021. Para a versão integral, ver Anexo nº 4.

[158] A Carta da Terra foi ratificada em março de 2000 após um amplo debate que envolveu mais de 100 mil pessoas, de 46 países. Em 1997 foi escrito o 1º esboço da Carta da Terra com coordenação de Maurice Strong (ONU) e Mikhail Gorbachev (Cruz Verde Internacional). Dois anos depois, Steven Rockfeller apresenta o 2º esboço após o intenso debate que envolveu de escolas primárias à ministérios.

futuro comum da Terra e Humanidade" (Boff, n.d.) [159]. Em seu preâmbulo, a Carta da Terra afirma que "A escolha é nossa e deve ser: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e cuidar uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida" (Carta da Terra, 2000).

Com isso, os autores da Carta da Terra, grupo do qual Leonardo Boff fez parte conclamam a sociedade civil para o esforço da preservação da espécie humana e a construção de um futuro promissor, um novo começo: a refundação do pacto social, entre os homens e o pacto natural com a Mãe Terra. Assim, para Boff (2012), sustentabilidade significa

> [...] o conjunto de processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões (Boff, 2012, p. 14).

Por sua vez, Veiga (2010) considera que, por mais que os humanos se esforcem, o máximo que se pode fazer é prolongar a existência da vida humana na Terra, não imputando ao Homem *sapiens* a responsabilidade sobre seu próprio fim, delegando a fatores exógenos essa possibilidade. O que de fato deve ser levado em consideração é que a "artificialização, que tanto fez progredir a humanidade, ameaça seus próprios alicerces vitais, como um parasita, que põe em risco a sobrevivência de seu hospedeiro" (Veiga, 2010, p. 35).

Porém, de acordo com Lovelock (1991), nesse processo histórico – o da evolução da atuação do homem sobre Gaia – a Terra segue seu curso natural, geológico, com o contínuo deslocamento das placas que antes formavam a Pangeia, com a lenta formação das montanhas como os Andes, os Alpes e os Himalaias e com a intensificação da atividade sísmica no chamado Anel de Fogo do Pacífico. A degradação da natureza intensifica esses fenómenos naturais: chuvas em excesso fora de época, temperaturas baixíssimas em regiões já frias e verões com a sensação térmica de 41 graus. Para esse cenário que se aproxima da distopia de José Ignácio de Loyola Brandão, como já referido, é Boff (2012) quem adverte: "Ou encontramos outra forma de produzir e assegurar a

[159] Disponível em https://leonardoboff.files.wordpress.com/2020/05/cartadaterrahistoria2105.pdf Acesso em 24.01.2021

subsistência da vida humana e das comunidades de vida (animais, florestas e os demais seres orgânicos) ou então poderemos conhecer um fenomenal fracasso que traz em seu bojo grave catástrofe social e ambiental" (Boff, 2012, p. 19).

Inserido na perspetiva crítica à proposta de desenvolvimento sustentável, Escudero (2009) alerta que se trata de uma ideia que acaba por amenizar as questões que envolvem os problemas que ameaçam a humanidade. Trata-se, enfim, de um modelo que continua sendo excludente, que não acolhe a todos.

Em contrapartida, Castells (2019) assinala que o surgimento de práticas sociais e económicas[160] alternativas, que se traduz por estratégias de sobrevivência e na busca de outras formas de vida económica, acabou por fomentar "uma nova compreensão da economia, tal como as políticas de decrescimento, que projetam novas formas de atividade econômica capazes de produzir, consumir, criar empregos e assegurar sustento apoiando-se em novas fundações culturais, inaugurando uma economia que dê importância às pessoas" (Castells, 2019, p. 242).

É do economista e filósofo francês Serge Latouche que advém uma proposta de superação do conceito de desenvolvimento sustentável, e sua substituição pelo conceito de decrescimento, cujos princípios foram compilados em dois opúsculos. O primeiro deles, intitulado *Survivre au devellopement*, foi qualificado, de acordo com o próprio autor, como uma proposta de descolonização do imaginário económico, em prol da construção de uma sociedade alternativa. Todavia, neste texto, o projeto de uma sociedade de decrescimento era apenas um esboço, sem aprofundamento sobre as implicações que uma transição política necessária traria à realização daquilo que ele também classificou de utopia: o decrescimento no Norte Global, ao mesmo tempo em que o Sul era mantido à parte. É, pois, em seu segundo texto – *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, uma obra também concisa – que Latouche (2009) vai desenvolver as possibilidades de uma passagem serena de uma sociedade do consumo para uma sociedade de decrescimento, por meio de oito propostas às quais ficaram conhecidas como os "8 Rs", tendo por base os estudos do já mencionado Clube de Roma, que "nos preveniu que a busca indeferida do crescimento era incompatível com os fundamentos do Planeta" (Latouche, 2009, p.

[160] Essas práticas – muitas delas revisitadas – agregam várias estruturas já trabalhadas neste capítulo da tese, tais como cooperativas, bancos éticos e comunidades rurais e urbanas, além de outras cujo modo de operar foram atualizadas recentemente, tais como as modernas redes de escambo, as hortas urbanas, as comunidades autossustentáveis, as fazendas agroecológicas e as agrovilas, as redes de solidariedade, os negócios sustentáveis, "todas passando ao largo do mercado orientado para o lucro" (Castells, 2019, p. 242)

XII). Deste segundo opúsculo, extraímos três questões que consideramos fulcrais na obra de Serge Latouche.

Em primeiro lugar é preciso assinalar que Latouche (2009) localiza a origem da proposta do decrescimento, ou seja, dos limites físicos a um crescimento desordenado, em Thomas Malthus (1766-1834), também já referenciado neste capítulo, cujas preocupações encontrarão respaldo científico em Sady Carnot e sua segunda lei da termodinâmica. Aqui, o princípio da entropia, ou seja, a não reversibilidade das transformações da energia e da matéria que acaba não se enquadrando nas "funções padrão de produção" (Latouche, 2009, p. 14), levam ao desperdício e à pouca utilização da energia solar, uma vez que

> […] o processo econômico real, diferentemente do modelo teórico, não é um processo puramente mecânico e reversível; de natureza entrópica, ele se desenrola numa biosfera que funciona no tempo marcado pela flecha do tempo. Disso decorre, para Nicolas George Rose, a impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de substituir a ciência econômica tradicional por uma bioeconomia, ou seja, pensar a economia no seio da biosfera (Latouche, 2009, pp. 15-16).

Em segundo lugar, é necessário estar atento para a tríade que Latouche (2009) evoca como sendo pontos críticos para a mudança de uma sociedade baseada no consumo infinito de bens finitos para uma sociedade de decrescimento: a publicidade (que potencializa o desejo do consumo), o crédito (que permite este consumo exacerbado) e, por fim, a obsolescência programada de equipamentos que acaba por requisitar novamente os serviços de publicidade para mais um ciclo pernicioso. Por isso, "trata-se sempre do lucro, motor da economia de mercado e do capitalismo nas suas diversas mutações" (Latouche, 2009, p. 20). Carlos Taibo em entrevista a Patrick Eser (2009) ressalta que o crescimento induz ao trabalhador a um tipo de vida que remete ao escravizado, no qual se busca cada vez mais trabalho, mais dinheiro, mais consumo, mais felicidade, tornando essa busca um círculo vicioso.

Finalmente, em terceiro lugar, para Latouche (2009) está a proposta de se erigir uma outra sociedade a partir de sua recombinação de práticas, todas elas iniciando-se pelo prefixo "re" (de origem latina que tanto pode significar repetição, como uma ação retroativa[161]), definidas a partir do verbo no infinitivo, o que denota o potencial da ação.

[161] In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/re . Acesso em 12.01.2022.

Práticas essas que "nos levariam a revolução exigida para a construção uma sociedade autônoma de decrescimento" (Latouche, 2009, p. 42) Os oito "erres" que o autor nos apresenta são: 1. reavaliar os velhos valores burgueses das sociedades contemporâneas; 2. reavaliar e/ou reconceptualizar os conceitos de riqueza e pobreza, deixando de lado a monetização da natureza; 3. reestruturar as relações produtivas e as relações sociais[162]; 4. redistribuir as riquezas e o acesso ao patrimônio natural, de forma equilibrada entre Norte e Sul Global, como dentro de uma mesma sociedade[163]; 5. Relocalizar, valorizando a produção local de modo a satisfazer as necessidades da população com baixo custo, inclusive de transporte e que traria a reboque a valorização do pequeno agricultor; 6. Reestruturar as formas de produção e, consequentemente, as relações sociais em função das alterações dos valores que esta nova postura demandará da sociedade; 7. reduzir de modo a "diminuir o impacto sobre a biosfera de nossos modos de produzir e consumir" (Latouche, 2009, p. 49), incluindo aqui o turismo de massa e prol de um turismo ético, justo ou responsável; e, por fim, 8. reutilizar e reciclar os objetos e equipamentos, aumentando a sua vida útil, bem como a dos seus componentes. Para Latouche (2009), a proposta dos oito "erres" desenha "uma utopia no melhor sentido do termo, ou seja, a construção intelectual de um funcionamento ideal, mas também concreto, porque parte de dados existentes e de evoluções realizáveis" (Latouche, 2009, p. 55).

Considerando que um programa para o decrescimento perpassa necessariamente por um programa anticapitalista, Carlos Taibo traz duas questões que se colocam logo de partida para a conceituação do termo (Eser, 2009). Em primeiro lugar – e em consonância tanto com o Clube de Roma (Celso Furtado, 1974), como com o que defende Latouche (2009) – está a certeza da finitude dos recursos e da necessidade de descartar qualquer forma de crescimento ilimitado; e, em segundo lugar, insere-se a crise económica de 2009 (já referenciada neste capítulo) que se apresenta como uma possibilidade de horizonte. Para Carlos Taibo a noção de desenvolvimento sustentável e os movimentos ecologistas não fracassaram frente à perspetiva do decrescimento, mas pelo simples facto de terem se incorporado ao sistema e deixado de lado "a contestação efetiva do capitalismo[164]," (Eser, 2009, p. 46) acabaram por se converter, grande parte das vezes, nos partidos verdes. O desafio, sugere Carlos Taibo é "avançar em uma resposta ao capitalismo que dê igual

[162] O que implica na questão "concreta da saída do capitalismo" (Latouche, 2009, p. 47)
[163] Para Latouche (2009) essa relação da redistribuição entre o norte e o sul carrega uma imensa "dívida ecológica. Começar a ressarci-la reduzindo nossa predação seria um ato de justiça. Conto como veremos, não se tratará de dar mais e sim distrair (Latouche, 2009, p. 48)
[164] No original: *La contestación efectiva del capitalismo.*

destaque à sua dimensão de injustiça e à sua condição de sistema permanentemente agressivo à natureza" (Eser, 2009, p. 46)[165] .

Neste sentido, para o autor espanhol, o decrescimento implica na

> [...] reorganização das nossas sociedades com base em diferentes regras, entre as quais a redistribuição dos recursos, o primado da vida social, o lazer, o trabalho criativo, a distribuição do trabalho, a redução da dimensão de muitas infraestruturas, o protagonismo crescente que devemos dar ao local versus global ou, por último, sobriedade e simplicidade voluntária (Taibo, 2009, p. 45, tradução nossa)[166].

Taibo (2009) também chama a atenção para o facto de que ao termo desenvolvimento, busca-se acoplar um sem número de adjetivos de forma a matizá-lo: sustentável, local, duradouro, social, humano, etc.; o que não o impede de afirmar, inspirado em Serge Latouche, que

> [...] o desenvolvimento realmente existente, por dizê-lo doutra maneira, aspira a transformar em mercadoria as relações entre os seres humanos e as que estes mantêm com a natureza. Trata-se, por conseguinte, duma empresa agressiva tanto com esta última como com os povos, na linha da colonização do passado e da globalização do presente (Taibo, 2010, p. 16).

No seguimento deste pensamento, Escudero (2009) defende a prerrogativa de que é preciso uma nova lógica, a da cultura do decrescimento, um outro modelo de produção, no qual a ideia de o não-consumo de bens desnecessários fará parte desse novo imaginário: "decrescer implica trabalhar uma economia diferente, organizada para prover o que é necessário, não o supérfluo, um modelo onde o benefício não seja especulativo" (Escudero, 2009, p. 155, tradução nossa)[167].

---

[165] No original: *avanzar en una contestación del capitalismo que otorgue el mismo relieve a su dimensión de injusticia y a su condición de sistema permanentemente agresivo con la naturaleza.*

[166] *No original: No sólo por lo que nos dice en sí misma, sino también por lo que implica en materia de reorganización de nuestras sociedades sobre la base de reglas distintas entre las que se encuentran la redistribución de los recursos, la primacía de la vida social, el ocio creativo, el reparto del trabajo, la reducción del tamaño de muchas infraestructuras, el relieve cada vez mayor que debemos otorgar a lo local frente a lo global o, en fin, la sobriedad y la simplicidad voluntaria.*

[167] No original: *Decrecer implica trabajar una economía diferente, organizada para proveer de lo necesario, no de lo superfluo, un modelo donde el beneficio no sea especulativo.*

2.5. À guisa da segunda reflexão: o esgotamento das energias utópicas e o advento da Sociedade da Informação

Habermas (1985) situa, na passagem do final do século XX ao início do século XXI, um tempo de esgotamento das "energias utópicas", dado que "As utopias clássicas traçaram as condições de uma vida humana, de uma felicidade socialmente organizadas; as utopias sociais fundidas com o pensar histórico que desde o século XIX intervêm nas discussões políticas despertam expectativas mais realistas" (Habermas, 1985, p. 116). Para o filósofo alemão, esse processo não seria transitório ou pessimista, porém torna-se necessário percebê-lo em profundidade. O facto é que

> [...] a utopia social do trabalho perdeu a sua força de convicção – e não só porque as forças produtivas perderam a sua inocência ou porque a extinção da propriedade privada dos meios de produção obviamente não desembocou *per se* na autogestão dos trabalhadores. Sobretudo, a utopia perdeu o seu ponto de referência na realidade: a força estruturante e formadora da sociedade do trabalho abstracto (Habermas, 1985, p. 18).

Buscando contextualizar esta perceção de Habermas, aqui convocamos novamente o historiador inglês Eric Hobsbawm (2012), que caracteriza o período do final do século XX como sendo os anos de crise e de desmoronamento, em específico os anos compreendidos entre 1973 e 1999, não só por questões económicas – entre elas a questão mundial do petróleo – mas porque é também neste período que se localiza o fim dos impérios coloniais com a independência das últimas colónias em África e a ascensão dos novos movimentos sociais.

Em termos económicos, é também neste momento que se assinala o colapso do chamado Consenso Keynesiano[168], no qual – como vimos ao início deste capítulo – o capitalismo industrial marcou a ascensão das forças sociais, com aumento da presença do Estado e a construção do estado de bem-estar social (Hobsbawm, 2012). Isso porque "essas lutas levaram, no século que termina, à implantação ocasional dos ideais socialistas sob a forma de planificação centralizada e, mais frequentemente, de aumento da participação do Estado na alocação da renda social, conforme o ideário da social democracia" (Celso Furtado, 1999, p. 4).

[168] Em vigência no pós Segunda Guerra Mundial.

Porém, no que tange em específico à realidade brasileira, de acordo com Fiori (2000), Celso Furtado viu com criticidade a opção que os governos brasileiros mais recentes fizeram em prol da "nova estratégia econômica liberal" (Fiori, 2000, p. 1), permitindo a instalação de empresas transnacionais num país cuja economia ainda estava em formação. Uma vez que o projeto de tornar o Brasil uma nação desenvolvida – processo que estava em curso desde 1930 – havia sido obliterado tanto pelo Golpe civil-militar (anos 1960), como pelo processo de globalização (anos 1990), o eminente economista postulava que, consequentemente, desaparecia também a "esperança de desenvolvimento" uma vez que estava se "perdendo a expectativa e a vontade coletiva que foram decisivas para a construção e preservação de sua unidade" (Fiori, 2000, p. 2). Para Celso Furtado (1999), no alvorecer do século XXI, o que estava a ocorrer era "o desmantelamento do modelo que permitiu a inserção de países da América Latina no processo de industrialização e a adoção acrítica de uma política econômica que privilegia as empresas transnacionais" (Celso Furtado, 1999, p. 7).

Este cenário mais pessimista pode ser vislumbrado a partir da perceção de uma alteração de forças: o keynesianismo sendo posto a prova pelos defensores do neoliberalismo, engendrado a partir da Escola de Chicago, mais especificamente pela "escola monetarista", cujo mentor foi o catedrático Milton Friedman. Apesar do neolioberalismo ter voltado à tónica dos debates desde o final da Segunda Grande Guerra, com Friedrich August von Hayek e a sociedade de Mont Pèlerin, é a partir da crise do petróleo, instalada entre 1973 e 1974 que a nova corrente de pensamento económico encontra espaço como projeto político-económico (Silva & Franca, 2017).

Como resultado, em termos globais da aplicação dos principais postulados neoliberais – primeiramente nas economias norte-americana e britânica, e, mais à frente estendendo-se às diversas partes do globo –, o advento do processo de globalização trouxe uma intensa circulação de mercadorias e capitais. Silva e Franca (2017) avaliam que além da

> [...] representação das atividades dos grupos empresariais e dos fluxos comerciais decorrentes do processo de globalização, tal expressão demonstraria que este novo fenômeno de tática global apesar de aparentemente integrados se mostrou cada vez mais excludente; sendo assim, incapaz de abarcar as economias periféricas (Silva & Franca, 2017, p. 136).

Hobsbawm (2012), destaca que ao longo da década de 1990, os países investidores decidiram claramente "cancelar uma grande parte do Terceiro Mundo nas Décadas de

Crise" (Hobsbawm, 2012, p. 412), suspendendo investimentos em países cujas economias apresentavam baixa renda, atitude extensiva para grande parte das ex-repúblicas soviéticas (Hobsbawm, 2012).

É neste cenário que temos a ocorrência de alguns fenómenos que irão impactar o quotidiano da humanidade a partir dos anos de 1980: o enfraquecimento do Estado-nação, a crise do comunismo e a formação de um "novo nacionalismo separatista" (Hobsbawm, 2012, p. 414). Em relação a este último tópico, o autor repara que ocorria uma resistência dos Estados-Nação ao seu próprio desmantelamento. Alguns países mais ricos passaram a influenciar países cujas economias eram carentes, por meio de subsídios e investimentos, aliado ao facto de que o vetor cultural era essencial nesta nova ordem mundial: o senso de pertencimento a uma comunidade, ou melhor: o "surgimento de 'grupos de identidade' – agrupamentos humanos aos quais a pessoa podia 'pertencer', inequivocadamente e sem incertezas e dúvidas [cuja] maioria apelava para uma 'etnicidade' comum" (Hobsbawm, 2012, pp. 416-417).

É neste contexto que sobressai um dos contributos sobre o advento dos média de massa, como salienta Vattimo (1992), um momento no qual o fim dos processos de colonialismo e de imperialismo, foram fatores que possibilitaram a diversos povos o que ele denominou por "tomada da palavra". Para o sociólogo, os novos meios de comunicação, além de ressignificar as noções de tempo e de espaço, acabaram por ressignificar também as identidades do sujeito que narra (Vattimo, 1992)[169].

Celso Furtado, ao constatar, que na viragem do século XX para o século XXI os governantes brasileiros abdicavam de uma noção de desenvolvimento minimamente autónoma, defende um posicionamento definido por ele como a "busca de novo horizonte utópico". Para Almeida Filho (2008), trata-se de uma "leitura concreta do presente [de onde se vislumbra] uma utopia do possível" (Almeida Filho, 2008, p. 3), ou seja, o homem pragmático, o *policy maker*[170], ainda acredita que é possível o desenvolvimento para os países periféricos, em especial o Brasil.

Habermas (1985) falava-nos do "espírito da época", que agrega o "pensar histórico" ao lado do "pensar utópico", algo que até então ocorria num passado recente, mais especificamente entre os anos de 1984/1985. No entanto, para filósofo, na atualidade, as

[169] Voltar-se-á a esta temática ao longo do Capítulo 3.
[170] Conforme já mencionado neste capítulo.

energias utópicas encontram-se exauridas, pois delas foi retirado o pensar histórico, é como se um véu trouxesse a opacidade. Na análise dos acontecimentos, a crise do Estado Social trouxe a perda da capacidade de esboçar futuros possíveis, dada a perda do emprego pleno, a perda dos direitos sociais e a impossibilidade de se "viver em liberdade, justiça social e bem-estar crescente" (Habermas, 1985, p. 119).

Na realidade, o que Habermas (1985) vislumbra é a despedida da utopia social do mundo do trabalho, ancorado nas relações de cooperação na fábrica e nas ações de solidariedade em prol de uma sociedade alicerçada na comunicação, uma troca de paradigmas, dado que

> Nesta temática os acentos utópicos do conceito de trabalho transferem-se para o da Comunicação. Falo apenas de 'acentos' porque com a troca de paradigmas da sociedade do trabalho para a sociedade da comunicação, também se altera o modo de articulação à tradição utópica. Certamente com a despedida de conteúdos utópicos da sociedade do trabalho de modo nenhum se encerra a dimensão utópica da consciência histórica e da discussão política" (Habermas, 1985, p. 127).

Se existe a necessidade de reorganizar a sociedade, é na experiência da crise de 2008/2009 que os diversos modelos cooperativos voltaram, com a autogestão da produção e do consumo e a organização de coletivos que acabaram por compreender a importância do retorno "a um Estado de bem-estar social que estava sob ataque dos governos e do mundo dos negócios no momento em que ele era mais verdadeiramente necessário" (Castells, 2019, p. 243). Os Novos Movimentos Sociais desenvolveram uma outra forma de solidariedade, organizada em redes de reciprocidade e apoio, cujo espectro de ação é potencializado pelas TIC. É por meio da apropriação e uso das TIC, bem como das redes sociais digitais, que se dão os processos de empoderamento dos diversos grupos sociais, de onde emergem potentes vozes que até então estavam subalternizadas, na conceção de Spivak (2010). Este conteúdo teórico será abordado, de forma mais minuciosa, ao longo do próximo capítulo e complementa a tríade conceptual que nos permitirá analisar o estatuto das narrativas erigidas a partir das memórias que são organizadas, disponibilizadas, partilhadas por meio das plataformas digitais.

Posto isto, passaremos ao Capítulo 3, no qual abordaremos as questões concernentes da Comunicação Intercultural, buscando enquadrar a Comunicação nos processos de Desenvolvimento, pela multiplicação das vozes, pelo empoderamento dos grupos sociais subalternizados e pelo advento da Era Digital.

Capítulo 3 – Dos desafios da partilha

Impelidos pelos ventos
Dos acontecimentos,
Louvamos os mais diversos
Movimentos libertários
Numa cascata de versos
Sociais e solidários
Duma canção de protesto
Qual "Canção de Redenção",
Uma canção-manifesto,
Canção "Manifestação"...

... Por todo ser humano ou animal
Tratado com desumanimaldade;
Por todo ser da mata ou vegetal
Que já foi abatido ou inda há-de;
Por toda pobre mãe de um inocente
Executado em noite de chacina;
Por todo preso injustamente,
Ou onde preso e preso se assassina;

(10ª e 11ª estrofes da canção *Manifestação*)

Estas estrofes evocam o surgimento dos novos movimentos sociais que não só funcionam como contraponto e resistência à lógica atualmente estabelecida, mas também nos levam a refletir sobre a amplitude do tratamento desumano e violento exercido contra pessoas, animais e natureza sob diversas formas. No interior dos grupos socialmente desfavorecidos, a "desumanimaldade" mencionada na canção está sempre presente nas vidas das pessoas invisibilizadas, independentemente da sua identidade ou da atividade que exercem.

Para Schwarcz (2019), "fatores de ordem histórica podem ajudar a explicar os índices de violência existentes no Brasil" (Schwarcz, 2019, p. 157), incluindo a herança do sistema esclavagista, que perpetua uma estrutura repressiva e é "administrada pelos próprios senhores de terra e contando com a conivência do Estado" (Schwarcz, 2019, p. 157). Além das mulheres/mães, dos presos (com ou sem julgamento) e dos assassinados injustamente[171], o meio ambiente também é alvo de violência nas suas fauna e flora, não

[171] No que tange à violência contra a mulher, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) regista que no ano de 2018 "uma mulher foi assassinada no Brasil a cada duas horas, totalizando 4.519 vítimas" (IPEA, 2020, p. 34);

havendo mais separação entre o humano e o não-humano. Esse posicionamento não se baseia na perspetiva de Robert Wiener que chegou a pensar numa "comunhão entre homem e máquina" (Sodré, 2010, p. 173), mas na perspetiva trabalhada por Humberto Maturana, Francisco Varela e Henri Atlan, autores pelos quais "define-se uma nova metafísica da comunicação ('tudo se comunica, 'tudo é comunicação'), cujas regras se estendem à diversidade do trabalho científico" (Sodré, 2010, p. 26).

A décima estrofe de *Manifestação* faz referência à emergência, no Brasil, dos Novos Movimentos Sociais[172] impulsionados pelos ventos do processo de redemocratização do Brasil a partir de 1984, que tomaram as ruas e foram motores de uma mudança social significativa, que ainda estava em curso no início do século XXI e que foi obliterada por contendas políticas que resultaram no impedimento da presidenta Dilma Vana Roussef, em 2016. Berti (2018) destaca que o impedimento foi relacionado inicialmente com uma acusação de crime de responsabilidade fiscal[173] e foi precedido por notícias – com o intuito de desqualificar a mandatária brasileira – que ganharam destaque tanto nos meios de comunicação de massa, como nas redes sociais digitais, em especial no Facebook[174].

Castells (2017) salienta que a crise política no Brasil teve início com o Movimento Passe Livre em 2013 e que, apesar da classe política local ter reprimido as manifestações com violência, Roussef afirmou que "tinha obrigação de escutar a voz das ruas" (Castells, 2017, p. 245). Porém, a então presidenta acabou sendo cobrada no que tange ao quesito da reforma política. A 31 de agosto de 2016 chegava ao fim o segundo mandato para o qual havia sido reeleita com 51,64% dos votos válidos e que dava sequência ao seu primeiro governo, iniciado a 1º de janeiro de 2011[175]. Também de acordo com Berti

---

porém, apesar dos números recentes terem assinalado uma redução no número de mortes de mulheres da ordem de 9,3% entre 2017 e 2018, o Instituto revela que "ao se observar um período mais longo no tempo, é possível verificar um incremento nas taxas de homicídios de mulheres no Brasil e em diversas Ufs [Unidades Federais ou Estados que compõem o Brasil]" (IPEA, 2020, p. 35). Do mesmo levantamento, depreende-se que existe uma "forte concentração dos índices de violência letal na população negra" (IPEA, 2020, p. 47), a qual figura em 75,7% das vítimas de homicídios, sendo que as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no país (Ipea, 2020, p. 47). O referido relatório trabalhou com a definição elaborada pelo IBGE de que a população de pretos é composta pela soma de pessoas pretas e pardas (IPEA, 2000, p. 47).

[172] A questão dos movimentos sociais mais antigos que permearam a história do Brasil, em especial os de cunho separatista ou que buscavam uma forma de protesto, foi abordada no Capítulo 1. No presente capítulo, trataremos em específico dos Novos Movimentos Sociais, que tomam lugar entre o final do século XX e início do século XXI e apresentam características específicas que serão apresentadas.

[173] A 2 de dezembro de 2016 (Berti, 2018)

[174] Os documentos "Temer escreve uma carta a Dilma" e "Marcela Temer: bela, recatada e do 'lar'", publicados entre dezembro de 2015 e maio de 2016, respetivamente, "foram compreendidos como partes constituintes de um regime de informação, cuja finalidade era ratificar e vincular a governante eleita à imagem de incompetente e inapta para a presidência, merecedora da destituição do cargo" (Berti, 2018).

[175] O ocorrido marcou também o encerramento da presença do Partido dos Trabalhadores (PT) no governo federal, facto que ocorria desde 2002 com a eleição e reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República (2002-2011)

(2018), este período turbulento foi varrido por inúmeras manifestações convocadas pelas redes sociais digitais, com a criação de tags específicas, entre elas: #Nãovaitergolpe, #IstoÉmachismo e #vaitercopa (Berti, 2018). Sobre estes acontecimentos, dos quais emerge o Movimento Passe Livre, ainda em 2013, Castells (2017) escrevia que "o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão" (Castells, 2017, p. 249).

A canção *Manifestação* não se caracteriza somente como música de protesto como, no campo dos ativismos, ela também convoca a população para o exercício de uma prática de cidadania contemporânea relacionada com o processo de mobilização decorrente do surgimento de um espaço diferenciado de informação e operação dos novos média, que pode ser ocupado para despertar e organizar a sociedade em benefício de demandas sociais.

Na realidade, o Brasil passou nos últimos anos do século XX por mudanças estruturais que lhe deram uma nova feição, tais como a campanha pelas eleições diretas (1983/1984) e a consolidação dos processos democráticos. Neste contexto, houve uma "maior participação da sociedade civil e o fortalecimento dos poderes locais em detrimento do tradicional modelo centralizador" (Lago, 2006, p. 145). É de se notar também os benefícios de um longo período sem inflação por conta da estabilidade económica e social trazida pela formulação e implementação do Plano Real, em 1994 (M. Leitão, 2011), bem como a promulgação de uma nova Constituição, em 1988, considerada uma constituição "cidadã" (Fausto, 2009).

Esse cenário propiciou a estruturação de novas Organizações Não-Governamentais (ONGs) sem o perfil ideológico e longe do caráter de militância que caracterizavam as primeiras[176]. Ghon (2000) destaca que – para além da precisão do campo de atuação das ONGs militantes, com a distinção das novas ONGs que se autointitulam Terceiro Sector – há a considerar "as mudanças nas políticas sociais dos Estados nacionais, decorrentes da implantação de um novo modelo de desenvolvimento de desconcentração de várias atividades estatais na área social" (Ghon, 2000, p. 26), modelo que incorpora os pressupostos do neoliberalismo e suas consequências[177].

[176] Assunto já abordado ao longo do Capítulo 1.
[177] Tal assunto foi discutido ao longo do Capítulo 2.

Lago (2006) infere que, no Brasil, foi pela defesa do meio ambiente que ocorreu o fortalecimento da sociedade civil com "aumento da densidade da vida política democrática" (Lago, 2006, p. 98). A temática do meio ambiente ganhou relevância na sociedade brasileira a partir do assassinato do líder seringueiro, Chico Mendes[178], um ser humano tratado com desumanidade animal, ou melhor, com a "desumanimaldade" à que refere a canção *Manifestação*. As consequências imediatas do assassinato do seringueiro foram o comprometimento do governo brasileiro em sediar a I Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992 (que ficou conhecida como Eco 92), e a criação do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para Lago (2006) "do ponto de vista político, a 'abertura' e o fim do regime militar permitiram grandes mudanças e questionamentos, mas, sobretudo, a maior participação da sociedade civil e o fortalecimento dos poderes locais em detrimento do tradicional modelo centralizador" (Lago, 2006, p. 145).

Na contemporaneidade, os movimentos sociais têm acompanhado as mudanças de ordem comunicacional, estruturando-se em redes (sejam elas sociais, locais, regionais, nacionais, internacionais ou transnacionais), e utilizando-se das novas tecnologias de comunicação e informação (Castells, 2017; Di Felice, 2013a, 2017a, 2017b; Ghon, 2011). Ghon (2011) identifica as reformas neoliberais (com a desmontagem do estado de bem-estar social[179]) e a nova conjuntura económica e política para compreender o cenário do advento destes novos movimentos sociais, os quais ela classifica como multi e pluriclassistas e, ao mesmo tempo, transnacionais de forma a fazer frente à globalização (Ghon, 2011).

Essa tendência também foi identificada por Manuel Castells, em 2004, aquando dos atentados à bomba ocorridos em Madrid[180], levando-o a perceber um outro padrão de

[178] Em 23 de dezembro de 1988 foi noticiado amplamente o assassinato e enterro (em Xapuri, Estado do Acre) de Chico Mendes, líder dos seringueiros – pessoas que trabalham coletando a seiva da árvore Seringueira (Hévea Brasiliensis); importante insumo para a indústria, em especial, a fabricação de pneus. Para muitos (Gonçalves, 2005; Lago, 2006), foi um momento em que a temática da preservação da Amazónia tomou outra dimensão. A luta que Chico Mendes e seus colegas de profissão empreendiam na década de 1980 não era só contra o baixo preço que os atravessadores pagavam pela coleta do látex; o desafio de monta era a preservação da Floresta Amazónica e do *modus vivendi* da população local frente aos avanços do agronegócio (Gonçalves, 2005).

[179] Também conhecido como Estado-providência.

[180] A 11 de março de 2004 ocorreram – em três estações do metro de Madrid e num comboio – atentados à bomba que mataram e/ou feriram centenas de pessoas. O governo espanhol, às vésperas da eleição presidencial, impingiu a responsabilidade pelo atentado ao ETA – organização separatista basca. No entanto, dias depois, passou-se a falar em atentado pela participação da Espanha na Guerra do Afeganistão, ao lado do EUA. A 13 de março uma grande manifestação, convocada por meio de redes sociais digitais levou às ruas quase 11 milhões de espanhóis, sendo 2,5 milhões somente em Madrid. Consequentemente, a situação perdeu as eleições e os socialistas acederam ao poder. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/reginaldo-correa-de-moraes/madrid-2004-um-atentado-uma-eleicao. Acesso em 19.01.2022.

atuação por parte dos movimentos sociais (Castells, 2017), que à frente detalharemos. Já Di Felice atribui aos anos de 1970 e ao movimento ciberpunk, bem como ao movimento engendrado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, este novo padrão de ativismo, definido por ele como net-ativismo[181].

Por outro lado, a 11ª estrofe da canção de Carlos Rennó retoma a questão da pobreza, não só a pobreza que gera a desigualdade social[182], como salientado nas estrofes anteriormente analisadas, mas também a pobreza cidadã que se refere à incapacidade de determinados grupos sociais participarem na vida política. Esta situação remete-os à invisibilidade e à pobreza de direitos, que se consubstanciam na impossibilidade de acesso e uso das garantias do Estado. Ainda a salientar, a questão da pobreza cultural, que apaga esses grupos sociais, retirando-lhes o reconhecimento entre os pares e impossibilitando-lhes também a constituição da sua memória histórica[183] (PNUD Brasil, 2005).

Contudo, a onda de redemocratização que atingiu o Brasil ao longo da década de 1980, cujo ponto alto foi a promulgação da nova Constituição[184] também deu visibilidade para os movimentos sociais populares, "encetados por novos atores sociais na cena política (mulheres, índios, negros, sem-terra, homossexuais, etc.) [que] veem no 'resgate' de sua memória um instrumento poderoso de afirmação de sua identidade e de luta pelos direitos de cidadania" (Fernandes, 2012, p. 2). Fenelon (1992) corrobora com esta visão, na medida em que afirma que é preciso recuperar um sentido de património histórico que nos permita entendê-lo como prática social e cultural de diversos e múltiplos agentes.

Isso porque "no social, esta luta se concretiza entre diferentes sujeitos históricos, assumindo formas diversas e resultando em diferentes memórias" (Fenelon, 1992, p. 31). É deste conceito que emerge o princípio da cidadania cultural[185], cidadania essa que garante o direito à preservação e ao registo da memória dos diferentes sujeitos históricos, superando a tradicional história dos vencedores, a falta de conflito nas narrativas e a valorização excessiva do património edificado e das belas artes.

Para tal, Paoli (1992) sugere-nos que a construção da cidadania cultural propicia a produção de uma narrativa histórica e do desenvolvimento de uma política democrática

[181] Maiores considerações sobre a questão do Net-Ativismo serão abordadas mais a fente, neste mesmo capítulo.
[182] Questão abordada ao longo do Capítulo 2.
[183] Assunto que será abordado ao longo do Capítulo 4.
[184] Já abordada em vários de seus aspetos ao longo do Capítulo 1.
[185] Já analisada no Capítulo 1.

de património histórico, não necessariamente alicerçado na figura de um novo herói (Paoli, 1992). Trata-se de um património em "disputa pela memória social, que constantemente desmonta os mecanismos de institucionalização do significado que a sociedade constrói a respeito de si mesma – de seus cidadãos, de suas diferenças, de suas identidades e de suas desigualdades" (Paoli, 1992, p. 27).

Importante registar que *Manifestação* é uma composição escrita por ocasião da comemoração dos 70 anos da Declaração dos Direitos Humanos e explicita a ideia de redenção na 10ª estrofe. Redenção é uma palavra que pode ser compreendida como o ato ou o efeito de redimir-se, mas também assume o sentido de resgatar ou de libertar, tanto da opressão, como da escravidão[186]. Trata-se de uma canção-manifesto, ou seja, uma canção-manifestação[187]; essa é a forma em que a denúncia se anuncia, na ânsia de ultrapassar as consequências de um passado colonialista, através do desenvolvimento do pensamento crítico e de práticas decoloniais[188].

A canção *Manifestação* simboliza um grito de liberdade e desvela o anseio dos que não têm voz, daqueles que não aceitam mais o silenciamento. Ela possibilita à sociedade se defrontar com seus próprios medos, em específico a sua relação com o Outro. O uso amplificado da palavra – propiciada a partir do advento dos meios de comunicação de massa (Vattimo, 1992) – traz a dissolução dos pontos de vista centrais que põe em causa a ideia de uma história universal, a exemplo da gerada pelo Ocidente no contexto da era da modernidade. Trata-se, portanto, da constatação de que não existe uma histórica única – como já vimos em Adichie (2009a, 2009b) –, dado que a pós-modernidade se caracteriza pelo fim das grandes narrativas, suportada pelos média e alinhada à crise dos processos de colonialismo e de imperialismo; esses são fatores determinantes para a diluição da história a partir da perspetiva centro-europeia (Vattimo, 1992). Desta feita, as experiências, as narrativas e as memórias que se organizam a partir do uso das TIC potencializam o empoderamento de grupos sociais subalternizados por conta da "tomada da palavra" (Vattimo, 1992) e da retomada de consciência e de uma cidadania ampla.

Neste capítulo, buscamos compreender as imbricações que o advento dos meios de comunicação de massa e das TIC para a emergência de novas vozes, em grande medida subterrâneas, subalternizadas e invisibilizadas, que encontram espaço para contar as

[186] Porto Editora – *redenção* no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/redenção . Acesso em 29.05.2022
[187] Aspeto já evidenciado ao longo do Capítulo 1.
[188] Voltar-se-á a este tema ao Capítulo 4 da presente tese.

histórias de si e disseminá-las em plataformas digitais, possibilitando ao cidadão a autoria da sua própria narrativa, seja ao nível individual, seja ao nível do coletivo. Para tal, discorremos primeiramente sobre os conceitos de comunicação – em específico o viés da partilha e do estar junto –, as revoluções comunicativas, a sociedade em rede e o advento das manifestações convocadas pelas TIC, bem como as implicações do conceito de Net-Ativismo. Num segundo momento, buscaremos compreender o fenómeno da memória, desde as suas primeiras conceituações até aos dias de hoje. Neste percurso será possível perceber que se trata de um conceito inicialmente abstrato, e que gradualmente se materializa em diferentes suportes. O exemplo mais evidente deste fenómeno é a formação dos diversos Estados-Nação, com a organização dos seus arquivos nacionais. Mais tarde, haveriam de surgir os arquivos desmaterializados com o advento dos média.

Thompson (1993b) assinala que o trabalho com as fontes orais, e a perspetiva de uma retrospetiva de vida em profundidade, encontra espaço tanto no campo de atuação dos sociólogos como no campo de atuação dos historiadores. Ele argumenta que, para os sociólogos, as fontes orais representam uma abordagem oposta à pesquisa quantitativa, porque se baseia numa "massa de dados abstraídos de suas fontes divididas entre intemporais e impessoais"[189] (Thompson, 1993b, p. 117), permitindo assim reintroduzir a "dimensão de tempo na investigação sociológica" (Thompson, 1993b, p. 117), ainda que por meio de outras marcações temporais que não a cronológica. Por outro lado, para os historiadores, dado que a dimensão temporal sempre foi um ponto de partida, o atrativo inicial – em relação ao uso das fontes orais – estava na possibilidade de utilizar a tradição oral de povos ágrafos como fonte de pesquisa. No entanto, esse uso foi ampliado para temas de investigação sobre os quais havia não só dificuldade de localizar as escassas fontes documentais, como também, por vezes, elas mesmas simplesmente não existiam.

Tal perspetiva é fundamental para a análise das iniciativas museológicas disponibilizadas em plataformas digitais como, por exemplo, o Museu da Pessoa. Neste capítulo, procuramos estabelecer a interface entre os campos da Comunicação e da História, explorando as possibilidades dos média digitais promoverem e viabilizarem novas experiências museológicas, por meio da inclusão de vozes antes silenciadas, bem como a possibilidade de narrativas múltiplas, de forma a contribuir para o empoderamento dos grupos sociais que até então viviam marginalizados, nas franjas da sociedade.

[189] No original: "masa de datos abstractos de sus fuentes divididas en rebanadas intemporales e impersonales".

3.1. Pôr em comum

3.1.1. Modos de comunicar

Assim como o termo desenvolvimento envolve uma polissemia de significados, que, de acordo com F. B. Ribeiro (2017), deveria ser enormemente escrutinado[190], Mattelart (1994) e Freixo (2011) defendem que o termo comunicação também possui uma "multiplicidade de sentidos" (Freixo, 2011, p. 26) que abarca "as ideias de partilha, de comunidade, de contiguidade, de continuidade, de encarnação e de exibição" (Mattelart, 1994, p. 9). Para Freixo (2011), é uma palavra que "transborda de sentido e de referências" (Freixo, 2011, p. 132) e faz parte de nossas conceções e vivências na contemporaneidade.

Também é importante compreender que, para Mattelart (1994), "cada época histórica e cada tipo de sociedade possuem uma determinada configuração favorável à comunicação, que lhes é devida" (Mattelart, 1994, p. 10). Isso significa, em termos epistemológicos, uma abordagem por meio dos inúmeros circuitos de trocas (Mattelart, 1994) e um olhar voltado para os diversos modelos comunicacionais que se estruturaram ao longo do tempo (Freixo, 2011).

Nas vésperas da Revolução Industrial, de acordo com Hobsbawm (2010), o mundo era um paradoxo: apesar de ser infinitamente menor e possuir uma menor densidade humana, bem como uma colonização menos efetiva, era, na época, maior em extensão, não apenas devido às imensas distâncias entre localidades, mas também porque essas distâncias impunham uma dificuldade nos transportes e nas comunicações, atividades amplamente imbricadas. Por isso, "estar perto de um porto, era estar no mundo" (Hobsbawm, 2010, p. 31), pois os portos não transportavam somente pessoas, mas também mercadorias e mensagens, por grandes distâncias. Nesse mundo essencialmente rural à época, a feição urbana ficava por conta de umas vinte ou trinta cidades, dentre as quais se destacavam, Londres e Paris[191] (Hobsbawm, 2010). É a partir de meados do século XVII que se estrutura uma imbricada rede voltada para os transportes e as trocas de mensagens, na qual a finalidade principal era o comércio, ou seja, uma comunicação ao serviço das produções do campo e da incipiente indústria.

[190] Assunto tratado no Capítulo 2, na secção 2.2.2 – Os desafios para o estudo do desenvolvimento.

[191] Ambas as cidades, como veremos ao longo desta secção do texto principal, terão um papel preponderante na Europa na constituição de um plano de transportes, em especial no que se refere às vias terrestres e aos caminhos de ferro. Mattelart (1994) infere que a partir de Paris, estrutura-se a rede ferroviária francesa, em forma de estrela, sendo a cidade o ponto para onde convergem todas as linhas (Mattelart, 1994). Não coincidentemente é que ambas as cidades abrigarão as famosas exposições universais, assunto que também será abordado ao longo deste capítulo.

O desafio, naquela época, era o domínio da Natureza pela Razão (Mattelart, 1994). Isso porque "existe uma natureza irracional e má, uma natureza que separa os homens e que se interpõe entre eles, que está na origem dos preconceitos" (Mattelart, 1994, p. 26). O engenheiro, especialmente na França, foi o profissional responsável por domesticar a natureza indómita, estabelecendo estruturas físicas que permitissem a agilidade para o fim último que era a aproximação entre os seres humanos, eliminando os obstáculos naturais que pudessem criar condições de escassez (principalmente de géneros básicos) para a população[192]. Esse era um trabalho necessário que buscava a livre circulação de mercadorias, visando diminuir as desigualdades. Mattelart (1994) defende a ideia de que foi deste modo que se formou na França do Antigo Regime, "um modo próprio de pensar a relação entre o movimento, a economia e a sociedade, entre as 'redes', o Estado e a unidade nacional" (Mattelart, 1994, p. 27).

A palavra "Comunicação", antiga e com vários significados, já era utilizada por Aristóteles no sentido de persuasão, na "tentativa de levar as outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala" (Freixo, 2011, p. 25). Em 1753, no século das Luzes, do Iluminismo, a palavra "Comunicação" já estava presente na *Enciclopédia*; quando Denis Diderot definiu que a comunicação "fala a língua de várias ciências, artes e ofícios" (Mattelart, 1994). Para Diderot, o termo assumia um sentido de retórica, como "meio de entendimento através da razão" (Freixo, 2011, p.26), nomeando a "ciência de comunicar" (Mattelart, 1994, p. 9).

Mattelart (1994) também busca na *Enciclopedia* outras referências à palavra comunicação, encontrando-a no contexto do termo 'comércio', e sendo descrita como uma atividade na qual se realiza uma "comunicação recíproca" que "aplica-se mais particularmente à comunicação que os homens fazem entre si das produções das suas terras e da sua indústria" (Mattelart, 1994, p. 22).

A ideia de comunicação como uma forma de partilha de ideias, pensamentos e ações não é nova. Segundo Mattelart (1994), na França, essa ideia remonta às ações voltadas primeiramente para o estabelecimento de vias fluviais, marítimas e terrestres. Estão, portanto, ligadas à questão do poderio financeiro (Mattelart, 1994; Mattelart & Mattelart, 1997). Posteriormente, essas ações concentraram-se na construção das vias-férreas, a partir de fins do século XVII, sob os auspícios de um dos conselheiros de Luís XVI, que

[192] Para capacitar tal profissional, será criada a Escola de Pontes e Estradas, em 1747. No original, *École de Ponts et Chausses* (Mattelart, 1994).

buscou acabar com o isolamento das províncias francesas. Para Mattelart (1994), "este debate é, sem dúvida, um dos primeiros da história que o problema da comunicação, campo tão propício desde o início ao mito da partilha, da comunhão, foi colocado em termos de desigualdade e de justiça social" (Mattelart, 1994, p. 62). No entanto, para o autor, a noção de que os caminhos de ferro propiciariam igualdade para todos, não passou de um mito (Mattelart, 1994)[193].

Sodré (2010) destaca que a ideia de distanciamento a ser rompido por meio da comunicação, se dá não por questões geográficas, mas sim pela "diferença entre os indivíduos, pela alteridade [mas] atenua-se graças a um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação" (Sodré, 2010, p. 11). A ação comunicativa se sedimentaria pela linguagem que promoveria, na perspetiva de Sodré (2010), o "acolhimento das diferenças". Na modernidade, "o sentido forte da comunicação ou do diálogo caminha, assim, na direção do ultrapasse de sua base dual (o eu e o tu, com seus imperativos de participação e amor) em função do *Outro*" (Sodré, 2010, p. 17, grifo do autor). Sodré (2010) aponta isso ao buscar a compreensão do fenómeno da comunicação não como mera necessidade ou função mas "levar em consideração a totalidade das relações explícitas e implícitas do homem" (Sodré, 2010, p. 17).

No que diz respeito à sua etimologia, comunicação é uma palavra que vem do latim *communicatio* que significa "atividade realizada em conjunto" (Freixo, 2011, p. 151), mas que não se restringe à mera convivialidade. Freixo (2011) assinala ainda que *communicatio* é parte de um vocabulário religioso dos tempos mais antigos do cristianismo, nos quais o isolamento e a contemplação eram considerados "a condição para conhecer Deus" (Freixo, 2011, p. 151). No entanto, será nos conventos e cenóbios que a palavra *communicatio* ampliará o seu significado para o "ato de tomar a refeição da noite em comum" (Freixo, 2011, p. 152), um momento em que se delineava a vontade e a intenção de suspensão – ainda que temporária – do isolamento e de realizar algo em comum união. Para o referido autor, comunicação, também pode ser compreendida pela

[193] De facto, ao buscar um outro tipo de financiamento para as obras públicas que não fosse pelo sistema da corveia, Anne Robert Jacques Turgot, conselheiro de Luis XVI, colocou em prática a ideia de que uma melhor e mais barata circulação de pessoas, animais e mercadorias, seria benéfico para todos: comerciantes, estalajadeiros e até mesmo para a Coroa que teria um custo menor para a manutenção dos exércitos. Porém, o édito do rei que abolia a corveia, de fevereiro de 1776, foi cancelado e a prática da corveia sobreviveu em algumas regiões da França até as vésperas da Revolução Francesa, tendo sido apontada como uma de suas causas (Burns *et al*., 2005).

decomposição do termo em *"comum-ação*, significando então uma ação em comum, sendo esse algo em comum relacionado a um objeto de consciência [portanto], na sua acepção mais fundamental, o vocábulo 'comunicação' refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência" (Freixo, 2011, p. 153).

A partir da reunião dos seus textos numa mesma publicação – C*ommunication as culture. Essays on Media and Society* –, Carey (2009) critica a conceção do senso comum sobre a comunicação, ao afirmar que existem duas formas de compreendê-la: a visão transmissiva e a visão ritual, dado que a "Comunicação é um processo simbólico pelo qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada" (Carey, 2009, p. 19).

Carey buscou enquadrar suas investigações no contexto da crítica aos modelos de estudos em comunicação que priorizavam uma abordagem centrada nos efeitos (Maigret, 2010), argumentando que a perspetiva que entende a comunicação a partir de seus aspetos transmissivos é uma visão agradável às agências financiadoras de pesquisa, pois está em consonância com "os fundamentos subjacentes da cultura americana, fontes que alimentam nossa vida científica, bem como nossos entendimento públicos comuns"[194] (Carey 2009, p. 15).

A abordagem de Carey em relação à comunicação está situada no âmbito dos Estudos Culturais americanos, que "empreendem um caminho original ao operar deslocamentos teóricos e metodológicos em vários planos" (Maigret, 2010, p. 232) e que coincidem com o momento em que a historiografia mostra interesse pelos estudos da imagem e da "história de baixo"[195] (Briggs & Burke, 2004, p. 252).

Para Carey (2009), a visão transmissiva – associada à ideia de envio, transmissão, passagem de informação – enfatiza o atributo da velocidade e, portanto, da noção de espaço. O autor utiliza a metáfora da geografia e do transporte, uma vez que no século XIX, "o movimento de bens ou pessoas e o movimento da informação eram vistos como processos essencialmente idênticos e ambos foram descritos pelo substantivo comum 'comunicação'"[196] (Carey, 2009, p. 12).

---

[194] No original: "*the underlying well-springs of American culture, sources that feed into our scientific life as well as our common, public understanding"*.

[195] Maigret (2010) ressalta o facto de que o trabalho de Carey busca aperfeiçoar uma posição que é ao mesmo tempo progressista, crítica e expressiva. Este olhar levou-o a distanciar-se dos pesquisadores do *Mass Communication Research* e aproximou-o de uma linha de investigação que privilegia os estudos dos média, o conhecimento histórico e a teoria social (Maigret, 2010).

[196] No original: "*the movement of goods or people and the movement of information were seen as essentially identical processes and both were described by the common noun 'communication'*".

Por outro lado, a ideia de uma visão ritual da Comunicação está relacionada aos conceitos de comunidade, compartilhamento de experiências e comunhão, portanto, de crenças compartilhadas no tempo (Carey, 2009). Sob este aspeto, a comunicação promove a tradição, a continuidade e o senso de pertencimento. Ou seja: "Numa definição ritual, a comunicação está ligada a termos como 'partilha', 'participação', 'associação', 'companheirismo' e a 'posse de uma fé comum'. Esta definição explora a identidade antiga e as raízes comuns dos termos 'comum', 'comunhão', 'comunidade' e 'comunicação'" [197] (Carey, 2009, p. 15).

No que diz respeito à noção de partilha, I. Babo (2015), nos ensina que "A partilha de um espaço e de um tempo, de um lugar, de um gosto, de uma cena, de uma peça, cria um determinado público" (I. Babo, 2015, p. 103). A autora também destaca que a noção de partilha e público, como entes constituintes do ato de comunicar, evoluiu a partir do desenvolvimento da imprensa escrita, e ocupou espaços que iam além dos salões, dos cafés e dos clubes, após a Revolução de 1789 (I. Babo, 2015).

3.1.2. Modos de conectar: a rede

A nossa contemporaneidade trata de um momento caracterizado pela superação da modernidade (Sodré, 2009), no qual a ideia do pós-modernismo surge por meio das ruturas trazidas pela comunicação eletrónica (Vattimo, 1992), dado que vivemos numa época em que se celebram diariamente o potencial das novas tecnologias digitais da informação (Martins e Garcia, 2016). Até entrarmos na Era Digital, foram as sucessivas revoluções comunicativas – da escrita (século V a.C), da invenção dos caracteres móveis e da impressão (século XV) e o advento da cultura de massas (séculos XIX e XX) –, que permitiram alcançar um maior público em um espaço de tempo cada vez menor (Lévy, 1993). Porém, foi a revolução comunicativa trazida pelo desenvolvimento das tecnologias digitais que alterou por completo o conceito, o processo e o significado da comunicação.

Castells (2003), enfatiza que a "comunicação consciente" é tipicamente uma especificidade da espécie humana e que o advento da Internet transforma profundamente o modo como os humanos se comunicam, de onde um "novo padrão sociotécnico emerge dessa interação" (Castells, 2003, p. 10) e que altera práticas da economia, da educação, da política e da cultura. Isso porque, a Internet além de propiciar uma nova forma de

[197] No original: "*In a ritual definition, communication is linked to terms such as '"sharing', 'participation', "association," 'fellowship', and 'the possession of a common faith'. This definition exploits the ancient identity and common roots of the terms 'commonness', 'communion', 'community', and 'communication*'" (Carey, 2009, p. 18).

comunicação, também deu origem a uma nova forma organizacional, a rede, que tem como características básicas a flexibilidade e a adaptabilidade, num ambiente de rápida mutação, ou seja, um processo altamente disruptivo e irreversível (Castells, 2003). O referido autor também defende que a Internet é "uma rede de comunicação global, mas seu uso e sua realidade em evolução são fruto da ação humana sob as condições específicas da história diferencial" (Castells, 2003, p. 1).

A não tão longa história da criação da Internet traz, em sua origem, dois aspetos que são evidenciados por Castells (2003): o desafio tecnológico das suas primeiras versões e os impactos na economia, educação e sociedade. A origem da Internet remonta à necessidade ocidental de alcançar superioridade tecnológica militar frente aos progressos da antiga URSS[198]. Tal necessidade conduziu à "construção de um sistema militar de comunicações capaz de sobreviver a um ataque nuclear" (Castells, 2003, p. 14), denominado Arpanet, o qual constituiu a solução encontrada pelo cientista Paul Baran para a criação de um sistema descentralizado de comunicação (por meio de nós ou *hubs*), interligando, por exemplo, diversas universidades norte-americanas. Portanto, na perspetiva de Manuel Castells (2003), a Internet nasceu de uma intersecção jamais imaginada entre liberdade criativa (no contexto da contracultura norte-americana), pesquisa militar e do aporte financeiro, também por parte do governo norte-americano, a projetos de envergadura, a qual o autor denomina por "*big science*" (Castells, 2003, p. 19, grifo do autor)

Muitos foram os desdobramentos e conquistas tecnológicas para se alcançar a Internet[199] comercial da forma como a conhecemos na atualidade. Para que tal acontecesse foi de fundamental importância esse ambiente de liberdade criativa e de inovação e, em especial, a cultura de cooperação, a qual Castells (2003) denominou por "contracultura utópica" que possibilitou a "invenção da Internet e a preservação do espírito de liberdade que está na sua fonte" (Castells, 2003, p. 32).

Em relação ao impacto da Internet, como uma inovação tecnológica, Castells (2003) aponta três frentes de atenção: a economia, o social e a política. No campo económico, o

[198] União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

[199] Entre eles a invenção do modem (dispositivo pelo qual é possível converter elementos binários da linguagem de computador em sinais de transmissão elétrica), o desenvolvimento dos protocolos de hipertexto (que, de acordo com Lévy (1996) "seria constituído de nós (os elementos da informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, 'botões') que efetuam a passagem de um nó a outro" (Lévy, 1996, p. 44)), o HTML, assim como o advento da Web 2.0 e a difusão em larga escala de computadores pessoais (Di Felice, Torres & Yanaze, 2012).

referido autor destaca três aspetos: as transações globais entre empresas, o surgimento das empresas ponto.com (a exemplo da AOL – American On-Line, Amazon E-bay e Yahoo) e o modelo de negócios que ele denominou por "empresa de rede", que teve sua evolução a partir da combinação de muitas estratégias de conexão, a exemplo da Cisco Systms, Nokia e Zara

O referido autor também determinou, para a "empresa de rede" três características de atuação: a descentralização interna da empresa, a cultura de cooperação entre as empresas menores (pequenas e médias) e também a conectividade entre as pequenas e médias empresas com as grandes corporações. Porém, o autor defende o facto de que o que agregou toda essa estrutura foram as "alianças e parcerias estratégicas entre grandes corporações e suas redes subsidiárias. Tomadas em conjunto, essas tendências transformam a administração de negócios numa geometria variável de cooperação e competição segundo o tempo, o lugar, o processo e o produto (Castells, 2003, p. 58).

No campo social, o autor destaca a emergência de uma nova sociabilidade que desvincula o espaço geográfico – a localidade – da sociabilidade. No ano de 2001, ano de publicação de sua obra *A Galáxia da Internet*, Castells (2003) observava estudos que sugeriam uma nova forma comunitária emergindo na Internet, desta vez baseada em "torno de valores e interesses compartilhados" (Castells, 2003, p. 100). Porém, o autor apresenta a existência de uma sociabilidade dual: uma sociabilidade que se daria *online* e *offline.* Neste contexto, há de se a destacar "o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes de formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas" (Castells, 2003, p. 105).

Por fim, o terceiro aspeto destacado por Castells, o campo político, refere-se aos novos movimentos sociais, como ações coletivas no ciberespaço, uma espécie de "ágora eletrônica global em que a diversidade de divergência humana explode numa cacofonia de detalhes" (Castells, 2003, p. 115), abrindo novas possibilidades de trocas e atuação.

Para tal, o autor aponta algumas características desses movimentos, entre elas a mobilização em torno de valores culturais, a ocupação de uma lacuna pela presença de instituições e estruturas desatualizadas (tais como os sindicatos e os partidos), herdeiras

de uma tradição hierarquizante da sociedade industrial e a busca de um alcance global para as causas defendidas[200].

Castells (2017), ao analisar, mais recentemente e de forma mais profunda, os novos movimentos sociais, destaca que o processo de passagem do individual para a ação coletiva se dá por meio de um processo comunicacional que leva à ação coletiva. O autor repara que "esses indivíduos constituem uma rede conectando-se mentalmente com outros indivíduos e por que são capazes de fazê-lo, num processo de comunicação que, em última instância, leva à ação coletiva" (Castells, 2017, p. 27).

Pioneiramente, Castells (2003) definiu a Internet como uma "rede de redes" (Castells, 2003, p. 14). No entanto, Mattelart (1994) refere que até mesmo na *Enciclopédia* dos Iluministas a palavra "rede"[201] ainda não fazia parte do âmbito, nem do imaginário das comunicações. Mesmo que associada à ideia de rotas, vias e caminhos, o termo "rede" ainda estava profundamente vinculado à ideia de infraestrutura: "A rede ainda fala exclusivamente a língua do fio e das sedas. É definida como uma 'obra de fio simples, de fio de ouro, de prata ou de seda, tecido de modo a que haja malhas e aberturas'" (Mattelart, 1994, p. 39).

I. Babo (2017) nos lembra que, na perspetiva de trama ou fio trançado, o termo rede era utilizado para referir-se à rede utilizada pelos pescadores – em sua faina diária de apanhar peixes – ou pelas mulheres – em seu objetivo de prender os cabelos. Citando o sociólogo francês Pierre Mercklé, a autora destaca que "a noção de rede passou dos objetos concretos que nomeava à designação do entrelaçamento, da circulação, das relações topológicas" (I. Babo, 2017, p. 77), constituindo, portanto, um conceito que passou do concreto para o abstrato[202]. Desta feita,

> A rede electrónica, criada a partir de conjuntos complexos de vias virtuais interligadas, estabelece uma circulação de fluxos a-espacializada, desterritorializada, 'flutuante', 'em suspenso', 'fora do solo', em que prevalece a velocidade, a rapidez das interconexões, ou seja, a simultaneidade e a comunicação em tempo real que autonomizam o presente, simulam a proximidade e esbatem as distâncias (I. Babo, 2018, p. 90).

[200] A complexificação do pensamento de Manuel Castells sobre os novos movimentos sociais será abordada no próximo item deste capítulo de tese.
[201] Este verbete, na *Enciclopedia,* data de 1865.
[202] Mattelart (1994) também repara que o uso da palavra rede – até então referenciado como renda – no plano científico surge cotejado aos estudos voltados à grande circulação sanguínea que ocorre no corpo humano. À despeito das descobertas de Galeno[202] e Harvey[202], foi Marcello Malpighi (1628-1694) quem conseguiu detetar a passagem do sangue das artérias para as veias, ação que ocorre no interior do coração. "A rede de Malpighi começou por ser o 'corpo reticular da pele', observável apenas pela nova micro-óptica" (Mattelart, 1994, pp. 33-34).

Castells (2017) denomina essa mudança do domínio de comunicação pelo termo "autocomunicação de massa" (Castells, 2017, p. 21). Ele justifica que se trata de comunicação de massa porque, ao se processar de "muitos para muitos [tem] potencial de alcançar uma multiplicidade de recetores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo" (Castells, 2017, p. 21). No entanto, trata-se de autocomunicação porque a "produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens da rede de comunicação é autosselecionada" (Castells, 2017, p. 22).

Mas, em alguns autores, verificamos que é pelo advento da comunicação digital, que se estabelece a possibilidade de uma nova forma de comunicação, de todos para todos, estruturada em rede e de forma interativa, a qual mudou radicalmente o papel do utilizador frente aos média. Se na era dos meios de comunicação de massa – em especial o rádio, a TV, o jornal e o cinema – o espectador assistia e consumia passivamente o que os média lhes mostravam; na era das redes sociais digitais, ele passou também a produzir conteúdo. Houve uma hibridização em relação ao papel exercido anteriormente pelo produtor de conteúdo e pelo recetor deste conteúdo, um fenómeno que Kerckhove (2009) já identificava em meados da década de 1990 ao afirmar que "a mudança do controle do produtor/emissor para o consumidor transformará uma minoria de usuários nos seus próprios produtores, ou 'prossumidores" (Kerckhove, 2009, p. 76).

Por outro lado, Di Felice (2011, 2013) busca incorporar os contributos de outras ciências para uma compreensão mais abrangente do fenómeno das ecologias comunicativas da interação (Di Felice, 2017a). Ao conjugar os conceitos de ecologia (cunhado pelo cientista alemão Ernst Haeckel), que estuda as relações dos organismos vivos com o mundo exterior, e de ecossistema (definido pelo botânico inglês Arthur George Tansley), que agrega não somente o orgânico, mas também o inorgânico, ele conclui que essa nova perspetiva se caracteriza como uma conceção reticular enquanto "expressão de um conjunto de relações e de fluxos não apenas entre organismos vivos, mas entre um conjunto de elementos e de realidades em contínua comunicação" (Di Felice, 2011, p. 10).

Ao longo dos primeiros vinte anos do século XXI, e no contexto do avanço da Era Digital, Di Felice (2009, 2010) identifica uma nova condição habitativa – a qual denomina Atopia. O termo Atopia tem origem no grego (Ατοπος) e, entre outras interpretações, significa lugar atípico, estranho, paradoxal, fora do lugar[203] (Di Felice, 2009, 2010; Di Felice *et al.*, 2012). A Atopia, enquanto conceito surge da "concepção simbiótica das redes tecno-humanas [e] se refere a um específico modo de estar no mundo delineado pela forma comunicativa digital, caracterizado pelo fim da dialética entre sujeito e território por sua vez ocasionado pela configuração digital do espaço" (Di Felice *et al*., 2012, p. 153).

A Atopia transformou o conceito de lugar em algo fluido, possibilitando novas formas de interação e atuação do sujeito em relação ao território (Di Felice *et al*., 2012). Isso porque "o habitar atópico se configura como a hibridação, transitória e fluida, de corpos, tecnologias e paisagens, e com o advento de uma nova tipologia de ecossistema, nem orgânico, nem inorgânico, nem estático, nem delimitável, mas informativo e imaterial" (Di Felice, 2009, p. 291).

3.1.3. Net-ativismo: modos de manifestar

A exemplo da canção *Manifestação*, a adesão a uma passeata convocada por meio de utilizadores de redes digitais amplia o conceito de social, trazendo também a dimensão da ecologia das redes (Di Felice, 2017). As ações realizadas com esses propósitos, de forma contemporânea – conjugando dimensões técnicas e humanas – configuram modalidades e mobilização nas quais o espaço público é utilizado para a defesa de causas económicas ou sociais (I. Babo, 2017). Este aspeto leva-nos a identificar que as novas formas de organizar e administrar processos políticos têm sido marcadas pela utilização das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

No início do século XXI, o mundo deparou-se com uma nova forma de protesto, que teve como ponto de partida as manifestações de 2004 em Madrid e, na sequência, os levantamentos no Irão e na Islândia no ano de 2009 (Castells, 2017). Porém, os movimentos sociais estruturados em rede tiveram o seu marco inicial nos levantamentos

[203] Como esclarece o autor, a palavra *atopos* traz o prefixo "a", negando o termo que se apresenta em seguida, "topos", cujo significado é "espaço" ou "lugar", tradução literal que leva a ideia de "perda e de ausência de espaço e de território" (Di Felice, 2009, p. 228). Para o desenvolvimento do conceito de Atopia, o autor vai usar outras traduções possíveis.

da *Primavera Árabe* de 2010, que começaram na Tunísia e varreram parte do Oriente Médio e do Norte da África, alcançando outros locais ao redor do mundo: Espanha, Estados Unidos e Portugal (Castells, 2017). Desta feita, Castells (2017) defende a conceção de que os novos movimentos sociais se organizam nas redes digitais, utilizando-se para isso o ciberespaço, ao mesmo tempo que tomam o espaço das praças e ruas, caracterizando-se por momentos *online* e momentos *offline*.

No Brasil, também ocorreram manifestações – que tiveram como ponto de partida o aumento de 20 centavos na passagem a ser paga no percurso do autocarro em São Paulo, Capital, no ano de 2013 – as quais ficaram conhecidas como *Jornadas de Junho*. Convocadas nas redes sociais digitais pelo *Movimento Passe Livre* (MPL), as manifestações não encontraram, inicialmente, respaldo nos média tradicionais. Porém, foram amplamente divulgadas pelo coletivo *Mídia Ninja*[204], uma rede de médiativistas, surgida em 2013 com o objetivo de trazer uma narrativa alternativa para pautas que não recebiam visibilidade nos meios de comunicação mais convencionais. Seu propósito era fazer a cobertura em direto, apresentando diferentes pontos de vista e multiplicidade de narrativas.

Neste mesmo enquadramento, dois anos depois, surgiu outro coletivo, o Jornalistas Livres. O *Jornalistas Livres* é uma rede de coletivos de profissionais ligados à comunicação e informação, que se organizou a 12 de março de 2015, no contexto das manifestações contra a presidenta Dilma, em favor do passe livre de autocarro e em oposição às grandes corporações de comunicação. Seu objetivo, à época, era escapar dos interesses mercadológicos e ideológicos que regiam os interesses da indústria mediática, oferecendo uma contranarrativa em oposição aos média tradicionais[205].

Di Felice (2013b) contextualiza as *Jornadas de Junho* no Brasil dentro de uma tradição que tem seu marco cronológico em três momentos-chave. Para o autor, o primeiro deles está localizado entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e se caracteriza por serem "ativismos baseados em redes centralizadas que consiste na constituição de movimentos internacionais temáticos que se disseminam no mundo inteiro e que ganham através dos circuitos informativos digitais visibilidade e notoriedade" (Di Felice, 2013b, p. 56). A título de exemplificar estes movimentos, o autor referencia a criação da *Association pour la communication progressiste* (APC), que agregava inúmeras

[204] Recuperado de https://midianinja.org/quem-somos/ Acesso em 05.09.2021.
[205] Recuperado de youtu.be/qLmfVUvvsfs. Acesso em 05.09.2021.

organizações que militavam em espectros que envolviam temáticas próximas, tais como o pacifismo, a ecologia, os direitos humanos, ou as questões das mulheres. O autor também menciona as ações desenvolvidas na Índia e na Austrália que envolviam teóricos relacionados à temática da estética e dos meios de comunicação (Di Felice, 2013b).

Para Di Felice (2013b), o segundo momento-chave é a cultura *ciberpunk*, que usou os média como uma forma de ativismo, em especial a rádio, dado que o movimento punk teve o seu auge entre os anos de 1970. No âmbito do movimento punk, destacam-se duas importantes referências: Hakim Bey, que introduz a ideia das "zonas autônomas temporárias", onde ocorre temporariamente a apropriação de um espaço, alterando o seu significado original e está fadado ao desaparecimento, por conta da sua temporalidade; e Luther Blisset, uma *persona* coletiva que pode ser assumida por qualquer pessoa cujo foco seja o desenrolar de uma luta mediática.

Por fim, de acordo com Di Felice (2013b), o terceiro momento desta nova conformação para a questão dos ativismos é o surgimento, em 1994, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no México, responsável, especificamente, pela criação de um ativismo de base digital e com matriz informativa. Para Di Felice,

> Todos esses movimentos articularam-se nas redes e experimentaram uma conflitualidade informatizada, sem lugares, que se tornava visível, concretizando-se em momentos e localidades específicas e ao mesmo tempo, reproduzindo-se e articulando-se nos bits dos fluxos informativos digitais (Di Felice, 2013b, p. 57).

Entretanto, não somente em relação às Jornadas de Junho, mas também em relação às demais manifestações já citadas, Di Felice (2013b) aplica o conceito de Net-Ativismo, dado que essas manifestações nascem na rede, mas, ao tomarem as ruas, materializam-se em geografias informativas, uma ação que se retroalimenta continuamente entre as redes digitais e esses espaços materiais, deitando por terra a dicotomia *online-offline* defendida por Castells. Para Di Felice (2013a), o net-ativismo pode ser compreendido como "o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia entre atores de diversas naturezas – pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas" (Di Felice, 2013a, p. 267).

Se Santaella (2017) nos adverte que, para compreender a natureza desses movimentos que varreram o mundo com maior intensidade a partir de 2013, é necessário refletir sobre o papel que as redes de comunicação digitais tiveram; Di Felice (2013b) refere que a

chegada da web 2.0 trouxe um novo fôlego para o movimento do net-ativismo, o qual "será marcado pela passagem de uma forma de conflitualidade informativa-mediática para formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo que, em muitos casos, serão responsáveis pela implementação de radicais processos de transformação" (Di Felice, 2013b, p. 57).

As novas formas de conflitualidade são, segundo Di Felice (2017a), as consequências desta profunda alteração da condição habitativa – por ele denominada de Atopia – que traz além da multiplicidade de conexões advindas de diferentes fluxos informacionais, banco de dados e territorialidade, colocam em conexão diferentes agentes que vão além do humano, entre eles o clima, a água, o solo, as florestas, a poluição, etc. (Di Felice, 2017a).

Na realidade, Di Felice (2017a) aponta para o andamento de uma crise antropocéntrica que marca a tradição filosófica, política e social do Ocidente e que tem origem em novas possibilidades de conexão geradas pelas TIC. O facto de que as redes ecológicas digitais colaborarem para o monitoramento das atividades humanas em Gaia, levam a uma tomada de consciência para os limites dessa ação humana[206] e para a profunda interação existente entre os humanos e não-humanos (Di Felice, 2017a). Desta feita, colocam em causa a tradicional conceção antropocêntrica e sujeitocêntrica do pensamento Ocidental que vem desde a filosofia grega, perpassa pelo renascimento até chegar aos nossos tempos, à modernidade. Em consonância com Habermas (1985) quando este se refere à crise do Estado-Providência, Di Felice (2017a) também assinala a crise do sistema industrial e o "advento de formas digitais e conectivas de comunicação" (Di Felice, 2017a, p. 19), que colaboram na construção destas arquiteturas informativas e interativas.

Porém, não podemos deixar de mencionar que, anteriormente ao advento do digital, as arquiteturas informativas eletrónicas, baseadas no processo de "eletrificação das esferas públicas nacionais" (Di Felice, 2017a, p. 83) foram de grande contributo para o estabelecimento de uma história universal de facto, uma vez que "a rádio, a televisão, os jornais se tornaram elementos de uma grande explosão e multiplicação de *Weltansschauungen,* de visões de mundo" (Vattimo, 1992, p. 11). Esta intrigante afirmação leva-nos à segunda parte deste capítulo e às questões relacionadas com a memória, uma vez que ela organiza, entre outras coisas, as experiências vivenciadas por

[206] Temática explorada ao longo do Capítulo 2 da presente tese.

diferentes grupos sociais. Contudo, na nossa contemporaneidade, a memória é regida pelo mundo comunicacional, o qual "explode como uma multiplicidade de racionalidades 'locais' – minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas – que tomam a palavra, finalmente já não silenciadas e reprimidas pela ideia de que só existia uma única forma de verdadeira humanidade a realizar" (Vattimo, 1992, p. 15).

3.2. Modos de rememorar

3.2.1. Modos de exibir: as exposições universais

É na França dos fins do século XVIII que Mattelart (1994) regista uma outra forma comunicativa, a qual impactará, ainda que indiretamente, a prática museológica (Barbuy, 1999, 2006). Trata-se das celebradas exposições que buscavam apresentar as mais recentes conquistas tecnológicas efetuadas pelo homem em diferentes áreas de atuação, acolhendo também congressos e conferências sob os mais diversos aspetos da vida humana, além de terem se tornado também espaços de concertações internacionais[207] (Matellart, 1994). As grandes exposições, organizadas na Europa de uma maneira geral, podem ser consideradas formas comunicativas porque delas também emana um anseio, uma utopia, um sonho de "comum união", dado que ela "partilha com a rede de comunicação o mesmo imaginário, a mesma busca de um paraíso perdido da comunidade e da comunhão humanas. Relançam-se e confortam-se mutuamente na construção do mito desse vínculo universal transparente" (Mattelart, 1994, p. 156).

Essas celebradas exposições tinham como missão primária efetuar uma espécie de balanço da produção industrial, além de instigar os industriais da França, de forma indireta, a competir com a Inglaterra (Mattelart, 1994). Este tipo de evento será recorrente até meados do século XIX e, de acordo com Mattelart (1994), as exposições industriais não substituíram as grandes feiras do século XVI, tais como as de Leipzig, Frankfurt e Antuérpia, que eram mais caracterizadas como "zonas de comércio livre, "territórios de excepção" (Mattelart, 1994, p. 150).

No entanto, as exposições industriais não se configuram como feiras comerciais; nelas nada se vende e nada se compra: "*expõem-se* aí máquinas que servem para fazer produtos,

[207] Para Mattelart (1994), desde sempre as exposições universais foram espaços de concertações internacionais, por meio de inúmeras conferências e congressos, tais como as que evoluíram para um sistema internacional de telegrafia e a conceção dos futuros Jogos Olímpicos da era moderna.

mostram-se meios de produção empregues para os fabricar. Procura-se, desse modo, *promover* a inovação tecnológica, aproximar a indústria da sociedade e *estimular*[208] o patriotismo industrial e o orgulho nacional" (Mattelart, 1994, p. 150). Expor, mostrar, promover e estimular: esses são os verbos que se conjugam nas grandes exposições universais desta época, num modelo claramente inspirado na *Enciclopédia* – e sua busca por abarcar o todo – cuja matriz perdurou até o início da I Guerra Mundial com influências também em diversos outros países[209].

Apesar do facto de a primeira exposição – a Exposição Industrial Internacional da História ter ocorrido em Londres no Palácio de Cristal[210] em 1851, é na França que elas passaram a ser organizadas por funcionários do alto escalão estatal, ao tempo em que se descortinava a Paris do século XIX, tão bem descrita por Walter Benjamin, com suas galerias e passagens, mas também com a organização Haussmaniana (Mattelart, 1994). Segundo Barbuy (1999), as primeiras grandes exposições ainda não haviam recebido o nome de universais, mas apresentavam "os propósitos universalistas que as marcariam" (Barbuy, 1999, p. 38). Porém, é a partir das exposições organizadas pelo estado francês é que elas se tornarão "universais", além de seguir um princípio classificatório com a aplicação da "teoria do espaço universal" (Mattellart, 1994, p. 151).

A primeira grande exposição de Paris teve lugar em 1855. No entanto, é na edição de 1867 que elas passam a aplicar a "teoria do espaço universal", que buscava uma ordenação dos itens expostos bem uma ordenação espacial, ou seja: instala-se uma lógica classificatória que orienta o percurso do visitante. A descrição pode ser longa mas dá a dimensão de como se aplica a "teoria do espaço universal" (Mattelart, 1994, p. 151):

> O visitante, ao seguir uma galeria concêntrica, passa em revista os produtos de um mesmo grupo nos diferentes países; ao seguir um dos sectores do meio para a periferia, passa em revista, para um mesmo país, a história do trabalho, as obras de arte, as artes liberais, o mobiliário, o vestuário, os produtos das indústrias extractivas, os instrumentos e os procedimentos das artes usuais, os alimentos frescos ou em conserva. Fora do perímetro deste palácio central, elevam-se palacetes heterogéneos, de estilo nacional, autorizados pela primeira vez num acontecimento deste género (Mattelart, 1994, pp. 151-152).

[208] Grifos nossos.
[209] Mattelart (1994) cita diversas cidades de fora da Europa, entre as quais Chicago, Calcutá, Buenos Aires, Moscovo e Sydney, mas também Amsterdão, Barcelona e Edimburgo. Bem menor, mas também voltada para um público estrangeiro foi a Feira Internacional da Indústria, organizada em 1954, em São Paulo para comemorar os 400 anos de fundação da capital paulistana. Foi realizada com a inauguração do Parque do Ibirapuera (projeto do arquiteto Oscar Niemeyer), com inúmeros pavilhões (alguns temporários), e fazia parte de um grande calendário de eventos organizado pela Comissão do IV Centenário, uma autarquia que trazia na sua presidência o industrial e magnata Cicillo Matarazzo (Oliveira Santos, 2002).
[210] No original de Mattelart (1994), Crystal Palace.

Esse sistema complexo de organizar e expor de forma lógica, planejando a circulação do público, denota a ascensão de uma "mentalidade cientificista, daí os sistemas classificatórios enciclopédicos que as organizam" (Barbuy, 1999, p. 42), que impactarão de maneira especial os museus, bem como as suas exposições permanentes e temporárias. Por isso, para a autora é possível afirmar que se conjuga "uma organização visual com a concepção ideológica intelectual e ideológica da exposição, baseada em um tipo de classificação que pretende classificar todas as atividades humanas" (Barbuy, 1999, p. 42).

As exposições universais representam o triunfo da modernidade com a apresentação de diversas tecnologias que irão revolucionar as formas comunicativas da vida contemporânea[211] (Mattelart, 1994). Para Barbuy (1999), as exposições universais podem ser claramente tidas como manifestações da "sociedade do espetáculo", no conceito trabalhado por Guy Debord[212], "pois funcionam como uma espécie de amálgama de vários outros espetáculos concebidos para apreensão visual, mistos de museus, teatros, atrações populares e vitrines comerciais" (Barbuy, 1999, p. 50). Isto implica atribuir às exposições universais o mesmo referencial que Guy Debord atribuiu ao espetáculo, ou seja, dentro do "quadro de referência do capitalismo avançado e seu imperativo estrutural de acumulação, crescimento e lucro" (Freire Filho, 2003, p. 33).

Barbuy (1999) sugere-nos que a Exposição Universal de 1889 é singular, pois além de comemorar o Centenário da Revolução Francesa, constitui-se como símbolo de modernidade para culturas fora do eixo da Europa[213]. Ainda de acordo com Barbuy (1999), ela também tem um caráter popular, dado que "visa a um 'público de massa' e funciona como um sistema de popularização, constituindo-se numa *mise en scene* expositiva" (Barbuy, 1999, p. 49, grifo do autor).

---

[211] Ao longo de suas edições são apresentados a ligação telegráfica por cabo submarino, o aparelho telegráfico, os cabos submarinos e a própria Torre Eiffel como símbolo de permanência do ato comunicativo que perdura após a Exposição Universal de 1889 até os nossos dias. O praxinoscópio, o cinematógrafo, as combinações possíveis enre os caminhos de ferro e os canais interoceânicos, bem como as tecnologias de guerra trazem uma sutil tensão entre a guerra e a paz (Mattelart, 1994).

[212] Em 1967 o filósofo francês Guy Debord – integrante do movimento artístico-político Internacional Situacionista – publicou *Sociedade do Espetáculo*, no qual ele faz uma crítica à sociedade do espetáculo, a partir das ideias de Marx de alienação do trabalho e fetiche da mercadoria. Neste sentido, Debord alinha o espetáculo ao papel que Marx atribuiu à religião como agente de manipulação política e social que minar a consciência crítica dos diferentes atores sociais (Freire Filho, 2003).

[213] A Revolução Francesa era objeto de rejeição em outros países europeus (Mattelart, 1994), dado o temor pela ascensão da classe média, pois os ideais de Liberdade, Fraternidade e Igualdade haviam deixado de ser meras ideias; o nacionalismo também estava incutido na população, fornecendo aos franceses o sentimento de nacionalidade. (Burns et. al, 2005).

Além disso, a edição de 1889 põe em evidência inúmeras exposições retrospetivas, "que pretendem reconstruir materialmente o passado (em alguns casos desde a pré-história) e permitir comparações da capacidade humana, entre os vários períodos, no caminho evolutivo do Progresso" (Barbuy, 1999, p. 52). A busca da verossimilhança nessas exposições retrospetivas justifica a presença das comunidades indígenas para fazer parte dessas representações. Barbuy (1999) conclui que a Exposição de 1889 era, acima de tudo, um museu, dado o seu carácter instrutivo. Como exemplo, a autora cita a "Exposição do Novo Mundo" que serviu para colocar em contacto, de forma didática, os mundos civilizatórios com as então colónias. Já a "Exposição Colonial", outro exemplo citado por Barbuy (1999), ao dispor das disciplinas da etnografia e da etnologia, acaba por justificar as conquistas coloniais.

Importante salientar que o referido evento ocorre também no tempo da antropologia pós-darwinista e suas práticas higienistas, e a presença de indígenas e também de pessoas de camadas populares traz ao lugar onde decorre a exposição, o Campo de Marte, o medo do Outro, com a estranheza de seus odores e o temor de uma iminente epidemia. Tal facto leva aos "primeiros debates sobre a natureza das multidões" (Mattelart, 1994, p. 167), multidões que buscam lazer a preço acessível, mesmo que seja de gosto duvidoso, ou grotesco, como os espetáculos de Bufallo Bill e do show de luzes noturnas da Torre Eiffel" (Mattelart, 1994, p. 169). No contexto desta afirmação, Mattelart (1994) ressalta a depreciação do jornalista Rastignac em relação à Torre Eiffel, qualificando-a de odiosa e indagando na sequência: "Quando será que, sentado à beira do rio ou debaixo das árvores, poderei não a ver, a esse imenso espargo, triunfo da basbaquice em ferro?" (Mattelart, 1994, p. 169).

Assim, "A Exposição Universal partilha com a rede de comunicação o mesmo imaginário, a mesma busca de um paraíso perdido da comunidade e da comunhão humanas. Relançam-se e conformam-se mutuamente na construção do mito desse vínculo universal transparente" (Mattelart, 1994, p. 156).

3.2.2. Modos de preservar: os museus

Contrariamente à euforia das multidões que apreciavam as exposições universais, o filósofo e escritor francês, Paul Valéry, num texto emblemático – *O problema dos museus*, publicado em 1931 – revelava o quanto se sentia desalentado com o excesso de

peças expostas nas imensas galerias do Museu do Louvre. Questionava o que estava a fazer ali, sem poder fumar, sem o apoio da sua bengala, perdido no meio de uma profusão de seres, às vezes perfeitos, outras não; às vezes inacabados, muitas vezes mutilados. São esculturas e pinturas dispostas em "uma estranha desordem organizada" (Valéry, 2008 [1931], p. 32); onde tudo é excessivo, abundante, em demasia. A coleção que aumenta sempre, enclausura o objeto "na parede ou na vitrina" (Valéry, 2008, p. 33); ela é magnífica, mas está em antagonismo com a vida pulsante das ruas, seu burburinho, sua modernidade, herdeira dos postulados de Hausmann, como já assinalado. Ao buscar compreensão para tal sentimento, Valéry pensava numa figura de morte (Pessoa, 2019), como se o museu sepultasse ou encerrasse ali a obra de arte.

Em busca de uma comparação, Pessoa (2019) ressalta que o italiano Cesare Brandi[214], eminente historiador e crítico de arte, também regista, em seus textos, a monumentalidade do Museu do Cairo, bem como a sua aparente desordem; porém, o historiador italiano, ao contrário de Valéry, ressalta que é justo neste aspeto – o da bagunça e do exagero –, e que é nisso que reside o fascínio da coleção exposta na capital egípcia. Percebe-se este viés quando Cesare Brandi afirma que:

> Talvez não queira jamais ver o Museu do Cairo ordenado, no qual entre as imensas riquezas que estão ali amontoadas, é necessário descobrir por si só aquilo que mais se procura ou se ama, onde os ornamentos da apresentação ou da museografia não tentam elevá-las ou transformá-las ao gosto moderno. Se algo resiste naquele estado de assédio ou consegue emergir daquele empurra-empurra dominical, é realmente uma obra-prima (Brandi, 1991, citado por Pessoa, 2019, p. 29).

O museu, enquanto conceção grega, representava o local privilegiado no qual o pensamento se libertaria dos problemas do quotidiano. O *Mouseion*, ou o Templo das Musas – filhas de Zeus e Mnemosine, portanto frutos do poder e da memória – nominava o espaço no qual "buscava-se discutir e ensinar todo o saber existente no tempo nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia, etc." (Suano, 1986, pag. 11), a exemplo do Mouseion de Alexandria.

A despeito das coleções particulares originadas ainda na Antiguidade, Barbuy (1999) revela-nos que há uma profusão e proliferação de museus desde o século XVIII; porém,

[214] O italiano Cesari Brandi trabalhou na Unesco a partir de 1948 quando então empreendeu viagens para diversos países, sempre analisando o patrimônio artístico e cultural de diversas localidades. Foi fundador da revista *L´Immagine* e diretor, por muitos anos, do Instituto Central de Restauração (ICR) de Roma. Publicou inúmeros livros, sendo o mais conhecido, no Brasil, a obra *Teoria da Restauração*, de 1963 (Pessoa, 2019).

a Revolução Francesa, com seus ideais de Liberdade, Fraternidade e Igualdade será um marco no que tange à abertura de coleções particulares ao público – ainda que seleto e em dias determinados (Suano, 1986).

Barbuy (1999) também apresenta o facto de que ao longo dos anos, os museus, enquanto instituições disseminadoras de saber, foram pensados como veículos de instrução para solidificar e consolidar nações. A autora afirma ainda que uma exposição pode ser compreendida como sinónimo de instrução e de prática de ensino escolar, na qual "vitrines com pequenas coleções de exemplares minerais, vegetais, de animais empalhados ou de instrumentos científicos passam a fazer parte da sala de aula e são chamadas de 'museus das lições de coisas'" (Barbuy, 1999, p. 58).

É pois no sentido de "lição das coisas" que as exposições disponíveis no interior dos museus se aproximam – como linguagem comunicativa – das exposições universais, em específico a exposição de 1889 por conta do seu "caráter marcadamente retrospectivo [dado que] propunha-se um sistema didático para apreensão do mundo em sua globalidade: a exposição panorâmica dos caminhos da evolução para que se tivesse podido chegar ao tempo presente, do mundo moderno, como paradigma" (Barbuy, 1999, p. 59).

3.2.3. Modos de relembrar: as memórias

Para Le Goff, a memória é a "propriedade de conservar informações a partir de um conjunto de funções psíquicas que podem atualizar impressões ou informações passadas" (Le Goff, 1996, p. 423). Diz ainda o historiador francês que várias são as perspetivas de abordagem e que cada uma depende dos estudos realizados por distintas áreas, seja a História, as Ciências Sociais, a Psicologia Cognitiva, a Psicologia Social e até mesmo a Neurociência. Mais recentemente, os estudos sobre o código genético, aqui entendido como memória biológica (Le Goff, 1996), e o desenvolvimento da cibernética (Le Goff, 1996; Lévy, 1993) impactaram profundamente a noção de memória, bem como as noções de silêncio e de esquecimento.

Longe de pretender fazer uma historicização acerca do conceito de memória e do ato de rememorar, convocaremos neste momento alguns dos principais autores que norteiam o estudo da memória, em especial nas ciências humanas, a partir da ideia de que é o indivíduo, por meio das suas faculdades mentais, que realiza o ato de rememorar, mas que é nos grupos sociais aos quais ele pertence, que ela, a memória, é corroborada

(Halbwachs, 1990). No entanto, é preciso também apontar as problemáticas que envolvem as narrativas de grupos subalternizados, as chamadas "memórias subterrâneas" (Pollack, 1989), às quais daremos atenção especial mais adiante.

Consideraremos como ponto de partida, para efeito deste trabalho de tese, que a noção de memória, no pensamento ocidental, desenvolveu-se a partir de textos míticos e literários encontrados na tradição grega. Presente desde os mais remotos tempos da história da humanidade, a luta contra o esquecimento, encontra na mitologia grega uma de suas primeiras explicações, ainda que de base mítica como, por exemplo, na *Teogonia*, de Hesíodo. Mnemosine (Memória, Μνησόνη), é uma titânida que representa a negação do esquecimento, o não-esquecimento, a *a-létheia*. A partir dos estudos de Jean Pierre Vernant, Le Goff (1996) chega à conclusão de que se trata do momento da "divinização da memória" onde Mnemosine revela ao poeta "os segredos do passado, e o introduz nos mistérios do além" (Le Goff, 1996, pp. 438-439), quando a capacidade de rememorar aparece como um dom somente para os iniciados. Hanna Arendt ressalta que a tarefa tanto do historiador, como do poeta – colocados no mesmo patamar por Aristóteles –, nesta época, "consiste em fazer alguma coisa perdurar na recordação" (Arendt, 2000, p. 74).

Porém, devemos considerar que esta perspetiva assinala uma visão de mundo vista como extensão das primeiras divindades no mito de criação da Terra, no qual os elementos naturais e divinos se confundem até o final da criação do mundo, quando então podemos identificar o caráter dialético entre natureza e ser humano que se acentuará cada vez mais num mundo de opostos: "homem e natureza, ordem e caos, paisagem urbana e paisagem natural" (Di Felice, 2009, p.33), problemática essa que o conceito de Atopia – como já abordamos – buscará superar.

Essa luta contra o esquecimento na cultura e tradição grega é assinalada por Arendt (2000) como uma necessidade que advém da constatação de que o homem – enquanto indivíduo e não enquanto espécie humana – é mortal, diferentemente da natureza e do ser humano, pois

> [...] o homem, enquanto ser natural e pertencente ao gênero humano, possui imortalidade; através do ciclo repetitivo da vida, a natureza assegura, para as coisas que nascem e morrem, o mesmo tipo de eternidade que para as coisas que são e não mudam. "O ser para as criaturas vivas é a Vida", e o ser-para-sempre (*aeí eínai*) corresponde a *aeiguenés* procriação (Arendt, 2000, p. 70, grifo do autor).

A História e, consequentemente, os atos memoráveis dos indivíduos nascem desta

constatação: “a distinção entre a mortalidade dos homens e a imortalidade da natureza, entre as coisas feitas pelo homem e as coisas que existem por si mesmas era o pressuposto tácito da Historiografia” (Arendt, 2000, p. 72). Eternizar palavras, feitos e obras, era, mais do que recordar, mas impedir a perecibilidade do indivíduo na face da Terra, principalmente os feitos dos grandes homens.

É também na tradição grega que a noção de memória perde seu caráter mítico e aparece como algo exterior à mente humana. Encontramos esta premissa em Platão, quando ele busca reproduzir os diálogos de Sócrates, em especial nos textos *Teeteto* e *Fedro*. I. Babo (2018) afirma que “no *Teeteto* a memória é remetida para a escrita e, no *Fedro*, a escrita é distinguida da memória” (I. Babo, 2018, p. 87); já Lévy ressalta que em *Fedro* discute-se a desconfiança dos antigos gregos em relação à escrita (Lévy, 1993, p. 94), dado que, a partir dela, a memória poderá produzir o esquecimento, pois lembrar, recordar, rememorar não mais será necessário. Essa preocupação é explícita no diálogo reproduzido por Platão (2000), quando o rei Tamuz afirma ao deus egípcio Thoth que a escrita fará com que os homens se tornem “mais esquecidos, pois que, sabendo escrever deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos” (Platão, 2000, p. 121).

No que diz respeito à escrita, Cádima (2002) assinala que o advento do alfabeto está entre o pensamento clássico e moderno e que este se constitui “mais do que um meio de conservar na memória o resultado exacto das suas aquisições progressivas nos diferentes domínios da sua actividade” (Cádima, 2002, p. 36). No entanto, o autor reforça que não se trata de priorizar a escrita sobre o oral, mas sim de reconhecer quão esclarecedora é a interação entre ambos, dado que existem ritmos de descontinuidade e clivagens no processo de interiorização e divulgação do alfabeto fonético (Cádima, 2002).

Portanto, desde Sócrates, observa-se a ideia de que é na passagem da oralidade para a escrita que se processa a exteriorização da memória. A recontextualização dessa ideia está presente, nos dias de hoje, em alguns autores, como Stiegler (2009), que assinala a perda de memória e de conhecimento nos tempos atuais pela “extraordinária potência mnésica das redes digitais que nos torna sensíveis à imensidão da memória humana” (Stiegler, 2009, p. 26). Todavia, sem entrar no mérito dos processos de rememoração

em si, e em oposição à corrente de pensamento que coloca a memória como algo externo ao humano, Kerckhove (2009) considera que, no caso das sociedades que não dominam a escrita e são tidas como orais, a memória é intrínseca ao humano, "dado que esse tipo de memória está contida não fora de quem se lembra, mas nas palavras, no ritmo, gestos e performances de conjuntos legitimados" (Kerckhove, 2009, p. 124).

Desta feita, a escrita assume o papel de uma "memória artificial" que, uma vez inscrita em suporte adequado, seja ele papiro, pergaminho ou papel, passa a ter a função de armazenar informações, assumindo-se como instrumento comunicante entre gerações através do tempo e do espaço (Le Goff, 1996). A escrita eliminaria a mediação humana no contexto da adaptação-tradução de mensagens a outro e asseguraria o poder estatal, por meio da geração de inúmeros documentos, transformando aos poucos a conceção de tempo, que se torna cada vez mais linear e histórico (Lévy, 1993).

No livro X de *Confissões,* Santo Agostinho[215] (1999) apresenta uma importante reflexão sobre a questão da memória por dois motivos. Em primeiro lugar, Agostinho traz a necessidade do ato de rememorar como algo que está intrinsecamente ligado à sua própria trajetória, que vai do homem comum ao homem religioso, do homem pagão ao homem cristão, ou seja, está inserida no seu processo de conversão ao catolicismo. Em segundo lugar, a obra de Agostinho localiza-se na passagem do mundo greco-romano para o mundo e pensamento medievais, ou seja, na passagem do mundo pagão para o mundo regido pelo cristianismo, sendo seus textos fundamentais para dotar a igreja de uma filosofia cristã. Le Goff (1996) assinala que Santo Agostinho, ao lado de Santo Anselmo e Ailrede de Rievaux – ambos nascidos após 1.100 d. C. –, a partir da retórica antiga, retomam a tríade *intelecttus, voluntas, memoria*, tidas por Santo Anselmo como as três dignidades da alma, de onde se extrai a ideia de que conhecimento é a acumulação das nossas experiências: "pode haver memória e inteligência sem amor, mas não pode haver amor sem memória e inteligência" (Le

[215] Santo Agostinho nasceu em 354 em Tagaste e faleceu em 430 d. C. em Hipona, ambas cidades localizadas na atual Argélia. Foi adepto do Maniqueísmo, crença baseada na ideia de valores absolutos tais como o bem e o mal, a luz e as trevas, o justo e o injusto. Mais tarde, tomou contato com o pensamento de Platão, pela obra de Plotino. Após um certo período abandonou o maniqueísmo, aderiu ao neoplatonismo. Mas foi o Bispo de Milão, Santo Ambrósio, quem teve profunda influência sobre Agostinho, a ponto de ele converter-se ao cristianismo (386 d. C.). Para Pessanha (1999), "O neoplatonismo era visto como uma doutrina que, com ligeiros retoques, parecia capaz de auxiliar a fé cristã a tomar consciência da própria estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia" (Pessanha, 1999, p. 8).

Goff, 1996, p. 454).

É também no livro X de *Confissões*, que Santo Agostinho (1999) aborda o tempo presente e descreve a memória a partir das perceções dos sentidos. E também faz uma reflexão sobre a importância da atenção para que as lembranças se apresentem com facilidade, principalmente no que diz respeito ao conhecimento, dado que é necessário recordar mais de uma vez "as coisas" que a memória encerra.

Na conceção de Santo Agostinho, a memória é um caminho a ser transposto para chegar a Deus, uma espécie de percurso para exame dos atos passados, para a busca da felicidade e, em última instância, do Criador. Memória é também potência, pois tudo o que está na memória, está também na alma, ou seja, faz parte da força do espírito, está em todos os lados, todas as paragens. Para Santo Agostinho, tudo é memória: "Penetro por toda parte quanto posso, sem achar fim. Tão grande é a potência da memória e tal o vigor da vida que reside no homem vivente e mortal" (Agostinho, 1999, p. 277). O autor usa a metáfora do "Palácio da Memória", já numa lógica de localizar topologicamente (ainda que dentro do corpo humano) as incontáveis imagens trazidas pelas perceções, de onde essas memórias emergiriam quando fossem requisitadas. É também neste "Palácio da Memória" que estão acondicionadas as sensações, sejam elas a luminosidade, as cores, as formas, os sons, os cheiros, os sabores, os objetos tocados: "O grande receptáculo da memória [...] recebe todas estas impressões, para as recordar e revisitar quando for necessário. Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens" (Agostinho, 1999, p. 267). É pois, nesse local, que é possível encontrar-se consigo mesmo.

A passagem da compreensão da memória individual para a memória coletiva é abordada pelo francês Maurice Halbwachs (1990) que a estuda partir dos quadros sociais nos quais o indivíduo que rememora está inserido; Halbwachs avança a discussão a partir dos postulados de Henri Bergson, de quem foi aluno e que havia estabelecido algumas bases para o fenómeno da Memória a partir da definição das diferenças entre o perceber e o lembrar (Bergson, 1990).

Em *Matéria e Memória*, publicado originalmente em 1896, Bergson (1990) destaca que o ato de perceber está intrinsecamente ligado ao objeto, a algo exterior ao corpo. Rodeado de estímulos externos e dos movimentos que realiza, o corpo possui uma configuração tal que permite que as imagens exteriores e as representações do universo

material cheguem ao cérebro. Este atua como uma central de comunicação, cujo papel é transmitir e repartir movimento, isto é, está voltado para a ação. Além disso, o ato de rememorar é também individual, pois busca as imagens conservadas do passado misturando-as com as atuais, num processo de perceção do presente, isso porque "elas se conservam para tornarem-se úteis: a todo o instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida" (Bergson, 1990, p. 49).

E. Bosi (1987) realça que a questão central de Bergson era demonstrar a instantaneidade e espontaneidade do ato de rememorar "em oposição aos esquemas mecanicistas que a alojavam em algum canto escuro do cérebro [dado que] antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança 'vive' em estado latente, potencial" (E. Bosi, 1987, p. 14). Contudo, perante as questões que perpassam a obra de Bergson sobre o consciente e o inconsciente, E. Bosi (1987) considera que importa mais "reter seu princípio central da memória como conservação do passado; este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado consciente" (E. Bosi, 1987 p. 15).

No entanto, ao que parece, para E. Bosi (1987), é o princípio de Halbwachs (1990) que supera a ideia inicial de Bergson. Princípio esse que defende o facto de que é o indivíduo que recorda a partir dos quadros sociais dos grupos aos quais ele pertence, compreendendo então que a ação de recordar nunca é isolada. Ela se dá a partir de outros referenciais que são pertinentes àquele que rememora, e é por isso que Halbwachs considera não a ideia de conservação da memória, como defendida por Bergson, mas sim a ideia de reconstrução da mesma.

Para tal, Halbwachs (1990), considera que "é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns (Halbwachs, 1990, p. 34), assinalando o facto de que isto só será possível porque estes indivíduos são integrantes de um mesmo grupo social. Para o referido autor, são os diferentes grupos sociais nos quais o indivíduo está inserido, que potencializam o facto de se lembrar de acontecimentos e de experiências. Isso se dá porque o homem é um ser social e dificilmente está isolado; daí a importância das relações e do contacto das pessoas nos seus grupos sociais.

No entanto, Halbwachs (1990) não despreza a importância da memória individual, a qual está intrinsecamente ligada à memória coletiva, pois "este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações

que mantenho com outros meios" (Halbwachs, 1990, p. 51). Kerckhove (2009) baseado na leitura de *Orality and Literacy,* de Walter Ong, também ressalta a importância do grupo no processo mnemónico das sociedades orais, dado que "há uma forte acentuação da memória, não apenas da memória privada do locutor, mas da memória coletiva do público" (Kerckhove, 2009, p. 124).

Alternativamente, Le Goff (1996) apresenta outra perspetiva sobre a definição de memória coletiva. No que tange aos povos ágrafos, o historiador francês prefere utilizar "memória coletiva" ao invés do termo "memória étnica", dado que "a atividade mnésica fora da escrita é uma atividade constante não só nas sociedades sem escrita, como nas que a possuem" (Le Goff, 1996, p. 427). Nessas sociedades orais, os especialistas em armazenar informações sobre as genealogias do grupo e os códices reais eram "homens-memória" e a reprodução mnemónica não demandava a reprodução fiel da informação, palavra a palavra. O autor ainda destaca que é a partir da invenção da escrita que as técnicas mnemónicas se desenvolveram plenamente.

O antropólogo britânico Paul Connerton (1989), de maneira similar aos princípios de Halbwachs, também compreende a memória como uma faculdade individual e, ao mesmo tempo, como algo coletivo e social. Porém, em sua obra *Como as Sociedades Recordam*, ao indagar como se transmite e se conserva a memória dos grupos sociais, independentemente do tamanho desses grupos, chega à conclusão de que esse controlo da memória, numa dada sociedade, condiciona uma espécie de hierarquia de poder. O armazenamento e recuperação de dados "é uma questão que se relaciona directamente com a da legitimação, sendo o controlo e a propriedade da informação um problema político decisivo" (Connerton, 1989, p. 2).

O autor considera três tipos de memória: a memória pessoal, a memória-cognitiva e a memória-hábito. A memória pessoal é a que diz respeito aos atos de recordação que têm como objeto a história de vida de cada indivíduo; trata-se de uma reflexão sobre si mesmo pela presentificação do passado. Já a memória-cognitiva está no espectro do conhecimento, sem contextualização: poemas, anedotas, equações matemáticas; e, por fim, a memória-hábito refere-se às ações tais como ler, andar, caminhar (Connerton, 1989).

O autor avança em suas formulações sobre a forma como as sociedades recordam e dedica-se ao estudo da importância e estrutura das cerimônias comemorativas que,

"embora delimitados no tempo e no espaço, os ritos são também, por assim dizer, porosos [...] têm a capacidade de conferir valor e sentido à vida daqueles que os executam" (Connerton, 1989, p. 51). Em diferentes sociedades, é essa forma de valorização de datas e eventos do passado, transmutadas em ações rituais, que garantem a continuidade de uma memória coletiva de determinado grupo social e também, de forma contrária, o apagamento ou o esquecimento de factos tidos como vergonhosos ou inapropriados para o contexto da atualidade[216].

Neste sentido, podemos convocar – não apensas a título de ilustração, mas também inserindo neste momento a questão da memória relacionada com os arquivos – o último romance do autor moçambicano, de origem portuguesa, Mia Couto, intitulado *O mapeador de ausências.* Nele, o casal de protagonistas – Liana Campos, uma mestiça, professora universitária, neta de um funcionário da PIDE[217], e Diogo Santiago, filho de portugueses, morador de Maputo, jornalista e poeta, seguindo o exemplo de seu pai, Adriano Santiago – busca compreender as lacunas de suas próprias trajetórias pessoais. Neste texto, cuja narrativa se desenrola em Moçambique, e entrelaça ficção com relances biográficos do autor, Liana tem a necessidade premente de conhecer sua mãe, Almalinda ou Ermelinda, morta em circunstâncias misteriosas. A oportunidade dá-se quando Diogo é homenageado na Beira, sua cidade Natal. No contexto deste encontro improvável – Liana é a mestre de cerimónias da homenagem – está a chegada do Ciclone Idai, que deixou um rasto de destruição e morte em Moçambique no ano de 2019.

No enquadramento histórico deste passado está o Massacre de Inhaminga – ocorrido na cidade de mesmo nome entre os anos de 1973 e 1974 – que se configura como o evento que interliga as várias personagens da narrativa.

No texto, Couto (2021) transita entre o recordar e o esquecer, entre os papéis datilografados ou manuscritos e as narrativas orais, entre as referências e as lacunas, entre as questões políticas e os dramas pessoais, sendo todos esses elementos

[216] No Brasil, um bom exemplo é a comemoração do dia 31 de março, levada a cabo entre os anos de 1964 e 1984, com a justificativa de celebrar o dia em que uma junta militar assumiu o controle do país após a deposição do presidente João Goulart, eliminando o suposto perigo de um governo comunista. Após as negociações para o início da abertura política, engendrada pelo presidente Ernesto Geisel, a partir de 1979, a data foi deixando de ser comemorada nas escolas e nas cidades e passou a ser celebrada somente entre os militares, na maior parte das vezes como uma discreta missa realizada na catedral de Brasília. De Golpe civil-militar de 1964, a intervenção passou a ser denominada, pelos seus executores de "revolução", termo pouco aceito tanto nos meios acadêmicos como políticos.

[217] Acrónimo para Polícia Internacional e de Defesa do Estado de Desenvolvimento, mantida pelo Estado Português desde 1945 até 1974; tinha jurisdição tanto em Portugal como nos territórios ultramarinos.

determinantes nas escolhas de vida dos protagonistas. Desta feita, Liana justifica a sua busca ao salientar, na sua condição de orfandade, a falta de referências: "cresci numa família que me adotou. Trataram de mim o melhor que souberam. Mas não me deram o mais importante que são as histórias. Ando em busca dessas narrativas como um cego que procura o desenho do próprio corpo" (Couto, 2021, p. 24). Já Diogo não deseja encontrar o seu passado, pleno de conflitos familiares, ao afirmar, logo no início do livro: "Eis a minha doença: não me restam lembranças, tenho apenas sonhos. Sou um inventor de esquecimentos" (Couto, 2021, p.14). No entanto, parte para a Beira em busca de seu passado, a conselho médico, dado que relembrar poderia ser um bom antídoto para tratar a depressão: "Volta à tua cidade [...] Regressa para te libertares dos fantasmas da infância" (Couto, 2021, p. 26).

Quais poderiam ser os fantasmas do passado – diversos e complexos – que se estendem da memória individual para a memória coletiva de uma sociedade, a exemplo dos factos ocorridos em Moçambique nos anos 1970? No caso específico de Diogo Santiago, parece que ele busca esquecer os anos finais do período colonial de Moçambique, moldado pela política colonialista de Portugal, bem como a organização da luta pela independência por meio da atuação da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique)[218].

A narrativa de Couto (2021) traz memórias que Diogo busca esquecer: a infidelidade do pai, o desaparecimento do primo Sandro – desertor das tropas portuguesas e suspeito de ser homossexual –, a violenta morte de Jerónimo, empregado doméstico e amante de uma jovem branca, e o suposto suicídio/assassinato de Almalinda, uma moça mestiça, mãe de Liana. Destaca-se na contramão desta narrativa construída entre lembranças e esquecimentos, a ascensão social e política de Benedito – irmão de Jerónimo e empregado da família Santiago –, após o processo da independência de Moçambique, ocorrido entre 1974 e 1975.

Neste sentido, o arquivo documental da PIDE – tido como uma raridade – contendo documentos referentes à atuação subversiva do pai de Diogo, que lhe é entregue por Liana, é fundamental para fazer emergir essas memórias pessoais e políticas até então apenas latentes: a viagem para Inhaminga em 1973, o livro de poesias do pai que

[218] A FRELIMO surgiu em 1962 por meio da fusão de três outras instituições, a saber: a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), a UNAMI (União Nacional Africana de Moçambique Independente) e a MANU (União Nacional Africana de Moçambique). A partir da FRELIMO buscou-se a união de todos os moçambicanos, independentemente da cor da pele, género ou classe social.

revelam ardentes desejos sexuais, e o apreço de Laura, avó de Diogo, pelos negros. Aliás, é a partir de um texto de Laura que sobressai a perceção da importância das narrativas e sua correlação com os velhos – já evidenciados neste capítulo, na perspetiva de E. Bosi (1987). Neste escrito, Laura conta a sua visão sobre o papel de um empregado, o velho preto Juliano, que para muitos já não tem mais serventia e deve ser dispensado, ao que ela, a matriarca da família Santiago, discorda, justificando a permanência dele na casa: "todos os dias [Juliano] me traz uma história. Na verdade, acho que é o único serviço que ele faz aqui em casa. Não imagina como preciso de escutar essas histórias" (Couto, 2021, p. 133).

Analisando o processo de independência de outra colónia portuguesa em África, Angola, o espanhol Blanes (2016) defende que um arquivo documental possui o estatuto de "instrumento ou veículo de luta e contestação" (Blanes, 2016, p. 72). De acordo com este autor, no caso angolano, ocorre uma "disputa histórica" (Blanes, 2016, p. 73) que resulta na constituição de um arquivo subalterno, uma vez que datas históricas são passíveis de disputa política. Neste sentido, Blanes (2016) destaca a publicação de três textos a respeito da prisão de 17 ativistas do grupo Revú[219], evento que ficou conhecido como 15+2, ocorrido no ano de 2015. Tais obras constituiriam este arquivo subalterno, em contraposição ao arquivo oficial formado pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) desde o início do processo de descolonização do país.

Para Blanes (2016), a organização deste conteúdo e a elaboração de uma linha cronológica dos factos não significa a reificação de pessoas e eventos ocorridos no passado, mas uma certa "ambição arquivística" (Blanes, 2016, p. 80) em função de dois motivos. O primeiro deles abarcaria a necessidade de estabelecer um contexto e os antecedentes que propiciaram o surgimento do movimento Revú. Já o segundo motivo teria um nexo causal com a própria questão do arquivo subalterno, na busca de uma pluralidade de fontes, ampliando assim o espectro dos documentos acerca dos acontecimentos. Desta feita, "esse relato, por um lado, constitui-se como um 'arquivo', no sentido em que se organiza e sistematiza a partir de uma cronologia. Por outro,

[219] O movimento Revú é um movimento de protesto contra o regime de José Eduardo dos Santos, em Moçambique. Blanes (2016) afirma que o Revú agrega apenas uma parte do Movimento Revolucionário e é constituído especificamente por artistas, jornalistas, estudantes e advogados.

emerge com um carácter dialético, isto é, em oposição a uma narrativa hegemónica" (Blanes, 2016, p. 81).

A exemplo do Massacre de Inhaminga, em Moçambique, Blanes (2016) aponta que um contramovimento surgido no interior do MPLA também levou à morte milhares de pessoas, no que ficou conhecido como a "purga em Angola" (Blanes, 2016). Trata-se de um evento sobre o qual não há vestígios materiais de que tenha ocorrido de facto, redundando em desconhecimento para grande parte da população angolana (Blanes, 2016). Sob este aspeto, os arquivos e as memórias neles contidas, sejam o arquivo oficial e/ou o arquivo subalterno trazem "limites, silêncios e ausências provocadas pelo enquadramento heurístico idealizado pelos criadores e gestores do arquivo" (Blanes, 2016, p. 90).

Além dos arquivos documentais, sejam eles oficiais ou subalternos, temos atualmente à nossa disposição as narrativas organizadas a partir tanto das memórias individuais, como das memórias geradas por diferentes grupos sociais. Babo-Lança (2010), ao analisar a relação entre os média, a memória e a história, sustenta que: "as palavras e convenções sociais que lhes estão ligadas, e que são condição do pensamento coletivo, estão-lhes inerentes recordações e significações, e é por meio destas que reconstruímos o passado" (Babo-Lança, 2010, p. 56).

Contudo, a partir da perspetiva da fenomenologia da memória desenvolvida por Paul Ricouer, I. Babo (2018) reivindica uma dimensão pragmática da memória, dado que existe uma noção de ação a ela associada. Isto deve-se à distinção entre rememoração e recordação/lembrança, uma vez que na segunda há um esforço para convocar a presença do ausente, o que implica uma busca ativa. É algo que requer um trabalho de lembrança, de evocação, de fazer emergir o passado no presente. Como afirmado por Thompson (1992, p. 154), "recordar é um processo ativo", e o ato de fazer memória "inscreve-se numa rede de exploração prática do mundo [quando] a memória procura, age, havendo uma noção de ação aplicada a ela" (I. Babo, 2012, p. 58). Por sua vez, E. Bosi (1987) denomina este esforço de trazer ao presente o passado de "memória trabalho", dado que lembrar não é reviver, mas sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado, ou seja: "A memória não é sonho, é trabalho" (E. Bosi, 1987, p. 17).

É Stiegler quem, contemporaneamente, regista a passagem das mnemotécnicas para as mnemotecnologias, sendo as primeiras entendidas por este autor numa perspetiva diferente da de Le Goff, que as compreende como técnicas para memorização palavra a palavra. Stiegler (2007) argumenta que os objetos tecnológicos do quotidiano são "cada vez mais suportes de memória objetiva, quer dizer, também de saberes" (Stiegler, 2007, p. 24) e, na realidade, assinala que não há uma perda estrutural de memória, mas sim um deslocamento por conta das mnemotecnologias, uma perda de saber que agora está contido em um equipamento e, não mais no pensamento humano.

Embora Stiegler não referencie, nem critique especificamente os avanços das pesquisas sobre Inteligência Artificial, afirma que "perdemos correlativamente, cada vez mais, saberes que se encontram delegados aos aparelhos e aos serviços que os agenciam, os controlam, os formalizam, os modelam, mas talvez nos destruam" (Stiegler, 2007, p. 25). Essa visão crítica e pessimista é corroborada pela ideia de que as mnemotecnologias "parecem induzir a uma obsolescência do homem que se encontra cada vez mais desarmado e como que esvaziado do seu interior" (Stiegler, 2007, p. 25), com a perda do saber-viver e, principalmente, com a perda do saber-fazer, ou seja, do propósito da memória em sua perspetiva cognitiva, de acumulação de conhecimento.

No que concerne à afirmação de Stiegler sobre a perda de conhecimento no âmbito das mnemotecnologias, é importante considerar a formação, no ciberespaço, de uma vasta massa de dados conhecida como Big Data, que pode ser acedida por meio das mnemotecnologias, a partir de técnicas de pesquisa mais sofisticadas, de onde é possível extrair informação (Kerckhove, 2015). Para Lévy essa grande quantidade de dados, composta por imagens e palavras está "esperando apenas um sinal para levantar-se, metamorfosear-se, combinar-se entre si e propagar-se pelo mundo em ondas inesgotáveis" (Lévy, 1993, p. 131). No entanto, como o próprio autor considera, essa massa de dados ainda não se constitui como memória, porque

> a operação da memória não pode ser concebida sem as aparições e supressões que a desagregam, que a moldam de seu interior [...] A subjetividade da memória, seu ponto essencial e vital consiste precisamente em rejeitar a pista e o armazenamento no passado a fim de inaugurar um novo tempo (Lévy, 1993, p. 131).

3.2.4. Modos de narrar: os relatos de si

Alessandro Portelli defende a ideia de que trabalhar com histórias de pessoas é entrar num campo de conhecimento ainda por ser explorado, (Portelli, 2010), que se encontra no entrecruzamento entre diversas ciências, nomeadamente a História, a Antropologia, a Linguística e a Literatura. Alega ainda que

> O nome desse território é história oral: uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (Portelli, 2010, p. 210).

Nesta definição de Portelli encontramos diversos elementos importantes para a compreensão das narrativas a partir de fontes orais: a presença de dois sujeitos (um que narra e outro que escuta), a relação dialógica entre ambos e a presença de um média para registo deste diálogo. Desta definição depreende-se que o que se busca neste diálogo não é uma mera conversa; o principal propósito é a busca de informações com vista à criação de uma fonte de pesquisa que, como Joutard observa, "introduz uma nova subjetividade que as fontes anteriores não possuíam"[220] (Joutard, 1983, p. 298), subjetividade esta que o autor assinala estar presente no diálogo entre os sujeitos.

Assumir esta subjetividade na construção de fontes orais implica, no seguimento do pensamento de Joutard (1983) em alguns princípios, entre os quais a transparência, o respeito e a cumplicidade. Transparência, ao indicar ao narrador os propósitos da investigação em curso; respeito, para conduzir a gravação como um "verdadeiro diálogo" (Joutard, 1983, p. 304); e por fim, cumplicidade, ao demonstrar interesse pelo tema tratado na entrevista. A construção desta fonte, ainda segundo Joutard (1983), demanda outros aspetos a serem levados em consideração, tais como um acordo de confiança entre entrevistador e entrevistado, a assunção de que cabe ao entrevistado o papel de protagonista da narrativa e o respeito ao ritmo e cadência da fala do entrevistado, dado que muitas vezes os silêncios não são vazios, mas também pausas para meditações sobre o assunto em questão. Porém, mesmo com todos estes cuidados – e muitos outros – na condução e tratamento de uma entrevista, muitos historiadores ainda se mostram céticos quanto à validade do método (Joutard, 1983).

[220] Na tradução em espanhol: "*introduce una nueva subjetividad que las fuentes anteriores no poseían*".

Isso acontece porque o uso de fontes orais nos trabalhos de investigação carrega a questão da credibilidade como um de seus pontos mais críticos. Grande parte dessa crítica advém da constatação de que as fontes são muito subjetivas, uma vez que envolvem o trabalho com a memória que, como vimos anteriormente, é uma operação complexa que inclui diferentes variáveis, até mesmo o esquecimento. Nesse sentido, Montenegro faz um alerta ao afirmar que "devemos considerar que aquilo que se torna uma marca, um registro de memória resulta de operações complexas, seletivas" e que as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, "atuam reelaborando e ressignificando aquilo que se apresenta aos sentidos" (Montenegro, 2010, p. 39).

Por outro lado, Prins (1992) considera que a fragilidade das fontes orais é quase universal e que se deve ao facto de grande parte dos historiadores viverem em sociedades letradas, com primazia da palavra escrita. Assinala ainda o autor que os documentos textuais possuem três qualidades, sendo nenhuma delas atribuíveis aos relatos orais: 1. O documento é um artefacto; 2. Ele pode ser datado com certa facilidade e; 3. A escrita deixa um rasto marcado, ao contrário da fonte oral, cuja "forma não é fixa; a cronologia frequentemente é imprecisa; a comunicação muitas vezes não pode ser comprovada" (Prins, 1992, p. 171).

De acordo com Thompson (1992), a tradição documental ganha destaque no século XIX como uma disciplina fundamental para o historiador, à medida que os documentos passaram a ter uma significativa preponderância sobre os testemunhos: "A ideia de que o documento não é mero papel, mas realidade" – e também o local de onde emanava a vida dos homens – "converte-se aqui num delírio gótico macabro, num pesadelo romântico" (Thompson, 1992, p. 75).

Refletindo sobre o longo trabalho de campo que realizou para a investigação sobre as famílias edwardianas na Inglaterra e, ao mesmo tempo, justificar a importância da história oral, Paul Thompson em *A Voz do Passado* observa que, desde Heródoto e Tucídides, os historiadores se utilizavam de informantes. Com esta assertiva, Thompson (1992) procurava esclarecer que a história sempre recorreu a fontes orais para o levantamento de dados. O autor também considera que Jules Michelet, curador-chefe histórico dos Arquivos Nacionais da França, em meados do século XIX, "tinha por certo que os documentos escritos deveriam ser apenas uma entre muitas outras fontes" (Thompson, 1992, p. 45), tendo por isso recorrido às fontes orais para a escrita de sua obra *História*

da Revolução Francesa (1847-53), ao perceber que "os documentos oficiais conservavam apenas um dos lados da história política" (Thompson, 1992, p. 72).

No entanto, o contexto de formação dos Estados Nacionais na Europa, e o facto da história científica constituir-se em história nacional, levaram à criação dos arquivos nacionais como o modelo de instituição voltada para a preservação da memória codificada a partir da escrita (Thompson, 1992).

Buscando distanciar-se da origem quase mítica da história oral, um paradigma de dualidade que parece já estar ultrapassado, Michel Trebitsch (1994) – historiador francês – critica a postura de pesquisadores que buscam as oposições que se estabeleceram em volta dela: pessoas comuns e grandes homens, o relato dos vencidos e dos vencedores, a história oficial e a história "vista de baixo" (Trebitsch, 1994). Para o autor, a moderna história oral nasceu a partir dos arquivos formados por Allan Nevins e Louisa Starr, ao fundarem o *Columbia History Office*, em 1948. Para Trebitsch (1994), nos anos de 1980, a história oral institucionalizou-se, conquistou um espaço na academia e recebeu consagração oficial, conquistando definitivamente sua legitimação entre as ciências históricas. Consequentemente, as preocupações militantes vão dando lugar às questões metodológicas. Desta feita,

> Opondo à fria trilogia acadêmica: Estado, história, escrita – a sua própria trindade – revolução, memória, oralidade –, a História Oral assume um projeto utópico de democratização da história, contra a instituição, a civilização, o progresso, a cidade, opondo-se devolver a palavra ao povo, ao rural, ao primitivo (Trebitsch, 1994, p. 25)

Thompson (1983b) observa que o trabalho com as fontes orais e a possibilidade de uma retrospetiva de vida em profundidade encontram espaço tanto no campo de atuação dos sociólogos, como no campo dos historiadores. Alega que, para os sociólogos, as fontes orais apresentam-se como uma perspetiva oposta à representada pela pesquisa quantitativa, baseada numa "massa de dados abstraídos de suas fontes divididas entre intemporais e impessoais"[221] (Thompson, 1983b, p. 117), ao passo que, para os historiadores, o atrativo inicial deu-se pela possibilidade de usar a tradição oral de povos ágrafos, como fonte de pesquisa. Porém, esse uso se ampliou para temas de investigação

[221] No original: "*masa de datos abstractos de sus fuentes divididas en rebanadas intemporales e impersonales".*

sobre os quais havia não só dificuldade de localizar fontes documentais, como também, por vezes, elas não existiam.

Por sua vez, Franco Ferrarotti (2007) defende o uso das histórias de vida como parte de uma crítica que faz aos métodos quantitativos como "métodos rigorosos, que competem na precisão numérica com as ciências 'duras', chamadas com temeridade 'exatas'" (Ferrarotti, 2007, p. 16, tradução nossa)[222].

Para o sociólogo italiano, embora os métodos quantitativos ofereçam segurança às instituições que financiam essas pesquisas, devido à sua natureza pragmática e de aplicação, o uso das histórias de vida, como abordagem qualitativa, proporciona uma vantagem ao permitir uma interação direta com a experiência das pessoas, constituindo assim uma espécie de matéria-prima fundamental da investigação social (Ferrarotti, 2007).

Ao relatar sua experiência de recolha de dados biográficos no Sul da Itália, que realizou nos anos 50, Ferrarotti descreve não só o encanto, mas os desafios do trabalho de campo:

> O que mais me impressionou, foi sobretudo o carácter sintético inerente da narrativa autobiográfica. Mas estava ciente na altura do perigo literário inerente a este material; ou seja, o de interpretar uma biografia específica como um destino absoluto e irredutível e, por isso, procurava conectar biografias individuais com as características globais de uma situação histórica precisa, datada e concreta (Ferrarotti, 1991, p. 171).

A partir deste posicionamento, Ferrarotti desenvolveu, no âmbito da Sociologia italiana, a ideia de uma "sociologia como participação" (Ferrarotti, 1991, p. 171), concebendo o "estudo da biografia de grupos primários como a síntese e a contração aorística[223] de uma dada situação histórica" (Ferrarotti, 1991, p. 171). Esta proposta ficou conhecida como "método biográfico" e seus principais preceitos residem no facto de não existir conhecimento objetivo: o observador-investigador insere-se no campo do objeto da sua investigação; e essa interação modifica constantemente o comportamento de ambos. Por isso, o narrador não é objeto de pesquisa, além do facto de que, no momento da construção dessa autobiografia, trata-se de um conhecimento partilhado, "enraizado

[222] No original: "*son métodos rigurosos, que compiten en la precisión numérica con las ciencias 'duras', llamadas con temeridad 'exactas'".*

[223] Aorístico é relacionado a aoristo, que em grego (aóristos) significa não limitado; ou então indefinido no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aoristo . Acesso em 22.12.2022

na intersubjetividade da interacção, um conhecimento tanto mais profundo e objectivo quanto mais integral e intimamente subjectivo" (Ferrarotti, 1991, p. 172).

Apesar do grande reconhecimento ao trabalho de Ferrarotti no campo da Sociologia, o também italiano Alessandro Portelli (2008) afirma que, no que tange ao trabalho no campo da história em Itália, a história oral quase não obteve espaço dentro do meio universitário, a despeito do trabalho de Luisa Passerini e o dele mesmo. Porém, a história de vida, enquanto metodologia, desenvolveu-se enormemente a partir de inúmeras pesquisas realizadas em institutos e fundações autónomas. Por outro lado, caracterizou-se pela preocupação de que a entrevista vai muito além da simples recolha da informação, significando também um "encontro politicamente significante, uma situação de aprendizagem e um 'experimento em igualdade' tanto para o informante como para o entrevistador" (Portelli, 2008, p. 4).

Por isso, é importante salientar que o trabalho com história oral é sempre uma construção, dado que o ato de rememorar não é algo que se faz de forma automática, "mas um processo múltiplo de produção gradual de significados, influenciado pelo desenvolvimento do sujeito, pelo interlocutor, pelas condições do ambiente" (Portelli, 2010, p. 72).

Pelo facto de a história oral ser construída pelas pessoas, a partir das suas memórias organizadas, resultando estas em narrativas, acaba por representar uma oportunidade para que diferentes grupos sociais se apropriem de sua própria história. Thompson (1992) assinala que se trata de "uma história construída em torno de pessoas [e que] admite heróis vindos não dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo" (Thompson, 1992, p. 44). O historiador britânico observa ainda que "não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história" (Thompson, 1992, p. 22).

Noutra obra bastante difundida, *Listening for change. Oral testimony and development,* escrita em parceria com Hugo Slim, Thompson e Slim (1993a) discutem as possibilidades de uma agenda de desenvolvimento a partir de projetos tanto de investigação como comunitários, nos quais o testemunho oral desempenha um papel central na metodologia. Segundo os autores, existem "esferas escondidas" entre a esfera pública e a esfera privada e o "testemunho oral pode dar voz aos grupos escondidos" (Thompson & Slim, 1993a, p. 7).

Por sua vez, Bertaux (2005) defende o uso do termo "relato de vida" que, segundo ele, se difundiu progressivamente em França, em detrimento do termo anteriormente mais utilizado: história de vida, tradução literal do inglês *life story*. Para Bertaux (2005), essa distinção é crucial, pois existe uma diferença entre a história vivida por uma pessoa e o relato que essa pessoa faz dessa sua história a pedido de um pesquisador. O autor define que, nas Ciências Sociais, o "relato de vida é o resultado de uma forma peculiar de entrevista, a entrevista narrativa, onde um investigador (pode ser um estudante) pede a uma pessoa, chamada a continuação 'sujeito' que lhe conte toda ou parte de sua experiência vivida"[224] (Bertaux, 2005, p. 9).

Essa abordagem deriva da perspetiva da etnossociologia que "busca estudar um fragmento da realidade social-histórica"[225] (Bertaux, 2005, p. 11), ou seja, um objeto social, compreendendo o seu funcionamento e a sua transformação. Assim, no âmbito do contexto conceptual etnossociológico, os relatos de vida assumem "a forma de relatos de *práticas em situação*, nos quais prevalece a ideia de que através dos usos se podem começar a compreender os contextos sociais em cujo seio nasceram aqueles que contribuem para reproduzir ou transformar" (Bertaux, 2005, p. 11, grifo do autor).

Bertaux (2005) propõe ainda que o relato de vida é também uma forma narrativa, dado que o diálogo estabelecido pressupõe que relato de vida se concretiza a partir do momento em que um indivíduo conta ou narra a outro indivíduo passagens de sua vida. Assim, o emprego dos verbos contar ou narrar é essencial, dado que "significa que a produção discursiva do sujeito adotou uma forma narrativa"[226] (Bertaux, 2005, p. 36). Esta forma narrativa não pode ser vista de maneira simplista, reduzida a uma sucessão de acontecimentos e descrições presentes na vida do narrador. Para se chegar à uma forma narrativa efetiva, é necessário "colocar-se diante dos personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar as razões pelas quais se relacionam, descrever o contexto das ações e interações, elaborar juízos (explicações) sobre as ações e os atores" (Bertaux, 2005, p. 36).

Bertaux (2005) também ressalta que o relato de vida se estrutura em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos e situações derivadas, em que os acontecimentos

[224] "Não original: "*el relato de vida es el resultado de una forma peculiar de entrevista, la entrevista narrativa, donde un investigador (puede ser un estudiante) pide a una persona, llamada a continuación 'sujeto' que le cuente toda la parte de su experiencia vivida*".
[225] No original: "*busca estudiar un fragmento de la realidad social-histórica*".
[226] Na tradução em espanhol: "*Significa que la producción discursiva del sujeto adoptó una forma narrativa*".

não são apenas compreendidos como eventos passados, mas também como atos realizados pelo narrador, que podem assumir a condição de acontecimentos. Esta sucessão temporal de acontecimentos compõe o que o autor denomina de "linha da vida", algo similar à noção de trajetória, enquanto percurso pleno de obstáculos, percalços, reviravoltas, idas e vindas e um trajeto não-linear, com "forças coletivas que reorientam sua jornada de forma imprevista e geralmente incontrolável" (Bertaux, 2005, p. 38).

A partir destas considerações, não podemos deixar de recorrer à noção de acontecimento trabalhada por I. Babo (2015), dado que, como a autora afirma "a narrativa do contador de histórias integraria o acontecimento na experiência" (I. Babo, 2015, p. 88). Na historiografia, acontecimento é objeto de estudo e análise, já na sociologia da comunicação e dos média, o acontecimento se configurou enquanto teoria a partir de diversas abordagens, em especial as engendradas por Daniel Dayan e Katz (Babo-Lança, 2011). Assim,

> O acontecimento é uma ocorrência empírica particular no mundo, que sendo imprevisível e não reprodutível, releva do domínio da contingência. Ocorrência que aconteceu no passado a pessoas e as afectou, que teve consequências que lhe são próprias e inaugurou uma situação nova, também ela particular. A situação nova instaurada é o resultado inesperado da realização de um acto não necessário, podendo também acontecer que esse resultado tenha sido esperado mas sem que as suas consequências tenham sido previstas (I. Babo, 2006, p. 63-64).

Para Queré (2012), acontecimento é algo "que vem de fora, o que surge, o que acontece, o que se produz, o excecional, que se desconecta da duração" (Queré, 2012, p. 21); não é processo, como na mentalidade chinesa em que o "acontecimento limita-se a ser uma ocorrência contínua, não se tratando de algo que irrompe, mas de emergência progressiva" (Queré, 2012, p. 22). Sobre a natureza deste, I. Babo (2006) ressalta que o acontecimento é único e contingencial (I. Babo, 2006, p. 63-64).

Para Babo-Lança (2011), "os acontecimentos são entidades temporais que entram em narrativas que, por sua vez, configuram o tempo" (I. Babo, p. 73). Assim, um acontecimento é disruptivo, irrompe na cena cotidiana de forma inesperada, altera a noção de tempo, instaurando uma descontinuidade e afeta sujeitos ou em sua individualidade, ou em sua coletividade, seja porque este sujeito vive o acontecimento em questão, seja porque ele é impactado com o mesmo. A autora afirma ainda que "Todo o acontecimento é uma unidade de tempo delimitada à qual se pode dar um passado e um futuro",

inserindo-o ou no passado, enquanto experiência vivida, ou no campo do futuro enquanto perspetiva. Na temporalidade do passado, o acontecimento muda de status e passa a ser um acontecimento histórico, passível de análise, podendo ser reconstruído e narrado, instaurando também a perspetiva da rememoração; desta forma podemos inferir que no tempo presente, tem lugar o fato jornalístico, que se faz enquanto notícia e informa.

Compreendendo que as histórias de vida (de acordo com a tradição inglesa) ou relatos de vida (de acordo com a tradição francesa), organizam, a partir da ação de rememoração, a experiência vivida em uma sequencialidade estipulada pelo narrador, a partir da interação dialógica com o entrevistador, é que buscamos o conceito de experiência de Dewey. Este conceito busca superar o isolamento em que a filosofia ocidental clássica colocou o indivíduo em relação ao seu meio ambiente. Para tal, Dewey "supõe a rejeição dos dualismos e uma ligação estreita entre o individuo e o seu meio ambiente, entre o conhecimento e ação, ao mesmo tempo que combina atividade e recetividade, fazer e padecer" (I. Babo, 2015, p. 75).

Assim, é no interstício entre indivíduo e meio ambiente que ocorre a experiência, enquanto situação vivenciada de forma interativa entre um ser vivo e as coisas ao seu redor, ou seja, um sistema em interação, constituído por dois princípios. O primeiro princípio fundamental da noção de experiência em Dewey afirma que: "Como toda experiência se constitui pela interação entre o 'sujeito' e o 'objeto', entre um eu e seu mundo, não é nem puramente física nem meramente mental, qualquer que seja o fator que predomine"[227] (Dewey, 2008, p. 278).

O segundo princípio de Dewey sobre a questão da experiência, trata do seu aspeto de continuidade. Para Dewey (2008), a experiência é um todo, com começo, meio e fim; e é também composta por pequenas histórias que se perpetuam na memória, pois "trata de histórias, cada uma com seu próprio argumento, seu próprio princípio e seu próprio movimento dirigido ao seu término, cada um com seu próprio e particular movimento rítmico; cada uma com suas próprias qualidades irrepetíveis que a impregna"[228] (Dewey, 2008, p. 42). No entanto, não devemos nos esquecer que a experiência ocorre, em primeira instância ao nível individual, isto é:

[227] Na tradução espanhola: "*Como toda experiencia se constituye por la interación entre el 'sujeto' y el 'objeto', entre un yo y su mundo, no es ni meramente física ni meramente mental, cualquiera que sea el factor que predomine*".
[228] Na traducção em espanhol: "*Se trata de historias, cada una con su proprio argumento, su proprio principio y su proprio movimiento dirigido hacia su terminación, cada una con su proprio y particular movimiento ritmico; cada una com sus proprias cualidades irrepetibles que la impregnam*".

> O indivíduo suporta e é afetado pelos acontecimentos e pelas condições do meio ambiente, pelo que acontece que não depende dele. É afetado por aquilo que, do meio exterior, entra em interação com ele. Ele pode responder a essa afeção e os aspetos que entram em relação com as condições do meio ambiente podem levá-lo a reorientar a sua conduta (I. Babo, 2015, p.75).

Ou seja, uma experiência vivida *hic et nunc*, pela sua própria natureza, convoca uma gama de experiências do passado, que uma vez já vivenciadas trouxeram mudanças, modificações ou aprendizagens para o indivíduo. O princípio da continuidade da experiência significa que toda a experiência se baseia em algo existente nas experiências anteriores, modificando, de algum modo, a qualidade das experiências subsequentes. Isso se dá "porque toda a experiência é justamente, a transformação das condições objetivas do meio no qual outras experiências terão lugar, isto é, influencia as condições nas quais se tem as experiências futuras" (I. Babo, 2015, p. 76).

A experiência também não pode ser desvinculada do seu contexto histórico, político ou social ela "é um todo singular, uma unidade, comportando um começo, um desenvolvimento e a progressão de uma intriga em direção a um fim" (I. Babo, 2015, p. 79). Por sua vez, Ferrarotti (2007) também destaca a importância das determinantes do contexto histórico-económico-cultural e meta-individual, O que significa "apreender o *nexo entre texto, contexto e intertexto"*[229] (Ferrarotti, 2007, p. 27, grifo do autor).

Para Ferrarotti (2007), a própria história de vida é um texto enquanto campo: "É algo 'vivido': com uma origem e um desenvolvimento, com progressões e regressões, com contornos sumariamente precisos, com suas figuras e seu significado"[230] (Ferrarotti, 2007, p. 28, tradução nossa). Para compreendê-lo e estabelecer a necessária ligação com o contexto, "É necessário habitá-lo"[231] (Ferrarotti, 2007, p. 28, tradução nossa).

3.3. A perda do suporte

3.3.1. Modos de virtualizar

De acordo com Carey (2009), o advento do telégrafo – na primeira metade do século XIX – alterou significativamente a natureza da informação, demandando uma linguagem

[229] No original: "*comprender el nexo entre texto, contexto e intertexto*"
[230] No original: "*Es algo 'vivido': con un origen y un desarrollo, con progresiones y regresiones, con contornos sumamente precisos, con sus figuras y su significado*".
[231] No original: "*Es necesario habitarlo*".

específica para a sua transmissão: menos rebuscada e mais objetiva, caracterizada por frases curtas.

O modo de cobrança pelo serviço (pelo número de palavras) e o seu sistema de codificação e decodificação, a partir do código Morse (ponto e traço), acabaram por dissociar o narrador do facto vivido. Além disso, ao permitir a transmissão de informações por ondas, o telégrafo também propiciou, de forma pioneira, a desmaterialização da informação. Até então, a informação e o meio de comunicação eram unidades indissolúveis; no entanto, a invenção do telégrafo representou a quebra da profunda imbricação que existia entre transporte e comunicação – tão cara à humanidade – possibilitando a separação entre o meio e a mensagem (Carey, 2009).

Essas características do telégrafo tornaram-no precursor das grandes transformações trazidas pela comunicação digital. Podemos inferir que se trata de um modelo híbrido na medida em que Carey (2009) afirma que "o telégrafo construiu um simulacro de sistemas complexos, forneceu um modelo analógico de ferrovia e um modelo digital de linguagem"[232] (Carey, 2009, p. 176).

É relevante destacar que a digitalização e a virtualização não são processos similares. A digitalização refere-se à transposição de informações de um suporte físico para o meio digital, armazenando essas informações em dispositivos digitais tais como computadores, pen-drives, HDs externos ou as antigas disquetes. No caso de documentos arquivísticos, sejam eles imagéticos ou textuais, os objetivos são: preservar o original, possibilitar a emissão de inúmeras cópias e oferecer facilidades para consultas em modo *online*, ressalvadas as condições de integridade e fidelidade do mesmo (Schäfer & Flores, 2013).

No que tange ao processo de virtualização, Lévy (1996) na sua obra referência *O que é o virtual?,* analisa inicialmente esse processo de forma filosófica, esclarecendo que o mesmo não trata de ausência de existência, ou ausência de materialidade, ou ausência de tangibilidade, mas sim como algo que existe em potência. O autor ainda esclarece que virtual é uma palavra que vem do latim medieval *virtualis*, derivada do termo *virtus*, significando força, potência. O virtual seria aquilo que está prestes a acontecer pelo processo de atualização, que converte essa virtualidade em realidade, a partir de um conjunto predeterminado de características (Lévy, 1996). Há uma dialética instaurada

[232] No original: "*The telegraph constructed a simulacrum of complex systems, provided an analogue model of the railroad and a digital model of language*".

entre a virtualização e a atualização. No entanto, Lévy (1996) alerta que "a virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento de centro de gravidade ontológico do objeto considerado" (Lévy, 1996, pp. 17-18).

Refletindo sobre o impacto da virtualização dos objetos, Miranda (1996) sugere que o arquivo, apesar de encerrar, conservar, preservar restos e/ou fragmentos do que já aconteceu, ele põe em causa a "principialidade" da experiência – ou os fundamentos do agir, da ação. Isso ocorre porque, com o advento da digitalização, há uma tecnologização da experiência, na qual o arquivo ganha novos contornos (Miranda, 1996).

A tecnologização da experiência não pode ser vista somente como o incremento de algo que está em curso, pois corre-se o risco de "manter-se preso a esquemas clássicos" (Miranda, 1996, p. 96). Para Miranda (1996), à época da publicação do referido artigo – meados dos anos de 1990 –, ainda existia uma teoria do arquivo a ser desenvolvida[233], dado que persistia uma indiferenciação entre o feito e o que há para fazer, entre o efémero e o perdurável, entre o arquivo e a vida. Portanto, se antes o arquivo constituía algo localizado, centralizador, instituído oficialmente e, justamente por isso, controlado, com o advento do digital isso não mais acontece, ele "deslocaliza-se, disseminando-se por toda a experiência" (Miranda, 1996).

A tradição arquivística remete a um conjunto de registos que, como já apontámos, está na base da formação dos Estados Nacionais. Para I. Babo (2018), esses registos "testemunham um passado sob a forma de história documental ou de uma memória exterior que é pública" dado que "a ordem temporal se reverte em ordem topológica" (I. Babo, 2018, p. 57). Segundo M. A. Babo (2016), os arquivos e os espaços são voltados para a "reposição do passado [dado que] a memória arquiva o vivido, o adquirido, o passado como lembrança e a própria metamorfose que essa mesma memória opera a cada presente"; o arquivo seria então a "prótese exterior da memória" (M. A. Babo, 2016, p. 78).

É precisamente essa tradição arquivística que celebra a escrita, e, portanto, o documental como a exteriorização da memória, em detrimento do oral, que acabou por

[233] O referido texto de Bragança de Miranda data de 1996; no Brasil a Internet comercial começou a operar em 1995.Trata-se, portanto, de uma das primeiras reflexões sobre a nova condição do arquivial a partir do advento da era digital. Anteriormente, tanto os documentos textuais como imagéticos e também os objetos tridimensionais se encontravam disponíveis apenas em suportes físicos, incluindo aqui os microfilmes que disponibilizavam em um suporte fílmico, os documentos físicos até então.

deixar em segundo plano as tradições orais. Como consequência desta constatação, tornou-se comum, entre investigadores, a prática de denominar os povos ágrafos como povos sem história.

Porém, é a tecnologia digital que "consegue converter tudo em elementos de databases crescentemente integráveis, que está a provocar a deslocalização do arquivo" (Miranda, 1996, p. 108); e é essa deslocalização que transforma a natureza do arquivo, levantando a questão de que tudo pode ser arquivável. Consequentemente, "agora que tudo é arquivável e mais o tenderá a ser no futuro, o que domina é o hiperespaço do arquivo, fora de qualquer principialidade. Não é que os objectos desapareçam, só que só existem os que são inscritos em tal espaço" (Miranda, 1996, p. 109).

A problemática trazida por Miranda sobre a virtualização do arquivo a partir de sua exterioridade é resolvida por I. Babo (2018) quando a autora aplica à questão o conceito de atopia, ao afirmar que "nessa medida, o arquivo digital também já não é essencialmente topológico [...] graças a lógica atópica (relacional) que impera nas redes" (I. Babo, 2018, p. 92).

Outro aspeto que nos interessa sobremaneira em relação ao processo de virtualização, para além da economia e da sociedade, é quando Lévy (1996) chama a atenção para a virtualização do corpo, "uma nova etapa na aventura da autocriação que sustenta a nossa espécie" (Lévy, 1996, p. 27). Para Lévy (1996), o corpo, que traz na pele a possibilidade de uma fronteira entre o interior e o exterior, também pode ser digitalizado. Toda a sorte de recursos que na atualidade visam melhorar e/ou recuperar a saúde do ser humano passa a ser parte do processo de virtualização do corpo: transplantes de órgãos, implantes (dentários, de cabelos, coclear, etc.), próteses as mais diversas, incluindo aqui as lentes de contacto, as dentaduras, as próteses de titânio que substituem membros inferiores e superiores. Os equipamentos de última geração também podem ser incluídos neste processo: máquinas para exames de raio-x, de ressonância, bem como equipamentos de ecografia. Para o autor, "um sangue desterritorializado corre de corpo em corpo através de uma enorme rede internacional da qual não se pode mais distinguir os componentes econômicos, tecnológicos e médicos" (Lévy, 1996, p. 30).

Este humano filmado, fotografado, scaneado, digitalizado, "tagueado", metamorfoseado, deixa de ser somente humano, torna-se também informação. Nas redes digitais, junto com suas próteses e toda a sorte de parafernália tecnológica, o ser humano

passa a ser um híbrido, passa a ser uma entidade, uma "coisa videomática" que, sendo um conceito proposto por Mario Perniola, Di Felice (2005) descreve da seguinte forma:

> como um novo tipo de materialidade, isto é, 'um gênero todo especial de coisa, que não tem nada mais a ver nem com o utensílio nem com o objeto industrial: uma coisa videomática (...) na qual o saber, a sua conservação e a sua transmissão parecem estritamente conjuntos' (Di Felice, 2005, p. 17).

Além de se transformar em "coisa videomática", devemos ressaltar que o processo de digitalização é também um "processo de alteração de todas as substâncias" (Di Felice, 2017a, p. 12), dado que a informação é decomposta em sequências binárias e recomposta em forma de bits, processo que então se denomina por transubstanciação digital e que agrega circuitos telemáticos, *pixels*, *softwares*, *hardwares*. Este processo cria um "novo tipo de materialidade conectada, alcançável, cognoscível e existente apenas por meio das tecnologias[234]" (Di Felice & Franco, 2018, p. 985) que altera, portanto, a própria natureza do sujeito, seja ele humano ou não-humano.

3.4. À guisa da terceira reflexão: o fim dos pontos de vista centrais e da conceção unitária da História

Ao investigarmos de forma mais ampla os diversos aspetos da passagem da modernidade para a pós-modernidade, assinalada por diversos autores (Di Felice, 2017a; Vattimo, 1992), compreendemos que é de fundamental importância o papel dos média no que tange à emergência de outras narrativas para além daquelas que colocam o protagonismo em uma única direção (Adichie, 2009, 2019; Vattimo, 1992). O que é certo é que: "Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado" (Lévy, 1993, p. 17).

Neste sentido, Vattimo (1992) destacava que a pós-modernidade responde por esse novo momento, no qual teríamos superado a crise da modernidade, da condição unitária da história, bem como a ideia de progresso como um mecanismo no qual a ordem linear regeria o desenvolvimento dos diversos povos. Para o autor, a crise do colonialismo e do imperialismo europeu, conjugada com o advento dos *mass media*, teve o efeito de

[234] No original: *new kind of connected materiality, reachable, knowable and existing only through the technologies.*

contribuir para a "dissolução dos pontos de vista centrais, daqueles que um filósofo francês, Jean Lyotard, designa como as grandes narrativas" (Vattimo, 1992, p. 11).

Aliado a isto está o facto de que o vetor cultural era essencial nesta nova ordem mundial: o senso de pertencimento a uma comunidade, ou melhor, o surgimento de "agrupamentos humanos aos quais a pessoa podia 'pertencer', inequivocadamente e sem incertezas e dúvidas [cuja] maioria apelava para uma 'etnicidade' comum" (Hobsbawm, 2012, pp. 416-417). No entanto, como salienta Vattimo (1992), o advento dos média, bem como o fim dos processos de colonialismo e de imperialismo, foram fatores que possibilitaram a diversos povos o que ele denominou por "tomada da palavra". Este processo evidencia a perda do poder a partir do centro e a perda da possibilidade de controle de conteúdos. Para o sociólogo, os média ressignificam as noções de tempo e espaço (a exemplo do que já explanamos sobre as reflexões de James Carey sobre o telégrafo), e acabam por ressignificar também as identidades e o poder comunicativo do sujeito que narra.

Neste sentido, o papel dos museus como grandes depositários da cultura material do homem também passou, recentemente, por um processo de ressignificação. Essa ressignificação pode ser compreendida por meio de duas vertentes. A primeira, mais fácil de compreender, é o facto de que o *International Council of Museuns* (ICOM), após um longo trabalho de escuta entre seus pares[235], trouxe uma nova e complexa definição de museu, agregando valores muito atualizados:

> Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento" (ICOM, 2022).

Essa vertente reflete a necessidade de a instituição museológica estar atenta às pautas mais atualizadas e aos desafios contemporâneos, tais como a inclusão das minorias sociais, a valorização da educação, a presença e participação da comunidade, bem como os demais aspetos da fruição das obras ali expostas e da partilha de conhecimentos (Ibermuseos, 2022).

[235] Um processo – transparente e participativo – ocorreu ao longo de 18 meses e envolveu diretamente 126 Comitês Nacionais do mundo inteiro. Esta nova definição foi aprovada no âmbito da 26ª Conferência Geral do ICOM, realizada em Praga e contou com 487- votos a favor (92,4%) e 23 contra (4,36%) (Icom, 2022; Ibermuseos, 2022). Disponível em https://www.icom.org.br/?p=2756 Acesso em 04.01.2023

A segunda vertente, mais complexa, é compreender a amplitude da instituição museológica que traz em si mesma um paradoxo. A noção de património cultural e, por extensão, a definição primeira das instituições de preservação de aspetos da cultura material do homem, estão intrinsecamente ligadas ao contexto da formação das nações europeias e do advento dos arquivos nacionais. Os museus foram inicialmente concebidos como coleções particulares, em geral pertencentes aos príncipes das mais influentes casas europeias; eram o resultado do que eles acumulavam em função das suas atividades comerciais: mapas, pedras, moedas, pinturas, livros, manuscritos, tapeçaria, armas e também instrumentos óticos, astronómicos e musicais, entre outros. Além disso, como esses príncipes também exerciam o papel de mecenas das artes, era muito comum que, ao longo do século XVI, a essas coleções fossem acrescidas obras de artistas patrocinados na época (Suano, 1986).

São essas coleções principescas que, aos poucos, se tornam abertas ao público; mas é principalmente na esteira dos acontecimentos de 1789, seja pela necessidade de proteger tal património dos levantamentos populares e da fúria dos vândalos (Tolentino, 2016), seja pela ideia de se colocar em prática os ideais da Revolução Francesa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade (Suano, 1986), que elas se tornaram públicas.

No Brasil, o primeiro espaço constituído efetivamente com a finalidade de ser uma instituição museológica foi o Museu Real[236] (atual Museu Nacional); digna de nota é a doação de uma pequena coleção de arqueologia clássica trazida para o Brasil pela Imperatriz Teresa Cristina[237] aquando do seu casamento com Dom Pedro II, em 1853. Para Tolentino (2016), essa prática preservacionista também "está intimamente ligada à ideia de formação e afirmação do Estado-nação" (Tolentino 2016, p. 23), ainda que, no caso brasileiro, esta iniciativa tenha ocorrido em meados do século XIX. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)[238] durante o governo do presidente Getúlio Vargas, a partir do anteprojeto do modernista Mário de Andrade – datado de 1936 –, reforça esse viés ideológico (Tolentino, 2016), da valorização da história nacional e da criação de heróis locais. Um bom exemplo deste momento é a

[236] Anteriormente houve uma iniciativa da Escola Real com quadros que Dom João VI havia trazido em sua bagagem durante a transmigração da Corte Portuguesa em 1808.
[237] Tereza Cristina nasceu em Nápoles em março de 1822, sendo filha de Maria Isabel de Bourbon e de Francisco I, rei das Duas Sicílias. Chegou ao Rio de Janeiro em 1843, já casada, por procuração, com o Imperador brasileiro, Dom Pedro II. Foi, segundo seus biógrafos, uma mecenas, interessando-se por escavações arqueológicas nos arredores de Roma, tendo trocado artigos produzidos pelos indígenas brasileiros por peças de antiguidade com seu irmão, Fernando II. Esta coleção estava abrigada no Museu Nacional e certamente foi destruída pelo incêndio que ocorreu em 2018.
[238] Atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

criação do Museu da Inconfidência em Ouro Preto (Minas Gerais), que reconhece o papel preponderante do alferes Tiradentes na condução da sedição contra o governo colonial português ocorrido entre 1789 e 1792.

Porém, o que nos chama a atenção é a constatação de que, até a segunda metade do século XX, as instituições museológicas brasileiras estavam ligadas "aos aparelhos ideológicos do Estado, bem como às classes e segmentos dominantes", caracterizando-se, portanto, como uma prática colonialista (Tolentino, 2016). É nas valiosas palavras do francês Hugues de Varine, que encontramos pioneiramente esta ideia; a citação, apesar de longa é importante[239]:

> A partir de princípios do século XIX, o desenvolvimento dos museus no resto do mundo *é um fenômeno puramente colonialista*. Foram os países europeus que impuseram aos não europeus seu método de análise do fenômeno e patrimônio culturais; obrigaram as elites e os povos destes países a ver sua própria cultura com olhos europeus. Assim, os museus na maioria das nações são criações da etapa histórica colonialista (Varine, 1979, p.12, *apud* Chagas e Gouveia, 2014, p. 10, grifo nosso)

É justamente esta constatação que nos leva ao conceito da sociomuseologia e da museologia social[240], dado que tanto a instituição museológica como o campo de estudos que ela abarca, passaram por transformações ao longo dos últimos anos, justificando assim a necessidade de a museologia acompanhar essas mudanças da sociedade e sua contemporaneidade, de forma interdisciplinar.

Desta feita, é possível fazer uma distinção entre os dois termos. À sociomuseologia estaria reservada uma área disciplinar, envolvendo o campo da museologia social; à museologia social cabe o deslocamento do foco, do objeto museológico para o homem "considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais, e engajada nos problemas sociais, de uma forma integral, das comunidades a que serve o museu" (Tolentino, 2016, pp. 31-32).

Deste debate é que emerge, a partir dos anos de 1960, e das suas ideias revolucionárias, uma nova perspetiva museológica, baseada na relação dos sujeitos com os problemas

[239] Em entrevista, publicada em 1979, que consta da coletânea *Os Museus no Mundo*", parte da coleção *Grandes Temas da Biblioteca Salvat*.
[240] Vistos por Mario Chagas e Inês Gouveia como sinónimos. A primeira vez em que ambas expressões aparecem foi justamente no então Instituto Superior de Matemática e Gestão (atual Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, de Lisboa), em maio de 1993, no documento em que se propõe a criação do Centro de Estudos de Sociomuseologia, ligado ao curso de Especialização em Museologia Social, coordenado pelo Prof. Dr. Mário Caneva de Magalhães Moutinho (Tolentino, 2016).

sociais. Encontros internacionais ajudaram a definir os princípios da Nova Museologia, que foram sedimentados na Declaração de Québec, na qual se proclama o interesse: "em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, reflectindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projectos do futuro" (Declaração de Québec, 1999, p. 223).

A Nova Museologia não trouxe consenso entre os profissionais da área, mas não nos cabe neste trabalho doutoral o aprofundamento destas divergências. Importa compreender que a Nova Museologia "desconcertou o fazer museal [...] o campo dos museus é também um campo de conflitos e de disputas" (Tolentino, 2016, p. 39). Neste sentido, a Nova Museologia permite ao museu ser "libertado e libertador: libertação da dependência colonial, dos modelos impostos, da classificação acadêmica e dos modelos da alta cultura" (Tolentino, 2016, p. 40), emergindo daí um museu que se volta para as "memórias subterrâneas" – na aceção de Michael Pollak (1989) – de grupos subalternizados, mostrando o seu comprometimento com a luta contra o esquecimento (Tolentino, 2016).

Na perspetiva trabalhada por Pollack (1989), seria a história oral que teria a potência de fazer emergir essas "memórias subterrâneas", pois, mesmo a história corroborada em coletivo nos grupos sociais, a exemplo dos apontados por Halbwachs (1990), traria um viés de memória oficial. Para Pollack (1989), em Maurice Halbwachs, essa memória em comum reforça a coesão social pelo viés afetivo. Além disso, o autor chama a atenção para o facto de que "Na tradição européia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva (Pollack, 989, p. 1). Neste sentido, a história oral se torna o lugar privilegiado para a análise dos excluídos, marginalizados e invisíveis.

Desta feita, sobre o trabalho do Museu da Pessoa como um museu virtual de histórias de vida, podemos afirmar que se trata de uma instituição inserida nos preceitos da Nova Museologia, pelo diálogo entre os sujeitos e as comunidades. Assim, ao gravar, sistematizar e compartilhar as memórias de pessoas oriundas dos diversos estratos da sociedade brasileira e, mais recentemente, ao vocacionar-se para a visibilização de narrativas de grupos sociais que vivem marginalizados, com vista ao seu empoderamento, o Museu da Pessoa demonstra a sua adesão aos preceitos da Nova Museologia.

Por outro lado, a forma de atuação do Museu da Pessoa – gravar as memórias de uma pessoa, sistematizar e compartilhar em ambiente digital as experiências por ela vividas – acaba por transformar o narrador na "coisa videomática" de Mario Perniola. Contar e disponibilizar uma narrativa de história de vida em plataforma digital afigura-se, então, uma experiência híbrida: o ser humano deixa de ser de "carne e osso" e passa a ser essência inorgânica da matéria. Ao mesmo tempo, a pessoa é imortalizada pelas suas memórias, organizadas pela narrativa, e transformadas em código digital. Essa pessoa metamorfoseia-se, portanto, no infovíduo (Di Felice & Franco, 2018). Neste sentido, a pessoa narradora vence a luta contra o esquecimento e inscreve-se, tal como os heróis gregos, no âmbito do "ser-para-sempre", na aceção de Arendt (2000).

Isso ocorre porque os novos meios de comunicação, como já apontamos aqui, além de ressignificar as noções de tempo e espaço, acabam por ressignificar também as identidades dos sujeitos que narram. O narrador, no ciberespaço, perde a sua aura, pois passa a ser um híbrido de coordenadas espácio-temporais que não podem mais ser definidas a priori. Isso porque, como afirma Di Felice:

> Se a perda do *'hic et nunc'* narrada por Benjamin inaugura o surgimento de uma forma transorgânica de sociedade, as tecnologias digitais e as novas mídias, multiplicam espacialidades e pluralizam geografias, criando formas expansivas da existência que, ao lado da sua forma técnica, passa a adquirir aquela sintética da virtualidade (Di Felice, 2005, p. 18).

Sob este aspeto, torna-se imperioso o compartilhamento destas narrativas. A forma escolhida, por meio de um ambiente digital, faz com que esse acervo possa ser acedido de qualquer lugar do mundo com acesso à Internet. Cumpre-se assim, um dos preceitos que o define como um museu, na atual aceção do ICOM, que é comunicar e expor o seu acervo. Consonante com esta perspetiva, o Museu da Pessoa defende a ideia de que cada história de vida é parte do património da humanidade e, como tal, deve ser registada, preservada e compartilhada. Não deve ser guardada como uma obra de arte tradicional. Isso porque, como nos esclarece E. Bosi (1992):

> Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas ela existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque, a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta (E. Bosi, 1992, p. 145).

Dentro desta perspetiva, para encerrar este capítulo, vêm-nos as palavras em forma de poesia do filósofo, escritor e crítico literário, Antônio Cícero Lima, autor de *Guardar*[241].

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema: Por guardar-se o que se quer guardar.

Antônio Cícero
Livro: Guardar – poemas escolhidos, 1975

[241] A atriz Fernanda Montenegro gravou este poema recitando-o. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G1ZpEjMqfLs A irmã de Antônio Cícero, a cantora Marina Lina, musicou um trecho deste poema para o álbum *O chamado*, tornando-o extremanente conhecido nos anos de 1980. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=H0ojVkhov9U Para o poema completo, ver Anexo nº 5.

Capítulo 4 – Habitar memórias: questões metodológicas

Pelo ativista de direitos perseguido
E o policial fodido igual quem ele algema;
Pelo neguinho da favela inibido
De frequentar a praia de Ipanema;
E pelo pobre que na dor padece
De amor, de solidão ou de doença;
E as presas da opressão de toda espécie,
E todo aquele em quem ninguém mais pensa…

Dando à vida e à alma grande
Um sentido que as expande,
Cantamos em consonância
Com os que sofrem ofensa,
Violência, intolerância,
Racismo, indiferença;
As Cláudias e Marielles,
Rafaeis e Amarildos
Da imensa legião
De excluídos do Brasil, do Sul
ao norte da nação.

(12ª e 13ª estrofes da canção *Manifestação*)

As 12ª e 13ª estrofes da canção *Manifestação* abordam algumas das principais questões relacionadas com as lutas dos novos movimentos sociais, tais como a violência, a intolerância, a invisibilidade, o racismo e a indiferença. Além disso, expressam o sonho de igualdade, justiça e redenção para uma população que, no Brasil, enfrenta grande sofrimento. Em específico, a 12ª estrofe ressalta o anónimo injustiçado que vive nas franjas da sociedade, ou seja, "aquele em que ninguém mais pensa". Por sua vez, a 13ª estrofe traz à memória assassinatos ocorridos em um passado recente, como os de Claudia, uma mulher negra residente de um bairro popular do Rio de Janeiro, morta por uma justificativa pouco convincente[242].

[242] Claudia Silva Ferreira tinha 38 anos quando foi morta, em março de 2014, por dois tiros disparados por agentes policiais num domingo de manhã ao ir buscar pão numa padaria no Morro da Congonha, em Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro. Como se não bastassem os tiros, ela foi colocada no porta-malas da viatura policial e arrastada por quase 250 metros, apesar dos protestos de populares. A justificativa para o uso da força policial é a que ela estava de "posse de armas", mas o que se achou foram somente R$6,00 e um copo descartável de café. Disponível em: https://juntos.org.br/2014/03/claudia-e-amarildo-tragedias-anunciadas-na-cidade-maravilhosa/

Além disso, as estrofes também fazem referência a Amarildo[243] e Rafael[244] e, afrodescendentes que foram mortos em condições não esclarecidas, assim como Claudia. As mortes de todos os mencionados ganharam ampla repercussão nas redes sociais digitais e também se tornaram tema dos meios de comunicação tradicionais. Porém, a canção menciona seus nomes no plural, estendendo a referência a outras pessoas que também foram mortas em circunstâncias suspeitas, mas cujo registo deu-se de forma anónima, invisibilizando-as.

No entanto, foi o assassinato de Marielle Franco, em 2018, que se tornou um caso emblemático, pois continua sem solução há muitos anos. Conforme observado por Schwarcz (2019), o crime contra a vereadora carioca foi inicialmente definido como um crime político de grande impacto nacional e internacional, expondo as operações das milícias[245] no Rio de Janeiro. Desde o início das investigações, a polícia trabalhou com a hipótese de execução; embora dois ex-polícias tenham sido presos e condenados pela execução do crime, o mandante ainda não foi identificado[246].

Marielle Franco foi a quinta vereadora mais votada para a Câmara Municipal do Rio do Janeiro em 2016. Na noite do seu assassinato, em 14 de março de 2018, participara momentos antes da *Roda de Conversa – Mulheres Negras Movendo Estruturas*, uma temática importante que revela a tónica da sua atuação política. De acordo com uma análise do IPEA (2020), a morte de Marielle Franco representa mais do que o fato de ela ser uma vítima conhecida; ela representa a constatação de que faz parte de uma parcela da população brasileira que está mais exposta à violência (IPEA, 2020). Neste caso, Marielle era uma mulher negra, residente numa favela, política e homossexual assumida.

---

[243] O ajudante de pedreiro e morador da favela da Rocinha, Amarildo Dias de Souza desapareceu em 14 de julho de 2013. Ele foi preso numa ação da Unidade de Polícia Pacificadora, mas seus familiares somente registraram o desaparecimento dois dias depois. A falta de notícias acabou por levar a população da Rocinha a bloquear a autoestrada Lagoa-Barra, no Rio de Janeiro, no dia 17 de julho, dando início à diversos protestos capitaneados pela pergunta: "Onde está Amarildo?" Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/07/14/assassinato-do-pedreiro-amarildo-por-pms-completa-9-anos-sem-indenizacao-a-familiares#:~:text=O%20assassinato%20do%20pedreiro%20Amarildo,familiar%20do%20pedreiro%20foi%20indenizado. Acesso em 21.06.2021.

[244] Douglas Rafael foi encontrado morto no dia 22 de abril de 2014 na frente de uma creche da favela do Pavão-Pavãozinho. A causa da morte tida inicialmente como uma queda, foi alterada após o laudo do Instituto Médico Legal (IML) atestar que havia ocorrido uma "hemorragia interna causada por objeto transfixiante", o que significaria que o rapaz havia levado um tiro. Na época a mãe do então dançarino da Rede Globo (Programa Esquenta) acusou a Unidade de Polícia Pacificadora de ser a responsável pela sua morte, comparando-a com a de Amarildo Dias de Souza. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/douglas-rafael-mais-um-amarildo-6136/ Acesso em 21.06.2021.

[245] Espécie de polícia paralela, com suas próprias regras.

[246] Para Schwarcz (2019), o crime contra a vereadora carioca foi definido à partida como um crime político com imenso impacto nacional e internacional de onde emerge a forma de atuação das polícias paralelas no Rio de Janeiro. Desde o início das investigações, os investigadores e policiais trabalham com a hipótese de execução. Apesar de terem sido presos e condenados dois ex-policiais pela acção do crime, o mandante do mesmo ainda não foi identificado. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html, Acesso em 21.06.2021.

Segundo Schwarcz (2019), o caso de Marielle Franco demonstra, paradoxalmente, como marcadores sociais de raça (negra), género (mulher lésbica) e região ('comunidades')[247] podem desenvolver a construção de estereótipos negativos por parte de setores da sociedade que se sentem lesados com sua presença e proeminência (Schwarcz, 2019, p. 182).

Assim como tantas outras vítimas de violência, o caso de Marielle tangencia o conceito de interseccionalidade, que, como Akotirene (2020) nos explica,

> visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado[248] – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2020, p. 19).

A interseccionalidade trata então de "uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras" (Akotirene, 2020, p. 18), tendo sido um conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw, correndo atualmente o risco de esvaziamento, pelo seu uso banalizado e descontextualizado.

Sem mencionar especificamente o conceito de interseccionalidade, mas tangenciando as questões de género e raça, Kilomba (2019) apresenta a sua perspetiva sobre a questão do racismo. A autora foca em três características que surgem a partir da perspetiva do sujeito branco, ou da branquitude, como ponto de partida. A primeira dessas características é a construção das diferenças, as quais são criadas de forma intrinsecamente ligadas a valores hierárquicos. Kilomba (2019) destaca que esse processo ocorre em conjunto com o exercício do poder, o qual abrange dimensões históricas, políticas, sociais e económicas. A autora argumenta que "é a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo" (Kilomba, 2019, p. 76).

Pela memória desses e de muitos outros casos de violência extrema praticada contra a própria população no Brasil, é crucial compreender a importância da valorização das vozes subalternizadas, de modo a trazer para a atualidade as memórias do passado. É por

[247] Destaque da autora do texto, ao que parece pelo facto de que atualmente, a melhor palavra para exprimir aglomerações urbanas de pessoas empobrecidas – popularmente conhecidas no Brasil pelo termo favelas – seja a palavra comunidade. Em Portugal a palavra favela não é utilizada, sendo mais aplicado os termos bairro de lata ou bairro degradado.

[248] O termo cisheteropatriarcado, utilizada por Karla Akotirene é um neologismo formado pelas sílabas iniciais das palavras cis-generidade, hetero-sexualidade e pela palavra na íntegra, patriarcado. Diz respeito à estrutura sóciopolitica em que os heterossexuais masculinos cisgénero (pessoas que se identificam com o género de nascimento, ou seja, que é oposto ao transgénero) exercem a supremacia em relação aos outros géneros ou identidades sexuais (Akotirene, 2020).

essa razão que convocamos a experiência de uma iniciativa que tem vindo a dedicar-se precisamente a essa tarefa: dar voz a quem até agora não teve voz, utilizando para isso as virtualidades dos dispositivos digitais. Falamos do Museu da Pessoa, sobre o qual faremos um Estudo de Caso.

A escolha do Museu da Pessoa para a realização deste Estudo de Caso deu-se de uma forma quase natural. Após diversos anos em que colaborámos com a instituição e observámos, de forma experiencial, a importância que o momento da gravação de uma história de vida assumia para o seu narrador, tínhamos uma perceção de que esse momento era transformador para ele. Neste percurso profissional, tivemos a oportunidade de entrevistar centenas de pessoas, dos mais diversos grupos sociais, de Norte a Sul do país. Importante levar em consideração que o afastamento de mais de dez anos da operação quotidiana do Museu da Pessoa é tempo suficiente para manter o distanciamento necessário para a realização de um estudo de caso de forma séria e imparcial.

O desafio principal neste trabalho foi realizar recortes e escolhas, bem como definir padrões de análise. E aqui, mais uma vez, reforço o nosso lugar de fala, já delineado no início desta tese: mulher, brasileira, branca, classe média, mas, sobretudo, investigadora das Ciências da Comunicação e da História.

Este capítulo apresentará na Secção 1 o nosso objeto de estudo, utilizando uma perspetiva histórica, já que o Museu da Pessoa foi criado em 1991. Note-se que, para esta apresentação, recorre-se a diversos documentos elaborados pela instituição, assim como demais trabalhos de investigação, bem como documentos textuais e imagéticos. Também incorpora já ao seu conteúdo, entrevistas realizadas com a mentora e os colaboradores deste museu, trazendo alguns aspetos metodológicos que serão descritos ao longo das demais secções. É importante destacar que o propósito desta tese de doutoramento não é estudar o Museu da Pessoa em si, mas sim analisar o efeito potencializador de empoderamento que pode ocorrer quando um indivíduo ou grupo social regista as suas experiências, sendo estas depois disponibilizadas em ambiente digital, a exemplo da plataforma desenvolvida pelo Museu da Pessoa.

A Secção 2 abordará o itinerário metodológico proposto para este Estudo de Caso, incidindo sobre a plataforma digital do Museu da Pessoa. Propomos um percurso híbrido e multimétodo, dado que optámos pelo tradicional caminho do estudo em profundidade, para compreendermos a dinâmica de funcionamento da instituição e, sobretudo, o modo

como a participação nos seus projetos pode potenciar processos de empoderamento. Desta feita, explicaremos as razões pelas quais optamos por enquadrar o estudo sobre o Museu da Pessoa como um estudo de caso, na perspetiva de Robert Stake, assim como apresentaremos os desafios para a pesquisa em meio digital a partir da Netnografia Digital proposta por Amaral et. al (2011) e as questões trazidas pela perspetiva Atópica, defendida por Di Felice et. al (2012)

A Secção 3 abordará as perspetivas e os desafios trazidos tanto pela pesquisa quantitativa como pela pesquisa qualitativa, bem como as justificativas para a escolha do Método Compreensivo para análise das entrevistas que comporão a amostra empírica. Por sua vez, a Secção 4 trata de caraterizar o *corpus* de cada um dos projetos realizados pelo Museu da Pessoa que forneceram entrevistas integrantes de dois dos seus projetos, sendo eles: o projeto *Memória dos Brasileiros* e o projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*. Uma subsecção trata das virtudes e fragilidades desta amostra.

No entanto, buscar, aceder, ler, localizar as palavras-chave, baixar o PDF da narrativa completa e copiar a URL da página do entrevistado, bem como inserir todos estes dados numa planilha de controle, significa ficar muitas horas diárias para rastrear todas as entrevistas que formam as amostras deste trabalho de tese. Esta preocupação leva-nos à Secção 6 deste capítulo, na qual abordaremos os desafios para este itinerário metodológico, em especial os cuidados a ter em consideração quando pesquisamos de forma imersiva na redes e plataformas digitais.

E, por fim, na Secção 7 serão abordadas as questões éticas relacionadas especificamente a este trabalho de tese. Esta secção se tornou necessária por conta de um dilema relacionado à condução do trato com os sujeitos narradores, pois o posicionamento do Museu da Pessoa frente à visibilização das vozes subalternizadas é deveras específico e merece uma abordagem mais aprofundada.

Todo este processo envolveu uma imersão nas narrativas para identificar temas recorrentes e padrões significativos. Além disso, foi realizada uma codificação das informações, em tabelas, para facilitar a organização e interpretação dos dados. Importa salientar que essa análise foi conduzida de forma cuidadosa, buscando preservar a riqueza e a complexidade das narrativas originais.

4.1. Apresentação e caracterização do objeto de estudo: o Museu da Pessoa

4.1.1. Considerações preliminares

O Museu da Pessoa celebrou, em 3 de dezembro de 2023, 32 anos de atuação dedicados à preservação das experiências e memórias de diversos atores sociais. Durante esse período, tornou-se uma referência nacional e internacional. O mérito do Museu da Pessoa reside em ter se estabelecido pioneiramente como um museu virtual de histórias de vida, o que se tornou plenamente possível a partir de 1995, com o surgimento da Internet comercial no Brasil. Desde então, a iniciativa passou a fazer amplo uso do ciberespaço, primeiramente como um simples sítio, que foi ganhando robustez à medida que as tecnologias digitais evoluíam. Finalmente, em 2003, desenvolveu-se uma plataforma digital, ancorada em uma base de dados, que ficou conhecida como o *Portal do Museu da Pessoa*. Na mesma época, o Museu da Pessoa formou uma rede internacional de histórias de vida e, mais recentemente, tem-se dedicado à criação de diversos núcleos nacionais - por meio de editais e/ou chamadas públicas disseminando sua própria metodologia de trabalho e amplificando sua atuação, como veremos adiante.

Worcman (2021a) na sua investigação doutoral identifica cinco fases da trajetória do Museu da Pessoa, das quais a autora desta tese, como sócia-fundadora, teve participação ativa nas três primeiras fases. Essas fases abrangem a metodologia (por meio da escolha da história oral), a forma de disseminação (através do uso da tecnologia digital), o trabalho de pesquisa (por meio de projetos e da estruturação de uma ampla rede de memória), a noção de curadoria coletiva e, por fim, o momento atual em que as histórias de vida narradas, sistematizadas e preservadas na sua plataforma digital passaram a ser consideradas património. Desta feita, Worcman (2021a) define a seguinte periodização: 1. Da história oral ao museu virtual (Dos anos 80 a 1996), 2. do museu virtual aos projetos de memória (1997 a 2003), 3. dos projetos de memória às redes de memória (2003 a 2008), 4. das redes de memória à curadoria colaborativa (2009 a 2016) e 5. da curadoria colaborativa às histórias de vida como patrimônio (2017 a 2021) (Worcman, 2021a). Estes períodos evidenciam o amadurecimento da instituição e dos seus propósitos.

Por outro lado, o trabalho de mestrado[249] de R. Henriques (2004), historiadora brasileira, também identifica cinco períodos na trajetória do Museu da Pessoa. No entanto,

[249] Seu trabalho de investigação, em nível de mestrado foi desenvolvido na então Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; teve como orientador o prof. Dr. Mário Canova Magalhães Moutinho, e como coorientadora a Profa. Mestre Judite Santos Primo. A dissertação intitula-se *Memória, Museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa* e foi defendida em 2004.

como a sua investigação foi realizada no início dos anos 2000, concentra-se mais nos desafios de implementação e consolidação deste projeto, concluindo a sua periodização com a implementação da rede internacional de histórias de vida, ocorrida entre 2002 e 2003. R. Henriques apresenta a seguinte periodização: 1. Primórdios (1991), 2. Consolidação (1992 - 1996), 3. Crescimento (1997 - 1999), 4. Expansão (2000 - 2002) e 5. Rede (2003 - 2004) (R. Henriques, 2004).

Destaca-se, no início do trabalho de R. Henriques (2004), a correlação existente entre as pessoas que compõem uma organização e a sua cultura organizacional, sendo esta última uma manifestação proveniente dessas mesmas pessoas. A autora afirma que essa é uma característica que igualmente se aplica ao Museu da Pessoa, quando assevera que a sua história

> [...] confunde-se com a história de um grupo de pessoas que acreditaram ser possível criar um museu aberto às histórias das pessoas. É também, a história de sua idealizadora, Karen Worcman, que sonhou ser possível criar um espaço virtual para a preservação da memória social (R. Henriques, 2004, p. 90).

Esta afirmação é notável porque, de certa forma, lança luz sobre uma possível contradição no interior deste nosso trabalho doutoral. Conhecemos Karen Worcman no final de 1991, por ocasião do evento *Memória & Migração*, que teve lugar no Museu da Imagem e do Som (MIS-SP) de São Paulo, instituição na qual trabalhávamos em regime de estágio.[250] Tivemos participação em boa parte dos principais momentos da trajetória do Museu da Pessoa ao longo dos primeiros vinte anos, o que revela o facto de que alguns dos documentos utilizados como fonte para escrever esta secção da tese foram compilados por nós ou por equipas próximas à nossa atuação. Muitos documentos utilizados neste trabalho doutoral fazem parte do Acervo do Museu da Pessoa: alguns, pelo seu carácter privado (*e.g.*, Relatórios internos), foram gentilmente cedidos pela direção do museu e são devidamente citados nas referências; outros, pelo seu carácter público (*e.g.*, Fichas de Autorização de Uso de Imagem), constam da secção Anexos da presente tese.

[250] Juntamente com Karen, realizamos trabalhos esporádicos entre 1992 e 1994, mesmo tendo sido contratada no MIS por meio período. A partir de 1994, com o primeiro projeto efetivamente viabilizado financeiramente, nós nos desligamos do MIS e assumimos no Museu da Pessoa a Coordenação de Pesquisa e, posteriormente, a Coordenação de Projeto (2000) e a área de Gestão de Projetos (2003 a 2004). Entre 2005 e 2010 retornamos à Coordenação de Projetos, quando nos afastamos das atividades diárias da instituição e passamos a ser uma colaboradora eventual. No entanto, como membro-fundador, sempre mantivemos o vínculo institucional participando das reuniões convocadas da Assembleia Geral, acompanhando, desta forma, os principais direcionamentos da instituição.

A periodização que apresentamos em seguida é fruto de todas estas vivências notáveis, porém traz o nosso olhar de investigadora. Por isso, optamos em fazer uma periodização ancorada no desenvolvimento da metodologia e na realização dos projetos, que revelam dados importantes sobre a prática da recolha das narrativas e do trabalho relacionado às memórias de si. Esta periodização contempla, de forma detalhada, os 20 primeiros anos de Museu da Pessoa, pelo viés do desenvolvimento de projetos, período em que atuámos diretamente na instituição, apresentando no final uma reflexão sobre os dez anos mais recentes.

4.1.2. O início de tudo

Juridicamente, o Museu da Pessoa foi criado em 1992 por Karen Worcman, historiadora brasileira e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) com sede em São Paulo, Capital, Brasil.

No entanto, o cerne do Museu da Pessoa reside nas experiências com trabalhos de investigação que Karen Worcman desenvolveu anteriormente. Por volta de 1985, a historiadora foi bolseira de Iniciação Científica, sob a orientação de Vania Leite Fróes, em parceria com Matilde Santos Ferreira. Durante esse período, pesquisou sobre a estrutura das narrativas dos livros didáticos de história publicados no Brasil entre 1930-1985. Em 1986, ela atuou como investigadora do Instituto de Fotografia da Funarte, pesquisando, juntamente com Nadja Peregrino, a trajetória profissional do fotógrafo José Medeiros.[251] E por fim, Karen Worcman foi responsável pelo setor de história oral do projeto *Imigrantes Judeus no Rio de Janeiro* – também conhecido como *Heranças e Lembranças* – que tinha como objetivo compreender a presença e a diversidade sociocultural dos judeus que haviam imigrado para o Brasil, particularmente para o Rio de Janeiro.[252] O projeto *Heranças e Lembranças*[253] foi desenvolvido entre 1988 e 1991. Neste trabalho, Karen Worcman foi responsável pela recolha de 90 entrevistas e da

[251] Este projeto de investigação resultou na publicação do livro *José Medeiros: 50 anos de fotografia*, editado pela Funarte em 1986.
[252] https://www.youtube.com/watch?v=dpKN4mBmgJk&t=994s (11:26) Acesso em 24.07.2023
[253] Coordenado por Susane Worcman, o projeto *Heranças e Lembranças* tinha duas grandes frentes de atuação. No setor de história oral, o trabalho resultou em 90 entrevistas gravadas em áudio (cerca de 200 horas de gravação) e foi organizado em pastas contendo a transcrição na íntegra, cópias de fotos e documentos com as respetivas fichas de catalogação e mapas com o descritivo do processo de imigração de cada entrevistado. Este material foi incorporado posteriormente ao acervo do Museu da Pessoa. Já no setor de objetos foram mapeadas 12 instituições, entrevistadas outras 52 pessoas e catalogados 750 objetos. Uma seleção desses objetos compôs a exposição *Memória & Migração* que teve lugar no MIS em 1991.

catalogação de cerca de 600 documentos e fotografias, além de produzir uma publicação intitulada *Heranças e Lembranças: imigrantes judeus no Rio de Janeiro*[254].

É desta tríade de experiências de Karen Worcman, que se destaca a ideia central do Museu da Pessoa (Szymczak, 2017; Worcman, 2021b). Essas experiências prévias de investigação foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto, proporcionando uma base sólida para a criação e o trabalho realizado pela instituição ao longo dos anos.

Efetivamente, as primeiras ações que propiciaram o início da organização do Museu da Pessoa ocorreram entre os dias 3 e 15 de dezembro de 1991, aquando do evento *Memória & Migração*, realizado no MIS de São Paulo. Nesse evento, além de uma exposição com painéis fotográficos e objetos de imigrantes judeus do Rio de Janeiro – resultado do projeto *Heranças e Lembranças* –, a iniciativa também contava com uma mostra paralela de cinema, lançamentos de livros e uma cabina para recolha de narrativas dos visitantes da exposição. Dezenas de pessoas foram entrevistadas à época, formando a coleção que deu origem ao acervo do futuro Museu da Pessoa. Isso ocorreu quando Karen Worcman, nascida e residente no Rio de Janeiro, se mudou para São Paulo, já com a ideia de criar o Museu da Pessoa[255].

Conforme mencionado por Karen Worcman[256], o evento *Memória & Migração* foi uma forma de tornar tangível a ideia do Museu da Pessoa, uma vez que esta ainda era incompreensível para a maioria das pessoas. Ela se recorda que havia um cartaz explicativo do projeto Museu da Pessoa na frente da cabina que servia de estúdio de gravação de entrevistas. Ressalta ainda o facto de que o Museu da Pessoa oferecia uma experiência inédita no que tange ao registo da trajetória de vida de pessoas comuns.

[254] Escrita em conjunto com Susane Worcman e Karen Feller.
[255] Nessa época, como já mencionado, a autora desta tese trabalhava no MIS e teve a oportunidade de conhecer Karen Worcman, atuando como entrevistadora do evento e colocando em prática as teorias que havia aprendido durante as disciplinas da graduação em História.
[256] Em entrevista concedida à autora desta tese.

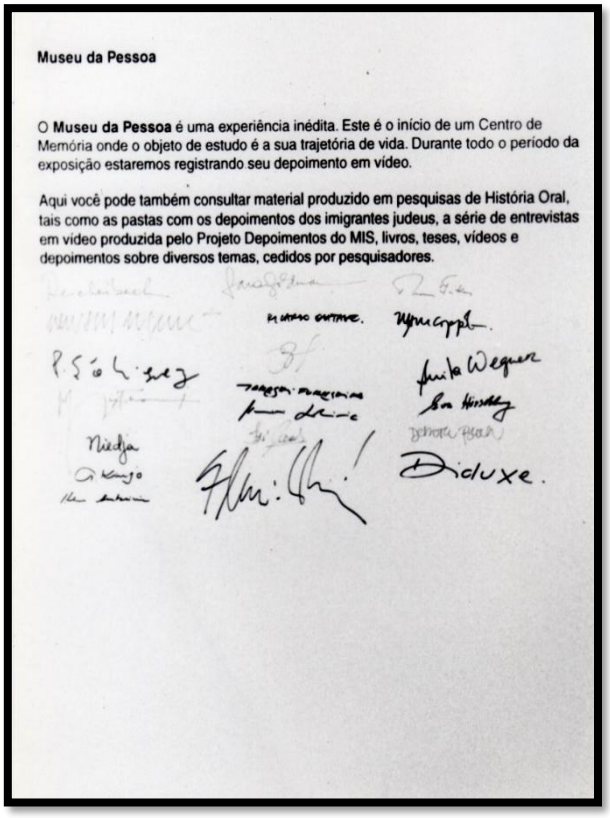

Figura 4 – Painel que ficava à entrada da cabina de gravação de entrevistas, por ocasião do evento *Memória & Migração*, ocorrido no MIS-SP entre os dias 3 e 15 de dezembro de 1991. Fonte: Acervo Museu da Pessoa

Apesar de diversos representantes do meio cultural estarem presentes[257], foi nesse momento que se começou a estabelecer a premissa de que toda e qualquer pessoa poderia fazer parte da história. Desde o início, já fazia parte do ADN[258] do Museu da Pessoa a possibilidade de incluir os anónimos numa narrativa histórica, preservando as suas trajetórias de vida, suas experiências e reflexões para a posteridade, independentemente da classe social, género, profissão, fé, etnia e/ou costumes.[259] O evento *Memória & Migração* foi amplamente divulgado nos média e teve ampla participação do público em geral, principalmente na adesão à participação na cabina de recolha de histórias. É como Worcman (2017) recorda: "*formou uma fila de gente no MIS querendo contar a história dele. Ficou 15 dias e de 3 às 11 da noite, as pessoas queriam... Baixavam lá falando: 'Eu*

[257] Como atesta as assinaturas disponíveis no poster, as quais se destacam a assinatura da atriz Debora Bloch, a do arquiteto Ruy Othake, a do artista plástico Takashi Fukushima e a assinatura do livreiro Miguel de Carvalho, entre outras.
[258] ADN - Acrónimo para DeoxyriboNucleic Acid, nome da molécula de dupla hélice que contém o código genético.
[259] Anônimos de São Paulo ganham seus 15 minutos de fama In https://acervo.museudapessoa.org/pt/contato/imprensa/destaques/anonimos-de-s-paulo-ganham-seus-15-minutos-de-consagracao. Acesso em 13.05.2021.

sou office-boy *e vim contar a minha história, eu sou... aí eu olhei assim e pensei: isso vai dar certo, as pessoas querem contar as suas histórias*" [260].

Figura 5 – Karen Worcman entrevista convidado, por ocasião da abertura do evento *Memória & Migração* que deu origem ao Museu da Pessoa. Fonte: Acervo Museu da Pessoa.

Podemos afirmar que a experiência do estúdio de gravação de entrevistas para o Museu da Pessoa, presente na exposição *Memória & Migração*, trouxe a perceção de que havia uma demanda reprimida sobre a questão das pessoas contarem as suas próprias histórias. Karen Worcman[261] considera que, sobre este aspeto, o Museu da Pessoa não só foi pioneiro, como visionário, dado ao que ocorre atualmente nas redes sociais digitais em fenómenos como o Facebook e o Instagram. A diferença, no entanto, residiria na profundidade do conteúdo. Desta forma inferimos que, na plataforma do Museu da Pessoa, não se produz conteúdo para publicar (a exemplo de como procedem blogueiros e *influencers*), mas publica-se as memórias organizadas sob a forma de narrativas.

A ideia embrionária tomou forma e institucionalizou-se a partir de 1992, com a proposta de registar e organizar o acesso às histórias de vida de pessoas comuns, disponibilizando esse material para o grande público. A coleção formada nesse primeiro

[260] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dpKN4mBmgJk&t=994s Acesso em 24.07.2023
[261] Em entrevista concedida a autora desta tese.

evento constituiu a base inicial do acervo do Museu da Pessoa, que conta atualmente com mais de 18 mil histórias inseridas na plataforma digital. Todas essas experiências relatadas acabaram por estabelecer o *modus operandi* do Museu da Pessoa desde o seu início: o trabalho por projetos, um modelo operacional baseado na prestação de serviços, com equipas de investigação temporariamente alocadas sob a supervisão do núcleo gestor da instituição. Tratava-se de uma estrutura em que cada trabalho desenvolvido pelo Museu da Pessoa resultava na ampliação de seu acervo. Foi essa forma de trabalho, envolvendo a elaboração, preservação e circulação das narrativas registadas durante o desenvolvimento de cada projeto, que garantiu a formação desse significativo acervo ao longo de muitos anos.

Em termos de contexto, o Museu da Pessoa foi criado num momento bastante significativo da história brasileira. Naquela época, ocorria um importante processo de redemocratização, que foi consolidado a partir de 1984. A inflação severa finalmente começava a dar sinais de estar controlada e a eleição de governos mais democráticos abriu espaço para a atuação do Brasil na arena global. Foi nesse período que ocorreu a Eco 92[262], a qual possibilitou um grande incremento de organizações não governamentais no país, enquanto se desenvolvia a legislação brasileira para incentivar o a dinamização de projetos culturais por meio de isenção fiscal (Oliveira & Worcman, 2012).

4.1.3. Os relatos orais

A prática dos relatos orais, cuja componente teórica foi amplamente abordada no final do Capítulo 3 deste trabalho de tese, constitui o cerne da atuação do Museu da Pessoa. Estas narrativas são a matéria-prima do trabalho empreendido pelos profissionais do Museu da Pessoa. Karen Worcman, desde os seus primeiros trabalhos como investigadora, já demonstrava um profundo interesse pela temática: "*eu percebi o poder das narrativas de vida pra me transformar em primeiro lugar, mas o quanto isso podia ser transformador*".

Nessa época, outras instituições brasileiras já utilizavam a metodologia da História Oral nos seus trabalhos, como é o caso do MIS-RJ e do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ambos localizados no Rio de Janeiro. Em São Paulo, o destaque ficava por conta do Centro de Estudos Rurais

[262] Já mencionada ao longo do Capítulo 3.

e Urbanos (CERU), vinculado ao curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, e do MIS-SP. Para R. Henriques (2004), embora não seja uma novidade a formação de acervos baseados em História Oral, o Museu da Pessoa utiliza-os não como complemento aos objetos, mas sim como elemento central de acervo dado "que trabalha o conceito de um museu aberto a todas as histórias de vida" (R. Henriques, 2004, p. 78).

Como já mencionado na secção anterior, o Museu da Pessoa fez amplo uso da História Oral devido à vasta experiência de Karen Worcman no desenvolvimento de projetos anteriores à sua criação. Na época, mesmo sem ter um conhecimento profundo das especificidades da metodologia da História Oral de Vida, a sensibilidade e a experiência acumulada, especialmente no projeto sobre as trajetórias de imigrantes judeus no Rio de Janeiro, formaram a base metodológica do Museu da Pessoa. Essa ideia é comprovada pela afirmação de que ela, Worcman "descobriu – intuitiva e racionalmente – que a história escrita não valorizava o tipo de história que está na base da experiência social: a história das pessoas e como elas se relacionam com a sociedade" (Worcman, 1999).

Embora seja extensa, a citação abaixo é fundamental para a compreensão do viés metodológico presente no Museu da Pessoa desde o seu início, a partir da experiência de Karen Worcman:

> Os judeus que entrevistei, oriundos da Polônia, Rússia, Romênia, Palestina, Alemanha, Grécia, Síria, Líbano, Egito, Palestina, França, entre outros países, eram muito diversos entre si, tanto sob o aspecto religioso, cultural, físico quanto sob o aspecto comportamental. Toda esta diversidade foi também uma grande descoberta para mim, que, naquele momento, baseava minha perspectiva sobre os judeus apenas em minha experiência familiar. O que mais me marcou no projeto foi a riqueza de emoções e experiências humanas que estava presente nas entrevistas. Cada um dos entrevistados misturava os grandes marcos históricos com seus desejos e dores cotidianas. Ali, percebi quão múltiplas podem ser as narrativas pessoais e o quanto essa multiplicidade desvela algo que transcende a cultura e a história judaica. A multiplicidade revelava a singularidade presente nas narrativas de vida de cada pessoa (Worcman, 2021a, pp. 20-22).

Se 1991 marcou o início da experiência que se transformaria no Museu da Pessoa, foi em 1992 que ocorreram duas importantes iniciativas relacionadas à metodologia da história de vida que seriam também cruciais para o estabelecimento da instituição[263]. São elas: o workshop *Memória Oral: Processo, Técnica e Produto*, idealizado por Karen Worcman e pelo Instituto Cultural Itaú, e o projeto *Memória Oral do Idoso*, também

[263] Ver Anexo nº 6: Tabela de Projetos 1991-2010.

concebido por Karen Worcman, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura e a Oficina Cultural Oswald de Andrade[264].

Nesse momento, o Museu da Pessoa foi estabelecido como entidade jurídica e um grupo de profissionais das áreas de História e de Comunicação juntou-se para trabalhar de modo interdisciplinar (Worcman, 2021a). Do grupo partícipe da implantação da iniciativa, formado por Karen Worcman, Márcia Ruiz, Cláudia Leonor Oliveira, Mauro Mallin e José Santos, somente Karen Worcman trazia uma pequena experiência com banco de dados e categorização de narrativas, por conta da sua investigação de mestrado. Dois anos depois, Rosali Nunes Henriques se juntaria a esse grupo, formando o que ficou conhecido como o "núcleo fundador do Museu da Pessoa".

Para os primeiros colaboradores do Museu da Pessoa, a iniciativa mostrava-se atraente. Márcia Ruiz atuava como coordenadora operacional na Oficina Cultural Oswald de Andrade; por sua vez, Rosali Henriques trabalhava como arquivista em uma empresa privada. Assim como a autora desta tese, todas são historiadoras de formação, mas não trabalhavam como investigadoras, nem faziam uso da metodologia da História Oral nas suas atividades laborais. Eram profissionais com diferentes especialidades que perceberam o potencial diferencial oferecido por uma ideia como a do Museu da Pessoa, e agregaram os seus conhecimentos anteriores à estruturação da instituição e do seu propósito de recolher narrativas diversas.

Márcia Ruiz recorda-se que "*desde o começo, a Karen queria coletar depoimentos de pessoas, na verdade essa era a grande visão dela, o grande mote dela era esse*". Ela também relembrou do grupo inicial e do propósito que unia esse grupo quando afirmou que ele *"tinha uma adesão muito grande à proposta do Museu e então a gente começou, com esse grupo, a se reunir pra poder estruturar a empresa, essa organização, e foi assim o começo*".

No que diz respeito à metodologia de trabalho para recolha de informação, é inegável que ela também foi, e ainda é, amplamente fundamentada na estrutura do projeto que antecede o próprio Museu da Pessoa, o *Heranças e Lembranças*. Ao criar – a partir de suas experiências profissionais – uma forma de organizar os diferentes conteúdos que estão no âmbito de uma história de vida, Karen Worcman ressalta que no centro de tudo

[264] A autora desta tese participou de ambos eventos. O primeiro como aluna do workshop e o segundo já como auxiliar de pesquisa do Museu da Pessoa. É neste momento que nós nos aproximamos imenso de Karen Worcman e os preceitos que deram origem ao Museu da Pessoa de forma efetiva. De certa forma, acabou por direcionar a nossa própria carreira profissional.

está o narrador e, conectado a ele, estão suas memórias (Worcman, 2021a). Desta forma, no trabalho do Museu da Pessoa, o maior referencial passou a ser o entrevistado e todas as informações fornecidas por ele: a sua narrativa, a sua trajetória no espaço geográfico, as suas imagens e os seus documentos. Por isso, há sempre um cuidado meticuloso, uma atenção especial para o momento da entrevista. A entrevista não é uma mera formalidade, é um ponto referencial da construção de uma fonte histórica: a narrativa de uma pessoa real, cujo conteúdo passará por um processo de musealização, garantindo que as suas experiências, organizadas a partir do processo de rememoração, obtenham o status de perenidade (Oliveira & Worcman, 2012).

Neste contexto, as memórias de um narrador passam a ser um artefacto museológico, não na sua dimensão física tridimensional, mas sim de maneira digital. Assim, em consonância com Di Felice (2005) e Perniola (2005), podemos afirmar que o entrevistado se converte em uma "coisa videomática", processo que se realizou por meio da transformação do indivíduo em infovíduo, por meio do processo de transubstanciação. Ou seja, ao narrar suas memórias e autorizar que as mesmas estejam na plataforma do Museu da Pessoa, a essência deste humano que é recomposto por meio de bits (Di Felice & Franco, 2018).

No Museu da Pessoa, o processo de tratamento e organização dos dados de uma entrevista desempenham um papel fundamental na disponibilização do conteúdo no ambiente digital (Oliveira & Worcman, 2012). Em suas considerações, observamos que Karen Worcman tem uma especial predileção pela sistematização de conteúdos. Assim, ela contou-nos que tinha caixas nas quais organizava essa pesquisa sobre os livros didáticos, *"pois nessa época não tinha computador"*. Para fazer a conexão entre as informações, *"as fichas tinham cores, eu me organizava com aqueles fichários por assunto, então ali eu já fazia o hiperlink entre as fichas. [...] Fichas, eu achei fascinante essa coisa, aprendi, né?"*.

Os campos existentes nestas fichas[265], ainda que sofressem alguma variação, eram quase sempre os mesmos. Essa organização da informação, que gravita à volta do entrevistado, foi fundamental para que a plataforma do Museu da Pessoa crescesse de

[265] Essas fichas elaboradas por Karen Worcman para a sua investigação de mestrado, eram em formato retangular, tradicionalmente no tamanho 6x9 cm, papel mais encorpado e pautado. Para o projeto *Heranças e Lembranças*, as fichas passaram a ser impressas em folha A4 e traziam os dados datilografados. Aquando da criação do Museu da Pessoa, elas passaram a ser formatadas no processador de texto de um computador, utilizando-se para isso o programa Word ou Wordperfect e eram fotocopiadas para serem utilizadas pelos investigadores da equipa de cada projeto.

forma quase exponencial. Logo ao início do processo de criação da plataforma do Museu da Pessoa, Romero Tori, hoje professor do Instituto Politécnico da Universidade de São Paulo, alertava para Worcman sobre a importância dos campos e dos metadados coletados. Neste aspeto, a criadora do Museu da Pessoa revela que "*a gente classificava a pessoa sempre do mesmo jeito [...] isso tinha a ver com a questão do Romero [Tori] falar de que você, padronizando - mesmo que a gente não tivesse a base de dados - a informação, em alguma hora conseguiríamos juntar tudo. como a gente veio a fazer*. Das experiências que antecedem a criação do Museu da Pessoa, como o *"projeto dos imigrantes judeus, já havia chegado o computador. [...] Ali eu já tinha a ideia de fazer um Museu e de transformar cada pessoa num dossiê, numa história, né? Eu pensava assim: cada pessoa é um livro*".

4.1.4. A entrada na era digital

Sobre a questão do digital, essencial na forma como o Museu da Pessoa passou a posicionar-se em meados dos anos de 1990, é importante assinalar que essa é uma característica que não era parte da essência da organização quando da sua génese. No entanto, esta foi-se apresentando como solução ao longo da passagem dos anos e conforme o recurso ao digital se foi desenvolvendo.

Isso ocorreu porque, conforme mencionado por Karen Worcman[266], o Museu da Pessoa era uma ideia que se concretizou à medida que a tecnologia digital foi sendo desenvolvida. Essa afirmação significa que o acesso às narrativas poderia ser feito por meio de diferentes tecnologias. Neste sentido, Karen Worcman faz uma interessante consideração pois ela "*não tinha a ideia de museu virtual, [uma ideia] pronta, então: ah, pode ser uma Jukebox, pode ser ligar num telefone, pode ser uma cabina itinerante, pode ser...* Neste sentido, o Museu da Pessoa *"é uma ideia e pode ter tantas formas quanto às tecnologias, e a gente pode terminar na pedra, Cláudia, tanto faz*".

Na verdade, a estrutura da organização das narrativas coletadas pelo Museu da Pessoa foi efetivamente moldada, de forma analógica, ao longo do projeto *Heranças e Lembranças*. No entanto, foi efetivamente a chegada de Karen Worcman a São Paulo e o encontro com os profissionais da M2A, empresa de multimédia, que permitiram a entrada do Museu da Pessoa, de forma pioneira, na era digital, passando a fazer amplo uso de

[266] Em entrevista concedida a autora desta tese.

recursos multimédia e de hiperligações. Márcia Ruiz[267] credita esse momento ao contexto vivido pelo país, mas também por uma oportunidade prática*: "a gente mudou pra Rua Cardeal Arcoverde, a gente foi dividir uma sala com um pessoal de informática, e aí eu acho que tem toda uma confluência, eu estou falando de 1992, 1993, eu acho que tem a ver tudo com o momento histórico*".

Para Karen Worcman, essa mudança da sede significou a oportunidade de estar perto de pessoas que eram mais visionárias, em especial os colaboradores da M2A que "*estavam sendo pioneiros na história de ensinar a escrever e depois eles transformaram aquelas ideias dos textos em apresentações de multimídia. Aquilo ia bombar, como bombou!".* A empresa M2A tinha um escritório na Av. Cardeal Arcoverde e eles ofereceram*: "você não quer alugar um pedaço aqui? Sei lá, eu falei. Vou alugar um pedaço aí. [...] Ali na M2A que eu conheci o Mauro Rech*".

Inicialmente, parece que foi o apelo ao digital, uma novidade à época, o catalisador para o desenvolvimento dos primeiros trabalhos, em específico entre os anos de 1994 e 1996 – período em que o Museu da Pessoa produziu duas estações multimédia e dois CD-ROMs. O ano de 1996 marca o início de projetos voltados para a organização de acervos; porém, o principal produto passou a ser a elaboração de livros contendo o histórico de diferentes tipos de organizações, entre os quais empresariais, associativas, autarquias e do emergente terceiro setor.

Os contratos com estas organizações previam a cedência das entrevistas gravadas no âmbito dos projetos para o acervo do Museu da Pessoa e tinham como objetivo resolver dois tipos de questões, na qual uma derivava e ajudava a confirmar a outra. A instituição contratante recebia uma cópia de todo o material gerado pelo projeto (fichas, entrevistas transcritas, DVDs ou HDs com as gravações das entrevistas). Ainda assim, o Museu da Pessoa também conservava para si uma cópia dos mesmos materiais. Assim, alcançava-se um duplo objetivo: disponibilizar cópias em diferentes locais físicos, a título de salvaguarda, e permitir que o Museu da Pessoa formasse, a partir destas autorizações, o seu acervo.

Rosali Henriques[268], historiadora pertencente ao núcleo fundador do Museu da Pessoa, exprime bem o que o digital representava à época, ao falar da "*possibilidade de conexão,*

[267] Em entrevista concedida a autora desta tese.
[268] Em entrevista concedida a autora desta tese.

que é uma coisa que eu sempre achei fabulosa. [...] Eu falei: gente, isso é uma revolução! E eu achei isso e a Karen também, e o Museu apostou nisso".

O primeiro *website* do Museu da Pessoa, em *HyperText Markup Language* (HTML), foi lançado oficialmente em 06/05/1996. No entanto, desde 1994, a instituição já explorava o mundo digital com a criação de um protótipo multimédia – desenvolvido em *ToolBook*, um software voltado para aplicações interativas e também para *e-learning*, muito popular à época. Este protótipo foi apresentado ao público no evento *Tipo 93*, realizado em 1993, no MIS de São Paulo, em parceria com o Senac Vila Nova.

Figuras 6 e 7 – Cartaz do evento *Tipo 93*. No destaque dado ao Museu da Pessoa já se faz presente o pioneirismo da iniciativa, com a seguinte chamada "Dê o seu depoimento ao acervo do Museu da Pessoa e entre para a história da multimídia". Fonte: Acervo Museu da Pessoa

O desenvolvimento de um protótipo multimédia e a participação no evento Tipo 93 são marcos fundamentais deste momento, pois trouxeram visibilidade para a iniciativa e possibilitaram um impulso financeiro com a assinatura do primeiro contrato de prestação de serviço com o São Paulo Futebol Clube, em 1994. Aqui consideramos pertinente reproduzir o diálogo ocorrido aquando da gravação da entrevista de Karen Worcman, pois, como já relatamos ao longo do Capítulo 3, a memória é seletiva e a narrativa é o resultado da interação entre entrevistador e entrevistado. Neste sentido, é o diálogo entre Karen Worcman e Cláudia Leonor Oliveira – também partícipe neste processo – que

permite a ampla recuperação dessas informações e entendimento do caminho percorrido pelo Museu da Pessoa.

> K - *E eles [da M2A] eram legais, eles falavam: "Você não quer fazer um protótipo?" Eu falei: "Vamos fazer um protótipo". "Onde você estava Cláudia, você já estava...*
>
> CL: *Eu fiz o protótipo contigo.*
>
> K: *Comigo, lembra? Tinha os sete depoimentos, sentava com o Mauro [Rech] e fazia...*
>
> CL: *A gente escolheu dois entrevistados de cada projeto que tinha: Memória & Migração, Almanaque [da Idade de Pensar] e de um curso que você deu, um workshop que você deu no Instituto Cultural Itaú.*
>
> K: *Isso, aí eles falavam: "Vamos fazer um protótipo!" Eles eram super legais, eles também estavam precisando de conteúdo para pode mostrar, então foi ali na M2A, por causa daquelas pessoas que eu conheci, terem me convidado para aquele escritório, que nasceu a ideia de fazer o protótipo. E aquele protótipo – você participou –, já vinha daquela ideia daquelas pastas, daquela ideia das fichas, da organização do DBase. [...]Embaixo daquele ToolBook tinha uma base de dados, então acho que era aquela pasta revisitada, já como um sistema*.

Este diálogo é significativo porque revela a transição da estrutura analógica para a estrutura digital, pois inicialmente as entrevistas eram organizadas em pastas físicas. Com a chegada do meio digital, como uma solução viável à época, essa estrutura migrou para o ambiente digital. A pasta revisitada à qual Karen Worcman se refere é a pasta do entrevistado do projeto *Heranças e Lembranças*. O programa utilizado era o *ToolBook* que propiciava essa transposição de linguagens, do analógico para o digital.

Deste momento, podemos inferir que a opção pelo digital se apresentou como uma tecnologia que parecia ser conveniente à instituição, mas esta não era a essência, era o meio. Neste sentido, não existia *a priori* uma proposta de trabalho efetiva relacionada com o digital. Aliás, a este propósito, Karen Worcman considera que a história do início do Museu da Pessoa e a sua entrada no digital significou a *"corporificação de uma ideia sem corpo, né? Ele vai adquirindo muitos corpos com essa ideia".*

É relevante assinalar que a estrutura de organização das histórias de vida, desenvolvida para o projeto *Heranças e Lembranças*, permaneceu a mesma, independentemente da tecnologia utilizada. Em 1991, a transcrição da narrativa da pessoa, juntamente com as suas fotografias e os seus documentos, o glossário histórico e contextual, assim como o termo de cessão de uso de imagem, como era chamado à época o *Termo de*

Consentimento[269], bem como os seus anexos, tais como documentos impressos, eram acondicionados em pastas individuais, numa estrutura que foi preservada na passagem para o digital. No programa de teste, cada entrevistado tinha uma entrada que fornecia acesso a todos os outros documentos relacionados àquela narrativa, e a conexão entre todos esses conteúdos passou a ser estabelecida por meio de hiperligações. O protótipo multimédia também foi inovador porque apresentava recursos de imagens, vídeos e sons, os chamados hipertextos, que eram ligados entre si pelas hiperligações.

O desenvolvimento do protótipo multimédia apresentado no evento *Tipo 93* teve um impacto profundo na estruturação do Museu da Pessoa. Worcman (2021a) considera que esse momento foi marcante e definidor por conta de duas razões importantes. Primeiro, a viabilidade económica da atuação por projetos, o que exigiu profissionalização da equipa para atender a uma demanda que estava prestes a surgir. Em segundo lugar, a tecnologia multimédia trouxe "concretude ao formato de catalogação do acervo em links e hiperlinks, ampliando as possibilidades de acesso e consulta de um público não especializado" (Worcman, 2021a, p. 108). Isso se deu porque o "suporte multimídia permitia, já então, uma relação lúdica com o acervo, o que ia ao encontro da ideia de que a construção de acervo e produtos culturais no Museu da Pessoa deveria ser organizada para incentivar a participação de leigos" (Worcman, 2021a, p. 109).

No ano seguinte, a experiência adquirida na elaboração desse protótipo foi utilizada para o desenvolvimento do projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*[270], marcando o primeiro sistema multimédia desenvolvido pelo Museu da Pessoa para uma organização externa. O São Paulo Futebol Clube (SPFC), fundado em 1930, representa até os dias de hoje um dos clubes de futebol mais tradicionais de São Paulo e, na década de 1990, viveu uma fase de grandes conquistas. A sua gestão, tida como empresarial à época, levou este clube a destacar-se tanto pela excelência do futebol apresentado, o que resultou em diversos títulos, como pelas inovações nas formas de relacionamento com os adeptos. Por isso, à época, a direção do clube buscou eternizar os seus feitos com a construção do *Memorial do São Paulo Futebol Clube*.

Neste espaço, além de vitrinas para acondicionar taças, flâmulas, bandeiras e documentos, havia painéis que contavam a trajetória do clube. O local ainda contava com duas estações multimédia, resultado do trabalho com histórias de vida, e um pequeno

[269] Ver Anexo nº 7: Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem.
[270] https://museudapessoa.org/acoes/memorial-sao-paulo-futebol-clube/

auditório, que exibia um sistema chamado "multivisão". Estas estações multimédia estavam acopladas a televisores que ampliavam a visualização dos conteúdos mostrados e, assim como o protótipo de 1993, o sistema multimédia também fazia uso do ToolBook, caracterizando-se, portanto, como um sistema fechado[271]. Estas estações multimédia eram parte integrante do *Memorial do São Paulo Futebol Clube*, cujo projeto museológico também foi de responsabilidade do Museu da Pessoa.

O sistema *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube* contava com 37 entrevistas transcritas, com histórias de vida de jogadores, dirigentes, treinadores, adeptos e funcionários de diversas épocas, além de centenas de fotografias digitalizadas, imagens em movimento e sons. O conteúdo estava disponibilizado em hipertextos contendo hiperligações, permitindo ao utilizador interagir com o sistema e passar de um conteúdo a outro por meio de um ecrã tátil[272].

Figura 8 – Aspetos diversos do interior do Memorial do São Paulo Futebol Clube. Ao centro duas imagens que destacam o sistema multimédia: o público em torno de uma estação multimédia conectada a um televisor (acima) e uma página desse sistema digital, com destaque para a entrevista do pugilista Éder Jofre, então atleta do SPFC (abaixo). Fonte: Acervo *online* do SPFC.

Em seguida, mais três projetos[273] foram desenvolvidos utilizando o software ToolBook, mantendo as entradas para os conteúdos e larga utilização das hiperligações:

[271] Sistema fechado porque todo o conteúdo estava acondicionado dentro de dois computadores que não estavam conectados em linha. A Internet comercial ainda não era uma realidade no Brasil, nessa época.
[272] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/ Acesso em 31.08.2024
[273] Não relaciono aqui o trabalho desenvolvido para a Associação Nacional de Fabricantes de Automotores (Anfavea) porque, apesar de ser um sistema multimédia, com utilização do software *ToolBook*, não envolveu a realização de entrevistas com a metodologia de história de vida. Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

Memórias do Comércio de São Paulo (1994/1995)[274], *História em Multimídia da Eletropaulo* (1994)[275] e *História em Multimídia do Senac em São Paulo* (1995) [276]. Devido à realização destes projetos, o Museu da Pessoa começava a tornar-se numa referência no que diz respeito à memória organizacional, e passava também a ampliar o seu portefólio de produtos, com a elaboração de exposições, a publicação de livros e o desenvolvimento dos primeiros CR-ROMs[277].

É somente em 1995 que a Internet comercial chega ao Brasil trazendo novos desafios não só para os utilizadores, mas também para organizações em geral, sejam elas indústrias, estabelecimentos comerciais, escritórios de serviços financeiros e contabilísticos, escolas e organizações governamentais. O mundo dos museus também aderiu à nova revolução comunicativa e, rapidamente, começou a fazer uso do ciberespaço. Neste contexto, R. Henriques (2004), em estudo mencionado anteriormente, realiza uma interessante investigação sobre a relação entre os museus e a era digital.

R. Henriques (2004) apresenta o facto de que a primeira discussão sobre hipermédia e interatividade em museus ocorreu em 1991, em Pittsburgh (Pensilvânia), no âmbito do *International Conference on Hypermedia and Interactivity in Museums* (ICHIM), um encontro bienal que se propõe a discutir o uso de novas tecnologias para o âmbito museológico. Também foi nos EUA que, em 1997, ocorreram as primeiras discussões sobre os museus e a questão do ciberespaço, por meio do evento *Museums and the Web*.

A autora ainda define, para um período de oito anos, três versões para o sítio do Museu da Pessoa, compiladas entre os anos de 1996 e 2002. Em 2003, foi finalmente disponibilizado ao público a quarta versão do seu ambiente digital, que naquela época ficou conhecido como Portal do Museu da Pessoa.

A seguir, de forma sumária, apresentaremos as principais características de cada versão do sítio e os fundamentais avanços aquando da compilação do Portal do Museu da Pessoa. Para R. Henriques (2004), "essas mudanças reflectiram não só o amadurecimento das ideias do Museu da Pessoa, mas também seguiram as tendências do *design*, da organização da informação e de navegação na Internet" (R. Henriques, 2004, p. 100).

---

[274] O Projeto *Memórias do Comércio* resultou em um livro, uma exposição e a apresentação do sistema multimédia. Próximo à data de abertura da exposição e lançamento do livro, já se encontrava disponível no Brasil a tecnologia para reproduzir o conteúdo desse sistema multimédia na tecnologia de CD-ROM (Compact Disc Read Only Memory). Os outros projetos mencionados no mesmo parágrafo também resultaram em sistemas multimédia. Disponível em: https://museudapessoa.org/acoes/memorias-do-comercio/ Acesso em 31.08.2024

[275] Disponível em https://museudapessoa.org/acoes/historia-em-multimidia-da-adc-eletropaulo/ Acesso em 31.08.2024

[276] Disponível em https://museudapessoa.org/acoes/historia-em-multimidia-do-senac-sp/ Acesso em 31.08.2024

[277] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

De acordo com R. Henriques (2004), o primeiro sítio do Museu da Pessoa tinha uma estrutura bastante simplificada e, assim como os demais sítios da época, funcionava como um folheto eletrónico, no qual se destacavam os dados da organização e os principais serviços oferecidos. Foi desenvolvido pela Miklos Design com os recursos da época: o sítio era pouco interativo e trazia uma quantidade excessiva de texto. A parte inferior da página inicial destacava uma história integrante do acervo do Museu da Pessoa, que era atualizada quinzenalmente.

O menu, disponibilizado à lateral direita, trazia seis secções: Acervo, Produtos, Métodos, Aplicações, Fórum e Realizações. Desenvolvido em HTML, este sítio consistia em páginas estáticas, uma vez que as informações não se encontravam disponíveis em base de dados, resultando em baixa interatividade. Segundo a autora, além desta baixa interatividade, os maiores problemas à época eram o excesso de texto e a falta de atualizações mais constantes, fatores que não atraíam os utilizadores. (R. Henriques, 2004). Em vermelho, como se pode observar na figura abaixo, uma frase se destaca: "O Museu da Pessoa não é um Museu nos moldes tradicionais. É um Museu virtual. O que fica registrado são as narrativas, as fotografias, os documentos, formando um banco de dados com centenas de depoimentos".

Figura 9 – Remontagem da página inicial do primeiro sítio do Museu da Pessoa.
Fonte: Acervo Museu da Pessoa

O segundo sítio do Museu da Pessoa resultou de um convite do Universo On-Line (UOL), um portal de informação ligado ao Grupo Folha de São Paulo, e representava um acordo que se mostrava vantajoso para ambas as instituições. Em 1997, o Museu da

Pessoa já demonstrava um grande potencial para trabalhar informação e conteúdo[278], enquanto o UOL oferecia uma possibilidade de visibilidade para o acervo e para o trabalho do Museu da Pessoa. O *design* proposto pela equipa do UOL para o sítio sofreu algumas remodelações realizadas também pela Miklos Design, visando adequar as necessidades do Museu da Pessoa à estrutura padrão dos sítios hospedados no UOL[279]. A migração para o UOL em termos de hospedagem trazia duas ferramentas adicionais: uma sala de bate-papo e o fórum. Além disso, houve dois ganhos significativos para o Museu da Pessoa. Um deles era a possibilidade de o utilizador enviar suas histórias. Isso ficou evidente na página inicial, que destacava a importância da participação do utilizador, com um texto central enfatizando: "Este é um museu virtual do qual você pode fazer parte, escrevendo e incluindo em nosso acervo a sua história de vida".

A outra inovação consistia na possibilidade de realizar buscas, de "carácter livre" nos conteúdos dos depoimentos e legendas das fotografias. No entanto, como R. Henriques (2004) informa, apesar das deficiências tais como a extração de informações desnecessárias, "foi um primeiro passo para uma procura mais organizada de informações no site" (R. Henriques, 2004, p. 105).

Por se tratar de um momento importante, o sítio foi lançado publicamente, em um concorrido evento, no cibercafé da livraria Saraiva Megastore (Shopping Ibirapuera), em 06 de maio de 1997[280]. O evento, presencialmente, contou com uma conversa com o ator Paulo Autran e, virtualmente, com um bate-papo no chat com Claudemir Cabral, fundador da biblioteca da comunidade de Paraisópolis. No novo sítio, a história em destaque foi a entrevista realizada com o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, um dos porta-vozes da redemocratização brasileira, que à época estava às vésperas de comemorar 100 anos de nascimento (R. Henriques, 2004).

Apesar das inovações trazidas por essa mudança, as páginas do sítio continuavam a ser feitas em HTML, carecendo ainda da disponibilização de conteúdo em base de dados, o que limitava a eficiência das buscas. O UOL hospedou o sítio do Museu da Pessoa até

[278] Nesta época, a soma de todos os entrevistados dos 12 projetos desenvolvidos até então, incluindo uma cópia das narrativas do Heranças e Lembranças, já contabilizava mais de 500 entrevistas. Ver Anexo nº 6: Tabela de Projetos (1991-2010)
[279] Uma das adequações foi a localização do menu, que passou a ser horizontal.
[280] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/06/ilustrada/5.html Acesso em 31.08.2019.

2001 quando, então, alterou a sua política de parcerias[281] e a rescisão contratual foi efetivada.

Figura 10 – Segunda versão do sítio do Museu da Pessoa.
Fonte: Acervo Museu da Pessoa

Nesse período, ocorreram as primeiras apresentações internacionais sobre o Museu da Pessoa[282]. Em 1996, Karen Worcman participou no Congresso Internacional de História Oral, em Gottemburgo, na Suécia. Mais tarde, em 1999, uma delegação da organização esteve presente no terceiro encontro anual *Museums and Web*, ocorrido em Nova Orleães, nos Estados Unidos, juntamente com mais 450 instituições de 26 países. O evento abordou a presença dos museus na Internet e o sítio do Museu da Pessoa foi considerado, num artigo do *Wall Street Journal*[283], como o mais interessante da conferência, contando à época com um acervo de 500 histórias de vida[284].

[281] De acordo com R. Henriques (2004), nesse momento o UOL, em sua nova política de parcerias, passou a exigir que parte do conteúdo disponibilizado pelo Museu da Pessoa, fosse de uso exclusivo do assinante. Worcman (2021) interpreta que o fechamento do acesso ocorreu devido à crise das empresas "ponto.com", conhecida como "estouro da bolha da Internet", que aconteceu entre os anos de 2000 e 2001. As ações desse tipo de empresa haviam valorizado enormemente, até que sobreveio a crise, levando a vendas, fusões e também falências. A prática de disponibilizar determinados conteúdos apenas para assinantes ainda é bastante comum para as empresas que lidam com informações. No entanto, um dos principais elementos que define a natureza das instituições museológicas é o facto de elas serem instituições abertas ao público. Portanto, restringir o acesso a um segmento específico do público certamente ia contra as expectativas do Museu da Pessoa, daí a rescisão de contrato.

[282] Anteriormente, em 1994, Karen Worcman e Cláudia Leonor Oliveira já haviam participado do I Congresso de História Oral no Brasil, evento no qual foi fundada a Associação Brasileira de História Oral. Na ocasião, Karen Worcman apresentou a comunicação SPFC: Uma História em Multimídia. Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

[283] Disponível em https://acervo.museudapessoa.org/pt/contato/imprensa/destaques/museu-da-pessoa-no-the-wall-street-journal Acesso em 13.05.2021. Link para a matéria na íntegra: https://www.wsj.com/articles/SB123716837027436821 Acesso em 13.05.2021.

[284] https://acervo.museudapessoa.org/pt/contato/imprensa/destaques/museu-da-pessoa-no-new-york-times Acesso em 13.05.2021

At Brazil's Museum of the Person, 10,000 Voices Tell a Nation's Story

No Yarn Too Tiny for Oral-History Project; Bernice Su-and-So Offers a Cook's Tale

Figura 11 – Artigo do *Wall Street Journal* (1999).
Fonte: Acervo Museu da Pessoa.

4.1.5. O ponto de viragem: anos 2000

O início dos anos 2000 é marcado por uma série de reflexões em busca de um maior engajamento social. Três eventos se destacaram nesse contexto: a entrada de Karen Worcman na Ashoka Empreendedores Sociais, o desenvolvimento do projeto *Agentes da História* e a criação do Instituto Museu da Pessoa.net, como uma Oscip. Como resultado, houve um aumento no número de projetos e de pessoas envolvidas nessas novas áreas. Um espaço maior se fazia necessário, o que levou à mudança para a casa localizada na Rua Delfina, nº 342[285], na Vila Madalena[286].

Karen Worcman foi eleita membro da Ashoka Brasil em 1999. A organização, fundada pelo estadunidense Bill Dayton em 1980, traz em seu nome uma palavra em sânscrito que significa "ausência ativa de tristeza". O conceito de "empreendedorismo social" também é atribuído a Drayton. Após um rigoroso processo de seleção, Karen Worcman tornou-se uma entre os 390 membros brasileiros de uma instituição que agrega cerca de 4.000 empreendedores sociais em todo o mundo[287].

Para ela, estar em contacto com uma rede internacional de empreendedores sociais foi de grande importância para o Museu da Pessoa, especialmente para se tornar uma instituição efetivamente do terceiro sector. Estratégias para expandir a sua atuação, mensurar o impacto social e desenvolver parcerias foram fundamentais para a

[285] O Museu da Pessoa até então ocupava a sala comercial localizada no Edifício Arcoverde, situado à Rua Cardeal Arcoverde nº 1745. Essa sala, inicialmente era dividida com a M2A, conforme já apontado neste capítulo.
[286] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.
[287] https://www.ashoka.org/pt-br/sobre-ashoka

consolidação dessa transição, evidenciada pela criação da Oscip[288] Instituto Museu da Pessoa.Net, em 2001. As duas entidades jurídicas do Museu da Pessoa, a empresa e a Oscip conviveram no mesmo espaço até 2004, quando a empresa foi encerrada e o acervo doado para o novo instituto.[289]

Sobre este momento de passagem, Worcman (2021a) faz uma longa reflexão que, apesar de longa, torna-se crucial para a compreensão das perspetivas que se apresentaram a partir de então:

> O contato com uma comunidade global de empreendedores sociais, assim como as diversas possibilidades de capacitação, oficina e desenvolvimento de parcerias oferecidos foram vitais para que o Museu da Pessoa se tornasse, de fato, uma organização do terceiro setor sem, contudo, perder as características empreendedoras que havia desenvolvido até então. Os diálogos realizados nesta rede fizeram com que os objetivos de impacto social do Museu da Pessoa se tornassem mais precisos e, com isto, fossem desenvolvidas estratégias para ampliar a relevância do Museu da Pessoa na sociedade. Estes fatores, aliados a mudanças políticas no Brasil, abriram os caminhos para uma nova etapa na história do Museu da Pessoa no país (Worcman, 2021a, p. 117).

O ingresso de Karen Worcman na Ashoka trouxe outros desafios, um deles incidia diretamente sobre os novos projetos[290], os quais deveriam ter, dali em diante, entre outros, os objetivos de "transferência de metodologias por meio de projetos de formação; divulgação e promoção de histórias de vida por meio do acesso à seu portal e apoio à criação de núcleos do Museu da Pessoa (Worcman, 2021a, p. 116)

Neste sentido, foi desenvolvido o projeto *Agentes da História* (2000/2001) com foco na formação de um grupo de 13 idosos na metodologia de história oral. Esse grupo passou a gravar sistematicamente entrevistas aos sábados, de forma voluntária, dando forma concreta a algo que ocorria esporadicamente, que eram as gravações de entrevistas fora do âmbito dos projetos em curso[291]. No seu depoimento ao Museu da Pessoa, Marius

---

[288] A Lei Federal Nº 9.790, de 23 de Março de 1999 foi assinada pelo então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9790.htm Os principais avanços com o chamado marco histórico para o desenvolvimento do terceiro setor são: Os principais benefícios dessa qualificação são: possibilidade de remuneração de dirigentes sem a perda de benefício fiscal, oferecer dedução fiscal (IR) para pessoas jurídicas, celebrar Termos de Parceira com o Poder Público, possibilidade de receber bens apreendidos, abandonados ou disponíveis, administrados pela Secretaria da Receita Federal. Disponível em: https://www.filantropia.ong/informacao/quais-s%C3%A3o-os-benef%C3%ADcios-em-se-obter-qualifica%C3%A7%C3%A3o-como-oscip?

[289] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

[290] Até então, a maior parte dos projetos do Museu da Pessoa eram executados por demanda de organizações, na linha de trabalho de memória organizacional. Para Worcman (2021), "O fato de ter nascido como uma entidade independente do Estado ou de uma grande Fundação ou corporação fez com que a trajetória do Museu da Pessoa fosse marcada pelos constantes desafios de sobrevivência da instituição, o que levou a escolhas e provocou conflitos" (Worcman, 2021, p.102).

[291] Disponível em: https://museudapessoa.org/acoes/agentes-da-historia/ . Acesso em: 31.08.2019.

Vieira Gonçalves, um dos participantes do projeto *Agentes da História*, destacou o impacto da experiência, afirmando: "Eu nunca me imaginei participar de um museu. Este trabalho é uma vacina contra o complexo de inferioridade"[292].

No desdobramento desses eventos, em 2001 foram conduzidos três projetos que sinalizavam a implementação das mudanças desejadas. São eles: *Memória Local Ituiutaba* – em Minas Gerais –, *Memória Local Vila Isabel* e *Identidade e Memória: Morro dos Prazeres* – ambos no Rio de Janeiro. O objetivo principal dos três projetos era disseminar a metodologia do Museu da Pessoa e expandir a atuação por meio da capacitação de pessoas. No entanto, os dois primeiros projetos focavam a sua atuação em escolas públicas municipais e/ou estaduais, ao passo que o último trabalhava especificamente com a comunidade de moradores do Morro dos Prazeres[293].

A nova frente de trabalho e a saída do provedor do UOL demandaram a elaboração da terceira versão do sítio do Museu da Pessoa, agora hospedado num provedor pago. De acordo com R. Henriques (2004), as poucas alterações estruturais realizadas tiveram como objetivo aprimorar a disponibilização dos conteúdos já existentes no acervo do Museu da Pessoa[294]. Além das opções de secções já existentes, a autora relata a introdução de outras secções, tais como Instituições, Projetos, Educação, Áudios, Vídeos, Eventos, Núcleos, Frase do dia, Calendário Interativo e Fale Conosco. A novidade incorporada nessa versão foi a secção Educação, destinada a destacar os resultados dos projetos educativos em andamento, com o nome de *Memória Local*[295].

Como se pode ver na Figura 11, no início da página do sítio, reforça-se o propósito da instituição e o carácter interativo do sítio, por meio da seguinte frase:

> Todo ser humano, anônimo ou célebre, tem o desejo de eternizar sua história. Esta idéia deu origem ao Museu da Pessoa, que tem como objetivo possibilitar a todo e qualquer indivíduo ter a sua história de vida registrada e preservada. Este é um museu virtual do qual você pode fazer parte, escrevendo e incluindo em nosso acervo a sua história de vida[296].

[292] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/ Acesso em: 31.08.2019.
[293] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.
[294] Nesta versão, o menu deixa de ser horizontal e passa a se localizar à esquerda da página de abertura.
[295] O projeto Memória local foi amplamente discutido por Zilda Kessel em seu trabalho de mestrado intitulado *A construção da Memória na Escola: Um estudo sobre as relações entre Memória, História e Informação na contemporaneidade*, defendido em 2003 na Escola de Comunicações e Artes da USP.
[296] Também disponível em R. Henriques (2004, p. 106).

Figura 12 – Terceira versão do sítio do Museu da Pessoa.
Fonte: Acervo Museu da Pessoa

4.1.6. A estruturação do Portal Museu da Pessoa e a formação da rede internacional de histórias de vida

O ano de 2003 marcou o início de um período importante para o Museu da Pessoa, com a implementação de ações voltadas para a ampliação da sua atuação. Isso foi alcançado por meio da estruturação de uma rede internacional de núcleos e da organização e disponibilização do seu acervo numa base de dados para consulta em modo *online*.

O que seria a quarta versão do sítio do Museu da Pessoa, foi a primeira versão de uma plataforma digital *online*, que ficou conhecida como Portal do Museu da Pessoa[297]. Este novo ambiente digital foi apresentado ao público, em 2003, por ocasião do *Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social*, um evento organizado pelo SESC-SP em parceria com o Museu da Pessoa.

Sobre o desenvolvimento de tal plataforma, havia uma dificuldade técnica em compreender a amplitude da base de dados demandada pelo Museu da Pessoa. De acordo com Rosali Henriques, "*até 2003 o Museu não teve uma base de dados, [...] era muito difícil as pessoas entenderem o que o Museu queria [...] Porque a Karen é visionária, ela vê lá na frente, mas as coisas acompanharem é mais difícil".*

A principal diferença é que, a partir do desenvolvimento da plataforma digital, as páginas do Museu da Pessoa disponíveis na Internet deixaram de ser feitas apenas em

[297] O Portal Museu da Pessoa foi desenvolvido pela empresa JExperts (uma empresa do Rio Grande do Sul) e contou com a direção artística do programador gráfico e fotógrafo Carlos Filho, mais conhecido no meio artístico como Cafi (R. Henriques, 2004). Ver também Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

HTML e passaram a contar com uma base de dados integrada à interface. No entanto, R. Henriques (2004) esclarece também que "A ideia da criação de um portal estava baseada na organização dos conteúdos, direccionando o uso dos conteúdos aos públicos específicos" (R. Henriques, 2004, p. 108).

De acordo com R. Henriques (2004), texto de abertura enfatizava a ideia de pertencimento, do direito à memória e do compromisso do Museu da Pessoa em ser o guardião dessas memórias em modo virtual:

> O portal é aberto à consulta e participação de toda pessoa que tenha o desejo de preservar e partilhar sua trajetória. Busca assim garantir o direito de todo ser humano de participar da História. Ao preservar, integrar e divulgar experiências de vida pela internet, o portal visa transformá-las em fonte de conhecimento e contribuir com a formação de uma nova memória social (R. Henriques, 2004, p. 109).

De acordo com esta autora, o Portal do Museu da Pessoa foi desenvolvido a partir de 2001, com participação da organização no Prêmio Empreendedor Social[298]. Além de ser uma demanda antiga devido à necessidade de se implementar por trás da interface um banco de dados que possibilitasse uma busca eficiente, o Portal Museu da Pessoa também agregaria "vários sites ligados a quatro grandes áreas: educação, instituições, comunidades e pessoas. Cada site teria conteúdos direccionados a um determinado público-alvo" (R. Henriques, 2004, p. 97).

Paulatinamente, os conteúdos oriundos dos projetos desenvolvidos entre 1991 e 2003 foram inseridos nesta base de dados. A partir desse momento, os novos projetos já previam a integração ao Portal do Museu da Pessoa, com a inserção dos novos conteúdos coletados, permitindo aos utilizadores acederem por meio de ferramentas de busca e também participarem com a utilização da ferramenta *Conte sua História*. Periodicamente, essa base de dados é atualizada em termos de sistema e todo o conteúdo é migrado para o novo sistema.

[298] O Prémio Empreendedor Social é ao mesmo tempo um concurso e um treinamento que ocorre no Brasil por iniciativa Ashoka e da Mckinsey, empresa especializada em desenvolvimento estratégico de outras organizações. Durante o processo, cada organização social desenvolve um plano de negócios ao longo de meses de trabalho, passando por três etapas eliminatórias. É quando se definem dez finalistas. Os três melhores projetos recebem prêmios em dinheiro. Na época, o Museu da Pessoa ficou entre os dez finalistas (R. Henriques, 2004).

Figura 13 – Página inicial da primeira versão do Portal do Museu da Pessoa.
Fonte: Acervo Museu da Pessoa.

Como referido anteriormente, o lançamento do Portal Museu da Pessoa ocorreu por ocasião da realização *do Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social* e contou com a participação de vários colaboradores interessados em fazer parte de uma rede internacional de núcleos do Museu da Pessoa. Estiveram presentes os seguintes investigadores: Paul Thompson (Reino Unido, Essex University), Ilze Akerbergers (Indianna University), Maurita Holland (University of Michigan), Thom Gillespie (University of California, Berkeley) – todos dos EUA –, Pedro Henriques (Portugal, Universidade do Minho), Phil Stafford e Marc-André Delorme (Canadá, Centre d'Histoire de Montréal), além do parceiro brasileiro Rodrigo Faleiros (Belo Horizonte/Minas Gerais, Colégio Loyola)[299].

Após o encerramento do seminário internacional, o SESC-SP ainda sediou por dois dias os encontros que propiciaram a formação da *Rede Internacional de Histórias de Vida*, cujas discussões resultaram numa série de princípios que deveriam nortear os núcleos internacionais, consolidados nos Estados Unidos, Canadá, Portugal e Brasil (R. Henriques, 2004; Worcman, 2021a)[300].

Em 2007, o núcleo canadiano organizou a segunda reunião da *Rede Internacional de Histórias de Vida*, em Montreal (Québec), com a finalidade de discutir os princípios norteadores da rede internacional. Na ocasião, foi redigida a *Carta de Montreal*, cujo

[299] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.
[300] Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa

início assegurava que "[...] o mundo se tornará um lugar melhor se valorizar o valor de uma história de vida e se criar uma comunidade global de contadores e escutadores"[301].

No desdobramento deste encontro, foi instituído o *Dia Internacional de Histórias de Vida*, cuja primeira edição ocorreu em 16 de maio de 2008. Esta iniciativa representou uma das primeiras ações lideradas pela rede internacional de Museus da Pessoa e pelo *Center for Digital Storytelling*[302].

Neste dia, mais de cem organizações, de trinta países, organizaram eventos alusivos à data, incluindo círculos de histórias, performances, conferências, exposições e programas de rádio e televisão. Anualmente, essa data é retomada e envolve centenas de organizações oriundas de diversos países. É uma iniciativa que visava à época promover o diálogo entre gerações, entre grupos sociais e entre nações, por meio do compartilhamento de histórias, em prol da diversidade e da democratização da cultura pela promoção da mudança social[303].

Figura 14 – Gravação de uma roda de histórias com imigrantes japoneses sobreviventes das bombas atómicas, por ocasião do I Dia Internacional de Histórias de Vida, em 16 de Abril de 2008. Fonte: Acervo Museu da Pessoa.

4.1.7. Em busca da Tecnologia Social da Memória

No que tange especificamente à experiência acumulada no registo das memórias de milhares de narradores ao longo desses anos, sempre houve a necessidade de sistematizar esse "saber fazer". Inicialmente, para alcançar um mínimo de padronização na atuação dos diversos investigadores alocados em diferentes projetos, foi compilado o chamado

[301] Disponível em https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/. Acesso em: 31.08.2022
[302] Disponível em https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/. Acesso em: 31.08.2022
[303] Disponível em https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo. Acesso em: 31.08.2022

"Manual do Entrevistador"[304]. Esse instrumento de orientação foi elaborado após a rica experiência de montagem do sistema multimédia do SPFC (1993/1994) e recebeu diversas versões ao longo dos anos.

Em um segundo momento, tornou-se necessário divulgar a metodologia de trabalho do Museu da Pessoa a um público mais amplo. Tal intento foi alcançado mediante a organização e sistematização das atividades realizadas durante o *Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social*. O resultado desta iniciativa materializou-se no livro intitulado *História Falada: Memória, Rede e Mudança Social*, o qual se encontra dividido em duas partes distintas.

Na primeira parte, encontra-se o texto resultante da palestra proferida pelo britânico Paul Thompson, bem como os textos dos participantes das mesas-redondas. A segunda parte, intitulada *Como fazer um projeto de memória oral*, apresenta as principais premissas metodológicas do trabalho realizado pelo Museu da Pessoa até aquele momento, englobando os conceitos de Memória, História e História de Vida. Além disso, fornece orientações minuciosas sobre o processo de recolha das narrativas. Publicado em 2005, esse desdobramento proporcionou uma oportunidade singular para disseminar a metodologia de trabalho do Museu da Pessoa a um público mais amplo.

No entanto, ao longo dos anos e devido à diversidade de projetos elaborados, abrangendo distintas temáticas, propósitos e produtos, surgiu a necessidade de consolidar essa vasta experiência em um único guia orientador mais amplo. Foi então que a metodologia de trabalho do Museu da Pessoa foi cuidadosamente analisada, sistematizada e denominada como Tecnologia Social da Memória (TSM). O salto qualitativo entre essas duas abordagens reside, sobretudo, na reflexão sobre os propósitos que impulsionam um grupo social a empreender um projeto de memória.

De acordo com Pena e Mello (2004), uma tecnologia social pode ser definida como "todo o processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos critérios de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social protegido" (Pena & Mello, 2004, p. 84). No contexto da TSM, ela pode ser compreendida como um "conjunto de conteúdos e ferramentas que incentivam

[304] Inicialmente o Manual do Entrevistador era algo bem simples e dizia respeito especificamente ao modo como conduzir uma entrevista de história de vida e as melhores formas de preencher as fichas de cadastro e de catalogação de fotos, documentos e objetos dos entrevistados, bem como o Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem. Na atualidade, esse material complexificou-se e traz também toda a orientação para a inserção destas informações no banco de dados da plataforma do Museu da Pessoa.

comunidades, organizações da sociedade civil e empresas a construir sua própria história, intensificando suas possibilidades de intervenção social" (Museu da Pessoa, 2005). Desde a sua implementação, a TSM tem sido aplicada em diversas iniciativas empreendedoras, alcançando mais de 200 organizações[305].

A TSM teve seu desenvolvimento iniciado pelo projeto que comemorava os 20 anos da Fundação Banco do Brasil (FBB) – instituição sediada em Brasília, parte integrante do Banco do Brasil. Foi amplamente discutida entre 2005 e 2006, por integrantes do Museu da Pessoa, abrangendo duas vertentes principais. A primeira vertente estava direcionada para o desenvolvimento de um projeto de memória organizacional, que consistia na pesquisa e coleta de 40 narrativas de pessoas relacionadas com a fundação e a expansão das ações da FBB. Além disso, também foram incluídas as histórias de agentes sociais, responsáveis diretos pela formulação e implementação de projetos de inclusão social, educação e geração de trabalho e renda, entre outros. Como resultado foi publicado um livro comemorativo dos 20 anos de atuação da FBB, bem como foi desenvolvido um Plano de Acervo, para a localização, organização e acondicionamento de documentos históricos da organização.

A segunda vertente previa a criação de uma tecnologia social que pudesse ser aplicada em instituições e grupos sociais, permitindo que eles se tornassem os agentes da sistematização e escrita da sua própria história, capazes de desenvolver projetos de registo e preservação de narrativas, assim como de documentos textuais e imagéticos. A proposta da FBB veio ao encontro dos planos do Museu da Pessoa de disseminar a sua metodologia, visando ampliar a sua ação por meio da reaplicação dessa metodologia. A FBB, por sua vez, já havia desenvolvido um amplo conceito e aplicação prática de tecnologias sociais voltadas para o desenvolvimento de comunidades e grupos sociais diversos, além de possuir uma vasta experiência no acompanhamento e sistematização dessas tecnologias sociais.

No âmbito do Museu da Pessoa, foi formado um grupo para discutir as bases metodológicas e práticas do que viria a ser conhecida como TSM. Esse grupo contava com representantes de diferentes áreas do Museu da Pessoa[306]. A partir desses encontros,

[305] Recuperado de : https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/

[306] Neste grupo reuniam-se todas as sextas-feiras por um período de seis meses: Karen Worcman, Sonia London, Rosali Henriques, Simone Alcântara, Carol Missorelli, Zilda Kessel, Immaculata Lopez e a autora desta tese, que a época era a coordenadora do projeto FBB 20 anos. Em alguns desses encontros, tivemos a presença de palestrantes como Carlos Alberto Seabra, Silvio Caccia Bavia e Luís Fumio Iwata.

foi produzida uma publicação que serviria como uma espécie de versão experimental da TSM. A segunda etapa do projeto (2007/2008) previa a aplicação dessa versão experimental da TSM a um grupo de movimentos sociais de Brasília[307]. Verificada a aplicabilidade da TSM foi impressa a versão final do manual, que recebeu o título de *Tecnologia Social da Memória para comunidades, movimentos sociais e instituições registarem a sua história*. Paralelamente, um outro livro também foi elaborado, a partir dessa versão experimental do manual da TSM, contando a história dos movimentos sociais que se mobilizaram pela autonomia política do Distrito Federal[308].

Esta temática, que agregava a mobilização dos movimentos sociais de Brasília com o caráter inédito da construção de uma narrativa que articulava diferentes atores sociais num debate para a construção de uma memória coletiva e participativa, era importante para a FBB – ela mesma partícipe desse momento histórico. Daí a escolha do tema da luta pela autonomia política do Distrito Federal para a validação da TSM (Cerqueira, 2009).

Entre as fases de compilação e consolidação da TSM (2005-2009), conforme descritas anteriormente, houve uma outra iniciativa que propiciou a reflexão sobre a metodologia de memória oral desenvolvida pelo Museu da Pessoa, a ser aplicada em movimentos sociais. Trata-se do projeto *Memória Social Senac*, realizado entre meados de 2007 e início de 2008.

O projeto consistia principalmente em ações de capacitação de pessoas envolvidas com responsabilidade social e desenvolvimento local, contando com apoio e incentivo do Senac Penha, uma unidade do Senac-SP dedicada, entre outros aspectos, ao desenvolvimento de lideranças comunitárias. O grupo formado por esse projeto refletiu sobre os pressupostos da memória individual e coletiva, elaborou uma linha do tempo relacionada com a área de serviço social, coletou memórias de agentes de transformação social e, no final dos encontros, compilou um livro artesanal. Os resultados foram

[307] Por questões pessoais, a autora desta tese, que até então acompanhou todas as etapas da montagem da TSM, não participou desta etapa.

[308] A construção de Brasília, a cargo da Novacap, como nova capital do país, demandou o deslocamento de milhares de trabalhadores da construção civil para uma área até então era completamente desabitada, no centro de Estado de Goiás. Esses trabalhadores estabeleceram-se nos arredores da nova cidade – conhecida como Plano Piloto – e deram origem ao que ficou conhecido como "cidades-satélites", sendo as mais antigas: Taguatinga (1958), Gama e Sobradinho (1960), Planaltina (criada em 1859, como Vila de Mestre D'Armas, e incorporada ao Distrito Federal em 1960) e Ceilândia (1971). Alguns anos após a inauguração da nova capital em 21 de abril de 1961, o Brasil passou a ser governado pela ditadura civil-militar. Estrategicamente, Brasília e as cidades-satélites, que compunham o Distrito Federal, não possuíam autonomia política, sendo os seus representantes indicados pelo governo federal. No contexto da redemocratização, juntos, movimentos sociais e moradores empreenderam a luta pela autonomia política do Distrito Federal (1986-1993), que foi conquistada em 08 de junho de 1993 com a aprovação da Lei Orgânica do Distrito Federal (Cerqueira, 2009).

sistematizados noutra publicação, intitulada *Memória Social, uma metodologia que conta Histórias de Vida e o Desenvolvimento Local*.

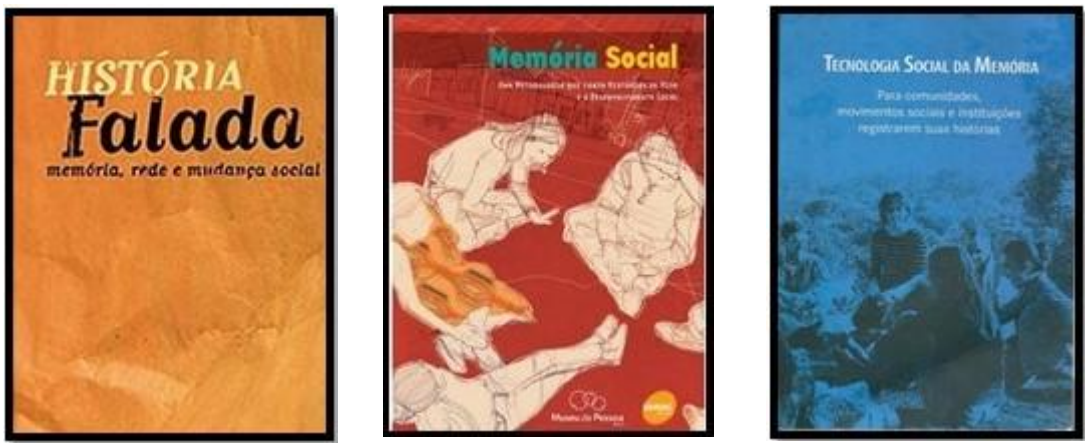

Figura 15 – Publicações organizadas pelo Museu da Pessoa em busca da sistematização de sua metodologia, processo que foi alcançado com a criação da Tecnologia Social da Memória, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Fonte: Acervo Museu da Pessoa, 2005-2008.

4.1.8. Projetos autorais, um olhar para as memórias do Brasil

Com a metodologia de investigação estabelecida, direcionada não apenas para a disseminação do *modus operandi* do Museu da Pessoa, mas também para os seus valores mais importantes em termos de histórias de vida, o Museu da Pessoa buscou diminuir os projetos sob demanda e passou a conceber mais projetos de disseminação da metodologia e projetos autorais. Esta mudança foi potencializada pela entrada em operação do Portal do Museu da Pessoa, e pelo encerramento da entidade jurídica empresarial. É neste contexto que surgem duas importantes iniciativas que são concebidas, propostas e desenvolvidas pelo Museu da Pessoa: o projeto *Memória dos Brasileiros* e a iniciativa *Brasil Memória em Rede*. Considerados projetos estruturantes, estavam diretamente vinculados à Direção do Museu da Pessoa e faziam parte da estratégia da instituição para desenvolver a sua missão.

O projeto *Memória dos Brasileiros* foi meticulosamente elaborado pela equipa gestora do Museu da Pessoa e apresentado ao Ministério da Cultura para receber autorização de

captação de recursos por meio da Lei Rouanet[309]. Começou a ser implementado em 2006 e proporcionou ao Museu da Pessoa uma das suas coleções mais representativas: mais de 300 histórias captadas, em 38 cidades brasileiras, de 13 estados nacionais. Essa iniciativa traçou um panorama sobre a história recente do Brasil e foi "essencial para o cumprimento da missão do Museu da Pessoa" (Memória dos Brasileiros. Guia de Acervo, 2012, p. 9).

Ao longo de dez anos de trabalho, produziu um weblog de viagem, seis coleções virtuais, duas exposições (uma física e uma virtual) e cinco livros. São eles: *Memória dos brasileiros – Saberes e Fazeres: o guaraná de Maués* (2007), *Memórias dos brasileiros: uma história em todo canto* (2008), *Crianças do Brasil – Suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos* (2008), *Transformações Amazônicas* e *Guia educativo* (2011) e *20 anos de Museu da Pessoa no Brasil* (2011), sendo este último comemorativo das duas décadas de atuação do Museu da Pessoa, além do próprio catálogo do projeto.

Para Worcman (2021a), o projeto *Memória dos Brasileiros* foi de grande importância para o Museu da Pessoa, pois "significou uma mudança de postura da instituição, que passava, aos poucos, a perceber a importância de exercer seu papel museológico, isto é, de adquirir, preservar e transmitir seu acervo" (Worcman, 2021a, p. 129-130)[310].

Por sua vez, o projeto *Brasil Memória em Rede* surgiu como um desdobramento do *Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social* (2003), cuja ampla adesão na época, com a participação de 600 pessoas e 91 relatos de experiência, evidenciou a necessidade de ampliar o debate sobre a importância do registo de histórias de comunidades invisibilizadas. Essa iniciativa também se alinhava com o propósito do Museu da Pessoa de promover a disseminação de sua metodologia, deixando de ser maioritariamente o produtor dessas narrativas, e passando a atuar como um incentivador da coleta dessas memórias, agindo como uma ponte entre as inúmeras iniciativas espalhadas pelo Brasil (Planejamento Estratégico, 2004)[311].

De acordo com a publicação *Brasil Memória em Rede: um novo jeito de conhecer o país* (2010), a implementação da iniciativa *Brasil Memória em Rede* ocorreu de forma

[309] Trata-se de uma lei de incentivo à cultura, na qual o apoio financeiro às ações culturais, por parte de empresas, se dá pela via da isenção fiscal. É preciso submeter o projeto ao órgão competente do Ministério da Cultura, que dá o aval para a busca de patrocinadores. A empresa que se responsabiliza pelo patrocínio consegue obter até 6% de isenção no imposto total devido.

[310] Neste mesmo capítulo serão apresentados maiores detalhes sobre o projeto Memória dos Brasileiros.

[311] O documento Planejamento Estratégico 2004, do Museu da Pessoa, já traz a perspetiva de alteração da forma de atuação. Isso se dava no sentido de fomentar iniciativas de outras organizações com foco na captação e sistematização de novas histórias de vida e, consequentemente, com a gradual diminuição dos projetos sob demanda. Com o desenvolvimento do Portal Museu da Pessoa e da TSM, o que era parte do Planejamento Estratégico de 2004 pode ser realizado no espaço de dois anos.

gradual. Em 2004 realizou-se uma reunião no âmbito do *Fórum Social Mundial*[312] que reuniu 22 organizações e acabou por formar um grupo de trabalho intersetorial. No ano seguinte, o Museu da Pessoa redigiu o projeto e apresentou-o ao Ministério da Cultura para aprovação na lei Rouanet. Nesse mesmo ano, o projeto recebeu a chancela da Unesco.

Foi também em 2005 que o Museu da Pessoa se tornou um Ponto de Cultura, passando a fazer parte de uma iniciativa organizada pelo Ministério da Cultura (MinC), na época do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006). Os Pontos de Cultura integravam o *Programa Cultura Viva*, cuja estratégia fazia parte do processo de descentralização da cultura empreendida pelo Ministro Gilberto Gil. Coordenado à época por Célio Turino, o *Programa Cultura Viva* tinha como estratégia o entendimento de que cultura não se fazia somente com a construção de pequenos centros culturais (que demandavam construções e despesas fixas de água, luz e segurança, além da própria programação), mas era sobretudo os atributos de fluxo e pulsação culturais, exercidos de forma criativa. É de Turino (2010) a proposta de criação dos Pontos de Cultura, que assim o define:

> Ponto de Cultura é um conceito de política pública. São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser para as pessoas, e sim das pessoas; deve constituir-se em organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura (Turino, 2010).

O *Programa Cultura Viva* reconhece como Ponto de Cultura organizações diversas[313] que já desenvolviam seus trabalhos nas suas localidades. Por meio de editais e da inscrição de projetos, essas organizações celebravam convénios com o governo federal, assumindo responsabilidades e direitos. As responsabilidades incluíam ações para a gestão compartilhada desses convénios com a comunidade, garantido a boa gestão dos recursos recebidos (Turino, 2010). O *Programa Cultura Viva* também suscitou amplo debate sobre a necessidade de uma política pública voltada para a cultura digital. Para

[312] O *Fórum Social Mundial* surgiu em Porto Alegre (estado do Rio Grande do Sul) em contraposição às reuniões do *Fórum Econômico Mundial*, que ocorre anualmente em Davos, Suíça. A iniciativa constitui-se um libelo contra as políticas neoliberais buscando alternativas para uma efetiva transformação social global. A primeira reunião ocorreu em 2001 e, no ano seguinte, passou a ser sediada em outros países. Os ativistas brasileiros Oded Grajew e Chico Whitaker, além do jornalista francês Bernard Cassen são considerados os idealizadores da iniciativa.

[313] Sobre os pontos de cultura, de acordo com Turino (2010), "alguns são ONGs voltadas para a ação socioeducativa; outros, escolas de samba, associações de moradores, quilombolas, aldeias indígenas, grupos de teatro, conservatórios, núcleos de extensão universitária, museus, cooperativas de assentamentos rurais (Turino, 2010, p. 24).

Worcman (2021a), essa ação privilegiou, além do incentivo à criação de redes, "os movimentos de *software livre* e o *Creative Commons*, que propunham reverter as lógicas tradicionais dos direitos autorais" (Worcman, 2021a, p. 119).

Com o Museu da Pessoa acreditado como Ponto de Cultura, foi possível dar início ao processo maior de articulação com outras organizações que demandavam ações inclusivas na área da memória. Neste sentido, o ano de 2006 foi marcado pela realização do *I Fórum Brasil Memória em Rede*, em São Paulo, onde os participantes se dividiram em quatro grandes grupos de discussão: 1. Memória e Educação; 2. Memória e Desenvolvimento Comunitário; 3. Memória, Comunicação e Cultura; e 4. Memória Institucional e Sociedade.

Em 2007, o objetivo maior foi a articulação dos grupos de trabalho, resultando na criação de seis polos regionais, uma estrutura na qual cada polo deveria articular mais dez organizações. Neste processo, em 2008, o Museu da Pessoa tornou-se um Pontão de Cultura[314], com o intuito de ampliar e descentralizar a rede formada. Segundo Worcman (2021a), esta acção tinha como objetivo fortalecer e articular iniciativas de memória para promover e democratizar a prática de memória como instrumento de visibilidade e fortalecimento da diversidade cultural e histórica brasileira.

Neste mesmo ano, foram realizados encontros locais dos polos regionais para formação na metodologia da TSM, e mais seis iniciativas culturais foram selecionadas para atuar como polos regionais. Também ocorreu *o II Fórum Brasil Memória em Rede* com a abertura da exposição *Expedição do Redescobrimento*.

Por fim, chegando em 2009, a iniciativa *Brasil Memória em Rede* contava com dez polos regionais, cujo principal objetivo era promover a preservação e circulação das narrativas coletadas nesses mesmos polos. Neste ano, também ocorreu o *III Fórum Brasil Memória em Rede*.

Em sua tese de doutoramento, Akerbergs (2007) destaca esta iniciativa como a possibilidade do trabalho em rede e o crescimento das suas ações em escala global, ao afirmar que:

> Karen concluiu que os primeiros dez anos marcaram o sucesso do museu na construção de uma base financeira sólida e colaborativa. Nos próximos dez anos, Karen enfatizou a necessidade de desenvolver uma rede global que

[314] Um Pontão de Cultura tem o papel de ser irradiador de ações culturais, seja pelo viés territorial, seja pelo viés temático. Os pontões de cultura são articuladores, capacitadores e irradiadores da rede. Os temas podem ser os mais variados: quilombolas, teatro, cultura de paz, memória, cultura digital, etc. (Turino, 2010).

> centralizasse o acesso às histórias de vida, para que organizações em todo o mundo pudessem usar a rede como fonte de projetos de histórias de vida de importância cultural e de mudança social (Akerbergs, 2007, p. 27)[315].

É desta época a segunda etapa do projeto *Memória dos Brasileiros*, quando parte da equipa do Museu da Pessoa empreendeu duas viagens em 2010: uma para o estado da Rondónia – com gravações em Porto Velho, Jaci-Paraná e Mutum-Paraná – e outra para o estado do Pará, com gravações em Juruti, Óbidos, Alter do Chão e regiões das suas proximidades. O conjunto destas ações somou mais 39 narrativas ao acervo do projeto. Esta etapa resultou em dois produtos: da frente de trabalho de recolha de histórias de vida, a publicação *Transformações Amazônicas*; da frente de trabalho de formação, outra publicação intitulada: *Transformações amazônicas: edição do educador*. Este produto trazia uma inovação no seu formato: foi concebido para trabalhar com lâminas temáticas impressas, as quais possibilitam um uso variado, a critério do professor.

Figura 16 – Algumas das publicações oriundas do projeto Memória dos Brasileiros: o livro com diversas narrativas coletadas de Norte a Sul do país e o material desenvolvido para usar em processos de formação, intitulado *Transformações amazônicas: edição do educador*.
Fonte: Acervo Museu da Pessoa, 2008.

[315] No original: "*Karen concluded that the first ten years marked the museum's success in constructing a solid financial and collaborative foundation. In the next ten years, Karen emphasized the need to develop a global network that would centralize access to life stories, so that organizations throughout the world could use the network as a source for life story projects of cultural importance and for social change*."

O ano de 2010 foi particularmente difícil devido à redução drástica da equipa, levando a instituição a deixar de realizar atividades importantes, incluindo a gestão das redes de memória (Worcman, 2021a). No entanto, é importante salientar que essa crise ficou a dever-se a um fator exógeno à atuação do Museu da Pessoa: teve início com o problema da especulação imobiliária nos Estados Unidos pelo aumento dos valores imobiliários que se fez sem o aumento de renda da população[316].

O auge da crise ocorreu com a falência do *Lehman Brothers*, decretada a 15 de setembro de 2008, o que levou à queda das bolsas de valores em todo o mundo. A crise estadunidense tornou-se mundial e é tida como a maior crise financeira desde a Quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929[317]. Algumas empresas (brasileiras ou multinacionais) que desenvolviam os seus projetos de memória em colaboração com o Museu da Pessoa tiveram grande baixa no valor das suas ações e acabaram por rescindir o contrato da prestação de serviços. Paulatinamente, os projetos sob demanda foram diminuindo, com impacto direto na sustentabilidade financeira do próprio Museu da Pessoa.

4.1.9. Crise política no Pós-crise financeira: de 2010 aos dias de hoje

Em abril de 2010, a crise que se tornara mundial, chegou à casa da Rua Natingui, 1.100 (Vila Madalena), para onde o Museu se mudara em 2007. Como já assinalado, além da redução drástica da equipa, o Museu da Pessoa deixou de fazer a gestão da rede de memória formada nos anos anteriores. Era necessária, neste momento, uma gestão focada na sobrevivência da instituição, sem descuidar-se da sua missão e valores. Para Worcman (2021a):

> Este período, apesar de traumático devido às inúmeras crises, foi muito significativo porque representou um reposicionamento do Museu da Pessoa, mudou seu foco de atuação e fez com que explorasse, de forma mais consistente, o potencial de seu acervo e as possibilidades de traduzir, por meio de sua Tecnologia Social de Memória, o conceito de que toda e qualquer pessoa pode se tornar acervo, curador e visitante do Museu (Worcman, 2021a, p. 131).

[316] Em outras palavras, muitos foram os empréstimos a juros baixos para a compra de imóveis. Isso resultou em uma procura enorme por residências, fazendo com que o preço das mesmas subisse demasiado. O resultado foi a chamada "bolha imobiliária", ocorrendo na sequência o aumento da taxa de juros dos empréstimos. A população, em especial a classe média, não teve como honrar os seus compromissos financeiros e dezenas de bancos perderam seus ativos. Nos EUA, outros bancos haviam falido anteriormente, mas o governo acabava fazendo um aporte financeiro que evitava a falência. Desta vez, o modelo não foi seguido e a crise se alastrou para outras partes do mundo.
[317] Disponível em: https://www.politize.com.br/crise-financeira-de-2008/

O projeto *Memória dos Brasileiros* – que vinha sendo desenvolvido desde 2005 – apontou o caminho a ser seguido. Em verdade ele "significou uma mudança de postura da instituição, que passava, aos poucos, a perceber a importância de exercer seu papel museológico, isto é, de adquirir, preservar e transmitir seu acervo" (Worcman, 2021a, pp. 129-130). Paulatinamente, a instituição foi-se reorganizando após a crise de 2010[318].

Em 2014, uma nova versão da plataforma digital do Museu da Pessoa foi desenvolvida, com destaque para a inovação trazida pela ferramenta *Monte sua Coleção*. Conforme mencionado por Worcman (2021a), a nova plataforma foi projetada para permitir que qualquer utilizador pudesse atuar como um curador de conteúdo, com permissão para diversas ações, entre elas "selecionar, incluir, excluir, classificar, relacionar e categorizar histórias, fotografias, vídeos e pessoas presentes do acervo do Museu da Pessoa" (Worcman, 2021a, p. 130). Além de facilitar a estruturação de coleções, a ferramenta *Monte sua Coleção* também incorporou a ferramenta *Conte sua História.* Atualmente, a plataforma digital do Museu da Pessoa, na sua sexta versão, contabiliza mais de 440 coleções desenvolvidas tanto pelos utilizadores, como pela equipa do próprio Museu da Pessoa[319].

Figura 17 – Quinta versão da plataforma do Museu da Pessoa, com a implementação da ferramenta *Monte sua Coleção*. Fonte: Acervo Museu da Pessoa

Para finalizar esta periodização que ora apresentamos, é importante registar que, entre os anos de 2018 e 2022, foi desenvolvido internamente, com o patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), um projeto que visava a

[318] Essa não foi a primeira crise económica internacional a impactar as atividades do Museu da Pessoa. Anteriormente, entre 1997/1998, com a crise dos Tigres Asiáticos – também conhecida como a crise dos mercados emergentes, já havia impactado o trabalho do Museu da Pessoa, com redução dos projetos sob demanda e dificuldades para desenvolver nossas propostas. Mas como a equipa já estava reduzida, não teve o mesmo impacto que a crise de 2008. Ver Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa.

[319] https://museudapessoa.org/colecoes/ Acesso em 25.07.2023.

consolidação do acervo do Museu da Pessoa. Esta frente de trabalho previa o tratamento e a digitalização de todo o acervo acumulado ao longo dos muitos anos de atuação, bem como a ampliação de acesso e uso por meio da disseminação da TSM. Também foram desenvolvidas estratégias para a mobilização de recursos, fortalecimento da marca e o desenvolvimento de uma governança que garantisse a perpetuação da instituição.

Nesse sentido, o acervo formado a partir de diferentes registos magnéticos, armazenados em diversos discos óticos, foi integralmente copiado/migrado para um novo e recente suporte, o LTO-7. Este foi escolhido "por sua capacidade de armazenamento e por seu custo-benefício" (Museu da Pessoa, 2022, p. 22), uma vez que o volume de acervo do Museu da Pessoa estava estimado em 300 300 terabytes.

Desta forma, podemos inferir que o Museu da Pessoa busca incessantemente novas formas de preservar e disseminar o seu acervo, facilitando o acesso e tornando-o público. Esta passa a ser uma missão permanente do Museu da Pessoa.

4.2 – Descrição do itinerário metodológico desta investigação

A descrição do itinerário metodológico do estudo de caso sobre o Museu da Pessoa leva-nos a considerar alguns pontos que julgamos relevantes. Encontramo-nos frente ao desafio de analisar conteúdos que se encontram armazenados na plataforma digital deste museu. Como mencionado no início deste capítulo, a opção pelo digital não era uma escolha estabelecida *à priori* para que a organização cumprisse a sua meta de registar, sistematizar e fazer circular as narrativas coletadas ao longo de todos esses anos.

Worcman (2021a, 2021b), em diversas ocasiões, refere-se à ideia de uma *jukebox* que armazenaria esse conteúdo. Portanto, aquando da criação do Museu da Pessoa, antes mesmo da chegada da Internet ao Brasil, o uso do digital limitava-se a ser um instrumento para a sistematização das próprias entrevistas e do processo de investigação. Para isso, utilizava-se um computador (normalmente era um PC) da geração 286, com processador de texto que servia para fazer a transcrição, a elaboração das biografias e demais conteúdos sobre as entrevistas realizadas.

Afirmamos estar diante do desafio de pesquisar conteúdos digitais porque no momento não existia uma metodologia voltada unicamente para tal ação. Para sanar esse problema, inicialmente, os investigadores mostravam-se inclinados a fazer simplesmente a transposição de metodologias tradicionais para aplicá-las ao digital. Com o tempo,

surgiram várias propostas, mas, de acordo com Di Felice *et al*. (2012), há uma diferença crucial entre investigar a rede e investigar na rede.

A primeira perspetiva, que pressupõe a ação de investigar a rede, caracteriza-se, de acordo com Di Felice *et al*. (2012), por uma abordagem frontal que busca observar de forma objetiva a rede, excluindo talvez uma das suas grandes características que é a interatividade do utilizador no meio digital. É uma perspetiva fortemente associada aos estudos sobre a sociedade em rede realizados por Manuel Castells, na qual "as redes sociais digitais constituem a base material da transformação social e a reestruturação dos modos de produção capitalista/estadista e de desenvolvimento industrial em direção ao 'informacionalismo'" (Di Felice *et al*., 2012, p. 162).

A segunda perspetiva apresentada por Di Felice *et al*. (2012) aborda a investigação na rede, ou seja, um momento em que se privilegia a imersão no ciberespaço, numa lógica que se coloca em oposição à perspetiva frontal. Nesta abordagem, os investigadores são incentivados a imergir nas arquiteturas reticulares, experienciando as características e as possibilidades de determinada rede.

Por fim, a terceira perspetiva refere-se a uma "interdependência dialógica" (Di Felice *et al*., 2012, p. 174) que se estabelece nos estudos sobre as redes sociais digitais. Esta perspetiva dialógica alicerça-se numa das principais características das redes sociais digitais: a interatividade, que representa "um processo de alteração profunda de todos os membros em interação e jamais como um processo de simples trocas mecânicas de informação" (Di Felice *et al*., 2012, p. 17).

Desta feita, destaca-se a ideia de interatividade a qual não se deve restringir à questão da interface digital dos dispositivos móveis. Os média são meios de interação com o mundo e a comunicação digital caracteriza o estágio no qual os sujeitos podem interagir; por isso, não podemos prescindir da atividade como um processo de seleção e envolvimento entre o sujeito e as mensagens em função das intenções do primeiro. Para Damásio (2009), "A actividade é um processo específico do sistema relacional que se gera pelo *medium* e sujeito, mas não preside conceptualmente à sua geração. Nestas concepções a relação é anterior à actividade que dela decorre" (Damásio, 2009, p. 115).

Diante destas questões e da constatação de que não há ainda, neste momento, uma metodologia finalizada, mas sim um processo em curso, buscamos neste percurso metodológico, uma hibridização das metodologias. Para tal, recorremos ao Estudo de

Caso (Stake, 2016), à netnografia virtual (Amaral *et al*., 2011) e à perspetiva atópica para a investigação de redes (Di Felice *et al*., 2012), de forma a proceder à Análise de Conteúdo. Por meio da categorização dos conteúdos presentes nas narrativas selecionadas, buscamos identificar temas, padrões e respostas para as questões que colocámos no início desta tese.

4.2.1. O Museu da Pessoa como um estudo de caso

A decisão de estudar a plataforma digital do Museu da Pessoa sob a metodologia de Estudo de Caso fundamenta-se na constatação de que esta metodologia permite captar a complexidade de um caso único, como acreditamos ser a iniciativa que deu origem ao Museu da Pessoa e ao seu vasto acervo de narrativas disponibilizadas em formato digital. Portanto, permite-nos apreender a totalidade dinâmica do caso selecionado para estudo.

Para Stake (2016) "cada caso, é em muitos aspectos, semelhante de muitas formas a outras pessoas e programas e muitas maneiras, e único em muitos aspectos. Estamos interessados em ambos, tanto pela sua singularidade como pelas suas semelhanças" (Stake, 2016, p. 17).

Para a investigação sobre a plataforma digital do Museu da Pessoa, o Estudo de Caso também nos interessa não só pela possibilidade de organizar dados, mas também pela possibilidade de problematizar, de levantar pequenos episódios, cuidando para que não ocorra qualquer violação de privacidade. Estes são elementos sempre desafiadores para uma investigação qualitativa. Como afirma Stake (2016), "o investigador qualitativo enfatiza os episódios significativos, a sequencialidade dos acontecimentos em contexto, a totalidade do indivíduo" (Stake, 2016, p. 12).

Stake (2016) também relaciona três categorias para o estudo de caso, a saber, o intrínseco, o instrumental e o coletivo. O estudo de caso intrínseco é aquele que naturalmente se apresenta ao investigador, ou seja, o "caso está dado" (Stake, 2016, p. 19). Por sua vez, o estudo de caso instrumental diz respeito a alguma especificidade de uma dada situação da qual o objeto de estudo faz parte. E, por fim, o estudo de caso coletivo refere-se à escolha de vários casos, os quais Stake (2016) denomina como "estudos de caso coletivos".

O referido autor justifica esta classificação porque cada categoria demanda um método diferente. Além disso, no que se refere aos interesses intrínsecos e instrumentais, Stake

(2016) defende a ideia de que "quanto maior for o interesse intrínseco no caso, mais reprimiremos a nossa curiosidade e interesses especiais e mais tentaremos discernir e perseguir as questões importantes para o caso" (Stake, 2016, pp. 19-20).

De entre as três categorias de estudo de caso que Stake (2016) relaciona (intrínseco, instrumental e coletivo), compreendemos que o Estudo de Caso intrínseco demonstra ser o mais adequado para o nosso trabalho, uma vez que se trata de um caso em particular[320]. Isso ocorre porque:

> O verdadeiro objectivo do estudo de caso é a particularização, não a generalização. Pegamos num caso particular e ficamos a conhecê-lo bem, numa primeira fase não por aquilo em que difere dos outros, mas pelo que faz. A ênfase é colocada na singularidade e isso implica o conhecimento de outros casos diferentes, mas a primeira ênfase é posta na compreensão do próprio caso (Stake, 2016, p. 24).

4.2.2. Etnografia virtual ou netnografia digital

A. Amaral *et al.* (2011) trazem a constatação de que os estudos de Internet são um campo em constante transformação, certamente por sua tendência à inovação quase permanente, a qual se configura como uma "natureza constantemente mutável e efêmera" (A. Amaral *et al.*, 2011, p. 29). Desta forma, as autoras constataram uma certa dificuldade, por parte dos investigadores, no que diz respeito aos estudos da e na Internet, em especial na abordagem empírica. Alegam as autoras que a tradição empírica ainda se encontra em construção, no Brasil. Desta feita, elas buscaram respostas para suas inquietações. Uma delas é a própria perceção de que a Internet pode vir a ser tanto o objeto, o local e até mesmo o instrumento de pesquisa.

A criação do termo etnografia virtual ou netnografia é creditada à botânica e socióloga britânica Christine Hine, citada como tal por A. Amaral *et al*. (2011), que ainda alertam que esta metodologia "deve ser compreendida em seu caráter qualitativo, em que a análise da internet pode ser observada sob duas óticas em seus efeitos: como cultura e como artefato cultural" (A. Amaral *et al*., 2011, p. 173). Para as autoras, a pesquisa de campo

[320] Stake (2016) relaciona que essa abordagem é válida mesmo que este caso tenha se inspirado em iniciativas semelhantes, o que não é o caso do Museu da Pessoa, dado que o mesmo, em 1999, foi considerado como a iniciativa mais interessante que participou do evento internacional *Museums and the web*, atestando o seu pioneirismo em disponibilizar seu acervo (à época com 500 narrativas), de forma virtual. Para o editor Matthew Mirapaul, o que tornava o Museu da Pessoa interessante, além do virtual, era a abordagem para o cidadão comum, o *ordinary people*. Disponível em https://acervo.museudapessoa.org/pt/contato/imprensa/destaques/museu-da-pessoa-no-new-york-times Acesso em 20.10.2020.

configura-se como o próprio espaço digital, pois a "etnografia se dá no/de e através do *online* e nunca está desvinculada do *offline*, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio" (A. Amaral *et al*., 2011, p. 173).

No entanto, é importante registar que a antropóloga Rita Amaral (2001) foi uma das primeiras investigadoras, no Brasil, a tecer considerações sobre o uso de conteúdos criados e/ou disponibilizados em meio digital na componente empírica de investigações. Formada pela Universidade de São Paulo, ela também foi uma das primeiras pesquisadoras a disponibilizar a sua tese de doutoramento em meio digital. No artigo de sua autoria, intitulado "Antropologia e Internet: Pesquisa e Campo no meio virtual", a autora tece interessantes considerações sobre o assunto do digital, muitas tidas como inovadoras à época. No entanto, a maior parte delas é, nos dias de hoje, atividade corriqueira de qualquer pessoa que faz uso de dispositivos digitais.

No referido artigo, podemos vislumbrar os motivos do seu interesse pela pesquisa nas redes digitais, entre os quais se destaca o facto das limitações que a impediam de se locomover de forma intensa, por todo o Brasil: de um lado, questões pessoais pelo facto de ser portadora de uma doença rara; de outro, pela dimensão nacional da sua pesquisa que versava sobre as festas brasileiras, num país de dimensão quase continental. Assim, ela utilizou *chats* e listas de discussões com diversas pessoas, com o objetivo de recolher informações a serem utilizadas na sua investigação doutoral.

A referida antropóloga ainda fornece pistas para a utilização dos computadores e da incipiente Internet para a "realização de pesquisas qualitativas pelos cientistas sociais" (R. Amaral, 2002, p. 32). Mas, certamente por estarmos, à época, ainda no alvorecer destas questões, ela mesma adverte, no texto em tela, que ainda não tinha subsídios para uma opinião formada para a fase de análise, ao afirmar: "não creio que possa responder a esta questão neste artigo, uma vez que em minha pesquisa esta fase não se fez, de fato, com o uso do computador, o que também não significa, segundo entendo, que não possa ser feito" (R. Amaral, 2001, p. 32).

No entanto, R. Amaral (2001) chama a atenção para os rearranjos ilimitados nos textos, o acesso às fontes para recolha de dados e aos livros digitalizados a que se pode aceder, ressaltando que "o computador pode ser usado também para percorrê-los, reduzi-los, extraí-los, administrá-los e revelar sentidos, padrões" (R. Amaral, 2001, p. 34). A autora

também faz um alerta aos investigadores, afirmando que "a coleta de dados e as 'etnografias' podem se valer de modo extremamente positivo da riqueza de informações existentes na rede mundial Internet e constituir uma técnica viável para as pesquisas antropológicas" (R. Amaral, 2001, p. 43). No entanto, o que chama a atenção é o facto de ela sustentar que, quem realiza uma pesquisa na Internet em busca de dados, "deve saber que eles precisam ser garimpados" (R. Amaral, 2001, p. 35), recorrendo, de forma metafórica, a uma técnica voltada para o tratamento de grandes conjuntos de informações que é conhecida como "mineração de dados".

No prefácio ao livro de A. Amaral *et al.* (2011), Halavais (2011) assinala que, na nossa contemporaneidade, a "internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta" (Halavais, 2011, p. 11), o que também traz outros desafios para o investigador, em especial no que tange aos dados empíricos. Para tal, o prefaciador ressalta o facto de que o empirismo define, para o andamento da investigação, um conjunto de instrumentos, bem como a forma de utilizá-los. E mais,

> O empiricismo é mais *techné* que *episteme* – não que esses dois possam alguma vez ser totalmente separados. O empiricismo representa um modus operandi que permite construção colaborativa em prol de compreensão compartilhada – compreensão que vai além tanto do indivíduo que observa quanto do que é observado. Ele nos permite mudar de perspectiva e, ao mesmo tempo, ajuda a fazer com que os outros enxerguem as coisas como nós as vemos (Halavais, 2011, p. 11).

Na sequência do prefácio que antecede a obra de A. Amaral et al (2011), Halavais (2011) ressalta o termo cunhado por Joël de Rosnay, denominado "macroscópio", um equipamento que possibilitaria a compreensão dessa enorme massa de dados que a Internet armazena (Halavais, 2011). Sob esta perspetiva, podemos inferir que o "macroscópio" seria uma espécie de lente, uma extensão do olhar humano para os dados disponibilizados de forma digital, o que permitiria ao humano a compreensão desses dados.

No seguimento do conceito de "macroscópio" proposto por Halavais (2011), identificamos em Di Felice (2009) a ideia da crise da ciência galileiana. Isso se daria pelo facto de que o telescópio utilizado por Galileu Galilei, ao início do século XVII se conformaria como uma tecnologia que permitiria a observação da natureza. Porém, tal invento, na concepção de Di Felice (2009, 2016), acabou sendo também o responsável pela separação entre sujeito e objeto, na medida em que há "um sujeito que observa e

mede os fenômenos e, a partir disso, atribui significados a estes, ordenando o mundo e o universo ao seu redor" (Di Felice, 2016: s/p).

Esta seria, talvez, a herança mais forte relaciona do conhecimento produzido no Ocidente: a separação entre sujeito e objeto, separação essa que a era digital permite sublevar. Para o referido autor, estamos imersos nas redes digitais, que são invisíveis e, portanto, impossíveis de serem estudadas enquanto objeto. Esta conclusão levará o sociólogo italiano a desenvolver o conceito de habitar atópico, que a seguir detalharemos.

4.2.3. A perspetiva atópica

Uma vez que o método da netnografia digital ainda se baseia na transposição das tradicionais técnicas de pesquisa em comunicação para o ambiente virtual, procuraremos transformar essa limitação numa oportunidade para a pesquisa na perspetiva Atópica – conforme proposto por Di Felice *et al*. (2012). Ou seja, ao pesquisar nas redes, devemos envolvermo-nos "dentro delas para experimentar suas características e possibilidades" (Di Felice et. al, 2012, p. 169), o que, de acordo com os autores, garantirá uma dimensão inovadora à pesquisa.

Além disso, a despeito do facto de que Amaral *et al*. (2011) assinalarem o conceito de "ciberativismo" como uma categoria temática para pesquisas empíricas na Internet, seguimos em consonância com o pensamento de Di Felice (2009, 2017a, 2017b), que, como já foi exposto anteriormente, defende a superação das assimetrias, em especial a clássica separação entre o humano e o não-humano, o sujeito e o objeto e que pode ser

estendido ao *online* e o *offline*. Trata-se de uma perspetiva que "não é 'sujeito-cêntrica', nem 'objeto-cêntrica', nem dialógica sujeito-objeto, ou sócio-técnica, mas numa perspectiva ecológica" (Di Felice, 2016)

Neste sentido, preferimos adotar a perspetiva do "net-ativismo", proposta por este autor, que valoriza a ação "desenvolvida no interior de um ecossistema complexo pela colaboração de diversos actantes (circuitos informativos, interfaces, mídias, corpos, paisagens, etc.)" (Di Felice, 2017b, p. 22).

Deste modo, para o levantamento dos dados empíricos, recorreremos à ideia de "ecossistema atópico", dado que uma nova "dimensão ecossistêmica reúne os seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito do humano

do *socius*, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva" (Di Felice, 2017b, p. 22).

Optamos por esta abordagem, pelo facto de que, ao agirmos desta forma, estaremos em consonância com Franco Ferrarotti (2007) quando afirma que, para compreender um texto "é necessário habitá-lo" (Ferrarotti, 2007, p. 28). No cerne deste projeto de investigação, isto significa habitar as memórias dos sujeitos das amostras de forma Atópica. Portanto, para pesquisar a rede é necessário habitá-la, pois esta não é um mero objeto de estudo. Neste sentido, o investigador torna-se parte da própria rede.

4.3. Análise Qualitativa das Histórias de Vida e o Método Compreensivo

Em texto que discute as questões epistemológicas das pesquisas, sejam elas de caráter quantitativo, sejam elas de caráter qualitativo, Stake (1983) afirma que em todas as pesquisas há, incontornavelmente, um grau de subjetividade. O que o autor estadunidense traz como reflexão neste texto, é saber se o investigador poderia ou não fazer uso salutar desta subjetividade em prol de sua própria investigação (Stake, 1983).

O autor segue seu raciocínio dizendo que aprendeu, ao longo dos anos, que o mundo pode ser dividido em dois aspetos: a comunalidade e a singularidade. Ou seja, pode-se perceber um fenómeno pelas características que ele apresenta em comum com outros, ou pode-se apreendê-lo por aquilo que o torna singular. Avança afirmando que pode transpor-se esta visão para a eterna divisão entre as abordagens quantitativa e qualitativa na pesquisa, na realidade, um desafio recorrente para a ciência (Stake, 1983).

Para Stake (1983), a pesquisa quantitativa traça um caminho que pode ser considerado ascendente, privilegiando aspetos tais como o "formal", o "objetivo" ou o "científico". Por outro lado, o caminho da pesquisa qualitativa mostra-se descendente, trabalhando os aspetos "naturalista", "interpretativo" ou "intuitivo" (Stake, 1983).

Para o referido autor, na análise quantitativa, é preciso organizar variáveis, estabelecer padrões interessantes de covariação e criar uma população; feito isto, deve-se proceder à "seleção de uma amostra para estudo, comparação e certas medidas, interpretação da covariação e preparo de tabelas e quadros para ilustrar essa covariação" (Stake, 1983, p. 20). Por sua vez, a análise qualitativa busca localizar "seqüências importantes de eventos, testemunhas-chave para eventos passados e, particularmente, observar como esses

eventos são determinados no contexto em que ocorrem" (Stake, 1982, p. 22). Posto isto, é importante assinalar que o registo da história "é um registro menos objetivo, mais de natureza interpretativa do que uma observação quantitativa" (Stake, 1983, p. 22). Na prática, o investigador de análise qualitativa busca padrões de covariação interessantes, que serão selecionados efetivamente para análise. Neste sentido,

> A tática mais comumente empregada é a da triangulação, que assume a forma de várias observações repetidas, com múltiplos observadores, múltiplos métodos de observação e múltiplas interpretações teóricas. Esforços deliberados são feitos para encontrar evidências contrárias ou explicações alternativas. E claro que muitos pesquisadores preferem apresentar as coisas mais subjetivamente, de forma menos objetiva. A ética meramente exige que o subjetivo não seja dissimulado como objetivo" (Stake, 1983, p. 22).

No entanto, Lima (2016) nos alerta que há uma ideia equivocada a respeito do olhar voltado para a pesquisa quantitativa e para a pesquisa qualitativa, que as reduzem a determinados postulados baseados no facto de que as "pesquisas qualitativas analisam interações, opiniões e atitudes, enquanto pesquisas quantitativas analisam as estruturas sociais (desigualdades, mobilidade social, desemprego)" (Lima, 2016, p. 24), o que impossibilitaria identificar as diversas nuances dos fenómenos sociais. Além disso, baseada nos estudos de Johan Galtung, Lima (2016) alerta também que o recurso às entrevistas é utilizado tanto pelas pesquisas quantitativas como pelas qualitativas.

Desta feita, assumimos que para análise das entrevistas que comporão as amostras que descreveremos adiante, estamos a trabalhar com pesquisas qualitativas, produzidas pelas equipas do Museu da Pessoa em projetos específicos, que serão qualificados ao longo deste capítulo. Na perspetiva assumida por Lima (2016), podemos afirmar que estas entrevistas se caracterizam por:

1 – Serem realizadas a partir de um guião estruturado;

2 – Terem sido gravadas em ambientes formais estruturados;

3 – Terem sido realizadas em tempo real, com simultaneidade da presença do entrevistador e do entrevistado;

4 – Terem sido realizadas tanto em regime presencial, como em regime online;

5 – Valorizarem o aspeto da espontaneidade da fala dos participantes.

No Museu da Pessoa há diversas formas de se gravar entrevistas (roda de história, entrevista de história de vida, entrevista temática, entrevista de cabine), cada qual

trazendo um recurso diferente. Assim como a sua aplicabilidade, a determinação do tipo de gravação a ser realizada se dá no momento da planificação do projeto em tela. Salientamos que na metodologia de trabalho do Museu da Pessoa, uma entrevista, qualquer que seja a sua tipologia, ela é fruto da relação entre o entrevistador e o entrevistado, um momento ímpar no qual se estabelece uma relação de confiança e cujo resultado é acima de tudo, aquilo que o entrevistado quis compartilhar com o entrevistador, naquele determinado momento.

No caso dos projetos que formam o *corpus* deste trabalho de tese, as entrevistas gravadas fazem uso da metodologia da história oral de vida; elas percorrem a vida da pessoa, buscando compreender quem é esse indivíduo na sua totalidade, desde a sua origem familiar até aos dias atuais. Pode dizer-se que os pontos altos da entrevista são os blocos temáticos nos quais são abordados, em profundidade, os assuntos específicos de cada projeto. Esses blocos temáticos trazem conjuntos de questões criadas especificamente para elucidar o cerne de cada projeto de pesquisa. Porém, busca-se superar o que Bourdieu (1996) chama de "ilusão biográfica", ou seja, a mera sequência de coisas e atos que um indivíduo fez ao longo de sua vida, conferindo-lhe uma certa linearidade. É necessário que, neste diálogo entre entrevistador e entrevistado, surjam espaços de reflexão sobre a trajetória de vida que está a ser narrada.

Em suma, trata-se de entrevistas estruturadas, que se caracterizam não só pela diversidade de conteúdos abordados, mas também pela profundidade com que os temas são trabalhados. Uma entrevista de história de vida, gravada pelas equipas do Museu da Pessoa, pode chegar a ter entre seis a oito horas de duração, dividida em diversos dias. Porém, a média das narrativas gravadas nos projetos *Memória dos Brasileiros* e *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista* está em torno de duas horas de gravação. Posto isto, é preciso avançarmos para a escolha do método quer permitirá a análise das mesmas.

Pretto (2011) ressalta que, no caso de análise qualitativa de histórias de vida, há três atitudes a considerar, a partir da perspetiva trabalhada pelos franceses Didier Demazière e Claude Dubar: a análise ilustrativa, a análise restituinte e a análise analítica.

Da análise ilustrativa emerge a análise temática e a análise de conteúdo. Da análise restituinte, trabalha-se a restituição da sabedoria social dos sujeitos e a transparência de sua palavra. E, por fim, da análise analítica, emergem possibilidades que significam "privilegiar o estudo de uma estrutura universal compartilhada com os indivíduos, objeto

da investigação e que nos orientam, então, na exploração daquilo que é comum a todos os entrevistados[321]" (Pretto, 2011, p. 176). A escolha de qualquer uma dessas tipologias de análise evidencia, certamente, o posicionamento do investigador, pois cada qual traz à luz, os aspetos que mais lhe interessam, enquanto possibilidade de estudo do fenómeno social.

No entanto, avançando a discussão, Pretto (2011) considera que há que se destacar a análise compreensiva, defendida por autores como o francês Daniel Bertaux e a italiana Rita Bichi. A análise compreensiva promoveria uma leitura abrangente das narrativas, trazendo a luz passagens que uma leitura rápida não conseguiria evidenciar. Isso porque

> Uma das tarefas centrais da análise compreensiva é identificar aqueles indícios que se referem a um mecanismo social que influenciou a experiência de vida do sujeito, considerando-os como outras pistas para reconstruir o mundo histórico-social do sujeito (Pretto, 2011, p. 176)[322].

Essa atitude levaria o investigador a localizar os índices necessários que lhe permitirão estabelecer hipóteses e explicar os fenómenos sociais. Citando Daniel Bertaux, Pretto (2011) nos revela que "um bom modelo de análise é, portanto, aquele que torna compreensível uma série de fenômenos observados. O essencial é criar boas descrições, o mais profundas possível, pois é na profundidade que se encontra o caminho para o geral" (Pretto, 2011, p. 176). A autora também ressalta que outra italiana, a socióloga Rita Bichi, leva em consideração o método compreensivo porque ele considera o sujeito narrador não só como fonte de informação, mas como ator social, o que valoriza a abordagem em relação aos sujeitos narradores.

Santos e Santos (2008) ressaltam que a escolha para um método de análise se transforma em um momento de impasse, pois "ficamos diante de um montante significativo de informações e a necessidade de escolher uma técnica que permita uma análise rica e aprofundada das narrativas, com articulação dos dados concretos a uma fundamentação teórica bem estruturada" (Santos & Santos, 2008, p.715).

Um ponto de atenção para a aplicação do método de análise compreensiva à este trabalho de tese seria o facto de que ao trabalharmos com narrativas compiladas pelas equipas do Museu da Pessoa e, disponibilizadas em sua plataforma digital, estaríamos

[321] No original: "privilegiar el estudio de una suerte de estructura universal compartida con los individuos objeto de la investigación y que nos orienta, entonces, a la exploración de aquello que es común a todos los entrevistados".
[322] No original: "*Una de las tareas centrales del análisis comprensivo consiste en identificar aquellas indicaciones que se refieran a un mecanismo social que haya influído sobre la experiência de vida del sujeto, considerándola como otros tantos indícios para reconstruir el mundo histórico-social del sujeto".*

aplicando somente a etapa final do método compreensivo, que trata da construção das categorias analíticas para a análise propriamente dita. No entanto, toda a parte inicial da análise prevista no método compreensivo, que defende a ideia de que a análise se inicia, especificamente, na definição do objeto, na condução das entrevistas e na sua transcrição, até atingir o momento da construção das categorias analíticas, foi acompanhada de perto pela autora desta tese, à época em que era colaboradora do Museu da Pessoa e partícipe dos projetos em tela, como entrevistadora[323]. Portanto, os três âmbitos de análise do método compreensivo, ciclo de vida, vivência e interação na entrevista, estão contemplados.

É importante ressaltar dois aspetos que devem ser levados em consideração quando se trabalha com histórias de vida: os silenciamentos e o ponto de saturação. Os silenciamentos dizem respeito ao não-dito, ao que não foi revelado (Santos & Santos, 2008), mas, justamente pelo seu caráter imperativo, é tão significante quanto o que foi revelado ao momento das gravações das entrevistas. Procuraremos, no momento da análise ressaltar esses silenciamentos. Por sua vez, o ponto de saturação diz respeito ao número de sujeitos entrevistados.

Em trabalhos académicos, adota-se uma postura de que não há um número prévio de entrevistas a serem realizadas, elas devem se encerrar quando o investigador perceber que já tem material suficiente para a sua investigação. Lima (2016) defende a ideia de que, no âmbito das investigações académicas, definir um número à *priori* é impossível, pois depende do contexto e dos objetivos da investigação. A autora também ressalta que para definir o grupo e o número de entrevistados deve-se levar em consideração as questões da pesquisa. Porém, isto não acontece no Museu da Pessoa, que, devido ao seu modelo de negócio, trabalha com um número de entrevistas previamente determinado, em função das expectativas das parcerias firmadas, do tempo de execução e da verba alocada nos projetos.

Porém, no âmbito deste trabalho de tese, consideramos que atingimos este ponto de saturação ao eleger duas amostras – as quais serão qualificadas na sequência desta secção – que perfazem 30 sujeitos narradores. Além de considerarmos conteúdo suficiente para verificarmos o objetivo principal desta investigação, salientamos que, ao trabalhar com

[323] Isso significa na prática que todas as entrevistas dos projetos *Memórias dos Brasileiros* e *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*, foram transcritas, conferidas e inseridas na plataforma do Museu da Pessoa sob orientação da autora desta tese, que assume, em última instância, a responsabilidade do conteúdo que está publicado na referida plataforma. Porém, é importante salientar que as mudanças de sistemas da plataforma podem levar a eventuais perdas de conteúdo, como já assinalado anteriormente, o que significa que as equipas atuais, tem de refazer o trabalho final, reinserindo as entrevistas, reativando as hiperligações, atualizando sempre o sistema.

este número de entrevistados, estamos a analisar cerca de 750 páginas de conteúdo de entrevistas, pois cada entrevista transcrita tem, em média, 25 páginas.

Lima (2016) também deixa claro a importância da diferenciação entre a fase da recolha e a fase da análise, momento em que, nas trajetórias dos entrevistados, "o pesquisador procura confrontar os relatos com questões estruturais mais amplas que norteiam a pesquisa" (Lima, 2016, p. 33). Um aspeto a ser superado é evitar a quantificação e a generalização, por isso, deve-se evitar a mera quantificação das respostas, mas sim buscar o que é singular a cada um dos narradores (Lima, 2016).

Em termos de conteúdo, mais detalhadamente, o ciclo de vida diz respeito à trajetória de vida do sujeito narrador; a vivência faz referência às causas e processos vivenciados pelo entrevistado, de onde emergem possíveis interpretações, assim como opiniões e emoções; por sua vez, a interatividade diz respeito ao encontro entre entrevistador e entrevistado, ao grau de confiança que se estabelece e ao reconhecimento de áreas sensíveis abarcadas pelo narrador. Pretto (2011) ainda nos revela que "cada nível desta decomposição também pode ser analisado verticalmente (na mesma narrativa) e/ou horizontalmente (em relação a outras histórias de vida), constituindo uma análise global do fenômeno social estudado" (Pretto, 2011, p. 177).

Em suma, a opção pela análise qualitativa das histórias de vida através do método compreensivo justifica-se porque, assim como Pretto (2011), também acreditamos que podemos examinar um conjunto significativo de narrativas na sua totalidade, fazendo uma leitura minuciosa e profunda de cada uma das narrativas engendradas pelos sujeitos narradores. Buscamos a sua decomposição temática em categorias específicas, nas quais nós nos propusemos a empreender uma análise horizontal, estabelecendo relações entre as entrevistas. Aos críticos do método, em especial porque ele carece de dados censitários, defendemos a nossa perspetiva alegando que uma possível escassez de dados censitários foi contornada ao longo de toda da componente teórica, em específico na abertura dos capítulos, uma vez que apresentamos inúmeros dados que atestam a dificuldade que os afrodescendentes enfrentam para se obter ascensão social no Brasil.

Desta feita, as 30 narrativas, de griôs e de trabalhadores no comércio, que compõem a Amostra 1 e a Amostra 2 foram cuidadosa e minuciosamente lidas, interpretadas criticamente e analisadas de acordo com os procedimentos metodológicos acima descritos. Para tal, procuramos manter rigorosos procedimentos, entre eles o imenso respeito pelo narrador e pela sua trajetória de vida. Trabalhando desta forma, compreendemos que vivenciamos profundamente cada narrativa que será apresentada nas

próximas páginas, de forma que podemos afirmar que agimos em consonância com os preceitos de Ferrarotti (2007), que afirma que, para conhecer uma memória, é necessário habitá-la.

4.4. Apresentação do *Corpus*

Para procedermos à componente empírica desta investigação, considerámos que necessitávamos de um conjunto denso e coerente de narrativas, cujo estudo nos permitisse dar resposta às questões de investigação colocadas no início desta tese, englobando também as questões levantadas na revisão de literatura que desenvolvemos nos três primeiros capítulos. Para efetuar o Estudo de Caso sobre o Museu da Pessoa e, em conexão com a componente teórica apresentada nos capítulos anteriores, foi planeada a organização de dois conjuntos de entrevistas, para compor as amostras da componente empírica desta investigação, a saber:

1) – Entrevistas a realizar a colaboradores do Museu da Pessoa, por nós conduzidas, com vista a conhecer melhor a história e o funcionamento desta iniciativa, bem como as suas perceções sobre o modo como as narrativas em ambiente digital poderão conduzir ao empoderamento dos próprios narradores.

Abaixo apresentamos uma tabela com o nome do entrevistado, o seu vínculo ao Museu da Pessoa e a sua formação científica.

NOME	FORMAÇÃO	CARGO	PERÍODO DE ATUAÇÃO
Karen Worcman	Graduação em História Pós-graduação em Linguística	Diretora-Presidente	1991 a 2009
		Curadora	2009 até hoje
		Diretora-Presidente	2010 até hoje
Sônia London	Graduação em Pedagogia	Gestora da Área de Formação	2002 a 2011
		Diretora-Presidente	2011 a 2020
		Gestora da Área de Formação	2021 a hoje
Márcia Ruiz	Graduação em História Especialista em Administração	Gestora da Área Administrativa	1992 a 2009
		Gestora do Programa de Memória Organizacional	2009 a 2016

Rosali Nunes Henriques	Graduação em História Mestre em Museologia Doutora em História Social	Pesquisadora	1993 a 2002
		Gestora da Área de Acervo	2004 a 2010
Rosana Miziara	Mestre em História Social	Pesquisadora	1996 a 2002
		Coordenadora de Projetos	2002 a 2004
		Gestora do programa Conte Sua História	2010 a 2015
		Relações Institucionais	2015 até hoje
Ana Maria Leitão	Graduação em Filosofia Graduação em Museologia	Consultora	2004 a 2005
		Gestora da Área de Museologia	2011 a 2019
Lucas Lara	Graduação em História Mestrado em História Social	Pesquisador	2011 a 2014
		Coordenador de Acervo e do Programa Conte Sua História	2014 a 2019
		Direção de Museologia	2020 até hoje
Felipe Rocha	Graduação em História Mestrado em Museologia Especialista em Gestão Arquivística	Assistente de Acervo	2013 a 2016
		Coordenação de Acervo	2016 até hoje

Tabela 1 – Perfil dos colaboradores do Museu da Pessoa entrevistados para este trabalho de tese. Tabela elaborada pela autora[324].

Nessas entrevistas, os gestores refletem sobre questões específicas relacionadas com o Museu da Pessoa e o seu desenvolvimento, bem como sobre as suas carreiras, desempenho e contributos na área pela qual são ou foram responsáveis, além do uso de tecnologia e das demandas surgidas por parte dos grupos sociais que trabalham ou trabalharam com a referida instituição.

2) – Entrevistas previamente realizadas, por investigadores do Museu da Pessoa, a participantes em dois projetos desenvolvidos pela instituição. São eles: o projeto *Memória dos Brasileiros* e o projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*. Ambos são

[324] Ver Anexo nº 9: Entrevistas com colaboradores do Museu da Pessoa.

iniciativas de grande porte, desenvolvidos ao longo de vários meses, sob supervisão direta da Direção do museu.

A primeira justificação para a escolha destes dois projetos pode parecer paradoxal: ambos foram coordenados pela investigadora que apresenta esta tese. Se, por um lado, pode ser apontada uma falta de distanciamento pessoal em relação aos projetos, por outro, há a assinalar o distanciamento temporal necessário para uma leitura mais isenta dos dados. Mais importante, ainda, foi assegurar que as entrevistas realizadas aos narradores contemplavam as questões que interessam a esta investigação. Após uma breve pesquisa a todos os projetos desenvolvidos pelo Museu da Pessoa até 2020, que compreendeu a leitura de algumas entrevistas de forma aleatória, concluímos que só nos projetos por nós coordenados foi colocada uma pergunta aos participantes capaz de fornecer resposta às questões lançadas no início da tese. Além disso, era necessário selecionar um projeto que contemplasse as minorias sociais, no conceito apontado por Sodré (2005), dado que o nosso referencial teórico trabalhou com a questão da desigualdade social, agravada pelo passado esclavagista. Desta feita, sabíamos de antemão que o *Memórias dos Brasileiros* era composto, na sua grande maioria, por afrodescendentes e indígenas.

4.4.1. Projeto *Memória dos Brasileiros*

O primeiro projeto selecionado para integrar o *corpus* desta investigação foi o *Memória dos Brasileiros*, que foi desenvolvido entre os anos de 2005 e 2012. Com esta iniciativa, o Museu da Pessoa propunha-se contar uma outra história do Brasil, formada por grupos sociais subalternizados, tais como os mestres de tradição popular, as pessoas que sofreram com os processos de escravidão contemporânea ou, então, as populações ribeirinhas desalojadas das suas moradias por ocasião da construção de hidroelétricas, iniciativas integrantes do período da ditadura cívico-militar do Brasil.

As entrevistas gravadas em duas etapas – entre 2005 e 2008, período de maior fulgor do projeto, e entre 2009 e 2012, período no qual se assistiu a uma certa desaceleração dos trabalhos – estão divididas em quatro linhas de pesquisa, a saber: *Brasil Urbano, Saberes e Fazeres*, *Brasil que Muda* e *Brasil que precisa mudar.* O projeto foi desenvolvido por meio do patrocínio viabilizado pela inscrição do mesmo na Lei de Incentivo Cultural do

Governo Federal[325] e foi uma iniciativa própria do Museu da Pessoa. Desta feita, a Diretoria da instituição, juntamente com a coordenação do projeto, definiu mais detalhadamente a forma de atuação em cada linha de pesquisa, indicou as parcerias para a realização das investigações a serem desenvolvidas e, por fim, esteve presente em diferentes momentos de desenvolvimento de cada etapa, acompanhando até, em alguns momentos, as gravações *in loco*.

A linha de pesquisa *Brasil Urbano* foi desenvolvida em 11 escolas públicas da cidade de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, e visou a formação de professores da rede pública de ensino na metodologia de trabalho do Museu da Pessoa, porém adaptada ao ambiente escolar[326]. As outras três linhas de pesquisa do *projeto Memória dos Brasileiros* têm em comum o facto de terem sido desenvolvidas pelas equipas do próprio Museu da Pessoa, contratadas especificamente para este fim. Aos investigadores coube realizar o mapeamento dos entrevistados, atuar como entrevistadores no trabalho de campo e fazer a sistematização das entrevistas para posterior inserção na plataforma digital do Museu da Pessoa.

Na linha de pesquisa *Brasil que Muda,* estão presentes as memórias de dois grupos diferenciados: os empreendedores sociais e as pessoas que atuam na preservação da cultura e de valores culturais das suas comunidades. Foram gravadas cinco entrevistas com membros da Ashoka Empreendedores Sociais e 32 entrevistas com pessoas dos saberes tradicionais do Vale do Jequitinhonha e do Médio São Francisco[327] (Oliveira, 2008). Além disso, ocorreram 10 entrevistas que não estavam associadas a nenhum desses dois grupos. O critério para a gravação destas entrevistas foi a singularidade que a história de vida do entrevistado apresentava, bem como as oportunidades de gravação que se apresentaram à época.

[325] Também conhecida como Lei Rouanet, que permite o patrocínio de projetos culturais por parte de empresas privadas pelo mecanismo da isenção fiscal. Esta etapa do projeto *Memória dos Brasileiros* contou com patrocínio e apoio de empresas nacionais que aderiram às causas subscritas pelo projeto, a saber: Ambev, Avon Toyota, contando também com o apoio da Gol Linhas Aéreas e da Hedding-Griffo. A Editora Peirópolis foi a parceira institucional responsável pela edição da publicação *Memórias dos Brasileiros: uma história em qualquer parte* e do infantojuvenil *Crianças do Brasil: suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos*.

[326] A exemplo dos demais projetos desenvolvidos no âmbito escolar, tais como o Memória Local, já mencionado anteriormente.

[327] As gravações ocorreram por ocasião de duas digressões para investigação. A primeira, realizada entre os dias 25 de julho e 5 de agosto de 2007 foi intitulada *Caravana Rio Jequitinhonha*; teve como ponto de partida a cidade de Porto Seguro (estado da Bahia) e o ponto de chegada em Belo Horizonte (estado de Minas Gerais). Foram percorridos quase dois mil quilômetros em cerca de 12 dias de viagem, com a realização de 17 entrevistas em 12 cidades. Entre os dias 29 de novembro e 15 de dezembro de 2007 a mesma equipa se dirigiu para as cidades ribeirinhas do Rio São Francisco e registou as memórias de moradores das cidades do entorno do Médio São Francisco (entre os estados de Pernambuco e Bahia), gravando mais oito entrevistas; essa acção ficou conhecida como a *Caravana Rio São Francisco*.

Por sua vez, a linha de pesquisa *Brasil que Precisa Mudar*, trata especificamente da temática de pessoas oriundas de práticas trabalhistas que se caracterizam como trabalho escravo contemporâneo. Esta etapa de gravação contou com o apoio do Centro *de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos de Açailândia*[328], entidade criada pela missionária espanhola Carmen Bascaran Collantes, a qual combate o trabalho escravo contemporâneo no Estado do Maranhão. Esta linha de pesquisa respondeu por 9 entrevistas (Oliveira, 2008).

E por fim, na linha de pesquisa *Saberes e Fazeres* foram contemplados dois aspetos da cultura brasileira: o conhecimento dos guaranazeiros de Maués, Estado do Amazonas, e as histórias dos mestres de tradição oral participantes da *Ação Griô Nacional*[329]. No caso dos guaranazeiros, foram registadas 25 narrativas de pessoas que vivenciaram o processo de transformação da comunidade de Maués[330] (Oliveira, 2008). Também integrante da linha temática *Saberes e Fazeres*, foram coletadas as memórias de pessoas que fizeram parte da iniciativa *Ação Griô Nacional*. Para tal, foi firmada uma parceria entre o Museu da Pessoa e a organização não governamental *Grãos de Luz Griô* para que a equipa do projeto acompanhasse os encontros regionais ao longo de 2006/2007 com o intuito de fazer o registo das histórias de vida dos mestres de tradição oral, também conhecidos como griôs[331].

Aqui destacamos que, de acordo com Thompson (1992), griô é uma palavra de origem francesa que o antropólogo Yan Vansina usou para definir os tradicionais narradores das memórias e feitos das inúmeras tribos africanas. *A Ação Griô Nacional* faz uso da Pedagogia Griô, uma metodologia desenvolvida por Líllian Pacheco, fundadora da ONG

---

[328] Para acolher as pessoas saídas da estrutura análoga à escravidão, o *Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos de Açailândia* organizou a *Cooperativa para a Dignidade*, com duas frentes de trabalho: a primeira voltada para a produção de brinquedos educativos e pedagógicos de madeira, a segunda voltada para a produção de carvão vegetal extraído dentro das normas de preservação do meio ambiente; o intuito é a geração de trabalho e renda para as pessoas recém libertadas da condição análoga à escravidão (Memórias dos Brasileiros: um percurso pelo Brasil através das narrativas orais, 2008).

[329] A *Ação Griô Nacional* integrou o Programa Cultura Viva e foi uma ação compartilhada entre a Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura e a organização *Grãos de Luz e Griô*, sediada em Lençóis, na Chapada Diamantina. O Programa Cultura Viva foi criado pelas portarias nº 156, de 06 de julho de 2004 e nº 82, de 18 de Maio de 2005 do Ministério da Cultura. Importante ressaltar que se trata de uma ação desenvolvida ao longo dos dois primeiros mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011). Disponível em https://culturavivascdc.redelivre.org.br/programa-cultura-viva/ Acesso em 01.10.2022.

[330] O guaraná é um alimento tradicional da região Norte do Brasil que serve para fabrico de refrigerantes e estimulantes energéticos. Esta Linha de pesquisa buscou a valorização dos processos tradicionais das técnicas de cultivo e beneficiamento do guaraná, as quais foram criadas pelos indígenas Sateré-Mawé, dado que as técnicas de manejo do guaraná se alteravam pela instalação de produção voltada para a indústria demandando que a colheita e processamento fossem feitos em alta escala (Memórias dos Brasileiros: um percurso pelo Brasil através das narrativas orais, 2008).

[331] Os encontros regionais da Açã Griô Nacional ocorreram ao longo de 2007 e foram realizados nas cidades de: Vassouras (RJ), Serra do Cipó (MG), Lençóis (BA), Getúlio Vargas (SC) Piaçabuçu (AL) e Alter do Chão (PA).

Grãos de Luz e Griô que busca a valorização dos saberes tradicionais. Neste caso, "o mestre griô é um sábio, que detém um conhecimento que foi transmitido oralmente, de geração para geração. Sua sabedoria engloba as diversas festas tradicionais do Brasil, bem como as ciências da vida e os ofícios tradicionais" (Oliveira, 2008, p. 50).

Essas pessoas são chamadas de mestres griôs por serem mestres de tradições orais e deterem saberes cujas práticas culturais são transmitidas de geração em geração, de forma oral, sejam elas cantigas de roda, orações, rezas, danças, procissões, ervas curativas, simpatias, práticas religiosas, lendas e canções diversas, além do olhar memorialista sobre a diáspora do povo africano, ou seja, das pessoas que vieram para o Brasil como escravizados (Memórias dos Brasileiros: um percurso pelo Brasil através das narrativas orais, 2008). São conhecimentos que, de certa forma, estão ligados às tradições culturais populares ou então às celebrações de origem católica, tais como as procissões e festas dos santos.

Foram gravadas entrevistas com 42 mestres griôs de tradição oral durante os encontros regionais da *Ação Griô Nacional*.

Abaixo, apresentamos um gráfico síntese do projeto *Memória dos Brasileiros*.

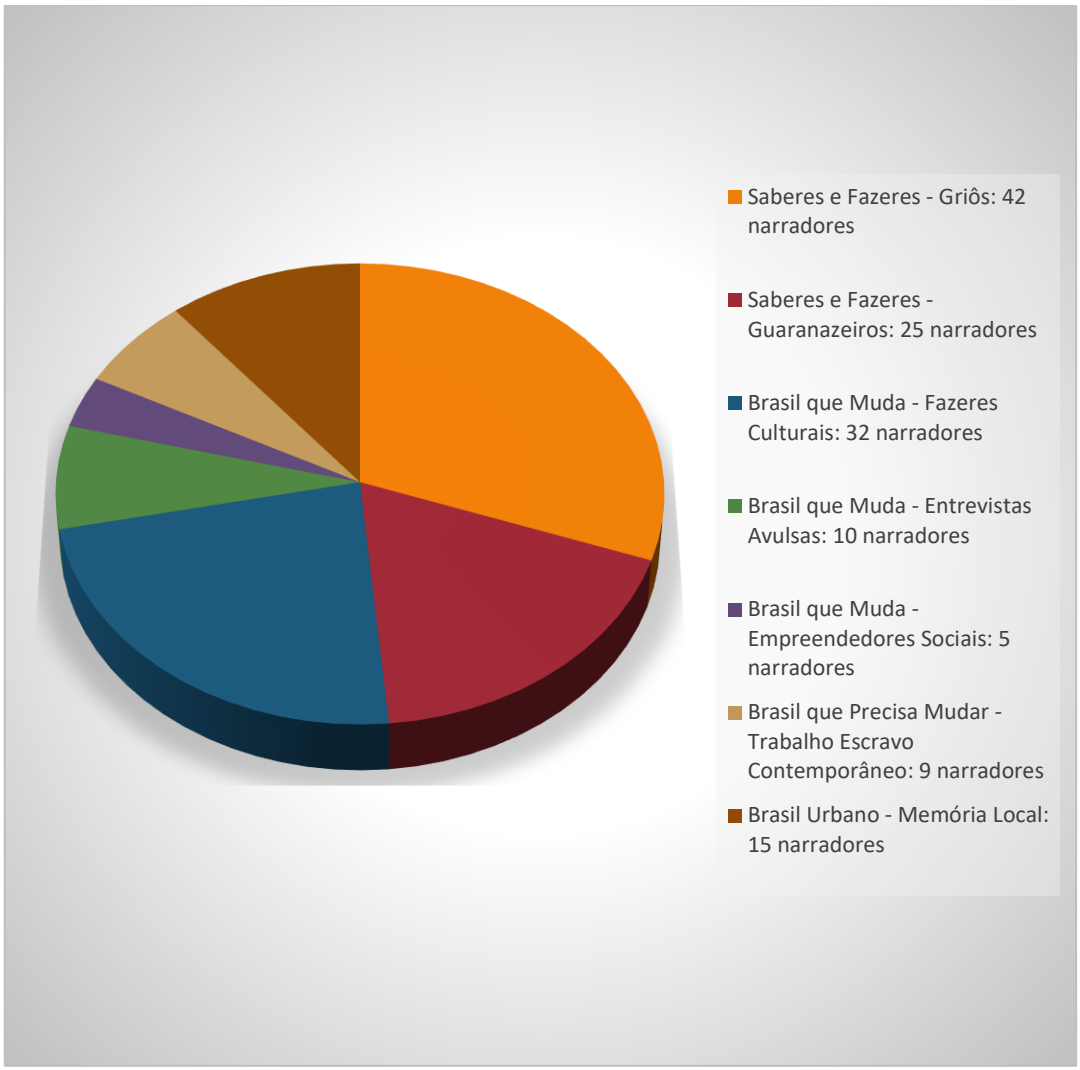

Gráfico 1 – As linhas de pesquisa e os sujeitos que narram no âmbito do projeto *Memórias dos Brasileiros*. Gráfico elaborado pela autora.

4.4.2. Projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*

Já no que diz respeito ao *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*, desenvolvido entre 2020 e 2021, este veio a ser escolhido de modo a aferir a validade dos resultados obtidos a partir da análise das entrevistas realizadas no âmbito do projeto *Memórias dos Brasileiros*. Este projeto resulta de uma parceria que o Museu da Pessoa desenvolve com o SESC-SP desde 1994, época em que foram realizadas as primeiras gravações sobre as histórias do comércio com foco nas dinâmicas relacionais da Capital paulista que previa a captação de entrevistas com 60 comerciantes e técnicos comerciais (Oliveira & Worcman, 2012).

Nessa fase inicial do projeto, realizado na cidade de São Paulo, foi delimitado um espaço geográfico para localizar os possíveis entrevistados, que compreendia o centro

histórico da cidade, bem como ruas tradicionais de comércio, a exemplo da Rua Augusta, Rua Teodoro Sampaio, Rua João Cachoeira e Rua Florêncio de Abreu, entre outras. Além deste critério, outros dois foram relevantes para a realização do mapeamento de possíveis entrevistados: a modalidade de comércio e o ramo de atividade. A modalidade de comércio diz respeito à forma como o produto é comercializado, o que contempla as lojas de rua, as lojas de centros de compra, as lojas de departamento, as lojas dos mercados municipais e também os supermercados, as barracas de feiras, incluindo neste aspeto as vendas realizadas de casa em casa por meio de catálogos. Por sua vez, o ramo de atividade contempla o setor do produto em si: calçado, vestuário, material de construção, ótica, retrosaria, tecidos, alimento e grãos em geral, lingerie, roupas para casamento (aluguer e confeção), bem como os serviços da área da restauração. Para esta etapa foram elaborados um livro e um CD-ROM, que se mostraram uma grande inovação à época, além de uma exposição itinerante que passou por diversos locais de São Paulo a exemplo dos centros de compras e até mesmo de terminais de autocarros (Oliveira e Worcman, 2012).

Dada a grande repercussão da iniciativa, o SESC-SP buscou a continuidade da proposta, estendendo-a para o interior do estado de São Paulo, contando com o apoio das unidades locais da própria instituição. Desta feita, o *Memórias do Comércio* foi dividido em módulos que contemplassem, por um lado, as regiões administrativas do estado e, por outro, o desenvolvimento histórico dessas regiões relacionadas com a implementação das ferrovias, por conta da expansão da cultura cafeeira iniciada, principalmente, a partir de meados do século XIX. Assim, foram realizados mais quatro módulos desde então, sendo estas as cidades/regiões contempladas: 1. São Carlos e Araraquara (2000); 2. Santos e a Baixada Santista (2002); 3. Vale do Paraíba (2004); e 4. Campinas (2009). Todos estes módulos sempre levaram em conta a estrutura definida anteriormente para a localização dos entrevistados: definir uma geografia, valorizar o aspeto histórico da cidade/região e contemplar as diferentes modalidades de comércio, bem como os ramos de atividade. Nos anos de 2012 e 2016 o projeto *Memórias do Comércio* voltou a mapear e gravar na cidade de São Paulo, com demandas bastante específicas. A etapa de 2012 buscou ampliar as narrativas relacionadas com bairros mais afastados do centro histórico da cidade, e a edição de 2016 focou no comércio especializado em grãos da zona cerealífera de São Paulo (Oliveira e Worcman, 2012).

A etapa realizada entre 2019 e 2021 visou a captação de entrevistas em três cidades de porte médio, que são metrópoles regionais do interior do Estado de São Paulo, a saber:

São José do Rio Preto, Bauru e Ribeirão Preto. O trabalho de campo teve início efetivo nas três cidades, em fevereiro de 2020, com uma equipa de pesquisa composta por dez investigadores, que realizaram, concomitantemente, a identificação e o mapeamento de profissionais do comércio para serem entrevistados. O projeto sofreu alterações e reajustes por conta do início do isolamento imposto pela pandemia do Novo Coronavírus – causador da doença que foi denominada Covid 19 –, decretado no Brasil em 18 de março de 2020.

Este mapeamento foi finalizado com a equipa trabalhando de forma *online*, depois de o projeto ter sido suspenso, temporariamente, em meados de 2020, para adequações em função da manutenção do distanciamento físico. Alguns meses depois, tanto o SESC-SP, como o Museu da Pessoa deliberaram que era importante retomar a iniciativa, realizando a etapa de gravação das entrevistas de forma *online*.

Será relevante destacar que a execução deste projeto se mostrou desafiante por dois motivos. O primeiro deles foi a questão da diversidade da equipa, um valor muito caro ao Museu da Pessoa. Esta demanda redundou num maior número de mulheres e afrodescendentes entre os pesquisadores. Por sua vez, esta diversidade de pesquisadores permitiu o recrutamento de participantes também eles diversos para atuarem enquanto narradores, satisfazendo o desejo da Direção do museu de respeitar um dos valores organizacionais da instituição. O segundo motivo adveio do facto de as gravações terem sido realizadas através da plataforma *Zoom*. Tratava-se de uma inovação imposta pelo isolamento necessário para barrar a transmissão do Novo Coronavírus, que permitiu manter a gravação em vídeo e a continuidade do projeto.

Em seguida, também apresentamos um quadro síntese do projeto *Memórias do Comércio: rumo ao interior paulista,* classificado pelo viés do ramo de atividade, um dos parâmetros pelos quais os entrevistados são escolhidos para figurarem no projeto.

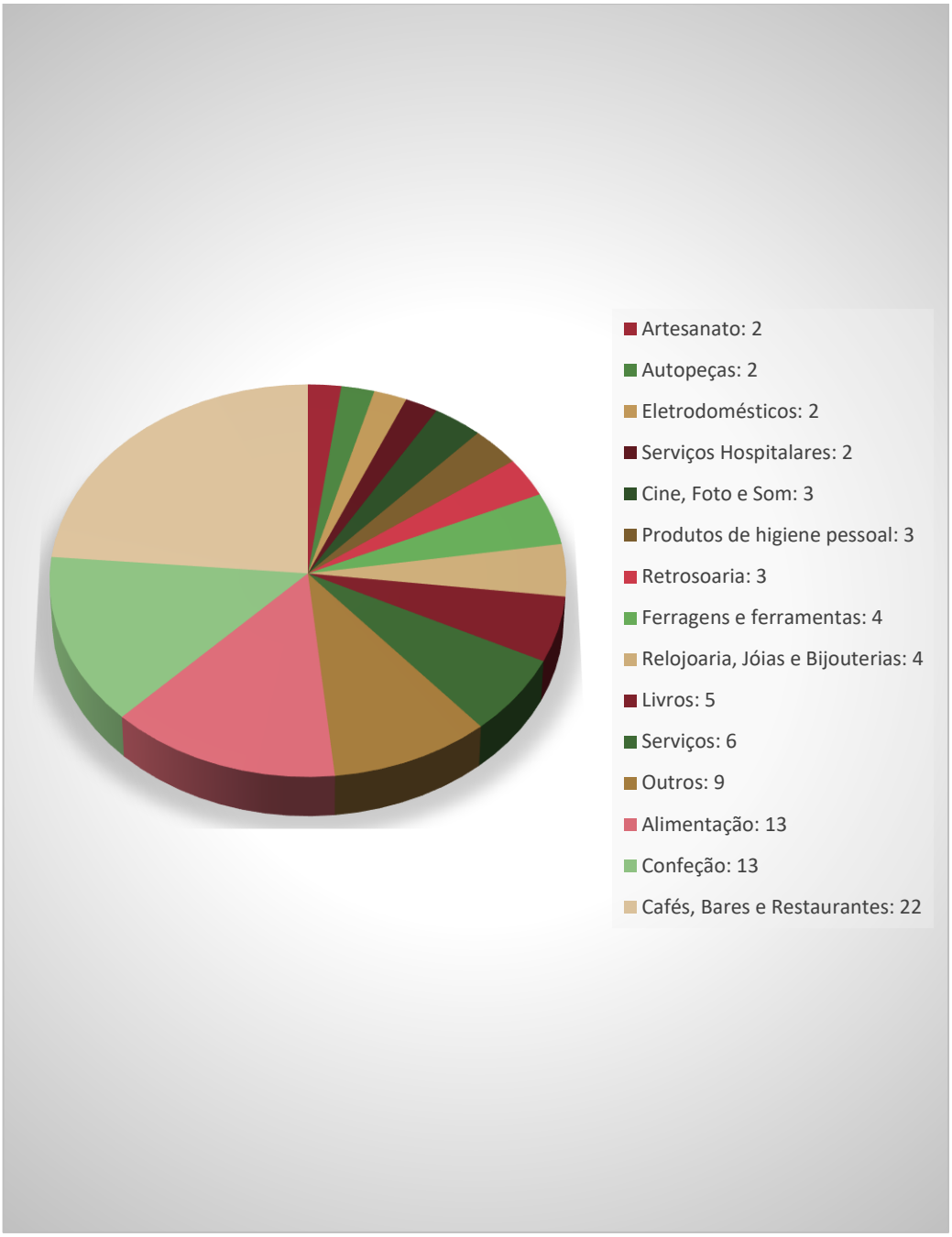

Gráfico 2 – Caracterização do projeto *Memórias do Comércio: rumo ao interior paulista* segundo o critério do ramo de atividade exercido pelo entrevistado. Gráfico elaborado pela autora[332].

[332] O item "Outros" comtempla os seguintes ramos de atividades, cada qual com apenas um representante: artigos religiosos, calçados, construção civil, figurinos cênicos, instrumentos musicais, material de construção, material elétrico, tecidos e transportes.

4.5 – Amostras

Para cada uma destas iniciativas, definimos um subconjunto de narradores para a composição das nossas amostras. Essa definição foi baseada em critérios relacionados com a ampla componente teórica desta tese: a injustiça e a exclusão social, o apagamento de grupos enquanto sujeitos históricos, e, por fim, a invisibilidade desses grupos na memória social dos brasileiros. Detalharemos mais adiante os critérios para esta seleção, ao caracterizar cada uma das amostras. Cumpre assinalar que, no conjunto dos dois projetos, foram realizadas 231 entrevistas a sujeitos com potencial de seleção para as amostras desta investigação. Contudo, destes 231 sujeitos, selecionamos apenas 30 para as duas amostras, ou seja, os respondentes à questão "O que o Sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?"

4.5.1. Amostra 1 – Projeto *Memória dos Brasileiros*

Para a composição da Amostra 1, selecionamos apenas narradores entrevistados na primeira etapa do projeto, que foi desenvolvida entre 2006 e 2008. Nesta, foram realizadas 138 entrevistas de histórias de vida. Do total de narradores entrevistados nestes dois anos, selecionamos – para efeito de análise – apenas aqueles que participaram na linha de pesquisa *Saberes e Fazeres,* em específico os mestres griôs. Esta escolha deu-se pelo facto de este grupo ser formado por narradores maioritariamente afrodescendentes e indígenas, de diferentes localidades do Brasil, em grande parte nascidos e criados em áreas rurais, cujos saberes tradicionais foram reconhecidos, de forma institucionalizada pela *Ação Griô Nacional*.

Uma leitura atenta das suas narrativas, alinhada com a nossa perceção sobre a importância, para os entrevistados, de deixarem suas histórias registadas para a plataforma do Museu da Pessoa, levou-nos a formular a questão central da investigação de doutoramento – que trata da perceção de que há ou não empoderamento por parte do narrador (em termos individuais) e do seu grupo social (em termos coletivos), por meio da experiência de participação no espólio do Museu da Pessoa. A partir desta perceção, do total de 40 griôs entrevistados à época, foram selecionados 17 para a composição da Amostra 1, ou seja, os respondentes à pergunta "O que o (a) Sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?" Note-se que, dos 40 entrevistados, nem todos responderam a esta questão, seja porque não foram inquiridos pelo entrevistador, seja

porque ao responder, tergiversaram do assunto. Após a composição da Amostra1, verificou-se que todos os 17 respondentes são afrodescendentes e/ou indígenas.

As entrevistas com os mestres griôs foram gravadas em 2007, durante um período de governo mais progressista[333], quando o músico brasileiro Gilberto Gil esteve à frente do Ministério da Cultura. Sob a sua gestão, foram criadas estruturas de atuação em rede, denominadas *Pontos de Cultura*, que reconheciam iniciativas culturais já existentes. Também durante a sua gestão, foi criada a *Ação Griô Nacional*, que, em parceria com a organização *Grãos de Luz e Griô*, trabalhou durante vários anos no reconhecimento dos saberes de mestres de tradições orais. De acordo com Carvalho (2002), esse foi um período de avanços na pauta da cidadania e de preocupação com as questões sociais, em especial os direitos humanos, a cidadania, a inclusão social e as ações afirmativas de reparação, em especial a política de cotas raciais para negros e indígenas.

Por conta destas questões, as falas dos mestres griôs poderiam refletir a euforia destes movimentos que reconheciam não só a sua trajetória, mas também o seu saber, o seu conhecimento tácito, a sua prática cultural, por meio da valorização dos saberes tradicionais, consubstanciada no programa *Ação Griô Nacional*.

Este estudo exploratório serviu de ponto de partida para a investigação desta tese e ofereceu-nos pistas no sentido de perceber que os narradores, no final das entrevistas se sentiam valorizados, acolhidos e importantes, ou seja, empoderados.

Isso levou-nos a selecionar um segundo grupo de entrevistados para realizarmos um estudo diferencial no tempo, de modo a verificar se as respostas concedidas à mesma pergunta confirmavam a nossa hipótese principal, que trata do empoderamento das pessoas ao longo do processo mnemónico e de disponibilização destas memórias em plataformas digitais. Por conta disto é que, em 2021, buscamos outra amostra para validar a nossa hipótese.

Para concluir esta descrição, validamos que **n1 = 17**.

[333] O metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva foi 35º presidente do Brasil, tendo sido eleito pelo Partido dos Trabalhadores para dois mandatos seguidos, entre os anos de 2003-2007 e 2007-2011. Na sequência, também pelo Partido dos Trabalhadores, foi eleita Dilma Vana Rousseff, que sofreu processo de impeachment em 2016.

4.5.2. Amostra 2 – Projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista*

Para aferir a validade dos resultados obtidos com a Amostra 1, selecionamos um outro conjunto de narradores para a Amostra 2, participantes do projeto *Memórias do Comércio: rumo ao interior paulista*.

As gravações ocorreram ao longo de 2021, tendo sido registadas 93 entrevistas, nas quais 44 dos narradores responderam à questão "O que o (a) Sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?", formando o grupo potencial para compor esta amostra. Esta primeira seleção não envolveu qualquer outro critério, seja de etnia, cor da pele, condição social atual privilegiada ou não, pois consideramos que todos estes aspetos fazem parte das vivências da população brasileira, já apresentadas ao longo da componente teórica trabalhadas nesta tese.

Porém, é sempre bom relembrar que foi a partir de meados do Século XX que o Brasil deixou de ser um país essencialmente agrário. Além disso, a população dirigiu-se em boa parcela, para cidades que se industrializaram, formando o binómio urbanização-industrialização. Paralelamente, os esforços para a inserção das comunidades afrodescendentes nas diversas estruturas da sociedade brasileira deram-se por meio de políticas públicas voltadas para ações afirmativas, engendradas ao longo dos últimos governos, tidos como mais progressistas. Recordado a fala de Carvalho (2002), foi um longo percorrido em busca da cidadania.

Por isso, desta potencial amostra, selecionamos para efeito de análise, apenas as narrativas de 13 sujeitos para serem comparadas às da Amostra 1. O critério central para selecionar estes 13 sujeitos para a composição da Amostra 2 residiu na sua condição social de partida, menos privilegiada para o exercício da atividade comercial, que os aproxima dos mestres griô da Amostra 1: ser afrodescendente ou indígena. Note-se, no entanto, que os narradores selecionados para a Amostra 2 são, na sua totalidade, afrodescendentes, por não haver, entre os entrevistados para este projeto, representantes indígenas. Este critério é justificado pelo facto de, ao estruturarmos as amostras empíricas, procurarmos obter elementos de convergência entre os dois grupos (ou duas amostras) de narradores: pessoas afrodescendentes ou indígenas, provenientes de classes sociais subalternizadas e que, no final da elaboração da sua narrativa, foram capazes de fazer uma reflexão sobre a sua trajetória de vida, reconhecendo – ainda que, por vezes, minimamente – a importância de registar as suas experiências numa iniciativa como a

mantida pelo Museu da Pessoa. O mesmo é dizer que este critério de seleção de sujeitos para a composição da Amostra 2 se justifica pela necessidade de controlar eventuais distorções nos resultados comparativos entre as duas amostras, que ficassem a dever-se a diferenças substanciais entre os sujeitos nelas incluídos, no que respeita às variáveis de caracterização demográfica.

Este recorte na Amostra 2 foi essencial porque ela possibilita o espelhamento das questões trabalhadas ao longo da componente teórica, em especial a questão da desigualdade social no Brasil e os desafios para o desenvolvimento a partir dos resquícios do sistema esclavagista e do colonialismo. Ao longo da componente teórica deste trabalho de tese, constatamos que os grupos sociais descendentes de pessoas escravizadas (tanto afrodescendentes como indígenas) continuam a viver à margem da sociedade brasileira, com obliteração de direitos e com as suas narrativas frequentemente invisibilizadas, não se cumprindo, no seu caso, o preconizado na Constituição brasileira, que é o direito à memória.

Para concluir esta descrição, validamos que **n2 = 13**.

4.5.3. Virtudes e limitações das amostras

As amostras selecionadas para o estudo da componente empírica deste trabalho de tese trazem certamente determinadas virtudes e limitações sobre as quais procuraremos, a seguir, tecer algumas considerações. Entre as virtudes destas duas amostras está o significativo número de participantes nos projetos do *corpus*. No entanto, o refinamento dos critérios de seleção das amostras levou a que, de um número total de 231 narradores, tenham sido selecionadas as 30 pessoas que compõem as duas amostras, para efeito de análise das suas entrevistas.

A despeito do facto de termos usado como primeiro critério de seleção a resposta à pergunta "O que o Sr. achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa", reconhecemos que o ideal é que esta tivesse sido feita a todos os participantes dos projetos que constituem o *corpus*. No entanto, como já afirmamos anteriormente esta pergunta não foi feita a todos os sujeitos entrevistados, pois não faz parte da metodologia do Museu da Pessoa a realização de todas as perguntas que fazem parte do guião de entrevista. Na realidade, a orientação da TSM zela pela interação entre entrevistado e entrevistador,

sendo que, este último deve conduzir a entrevista levando em consideração a própria narrativa que está em construção, devendo desenvolver o que se chama "escuta ativa".

Ainda sobre a pergunta que permite proceder a uma primeira seleção das amostras, reforçamos que, apesar do facto de que nem todos os entrevistados respondem à mesma, é justamente esta pergunta que nos leva aa pensar sobre a potencialidade das narrativas como parte do processo de empoderamento. Admitimos ainda assim que, apesar destas justificações, estes factos podem ser considerados como limitantes para a composição de amostras de maior tamanho.

Contudo, cumpre-nos refletir sobre as virtudes ganhas por amostras tão refinadas quanto aos seus critérios de seleção. Para além de serem constituídas exclusivamente por sujeitos que correspondem aos perfis de exclusão enunciados na componente teórica da tese, assegurando a coerência interna deste trabalho, também nos permite controlar as denominadas "variáveis parasitas" que, muitas vezes, distorcem os resultados de muitas investigações.

Assim, optou-se por constituir amostras em que os critérios de rigor metodológico se sobrepuseram a critérios de representatividades dessas mesmas amostras.

4.6. Desafios do Itinerário Metodológico

Vários são os autores que nos chamam a atenção para os cuidados a ter, em termos metodológicos, quando o objeto de estudo que pretendemos abordar são narrativas disponibilizadas em ambiente digital. Macedo (2013) e Macedo *et al*. (2013) colocam em evidência alguns desafios metodológicos que esse ambiente propicia, fundamentando de seguida os cuidados a ter para superá-los. De acordo com estes autores, o primeiro destes desafios está relacionado com a dinâmica imprevisível, instável e efémera da Internet, que conduz à desatualização quase imediata do *corpus* selecionado para análise. Com efeito, elementos desse *corpus* podem ser modificados, reduzidos, aumentados, acrescentados ou apagados a qualquer instante, pelo que os autores recomendam a monitorização permanente (por exemplo, diária) dos conteúdos desse *corpus* durante o período compreendido entre a seleção das narrativas a analisar e o final da investigação empírica. Todas as alterações registadas nos conteúdos durante esse período deverão ser incluídas no próprio processo de pesquisa e nas conclusões apresentadas.

Como anteriormente descrito, as atualizações da plataforma do Museu da Pessoa são frequentes. Aquelas que decorreram no período em que a investigação empírica desta tese estava em curso poderiam, deste modo, afetar o levantamento e tratamento das narrativas. Para contornar esta eventual dificuldade, baixámos desde o início da investigação empírica todos os documentos em PDF com as entrevistas realizadas, bem como os dados de cadastro dos entrevistados, organizando todas estas informações em tabelas pré-formatadas. Este cuidado demonstrou-se muito relevante, uma vez que veio a verificar-se o apagamento temporário de algumas destas informações durante as atualizações da plataforma.

O segundo desafio metodológico apontado por Macedo (2013) e Macedo *et al*. (2013) está relacionado com a utilização da análise de conteúdo enquanto ferramenta de pesquisa de narrativas disponibilizadas em ambiente digital. A enorme diversidade de formatos em que weblogs, websites e plataformas se apresentam, bem como a grande variedade de abordagens textuais, gráficas e imagéticas contidas nestes dispositivos, dificultam a utilização de um protocolo de análise que se demonstre aplicável a todos os elementos do *corpus*. Assim, com vista a que nenhum detalhe se perca nessa análise, os autores sugerem que, para além de serem utilizados protocolos adaptados a cada elemento do *corpus*, também se deva proceder a uma análise que compreenda diacronia e sincronia, bem como generalidades e especificidades.

Para o caso em estudo nesta tese, há a salientar que a apresentação de conteúdos no Museu da Pessoa obedece a um padrão normativo que reduz a variabilidade de formatos e de abordagens dos seus conteúdos. Portanto, este desafio metodológico acabou por se demonstrar superado à partida, devido à própria parametrização da plataforma do Museu da Pessoa e ao modo como os conteúdos são disponibilizados.

A enumeração de desafios metodológicos que se colocam à pesquisa de narrativas em ambiente digital, apresentada por Macedo (2013) e Macedo *et al*. (2013), prossegue com a questão da "inflação" das estatísticas de visitas aos dispositivos nos quais as narrativas podem ser acedidas, perpetrada pelos próprios investigadores. A quantidade, a origem geográfica e a duração das visitas, indicadores geralmente utilizados pelos mais diversos dispositivos para monitorizarem as suas audiências, tendem a aumentar significativamente com a consulta que os investigadores fazem aos conteúdos estudados, sobretudo nos dispositivos com estatísticas menos favoráveis. Os autores evocavam o Princípio da Incerteza de Heisenberg, o qual advoga a alteração do objeto através do

aparentemente simples ato de observar imposto pelo investigador, para demonstrar que quanto menor o tempo de consulta da narrativa em ambiente digital, quanto menor seria também a inflação das estatísticas das visitas. Para tal, recomendavam a cópia e gravação dos conteúdos a estudar em ficheiros *offline*, para que os investigadores pudessem aceder-lhes sem qualquer tipo de reserva. Para além de evitar visitas frequentes aos dispositivos em ambiente digital, também garantiriam o acesso aos conteúdos em caso de descontinuação dos mesmos. No caso concreto desta investigação, o facto de termos baixado os PDF das entrevistas a analisar, bem como os dados do cadastro dos entrevistados, logo no início da fase empírica, assegurou também a superação deste desafio metodológico (Macedo, 2013; Macedo *et al*., 2013).

Finalmente, o quarto desafio metodológico apontado por Macedo (2013) e Macedo *et al.* (2013) refere-se à indução de comportamentos e discursos nos entrevistados por parte do investigador, mesmo que este seja um fenómeno involuntário. De facto, vários autores demonstraram (e.g., Thompson, 1992; Trebistsch, 1994, Portelli, 2010; Worcman, 2021a;) o quanto é desafiante fazer uma entrevista sem influenciar o modo de pensar do entrevistado, porque a investigação é, em primeiro lugar, uma "relação social" e, consequentemente, exerce efeitos sobre os resultados obtidos e sobre os atores sociais envolvidos. Os autores relembram que esta é uma questão metodológica antiga e bem conhecida, assinalando, contudo, a sua reprodutibilidade em ambiente digital. Para enfrentar este desafio, os autores optam pela sua aceitação, em vez de proporem uma forma de superação. Começam por convocar a noção de reflexividade, proposta por Harold Garfinkel em sua obra *Studies in Ethnomethodology*, a qual conceptualiza a relação dialética entre a ação e o contexto, para a seguir, e apoiando-se em B. S. Santos (2003), evidenciarem as vantagens de se introduzir alguma subjetividade num estudo por comparação com a redução da quantidade de dados ou da alteração dos métodos de recolha de informação.

Quanto a este desafio, a nossa investigação empírica subdivide-se em duas componentes: as entrevistas por nós realizadas a uma amostra de colaboradores do Museu da Pessoa, cujos resultados foram tratados estritamente no contexto desta investigação; e as entrevistas realizadas pelas equipas do Museu da Pessoa aos participantes nos seus projetos, cujos resultados estão acessíveis na sua plataforma digital. Em ambos os casos, aceitamos a subjetividade introduzida pela ação do entrevistador em prol de um bem maior: a criação de uma oportunidade única de reflexão sobre a sua intervenção

(colaboradores do Museu da Pessoa) ou sobre a seu próprio percurso de vida (participantes nos projetos).

4.7. Questões Éticas

Foi um longo processo até chegarmos a este ponto da investigação. Porém, antes de avançarmos para a apresentação e a análise dos resultados, é preciso fazermos determinadas considerações de ética científica, para validarmos *a priori* o trabalho realizado.

A equipa do Museu da Pessoa faz uso de fichas elaboradas, de modo a construir instrumentos para a recuperação de dados na sua plataforma digital, sendo as mais importantes: ficha de identificação, ficha de catalogação de fotos, ficha de catalogação de documentos e ficha de minutagem da entrevista. A partir das informações prestadas pelo narrador, o investigador também produz a biografia do entrevistado e o resumo da entrevista. Para o momento da coleta da narrativa, é utilizado um guião especificamente elaborado para cada projeto, que o Museu da Pessoa desenvolve.

Faz parte da metodologia de trabalho do Museu da Pessoa que todas as entrevistas realizadas pelas equipas de investigação tenham o consentimento do narrador, por meio da assinatura do Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem[334]. O entrevistado tem conhecimento prévio dos propósitos da entrevista que será gravada pelo Museu da Pessoa e da necessidade de autorização para gravação. O Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem [335] só é assinado após o encerramento da entrevista, o que permite ao narrador decidir a sua assinatura mediante a informação que prestou. Assim sendo, todos os narradores selecionados para as Amostra 1 e Amostra 2 concederam autorização para a disponibilização das suas narrativas na plataforma do Museu da Pessoa, por meio de documento assinado. Este documento permite a utilização das mesmas para diversos fins, incluindo fins de investigação, como já assinalado anteriormente, no Capítulo 4.

Também faz parte da metodologia do Museu da Pessoa a premissa de que a narrativa resultante da gravação é sobretudo fruto da interação do entrevistado com o entrevistador, mas que a referência maior é sempre o entrevistado. O entrevistador tem o papel somente

[334] Em Portugal este documento é conhecido como Termo de Consentimento.
[335] Ver Anexo nº 7: Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem.

de conduzir esta narrativa, auxiliando o processo de rememoração (Manual do Entrevistador, 2019). Portanto, no processo de gravação não são recomendadas perguntas ou observações, por parte do entrevistador, que levem o entrevistado para análises de perfil psicológico ou de juízo de opinião.

Por outro lado, a plataforma digital do Museu da Pessoa garante o acesso universal aos dados coletados. No Plano Museológico 2019-2021[336], ainda em vigência, lê-se que:

> O Museu da Pessoa abre suas portas, físicas e virtuais, para qualquer cidadão interessado em conhecer seu acervo. Desde a primeira base de dados, as histórias de vida são catalogadas de forma a permitir uma busca que atenda a públicos e interesses diversos. A plataforma atual (sexta plataforma, lançada em 2016) permite acesso amplo e gratuito às histórias assim como ao material iconográfico (A. M. Leitão, 2019, p. 23).

No entanto, a despeito do facto do Museu da Pessoa trabalhar para dar visibilidade às pessoas anónimas, tirando-as da invisibilidade, compreendemos que ao procedermos à análise de tais entrevistas no âmbito do doutoramento em "Comunicação e Ativismos", devemos estar de acordo com os princípios éticos defendidos pelo colegiado da Universidade Lusófona, em especial com as questões relacionadas à ética da pesquisa que solicita a manutenção do anonimato dos informantes. Por isso, assumimos aqui o compromisso de atribuir aos narradores selecionados para as amostras um nome fictício, garantindo desta forma o seu anonimato e a sua integridade.

4.8. À guisa da quarta reflexão: habitar memórias de forma atópica

A investigação que estamos conduzindo tem como ponto de partida a constatação de que está a ocorrer uma mudança de natureza dos processos concernentes ao registo, à preservação e à circulação da memória, nos seus múltiplos aspetos, a partir do advento das TIC, em especial no contexto digital. Este processo envolve a perda do conceito de temporalidade tal como o conhecemos (I. Babo, 2018), a incompreensão do significado pleno do arquivial (Miranda, 1996), a possibilidade de multiplicação de vozes de grupos sociais subalternizados pela tomada da palavra (Vattimo, 1992), numa ambiência de fluxos comunicativos (Di Felice, 2001) na qual o narrador passa pelo processo de transubstanciação (Di Felice & Franco, 2018). Isto está a ocorrer porque "as mnemotecnologias, segundo uma lógica de alastramento e reprodutibilidade, produzem um efeito de acessibilidade total da memória humana nas redes digitais [...] pela

[336] Disponível em https://museudapessoa.org/sobre/transparencia . Acesso em 31.08.2022.

multiplicação, reprodução e arquivo ilimitado de mensagens, imagens e vídeos, que os avanços tecnológicos possibilitam" (I. Babo, 2018, p. 90).

Também em I. Babo (2015), encontramos a afirmação de que as teorias da receção englobam igualmente aqueles que são afetados, uma vez que acedem, leem, interpretam, compreendem e se apropriam dos conteúdos disponibilizados pelos novos média (I. Babo, 2015). Assim, podemos compreender as plataformas digitais de histórias de vida, a exemplo da disponibilizada pelo Museu da Pessoa, como um espaço mediático, no qual a narrativa (gravada, transcrita e autorizada pelo entrevistado ou internauta), propicia aos narradores e ao grupo social ao qual ele pertence, voz ativa e visibilidade.

Não podemos deixar de assinalar que, pressionando a formação, estruturação e/ou caracterização desta memória coletiva, temos a presença dos média, tanto na prática jornalística como na prática historiográfica. Park (2002) observa que o trabalho do jornalista envolve a maneira como as notícias são moldadas criando – no caso dos média – "o presente ilusório" (Park, 2002, p. 40). Sobre este aspeto, a notícia é transitória e efémera: a tensão suscitada pode desaparecer e a atenção do público se esvai.

Tanto o historiador como o jornalista desempenham um trabalho de registo de acontecimentos, cada um deles dentro das especificidades do seu campo de conhecimento e atuação, mas ambos acabam por impactar também na construção da memória coletiva de diferentes grupos sociais. Ambos realizam uma "ação de seleção e, em diferentes graus, contextualização dos eventos de uma história casual e temporal" (I. Babo, 2018, p. 81). Na perspetiva de I. Babo (2018), é essa textura que confere sentido ao acontecimento. Enquanto o papel do historiador repousa no facto de ser um "mediador entre o presente e o passado, partindo do presente com a tarefa de organizar o passado em função do presente" (I. Babo, 2010, p. 56), a prática jornalística é "uma atividade que informa, confere sentido e é uma prática de memória, pois retém e regista, e a retenção e reprodução ajudam na lembrança ou recordação" (I. Babo, 2010, p. 79).

Neste sentido, Park ainda assinala que

> [...] a partir do momento em que foram relatados [os acontecimentos] nos jornais e as pessoas reflectiram sobre eles, assumiram um significado novo e ideal: passaram a ser histórias de interesse humano genuíno, a ter o valor de uma tragédia, algo que, usando a expressão de Aristóteles, inspira 'piedade e horror'. Acontecimentos como estes tendem a ser recordados (Park, 2002, p. 44).

Porém, o advento dos média digitais trouxe novos desafios para a área da Comunicação, o que nos leva a repensar, não só a questão da memória, mas também a questão da memória no espaço digital e, consequentemente, a representatividade das memórias de grupos subalternizados e suas inserções nas plataformas digitais, de modo a serem partícipes dos processos de empoderamento.

Relatar e disponibilizar uma narrativa de história de vida em plataforma digital torna-se uma experiência híbrida: o ser humano deixa de ser apenas humano e passa a ser essência inorgânica da matéria. A pessoa é então imortalizada por meio de suas memórias, que são organizadas pela narrativa, transformadas em código digital; em última instância ela passa a ser uma essência imaterial da matéria. Esse humano híbrido transforma-se numa "coisa videomática", na aceção de Perniola (2005) que pode ser compreendida a partir de Di Felice (2005) quando este afirma que

> Analisando as materialidades visuais eletrônicas, como aquelas produzidas pelas fitas magnéticas do VHS ou aquelas digitais do disquete dos nossos computadores, Mario Perniola as descreve como um novo tipo de materialidade, isto é, 'um gênero todo especial de coisa, que não tem nada mais a ver nem com o utensílio nem com o objeto industrial: uma coisa videomática (...) na qual o saber, a sua conservação e a sua transmissão parecem estritamente conjuntos' (Di Felice, 2005, p. 17).

Anteriormente, os acervos, fossem eles arquivos, museus, centros de memória, pinacotecas e bibliotecas – todos eles qualificados como "lugares da memória" (Nora, 1993), dedicavam-se a salvaguardar, única e exclusivamente, os diferentes aspetos da cultura material produzida pelo ser humano. No entanto, o desenvolvimento da metodologia da História Oral[337], bem como a disponibilização deste material no meio digital, permitiu que a própria experiência humana fosse "musealizada" de forma virtual. Neste contexto, entende-se o processo de musealização como o registo (e não o resgate) das experiências vivenciadas por um indivíduo.

Desta feita, compreendemos que as narrativas presentes na plataforma digital do Museu da Pessoa já não refletem a pessoa em si, mas a "coisa videomática" na qual ela se transformou, seja por meio do seu texto, seja por meio da sua fala (Di Felice, 2005). O amplo acesso à possibilidade de registo da sua própria trajetória por parte de qualquer internauta, permitida pela ferramenta *Conte sua história*, leva-nos a crer que tal movimento contribui para a escrita de uma narrativa mais plural e inclusiva, dado que,

[337] Tema amplamente mencionado ao final do Capítulo 3.

como afirma E. S. Pereira (2010), no contexto da pós-modernidade ocorre uma explosão de visões de mundo consubstanciadas em narrativas que até há pouco tempo, eram tidas como marginais. A historiadora brasileira ainda ressalta que "é relevante sublinhar o fator tecnológico e comunicativo dessa tomada da palavra e dessa mudança de eixo, da visibilidade das diferenças cultuais e da crítica à racionalidade e ao eurocentrismo" (E. S. Pereira, 2010, p. 98).

Assim, ao Museu da Pessoa, o advento da internet comercial possibilitou a sua inserção no movimento de formação de redes de média alternativos. Para Clarke (2009), isso ocorreu pelo facto de que estava em curso a formação de "uma identidade nacional alternativa baseada na afirmação e inclusão das populações heterogéneas, etnicamente e regionalmente diversificadas do Brasil e, em particular, novos conceitos de sociedade como experiência vivida, pluralismo e voz coletiva"[338] (Clarke, 2009, p. 154). Ressalte-se ainda que, para a autora, a inserção de narrativas pessoais em iniciativas como as do Museu da Pessoa, "deve ser também um componente na reavaliação do passado da nação e na construção de narrativas históricas alternativas" (Clarke, 2009, p. 154) [339].

As histórias de vida tratam, portanto, da experiência humana, das vivências e experiências organizadas a partir do trabalho de rememoração. Nora (1993) reforçava que "é nessas biografias de anônimos, o meio de nos levar a apreender que as massas não se formam de maneira massificada" (Nora, 1993, p. 20). Neste sentido, Vattimo (1992) ressalta que a crise atual da conceção de história é sempre vista como "o encadeamento das vicissitudes de povos de uma zona 'central', o Ocidente, que representa o ideal de civilização, para lá do qual existem os 'primitivos', os povos 'em vias de desenvolvimento'" (Vattimo, 1992, p. 8).

Assim, podemos compreender as plataformas digitais de histórias de vida, a exemplo daquela disponibilizada pelo Museu da Pessoa, como um espaço público mediático, onde a narrativa disponibilizada (gravada, transcrita e autorizada pelo entrevistado ou internauta), propicia aos narradores e ao grupo ao qual ele pertence, voz ativa e visibilidade.

[338] No original: "*an alternative national identity based on the affirmation and inclusion of Brazil's heterogeneous, ethnically and regionally diverse populations and, in particular, new concepts of society as lived experience, pluralism and collective voice"*.
[339] No original: "*must also be a component in the reassessment of the nation's past and the construction of alternative historical narratives"*.

Para finalizar este capítulo, convocamos o jovem WD, afrodescendente, morador do interior do estado de São Paulo, para apresentar a sua história por meio de uma canção. A letra de *Eu sou*[340] é um testemunho valioso das questões tratadas ao longo deste capítulo, a partir da experiência pessoal do jovem compositor. A canção evidencia a necessidade de oportunidades e ações afirmativas para as classes subalternizadas, em especial o afrodescendente, homossexual, criado sem os pais. O refrão da canção ressalta a importância da resistência negra e do empoderamento das classes subalternizadas. Além disso, ao partilhar a sua trajetória, WD inspira outros tantos jovens a agirem da mesma forma.

Eu sou

Tão pequeno e tão sensível ao toque do abusador
Logo cedo definido pela voz e sua cor
Esquecido pelo pai e a mãe que fez e não criou
Mas agradecido a Deus
Por sua vó e seu avô

Marginalizado e só, por não ser mais um igual
Incapaz de ver beleza em seu corpo natural
Endeusava o branco por não ser o padrão real
Mas compreendeu que o mundo é seu, tentar nunca faz mal

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai "empretar" minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai "empretar" minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar

WD (2021)

[340] A canção *Eu sou* foi lançada somente na Internet. Disponível em: https://youtu.be/QJ8Zp_HYsbI . Acesso em 20.10.2024. Para a versão completa, ver Anexo nº 10.

Capítulo 5 – Tomar a palavra: análise dos dados

E proclamamos que não se exclua ninguém
Nem nada senão a Exclusão.

(Refrão Da canção *Manifestação*)

Ao longo dos capítulos anteriores, nos quais exploramos a componente teórica e metodológica deste trabalho de tese, nos valemos das 13 estrofes da composição *Manifestação*, de autoria de Carlos Rennó para fazermos referências aos principais temas que seriam trabalhados em cada secção. Desta feita, destacamos, para iniciar o Capítulo 5, o qual trata da análise dos dados, o refrão da referida canção, o qual clama pelo fim da exclusão social, referenciando o verbo "excluir" e seu substantivo, a "exclusão".

Esta declaração expressa o anseio de erradicar a exclusão, seja ela de coisas ou de pessoas – ou seja, o nada e o ninguém, o humano e o não-humano, o pobre, o fedido, a mulher, o afrodescendente, o indígena e também as crianças abandonadas à sua própria sorte; todos atores sociais que destacamos ao longo dos capítulos anteriores, cujas condições de vida ameaçam a coesão do tecido social no Brasil, bem como o equilíbrio ambiental.

Neste sentido, o compositor Carlos Rennó finaliza a canção reiterando assertivamente que é necessário excluir o modelo de produção capitalista, de cariz neoliberal, que relega à pobreza grupos sociais historicamente subalternizados. Constatamos este processo ao pesquisarmos conteúdos que compõe a componente teórica desta tese, para em seguida propormos que a chave para uma viragem de paradigma será o empoderamento desses atores sociais. Com o desenvolvimento das TIC, e graças à sua democratização, outras narrativas tornaram-se possíveis, a partir da emergência dessas vozes subalternizadas e do seu empoderamento. É no sentido de testarmos esta proposta que se alicerça a nossa hipótese de investigação.

Como pudemos depreender dos capítulos anteriores, a desigualdade social no Brasil é atribuída por diversos autores (Darcy Ribeiro, 2006; Lopez & Mota, 2008; Schwarcz,

2019;) ao processo esclavagista, parte fundamental do sistema colonial, que privou não só, mas sobretudo, o africano escravizado da sua autonomia e da sua própria historicidade, legando aos seus descendentes um lugar menor na sociedade brasileira atual. Ao lado das populações indígenas e também das mulheres e das crianças, por muito tempo constituíram-se como grupos sociais cujas vozes foram silenciadas.

O mundo pós-colonial, o advento das TIC e o contexto histórico brasileiro pós-ditadura civil-militar trouxeram a possibilidade a estes atores sociais de falarem por si. A redemocratização brasileira, processo amplamente vivenciado entre os anos de 1985 e 1988, com o movimento pelo voto direto e a criação da Assembleia Nacional Constituinte, legou aos brasileiros aquela que é considerada a Constituição Cidadã.

Para o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho (2002), esse foi um longo caminho em busca da cidadania, percorrido desde 1500 até os dias de hoje, com idas e vindas, momentos de avanços numa agenda mais progressista, e momentos de retrocesso, em especial ao longo dos governos autoritários, a exemplo da ditadura de Getúlio Vargas (1930-1945) e do período militar compreendido entre os anos de 1964 e 1984 (Carvalho, 2002). É no contexto da redemocratização, a partir de 1985, e da estabilização financeira com o Plano Real, de 1994 em diante (M. Leitão, 2011) – que minorou quase por completo o problema da inflação no Brasil – que surgiram condições mais propícias para o estabelecimento e desenvolvimento do chamado Estado Social de Direito.

Este contexto propiciou o crescimento do chamado Terceiro Setor no Brasil, época em que o Museu da Pessoa dedicava-se a desenvolver suas primeiras atividades, por meio de projetos demandados por organizações, a exemplo do que já foi delineado ao longo do Capítulo 4. No entanto, a viragem na atuação da instituição está intrinsecamente relacionada com o ingresso de sua fundadora, Karen Worcman, como *fellow* da Ashoka Empreendedores Sociais e a criação do Instituto Museu da Pessoa.Net, voltado, inicialmente, para o desenvolvimento de projetos que atendessem grupos específicos, tais como os idosos e os professores e estudantes.

Como resultado deste momento, ocorreu, no Museu da Pessoa, uma mudança de direcionamento, não só da sua forma jurídica, mas também do viés mais ideológico de seus projetos, mais voltados para o social, para as minorias sociais e também, para o trabalho com verbas de editais. O ponto chave para esta viragem, foi, certamente, a criação da TSM, também detalhadamente explanada no Capítulo 4. É justamente a TSM

que permitiu ao Museu da Pessoa, ampliar a sua forma de atuação e, consequentemente, o seu impacto social.

No entanto, esse foi um processo que se desenvolveu gradualmente, no qual a forma de atuação por projetos foi-se alterando aos poucos, no sentido de o Museu realizar-se como ponte entre os seus diversos públicos, dando cada vez mais voz aos grupos socialmente marginalizados da sociedade brasileira.

O *corpus* deste trabalho de tese – também apresentado ao longo do Capítulo 4 – buscou, em consonância com a componente teórica, assinalar a diversidade brasileira, os desafios para o desenvolvimento de uma sociedade menos desigual e a importância da tomada da palavra por grupos subalternizados que, apesar de serem numericamente representativos, não obtêm, por parte do Estado e da sociedade civil, o pleno reconhecimento dos direitos de cidadania dos seus membros. Assim, apresentaremos neste Capítulo 5, o tratamento dos dados selecionados nas amostras já referenciadas, bem como a análise dos mesmos, a partir da perspetiva da Análise Qualitativa das histórias de vida pelo método compreensivo.

5.1. Apresentação dos dados demográficos das amostras

5.1.1. Caracterização da Amostra 1 – griôs

A. Género

A distribuição da Amostra 1 por género demonstra que 11 dos sujeitos são do sexo masculino e seis do sexo feminino, conforme é possível constatar a partir da análise do Gráfico 3.

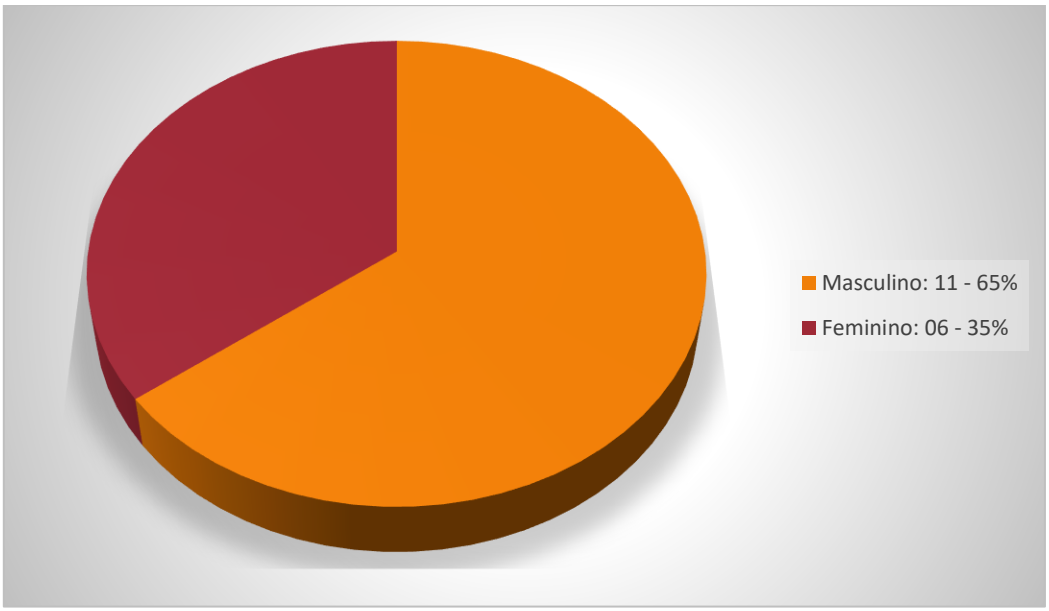

Gráfico 3 – Distribuição da Amostra 1 por género. Gráfico elaborado pela autora.

A análise desta variável demográfica permite-nos inferir que a Amostra 1 é composta em mais de 2/3 por sujeitos do sexo masculino. Uma das razões que poderemos apontar para esta diferença de proporção entre sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino foi discutida na componente teórica deste trabalho: o papel subalterno que as mulheres ainda ocupam na sociedade brasileira. Ainda que estejamos a considerar sujeitos de comunidades invisibilizadas, aceder à posição de mestre griô significa, possivelmente, adquirir respeitabilidade dentro dessas comunidades, sendo mais difícil às mulheres adquirir esse status. Certamente isto se dá pelo facto de que persiste, na sociedade brasileira, o pensamento de que a mulher ainda exerce um papel subalterno, voltado para o cuidado do lar e de sua família, mesmo quando já se encontra em idade mais avançada. Tal observação remete para a questão da interseccionalidade, também discutida na componente teórica desta tese.

B. Faixa etária de acordo com a década de nascimento

Como é possível observar no Gráfico 4, a Amostra 1 caracteriza-se, em termos de faixa etária, por pessoas nascidas na sua maioria nas décadas de 1930 e 1940 (6 respondentes de cada uma destas décadas). Os demais respondentes nasceram nas décadas de 1960 e 1990 (um representante de cada década), e na década de 1950 (dois representantes). Apenas um entrevistado não informou a data de nascimento.

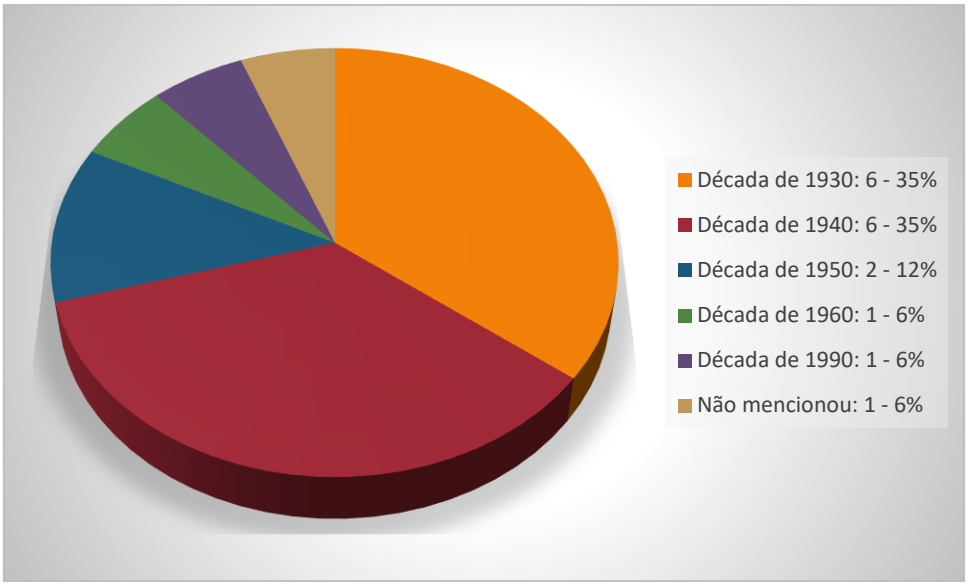

Gráfico 4 – Distribuição da Amostra 1, por faixa etária, de acordo com a década de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

Estes dados evidenciam o facto de que a *Ação Griô Nacional* – que busca realizar um trabalho de valorização das práticas culturais tradicionais do Brasil – realiza um trabalho efetivamente intergeracional, colocando em interação pessoas de diferentes faixas etárias: jovens, adultos e idosos. Isso evidencia também o facto de que, ao participar na *Ação Griô Nacional*, estes mestres têm a possibilidade de continuar ativos após a aposentação do trabalho efetivo, mantendo o seu papel de contribuinte para a sociedade brasileira. Trata-se de um aspeto importante, que é evidenciado por E. Bosi (1987), quando ela nos afirma que, nas sociedades capitalistas, os idosos deixam de ter um papel pró-ativo e passam a viver de forma invisibilizada. O trabalho com a memória, evidenciado pela socióloga brasileira, além de propiciar ao idoso a retomada das suas atividades para com a sociedade, também tem um caráter intergeracional. Este último vetor pode ser compreendido pelo facto de que temos dois representantes mais jovens, um nascido na década de 1960 e outro na década de 1990. Ambos são griôs aprendizes e tem um importante papel de receber estes ensinamentos dos mestres para que tais saberes não se percam com a passagem do tempo e as transformações pelas quais a sociedade brasileira passou ao longo do século XX, questões também trabalhadas na componente teórica desta tese.

C. Nível de escolarização[341]

Uma alta percentagem de griôs (41%) não mencionou o grau de estudos obtido. Portanto, não é possível aferir se frequentou a escola ou não, e se concluiu algum grau de ensino. Quanto aos griôs que se referiram nas suas entrevistas a este aspeto do seu percurso, podemos observar a sua distribuição no Gráfico 5.

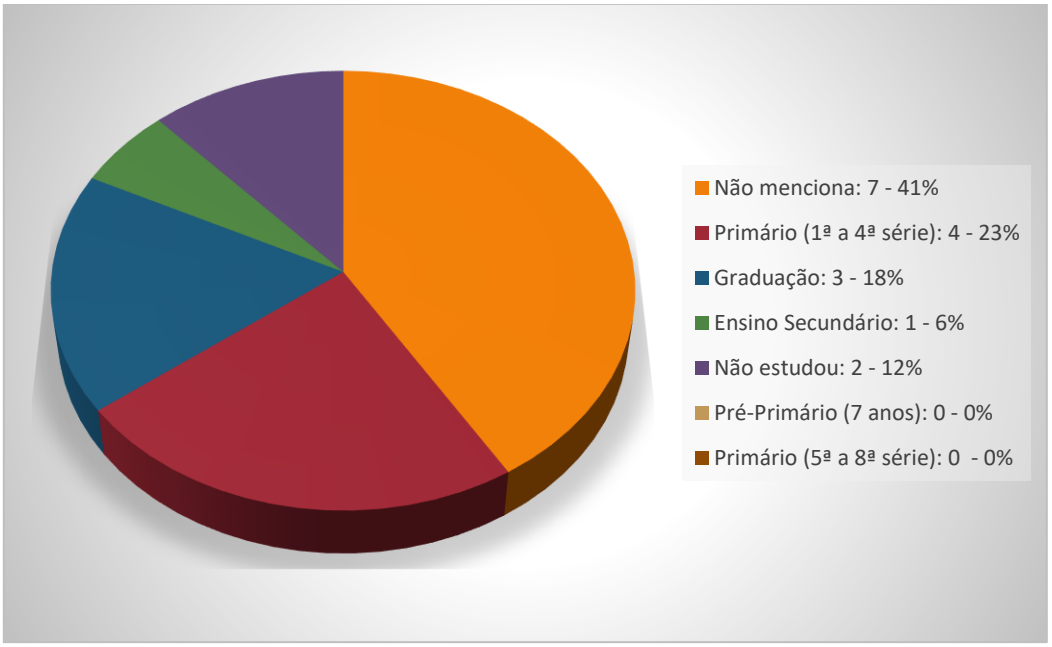

Gráfico 5 – Nível de Escolarização da Amostra 1. Gráfico elaborado pela autora.

Só na atual lei de Diretrizes e Bases é que a Educação Infantil (desenvolvida em escolas e creches, para a faixa etária de 4/5 anos) foi considerada fundamental. Até 1996, ela era opcional e somente as famílias com melhores condições de vida é que enviavam as crianças para o ensino pré-escolar particular. Daí que nenhum dos griôs tenha mencionado ter frequentado esse grau de ensino. De salientar que dois deles referiram não terem frequentado a escola.

Por outro lado, no Brasil, até meados do século XX, era comum que as pessoas frequentassem somente o primeiro ou, então, o primeiro e o segundo grau do Ensino Primário, sendo que, na sequência, a maior parte dos jovens ingressava no mercado de trabalho, como uma espécie de mão de obra barata, para ajudar o sustento da família. Essa

[341] Ao longo de diversos anos, a nomenclatura para se referir aos ciclos de estudos na escola brasileira foi se alterando. Para efeito deste trabalho de tese, adotaremos a nomenclatura vigente nos anos de 1960, que organiza o ensino em Pré-primário (até aos 7 anos de idade), Primário, dividido em dois ciclos: 1ª a 4ª série (dos 8 aos 11 anos) e 5ª a 8ª série (dos 12 aos 15 anos), Secundário (dos 16 aos 18 anos). Outra opção para o curso Secundário, é o curso Técnico, no qual o aluno obtém uma profissão, podendo ingressar no mercado de trabalho aos 18 anos.

foi a realidade de quatro dos griôs, que frequentaram somente o primeiro ciclo do Ensino Primário (4 anos de escolaridade), estudando até perto dos 11 anos. Nenhum elemento desta amostra refere ter concluído o segundo ciclo do ensino Primário. Registe-se que apenas um dos sujeitos da amostra concluiu o ensino Secundário, alcançando onze anos de escolaridade, ao passo que três deles declararam ter cursado o ensino superior.

Por fim, refira-se que o conjunto dos griôs que referem ter estudado em alguma fase da vida constitui 47% da Amostra 1.

D. Origem étnica

A análise dos dados demográficos contemplou também a origem étnica dos sujeitos. A distribuição da amostra segundo esta variável pode ser observada no Gráfico 6.

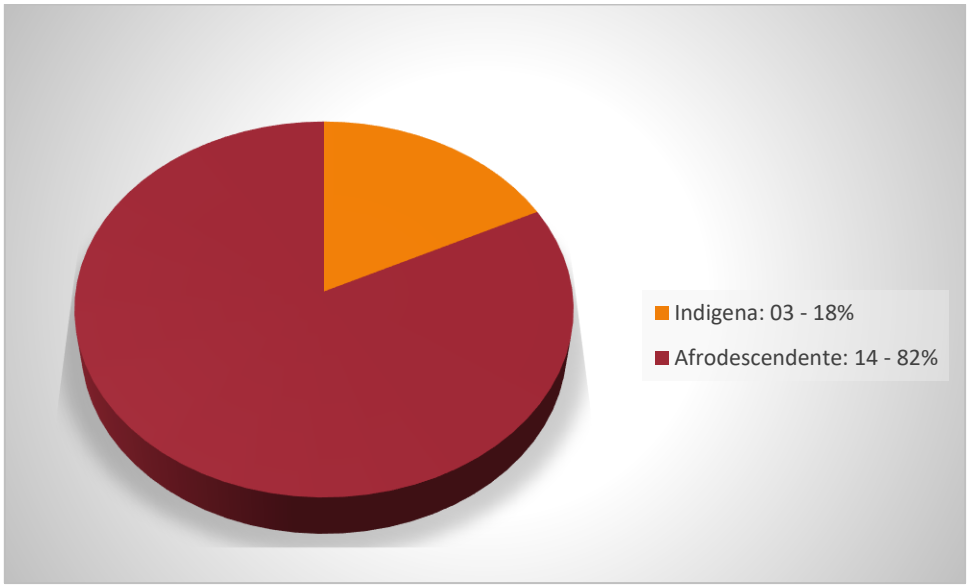

Gráfico 6 – Origem Étnica da Amostra 1. Gráfico elaborado pela autora.

Observa-se que 82% da Amostra 1 é composta por Afrodescendentes, constituindo a maioria no seio desta amostra, ao passo que 18% dos sujeitos se apresentam como indígenas. Isso se deve ao facto de que, efetivamente, a *Ação Griô Nacional* valoriza as tradições orais, agregando os saberes e fazeres de diversas comunidades brasileiras. Ao trabalhar sob este ponto de vista, as classes sociais subalternizadas e periféricas da sociedade brasileira são valorizadas por meio da reinvenção do griô africano.

E. Distribuição Geográfica por estado e região de origem

A composição da Amostra 1 a partir do estado de que os seus elementos são originais, pode ser observada no Gráfico 7.

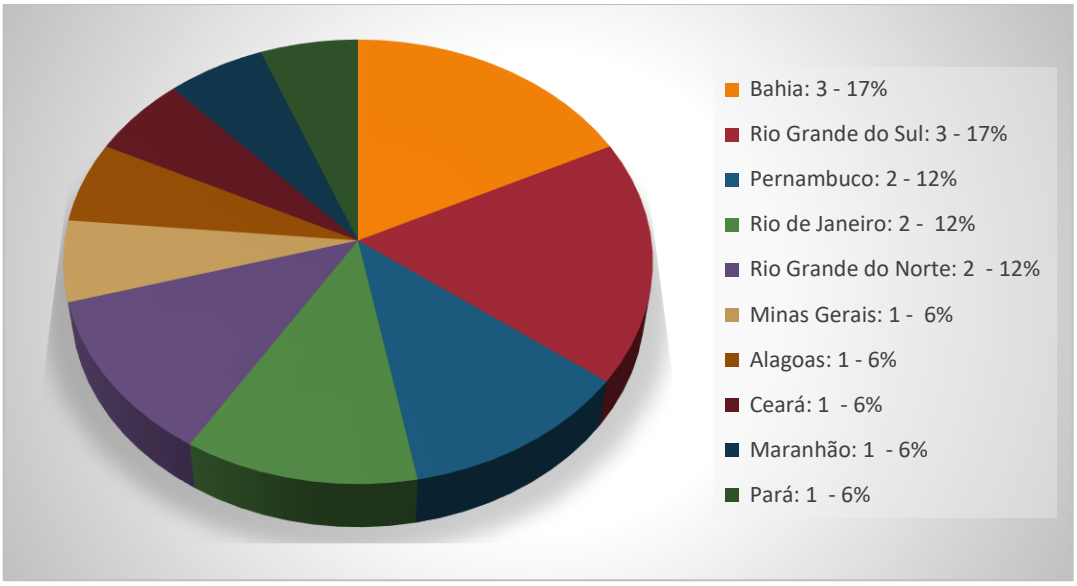

Gráfico 7 – Distribuição geográfica, da Amostra 1, por estado de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

Dos 26 estados que compõem o Brasil, dez encontram-se representados pelos griôs que formam esta amostra. O Gráfico 7 denota que há uma certa proporção entre os diversos estados representados, observando-se com isso um bom equilíbrio na distribuição da amostra por local de origem. Todavia, dado o reduzido tamanho da amostra, assume-se as suas limitações ao nível da representatividade dos diversos estados brasileiros. Por isso mesmo, optou-se por tratar esta variável também a partir da distribuição por regiões de origem (Gráfico 8), dada a importância deste tipo de unidade territorial para a compreensão das dinâmicas económicas e sociais do país. Para além de agrupar automaticamente certos estados na mesma região, esta opção permite obter uma outra perspetiva da distribuição dos sujeitos da amostra por origem geográfica, conferindo-lhe maior representatividade.

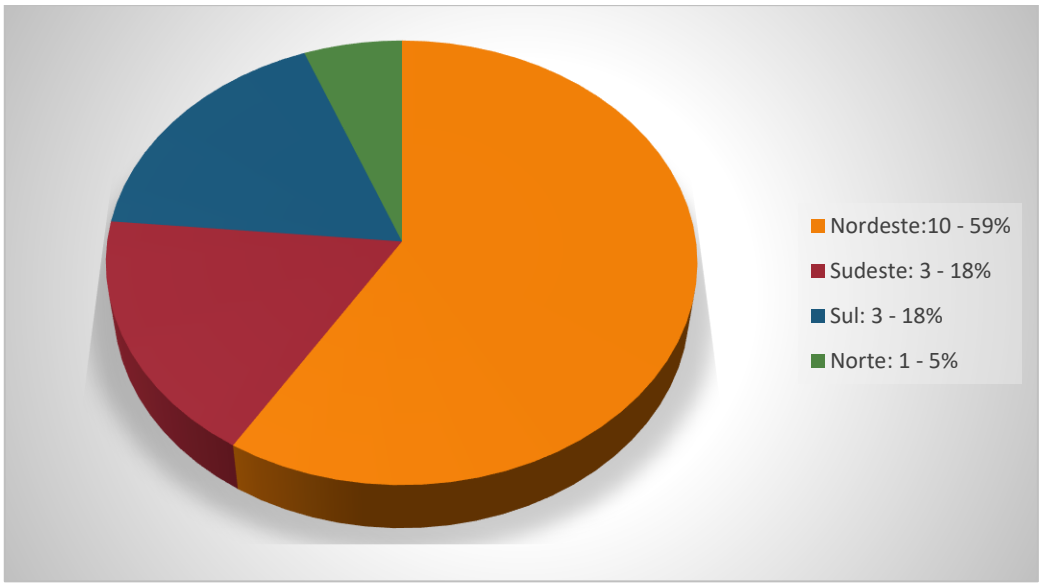

Gráfico 8 – Distribuição geográfica, da Amostra 1, por região de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

A observação do Gráfico 8 permite perceber que todas as regiões brasileiras estão representadas, à exceção da região do Centro-Oeste, tradicionalmente conhecida pela sua baixa densidade populacional, a despeito de ser a segunda maior região em extensão de área.

5.1.2. Caracterização da Amostra 2 – comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços

A. Género

O Gráfico 9, que caracteriza a Amostra 2 por género, demonstra que dos 13 sujeitos constituintes da amostra, 8 são homens e 5 são mulheres.

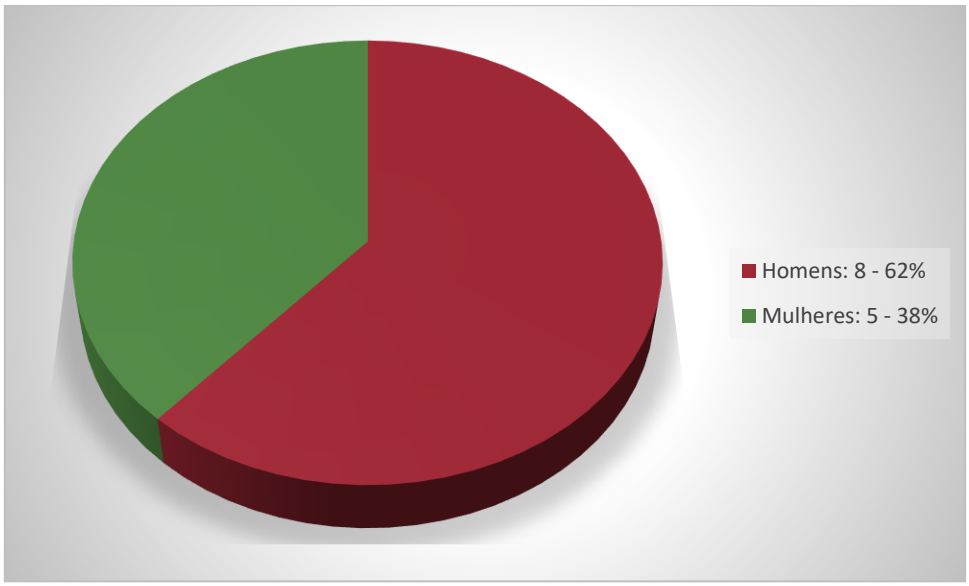

Gráfico 9 – Distribuição da Amostra 2 por género.
Gráfico elaborado pela autora.

Percebe-se que há, em termos de género, uma predominância de sujeitos homens. Esta predominância se revela na proporção de 62% para homens e de 38% para as mulheres. No entanto, percebemos que a desproporção entre géneros é menor por comparação com a Amostra 1.

Isso se deve provavelmente porque a Amostra 2, constituída a partir das narrativas coletadas em tempos mais recentes, reflete a preocupação da direção do Museu da Pessoa em dar voz às diversas minorias sociais, o que significa que houve uma busca ativa por mulheres que atuavam no comércio das cidades contempladas com as gravações entre 2020 e 2021. A maior presença de mulheres como sujeitos narradores foi buscada de forma ativa e consciente, buscando estabelecer um certo equilíbrio entre homens e mulheres, por orientação da direção do Museu da Pessoa de trabalhar com um conjunto de entrevistados que refletisse a própria diversidade que a instituição demandava à época.

B. Faixa etária

Pelo Gráfico 10, podemos observar, que, em termos de faixa etária, praticamente metade da Amostra 2 apresenta sujeitos nascidos entre os anos de 1950 e 1960, perfazendo um total de seis pessoas, assinalando 46% da amostra. Por sua vez, as décadas de 1970, 1980 e 1990 apresentam a mesma quantidade de sujeitos entrevistados, duas pessoas cada, o que corresponde, no conjunto dessas três décadas, a 45% da amostra. Apenas uma pessoa não mencionou a data de nascimento, o que equivale a 8% da amostra.

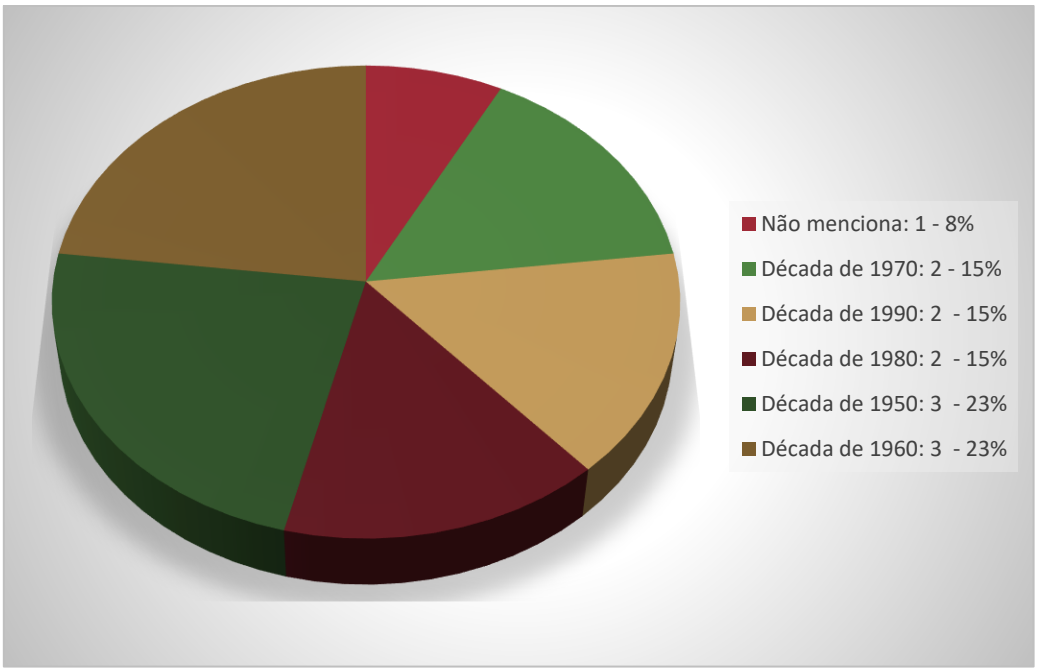

Gráfico 10 – Distribuição da Amostra 2, por faixa etária, de acordo com a década de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

Por estes dados, podemos afirmar que se trata de uma amostra que traz todos os sujeitos entrevistados em plena atividade laboral. No entanto é importante salientar que, no âmbito do projeto *Memórias do Comércio*, este não é um parâmetro para a escolha dos entrevistados. Isso nos leva a inferir, que, mesmo a pessoa já obtendo idade para requerer a aposentadoria, ainda não o fez, possivelmente, por razões diversas, entre elas as dificuldades inerentes à solicitação do processo de aposentadoria e a queda do poder aquisitivo após o sujeito retirar-se.

C. Nível de escolarização

O Gráfico 11 aponta que, dos 13 trabalhadores do setor comercial, apenas três pessoas da Amostra 2 cursaram apenas o primeiro ciclo do Primário (1ª a 4ª série) – cerca de 23% da Amostra 2 –, ao passo que quatro entrevistados obtiveram sucesso ao terminar o curso Secundário, constituindo 31% da Amostra 2. Por outro lado, um número significativo de sujeitos – cinco no total – pôde frequentar um curso de Graduação, perfazendo 38% da Amostra 2. Apenas um sujeito não fez menção ao seu nível de escolarização.

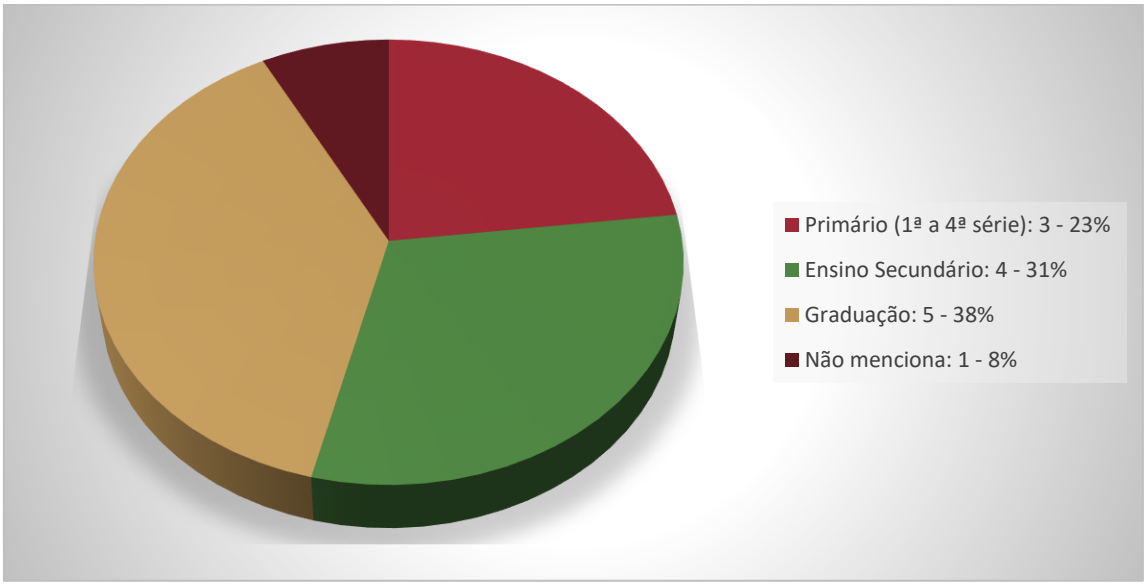

Gráfico 11 – Nível de Escolarização da Amostra 2.
Gráfico elaborado pela autora.

O facto de que 38% dos sujeitos da Amostra 2 terem finalizado curso superior nos levaria a crer que houve uma melhoria nas condições gerais para que grupos sociais subalternizados acedessem com maior êxito a uma profissão. No entanto, quando se vai ao nível das narrativas, percebe-se que somente um sujeito narrador teve como opção fazer um curso superior que o levasse a uma profissão. Em todos os outros casos, os narradores já exerciam determinadas profissões e foi justamente isso que demandou o ingresso em uma faculdade, normalmente cursada a noite e após o período laboral.

Além disso, o percentual de pessoas com curso Secundário é praticamente o mesmo de pessoas com curso Superior. A justificativa para estes dados possivelmente reside na constatação de que na atividade comercial, é possível trabalhar sem ter uma formação

mais sofisticada. A mesma justificativa pode explicar o percentual de pessoas que trabalham no comércio e que não tem formação básica completa.

D. Origem étnica

O Gráfico 12 aponta-nos que, dos 13 sujeitos narradores, todos são afrodescendentes, o que perfaz 100% da Amostra 2. Importante salientar que diferentemente da Amostra 1, não há na Amostra 2 representantes indígenas.

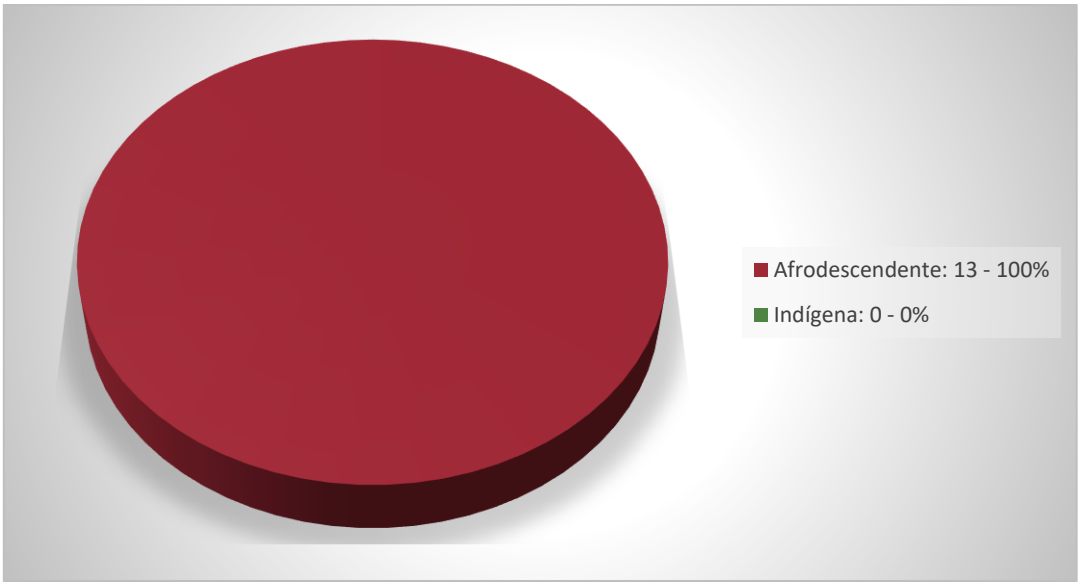

Gráfico 12 – Origem Étnica da Amostra 2.
Gráfico elaborado pela autora.

Como já mencionado no Capítulo 4, em específico na secção que delimita o *corpus* para análise deste trabalho de tese, optou-se por selecionar especificamente sujeitos subalternizados, afrodescendentes ou indígenas, todos respondentes à questão "O que o Sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?"

Desta feita, a seleção para compor a Amostra 2 levou, amplamente em consideração, a possível presença de sujeitos afrodescendentes ou indígenas. No Brasil, os povos indígenas tradicionalmente vivem em Terras Indígenas, território delimitado pelo Governo Federal. Muitas vezes, este território está ocupado por mais de uma etnia, trazendo também conflitos e animosidades. A despeito do deslocamento dos indígenas para as cidades próximas, com o intuito de realizar atividade de venda de artesanato (bolsas, colares, pulseiras, brinquedos e cestos) ser bastante comum, ela se dá de forma

inconstante e sazonal, não tendo sido possível à equipa do Museu da Pessoa localizar representantes indígenas para figurarem neste módulo do projeto.

E. Distribuição Geográfica

Por sua vez, pelo gráfico abaixo (Gráfico 13), podemos perceber que há uma concentração de sujeitos respondentes oriundos do Estado de São Paulo, 11 sujeitos para ser mais exato. Ao passo que somente outros dois estados se fazem presentes na Amostra 2. São eles o estado do Paraná e o estado de Minas Gerais, cada qual com 1 representante.

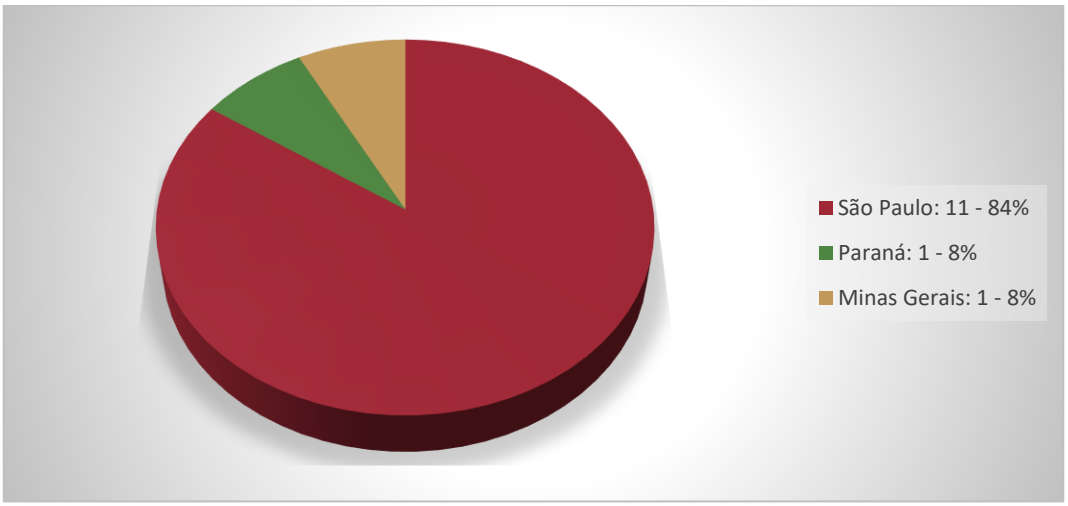

Gráfico 13 – Distribuição geográfica, da Amostra 2, por estado de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

Estes números nos mostram que, na Amostra 2, há baixo percentual de pessoas que se deslocaram de um estado ao outro. Por esta observação, podemos inferir que a maior parte dos entrevistados vem de famílias que habitam o estado de São Paulo há tempos, não tendo necessidade de locomoção para busca de melhores empregos ou melhoria da qualidade de vida. Esse foi o caso, por exemplo, dos dois narradores que nasceram em outros estados e buscaram melhores condições de vida migrando para o estado de São Paulo juntamente com as suas famílias.

Isso pode dever-se ao facto de que o projeto *Memórias do Comércio: rumo ao Oeste Paulista* se circunscrever à realidade do Estado de São Paulo – em específico nas cidades de Bauru, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, não havendo necessidade de gravações em outras unidades federais.

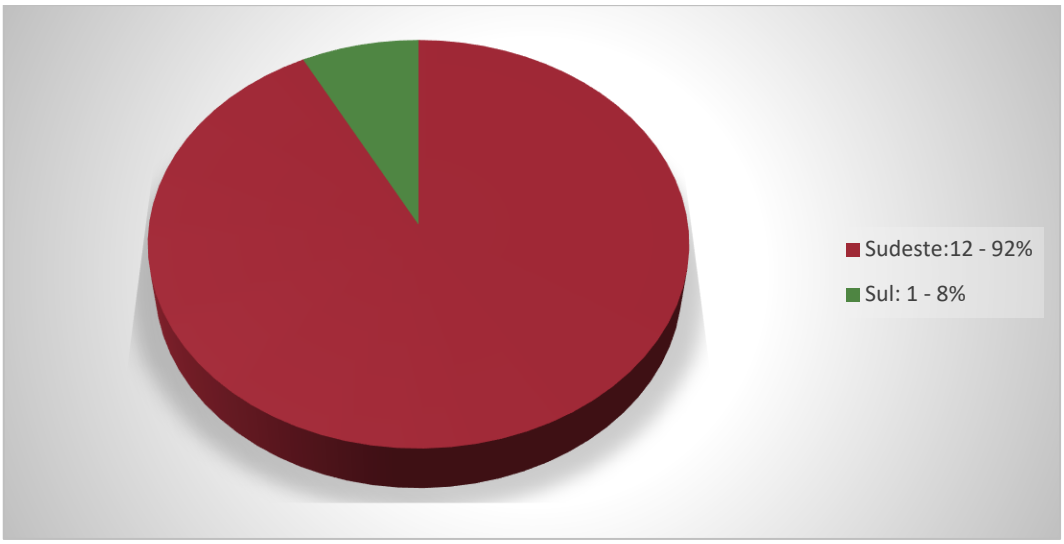

Gráfico 14 – Distribuição geográfica, da Amostra 2, por região de nascimento. Gráfico elaborado pela autora.

A justificativa acima apontada é corroborada pelos dados do Gráfico 14, no qual percebemos que a Amostra 2 é maioritariamente formada por pessoas nascidas na região Sudeste. Isso evidencia o caráter eminentemente regionalista não só da Amostra, como também do próprio projeto em questão.

5.2. Tratamento dos Dados das Entrevistas

As amostras foram caracterizadas tendo em conta as seguintes variáveis demográficas: género, a faixa etária (em função da década de nascimento), o nível de escolarização (usando para o efeito os níveis do sistema escolar brasileiro à época da sua frequência), a origem étnica e, por fim, a origem geográfica dos sujeitos das amostras. Cumpre agora avançarmos para o tratamento do conteúdo das entrevistas, a partir da leitura interpretativa e crítica das narrativas que as mesmas encerram. Esta leitura conduziu à criação de categorias, de modo a proceder-se a análise.

As transcrições das narrativas/entrevistas, que estavam disponíveis na íntegra na plataforma do Museu da Pessoa, foram organizadas em categorias e tabelas, a partir de trechos que indicassem respostas às nossas questões de investigação. Após uma leitura atenta de todo este conteúdo, optou-se por trabalhar com documentos em formato de tabela, utilizando-se para isso o processador de texto do Pacote *Office*[342].

[342] As referidas tabulações encontram-se na secção Anexos da presente tese.

Deste feita, definimos dois eixos de análise, que descreveremos abaixo.

A - Primeiro eixo: trajetórias de vida

Este eixo trata de organizar as trajetórias de vida em temas que buscam compreender, do ponto de vista do entrevistado, as suas origens, as principais atividades vivenciadas na infância, a inserção ou não no sistema de ensino formal, os primeiros trabalhos desenvolvidos (independente de remuneração ou não), assim como considerações sobre as atividades que estava a realizar à época da entrevista. Estes temas foram elencados a partir de uma leitura transversal dos conteúdos trabalhados na componente teórica, os quais destacam a desigualdade social no Brasil. Paralelamente, da leitura atenta e minuciosa das entrevistas selecionadas para a Amostra 1, destacamos as memórias nas quais os sujeitos entrevistados não só relataram, como também teceram considerações sobre as origens familiares, o acesso à educação, os primeiros trabalhos e reflexões e/ou descrições sobre os desafios da principal atividade que realizavam à época da entrevista.

Para este eixo, determinamos as seguintes categorias de análise:

A – Origem rural ou urbana: aqui busca-se verificar as condições de vida do sujeito narrador a partir do meio em que ele nasceu e passou boa parte de sua vida;

B – Atividades praticadas na infância em tempo não escolar: a partir desta categoria, podemos verificar se o narrador pôde ou não desfrutar de uma infância na qual os seus direitos básicos estivessem assegurados, tais como o direito ao ensino formal e o direito às brincadeiras, atividades essenciais para a formação do ser humano;

C – Trabalho efetivo: esta categoria buscou determinar o início da vida laboral do entrevistado, chamando a atenção para o facto de que, muitas vezes, o trabalho informal, em especial aquele que se exerce dentro da casa, não é visto como tal;

D – Práticas laborais à época da entrevista: a atividade laboral à época da entrevista foi determinante nas duas amostras para que o sujeito narrador fosse convidado a gravar uma entrevista contando a história da sua vida;

E – Dificuldades da infância – esta categoria procurou identificar quais seriam os possíveis fatores que impediriam os narradores de vivenciarem plenamente a sua infância.

No caso específico dos mestres griô, foram ainda criadas mais duas categorias de análise.

F – Paixão pelos saberes tradicionais: esta categoria, buscou conhecer o significado que a *Ação Griô Nacional* assume para estes narradores;

G – Experiência de reconhecimento e transmissão de saberes na *Ação Griô Nacional*: nesta última categoria, podemos compreender o impacto que a experiência de se tornar mestre griô trouxe para o entrevistado.

B - Segundo eixo: considerações sobre a experiência da entrevista

O segundo eixo de categorização alicerça-se na perceção dos sujeitos da amostra sobre o ato de narrar, buscando identificar as impressões, considerações e reflexões, por parte do narrador/entrevistado sobre o ato de deixar registada a trajetória de vida para um museu virtual. Este eixo é crucial para responder à questão deste trabalho de tese sobre o empoderamento de indivíduos ou de grupos sociais, utilizando a metodologia de história de vida e da disponibilização destas narrativas em meio digital. Deste modo, foram definidas duas possibilidades:

1. Não promove o empoderamento;
2. Promove o empoderamento, sentido e revelado no final da entrevista;

Note-se que, quanto à segunda possibilidade, a nossa investigação não compreendeu o estudo da manutenção deste empoderamento ao longo do tempo, nem os seus efeitos a prazo na vida dos narradores/entrevistados. Ainda que estas questões sejam relevantes e pertinentes, o seu estudo longitudinal e sistemático não caberia no espaço que uma investigação de doutoramento permite. Assim, assumimos desde já que o alcance desta investigação empírica se circunscreve à promoção do empoderamento numa perspetiva imediata.

Para iniciarmos a análise qualitativa de histórias de vida, relembramos que a nossa opção recaiu sobre o método compreensivo. Para chegarmos a esta opção, será útil retomar as escolhas que guiarão a nossa análise. Em primeiro lugar, convocamos a ideia apresentada por Stake (1983) que nos adverte que trabalhar com narrativas sempre envolve um certo grau de subjetividade. Além disso, o referido autor também chama a

atenção para a importância de compreender determinado fenómeno por aquilo que o torna singular, a exemplo das histórias de vida.

Também encontramos em Lima (2016) alguns apontamentos que corroboram com o aspeto desta singularidade, muito bem apresentada pelo trabalho do Museu da Pessoa. Entre estes apontamentos, está o facto de as entrevistas terem sido realizadas com guião estruturado, gravadas em tempo real (presencial e online), com ambientes próprios para tal evento, além da valorização e respeito pela fala do narrador.

Assim, a escolha pelo método compreensivo para realizar esta análise deu-se pelo facto de que ele apresenta a possibilidade de uma leitura ampla, minuciosa e atenta das narrativas. Leitura esta que permite-nos conhecer profundamente uma pessoa, a despeito do facto de algumas destas entrevistas terem sido gravadas há mais de dez anos. O que se pretende é trazer passagens das experiências de vida das pessoas que nos permitam fazer uma reconstrução das referências históricas e sociais dos sujeitos narradores (Pretto, 2011).

A partir destas considerações, passaremos a apresentar e a analisar as narrativas dos sujeitos que compõem a Amostra 1.

5.2 – Na primeira pessoa e em discurso direto: análise das narrativas dos griôs

Para iniciarmos a análise qualitativa de histórias de vida, relembramos que a nossa opção recaiu sobre o método compreensivo. Para chegarmos a esta opção, será útil retomar as escolhas que guiarão a nossa análise. Em primeiro lugar, convocamos a ideia apresentada por Stake (1983) que nos adverte que trabalhar com narrativas sempre envolve um certo grau de subjetividade. Além disso, o referido autor também chama a atenção para a importância de compreender determinado fenómeno por aquilo que o torna singular, a exemplo das histórias de vida.

Também encontramos em Lima (2016) alguns apontamentos que corroboram com o aspeto desta singularidade, muito bem apresentada pelo trabalho do Museu da Pessoa. Entre estes apontamentos, está o facto de as entrevistas terem sido realizadas com guião estruturado, gravadas em tempo real (presencial e online), com ambientes próprios para tal evento, além da valorização e respeito pela fala do narrador.

Assim, a escolha pelo método compreensivo para realizar esta análise deu-se pelo facto de que ele apresenta a possibilidade de uma leitura ampla, minuciosa e atenta das narrativas. Leitura esta que permite-nos conhecer profundamente uma pessoa, a despeito do facto de algumas destas entrevistas terem sido gravadas há mais de dez anos. O que se pretende é trazer passagens das experiências de vida das pessoas que nos permitam fazer uma reconstrução das referências históricas e sociais dos sujeitos narradores (Pretto, 2011).

A partir destas considerações, passaremos a apresentar e a analisar as narrativas dos sujeitos que compõem a Amostra 1.

5.2.1 – Primeiro Eixo: trajetórias de vida dos mestres griôs

A – Origem rural ou urbana

A análise do conteúdo das entrevistas permitiu-nos identificar que dez dos sujeitos da Amostra 1 têm origem no meio rural, seis têm origem no meio urbano e, finalmente, dois têm uma origem mista, transitando do rural para o urbano ainda na infância[343].

Meio no qual o entrevistado passou a maior parte da sua vida	Meio Rural	Transição do meio rural para meio urbano	Meio Urbano
Frequência	**9**	**2**	**6**

Tabela 2 – Localização do meio em que o entrevistado, da Amostra 1, passou a maior parte da vida. Tabela elaborada pela autora.

No primeiro caso, são pessoas que vêm de famílias cuja principal ocupação era o trabalho no campo, em especial o plantio de víveres para consumo próprio e para pequenas vendas: mandioca, milho, batata-doce, arroz, feijão, além de algodão, fumo e sisal, um tipo de cipó muito comum no Nordeste Brasileiro. Da leitura destas narrativas, percebe-se o quanto a labuta diária pela sobrevivência, fosse ao sol, fosse à chuva, consumiu o dia-a-dia dessas pessoas e das suas famílias.

[343] Ver Anexo nº 10: Tabulação das entrevistas dos Griôs

Apesar de os griôs serem pessoas com origens predominantemente no meio rural, identificamos um grupo, formado por seis sujeitos, cujos progenitores exerceram pequenos ofícios em meio urbano, tais como sapateiro, correeiro, oleiro, serralheiro, além de funções típicas de funcionário público. A despeito da simplicidade da vida e das dificuldades financeiras inerentes a essas famílias, seus relatos remetem a uma infância menos ocupada pela luta diária pela sobrevivência.

Nesta amostra constituída por griôs, apenas duas pessoas apresentam origens entrelaçadas entre o rural e o urbano. São eles Everaldo e Raimunda. À época da gravação das suas entrevistas, ambos atuavam na *Ação Griô Nacional* como Griô Aprendiz, desenvolvendo atividades de aprendizagem junto a um Mestre Griô da sua região.

Importante ressaltar que tanto Everaldo como Raimunda, para além de serem os mais jovens desta amostra, evidenciaram afinidades com os movimentos sociais e coletivos das suas áreas de residência em período anterior ao ingresso na *Ação Griô Nacional*. É deles que vem uma perceção comum sobre a importância da iniciativa da *Ação Griô Nacional*, que busca não só valorizar os conhecimentos tradicionais da cultura popular brasileira, como também reconhecer que esses conhecimentos só se preservarão na transmissão de geração para geração, ou seja, de um Mestre Griô para um Griô Aprendiz[344].

B – Atividades praticadas na infância em tempo não escolar

Quando questionados sobre a infância, um número significativo de griôs referencia o trabalho em tenra idade, como pode observar-se na tabela abaixo.

Atividades praticadas na infância	**Somente Brincadeiras**	**Trabalho na roça**	**Trabalho doméstico (em casa)**	**Brincadeiras e trabalho**	**Não menciona**
Frequência	**5**	**5**	**2**	**2**	**3**

Tabela 3 – Atividades mais praticadas na infância, da Amostra 1.
Tabela elaborada pela autora.

Dos dez griôs que mencionaram ter trabalhado na infância, cinco afirmam ter trabalhado na roça ajudando a família, dois afirmarem ter trabalhado dentro de casa em serviços domésticos, e outros dois alegaram ter conseguido conciliar o trabalho com algumas brincadeiras em determinados horários. Três dos griôs não mencionaram aspetos

[344] Retomaremos esta questão oportunamente.

da sua infância, enquanto foram cinco os entrevistados que referiram somente brincadeiras na sua infância.

Além disso, as recordações da infância trazem lembranças das brincadeiras que se faziam antigamente: bolinha de gude, bonecas, danças de roda, e, às vezes, brinquedos mais refinados, tais como bonecas de reconhecida marca industrial e livros infantis. Como resultado direto da origem familiar e do local em que a família residia, essas pessoas tiveram um acesso maior aos estudos formais, o que significou permanecer mais tempo na escola.

C – Trabalho efetivo

Quando questionados sobre trabalho efetivo, cinco entrevistados consideram que começaram a trabalhar ainda na fase da infância e oito foram os entrevistados que iniciaram sua vida laboral na fase adulta. Apenas dois entrevistados consideram que começaram a trabalhar na fase da adolescência, ao passo que dois dos narradores não mencionaram nada a respeito.

Início do trabalho efetivo	Criança (Até aos 14 anos)	Adolescente (entre 15 e 21 anos)	Adulto	Não menciona
Frequência	5	2	8	2

Tabela 4 – Primeiros trabalhos efetivamente desenvolvidos, pelos entrevistados da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora.

Sobre o facto de um número considerável de griôs ter iniciado a sua vida laboral entre a infância e adolescência, podemos levar em consideração que, nesta época, era comum as famílias solicitarem ajuda das crianças mais velhas para ajudarem na lavoura. A despeito da idade e da compleição física ainda não serem adequadas, muitos pais exigiam dos seus filhos uma produção similar à de um adulto.

Somente em tempos recentes é que o trabalho infantil passou a ser considerado inadequado, tendo os governos mais recentes desenvolvido políticas públicas que buscam incentivar a permanência de crianças e adolescentes na escola.

Importante registar que ainda persiste na sociedade brasileira a desvalorização do trabalho efetuado dentro da casa. Sinal disto é que, destes seis entrevistados que declararam fazer trabalho quando criança, duas mulheres declararam ajudar nos afazeres domésticos quando crianças, mas não consideram que este seja um trabalho de facto. No

caso destas duas entrevistadas, Ana e Joana, elas distinguem o serviço doméstico da atividade laboral, ou seja, o serviço realizado fora de casa. Para estas duas narradoras, a atividade laboral teve início após o casamento e estava voltada, especificamente, para ajudar os maridos nos afazeres da agricultura.

D – Práticas laborais à época da entrevista

A maioria dos narradores, todos entrevistados em 2007, declarou ser sua principal atividade laboral, a participação na *Ação Griô Nacional*. A partir da tabela abaixo, podemos inferir que dos 17 griôs entrevistados, 15 deles exercem atividades regulares como mestres griôs, dedicando-se com intensidade às atividades propostas pela *Ação Griô Nacional*.

A importância da *Ação Griô Nacional* nas suas vidas revela-se pela perceção que cada um deles traz sobre sua participação na iniciativa, ao falarem sobre a valorização dos saberes tradicionais, o reconhecimento por meio do título de mestre griô, o pertencimento a uma rede de conhecimentos tradicionais, a importância da transmissão destes conhecimentos para as gerações mais novas, entre outras. Essa perceção pode ser inferida a partir do papel que cada um dos narradores exercia à época da entrevista em relação à *Ação Griô Nacional*, como se apresenta na tabela abaixo.

Trabalho à época da entrevista	Mestre Griô	Griô Aprendiz
Frequência	15	2

Tabela 5 – Menção aos trabalhos como mestre griô e/ou griô aprendiz, à época da entrevista, da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora.

As narrativas sobre este assunto são variadas, embora todas conduzam a um denominador comum: a valorização das práticas culturais desenvolvidas pelos entrevistados. Ainda que com certa humildade ou certa ingenuidade, os Mestres Griôs compreendiam o quanto o seu conhecimento tácito e as suas práticas são importantes e dignos de reconhecimento, merecendo esforços para a continuidade dessas tradições.

E – Dificuldades da infância

Destas narrativas, provinda, dos sujeitos que compõem a Amostra 1, emerge um Brasil eminentemente rural, terra de gente simples e trabalhadora, que lutava e ainda luta para tirar o sustento da terra e sobreviver. Nascer e crescer no meio rural brasileiro implicava, para a maior parte das pessoas, ter uma vida de sacrifícios, independentemente da idade. As escolas, quando existiam, eram sempre longe e demandavam tempo e energia para a deslocação diária. Além disso, muitas delas só apresentavam classes para a parte do ciclo primário, atendendo crianças até aos 11 anos de idade.

A vida no campo em meados do século XX, no Brasil, trazia inúmeros desafios. Um deles era fintar um destino certo: ser agricultor, como os pais. Foi o que relatou Aparecido, ao dizer que "*Meu pai foi agricultor até os últimos dias. E minha mãe, aos 80 anos, continua agricultora*[345] *[...] e meus irmãos também são*". Com essa afirmação, ele ressalta as dificuldades enfrentadas pela sua família para alcançar ascensão social.

A descrição que o carteiro Durval faz sobre a sua infância também revela suas raízes profundamente entranhadas na vida rural, sendo ele "*nascido e criado na roça"*. Orgulhoso da sua herança humilde, diz ele ser "*filho de gente simples, gente pobre*", o que é reforçado pelo facto de a sua jornada de vida ter sido marcada por um trabalho árduo, sempre "*cultivando a terra*".

Muitas vezes, o trabalho era dobrado. Herculino, cantante da Folia de Reis – uma tradicional festa popular brasileira –, recorda-se que, além das tarefas diárias de plantio, cuidados e colheita, o seu pai também trabalhava com animais de carga. Era necessário então, "*baldear as coisas para a cidade, pois esse era o trabalho dele".*

Isso incluía, para a família de Herculino, o plantio, a colheita e o transporte de diversos tipos de víveres, mas o principal era levar "*arroz, feijão, milho, café."* Além disso, todo o trabalho era feito com força bruta pois "*vendia-se os [porcos] capados também na roça, punha no cargueiro e levava para a cidade, para os açougues. Então, era trabalho manual do caipira, lá na roça. Lavrador, ia fazer de tudo"*

Porém, para as famílias de outros mestres griôs, a realidade mostrou-se mais difícil ainda, com todos os familiares às voltas com a sobrevivência. A infância de Mestre Germano é um desses exemplos. Ele é cantador de cantigas tradicionais da roça, sabe tocar sanfona e cantar músicas diversas, porém é analfabeto. Ele trabalhou duro na roça

[345] Atividade assinalada à época da gravação da entrevista, no ano de 2007.

ajudando os pais, desde menino e, quando sobrava tempo, brincava. Mestre Germano, residente numa comunidade remanescente quilombola do interior do Estado da Bahia, relembrava que, na sua infância, não havia a possibilidade de frequentar a escola, pois a sobrevivência da família era a prioridade.

Ele relatou que o seu quotidiano era dividido entre o brincar e o trabalhar, como se fossem atividades complementares e indissociáveis, pois *"brincava e trabalhava na roça"*. Todavia, quando era menorzinho, isso não acontecia, pois ele *"não aguentava trabalhar na roça, aí brincava"*. Além disso, o acesso à escola foi-lhe negado, pois *"naquela época não usava aula, não tinha escola onde eu morava, era uma roça, não tinha escola, não tinha nada."* Para ele a escola nunca foi uma possibilidade e, talvez para disfarçar aquilo que lhe foi negado em tenra idade, Mestre Germano declara que não demonstrou interesse em frequentar a escola, à época. Para o menino pobre, morador de um quilombo, o aprendizado ocorria principalmente junto aos mais velhos, de modo informal: *"à noite os velhos tinham aquele modo de ensinar para ir dormir: 'Vai rezar pra dormir, meu filho'"*.

Também Benedita, natural do estado de Maranhão, teve a sua infância roubada pelo trabalho na roça da família. O ensinamento sobre o valor do trabalho veio sob a forma de privação e violência: privação, pela proibição de brincar e de participar de festas; violência, por meio de castigos físicos. Ela recordava-se com detalhes de uma surra aplicada pelo pai quando tinha entre seis e sete anos de idade, época em que ela já devia iniciar o seu contributo na roça da família, ao lado da irmã um pouco mais velha: *"A bicha era trabalhadeira, sabia dar conta de tudo. Aí chegou lá [na roça e] ela dizia: 'Benê, levanta Benê, você está com brincadeira eu vou dizer para o papai...'"* E assim que o pai soube que Benê não estava trabalhando a contento, imediatamente veio o castigo: "*ele tirou o cinturão e me deu uma tacada: 'tammm'. Aí, ele disse assim: 'trabalha, tu já está uma menina, com 6 anos de idade, dentro de [pouco] 7. Minha filha, com preguiça de cortar arroz?'"*. Isso ocorria porque, em sua família, *"eram os mais pequenos ficando em casa e os maiorzinhos indo para roça trabalhar"*.

A despeito de sua pouca idade e da severidade de seu pai, ela considerou a surra como uma forma de educação e de transmissão de valores. Benedita estendeu esses mesmos ensinamentos aos seus próprios filhos, afirmando que fica satisfeita com os valores do pai, por ele "*[não] ter deixado eu preguiçosa, porque assim eu ensinei meus filhos e todo*

mundo está vivendo [...] eu agradeço meu pai que me ensinou a trabalhar, e assim eu criei meus filhos, tudo trabalha".

Porém, a infância também pode ser alienada de forma mais subtil, como é o caso das tarefas domésticas que as crianças deviam assumir. Neste sentido, tanto dona Ana como dona Joana, tiveram uma infância permeada pela árdua tarefa de ajudar na lida da casa, seja varrendo o chão, seja fazendo comida. Na casa de dona Ana, as brincadeiras só eram permitidas no final do dia, *"quando já era tarde, era umas cinco horas, seis horas, aí podia brincar"*. Porém, sentiu-se na obrigação de esclarecer que o seu "*pai não a impedia de brincar, não. Brincando, deixava a gente a vontade"*. Essas brincadeiras consistiam basicamente em danças de roda, acompanhadas de cantigas tradicionais, algumas das quais bem conhecidas do cancioneiro brasileiro[346].

Dona Ana também nos conta que é filha de uma dona de casa, enquanto o pai ganhava a vida produzindo carvão. E, embora tenha frequentado a escola até a terceira série, aos 11 anos ela teve de interromper os estudos porque "*não tinha mais grade de estudo"*. Para ocupar o tempo e colaborar para a organização da família, dona Ana também fazia alguns bordados, auxiliava a mãe na produção de doces e na torrefação do café, além de lavar roupa no córrego que corria perto da sua casa.

A história de dona Joana é muito similar à de dona Ana e de inúmeras outras mulheres no Brasil: marcada pela ausência de educação formal, pelo casamento precoce e pela responsabilidade de criar uma família numerosa. Ela se recorda que seu pai nunca a incentivou a estudar, pois temia que ela escrevesse cartas aos namorados: *"nunca me botou pra estudar e dizia que se eu fosse estudar, eu ia fazer carta pro namorado. Hoje em dia eu estou precisando de uma leitura e não tenho. Culpa dos meus pais. Porque ele era carrasco mesmo".*

Em muitas famílias do Brasil rural, a moralidade e os bons costumes eram rigidamente observados, como se recorda Dona Joana: "*Mocinha assim não saía mesmo. Eu, no tempo de moça, era bem vistosa. Ele tinha medo de que eu me perdesse; não queria que ninguém se metesse com a filha dele. [...] Ele tinha todo amor por mim"*.

[346] Das cantigas cantaroladas pela narradora durante a entrevista, está a conhecida *Nesta Rua*: "Nesta rua, nesta rua tem um bosque, que se chama, que se chama solidão. Dentro dele, dentro dele mora um anjo, que roubou, que roubou meu coração. Se eu roubei, se eu roubei teu coração, tu roubaste, tu roubaste o meu também. Se eu roubei, se eu roubei teu coração é porque, é porque te quero bem". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7MrZ2HCelm8 Acesso em 12.01.2024

Dona Joana, que nunca teve oportunidade de estudar, passou sua infância dividida entre a casa da mãe e a casa do pai, já que os dois viviam separadamente. Por volta dos 13 anos, ela foi morar com o pai, que, como já assinalado, temia que ela se enamorasse muito jovem. Diante das dificuldades do namoro, ela tomou uma decisão drástica, "*porque meu pai não deixava de jeito nenhum alguém encostar na porta*. Q*uando eu não aguentei mais, ele estava pegando demais no meu pé, eu fugi, fui embora. [...] Com ele [meu marido] eu tive 14 filhos".*

Por sua vez, Luiz é o único representante puramente indígena deste grupo dos griôs, morador da Terra Indígena Nonoai, Rio da Várzea (RS). Assim como ele, seus pais têm nomes portugueses. Segundo seu Luiz, a sua infância foi permeada pelas ações do então presidente da república, Getúlio Vargas. Uma figura polêmica, que permaneceu como presidente do Brasil por 15 anos, de 1930 a 1945, e, entre outros feitos foi o responsável pela criação de grande parte da legislação que acolhe o trabalhador brasileiro. Para seu Luiz, "*o tempo que o Getúlio Vargas mandava era outra lei. Aquele dava mais atenção no índio*".

Ainda que diversos destes narradores tenham vivido em ambiente urbano, isso não garantiu a todos eles o acesso às benesses de uma educação mais ampla, incluindo o ensino superior, colocando-os também nas franjas da sociedade brasileira. Neste sentido, o relato de Sandro foi importante para compreender o imenso desafio que é a educação dos mais jovens no Brasil, pois, como ele mesmo afirmou, brincava-se muito, principalmente na rua, fazia-se muita "arte", mas também se ia à escola.

No entanto, Sandro assinala que o facto dos seus pais não terem avançado numa escolarização formal, trazia uma mentalidade de que estudar não se fazia necessário – um pensamento muito comum à época. Para muitos, bastava aprender a ler, escrever e saber fazer as quatro operações básicas da matemática. Ele nos conta que o seu *"pai era analfabeto"* e que a *"mãe era semianalfabeta".* Por conta disso, *"a gente tinha inúmeras dificuldades pra se sustentar, pra sobreviver na época".*

É justamente esta condição de pobreza que lhe retira a possibilidade de seguir nos estudos. Assim ele se recorda: *"E, então, meu pai disse que eu ia parar de estudar, é por isso que eu deixei o primário. Eu não consegui ir além do primário, por que meu pai disse pra mim que 'eu fosse parar de estudar e fosse trabalhar'".* A sua mãe tentou intervir, alegando que *"o 'nego' está tão adiantado! Já está no quinto ano!".* Porém, o

pai estava irredutível e selou o destino do filho: "*Mas já está bom de estudar. Já aprendeu a ler e a escrever. E mesmo que 'nego' nunca vai ser doutor. Então, ele vai trabalhar pra ajudar a criar os irmãos dele".*

Outras características dessas famílias que moravam na área urbana-rural do Brasil, nesta época, eram serem famílias extensas, com muitos filhos e filhas, com outros familiares co-habitando, além de algumas pessoas que orbitavam no entorno da família em troca de comida e de um lugar para dormir, os chamados agregados. A exemplo disso, o repentista Gonçalo vem de uma irmandade muito extensa, pois, ao todo, o seu pai teve 20 filhos, nem todos com a sua genitora. Ele afirmava que o seu "*pai era muito bonito e arrumou uma negra e deixou a minha mãe. Eu sou filho caçula dela, mas além de mim, o meu pai tem mais 14 com outra criatura"*.

Assim, ele foi criado entre as duas casas e pôde conviver com todos os irmãos. Seu pai, além de serralheiro, também sustentava os dois lares emprestando dinheiro do banco e fazendo plantações "*de meia*", ou seja, dividindo com um "*sócio*" o lucro da venda de uma colheita. Certamente foi por meio deste expediente – que aumentava o rendimento da família – que Gonçalo e seus quatro irmãos puderam estudar. Um detalhe importante: sendo a escola distante cerca de 20 quilómetros, o único meio de transporte eram os cavalos, algo que o seu pai, apesar das altas despesas, era capaz de manter: *"Nós conseguimos estudar – porque nem todos os meninos tinham a oportunidade –, que era ir montado a cavalo, não é? [...] a gente ia os quatro estudar juntos e era uma bênção, a professora".*

Já no ambiente estritamente urbano, temos dois representantes nascidos no Rio de Janeiro: Dona Miminha e seu Ignácio. Dona Miminha teve a sorte de dar continuidade aos estudos pelo facto de que sua tia trabalhava para uma família de origem alemã. Declarando que a ela era uma espécie de governanta na referida família, dona Miminha era autorizada a frequentar a casa de "*Mutter Meiner*" e foi lá que ela aprendeu a falar alemão.

A sua entrada formal na escola deu-se após o retorno dessa família para a Alemanha, em 1945[347], época em que terminava a Segunda Guerra Mundial. Nessa época, dona Miminha já sabia ler, escrever e contar. Recordando-se sobre este período, dona Miminha

[347] Também segundo a narrativa de Dona Miminha, quando *Mutter Meiner* quis levá-la para a Alemanha, sua mãe foi contra, permitindo que ela convivesse com a família somente durante o período em que eles moraram no Rio de Janeiro.

afirmou que a sua infância foi deveras feliz e que isso lhe abriu perspetivas, pois "*quando me tornei adulta e passei as adversidades da vida, eu tive muita força com isso, porque a minha infância foi feliz*".

Dona Miminha mudou-se para o Recife, estado do Pernambuco e, após trabalhar muitos anos como cobradora de autocarro, foi trabalhar com um renomado fotógrafo francês, responsabilizando-se pela catalogação da sua imensa obra fotográfica. Foi trabalhando nesta instituição que dona Miminha interessou-se pela história de seus ascendentes, pela história da África e tornou-se mestre griô.

Também morador no Rio de Janeiro, capital do país por diversos anos, Ignácio é adepto das religiões de matriz africana e estudioso da condição dos afrodescendentes no Brasil. Quando jovem, gostava de matemática e fez o curso de Aprendizagem Comercial. Teve loja e fábrica de roupas, tanto no Rio de Janeiro, como em São Paulo. Mas, ao que parece, seu Ignácio realizou-se de facto quando, assim como dona Miminha, passou a estudar a história da África e algumas de suas línguas. São conhecimentos que ele passou a ensinar, de modo informal, numa cidade do interior do estado da Bahia, para onde se mudou em um determinado período de sua vida. A sua dedicação aos estudos sobre os afrodescendentes veio de uma indignação, a partir da observação de uma professora que afirmava que *"infelizmente, nosso povo tem o sangue dos negros que vieram da África. Quando vocês virem um negro defronte, bem grande, vocês corram porque geralmente são tarados".* Essa fala veio a partir de um livro de geografia, de Gaspar de Freitas, que em uma das lições apontava o contributo de cada "raça" para a sociedade brasileira. Indignado, Seu Ignácio revela que *"ela estava falando direto comigo porque vovó era negra, a minha bisavó era do Congo, você entendeu? Aquilo calou em mim e me machucou".* Mas seu Ignácio não compreendia ainda o total significado de algumas palavras, pois "*era muito pequeno. Cheguei em casa e perguntei ao meu pai o que é que era tarado. Meu pai não quis me explicar: "Ah, tarado é um homem maluco". Aí, eu chorei muito...".*

Neste cenário, é importante registar a criação da lei brasileira nº 10.639, datada de 2010, que entre outras questões relacionadas às diretrizes e bases do sistema educacional brasileiro, inclui no currículo da Rede de Ensino a obrigatoriedade do tema da história e da cultura Afro-Brasileira. A despeito da criação da lei ser recente, Ignácio, a fim de exorcizar os fantasmas do passado ou de melhor compreender a presença de

afrodescendentes no Brasil, nos conta que realizou de forma independente os seus estudos sobre a história e a cultura da África. As suas considerações evidenciam a falta de autores, produções académicas e textuais sobre a questão[348], incluindo também as atualizações destas informações. Assim, no começo das suas pesquisas, ele começou "*a compreender que a África para fins de estudos, foi dividida em duas grandes partes: da linha do Equador pra baixo, seriam todos Bantus, e da linha do Equador pra cima, seriam todos sudaneses. E o Sudão, o Sudão é um dos maiores países da África. Então, aquela região toda era o Sudão, eram sudaneses, a língua de origem sudanesa*". No entanto, na atualidade, seu Ignácio afirma que *"hoje, eu já entendo diferente*".

Também oriunda do Estado do Rio de Janeiro, porém de uma cidade do interior, Antónia é formada no curso superior de Educação Física. Ela assinala que seus familiares estudaram até a quarta-série no máximo, mas, que pelos laços que a família manteve, tratava-se de um núcleo familiar diferenciado. Eles reconheciam a importância e o alcance da cultura dos afrodescendentes, o que os levava a ter uma capacidade de compreensão da sua realidade de forma mais crítica, buscando as melhores formas de agir em comunidade, em prol da sua etnia.

Isso leva Antónia a reconhecer a dificuldade que havia – e que ainda há – para as famílias negras progredirem, destacando que: *"nós, enquanto negros brasileiros, a gente tem uma dificuldade muito grande em tudo, a família negra brasileira, ela é uma família que tem muitas dificuldades, tudo pra gente é difícil, é uma luta todo dia, todo instante"*.

São essas considerações de Antónia que nos aproximam da importância da *Ação Griô Nacional* e a questão das ações de reparação e valorização dos conhecimentos das pessoas afrodescendentes. É neste sentido que o capoeirista Bartolomeu, afirmava, à época em que estas entrevistas foram gravadas, que se tratava de "*um momento de revolução, de revolução"* pois "*a ideia dos pontos de cultura, a ideia dos Mestres de valorização da cultura popular dos Griôs, é um momento muito importante"*.

Tratava-se não só de um momento de valorização da cultura popular, mas também se abria uma brecha para o trabalho cultural em comunidades desfavorecidas, justamente

[348] Somente em 2010 é que foi lançada em língua portuguesa brasileira a coleção produzida pela Unesco intitulada História Geral da África. Compilada ao longo de diversos anos da década de 1980 – e incluindo quase 40 investigadores, muitos que são oriundos de países africanos –, a referida publicação é disponibilizada para download de forma gratuita. O material é largamente utilizado nos cursos de graduação e pós-graduação em História e serviu de ponto de partida para outras investigações.

aquelas que estão nas franjas da sociedade brasileira e que retratamos tão detalhadamente na componente teórica.

Além disso, Bartolomeu relata a ligação entre as comunidades carentes e as suas possibilidades de transformação, por meio das políticas culturais engendradas pelo Ministro Gilberto Gil, ao detalhar a realidade da população nas imediações do Ponto de Cultura, a qual ele representa. Ressalta que "*o índice de desenvolvimento humano é baixíssimo, a criminalidade altíssima, prostituição infantil, drogas, gravidez precoce. Todos os males desses dentro de uma comunidade que só era vista até então nas páginas policiais".* A transformação desta densa realidade foi se fazendo por meio de *"uma ação social, de uma forma de instituição civil organizada"*.

Porém, falando sobre a sua infância, Bartolomeu, a despeito da simplicidade da vida, ressalta que o seu sucesso no campo dos primeiros estudos foi a presença e persistência da sua avó, como se fosse *"uma anunciação"*. Era ela que *"tomava as lições"* e, apesar desses estudos serem "*aquela leitura meia decorada, daquela cartilha",* ele tomou "*gosto pelo estudo*". Nos momentos mais difíceis, o principal motivo para se ir à escola era a merenda escolar, mas, como sempre gostou de estudar, diz com orgulho "*sou filho de escola pública*" e conseguiu chegar até à faculdade. Ressalta ainda: "*e eu sempre gostei e fui estudando, e graças a Deus*".

Foi o jovem Everaldo quem nos falou sobre o advento dos movimentos sociais no Brasil – assunto amplamente discutido na componente teórica – a partir da vivência de sua família. Ele, que nasceu na década de 1990 e foi criado somente pela sua mãe, teve uma infância e adolescência com a forte presença dos avós maternos. Aos 12 anos, foi líder da Pastoral da Criança e, em 2004, participou da iniciativa de implantação da biblioteca comunitária em sua localidade. Em 2006, Everaldo fez a inscrição desta instituição no 1º edital da *Ação Griô Nacional*.

Everaldo passou a sua infância a brincar com seus amigos, seja na rua, seja na praia da cidade em que morava quando criança. A sua família nuclear e expandida era composta pela sua mãe e pelos seus avôs maternos. Por ter sido criado somente pela mãe, ela é a sua maior referência. É a ela que Everaldo credita a sua participação nos movimentos sociais da sua localidade, pois a sua genitora era, notadamente, uma liderança comunitária. Por sua vez, ele "*já trabalha há uns seis ou sete anos com isso. [...]Então,*

eu devo isso a ela. O trabalho que eu desenvolvo hoje, eu devo, isso, à experiência dela. Ela foi minha mestra", completa Everaldo.

As tradições e crenças da sua localidade são explicadas pelas "visagens" que serviam *"para justificar algumas coisas que não tinham explicação ou para dar um impedimento para as pessoas, para não fazer o que queria"*. Um dos exemplos é ir para a beira do rio e "*pedir permissão para a Mãe-d'água*", para fazer determinada atividade. Esse era um respeito que ele, mesmo quando "*era pequeno, seguia mesmo"*.

Mas Everaldo também traz importantes informações sobre o anseio de mudança na localidade em que mora, em especial, no campo escolar. Relata ele que, na comunidade, é muito importante a *"força da mulher"*, pois foram elas que se organizaram para receber capacitação da capital do Estado. Elas não queriam que *"os filhos fiquem igual à gente, analfabeta"*. A união dessas mulheres estendeu para todos o segundo ciclo do Primeiro Grau. Além disso, *"elas conseguiram construir uma escola. A primeira escola daqui"* e mobilizaram esforços para limpar o cemitério e a praia também.

Na narrativa de Raimunda, outra jovem griô, o teatro – que é o seu saber – surgiu no contexto da reorganização estatal e identitária do Estado de Roraima, que até 1988 era um território nacional[349]. Isso resultou na transferência de muitos funcionários públicos para outros locais, desmobilizando as ações sociais. Para Raimunda, unir-se ao grupo de teatro era uma forma de resistência: "*a gente se juntou e construiu o grupo [de teatro]: 'Vamos começar. Então vamos juntar as nossas experiências*.' *E a gente vem nessa caminhada desde o início dos anos 90, porque essa debandada ocorreu depois de 88".* É por conta dessas experiências enriquecedoras que Raimunda irá ingressar na *Ação Griô Nacional* como griô aprendiz, juntamente com dezenas de outros jovens, no âmbito dos chamados Pontos de Cultura.

F – Paixão pelos saberes tradicionais

Das diversas narrativas citadas, as práticas culturais emergem de diferentes formas no ato de rememorar, seja pela paixão desde criança por um instrumento musical, uma dança

[349] O território Federal do Rio Branco, atual Estado de Roraima foi criado em 1943 Seu nome foi atualizado para Território Federal de Roraima em 1962 e, em 1988 no âmbito da nova Constituição, foi que passou a receber a denominação de Estado, assim como aconteceu com o Amapá. O Brasil teve outros dois territórios, o Território de Fernando de Noronha (atualmente distrito do Estado de Pernambuco) e Rondônia que recebeu esta denominação até 1982. Os territórios representam uma categoria específica de divisão administrativa e respondem diretamente à União, por serem consideradas áreas estratégicas.

ou pelas próprias práticas engendradas na comunidade em que o mestre griô cresceu. Esse conhecimento é o que leva o idoso a ser reconhecido como Mestre Griô.

Por sua vez, Valdomiro nutriu desde a mais tenra infância, uma paixão pelo pife, um instrumento de sopro peculiar. Desde cedo, ele desenvolveu essa habilidade, sempre contando com o apoio e o reconhecimento da sua família e das pessoas que moravam nos arredores do seu povoado. Assim, os mais velhos "*viram que eu era esforçado"* e "*a gente desandou, desenvolveu a tocar o pífano aí até que meu avô montou uma banda de pife, comprou zabumba, comprou caixa, comprou prato, triângulo, montou uma banda de pife!"* A paixão de Valdomiro pelo instrumento não foi passageira e ele estava determinado desde cedo a melhorar, dizendo: "*Eu vou aprender a tocar que é muito bonito"*.

Mesmo após mudar-se para São Paulo, já adulto, em busca de oportunidade de trabalho, ele não se afastou do seu instrumento musical preferido. Foi trabalhando em obras na cidade que ele descobriu uma outra utilidade para os canos de PVC: "*eu fazia o pífano de cano de PVC, porque não tinha bambu, não tinha material pra fazer e eu fazia de cano de PVC. E eu tocava lá dentro da obra lá, o povo ficava admirado!"* E é a partir daí que Valdomiro ganhou fama e respeito. Os colegas diziam-lhe: *'Mas o senhor, por que não vai se apresentar no Sílvio Santos?'"*

Assim como muitos, Aparecido também se recorda que não havia tempo para brincadeiras de criança, "*porque nós, filhos de agricultor, entramos na vida da agricultura logo cedo*" e, por isso, o único lazer permitido era somente o futebol, e, mesmo assim, somente aos domingos.

Para Aparecido, as dificuldades da infância *"eram imensas. Eu levei a vida sempre trabalhando muito, as escolas eram difíceis"*. Por isso, ele alega que é *"autodidata"* pois fez *"até a quarta-série a pulso, não que eu não quisesse estudar, mas eu não tive oportunidade"*. No entanto, orgulha-se de ter se tornado um colecionador de livros e de ter uma biblioteca com quase 300 exemplares. Sobre o seu saber, as cantorias de vertente cordel, ele alega que "*todo nordestino sabe [fazer os versos]. Todo, não?"* [...] Uma grande parte tem uma "*tendência à poesia de repente, de violeiros, de emboladores de pandeiro, aboiadores e até bebedores de cachaça no pé do balcão"*.

Aparecido também se recorda do período em que começou a compor seus primeiros versos, acompanhados de sua primeira viola, considerando que *"Violeiro é tido como*

preguiçoso, cantava para ganhar dinheiro mais fácil". A resistência veio da própria família, quando o pai pergunta: "*Meu filho, e isso presta?*", ao que ele responde "*Um dia, o senhor vai ver se presta*". Aparecido ainda relata que *"ele viveu o suficiente para ver eu gravar o meu primeiro disco, ter programa no rádio AM durante 18 anos. E ele viveu o suficiente para ver se prestava ou não".* Aparecido entremeou a vida de violeiro com diversos trabalhos, pois *"no começo, as dificuldades para você conseguir as apresentações são terríveis. Eu cantava e trabalhava com aquilo que aparecesse".*

Especificamente sobre a capoeira, Bartolomeu retoma a própria narrativa de estigmatização do capoeirista – também associado às comunidades de afrodescendentes. Nos antigos códigos penais brasileiros, a prática desse tipo de manifestação popular estava associada à vagabundagem, à falta de trabalho específico e registo em carteira de trabalho. Para Bartolomeu, isso se deu porque "*o escravo agora estava liberto e ele virou desocupado e os mais poderosos usavam os capoeiristas pra matar, serviço de capangagem, de comprometer, de forçar uma pessoa a votar, a cobrar*". É a perceção dos abusos engendrados pelos coronéis – que eram as lideranças políticas da época – que o leva à afirmar de que o "*capoeirista é um marginal, um perseguido, um condenado, mas a capoeira foi resistindo, resistindo, e como forma de resistência cultural está até hoje pelo mundo afora*".

G – Experiência de reconhecimento e transmissão de saberes na *Ação Griô Nacional*

Apesar de ter concluído apenas a primeira etapa do Primeiro Grau, Durval reconhece a importância crucial da transmissão de conhecimentos e valoriza o trabalho da *Ação Griô Nacional*, ao afirmar "*a minha ideia é tocar para eles, ensinar bater uma tabaca, a tocar um afoxé, um triângulo, uma "ponderola"; [...] um bate certo, o outro bate errado, mas com o tempo eu sei que eles aprenderão"*.

Para Joana, a alegria das festas populares, das danças e das comidas dos tempos de juventude, foi ficando para trás; cada dia na vida de adulta era um dia de labuta, um dia de luta pela sobrevivência. Essa alegria só foi retomada com o ingresso na *Ação Griô Nacional*, que valorizou o seu conhecimento sobre as tradicionais cantigas de roda: *"pra mim é uma alegria que Deus mandou pra mim! Eu não esperava que eu ia ser [mestre griô]."* Dona Joana remete à sua crença em Deus e em Jesus Cristo pela oportunidade

que surgiu em sua vida ao afirmar: *"É como diz a música: 'Por eu ser tão pequenina, me deixaram para o fim; por eu não saber falar, meu Jesus fala por mim'".*

Ser mestre griô foi algo que seu Germano se apropriou com o tempo. Nas suas reflexões, Mestre Germano define que ser griô equivale a ser o elo entre as gerações, cujo principal papel é definido pelos verbos "lembrar" e "trazer", trazer do passado para o presente: *"aquela dança, cantar roda, dizer verso, fazer essas coisas pra mim é o que é o griô, é lembrar, é trazer. O griô está vindo pra trazer a lembrança dos velhos, que acabou"*.

O reconhecimento da importância do trabalho da *Ação Griô Nacional* em prol das comunidades mais carentes e da valorização da cultura popular é percebido por Everaldo como algo fundamental para a manutenção da coesão social. Ele afirma que espera que "*com a Ação Griô, que a gente consiga pelo menos resgatar um pouco da essência da comunidade, com a valorização do idoso, com todo o conhecimento repassado para a gente, os jovens"*. Em sua perceção, Everaldo considera importante o facto de que é preciso registar esses saberes tradicionais pois *"a gente quer um pouco da sabedoria deles, que eu acho que é isso que a sociedade precisa hoje, dos valores, dessas coisas"*. O jovem griô afirma que *"às vezes, a gente acaba sendo aculturado por um monte de coisa [...] mas que a gente não esqueça a essência do que é mesmo"*.

Por outro lado, da narrativa de António, que ensinava a cantar e dançar Maracatu, podemos inferir que o momento de participar da *Ação Griô Nacional* é um momento do reconhecimento, da valorização de um saber que é muitas vezes tido por menor. Para ele, estar na *Ação Griô Nacional* é mais do que nunca o momento da redenção, da alegria e do pertencimento a um grupo. Isso porque quando Mestre António era pequeno, enfrentou a autoridade dos pais, pois sua mãe era completamente contra a ideia de ele participar do grupo de Maracatu da sua cidade natal, Buenos Aires, interior de Pernambuco. Essa era uma época em que o Maracatu era muito praticado pelas comunidades negras e, assim como a capoeira, estava associado à malandragem, e à bandidagem. Assim se recorda Mestre António: "*Minha mãe só queria que eu trabalhasse na roça, no roçado. Eu trabalhava, mas aquilo não tinha futuro, não tinha futuro"*. E a mãe retrucava*: "Meu filho, maracatu não tem futuro"*. Ao que ele insistia*: "Mas talvez tenha. Talvez tenha"*.

Para Gonçalo, o envolvimento com a poesia – de onde origina o repente – veio de um convite para participar de evento escolar, no qual teria que declamar um poema, como o

próprio Gonçalo se recorda, "*acho que foi 2 de julho a festa, se não me recordo, de 1944! [...] Com esse poema eu recebi o título do melhor menino da sala. Daí para cá eu fiquei fazendo os poemas"*.

Por sua vez, o desejo de Ignácio é que a sua religião, o candomblé, não seja associada a Satanás, pois "*o africano ensina mais é o amor*" e a *Ação Griô Nacional* se torna o espaço para este tipo de prática pedagógica, ajudando-os "*a descobrir como nós somos importantes uns para os outros*", na lógica da valorização da cultura africana presente no Brasil.

5.2.2 – Segundo Eixo: considerações dos griôs sobre as entrevistas realizadas

Faz parte da metodologia de entrevistas do Museu da Pessoa finalizar as gravações de forma paulatina, levando o narrador a tecer considerações um pouco mais generalizadas sobre a sua trajetória, sonhos a serem realizados e a experiência de ter contado a sua própria história. São perguntas que fazem parte do Guião de Entrevista qualquer que seja o projeto em questão.

São as respostas às questões relativas à experiência de ter contado a sua própria história que nos permite tecer considerações sobre o pertencimento e o empoderamento aquando da realização da entrevista. Desta feita, categorizamos estas respostas em três tipologias que se apresentam na tabela a seguir.

Considerações sobre a entrevista	História de Vida como fonte de Satisfação e Agradecimento	História de Vida como inspiração para as gerações mais jovens	História de Vida como legado
Frequência	6	5	6

Tabela 6 – Menção aos significados que o ato de narrar assume para os sujeitos narradores, da Amostra 1. Tabela elaborada pela autora.

Retomamos neste momento, a questão central do nosso trabalho de tese, que busca compreender se há uma alteração ou não, por parte do entrevistado, seja em nível individual, seja em nível coletivo, sobre o ato de narrar suas memórias. Desta feita, neste segundo eixo buscamos elencar as considerações que os griôs teceram sobre as entrevistas, por meio da pergunta "O que o Sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?"

Em um primeiro momento, identificamos em diversas narrativas um sentimento de satisfação e agradecimento pela oportunidade não só de participar da *Ação Griô Nacional*, mas também pela possibilidade de deixar registada a sua história de vida. Vejamos como isso se organiza para alguns mestres griôs.

Sobre a entrevista propriamente dita, Durval expressa gratidão pela oportunidade que lhe trouxe felicidade e confessa estar determinado a não esquecer este momento, ao afirmar: *"Olha, dizer simplesmente que gostei, é pouco, entendeu? Eu fico feliz da vida por estar aqui com vocês, contando parte da minha história, a gente conta muita coisa, mas acaba ficando algum detalhe aqui e ali. [Esse] é mais um fato marcante que eu não vou esquecer nunca mais".* Além disso, Durval demonstra sua fé ao pedir a benção de Deus para proteger a equipa de gravação: *"que Deus as proteja e lhes dê muita saúde e muita paz e muitos anos de vida para que vocês possam propiciar cada vez mais momentos felizes e gratificantes; e Deus as proteja!"*.

Por sua vez, é evidente que Valdomiro, ao concluir sua entrevista, expressa um genuíno prazer em compartilhar sua história, seja em um contexto formal, como a gravação realizada pela equipa do Museu da Pessoa, como numa roda de conversa com pessoas próximas, ao afirmar que "v*ocê nem sabe que prazer que eu tenho quando as pessoas me procuram pra esse tipo de coisa, entrevista, fazer pergunta sem ser pela reportagem*". Sua narrativa revela não apenas uma jornada pessoal marcada pela paixão pela música e pelo pife, mas também o valor que ele atribui à transmissão de sua experiência e conhecimento para as gerações futuras. Quando Valdomiro nos conta que quando "*junta quatro, cinco pessoas e me faz aquelas perguntas, fica conversando comigo, fica ao redor de mim, manda eu tocar. Pra mim é maravilhoso essas coisas, é muito bom",* trata-se de uma disposição para compartilhar sua história que sugere não apenas um desejo de preservar suas memórias, mas também um senso de gratidão e orgulho por sua trajetória de vida.

Aparecido, sempre muito alegre e com pensamento rápidos, ao término da entrevista, expressou o seu agradecimento, afirmando: "*eu, como pessoa, também agradeço ao Museu da Pessoa. [...] Muito bem*". E cantarolando, despediu-se, demonstrando sua gratidão pela oportunidade: "*Um abraço a todo mundo, gente média, gente boa, gente que vive no alto e gente que vive à toa. E agradecer a todo mundo, sobre o Museu da Pessoa".*

Para dona Ana, tornar-se uma mestra griô representou uma oportunidade de envolver-se com algo diferente, algo que ela e sua comunidade não faziam: "*Porque a gente não fazia uma coisa diferente. Então agora a gente está fazendo uma coisa diferente, conhecendo gente nova, conhecendo mais as colegas*". Para ela, conceder a entrevista ao Museu da Pessoa foi um momento significativo e ímpar, o que a levou a afirmar: "*estou feliz, muito feliz de poder estar aqui, falando um pouco da minha vida para vocês. É o que eu posso fazer, é isso".* Ao que ela acrescenta que *"se eu tivesse mais coisas para contar, eu contaria. Às vezes fica alguma coisa que a gente esquece, não é porque a gente não quer falar, não. Porque minha vida é um livro aberto, certo?*".

Dona Joana, a princípio, parece confundir a iniciativa da *Ação Griô Nacional* com a entrevista que estava sendo gravada pelo Museu da Pessoa, pois quando perguntada sobre a importância de ter participado da entrevista, ela respondeu: "*Minha filha, pra mim é uma alegria que Deus mandou pra mim. Eu não esperava que eu ia ser [mestre griô]. Chegar na altura que estou*". Isso possivelmente ocorreu porque as entrevistas sempre foram realizadas ao longo dos encontros regionais da *Ação Griô Nacional*, uma parceria entre as duas iniciativas. Mas, podemos inferir sobre o ato de conceder uma entrevista quando dona Joana afirma *"[É uma] importância, muita alegria, muita felicidade, muito contente mesmo de conhecer as pessoas que eu não conhecia, como eu estou conhecendo vocês. Estou muito alegre. É muita felicidade. Graças a Deus!"*.

E, para concluir este bloco, identificamos que há um estágio que a devolutiva sobre a entrevista por parte do sujeito narrador traz um início de reflexão no que tange à compreensão da amplitude e impacto de narrar as memórias. É nesse espectro que podemos enquadrar a experiência de Raimunda. Nascida e criada no Rio Grande do Sul, ela mudou-se para o Estado de Roraima em 1990. Na época da entrevista, estava envolvida com o teatro e fazia parte de um Ponto de Cultura.

As considerações finais que Raimunda faz sobre a sua entrevista, embora breves, apontam para um início de reflexão mais profunda, tal como ela nos revela ao afirmar, de forma leve, quase rindo, que foi *"Legal e desafiador, porque tu tem que ficar pensando aqui na... Vocês ficam perguntando coisas que a gente não estava pensando, então tu tem que ir fluindo!"* Talvez uma reflexão mais profunda não ocorreu devido ao tempo decorrido de gravação, ou por conta de outras atividades que se desenvolviam simultaneamente à entrevista. No entanto, essas observações são significativas, pois

levantam a questão do desafio envolvido em olhar e refletir sobre o próprio passado: *"Será que eu esqueci de dizer algo importante? Será que eu... Mas... bacana!"*

Em um segundo momento, ao reler todas as entrevistas selecionadas para esta Amostra 1, identificamos um segundo nível de compreensão do ato de narrar experiências por meio das memórias. Trata-se de um nível que envolve uma reflexão sobre a importância de registar sua história de vida para servir de inspiração para as gerações mais jovens. Neste contexto identificamos cinco griôs que trouxeram este tipo de reflexão.

Sobre sua perceção a respeito da entrevista, Mestre Germano, além de considerar a experiência gratificante, traz o viés do reconhecimento, ao dizer que achou "*importante [essa entrevista] porque pra mim é uma grande coisa".* Ele tem a clara perceção de que sua experiência vai circular entre outras pessoas: *"talvez, quem sabe, amanhã o povo não vai saber: "Você estava proseando lá, eu vi". Que nem lá, eu fiz uma entrevista com o pessoal aí, o povo dá notícia.* Daí a importância da entrevista, pois para ele, *"mais a gente vai crescendo, mais vai ficando reconhecido, o pessoal do lugar que não conhece. Os que conhecem sabem que a gente fez aquela entrevista, sabe que o povo está conhecendo a gente".*

Na avaliação da sua entrevista, dona Benedita reflete sobre a postura correta dos entrevistadores no trato com o entrevistado, demonstrando respeito pelo narrador e interesse pelo que ele diz, uma vez que achou "*bom porque estar conversando com vocês, umas pessoas tudo bem educada, umas pessoas tudo amável com a gente, que vem de acolá para conversar com a gente, [...] de coração aberto*". E ela finaliza afirmando que gostou "*de estar conversando aqui com vocês, dando essa entrevista".*

Dona Mininha, ao final da entrevista, também confunde a *Ação Griô Nacional* com o Museu da Pessoa. Mas, de uma certa forma, ela aproxima as duas iniciativas – uma que valoriza os conhecimentos tradicionais, ao indagar *"então, com a Ação Griô, o que a Ação Griô faz? A Ação Griô resgata aqueles conhecimentos que estavam adormecidos, mas que na realidade a gente não tinha oportunidade de contar, de falar"* e a outra que valoriza as ações de memória, *"porque talvez não interessasse a outras pessoas saber desse conhecimento e querer que o brasileiro continue sem memória, então pra mim a Ação Griô vem resgatar tudo isso, a forma natural de se aprender a viver".*

Sandro, mestre dos tambores, os quais ele alega ter conexão com outros mundos, admira o trabalho realizado pelos entrevistadores, sente-se honrado e tem a clara noção

de que sua narrativa vai circular para muitas outras pessoas, além dos entrevistadores que o ouviram. Como é de praxe que a equipa do Museu da Pessoa finalize a entrevista agradecendo ao narrador o tempo despendido e a disponibilidade de relembrar momentos preciosos de sua vida, Sandro aproveita a oportunidade e retribui este agradecimento, dizendo que se sentiu "*muito privilegiado por vocês me convidar a dar essa entrevista que a partir daí, eu 'tô' falando com o mundo. Tem muita gente que não me conhece e passa agora a me conhecer".*

Sandro tem a exata noção do alcance que a entrevista pode lhe render, pois fala *"que essa mensagem que eu 'tô' dando aqui, que vocês estão me proporcionando, é pro mundo. Eu agradeço essa oportunidade e assim que vocês precisarem de mais alguma coisa, alguma informação vocês têm meu telefone, tem o meu endereço, e pelo amor de Deus, não me abandone, eu preciso de vocês"*.

E, por fim, apresentaremos na sequência as reflexões dos sujeitos narradores, as quais podemos enquadrar no âmbito da História de Vida como uma experiência que gera legado. Percebe-se, ao final da leitura deste bloco, que se trata de reflexões mais profundas e densas, ao tempo em que apontam pistas para a questão do empoderamento por parte dos sujeitos narradores.

Assim, para Everaldo, o ato de gravar uma entrevista vai na mesma direção da ação que ele desenvolve como Griô Aprendiz, quando recebe um conhecimento de um Mestre Griô, conhecimento não-formal, conhecimento tácito, que se apreende fora dos ambientes escolares, pois ele aprendeu que "*conhecimento não se paga para ter. Tem a escola..., mas eu acredito que é isso que vale. O conhecimento é transmitido, a tradição oral tem que ser transmitida, é aquilo que não está escrito, não está na gramática, não está no dicionário.*

Neste sentido ele ressalta a importância da transmissão de conhecimento de geração para geração, porque "*É aquilo que tu vais aprendendo com o teu avô, vais aprendendo com o teu pai, tua mãe, sei lá com quem. Mas eu acho que é isso que fica para a sua vida: é o conhecimento que tem".*

Sobre a entrevista, seu António, além dos tradicionais agradecimentos pela oportunidade, também ressalta a falta de estudos que, no momento da gravação, pode, eventualmente, ser vislumbrada, ao afirmar que "*Quem agradece sou eu. Agora, eu peço uma desculpa, você querer... o analfabeto fala muito errado... Aí quem pede desculpa sou*

eu". E por fim, seu António traz o significado que para ele assume o facto de ter contado sua trajetória de vida, ao afirmar *"para mim é um prazer [...] Quem sabe o quanto eu ganho com isso? Ir para o museu? Depois de morto vou para a terra, mas o meu nome fica no museu. É para mim uma tranquilidade. Só resta dizer muito obrigada!*" Enfim, o menino que fora proibido de participar do Maracatu, sagra-se artista para a eternidade.

Especificamente, no que tange à devolutiva sobre a importância das narrativas, o repentista Gonçalo – ao finalizar a sua narrativa – também parece fundir a *Ação Griô Nacional* ao Museu da Pessoa, colocando-os em um único patamar, ao afirmar que "*eu estou tão feliz de estar aqui no meio de vocês e é uma bênção de Deus [...] e eu me sinto muito feliz por ser escolhido como Griô*". Na continuidade das suas considerações finais sobre a entrevista, considera que "*quem está vivendo aprende, então eu aprendi muito aqui e se eu não tivesse um gravador, eu ia gravar na memória para poder nunca esquecer desse encontro maravilhoso, que tem diversos, que vocês todos brilharam!"*

Na sequência desta fala, ele despede-se da equipa do Museu da Pessoa, afirmando que "*E eu vou me despedir de vocês, com muita honra levando comigo essa recordação e eu espero que nós tenhamos outros encontros"* e em forma de repente[350], ele agradece a todos os componentes da equipa de gravação, dizendo inúmeras vezes a palavra "adeus" e, assim como tantos outros griôs, pede que Deus e Nossa Senhora abençoe os entrevistadores do Museu da Pessoa.

Por sua vez, Ignácio, ao finalizar sua história, agradece a oportunidade de gravar a entrevista, dizendo: *"Ah, eu fico muito agradecido a vocês porque assim também seja alguma coisa que fique registrado para o nosso futuro, o futuro de filhos, de netos, de bisnetos"*. Na sequência ressalta a importância da narrativa para as futuras gerações em termos de conhecimento, para eles *"saberem alguma coisa do Brasil, como o Brasil começou e como ele está agindo, a reação que está tendo, né, isso é muito importante"*.

Sobre a importância da narrativa realizada, o indígena Luiz também agradece e considera que ela foi gravada no momento oportuno: *"Mas eu também 'fico' muito obrigado em te contar um pouquinho dessa história que a gente sabe que, tudo que a gente passou e tem alguma coisa para passar. Porque eu canso de falar que a minha vida está ficando curta, né, com a idade. Que diz que antes da gente começar a caducar e*

[350] Tradicional arte do Nordeste brasileiro, no qual os participantes se alternam dizendo de forma cantada versos improvisados no momento em que se apresentam.

falar bobagem, daí não, tem que [passar] para os filhos que estão se criando hoje, então a gente está tentando fazer eles entender que uma verdade seja uma verdade, e o que não é verdade, não é verdade".

Isso se torna importante para os povos indígenas porque*, "seja como [for] são sempre as pessoas, é preciso assim mesmo para ajudar a criar o povo, né? Que o povo é como a gente está enxergando. [...] Mas eu acho que também vale bastante você pegar uma experiência minha. Porque eu gosto de pegar a experiência de um jovem para mim contar para outro jovem lá. Falei com Fulano de Tal, tipo assim, assim, assim. Para ele ficar sabendo como a gente fala com pessoa de importância"*.

Na sequência, pelas considerações de dona Antónia e de Bartolomeu, ambos formados em curso superiores, podemos entrever as reflexões mais profundas presentes na Amostra 1, sobre a importância do registo dessas narrativas. Neste sentido, a reflexão de dona Antónia vai muito além do agradecimento pela oportunidade da entrevista, quando ela afirma: *"eu que agradeço, né, porque é muito bom a gente falar da gente, falar da nossa história, sabe, falar da nossa cultura, é muito bom isso, tá. Então eu tenho muito o que agradecer vocês também por essa oportunidade, né".* Mais do que uma mera gravação, rotineira, ela considera que *"a gente está tendo oportunidade de estar mostrando as nossas coisas realmente como elas são, né? Então toda oportunidade, é importante a gente tá mostrando isso, porque é uma história de vida, é uma história de um povo, que, sabe, acho que ela tem que ser contada realmente como ela é, porque as nossas histórias sempre foram contadas por outras pessoas, né? Imagina, outras pessoas!*"

Por fim, dona Antónia faz uma síntese da importância de outras narrativas para além daquelas tradicionalmente contadas, chamando atenção para a prática costumeira de apagamento dos corpos negros, ao relembrar a atitude de pessoas brancas pintarem seus corpos e rostos com tinta preta para interpretar personagens negros. Neste sentido, ela se apropria do uso da palavra e das tecnologias disponíveis para a entrevista. A longa citação é relevante, pois também revela o apagamento das lideranças femininas negras no Brasil:

> *A gente viveu situações aí de pessoas brancas se pintarem de negros pra nos representar, e a gente não precisa disso, né? Então a gente, quando a gente tem essa oportunidade de tá falando, tá mostrando as nossas coisas, é tudo que a gente quer, porque a nossa história é uma história, assim, autêntica, linda, linda, linda, linda. O povo negro é um povo que acho que merece, nossos ancestrais merecem todo o respeito porque lutaram muito pra gente tá aqui hoje numa condição ainda não muito boa, mas mais ou menos, né? Então a gente tem muito o que agradecer a esses negros guerreiros que fizeram todo esse trabalho, principalmente as mulheres. A gente, ainda hoje na história, a*

> *gente lembra muito dos homens, né, dos heróis negros, e a gente não lembra muito das mulheres, mas nós tivemos mulheres fortíssimas negras que tiveram, assim, lideranças, né, durante a história, é que não se registrou isso muito* (dona Antónia, 2007).

Sobre o ato de narrar sua própria história, Bartolomeu, capoeirista e também professor de Educação Física, que cresceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, teceu profundas reflexões, em especial sobre o sentido da sua memória e da perpetuação de sua trajetória que a gravação de sua entrevista trouxe. Assim ele reflete,

> *Isso aqui é o verdadeiro divã de psicanálise. A gente faz um retrospecto na vida da gente, e de uma forma digna porque a gente sabe que está fazendo uma retrospectiva e está deixando alguma semente, para que alguém tome como exemplo, tome como lição de vida, não é? Encontre uma informação, siga adiante pela vida, e a gente aqui sente dessa forma, isso é a sensação que eu estou tendo, sabe? É uma situação de permanência, de imortalidade, né? A gente sente mais imortal, porque é mais um registro com uma intenção forte de preservação da memória mesmo, desse povo todo, e que a gente sente de uma importância incrível. Eu vou sair daqui renovado e, e fico mesmo lisonjeado, encabulado, porque vocês ficam querendo tirar da gente o que a gente tem, porque depois a gente vai achando que está tendo coisa demais, aí a gente se acha, sabe? "(*Bartolomeu, 2007).

Além disso, ele ressaltou o quanto a experiência foi benéfica e, como outros griôs, agradece "*pela oportunidade, vocês me fizeram muito bem. Aquilo que eu falei, é uma terapia, eu estou fortalecido pela minha caminhada pela vida, muito obrigado e que Deus abençoe a todos vocês".*

Para encerrar a análise sobre as narrativas dos griôs, sejam eles mestres ou aprendizes, podemos fazer algumas inferências, a partir das categorias acima elencadas. Trata-se de um grupo que, na sua maioria, nasceu e cresceu na primeira metade do século XX, quando o Brasil ainda era um país eminentemente rural e, em muitos aspetos apresentava uma economia arcaica. Viveram, na sua maioria, no campo ou em cidades muito pequenas, onde as infraestruturas públicas se mostravam deficitárias, com ausência de escolas e de um sistema de saúde eficiente. Nota-se ainda a falta de trabalhos mais bem remunerados para os progenitores. Estes aspetos conduziram as pessoas desta amostra a uma vida com condições mais restritas de sobrevivência, e com uma infância na qual se priorizou o trabalho em detrimento dos estudos. Certamente, esta constatação estará relacionada com o facto de a maior parte das pessoas desta amostra serem herdeiros indiretos (afrodescendentes e indígenas) do processo colonial e esclavagista que legou ao país –

como já visto em capítulos anteriores – as condições para a instalação das desigualdades sociais.

A organização do programa *Cultura Viva* e do projeto *Ação Griô Nacional* – aquando do período de Gilberto Gil como ministro da Cultura – propiciou não só o reconhecimento dos saberes tradicionais, mas também o engajamento destes mestres de tradição oral, muitos dos quais estavam isolados nas suas práticas, eventualmente depreciadas pela própria comunidade.

No que diz respeito ao empoderamento dos participantes, nota-se que, quanto maior o grau de escolaridade, maiores são as condições de tecer considerações mais profundas sobre a importância e o significado da narrativa que deixaram registada. Ter claramente a perceção de legado, de inspiração para outras gerações e singularidade é o que nos permite inferir que, de facto, ocorre um certo empoderamento. Porém, trata-se de um empoderamento que se dá imediatamente ou, às vezes, concomitantemente com a entrevista. Para aferirmos se este empoderamento se mantém no médio e longo prazo seria necessário fazer monitorizações às quais o tempo desta investigação não nos permite. Posto isto, passamos à análise das narrativas dos comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços.

5.3. Na primeira pessoa e em discurso direto: análise das narrativas dos comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços

Da mesma forma que ocorreu com as narrativas dos griôs, também analisaremos as narrativas dos comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviço pelo método compreensivo.

5.3.1. Primeiro Eixo: trajetórias de vida dos trabalhadores do comércio

Fosse este um trabalho apenas do campo da História, que procurasse recuperar e refletir sobre as questões de permanência de práticas colonialistas no Brasil, os dados analisados referentes à Amostra 1 bastariam para confirmá-las.

No entanto, como estamos trabalhando a interface entre História e Comunicação, a análise de um outro grupo de narrativas, colhidas mais recentemente, faz-se necessário a fim de consolidar as considerações sobre a importância das narrativas em plataformas digitais e o seu papel no processo de empoderamento de comunidades que estão nas franjas da sociedade brasileira, ampliando desta forma o arco temporal da análise. Isto justifica a análise de narrativas realizadas mais recentemente, tais como as do projeto *Memórias do Comércio: rumo ao interior paulista* que gravou, em modo em linha, 93 entrevistas de comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços ao longo de 2021.

Das 93 entrevistas gravadas, selecionamos, *a priori*, todos os respondentes à pergunta "O que o (a) sr. (a) achou de ter concedido esta entrevista ao Museu da Pessoa?", totalizando 43 narrativas. A partir desta seleção, realizamos um novo recorte pelo viés da origem: ser afrodescendente ou indígena. Assim, chegamos a um total de 13 narrativas para as quais aplicamos a mesma categorização destinada aos mestres griôs, ou seja: origens familiares, acesso à educação, atividades praticadas na infância, primeiros trabalhos e considerações sobre o trabalho à época da entrevista.

Todos os sujeitos narradores estão envolvidos na atividade do comércio e eram, à época das gravações das entrevistas, são proprietários de seus negócios, com exceção de Dandara. Esse facto pode indicar, que, independentemente da origem ou da etnia, o comércio é uma atividade que possibilita a ascensão social. Posto isto, passemos à análise do Eixo 1, que trata das trajetórias individuais.

A – Origem rural ou urbana

Em linhas gerais, podemos afirmar que, dos 13 entrevistados, apenas um passou a sua vida de criança e adolescente inteiramente no meio rural, saindo dessa realidade pelo casamento. Três foram os entrevistados que nasceram no meio rural e migraram para cidades de porte médio ainda na sua infância, e nove entrevistados viveram a vida toda no meio urbano. Este grupo de narradores, que forma a Amostra 2, apresenta características bastante diferentes em relação ao grupo dos griôs, pois é formado maioritariamente por pessoas oriundas do meio urbano brasileiro.

Meio no qual o entrevistado passou a maior parte da sua vida	**Meio Rural**	**Transição do meio rural para o meio urbano na primeira infância**	**Meio Urbano**
Frequência	**1**	**3**	**9**

Tabela 7 – Localização do meio em que o entrevistado, da Amostra 2, passou a maior parte da vida. Tabela elaborada pela autora.

No entanto, à época da entrevista, todos os sujeitos já moravam em cidades que são, na atualidade, metrópoles regionais, em específico Bauru, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto. A vivência desde cedo no meio urbano propiciou, para a maioria dos narradores, acesso aos estudos formais, uma formação mais sólida e extensa, bem como a possibilidade de exercer profissões com melhores remunerações, ofícios notadamente urbanos.

Além disso, ainda que em diferentes épocas, as três cidades citadas se desenvolveram enormemente a partir da implantação da cultura cafeeira no interior do estado de São Paulo, que se deu, grosso modo, em meados do século XIX. Isso demandou a implementação de uma estrutura urbana que atendesse aos anseios e necessidades, primeiramente da elite cafeeira e, em um segundo momento, da burguesia industrial. Ferrovias, hotéis, restaurantes, instituições financeiras, escolas públicas de qualidade e jardins públicos denotavam o projeto de modernização do país, levado adiante, em especial após a Proclamação da República, em 1889, pelo Partido Republicano. Neste sentido, as cidades do interior paulista, que mais se desenvolveram, atraíam não só os imigrantes, mas também os migrantes, em busca de trabalho e sustento para a família. Este é o panorama no qual podemos contextualizar as narrativas que veremos a seguir.

A costureira Luiza, já aposentada no momento da entrevista, é a única narradora que viveu a sua infância e a sua adolescência morando em sítios ou fazendas, locais de trabalho do seu pai. Ela conta-nos que saiu do sítio no qual sua família morava somente na idade adulta, "*já casada*", indo morar em Bauru. Antes, tinha de ajudar na casa, e também ajudar o seu pai que "*não sabia nem ler e escrever*". Assim que ela aprendeu essas coisas, e já tinha 15 ou 16 anos, passou a responsabilizar-se pela compra de mercadorias para consumo familiar na cidade, tais como açúcar e sal.

Porém, outros entrevistados nascidos em meio rural, foram para a cidade ainda pequenos, com as suas famílias, buscando melhor qualidade de vida. Trazemos como primeiro exemplo, a comerciante Chica – hoje proprietária de três lojas de alta bijuteria – que destaca vir de uma família de agricultores do Norte do Estado do Paraná, pois "*papai, quando jovem, trabalhava na roça*". A saída do sítio em que moravam, certamente foi em busca de melhores condições de vida.

A realidade da infância de Dandara, técnica comercial, também nascida noutro estado, foi igualmente difícil, pois o seu "*pai era alcoólatra*" e a cidade onde moravam era "*uma cidade muito pequena, onde o pessoal trabalhava na roça*". A mãe se ocupava da forma que podia: "*catou algodão, plantou batata, colheu café".*

Porém, a grande maioria dos narradores sempre viveu no meio urbano, mesmo que nas periferias das cidades de porte médio – a exemplo das três cidades do interior já citadas – ou em cidades maiores, tais como São Paulo e Santo André. Alguns deles, quando referenciam as suas origens, mencionam também as dificuldades para a sobrevivência diária. Um deles, Nelson, proprietário de uma empresa industrial e comercial de produtos capilares para cabelos afro, conta-nos que nasceu em Santo André – cidade que faz parte do que se conhece como Grande São Paulo[351]. A sua origem, como a de boa parcela da população brasileira, "*vem de uma pobreza muito extrema, né?"* Mas ele não se envergonha, muito pelo contrário: *"Tenho muito orgulho de ser filho adotivo, morei numa comunidade, que antigamente se falava favela, né?"*.

Por sua vez, Alan, atualmente proprietário de uma empresa do ramo da restauração, é natural de São Paulo, mas cresceu num bairro popular de Bauru, o "*Nova Esperança*,

[351] O termo Grande São Paulo refere-se ao aglomerado de cidades no entorno de São Paulo, capital, em especial Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema. São independentes, mas o crescimento de todas elas transformou-as no fenómeno estudado pela Geografia, denominado conurbação urbana, quando duas ou mais cidades formam um único espaço urbano. Esta área passou a denominar-se Região Metropolitana. Devido ao seu enorme crescimento, Ribeirão Preto, assim como Campinas também já são referenciadas como Região Metropolitana de suas localidades.

zona oeste da cidade [que] é a periferia da cidade. *É um bairro bem distante do Centro*. *Pessoas humildes, muito carentes, porém muito acolhedoras*." E, a despeito dessa característica do bairro, ele sente gratidão, "*por Bauru ter aceitado a gente e em especial o Nova Esperança, um bairro ali bem simples*", mesmo assim, ainda é o bairro no qual ele mantém a casa dos pais e os amigos de infância.

Já o açougueiro[352] Luiz António, ao longo da sua narrativa, assevera que a sua família tem origens muito simples, mas que o seu pai é uma pessoa que "*lutou bastante pela vida*", mesmo sendo varredor de rua numa cidade pequena. Luiz António afirma que tem suas origens no que ele denomina de "Norte" do Brasil, quando na realidade, ele se refere aos estados da Bahia e de Alagoas. Uma de suas avós era portuguesa, o que caracteriza, em sua opinião, uma verdadeira "*mistura brasileira*". No momento da entrevista, tinha acabado de se tornar proprietário do açougue em que trabalhou muitos anos como empregado.

Assim como Luiz António, Anastácia, proprietária de um brechó[353] bastante refinado, também afirma que vem de "*uma família bem brasileira*", pois sua mãe "*tem uma ascendência, acho que é portuguesa e indígena, se eu não me engano. [...] Acho que, assim, tanto a cultura indígena, quanto a afro-brasileira, está muito presente na nossa cultura, como um todo, né?".*

O que se depreende das narrativas acima elencadas, é que ainda existe uma parcela da população brasileira que nasceu em meio eminentemente rural. Porém, o crescimento e desenvolvimento das cidades de pequeno e médio porte funcionaram como fator de atração para uma vida menos trabalhosa que a do campo oferecia aos seus moradores. Podemos localizar esse fenómeno principalmente a partir de meados do século XX, no período pós Segunda Guerra Mundial, quando o país passou por um rápido processo de industrialização, que levou à evasão do campo e à urbanização das cidades.

[352] Em Portugal, esta profissão é denominada por talhante.
[353] Loja de vestuário de segunda mão, podendo oferecer produtos de alta e média qualidade.

B – Atividades praticadas na infância em tempo não escolar

Quando questionados sobre a infância, um número expressivo dos sujeitos narradores, oito no total, mencionam a presença de brincadeiras em suas lembranças. Porém, quatro são os entrevistados que mencionam ter trabalhado na sua infância: uma entrevistada fala da ajuda nos serviços domésticos e três outros narradores citam que desenvolviam trabalho efetivo durante a infância. Somente uma narradora menciona ter realizado trabalho doméstico para ajudar na casa e não menciona brincadeiras em momento algum.

Atividades praticadas na infância	**Somente Brincadeiras**	**Trabalho na cidade**	**Trabalho doméstico (em casa)**	**Brincadeiras e trabalho**	**Não menciona**
Frequência	**7**	**3**	**1**	**1**	**1**

Tabela 8 – Atividades mais praticadas na infância, da Amostra 2.
Tabela elaborada pela autora.

Ao contrário do que apresentamos no conjunto de narrativas dos griôs, temos pequenos trabalhos urbanos: ajudar na venda de secos e molhados da família, acompanhar o pai na venda de frutas em carrinho de mão, tomar conta de carro na rua enquanto seus donos fazem compras, lavar carro ou, até mesmo, ajudar a carregar pequenos camiões com mudanças ou mercadorias. Apenas um entrevistado não referenciou a sua infância. Diferentemente dos griôs, apenas um entrevistado declarou ter conciliado o trabalho com as típicas brincadeiras de infância: trata-se do funcionário hoteleiro Renato.

Luiza, a narradora que destacamos anteriormente por ter passado a sua infância e adolescência no meio rural, ressente-se de que não pôde ter dado continuidade aos estudos. Apesar de ela ter frequentado, com muita dificuldade, uma escola mantida nas terras vizinhas, o pai era "*um caboclo rude. Ele não sabia ler, não sabia escrever*" e não permitiu que Luiza desse continuidade aos estudos na cidade mais próxima. Luiza considera: "*Eu queria estudar e foi cortado pela raiz.*" Por isso, veio o desafio de ajudar nas lidas domésticas e aprender a costurar, conforme exigido por sua mãe: "*A minha mãe me batia, para eu aprender a costura. Tinha de fazer o que ela fazia, ela sabia costurar. E eu fazia, chorava que nem doida, porque eu tinha dificuldade.*"

Chica nasceu em um sítio no estado do Paraná, um local em que a luta pela sobrevivência ocupava diariamente a vida dos seus pais, que trabalhavam na roça. Ainda que parecendo um conto de fadas, o facto é que ela contou que, ainda menina, recebeu

uma galinha de presente do seu padrinho, a qual deu muitos pintainhos. Uma vez vendidos, propiciaram a arrecadação do dinheiro que permitiu à família mudar-se do sítio no Paraná para a cidade de São José do Rio Preto. Foi quando a vida desta família pobre começou a mudar, pois *"mamãe foi ajudar uma família, a Dona Celeste, que tinha cinco filhos [...] e o papai empurrava carrinho, vendia pipoca em São José do Rio Preto".*

Mas, desde cedo, Chica passou a ajudar seu pai nas vendas, acompanhando-o e responsabilizando-se por um carrinho de frutas, entre elas melancia, abacaxi e laranjas que já eram vendidas descascadas e fatiadas. Chica desenvolveu esta atividade até perto de completar os seus 18 anos e o seu pai ficar acamado.

Também ajudando a família nas vendas, mas num estabelecimento de secos e molhados, encontramos seu Lazinho, atualmente proprietário de um bar bastante conhecido, na zona Norte de São José do Rio Preto. Ele iniciou sua atividade laboral desde a mais tenra idade: "*Porque meu pai… fez a gente ficar no bar, ele tinha um caminhão que ficava fazendo frete, buscava areia, tijolo, pras cidadezinhas vizinhas, né? E eu ia no bar, com oito anos de idade. Eu e as minhas irmãs. […] Aí, no fim do mês […] o povo vinha da fazenda, pra fazer compra, né? Dava um caminhão de mercadoria. Então ele ia entregar!*"

Diferentemente de seu Lazinho, que trabalhava no negócio da família, Nelson era obrigado a se reinventar para obter as primeiras gratificações. Adotado na mais tenra idade e morador de uma periferia, em Santo André, ele conta que começou a trabalhar aos sete anos de idade para ajudar no orçamento da família. Nelson acordava cedo e ia para a feira, local no qual ele "*vendia coxinha, vendia verdura, vendia sorvete, cuidava de carro na feira, para ajudar em casa. Acordava quatro horas da manhã para ajudar montar as barracas e desmontar as barracas no final da feira, né?*". O pagamento não vinha em forma de dinheiro, mas em produtos, pois ele "*ganhava... o que sobrava na feira, né? [...] Eles me davam: [...] leva essa verdura, esse pastel, caldo de cana*". Para ocupar o tempo em que estaria sem fazer nada, ele "*olhava carro*[354]*, até dar o momento de fechar, de a feira acabar, né, hora de desmontar e ir embora."*

Nelson frequentou – quando ainda era morador de Santo André – uma instituição chamada Corpo de Patrulheiros Mirim, espécie de projeto social, cujo mantenedor é o

[354] "Olhar carro" no Brasil significa que o prestador de serviço se responsabiliza pelo carro que está estacionado em via pública, deixando-o a salvo de ladrões e eventuais danos ao veículo. Normalmente é uma atividade associada à baixa escolarização, emprego informal e uma certa dose de vagabundagem.

Rotary Internacional. No local, eram ensinadas diversas habilidades e conhecimentos que propiciaram aos participantes o ingresso no mercado de trabalho. Foi o que aconteceu com o jovem Nelson que, depois de 6 meses integrando o Corpo de Patrulheiros Mirim, que "*ensina datilografia, informática, como se comportar, preencher documento, como interagir com a empresa [...] foi bem bacana! Eu fiquei seis meses lá. De lá saí para uma empresa chamada ACC Indústria de Artigos para Escritório*". Esse foi o seu primeiro emprego remunerado.

Por sua vez, Dandara cresceu em uma família diferenciada, sem a presença do pai, pois a sua "*mãe se separou dele quando eu era muito pequena, eu tinha uns quatro anos de idade, por conta da questão do alcoolismo, né?*". Sobre este período da sua infância, ela reflete: "*é muito comum que pessoas negras tenham uma base familiar com mulheres muito fortes. Então, eu já cresci de um lar onde a minha mãe era mãe e pai, era 'pãe'".*

Pode notar-se a dificuldade em que viviam, pelas soluções que ela e seu irmão buscavam para saciar a fome: "*O meu irmão pescava pra gente comer, comia aqueles peixinhos pequenininhos, que ainda não tinha criado, nos córregos*". Além disso, "*o meu irmão caçava rolinha com estilingue, pra gente matar a fome, pra comer com arroz*." Em suma, "*foi uma infância bastante difícil.*"

Mesmo assim, Dandara traz boas memórias afetivas, pois "*minha mãe sempre foi uma mãe muito carinhosa, muito afetuosa. Então, amor não faltava na infância. Então, tinha muito amor. O meu irmão acabava tendo que cuidar muito de mim*." Dos momentos com a mãe, recorda-se que ela a "*colocava no meio das pernas dela e ali eu passava duas horas, com a minha mãe trançando o meu cabelo. E aquilo me traz muita ancestralidade, né? A mãe dela fazia com ela, a avó dela fazia com ela, né?".* A vida começou a melhorar quando um camionista se apaixonou pela sua mãe e levou todos para morarem em São José do Rio Preto, cidade em que Dandara deu início ao que ela chama de "minha jornada acadêmica", o que significa em outras palavras que ela poderia, a partir daquele momento, preocupar-se menos com a fome e dedicar-se, pela primeira vez na vida, aos estudos. É essa jornada que vai levá-la a tornar-se técnica comercial numa grande empresa, função que desempenha na atualidade.

Airton é atualmente proprietário de várias barbearias, depois de ter sido barbeiro por conta de outrem. Começou por morar num bairro popular, o Parque das Nações, em Bauru, tendo passado a sua infância e adolescência como muitos garotos do interior

paulista: jogando bola na rua. Sua infância, além da ida obrigatória à escola, foi passada sempre jogando "*bola no campinho, na rua, golzinho. Era mais jogar bola. Cresci e o que eu gostava de fazer era jogar bola*". O que era uma atividade de lazer com os amigos levou-o à profissionalização, ao receber o primeiro convite para jogar em categorias de base até ser contratado para atuar em equipas profissionais. Ser futebolista foi a sua primeira profissão, área em que atuou por 11 anos, até que uma lesão muito grave o tirou dos campos de futebol.

Alan, proprietário de uma loja de doces e salgados, foi morador noutro bairro popular e periférico de Bauru, o Nova Esperança, e teve uma infância similar à de Airton, na rua, mas jogando bola de gude[355], brincando de esconde-esconde[356], correndo de carrinho de lata e subindo às árvores para apanhar frutas, tais como manga e jabuticaba. Para ele, foi uma infância que, a despeito das dificuldades, traz bons sentimentos, ao afirmar "*muito legal essa lembrança de infância. Muito bacana*".

Alan ainda conserva muitos laços com seus amigos dos tempos de infância e adolescência, pois *"essa turma aí, meu Deus! São fantásticos. São amigos até hoje. Muita gente, muita gente. Muito legal"*. E, a despeito de ter ingressado numa faculdade local no curso de Direito, Alan optou por trabalhar, tendo concluído curso superior bem mais tarde. Ele alega que tinha três certezas na vida: "*era que eu não queria ser funcionário público, empresário e vendedor. Essas foram as três certezas da minha vida*". No fundo, ele queria mesmo era "*trabalhar com uma grande empresa. Empresa de renome, pra poder criar raiz e acontecer lá*". Mas na realidade, tudo se organizou de outra forma em sua vida: "*eu acabei sendo um vendedor [...], virei empresário. E também, por um outro destino, eu fiz um concurso e sou funcionário público. Então, eu sou as três coisas que eu não queria ser na vida. E deu certo*."

C – Trabalho efetivo

Se na secção anterior verificamos que há uma alta percentagem de narradores que puderam desfrutar de uma infância em que as brincadeiras tomaram grande parte desse período, ainda que em paralelo com as atividades escolares, verificamos que no quesito trabalho efetivo, há um certo equilíbrio entre os que iniciaram sua vida laboral quando

[355] Em Portugal é denominado jogo do berlinde.
[356] Em Portugal é denominado jogo das escondidas.

criança, os que o fizeram na sua adolescência e os que ingressaram no mercado de trabalho já na fase de vida adulta. Nesta secção, destacamos o facto de que apenas um único narrador mencionou ter conciliado brincadeiras com trabalho efetivo, nesta Amostra 2. Some-se a isso o facto de que também apenas um narrador não fez referência alguma ao seu ingresso no mercado de trabalho.

Início do trabalho efetivo	Criança (Até aos 12 anos)	Adolescente (entre 13 e 18 anos)	Adulto (após os 18 anos)	Não menciona
Frequência	3	5	4	1

Tabela 9 – Primeiros trabalhos efetivamente desenvolvidos, pelos entrevistados da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora.

Nesta Amostra 2, três foram os entrevistados que mencionaram ter começado a vida laboral antes dos 12 anos de idade. Lazinho e Renato tiveram as suas primeiras atividades relacionadas com o mundo do trabalho nos pequenos negócios mantidos pelas suas famílias. Nelson, morador numa favela na periferia de Santo André, iniciou seus primeiros trabalhos de um jeito bastante informal, nas feiras de alimentos, acordando de madrugada, ajudando onde fosse possível em troca de alimento e alguns trocados. Estes três sujeitos narradores já tiveram explanados os seus primeiros momentos no mundo do trabalho no tópico anterior, intitulado "Atividades praticadas na infância em tempo não escolar".

Dos entrevistados que iniciaram a vida laboral na adolescência, destacamos as considerações de cinco narradores: Luiz António, Alan, Airton, Dandara e Chica. Comecemos pela narrativa de Chica.

Quando o pai de Chica adoeceu e não pode mais empurrar o carrinho de frutas a serem vendidas, ela compreendeu que era hora procurar emprego fixo. Foi contratada para trabalhar numa grande empresa do ramo do supermercado. A partir daí, Chica foi protagonista de uma história de ascensão profissional, chegando a ser transferida para trabalhar numa loja do mesmo grupo, mas, situada em Bauru. Foi quando então ela finalmente obteve a sua primeira promoção e assumiu a gerência da loja local. No entanto, este percurso não foi facilmente trilhado. Ascender profissionalmente nesta empresa significava participar de concursos internos: "*[o supervisor de São Paulo] indicou pra que eu fizesse esse concurso. E, por alegria minha, eu passei. Eu passei!*"

Entretanto, a promoção para um cargo melhor não se concretizou naquela época, pois "*existem pessoas que são preferidas em relação a quem é você. Às vezes você tem cultura,*

às vezes você tem conhecimento, mas você não é o preferido. Então, eu não consegui...". A narrativa de Chica é importante para a compreensão das barreiras que as pessoas afrodescendentes enfrentam para a ascensão social, quando ela afirma: "*Eu não consegui [...] Aí, passou um tempo, o [supervisor] voltou lá em Rio Preto. [...] Aí, ele perguntou: Mas o que essa menina está fazendo aqui? Ela passou no teste que eu mesmo vi e ainda fiquei muito feliz...".* A atitude do supervisor foi a promoção imediata para a funcionária que havia passado em primeiro lugar, mas desta vez, seria noutra loja. E foi assim que Chica deu continuidade à sua carreira, mas assumindo um cargo na loja de Bauru, cidade em que viria a tornar-se empresária, muitos anos depois.

Da mesma forma que Chica, Luiz António também iniciou sua vida laboral muito jovem. Ele é filho de um varredor de rua contratado da prefeitura de uma pequena cidade do interior paulista, uma "*pessoa bem simples, mas uma pessoa bem correta, você entende? Uma pessoa esforçada, uma pessoa que lutou bastante pela vida*." Um dos seus primeiros empregos foi como vendedor de sorvete num clube de lazer, em Marília, também interior do estado de São Paulo; depois, arrumou uma ocupação mais especializada: começou a levar a marmita para o seu tio, proprietário de um talho que, em retribuição, começou a ensinar-lhe o ofício do corte de carnes. Foi nessa condição de aprendiz que Luiz António encontrou a sua verdadeira profissão: ser açougueiro.

Airton, o menino que adorava jogar futebol na rua com os seus amigos, bateu tanta bola até o dia em que "*descobriu que tinha um certo talento pra continuar*". Diz ele: "*Eu cresci jogando bola. Fui atleta profissional, saí de casa muito cedo e viajei por mundo afora, joguei bola, totalizando 11 anos*." O jovem futebolista jogou em diversos clubes, incluindo o Flamengo, do Rio de Janeiro e o Defensor, do Uruguai. Dos dias como futebolista, sua maior lição, ele traz até hoje "*Quem foi do futebol sabe que você mata dois leões por dia e amarra o terceiro. Então, o que eu mais levo comigo é a garra, determinação, não tem preguiça, não tem dor, tem que trabalhar, tem que treinar, entendeu? É o que eu mais levo comigo, a determinação que o futebol me trouxe."*

Pela narrativa de Leonardo, compreendemos que o próprio crescimento das cidades, a exemplo de Bauru, potencializa o ingresso de jovens no mercado de trabalho, em especial no ramo da restauração, pela instalação de redes de lanchonetes no sistema de *fast food.* Assim, ele se recorda que o seu "*primeiro emprego foi numa empresa que hoje não tem mais no Brasil, chamada Arby's, uma rede que fazia hambúrguer de rosbife."* Foi neste

ambiente que ele declara ter aprendido a *"a trabalhar com o público, a cuidar de uma loja, a ter amizade, a ter um time que faça por você e com você e não pelo salário, né?"*. Essa experiência foi crucial para que o jovem funcionário buscasse alternativas para o pagamento das suas contas básicas, o que envolveu uma certa dose de ousadia, como veremos adiante, no próximo tópico.

Por fim, trazemos a narrativa de Dandara, a menina cuja vida mudou completamente após a mudança da família para São José do Rio Preto. Na nova cidade, ela relata que *"não tinha uma vida boa, ainda. É que a gente veio de uma miséria, de uma pobreza extrema"*. Sua mãe continuou a trabalhar como empregada doméstica e Dandara passou a acompanhá-la. É quando ela se inicia na vida laboral "*eu comecei, nas minhas férias, a ir com a minha mãe pro trabalho dela, né? Ajudava nas faxinas e tal. E foi assim que eu acabei trabalhando de babá*". Ela tinha, nesta época, 13 anos de idade, e na casa em que a mãe trabalhava "*tinha duas crianças e eu olhava*". Um pouco mais tarde, ela foi trabalhar numa loja de conveniência de um posto de combustível, na parte das cobranças; mas se fosse preciso "*trabalhar de frentista*", Dandara "*abastecia, também, os carros*".

Ela considera que esse foi o "*primeiro contato com a atividade comercial, de atendimento ao público, de atender cliente; tudo isso foi ali no posto*." Dessa época, fica a reflexão: "*Eu achava incrível. O que eu mais achava incrível no comércio, o que eu mais acho, é poder conhecer tanta gente, tantas histórias*". E finaliza: "*E eu descobri que, às vezes, o ser humano só quer ser ouvido, ele quer que você escute a história dele*."

Já o trabalho na vida adulta ocorreu para quatro dos sujeitos narradores. Foram três os entrevistados que buscaram curso superior ao início de sua vida adulta, porém nem sempre com sucesso para ingressar ou para finalizar. Muitas vezes, a conclusão efetiva do curso superior ocorreu ao mesmo tempo que a atividade laboral na vida adulta.

A exceção a esta regra foi o caso de Luiza, que entrou no mercado formal de trabalho já na vida adulta, no entanto, apenas com formação de nível profissionalizante, um curso de Corte e Costura. Foi uma opção sugerida pelo marido, logo após a saída do sítio por conta do casamento e consequente mudança para Bauru: "*Quando eu casei, a primeira coisa que [ele] perguntou foi: 'você quer fazer o corte e costura, que a sua mãe te ensinou o bruto?' E eu falei: sim*". E para alegria de Luiza, as formadoras a elogiavam muito, afirmando para o então marido que ela "*é a melhor pessoa que tem aqui pra aprender costura. Ela tem uma mão tão perfeita, que ela não entorta o ponto!"*. E foi assim que

Luiza começou a trabalhar como costureira autónoma, em sua casa, passando mais tarde a trabalhar para uma loja de roupas finas.

Clóvis, atualmente proprietário de uma loja de artigos religiosos para umbanda, em Ribeirão Preto, trabalhava com seu pai, quando tentou ingressar em Filosofia em São Paulo. Mas as necessidades financeiras levaram-no a procurar um emprego com carteira assinada. Ele recorda-se que "*tive que procurar um emprego registrado, para poder ajudar mais, porque não estava dando*."

Mas ele também trabalhou em diversos outros lugares, trazendo sempre as suas experiências para o momento em que passou de técnico comercial a comerciante. Percebemos esta questão quando ele afirma: "*já vendi perfume na rua, de porta em porta. Foi daí que eu desenvolvi a comunicação para poder vender, né?*". Das grandes lições que a prática lhe deu, ele ressalta que: "*eu fui muito explorado, porque não me pagaram bem, mas eu aprendi, eu aprendi a trabalhar. Eu aprendi a me comunicar. Eu aprendi a apresentar o meu produto e porque ele é vantajoso*."

Além disso, foi importante a sua passagem pelo ramo de alimentos, o que inclui no seu currículo ter trabalhado em dois supermercados. O primeiro, mais modesto, foi à falência, mas em relação ao segundo supermercado em que trabalhou – uma loja integrante de uma renomada rede de retalho no Brasil. Clóvis alega ter sido uma experiência muito positiva. Ele relata que ali *"Foi uma super escola. Conheci coisas que eu não imaginava que existia [...]ali eu aprendi muito a lidar com as pessoas que são um pouco difíceis, né? [...] tinha gente que vinha já com as pedras na mão, querendo ser atendido bem..."*.

Por sua vez, Anastácia é graduada em Comunicação Social por uma das melhores universidades do país, a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com habilitação em Publicidade e Propaganda e uma enorme experiência em marketing de moda. Porém, ao finalizar o período dos estudos, até havia a possibilidade de Anastácia continuar no Rio de Janeiro, mas ela considera o Rio *"uma cidade difícil."* Então a volta para Ribeirão Preto, cidade em que os pais se haviam estabelecido, "*foi muito natural*", pois ela queria "*viver uma vida um pouco mais equilibrada, com um pouco mais de calma, assim. Onde o meu dinheiro valesse, onde eu tivesse um serviço de qualidade, uma boa infraestrutura, é lógico. E Ribeirão é esse lugar, né?*".

No entanto, Anastácia deparou-se com dificuldades de se colocar no mercado de trabalho na área da moda. Ainda que o seu currículo destacasse ter cursado uma das

melhores universidades públicas do país e da experiência que ela trazia de estágios. Ela conta que a área da moda é restrita, mesmo em cidades a exemplo de Ribeirão Preto. Na sua opinião, essa dificuldade deu-se pelo facto de tratar-se de "*uma área que tem mais efervescência, assim, nas capitais, né?*" Mas sobretudo por conta de "*questões raciais, foi muito complicado ter uma abertura nesse nicho específico da moda, que é muito elitista*". Para ela, essa compreensão foi um "*choque de realidade, né? Porque a gente escuta muito que, se a gente fizer tudo certinho, as coisas vão dão certo, né? Então: "Se você estudar, se você se formar, se você se preparar". E não é bem assim, né?*"**.**

D – Práticas laborais à época da entrevista

A própria estrutura de investigação do projeto Memórias do Comércio, busca entre os possíveis entrevistados, pessoas que estão na ativa, trabalhando na área ou do comércio – vendendo especificamente algum produto – ou na área da prestação de serviços – realizando um trabalho, mas que não necessariamente envolve a venda de produtos. Sob este aspeto, nesta Amostra 2 temos uma maioria de pessoas que ainda estão na ativa, que podem ser categorizadas da seguinte forma: uma técnica comercial, três prestadores de serviço e uma grande maioria de comerciantes, de diversos ramos de atividade, 13 sujeitos narradores, para ser mais exato.

Trabalho à época da entrevista	Comerciante	Técnico comercial	Prestador de Serviços
Frequência	9	1	3

Tabela 10 - Menção aos trabalhos exercidos, à época da entrevista, pelos entrevistados da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora.

Para analisar as narrativas relacionadas com as práticas laborais à época das entrevistas, comecemos pelos prestadores de serviços. Novamente, temos a costureira Luiza, mas desta vez ao lado do barbeiro Airton e do hoteleiro Renato. Estes três narradores começaram a trabalhar nas suas áreas de atuação apenas com cursos técnicos.

Luiza fez o curso de Corte e Costura por incentivo do marido, como já salientamos anteriormente. Sobre o início de sua carreira, Luiza conta que começou trabalhando em casa, mas que, aos poucos, o seu marido, à época, passou a destratar as suas clientes. Então, ela decidiu trabalhar para uma loja especializada em alta-costura feminina, fazendo

ajustes nas roupas das clientes, mas o serviço de costura também era realizado em casa. O facto é que os patrões a visitavam frequentemente para levar as peças a serem ajustadas, o que novamente gerou desconforto com o seu marido. Luiza conta que resolveu trabalhar na própria loja "*pra sair de dentro de casa, que eu não aguentava tanta humilhação*". Era um trabalho puxado, pois Luiza *"entrava às sete e saía, fim de ano, saia às onze"* da noite. Além disso, a sua filha já era nascida, então ela "*levava a Vivian. Eu falei: "Eu tenho que trazer a minha filha.*"

Ao longo da sua vida de trabalho, Luiza ainda passou por vários ateliers de arranjos, bem como por um atelier de roupas de ballet, mas um dia, ela não quis mais trabalhar, mesmo estando separada do marido. À época da gravação da entrevista, ela havia recebido um convite para trabalhar em arranjos de costura. No entanto, recusou este convite: "*eu falei: 'Não quero'. Eu estou cansada, né? Foram muitos anos. Eu comecei a minha vida na cozinha com sete anos, na máquina com sete anos.*"

Por sua vez, o futebolista Airton, por conta de uma lesão, viu-se obrigado a encerrar a carreira no desporto. É quando ele volta para a casa dos pais e, num primeiro momento, foi trabalhar em lojas. Foi a sua dedicação e algumas premiações em vendas que lhe permitiram amealhar um certo pecúlio e a confiança do supervisor, que, por vezes, permitia-lhe sair mais cedo do serviço para fazer cursos especializados na área da barbearia. A escolha desse ramo de atividade deu-se naturalmente. Quando atuava nas categorias de base, Airton lembra-se que "*sempre cortava o cabelo da rapaziada quando eu era moleque. Mas sem curso, sem nada*". Muitas vezes, já trabalhando no comércio, ele "*trocava o dia da folga para estudar o ramo da barbearia*." Foi assim que conseguiu especializar-se e montar o seu próprio negócio, o qual apresenta um diferencial, pois tem "*uma decoração rústica com moto dentro, com madeiras, com músicas. Tem um pouco do moderno, que é um sofá um pouco mais aconchegante. Tem uma sala retrô, onde eu estou aqui, que tem uma cadeira de mais de cem anos, uma sala bem 'retrozona'*".

Já o ingresso de Renato no ramo da hotelaria deveu-se à falência do banco em que ele trabalhava nos anos de 1985 e 1986. Atuando no ramo da contabilidade desde a adolescência, Renato buscou na atividade bancária o seu primeiro emprego para garantir estabilidade e ascensão social. Ele contou-nos que: "*Eu me casei, fui pra Campinas por uma necessidade de emprego, de ganhar mais. A minha mulher estava grávida já naquela época, da minha primeira filha, né?*". Sempre progredindo na carreira, com cargos de

maior responsabilidade e com melhor remuneração, acabou voltando para Bauru, sendo o responsável pela abertura da agência do Banco Econômico que "*ficava na Rua Batista de Carvalho, a rua principal, que na época ainda transitava carro, hoje é calçadão. Nós abrimos ali, a agência*".

No entanto, os revezes económicos do Brasil em meados dos anos de 1980 levaram à falência diversas casas bancárias e Renato viu-se obrigado a mudar de ramo, indo trabalhar com um de seus clientes, proprietário de um renomado hotel em Bauru. Ele se recorda que era "*uma coisa nova, um ramo novo. E gostei muito, porque trabalhava muito com atendimento e eu trazia isso do Banco*". Mas esse recomeço não foi fácil porque foi contratado para trabalhar na receção, onde teve de entender "*o que era um hotel*". A sua dedicação valeu o esforço, pois "*eu fui gratificado com a gerência, não muito tempo, pouco tempo depois. Eu acho que, depois de seis meses, eu já estava na gerência do hotel.*"

Passando a analisar as perspetivas de trabalho para aqueles sujeitos narradores que alcançaram o negócio próprio, convocamos a história de Clóvis, que tem entre seus ancestrais, pessoas que foram escravizadas, pessoas adeptas da capoeira e pessoas adeptas da umbanda. Ele avalia que o preconceito em relação à sua religião é falta de informação, mas que, para ele, "*é uma honra fazer parte desse conjunto de ideias que está trazendo informação"*. Tendo estudado Filosofia e Direito, mas que por diversos motivos não finalizou curso superior algum, foi trabalhar no comércio. E foi no ramo de artigos religiosos que ele se realizou: "*Eu gosto de vender vela, de vender imagem, de vender artigos religiosos, né?*"

A decisão para Clóvis montar o seu próprio negócio deu-se pelo facto de que, enquanto trabalhador por conta de outrem, "*começou a ser uma situação de exploração mesmo, de assédio, às vezes, muito assédio moral [...] só que eu não desanimei desse comércio, porque era isso que eu queria pra minha vida*". A solução foi abrir a sua loja juntamente com a esposa que estava desempregada: "*e aí foi onde a gente se juntou e falou: 'Então, vamos abrir a nossa loja. É isso o que a gente quer. Vamos?'. A gente era recém-casado, falei: "Então vamos lá!"* Atualmente, a loja de Clóvis, que vende artigos religiosos, é *"um ponto de resistência da cultura africana, da resistência da cultura indígena. E ela aceita todas as religiões".*

Por sua vez, Alan, de Bauru, aprendeu a fazer empadinhas a partir de uma receita da sua avó, moradora na Freguesia do Ó, bairro mais afastado do centro de São Paulo, Capital. A despeito de já ter uma carreira consolidada no comércio e de estar empregado, o seu salário como representante de vendas não era suficiente para pagar as contas e Alan percebeu que iria começar a passar necessidades financeiras.

Foi daí que "*veio a ideia das empadas. Falei: Pô, minha avó sempre faz empadas, vou conversar com a minha vó. Vou pedir a receita pra minha avó*". E ela falou: "*Eu te ensino a fazer*". *E eu sem dinheiro, o que eu fiz? Eu comprei 12 forminhas de empada, por quinze reais, no cartão de crédito. Então, eu comecei um negócio com quinze reais, no cartão de crédito!*".

Depois de muitas tentativas de fazer a receita da avó, Alan obteve êxito e, ao final de dois meses, já estava vendendo mais de vinte empadas por dia. Um dos aspetos que sobressai da sua narrativa é o facto de ele perceber que sua avó era uma mulher que ajudava no sustento da casa com as suas empadas. A sua persistência para aprender a fazer a receita da família diz respeito às tradições familiares, aos exemplos, aos valores que são passados de geração para geração, na medida em que ele afirma que sua avó sempre fazia empada "*para tentar manter a família, os filhos. Eram oito, né? Então, ela sempre fez essas empadas, sempre de frango, sempre a mesma coisinha: empada de frango e recheio caseiro, feito. Então, foi aí que tudo começou*".

Para o menino adotado, Nelson, que aos sete anos de idade começou a trabalhar ajudando a montar feiras e a "*olhar carro*", o ponto de virada em termos profissionais deu-se quando ele mudou, com sua família, de São Paulo para o interior. Trabalhou inicialmente ajudando a descarregar mercadorias de camião e, pouco tempo depois, em lojas de roupas e de sapatos. Detestava o emprego que tinha porque *"eu queria crescer e não tinha para onde crescer".* Passou a trabalhar como representante durante um ano numa outra empresa de cosméticos*, "bati de porta em porta, fiz vários eventos, vários cursos na área de cosméticos, ergui essa empresa e achei que eu tinha que começar o meu próprio negócio*".

Mas, Nelson tinha pouco capital para iniciar a sua empresa e desenvolveu "*toda uma estratégia: quem eram os clientes que pagavam em dinheiro, como eu poderia fazer uma carteira de clientes mais sólida, mais estratégica, com pessoas que realmente compravam o produto e pagavam*". Destes primeiros tempos, ele relembra com carinho que "*eu fiz*

um desenho, e... como eu não tinha computador na época, eu tinha um caderno que eu tenho até hoje aqui, bem velhinho mesmo, eu anotava tudo que eu ia fazer, todas as minhas vendas".

A estratégia deu certo e uma grande empresa aceitou fornecer-lhe os produtos diretamente. O novo negócio, também na área de cosméticos, que teve início no próprio quarto de Nelson, cresceu enormemente, pois "*onde tinha lugarzinho, eu conseguia pôr produto e fazer isso acontecer*". Nas suas reflexões sobre a sua trajetória, Nelson considera que soube aproveitar as oportunidades e os ensinamentos que teve nos tempos das feiras, pois além da representação de vendas, ele também abriu a sua própria fábrica. Orgulhoso e bem-sucedido, o menino que um dia foi adotado e cresceu numa favela reconhece que: "*é muito bacana essa trajetória, porque as pessoas sempre perguntam: 'Mas como você chegou?' Gente, são quinze anos de comércio!*".

Ser açougueiro, para Luiz António o levou de Marília para Bauru, onde foi trabalhar num bairro popular que se desenvolveu enormemente, o Mary Dota. O proprietário do açougue era o *seu* Elias, um português que procurava, à época, um auxiliar. A parceria deu muito certo ao longo de muitos anos e virou sociedade. Luiz António considera que ele foi um sócio atípico porque "*eu não sabia quanto que dava, não sabia quanto que entrava [...] Ele me pagava o que eu merecia e pra mim estava bom, porque na minha cidade, eu não ia ganhar esse valor... e eu não o contrariava, sabe?"*

Hoje, aposentado e sozinho na vida, *seu* Elias passou o talho para Luiz António, e o patrão virou o melhor amigo. Luiz António nos conta como é o seu trabalho na atualidade: "*[hoje] eu administro 100% a empresa, ele só vem pra me auxiliar. Mas o que é o auxílio dele? [...] Então, ele dá uma escapadinha e vem aqui, a gente conversa um pouquinho, troca uma ideia, ele corta uma carninha".*

Anastácia, como vimos anteriormente, havia se deparado com dificuldades de se colocar no mercado, a despeito do seu currículo e da sua experiência profissional recém-adquirida. Sobre essa dificuldade, ela traz uma contundente reflexão: "*Então, eu acho que, pra mim, foi ali o maior choque de realidade que eu tive, quando eu me formei, que é aquela sensação de tipo: Pronto. Eu cumpri tudo o que me falaram que eu deveria cumprir, pra eu alcançar certos lugares e eu vi que outras coisas impediam o meu acesso"*.

A solução para ultrapassar essa barreira foi dada por uma amiga próxima: abrir seu próprio negócio; e foi assim que as duas se tornaram sócias e criaram uma loja de vestuário em segunda mão – loja de roupas usadas, mas com um novo conceito, o de curadoria de moda. Foi a amiga de velhos tempos que "*trouxe essa ideia da gente empreender, da gente abrir um brechó. E eu acho que eu trago esse lado mais de marketing de moda, mas a paixão específica por brechó vem muito dela*". A curadoria de moda é um diferencial de sua loja e pôde proporcionar a Anastácia a sua realização profissional.

Para finalizar este bloco, convocamos a narrativa de Dandara, a menina que passava fome em sua infância e que iniciou sua vida laboral como babá aos 13 anos de idade. Aquando da gravação de sua entrevista, vamos encontrá-la trabalhando numa loja bastante tradicional de São José do Rio Preto, no ramo de ferragens, parafusos e ferramentas. Dandara, à época da entrevista estava atingindo o auge da sua carreira profissional, sendo responsável tanto pela gestão de Recursos Humanos, como pela área de Marketing. Mas para chegar a este cargo, foi uma longa história de dedicação ao trabalho.

Se nos seus primeiros dias de vida laboral, o trabalho era informal e aos finais de semana, logo que completou dezessete anos, ela começou a trabalhar em loja de conveniência de posto de gasolina. Na sequência, quando o posto foi à falência, ela passou a trabalhar no comércio ao lado, vendendo tintas para pintura de parede, onde permaneceu pouco tempo. Percebemos que, em seguida, Dandara passou a vender outros produtos, mas não necessariamente no comércio tradicional. Primeiramente, foi representante de telefonia celular, vendendo planos telefónicos para empresas, em uma modalidade que é conhecida, no Brasil, como o "*porta a porta, no comércio*", que se traduz como uma "*verdadeira escola, né? Vendedora mesmo, clássica, né? De chegar, pedir pro cliente pra ser atendido e tudo o mais*." Depois, ela trabalhou na venda de cursos de informática e a sua dedicação e o seu talento para as vendas foram reconhecidos com diversas promoções. Logo depois de "*dois meses no telemarketing, eles me colocaram pra vendedora, mesmo, que é a divulgadora, a pessoa que vende o curso ali pro cliente*." Esse desafio levou-aa a outro patamar, pois ela alega que ficou "*como divulgadora um ano e meio e fui pra supervisão de vendas, porque eu também me dei muito bem, né*?"

Dos cursos de informática, Dandara saltou para a venda de planos odontológicos, mas, diferentemente de todos os seus outros trabalhos, nos quais ela teve de ir atrás de uma posição, ela recebeu uma proposta, após ter feito um curso numa agência de desenvolvimento, o Sebrae. Foi nesta instituição que ela percebeu que "*as pessoas te conhecem, falam de você*." Aí ela passou a "*estudar sobre time, motivação de equipe de vendas, premiação e tudo o mais. E aí eu recebi uma proposta*." Por conta da proposta que recebeu via Sebrae, ela mudou de ramo de atividade, novamente, porque "*aí foi por indicação, eu fui pra odontologia, que foi um desafio muito grande, né? Eu cheguei na clínica pequenininha, não tinha time, eu tive que contratar as minhas primeiras vendedoras*".

Tamanha dedicação levou-a a uma nova frente de trabalho, a loja de ferragens, parafusos e ferramentas, que além de tradicional, traz um valor que é muito caro a Dandara, pois "*é uma empresa de família, né? E eu estava num momento muito família*".

5.3.2. Segundo Eixo: Considerações dos trabalhadores do comércio sobre as entrevistas realizadas

Como já salientado anteriormente, a metodologia de entrevistas do Museu da Pessoa disponibiliza, no mínimo, três perguntas que a equipa de investigadores poderá colocar, com o intuito de encaminhar a entrevista para a sua finalização. A análise das respostas dadas pelos griôs a uma destas perguntas oferece, do nosso ponto de vista, respostas que nos permitem tecer considerações sobre a questão do pertencimento e do empoderamento após a concessão da entrevista. Desta feita, a exemplo dos griôs, categorizamos estas respostas nas três tipologias que apresentamos na tabela a seguir.

Considerações sobre a entrevista	**História de Vida Satisfação e Agradecimento**	**História de Vida como inspiração para as gerações mais jovens 6**	**História de Vida como legado**
Frequência	4	6	3

Tabela 11 – Significados que o ato de narrar assume para os sujeitos narradores da Amostra 2. Tabela elaborada pela autora.

De certa forma, viver no meio urbano, ter acesso à uma educação formal mais completa e aproveitar as oportunidades de trabalho que foram surgindo ao longo da vida destes entrevistados, levaram a que estes tivessem uma melhor condição de vida durante a fase adulta, em comparação com os mestres griôs. Consequentemente, e sobretudo por efeito de terem alcançado um nível sociocultural mais elevado, a perceção sobre o ato de conceder uma entrevista, narrando a sua trajetória de vida, é sensivelmente mais profunda e plena de reflexão.

Os dados relativos à reflexão final realizada pelos sujeitos da Amostra 2 podem ser visualizados na Tabela 11. É possível verificar que quatro pessoas foram enquadradas no nível 1, que denominamos ser o da agradabilidade da entrevista. Enquadramos neste nível a narrativa da costureira Luiza, ao declarar: "*Ah, foi muito bom. Eu tenho que agradecer vocês. Foi muito bom."* Ela ainda se refere ao sobrinho, que acompanhou a narrativa, *"ele gosta de história. Eu também gosto. E eu estou parada no tempo. [...] Mas eu amei!"* Assim como Luiza, Renato, Lazinho e Roberto também se sentiram bem em dar a entrevista e demonstram gratidão por este momento especial, porém não tecem considerações mais profundas.

Num segundo nível, enquadramos as narrativas que compreendem que o ato de conceder uma entrevista e a sua disponibilização em plataformas digitais, figurando numa instituição a exemplo do Museu da Pessoa, pode servir de inspiração para outras pessoas. Neste sentido, destacamos as narrativas de Clóvis, Nelson, Alan, Luiz Antônio e Airton.

Clóvis, sobre a entrevista, avalia que ela se deu no momento certo, pois era algo que já vislumbrava fazer: "e*u tenho muita coisa pra falar e eu falei tudo o que eu queria. Contei sobre a origem da loja de artigos religiosos, assim, que é importante. [...] E nossos planos, né? Era uma coisa que já estava aqui, eu queria falar pra alguém. E vocês tiveram esse privilégio. [...]*

Para Nelson, gravar sua história de vida adquire significado na medida em que ele considera importante mostrar para outros que as "*as pessoas conseguem vencer na vida, é um conteúdo tão importante para a pessoa ouvir [...] sabendo que ela também pode crescer, isso é tão bom, me faz tão bem".* Esta possibilidade fá-lo "*sentir-se bem em ajudar o próximo",* além do facto de que *"quando eu conto minha história de vida ou quando as pessoas me conhecem, sabem de onde a gente surgiu, onde a gente quer chegar ainda, isso inspira muitas pessoas."* Por fim, ele declara o que consideramos

extremamente relevante*: "E eu acho que inspirar as pessoas é a palavra certa, eu gosto de inspirar as pessoas"*.

Especificamente sobre a entrevista, Alan considera que a equipa do Museu da Pessoa lhe ofereceu um momento de alegria e de "*realização pessoal*". Além disso, é evidente que ele considera a importância do registo para a posteridade ao afirmar: "e*u vou deixar para as pessoas um sonho, um legado, de acreditar em você e saber que você, sozinho, tem o potencial de chegar onde você quer, sem depender dos outros. Então, pra mim, é um sonho".* Além disso, ele fala efetivamente sobre um legado que vai além da herança financeira: *"O que eu queria deixar pros meus filhos. Eu não sei se eles vão tocar isso aqui, se vão vender essa empresa, mas eu vou conseguir deixar registrado que um dia alguém começou do nada e chegou lá, entendeu? Eu cheguei e eu estou registrando que eu cheguei lá, através de vocês"*.

Nas considerações finais, quando faz a reflexão sobre a entrevista, Luiz António retoma os ensinamentos de seu pai, fazendo uma ligação entre diferentes gerações, pois ele espera que a entrevista sirva de inspiração para seus filhos quando conclui: "*então, tudo aquilo que meu pai acertou, tudo aquilo que errou, serve também, entendeu? Como história de vida dele e para minha história, né?"* Nesse sentido, a despeito de sua pouca formação específica, ele compreende a história de vida como legado ao afirmar: *"E eu quero que amanhã, depois, a minha história também sirva pros meus filhos, né? [...]São quatro bênçãos que Deus me deu, sabe? Pra eu cuidar, né? Meus frutos, né?*"

Para Airton, o menino que teve uma carreira brilhante como futebolista, mas que por conta de uma lesão, foi drasticamente interrompida, a entrevista concedida ao Museu da Pessoa vem coroar a retomada de sua trajetória profissional. Esse aspeto fica claro quando ele afirma *"Pra mim isso daqui é um prêmio, tipo assim: um sonho. Você perguntou de sonho, é um sonho isso aqui. Então, ser conhecido. Pô, tem mais de mil barbearias em Bauru! E você ser escolhido pra falar, contar sua história, pra mim, sinceramente, é gratificante demais, emocionante demais!*"

Depois de um momento de tristeza e de perdas trazidas pela lesão que o impossibilitou de continuar nos relvados, a entrevista concedida ao Museu da Pessoa é a realização do sonho de inspirar pessoas, ser modelo e servir de parâmetro. É como se ele dissesse ao mundo que veio do nada e venceu. Ao refletir sobre um sonho a ser realizado, ele afirma "*esqueci de falar isso, vou voltar um pouquinho, é fazer um livro. Deixar a história, tudo*

que eu passei, dentro de um livro, pra inspirar pessoas. Então, por isso, pra gente chegar nesse patamar, a gente não pode ser um Zé. Ninguém vai ouvir um Zé, né? Zé da rua ninguém vai ouvir."

Para Célia, a entrevista significa uma oportunidade única que surgiu durante a pandemia do Covid-19. Além de agradecer o convite "*por participar desse programa*", ela também declara felicidade porque tanto ela, como a sócia estão "*seguindo uma história [...] totalmente na contramão, [pois] a gente vive num universo que era masculino, que é de bebida e a gente conseguiu – às vezes aprendendo com os erros, nas dificuldades – mudar um pouco o contexto de tudo*". É por isso que ela quer *"agradecer muito a vocês, porque vocês estão nos dando essa oportunidade de mostrar isso"*. Além disso, Célia tem a noção de legado quando afirma que espera "*que eu possa levar alguma coisa pra alguém, ou da história de Rio Preto, pela visão de uma menina simples [...] que não teve oportunidade de estudar enquanto nova, mas teve um filho maravilhoso e que viveu essa experiência*". Além disso, no momento em que a pandemia do Covid -19 parecia não ter fim, ela supera a dor da perda do filho, por razões que não detalha ao longo da narrativa, dizendo que "*ele ainda me traz muita força*". Despede-se da equipa do Museu da Pessoa desejando que as "*pessoas possam, em todas essas perdas que elas têm sofrido, encontrar força, porque a gente sabe que a vida não acaba*".

E por fim, no terceiro nível, o da compreensão da história de vida como legado, trazemos as considerações de três mulheres afrodescendentes que, ao longo de suas narrativas superaram dificuldades financeiras, mas principalmente os preconceitos de modo a obter sucesso profissional e ascensão social.

A primeira narrativa que se enquadra neste tópico é a de Chica, a menina que cresceu vendendo frutas nas ruas de São José do Rio Preto, mas que obteve reconhecimento a partir de um chefe bastante atento aos acontecimentos dentro da loja em que trabalhava, os quais poderiam ser classificados como episódios de racismo quotidiano. Sobre a entrevista propriamente dita, ela declara que ficou "*muito lisonjeada, muito agradecida*". Ainda sobre a oportunidade ela declara que fala "*por mim e pra todas e pra aquelas que me rodeiam, que [é] deixar no Museu da Pessoa, o seu legado, o seu rastro, sabe? O seu rastro é você que faz, a sua vida positiva ou negativamente, de alguma maneira você vai ser lembrada. [No meu caso] com um modo de ver a vida quase sempre de forma positiva".*

Chica também traz a ideia da marca que fica aquando da passagem de uma pessoa: "*Então, é isso que vocês estão fazendo comigo, contando a minha história. Um dia não existirei mais nesse plano, mas um dia alguém vai entrar lá no Museu da Pessoa e vai falar: 'Uma mulher existiu, eu li sobre ela*'". Chica termina a sua narrativa de forma muito especial, ao dizer: "*Então, eu acho que é isso: é o seu legado, [a forma] que você quer que lembre de você e de que maneira você quer, mas tendo a sua personalidade, tendo a sua atitude, o seu comportamento, porque ninguém muda, o que é, sabe? E, uma hora, você é visto. Então, eu não tenho outra coisa a dizer: muito obrigada*".

Dandara segue avaliando a importância do registo da narrativa, uma experiência na qual se subverte a presença física neste mundo. Longa é a citação, pois traz uma complexidade que ficaria multifacetada se escolhêssemos um único trecho para destacar. Vamos a ela:

> *Eu não acredito na morte enquanto tiverem projetos como o Museu da Pessoa. Porquê? Porque, se você pode deixar a sua marca no mundo, seja uma arte que você faz, seja a sua história, seja a sua música, você não vai morrer, né? Você deixou a sua marca no mundo. Contar a minha história, além de me trazer, de ter me levado pra essa viagem aí no tempo, né... eu sempre falo isso pros meus filhos: "Eu tinha tudo pra não dar certo. Eu tinha todos os ambientes para falar assim: "Ah, essa menina não vai conseguir", né? A pobreza, a própria questão do racismo, a questão do alcoolismo do meu pai. E eu sou prova que a gente consegue dar certo, sim. Com muita dedicação, empenho e através de pessoas, né? É aquilo que eu disse: pessoas transformam o mundo. Então, deixar o meu depoimento, pra mim, aqui, é uma questão de legado. É como se um pedacinho de mim nunca mais fosse morrer, porque está registrado. Então, o meu existir acaba se transferindo para quem vai ouvir essa história. A pessoa vai conhecer um pouquinho de mim. Isso me deixa tão feliz. É tão gratificante. É uma sementinha, assim. E enche o meu coração de alegria, de verdade. Eu fiquei com o coração aquecido. Eu não sabia o teor da entrevista, como seria, né? A gente imagina, mas não sabe. Mas eu estou sentindo, assim, como se um pedacinho de mim nunca fosse morrer, mesmo. Um pedacinho da minha alma, eu vou deixar registrada aqui. E que isso vai ficar pra sempre na minha lembrança, né? Eu sou muito grata pelo convite. Estou me sentindo muito honrada (Dandara, 2021).*

Por fim, o último trecho da entrevista de Anastácia atesta que narrar a sua história e deixá-la registada para uma instituição prestigiada como o Museu da Pessoa, para mais em parceria com o SESC-SP, outra referência na cena cultural brasileira, é um ato empoderador. Esta experiência abre espaço não só para a pessoa contar a sua história, mas para ela também refletir sobre a sua própria trajetória. Trata-se de outra longa citação, mas que, a exemplo do trecho de Dandara, consideramos que vale a pena citar na íntegra, acompanhando o seu raciocínio:

> *Gente, eu não estava esperando. A gente não estava esperando. Mas eu acho muito importante, né? Eu acho que todos nós, sempre que tiver a oportunidade, compartilhar as nossas histórias. Porque eu acho que o pessoal se funde muito com o coletivo, né? Então, a minha história também é a história de muitas outras Marianas, de muitas pessoas com uma história parecida com a minha. E eu acho que o poder da identificação traz muita força, às vezes, pra pessoa acreditar também num projeto que ela tem, num sonho. Então, eu acho um privilégio muito grande poder compartilhar a história do meu brechó através da minha história pessoal, um privilégio muito grande. Eu acho que tem uma potência muito grande atrás disso, que é dessa identificação e também da diferença, né? Às vezes, uma pessoa que teve uma realidade muito diferente da minha, [pode] conhecer realidades diversas, né? A gente não pode ficar preso numa única história, numa única história de vida, num único modelo de se ter um negócio, de se ter um comércio. E a gente ver como é amplo e como cada um, do seu jeito, consegue transformar o seu sonho, fazer o seu percurso dentro do que você acredita, de quem a gente é, né?* (Anastácia 2021)

Com esta fala potente, finalizamos a análise das narrativas que compõem a Amostra 2, formada por pessoas que trabalham efetivamente no comércio de cidades de porte médio do interior paulista, com algumas reflexões, as quais consideramos pertinentes. Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra cujos participantes passaram a maior parte da sua infância e adolescência no meio urbano. Ainda que moradores de bairros periféricos, são pessoas que tiveram acesso à escola pública e suas infâncias, a despeito das dificuldades financeiras, foram passadas com brincadeiras de rua, pelo menos para a grande maioria destes narradores. Relevante salientar a importância dos cursos mais técnicos, que, a despeito das críticas que recebe, por formar mão-de-obra barata para o mercado de trabalho, mostrou-se uma opção para algumas pessoas. A graduação, na maioria das vezes, como pudemos observar, deu-se ao mesmo tempo em que já se exercia uma atividade laboral, normalmente como técnico comercial, o que nos leva a concluir que o comércio é uma atividade que possibilita a ascensão profissional. Esta perceção é corroborada pelo facto de que diversos dos sujeitos narradores foram empregados por conta de outrem, como técnicos comerciais, no início da sua carreira profissional e, no momento da entrevista, eram proprietários dos seus negócios. Isso ocorreu com 8 dos sujeitos da Amostra 2, e com 32 do total dos sujeitos entrevistados no projeto *Memórias do Comércio: Rumo ao Interior Paulista*.

Trata-se também de um grupo com maior nível de escolarização e do qual emerge uma compreensão mais profunda sobre as questões do racismo, ainda tão presentes na sociedade brasileira. Isto porque percebemos que as três narradoras explicitadas nesta última secção teceram considerações não só muito profundas e impactantes sobre a

importância das narrativas, mas também trouxeram reflexões mais longas, com muitas considerações. É preciso assinalar que a profundidade com a qual Anastácia e Dandara fazem esta reflexão pode estar alicerçada em trajetórias de vida muito similares. Apesar de Anastácia vir de uma classe média remediada, e de Dandara vir de uma família pobre, ambas demonstram, nas suas afirmações finais, compreender os processos de superação dos resquícios da colonialidade, a partir da reflexão sobre o racismo. Por sua vez, Chica fá-lo de forma indireta, pois recusa-se a pronunciar esta palavra.

Todas as três realizam, em suas narrativas, considerações importantes sobre a sua etnia, as dificuldades e os desafios diários das mulheres afrodescendentes. De acordo com as suas narrativas, podemos inferir que foi o trabalho no comércio, na indústria ou na prestação de serviços que lhes permitiu ascensão social e estabilidade financeira. A perceção do preconceito que estas três mulheres sofreram pelas suas origens africanas, por um lado, e do sucesso das suas vidas profissionais, por outro, elevaram as suas reflexões a um outro patamar, como não encontramos em nenhuma outra narrativa desta amostra.

5.4. As perceções dos colaboradores do Museu da Pessoa

5.4.1. Primeiros desafios exercidos no Museu da Pessoa

Do grupo de entrevistados dos colaboradores do Museu da Pessoa, a maioria é formada em História. São exceções Sônia London, formada em Letras (Português-Francês) e de Ana Maria Leitão que é graduada em Química, porém com pós-graduação em Museologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Da formação inicial da equipa do Museu da Pessoa, entrevistámos a criadora da instituição, Karen Worcman e também Márcia Ruiz e Rosali Nunes Henriques. Os demais entrevistados foram se agregando às equipas do museu, de acordo com as demandas pelas quais a instituição buscava atuar. Desta feita, Sônia London e Rosana Miziara passaram a integrar os quadros do Museu da Pessoa no início do ano 2000; Lucas Lara e Felipe Rocha chegaram ao início da década de 2010, assim como Ana Maria Leitão.

O critério para convidar estas pessoas a darem entrevistas para este trabalho de tese foi fundamentalmente trazer o olhar de diversos colaboradores, responsáveis por diferentes

áreas, tidas como essenciais para a manutenção do propósito do Museu da Pessoa[357]. O que se observa é que cada um desses colaboradores trouxe diferentes experiências para sua atuação no Museu da Pessoa. Vejamos como isso ocorreu, ainda que de forma sucinta.

Márcia Ruiz, como já assinalado no capítulo anterior, fez parte do grupo inicial do Museu da Pessoa. Sua expertise vinha da coordenação de um equipamento cultural da Secretaria de Estado da Cultura, a Oficina Cultural Oswald de Andrade. É neste espaço que ela vai conhecer Karen Worcman, aquando do primeiro projeto que foi desenvolvido em São Paulo, ainda nos primórdios do Museu da Pessoa, a Oficina Memória Oral do Idoso que, entre outras ações, editou o *Almanak da Idade de Pensar*. Elas se aproximaram por conta de uma busca de patrocínio para a impressão desta publicação; pouco tempo depois, entre 1992 e 1993, o Museu da Pessoa passou a existir em termos jurídicos. Ruiz (2021) ressalta que o começo de tudo foi difícil, pois "*era uma ideia que encantava, era uma coisa que assim, as pessoas não conseguiam entender como isso era possível, porque eles não conseguiam entender a importância de um chão de fábrica na construção de uma empresa*". Quanto à estratégia para formação do acervo do Museu da Pessoa, Ruiz (2021) assevera que existia uma certa dose de convencimento para as empresas compreenderem a importância da parceria: "*Olha, a gente coleta o depoimento, a gente faz a história da sua empresa, mas você tem que permitir que o seu funcionário ceda depoimento pro Museu também*". A defesa desta postura levou o Museu da Pessoa a enveredar pelo caminho do Direito de Imagem, frente de trabalho na qual ela se especializou. Isto porque a pessoa cedia "*a voz, a imagem, a história pro Museu e tal. E era assim, pra época era uma coisa muito pioneira porque era muito difícil, muito difícil as pessoas cederem, voz, imagem, essas coisas todas*", numa época em que ainda não se falava em *Creative Commons.*

Por sua vez, Rosali Nunes Henriques chegou ao Museu da Pessoa após assistir a uma matéria jornalística sobre esta instituição num programa de televisão. Interessou-se em participar na iniciativa, pois considerava o Museu "*a minha cara*". Rapidamente ela se juntou ao núcleo inicial de fundadores do Museu da Pessoa; primeiramente atuando em trabalhos pontuais e, mais tarde, já na estrutura da organização. Sua grande colaboração advém do interesse pela Internet, campo no qual buscou conhecimento, pois o que lhe encantava era "*a possibilidade de conexão, que é uma coisa que eu sempre achei*

[357] Ver tabela do Capítulo 4

fabulosa, achei aquilo... eu acho que quando o Museu fez a primeira página no lançamento da página, eu achei, eu falei: Gente, isso é uma revolução!".

Do grupo que chegou ao Museu da Pessoa logo após ele ter se estabilizado e ter iniciado uma fase de crescimento, convocamos as lembranças de Sônia London e Rosana Miziara. Para Sônia London, estar no Museu da Pessoa era desafiador e difícil ao mesmo tempo. Ela, que vinha de uma grande experiência de contextos de educação não-formais, se encantou com a possibilidade de "*fazer mesmo, de contribuir, de ajudar, de estar dentro de um projeto que não era só para criança, não era só para adolescente, não era só para pobre, não era só para idoso, era para a humanidade!".* Além disso, o Museu da Pessoa trabalhava com a *valorização da pessoa [e as] instituições em que eu trabalhei tinha mais um viés assistencialista e aqui era algo mais amplo, era o ser humano, não importa de que local ele era. Isso para mim foi muito difícil...*".

Por sua vez, Rosana Miziara foi uma das poucas pessoas que trazia conhecimento e atuação com narrativas orais, dado que ela havia desenvolvido um amplo trabalho no Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. A experiência deu-se junto com renomadas professoras da PUC São Paulo – Maria Célia Paoli e Déa Fenelon: "*Devo tudo à Déa Fenelon, devo tudo à ela. Porque eu era bolsista de iniciação, eu fui pedir um estágio para a Déa e ela me falou que a Paoli ia montar o núcleo de memória oral*".

Independente da área em que cada um dos colaboradores entrevistados trabalhe, é de praxe, no Museu da Pessoa, a participação, como entrevistador nas entrevistas realizadas. Normalmente, faz-se isto por meio do programa *Conte Sua História*, no qual, pessoas da sociedade civil são convidadas a deixar sua narrativa registada para o acervo do Museu da Pessoa, independentemente de qualquer projeto que esteja sendo realizado na instituição. Esta prática serve como alinhamento das novas equipas à Missão da instituição.

Esta foi a experiência de Felipe Rocha aquando do seu ingresso, em que ele se recorda que "*ao longo do ano eu fui participando do Conte [sua História]. Então conforme foi acontecendo, eu participei de algumas entrevistas...*". Como as gravações são sempre feitas em duplas de entrevistadores, este momento é também utilizado para o treinamento dos novatos. Lucas Lara fez sua primeira entrevista já no âmbito de um projeto, o Memórias do Comércio, etapa de 2021, que focou tanto o mapeamento como as gravações

em áreas distantes do centro histórico da cidade. Para Lucas, o seu "desafio inicial foi como me auto formar em 5 dias. Ler tudo o que tinha sobre o Museu!". Pois ele "nunca tinha ouvido falar do Museu, nunca tinha feito uma entrevista na minha vida, e depois de cinco dias que eu estava no Museu eu já fui acompanhar a primeira [entrevista]". O desafio foi grande, apesar de ele não atuar diretamente na entrevista, "*eu estava de P2, mais de observador, mas foi um desafio porque era todo um universo muito novo. Eu vinha de uma área que era catalogação e tratamento de acervo*".

Ambos, Lucas e Felipe são formados em História pela Universidade de São Paulo e durante o curso já haviam tido contato com a metodologia da História Oral, mas confessam que não haviam se interessado em aprofundar. Além disso, nas instituições tradicionais que oferecem estágio para os estudantes, os acervos são quase sempre físicos. Lucas trabalhou no Museu da Imagem e do Som com discos de vinil e de artes gráficas e Felipe trazia uma experiência do Arquivo do Estado relacionado com a documentação do Departamento de Ordem e Política Social.

Por sua vez, a museóloga Ana Maria Leitão, que era coordenadora do Departamento de Museus e Arquivos (Dema) da Secretaria Estadual de Cultura, revela o estranhamento[358] que uma instituição como o Museu da Pessoa trazia: "*tinha várias pessoas que já tinham ouvido falar, mas ninguém entendia o que era o Museu da Pessoa, ninguém entendia",* além disso, ela também assinala que ela "*também tinha alguma dificuldade, já tinha aquele negócio de qualquer pessoa podia entrar no site e inserir [uma história*]".

Já destacamos com muitos detalhes a trajetória de Karen Worcman, por isso, passaremos direto à próxima questão que iremos abordar neste tópico.

5.4.2. Sobre o ato de conceder entrevista ao Museu da Pessoa

Ana Maria Leitão chama a atenção para o processo de compreensão que o entrevistado vai adquirindo ao longo da própria entrevista. O condutor da narrativa faz inicialmente perguntas mais genéricas tais como nome, local e data de nascimento, questões mais generalistas que aos poucos vai dando espaço para perguntas mais profundas, tanto descritivas como reflexivas. É quando a pessoa entrevistada "*se sente importante de falar,*

[358] Esse estranhamento já foi abordado de forma mais aprofundada ao Capítulo 4.

satisfaz uma curiosidade sua", tanto é que essa narrativa "*vai para um acervo de um museu com várias outras*". Além disso, A. M Leitão ressalta a delicadeza com que o entrevistador vai conduzindo as questões para o entrevistado, enfatizando o aspeto ético que é muito levado a sério pelos entrevistadores, como um "*conjunto de comportamento de regras*", de respeito ao entrevistado. Neste sentido, para ela, "*todo museu tem que ter ética, mas o Museu da Pessoa é a ética diretamente com a pessoa.*"

Felipe, que trabalha diretamente com o acervo do Museu da Pessoa e não exatamente em projetos, assim como Ana Maria Leitão, recorda-se de uma entrevista marcante, em que ele fez uma simples pergunta: "*mas por que o Sr. comercializa feijão*"? Ao que o entrevistado respondeu: "*Que pergunta interessante, hein?*" E a partir desta pergunta, o sujeito narrador iniciou todo um pensamento sobre a sua atividade comercial: "*ele me explicou porque que ele escolheu o feijão, começou a buscar na memória dele e contar como se deu, e aí depois ele começou a me dar uma aula de porque a marmita básica do brasileiro era arroz e feijão.*"

Assim como Felipe, Sônia London destaca o impacto que a narrativa construída tem para o próprio entrevistado, ao declarar que: "*Quando eu entrevisto eu sinto profundamente o encontro com o que mais me aproxima da nossa humanidade*". Mas esse momento, revestido de tom solene, não é mera empatia, para Sônia London "*é mais forte que empatia, é o encontro da minha humanidade com a humanidade do outro. E tem essa coisa: somos todos iguais. Não! Somos todos diferentes!!!*".

Podemos inferir que há uma forte perceção entre os colaboradores do Museu da Pessoa de que a ideia de se eternizar mobiliza os sujeitos narradores e suas memórias. Para Márcia Ruiz, "*todo mundo quer se eternizar de alguma forma*", pois ela considera que há "*a necessidade do ser humano de ser lembrado, de se perpetuar, de achar que a hora que ele morrer vai ficar alguma coisa*". Isso ocorreria mesmo quando o entrevistado é convidado por uma organização para fazer parte de um projeto memória, pois a pessoa traz a narrativa dela muito ligada à narrativa da empresa, o papel dela dentro da empresa, mas não muito como pessoa". Em suma, "*eu acho que tem um pouco isso, eu acho há essa questão da necessidade de se perpetuar, de deixar um legado, enfim...*".

Por sua vez, Rosali Henriques considera que "*as pessoas têm desejo de eternizar a sua história, e no caso de projeto [de memória de organização], é uma honra para elas*". Certamente porque acaba sendo "*uma espécie de prêmio, é uma honra, a pessoa fala*

assim: 'eu fui reconhecida!'". É uma espécie de reconhecimento dentro da instituição ou da organização.

Já Rosana Miziara faz claramente uma distinção entre as pessoas que se dirigem espontaneamente ao Museu da Pessoa para participar do *Museu Aberto*, mais tarde transformado em *Conte sua História*, e as pessoas que são convidadas a participar de um projeto de memória demandado por uma organização. No primeiro caso, os narradores "*vem espontaneamente, se inscrevem, é o desejo de duas coisas. Primeiro, ela quer ser escutada, ela quer ser escutada, é uma instância e tem uma camada que é para deixar um legado registrado*". Porém, quando a empresa/organização é quem está à frente da iniciativa de memória, ela considera que "*é para deixar legado, essas de empresa, de memória organizacional é para deixar legado*". Porém, importante ressaltar que, na visão de Rosana Miziara, nos "*projetos de memória, acho que é muito ligado ao reconhecimento, é mostrar como ela teve participação naquela história. Não é autocentrado, é reconhecimento mesmo e é compartilhar uma sabedoria*".

Ao refletir sobre o que leva alguém a dar entrevista para o Museu da Pessoa, Karen Worcman considera três abordagens: "*eu acho que uma pergunta é o que leva, a outra pergunta é o que causa, e a outra é o que ela percebe depois que ela faz, entendeu? São três coisas diferentes*". O primeiro ponto de vista, é que *"tem um grupo grande de pessoas, que todo ser humano tem essa vontade de se eternizar". Além disso, "não é só o ser humano, animais, árvores todos fazemos continuidades de mundo, né? Então eu acho que essa é uma continuidade biológica, uma continuidade espiritual, uma continuidade cultural, e acho que a eternidade de você como pessoa também é uma demanda".* Outra possibilidade é a questão da visibilidade, que foi se moldando ao longo do tempo em que o Museu da Pessoa foi se desenvolvendo, pois *"algumas pessoas buscam ser simplesmente escutadas, sair de uma total invisibilidade, eu acho que algumas pessoas fazem isso automaticamente"*. E, por fim, *"quando está fazendo percebe [...] acho que todas tem a ideia de se entregar, se eternizar, algumas com mais consciência, outras com menos"*. Em todas essas possibilidades há *"uma demanda comum só que ela tem graus de consciência diversos do ato, talvez seja isso".*

5.4.3. Sobre empoderamento ao conceder entrevista para o Museu da Pessoa

Entre todos os participantes do Museu da Pessoa que foram entrevistados, é consenso o quanto gravar uma entrevista é significativo para a grande maioria dos sujeitos narradores. Algumas das respostas trazidas por este grupo agregam exemplos de como os sujeitos narradores se sentiram ao serem entrevistados, declarando isto tanto no decorrer da narrativa, como ao final dela. São Felipe Rocha e Lucas Lara que trazem estes exemplos. Lucas assinala que, quando os entrevistados saem do estúdio de gravação, "*eles realmente se sentem parte de algo maior*", e percebem: "*puxa, até que eu tenho alguma coisa para falar!*". Felipe Rocha traz um exemplo de reflexão, cunhado a partir da pergunta destacada para fornecer pistas para responder aos objetivos desta tese. Assim ele conta-nos sobre o encerramento de uma gravação da qual ele participou como entrevistador: "*chegou no fim, o pessoal fez aquela pergunta: O que você achou da sua experiência de contar sua história?".* E ele respondeu: *"Poxa, eu pra falar a verdade eu nunca tinha parado pra pensar em tudo o que eu fiz e fazer esse balanço, então essa tarde pra mim foi inesquecível, foi um momento que eu me apercebi de muita coisa*".

Já Rosana Miziara elenca alguns pensamentos sobre a perceção de haver ou não haver empoderamento, tanto a nível individual, como no coletivo, pois "para cada pessoa é de um jeito, mas ela pode não lembrar, né? Mas aquilo ficou nela". Mesmo no caso de pessoas de fama reconhecida, como artistas, cantores e escritores, muitas vezes existe a compreensão de que se trata de uma entrevista diferenciada. Ela cita o caso de uma pessoa muito conhecida nos meios culturais, cuja carreira atingiu o auge nos anos de 1980, que, logo após a entrevista, declarou: "Eu nunca dei uma entrevista desse jeito". Ou seja, mesmo tratando-se de "uma pessoa acostumada [a gravar entrevistas], mas acho que ela impacta mais para pessoas que não estão acostumadas. Eu acho que é verdadeiramente empoderador, porque tem muito relato sobre isso".

Para responder a esta questão, Márcia Ruiz faz uma interessante observação: o quanto o ato de narrar uma história de vida envolve reciprocidade. Pois, para ela "*geralmente quando eu saio de uma entrevista, eu saio diferente de como eu entrei, eu passo por um processo de transformação. Eu falo isso muito*". Neste sentido, ela percebe "*que é uma recíproca que acontece do lado de lá, né?*". Em relação às narrativas que são gravadas no âmbito dos projetos de memória organizacional – uma área na qual ela trabalhou grande parte da sua carreira – Márcia Ruiz ressalta que o narrador "*percebe o quanto isso é verdadeiro, porque ela tem consciência do processo, como é que ela participou desse*

processo". Márcia não chega a utilizar especificamente a palavra empoderamento ao responder a esta pergunta, mas tangencia esta questão na medida em que afirma: "eu acho que essa rememoração, essa busca – e é claro, aí que o roteiro ajuda muito nesse processo, ele ajuda a pessoa a refletir sobre o papel dela". E se isso ocorre no âmbito individual, ela também considera que há "*uma tessitura dessas narrativas que forja uma memória coletiva*".

Rosali Henriques também defende a ideia de que ao contar sua história, o narrador se percebe como um protagonista e o "Museu ajuda um pouco as pessoas a fazerem isso". Além disso, ao responder as perguntas finais, o entrevistado, como já mencionado acima por outros colaboradores do Museu da Pessoa, declara: "Ah, eu fiquei muito assim... porque eu não sabia que a minha história era tão interessante, entendeu?". Essa espécie de reconhecimento dá-se pelo facto de que há "pessoas que tem, que tem autoestima elevada, etc., mas tem pessoas que precisam disso, precisam ser reconhecidas de que elas são protagonistas da sua própria história, elas não são coadjuvantes!". Rosali ainda credita essa perceção que a pessoa tem de seu protagonismo ao Museu da Pessoa e que é nesse momento da perceção que se gera o empoderamento. Ela ainda conclui: "se a pessoa sabe, aí o mundo é dela".

E, por fim, chegamos às considerações elencadas por Karen Worcman sobre a questão do empoderamento ao momento do ato narrativo. A fundadora do Museu da Pessoa inicia suas considerações sobre este assunto ressaltando o diferencial do trabalho do Museu da Pessoa que, ao entrevistar uma pessoa, exerce principalmente a prática da escuta. Há, todo um cuidado em fazer o narrador perceber a importância da sua narrativa, em "*dar aquele espaço pra pessoa que é o espaço da escuta [...] a gente fez uma opção de fazer aquilo se notar, de dar certificado, de botar a luz*", no sentido de valorizar o momento da gravação. E, essa opção, "*esse caminho tem um efeito incrível, na minha opinião, que a pessoa, além de fazer aquela visita [na sua própria história], ela percebe de alguma maneira, que essa visita está tendo algum valor social*". E nesse ponto ela finaliza dizendo que "*a gente seguiu um caminho diferente*".

Sobre a perspetiva de um empoderamento, para Karen, ele certamente existe, porém com gradações diferentes. Em nível individual, "*com certeza*", a pessoa se sente "*reconhecida, mas quando é de um grupo tem vários tipos*", de acordo com a tipologia do projeto.

No caso das entrevistas realizadas no âmbito do projeto *Memória Local*, o entrevistado é "*reconhecido pelas crianças, pelas novas gerações e aquilo tem um efeito surreal para aquela pessoa, na minha opinião*". Mas, no caso dos produtos relacionados aos projetos de memória organizacional, "*quando a gente lança o livro da empresa [...] e você está naquele livro, então aquele grupo mais próximo, a família fala: 'Meu pai está nesse livro'. Então é uma sucessão de reconhecimento, da família, do próprio grupo do qual eu faço parte, de pessoas que eu conheci. E ''aí você vai ampliando, de dentro pra fora*". No grupo há um processo, essa noção de legitimação da própria história que aquele grupo criou, pra mim aquele é o ponto ápice, aquilo é a evolução!

E, sobre o empoderamento propriamente dito, ela traz-nos a seguinte reflexão: "*porque, para se empoderar, você precisa saber o que você fez, é no ato, como o que nós estamos fazendo aqui. Não é o que a gente fez... quando a gente inovou, a gente sente um poder de ter criado, não é*?".

E, para concluir, Karen Worcman faz uma analogia com a ideia de espalhar, de difundir, de disseminar: "*Então o que é que a gente faz? Quase uma polinização, a gente não traz um poder, a gente simplesmente provoca um processo e cria uma consciência do poder que você tem, de ter construído e reconhecido o seu próprio legado, a sua história. Então aqueles grupos que juntos discutem, lembram, fazem, mapeiam, constroem, é um exercício mítico de recriação, de renascimento, sempre. Estou até falando, fico até emocionada, mas é isso, e é lindo porque esse nosso trabalho é um privilégio, né Cláudia?*".

5.5. À guisa da quinta reflexão – a utopia da superação do passado colonial

Ao encerrarmos este percurso investigativo no qual nós nos dispusemos a compreender as causas da desigualdade social no Brasil pelo viés do racismo, verificamos que as chamadas minorias sociais encontravam-se alijadas não só dos processos participativos, mas também da sua representação nas diferentes estruturas culturais.

Mas, ao longo de alguns anos, o Brasil atualizou a sua agenda de integração dos grupos sociais subalternizados, em específico a partir da Constituição de 1988, que trouxe entre outros, artigos específicos sobre a questão do património material e imaterial, o direito à memória e a valorização das comunidades afrodescendentes e remanescentes de

quilombolas. Os governos mais progressistas, como já assinalamos, valorizaram o papel das ONGs, dos coletivos e das pautas sociais mais inclusivas (Espírito Santo & Oliveira, 2020).

A chegada do ex-metalúrgico Luis Inácio Lula da Silva à presidência da República em 2002 trouxe a possibilidade de inclusão – em diversas frentes de trabalho – para as diferentes classes sociais subalternizadas. Se políticas públicas foram implementadas, a exemplo do *Programa Fome Zero* e do *Bolsa Família*, tido como um dos mais significativos programas de transferência de renda, os aspetos culturais também não foram deixados de lado. A estrutura pela qual se organizou o Ministério da Cultura valorizou os arranjos produtivos culturais locais, o trabalho em rede e a cultura popular. Por meio do *Programa Cultura Viva* (que estruturou diversos pontos de cultura) e da *Ação Griô Nacional* (em parceria com a *Grãos de Luz e Griô*), as ações do Ministério da Cultura chegaram aos mais longínquos rincões do Brasil.

É neste cenário que o Museu da Pessoa se sedimenta como uma organização não-governamental que fomenta a inclusão social por meio do registo das narrativas de diversos grupos sociais. Além disso, o advento dos média digitais traz novos desafios para a área de comunicação, o que nos levou a repensar, não só a questão da memória, mas a questão da memória no espaço digital e, consequentemente, a representatividade das memórias de grupos subalternizados e suas inserções nas plataformas digitais, de modo a serem partícipes dos processos de empoderamento. São estas as reflexões que nos levaram a este amplo estudo.

A análise de 30 narrativas forjadas em dois tempos diferentes serviu como prova de que é possível haver empoderamento de uma pessoa ou de um grupo social ao participar num trabalho de valorização da memória, e, em especial se esta experiência incitar à consciência de que a narrativa dela/e é um legado para a humanidade. Além disso, as duas amostras possibilitaram entrever a grande transformação pela qual o Brasil passou nos últimos anos, tanto em termos estruturais, como em termos de acesso à escolarização, ao emprego, como também em relação à valorização da cultura tradicional.

Neste sentido, passemos às conclusões deste trabalho de tese que são, ao mesmo tempo, as respostas possíveis às questões de investigação desta tese.

6. Considerações finais

Chegamos às considerações finais, momento no qual devemos fazer uma síntese de todo o percurso investigativo que norteou este trabalho de tese, buscando elencar e interpretar os resultados obtidos. Relembre-se que a principal questão desta tese doutoral versa sobre o empoderamento de pessoas pertencentes a grupos que vivem nas franjas da sociedade brasileira por via do ato de contar a sua própria história às equipas de investigação do Museu da Pessoa, sabendo que as mesmas seriam disponibilizadas em plataforma digital. Indaga-se também se esse empoderamento se dá a nível individual ou a nível coletivo.

Neste sentido, torna-se relevante destacar o percurso que percorremos ao longo de quase sete anos de trabalho, considerando pertinente recuperar não só as questões deste trabalho doutoral, como também o nosso percurso ao longo da componente letiva do doutoramento. Por isso, destacamos, em primeiro lugar, que cada unidade curricular cursada na Universidade Lusófona, no Porto, contribuiu sobremaneira para os resultados que ora apresentamos, seja em termos de bibliografia, seja em termos de troca de conhecimentos, seja em termos de convivência com os professores. Para além da questão da era digital e dos ativismos, deparamo-nos com os diversos conceitos do desenvolvimento, com os desafios da desigualdade social e com as questões relacionadas à comunicação para o desenvolvimento. Estudar estes temas tornou-se imperativo, ao longo do período das aulas, mas tomou uma dimensão muito maior após a prova intercalar, com a agregação do tema do empoderamento das classes sociais subalternizadas do Brasil. Além disso, conhecer autores portugueses e/ou estrangeiros não publicados no Brasil tornou-se uma oportunidade única nesta etapa do doutoramento.

Em segundo lugar, é importante retomarmos o percurso deste trabalho doutoral. A componente teórica abordou, ao longo do Capítulo 1, a questão da desigualdade social no Brasil que, como procurámos demonstrar, se deve em grande parte ao sistema esclavagista: tanto aquele que envolveu os povos indígenas como aquele que trouxe o africano para a sociedade brasileira durante o processo de colonização. Essa desigualdade social formou classes subalternizadas que não encontram voz na sociedade brasileira, até os dias de hoje.

No Capítulo 2 tecemos considerações sobre o tema do desenvolvimento, em especial no que tange às abordagens mais contemporâneas, resultantes da perceção da entrada na

Era do Antropoceno que, por um lado, traz a preocupação com a finitude dos recursos naturais e, por outro, impõe desafios, em termos de desenvolvimento, aos países resultantes dos processos colonialistas ocorridos em diferentes fases da história mundial. A temática mostrou-se importante para refletirmos sobre as possíveis ligações entre empoderamento, desenvolvimento e uma efetiva mudança social, por meio das memórias.

Os dois últimos grandes tópicos abordados na componente teórica, ao longo do Capítulo 3, exploraram a intersecção entre o advento dos média – em especial dos média digitais – e dos estudos sobre a memória. Desta estreita ligação, emerge a reflexão sobre a necessidade de superação de narrativas eurocêntricas, baseadas na ideia de uma história única, mediante o fenómeno da multiplicação de vozes que os média digitais possibilitam. Neste contexto, as narrativas criadas, elaboradas e/ou facilitadas pelo Museu da Pessoa teriam o potencial de ser não somente o registo de um passado ainda recente – num país no qual o direito à memória ainda precisa ser estabelecido para além da força da lei – mas também parte de um processo de empoderamento de grupos sociais minoritários, cujas vozes ainda se encontram silenciadas justamente pelo viés do colonialismo.

Por sua vez, a componente empírica foi organizada de modo a empreendermos a recolha de dados que pudessem auxiliar-nos a responder às nossas questões de tese. Para tal, optamos por um percurso metodológico híbrido e multimétodo que pudesse fornecer-nos instrumentos para realizar a análise das narrativas que compuseram a Amostra 1 e a Amostra 2, selecionadas a partir de projetos realizados pelas equipas do Museu da Pessoa. Assim sendo, optamos pela abordagem atópica que propõe uma espécie de mergulho na própria rede, tornando-se o pesquisador, parte da rede.

Além disso, tomamos medidas cautelosas para preservar o anonimato dos entrevistados do Museu da Pessoa, que concederam sua narrativa para constar na plataforma digital da organização, mas, que neste percurso investigativo passaram a dialogar conosco, mesmo sem sabê-lo. O mesmo não ocorreu com os colaboradores do Museu da Pessoa, que, uma vez convidados a participar deste estudo empírico prontamente atenderam ao nosso pedido, muitos ajudando-nos também a localizar outros materiais de pesquisa.

Também fez parte da componente empírica reflexões sobre as virtudes e limitações das amostras, bem como os desafios do itinerário metodológico.

E, por fim, é preciso salientar que trabalhar com as narrativas de outrem significou conhecer profundamente cada sujeito narrador, ler todas as entrevistas nas entrelinhas, reparar nas pausas, observar o choro iminente, a emoção que pairava na fala. Isso levou-nos a perceber não só as demandas, os sonhos, as alegrias, os anseios, mas também as frustrações, as tristezas, os momentos de retomada e a certeza de que haverá um tempo melhor.

Posto isto, retomamos os nossos objetivos de pesquisa, que compõem este trabalho doutoral, buscando responder às questões colocadas inicialmente, seja a partir da componente teórica, seja a partir da componente empírica. Destaque-se que o estudo de caso que realizámos e apresentámos nesta tese foi desenhado para responder precisamente a estas questões que seguem abaixo, com as respetivas considerações.

1. Quais as condições político-económicas que levam pessoas, povos e grupos sociais a buscar a sua representatividade por meio das suas próprias narrativas?

Em relação ao questionamento sobre as as condições político-económicas que levam pessoas, povos e grupos sociais a buscar a sua representatividade por meio das suas próprias narrativas, em especial no Brasil, podemos inferir que isso ocorreu na história mais recente do país, em especial a partir de meados dos anos 1980. Isso deve-se possivelmente a algumas peculiaridades dessa mesma história. Em primeiro lugar, trata-se de um período pós ditadura civil-militar, no qual a busca pela democracia e pela cidadania, tornou possível a inserção de classes tradicionalmente subalternizadas nos processos decisórios. Um ponto crucial para isto ocorrer foi a promulgação da Constituição de 1988, também conhecida como a "Constituição Cidadã", na qual classes socialmente minoritárias, tais como os quilombolas (descendentes dos africanos escravizados) e dos indígenas tem seus direitos amplamente reconhecidos. Ressalte-se ainda que, os artigos 215 e 216 desta constituição também asseguram o direito à memória e à preservação, tanto do património material como do património imaterial (Espírito Santo & Oliveira, 2020).

Além disso, ocorreu a necessária estabilização económica obtida a partir de 1998, quando Fernando Henrique Cardoso é nomeado Ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco e, na sequência, é eleito presidente da república para dois mandatos consecutivos. Além da estabilidade económica, os anos de 1990 também trouxeram a realização da Eco 92 no Brasil, momento no qual se desenhou o enorme impulso para o

desenvolvimento do Terceiro Setor no país. Estas foram as condições político-económicas que contextualizam a criação do Museu da Pessoa. No entanto, observa-se que a potencialização da sua atuação se deu após o ingresso de Karen Worcman na instituição internacional Ashoka Empreendedores Sociais. Este facto demandou a organização e divulgação da Tecnologia Social da Memória, propiciando ao Museu da Pessoa alterar a sua forma de atuação, passando a incentivar diversas iniciativas de memória em grupos sociais distintos, por meio da disseminação da referida metodologia e da formação de núcleos de memória em centenas de organizações.

Neste sentido, podemos concluir que a inclusão de outras narrativas só se torna possível dentro de regimes democráticos, com governos mais progressistas que valorizem a experiência de classes tradicionalmente subalternizadas. Foi este o pano de fundo para a execução da *Ação Griô Nacional*, numa época em que o músico, e também afrodescendente, Gilberto Gil, comandava o Ministério da Cultura. Este tipo de transformação torna-se particularmente relevante em sociedades como a brasileira, formada por vários povos, a qual denominamos por sociedade intercultural.

2. Qual o conceito de Comunicação que o Portal do Museu da Pessoa convoca, ao disponibilizar o seu acervo em plataformas digitais?

Para responder a esta questão, devemos levar em consideração os avanços inerentes da era digital. Enquanto revolução comunicativa, o advento do digital trouxe uma alteração substancial no que diz respeito à produção e armazenamento de dados. Se antes dos anos 1990, a produção de conteúdo estava circunscrita aos conglomerados de comunicação, o advento de meios de comunicação mais interativos propiciou a tomada da palavra por diversos grupos sociais e, por extensão, à diversas outras organizações, que não são necessariamente do ramo da comunicação.

No caso específico do Museu da Pessoa, a disponibilização do seu acervo em modo virtual, de forma gratuita e em tempo real, traz a perspetiva da democratização do acesso à informação. Alguns poderiam alegar que isso não se configura pelo facto de que o conteúdo disponibilizado está maioritariamente em língua portuguesa, mas precisamos

lembrar que a mesma é, na atualidade, a quarta língua mais falada no mundo, somando 260 milhões de pessoas[359].

Além disso, no digital, esbatem-se as fronteiras e as distâncias, o que permite ao Museu da Pessoa, enquanto museu virtual, ser acedido de qualquer lugar do mundo. Desta feita, alteram-se as tradicionais definições do binómio espaço/tempo, nas quais privilegia-se o *topos* e o tempo linear. Na era digital, é preciso, portanto, levar em consideração as novas condições habitativas que os fluxos comunicativos reticulares trazem, na perspetiva da democratização do acesso à informação.

O conceito de Comunicação que a plataforma digital do Museu da Pessoa convoca, nos leva à próxima questão.

3. Em que medida o Portal do Museu da Pessoa se configura como espaço plural e democrático para registo e preservação das experiências das pessoas?

Observa-se, de partida, que as narrativas disponibilizadas na plataforma do Museu da Pessoa foram captadas por diferentes vias de financiamento e, consequentemente, de propósitos. Há uma margem de liberdade para o Museu da Pessoa gerir a abordagem de temas que lhe são cruciais, em especial, a valorização da história oral de vida em detrimento da história oral temática. Desta feita, podemos inferir que o portfólio de projetos do Museu da Pessoa traz uma pluralidade de narrativas as quais elencaremos na sequência.

Neste momento, devemos considerar três formas de produção de conteúdos para o acervo da Museu da Pessoa: os conteúdos elaborados por projetos realizados pelo Museu da Pessoa sob demanda de outras organizações, a exemplo do projeto *Memórias do Comércio*; os projetos patrocinados por mecanismos de incentivo fiscal, a exemplo do projeto *Memória dos Brasileiros*; e as histórias compiladas pelo programa *Conte sua História*. Estas últimas podem ser gravadas de forma espontânea no estúdio do Museu da Pessoa, como podem ser enviadas pelos utilizadores da plataforma.

[359] Informação disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-05/lingua-portuguesa-e-quarta-mais-falada-no-mundo#:~:text=O%20Instituto%20Cam%C3%B5es%20informou%20hoje,do%20mandarim%2C%20ingl%C3%AAs%20e%20espanhol.

Por um lado, temos os projetos sob demanda que refletem os próprios objetivos de cada organização que solicita os serviços do Museu da Pessoa. A maior parte deles resultam da comemoração de efemérides dessas mesmas organizações[360]. No entanto, é importante salientar que o Museu da Pessoa busca sempre alinhar as expectativas das organizações com os seus valores e a sua missão, aspetos analisados anteriormente.

De outro lado, os projetos propostos pelo Museu da Pessoa têm como diferencial o facto de refletir a própria expectativa do museu para garantir o cumprimento da missão e dos valores da instituição, em especial a ideia de que toda pessoa viveu a sua vida com singularidade. É essa singularidade que torna cada pessoa um património da humanidade. Daí o imenso trabalho realizado ao longo de mais de 30 anos de atuação, no sentido de democratizar o acesso à história.

Por fim, é preciso salientar que, ao longo de todos estes anos, o Museu da Pessoa configurou-se como uma referência na sociedade brasileira, como o local da pluralidade das narrativas e da perpetuação das memórias de toda e qualquer pessoa, independente de classe social, religião e etnia, entre outros. A ideia de um museu aberto a toda e qualquer pessoa que quisesse contar sua história de vida sempre esteve presente nos anseios da instituição. Isso se corrobora pelo facto de que, desde os primeiros projetos realizados, o Museu da Pessoa manteve, por conta e risco, um programa aberto de captação de outras narrativas, ainda que modesto em seu início. Em 2005, o Museu da Pessoa passou por uma reestruturação e ocorreu a criação do programa *Conte sua História*, o que tornou possível ampliar e tornar sistemática essa prática. O Museu da Pessoa passou a disponibilizar estúdio próprio e pessoal interno para atender a uma demanda espontânea de gravação de histórias de vida.

Além disso, não podemos deixar de mencionar a disponibilização, em 2003, na plataforma digital, da ferramenta *Conte Sua história* – o mesmo nome do programa descrito no parágrafo anterior. Essa funcionalidade permite que qualquer internauta faça *upload* da sua própria história de vida, de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora. Isso garante a universalidade do direito à preservação da memória individual e coletiva, embora, por vezes, os grupos subalternizados não tenham suficiente literacia digital para aproveitar esta oportunidade. Concluindo esta questão, ao navegarmos na página principal do Museu da Pessoa é possível vislumbrar que a diversidade de grupos que

[360] Ver Anexo 9: Lista de Projetos 1991 a 1997.

compõem a sociedade brasileira se encontram representados. Observa-se, desta forma, que a possibilidade de acesso aos meios de comunicação digital que propiciam não só o consumo de informação, mas também à produção de conteúdo, trazendo, por consequência, a possibilidade da tomada da palavra por diversos grupos sociais, se realiza na plataforma digital mantida pelo Museu da Pessoa.

4. Em que medida as plataformas digitais, como o Museu da Pessoa poderão transformar a função social da memória?

Como visto na descrição do Museu da Pessoa, o digital não se apresentou como uma primeira opção para que o Museu se realizasse plenamente. Pensou-se, no início dos anos de 1990 em fazer uso da *jukebox*, da telefonia fixa e de sistemas digitais fechados, a exemplo de CR-ROMs. Foi somente com a popularização do serviço de Internet – que no Brasil ocorreu entre 1994 e 1995 – e, um pouco adiante, com o advento da Web 2.0 que o digital se apresentou como a grande opção para o Museu da Pessoa concretizar a sua missão, pois este evento representou o momento da chegada da banda larga que permitia conexões mais rápidas, agregando conteúdos de texto, imagem e som.

Em 2003 foi vencido o desafio de compor a primeira versão da sua plataforma digital com a inserção dos primeiros conteúdos, a partir de uma seleção inicial de projetos. Paulatinamente, ao longo de quase vinte anos, todos os projetos anteriormente desenvolvidos já tinham os seus conteúdos inseridos, ao passo que os novos projetos já tinham no seu escopo de trabalho a inserção por parte das equipas alocadas nestas iniciativas.

Certamente todo este esforço requer disponibilidade de servidores que possibilitem um armazenamento quase infinito de informação, além de *expertise* para manter esta base de dados disponível 24 horas por dia, sete dias da semana. A preocupação da instituição em periodicamente realiza atualizações em sua plataforma digital, permite que a mesma continue atraente para o utilizador, facilitando o acesso remoto e o aumento do número de acessos.

No mais recente posicionamento estratégico da instituição, as histórias contadas pelos entrevistados passaram a ser compreendidas como património da humanidade e que "contar, escutar, conhecer e preservar histórias de vida pode mudar seu jeito de ver o

mundo”[361]. Além disso, o Museu tem, entre os seus valores, “um mundo onde a memória e as histórias de vida sejam reconhecidas como elementos fundamentais para enfrentar os desafios da sociedade”[362].

Ao refletirmos sobre esta questão, não podemos deixar de mencionar que não há, na plataforma do Museu da Pessoa, os mesmos filtros ideológicos dos média tradicionais. As histórias de toda e qualquer pessoa são bem-vindas, pois “não há uma história de vida igual a outra. Isso significa dizer que não há uma vida igual a outra”.[363]

Desta feita, podemos considerar que o Museu da Pessoa, a despeito de algumas limitações, já referenciadas, contribui para a transformação da memória social, em específico porque dá voz a uma população que é tradicionalmente excluída dos media tradicionais e quando são mencionados, costuma-se fazê-lo sempre em situações desfavorecidas.

5. São as narrativas registadas, disponibilizadas e compartilhadas em meio digital potencializadoras de empoderamento dos narradores?

Ao buscar a resposta para esta questão, discutimos, na componente teórica as causas para o atual estágio de desenvolvimento no Brasil, marcado pelo disfarçado preconceito racial a partir da ideia do “homem cordial” que emerge da obra de Sérgio Buarque de Holanda e do conceito de “democracia racial” presente na obra de Gilberto Freyre. Este processo norteou o planeamento e a realização da investigação empírica deste trabalho de tese.

Desta feita, elencamos duas possibilidades: o facto de que gravar sua história de vida não promove o empoderamento ou promove o empoderamento enquanto possibilidade revelada ao final da entrevista. Os resultados apontam que, quanto maior o grau de consciencialização do seu papel na sociedade, mais o narrador se percebe como agente da história. Neste sentido, as considerações mais profundas partiram dos sujeitos narradores que obtiveram maior formação escolar, notadamente os que atingiram o ensino superior.

[361] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/ Acesso em 31.08.2024
[362] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/ Acesso em 31.08.2024
[363] Disponível em: https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/manifesto/ Acesso em 31.08.2024

No caso da confirmação de que o ato de narrar empodera os sujeitos, será interessante continuarmos os estudos de forma a investigar se este empoderamento sentido pelos narradores de forma imediata logo após a entrevista ser realizada se mantém ao longo do tempo. Seria também importante que se realizasse um estudo longitudinal e sistemático, o que, como já salientamos, não é pertinente para os propósitos de um trabalho doutoral.

Cabe aqui, considerarmos o imenso contributo que as tecnologias digitais trouxeram para que o Museu da Pessoa realizasse plenamente seus propósitos. Elas certamente dispuseram uma nova possibilidade para a validação das histórias que são transmitidas oralmente, de geração para geração, propiciando a tomada da palavra por parte das classes sociais subalternizadas, reforçando desta forma a importância das tradições orais, e, de certa forma, a existência de uma protoliteratura de base oral.

Por fim, gostaríamos de finalizar este trabalho doutoral buscando compreender o contexto e as demandas que levaram à criação do Museu da Pessoa no Brasil, no início dos anos de 1990. É nessa busca que nos vem à memória uma frase antológica do mestre Darcy Ribeiro, quando, a despeito das inúmeras mazelas que afligem o Brasil, ele afirma que o seu povo se configura como um povo novo, fruto de inúmeros encontros humanos, pois

> Na verdade das coisas, o que somos é a *Nova Roma*. Uma Roma tardia e tropical. [...] Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra (Darcy Ribeiro, 2006, pp. 410-411).

Referências

Abadia, L. L. (2019). Aporofobia—Reseñas. *Res publica - Revista de História de las Ideas Políticas, v. 22, n. 2*, 601–604.

Acco, M. A. (2018). Os Estados, o sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal: Uma leitura crítica das contribuições de Immanuel Wallerstein. *Revista de Economia Política*, *38*(4), 708–730.

Acruche, H. F. (2017). *Portugal e Espanha no Extremo Sul da América: Fronteiras, gentes, direito e soberania (1750-1803) [Tese de doutoramento]*. Universidade Federal Fluminense.

Adichie, C. N. (2011). *Hibisco roxo*. Companhia das Letras.

Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.

Adichie, C. N. (2009a). *O perigo da história única*. TED - Technology, Entertainement e Design. https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8

Adichie, C. N. (2009b). *The danger of a single story* [Institucional]. TED: Ideas change everything. https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?subtitle=en&lng=pt-br&geo=pt-br

Agência Brasil. (2019). *Brasil avança no IDH em 2019, mas terá novos desafios*. Agência Brasil. https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-12/brasil-avanca-no-idh-em-2019-mas-tera-novos-desafios

Agência Brasil. (2020). *Brasil fica em 84º lugar em ranking mundial do IDH*. Agência Brasil. https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/brasil-fica-em-84o-lugar-em-ranking-mundial-do-idh

Agostinho (Santo). (1999). *Confissões. Livro X*. Editora Nova Cultural.

Akerbergs, I. (2007). *Stories about stories: Life story collecting as commemoration and social activism*. Department of Folklore and Ethnomusicology / Indiana University.

Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. Sueli Carneiro / Pólen.

Almeida Filho, N. (2008). A utopia pragmática de Celso Furtado – o futuro possível. *Revista Economia Ensaios*, *22*(2), 1–15.

Almeida Filho, N., & Corrêa, V. P. (2011, abril). A CEPAL ainda é uma Escola do Pensamento? *Revista de Economia Contemporânea*, *15*(1), 92–111.

Amaral, A., Recuero, R., & Fragoso, S. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Editora Sulina.

Amaral, R. (2001). Antropologia e Internet. Pesquisa e campo no meio virtual. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 41 (3-4)*, pp. 31–43.

Antônio Cícero. (1975). *Guardar – poemas escolhidos* [Teledisco]. https://www.youtube.com/watch?v=H0ojVkhov9U

Aranha, M. L. d A. A. (2006). *História da educação e da pedagogia Geral e Brasil*. Editora Moderna.

Arendt, H. (2000). *Entre o passado e o futuro* (5ª). Editora Perspectiva.

Artaxo, P. (2014). Uma nova era geológica em nosso planeta: O Antropoceno? *Revista USP*, *103*, 13–24.

Assis, W. F. T. (2014). Do colonialismo à colonialidade: Expropriação territorial na periferia do capitalismo. *CADERNO CRH, v.27, n. 72*(Set./Dez), 613–627.

Azevedo, M. M. (2008). Diagnóstico da população indígena no Brasil. *Ciência e Cultura*, *60*(4), 19–22.

Babo, I. (2015). *Espectadores e públicos activos. Lisboa: Editora Nova Vega.* Editora Nova Vega.

Babo, I. (2017). Redes e ativismo. Em M. Di Felice, E. Roza, & E. da S. Pereira (Orgs.), *Redes Digitais e novas práticas de participação* (p. 304–317). Papirus.

Babo, I. (2018). Média, tempo e memória. *Revista Vista. Revista de Cultura Visual*, *n. 2*, 77–95.

Babo, M. A. (2016). Do livro ao arquivo: O dispositivo digital. Em T. D. Martinho, J. T. Lopes, & J. L. Garcia (Orgs.), *Cultura e Digital em Portugal*. Edições Afrontamento.

Babo-Lança, I. (2006). *A configuração dos acontecimentos públicos. O "Caso República" e as manifestações nos Açores em 1975*. Edições Minerva Coimbra.

Babo-Lança, I. (2010). Configuração mediática e construção da memória colectiva. A História, a memória e os media. *Trajectos, v. 17*, 53–60.

Babo-Lança, I. (2012). Acontecimento e Memória. Em V. França & L. de Oliveira (Orgs.), *Acontecimentos: Reverberações* (p. 21–38). Autêntica Editora.

Bachelet, L. (1842). *Phalanstere du Bresil. Voyage dans L'Amerique méridionale*. Imprim. de Pommeret et Guenot. https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2654

Baniwa, L. G. dos S. (2006). *O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.* Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional,.

Barbuy, H. (1999). *A exposição universal de 1889 em Paris*. Edições Loyola.

Beavin, J. H., Watzlawick, P., & Jackson, D. D. (2007). *Pragmática da Comunicação Humana. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da comunicação.* Cultrix.

Bergson, H. (1990). *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Martins Fontes.

Berriel, M. (2004). Cidades utópicas do Renascimento. Ciência e Cultura. *Ciência e Cultura*, *56*(2), 46–48.

Berriel, M. (2017). Marx: A utopia como ética da revolução. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, *v. 12*.

Bertaux, D. (2005). *Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica*. Ediciones Belaterra.

Berth, J. (2019). *Empoderamento*. Sueli Carneiro / Pólen.

Berti, I. C. L. W. B. (2018). *Práticas e regime de informação: Os acontecimentos "Carta de Temer a Dilma" e "Marcela Temer: Bela recatada e do lar*" [Tese de Doutoramento]. Universidade Federal de Minas Gerais.

Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Editora da UFMG.

Bielschowsky, R. (1998, outubro). Evolución de las ideas de la CEPAL. *Revista de la Cepal*, *Número extraordinário*, 21–45.

Bielschowsky, R. (2002). Cinquenta anos de pensamento na Cepal—Uma resenha. Em *Cinquenta anos de pensamento na Cepal* (p. 13–68). Record.

Bizzochi, A. (2022, junho 6). Índio ou indígena [Pessoal]. *Diário de um linguísta*. https://diariodeumlinguista.com/2022/06/06/indio-ou-indigena/

Blanes, R. L. (2016). *Febre de Arquivo—O efeito Benjamin e as revoluções angolanas*.

Boff, L. (2012). *Sustentabilidade: O que é, o que não é*. Editora Vozes.

Bosi, A. (1992). *Dialética da Colonização* (3ª). Companhia das Letras.

Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. T. A. Queiroz.

Bosi, E. (1992). Memória da cidade: Lembranças paulistas. Em *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania.* (p. 145–149). DPH (Departamento de Patrimônio Histórico).

Bourdieu, P. (1996). A ilusão biográfica. Em M. Ferreira (Org.), *Usos e abusos da história oral.* (p. 183–191). Editora da Fundação Getúlio Vargas.

Brandão, J. I. de L. (2008). *Não verás país nenhum*. Global.

Brasil Memória em Rede: Um novo jeito de conhecer o país. (2010). Museu da Pessoa; Editora Casa Aberta.

Briggs, A., & Burke, P. (2004). *Uma história social da mídia: De Gutemberg à Internet*. Jorge Zahar Editor.

Brundtland, G. H. (1996). *Nosso futuro comum (Relatório Brundtland)*. ONU - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Burke, P. (1991). *A Revolução Francesa da historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)* (2ª). Editora da Universidade Estadual Paulista.

Burke, P. (1992). *A Revolução Francesa da historiografia: A escola dos Annales (1929—1989)*. Unesp.

Burns, E. M., Lerner, R., & Meacham, S. (2005). *História da Civilização Ocidental: Do homem das cavernas às naves espaciais* (43 ed.). Globo.

Cádima, F. R. (2002). *História e Crítica da Comunicação*. Século XXI.

Caminha, P. V. (n.d.). *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional). http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Pero%20Vaz%20de%20Caminha%201500.pdf

Candau, V. M. F., & Oliveira, L. F. de. (2010). Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista, v. 26, nº 01*, 15–40.

Cardão, M. (2010). Histórias sem fronteiras. O Brasil que Gilberto Freyre criou. *Práticas da História*, *nº 10*, 45–70.

Cardozo, M. A. (2021). A escravidão negra na visão de Gilberto Freyre. Em M. M. M. Motta (Org.), *31º Simpósio Nacional de História*. ANPUH - Brasil. https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais#A

Carey, J. W. (2009). *Communication as culture: Essays on media and society*. Routledge - Taylor & Francis Group.

Carta da Terra. (2000). https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html

Carvalho, A. M. P. de, & Guerra, E. C. (2016). Brasil no século XXI na geopolítica da crise: Para onde apontam as utopias? *Revista de Políticas Públicas*, *20*, *Número Especial*, 267–280.

Carvalho, J. M. (2002). *Cidadania no Brasil. O longo Caminho.* Civilização Brasileira.

Carvalho, J. M. (2004). *Razões que se opõem* [Comunicação]. Folha de São Paulo / Uol - Universo Online. https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0711200402.htm

Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Zahar.

Castells, M. (2017). *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet* (2ª). Zahar.

Castells, M. (2019a). Conclusão. Em M. Castells (Org.), *Outra economia é possível Cultura e economia em tempos de crise* (1ª, p. 237–248). Zahar.

Castells, M. (2019b). *Outra economia é possível. Cultura e economia em tempos de crise*. Zahar.

Cavalcanti, L., Silva, B. G., Macêdo, M. F. R., Oliveira, A. T., & Costa, L. F. L. (2021). *Refúgio em Números* (6ª). Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/Ref%C3%BAgio%20em%20n%C3%BAmeros/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS.pdf

Cerqueira, L. E. de. (2009). *Memórias do Distrito Federal: A luta pela autonomia política.* Museu da Pessoa; Abravídeo.

Chauí, M. (1992). Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. Em *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania.* (p. 37–46). DPH (Departamento de Patrimônio Histórico.

Chauí, M. (1995). Cultura política e política cultural. *Revista de Estudos Brasileiros, v. 9, n. 23*, 71–84.

Coelho, A. B. (2000). No rasto de Cabral. *Revista USP*, *45*, 16–25.

Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. (1991). *Nosso Futuro Comum*. Fundação Getúlio Vargas.

Connerton, P. (1993). *Como as sociedades recordam. [Versão Electrónica]*. Celta. https://pt.scribd.com/doc/52960963/Paul-Connerton-Como-as-Sociedades-Recordam-1

Contier, A. D. (1998). Edu Lobo e Carlos Lyra: O nacional e o popular na canção de protesto (Os Anos 60). *Revista Brasileira de História*, *v. 18, nº 35*. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100002

Cortina, A. (2017). Una lacra sin nombre. Em *Aporofobia, el rechazo al pobre Un desafío para la democracia* (1ª, p. 17–28). Espasa Libros.

Couto, M. (2021). *O mapeador de ausências*. TAG / Companhia das Letras.

Damásio, M. J. (2009). Actividade e comunicação: O sujeito perante os media. Em *Media, Redes e Comunicação: Futuros presentes* (p. 111–129). Obercom e Quimera.

Declerq, M. (2020, julho 13). Não verás país nenhum. Ficção de Ignácio de Loyola Brandão previu o futuro, mas ele desconversa: "a realidade foi me copiando". *Tab Uol*. https://tab.uol.com.br/edicao/ignacio-loyola-brandao/?fbclid=IwAR0AUP_xeITAIJS34x_Ag0LyIo3SSYkFZRVLmQYp95BKFjftVYgtVZl9YbE#cover

Defourny, J. (2009). Economia Social. Em P. Hespanha, A. D. Cattani, J.-L. Laville, & L. I. Gaiger (Orgs.), *Dicionário internacional da outra economia* (p. 209–304). Almedina.

Delgado, G. C. (2017). Desigualdades sociais face ao desenvolvimento científico e tecnológico: Antinomia ou problema histórico? *Ciência & Saúde Coletiva*, *22*(7), 2109–2118.

Dewey, J. (2008). *El arte como experiencia*. Ediciones Paidós Iberica. http://archivos.liccom.edu.uy/Figuras/Dewey,%20John%20-%20El%20arte%20como%20experiencia.pdf

Di Felice, M. (2001). *Habitar os consumos: O caráter comunicativo dos objetos e a crise do antropomorfismo social* [Tese de Doutoramento]. Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo.

Di Felice, M. (2005). Prefácio. Em M. Perniola, *O sex appeal do inorgânico* (p. 11–19). Studio Nobel.

Di Felice, M. (2009). *Paisagens pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. Annablume.

Di Felice, M. (2010). Estéticas pós-humanistas e formas atópicas do habitar. Em M. Di Felice & M. Pireddu (Orgs.), *Pós-humanismo: As relações entre o humano e a técnica na época das redes* (p. 344). Difusão Editora.

Di Felice, M. (2011, fevereiro). Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. *REVISTA USP*, *n . 92*, 9–19.

Di Felice, M. (2017a). *Net-ativismo: Da ação social para o ato conectivo*. Paulus.

Di Felice, M. (2013a). Net-ativismo e ecologia da ação em contexto reticulares. *Contemporânea: comunicação e cultura*, 267–283.

Di Felice, M. (2017b). Net-ativismo e ecologia da ação em contexto reticulares. Em M. Di Felice, E. da S. Pereira, & E. Roza (Orgs.), *Net-ativismo. Redes digitais e novas práticas de participação* (1ª, p. 13–28). Papirus.

Di Felice, M. (2013b). Ser redes: O formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Revista Matrizes*, *Ano 7 – nº 2*, 49–71.

Di Felice, M., & Franco, T. C. (2018). Connective ecologies: Digital Animism, Computerized Ecology, and Matter in a Network. *Palabla Clave*, *21*, 964–991.

Di Felice, M., Torres, J. C., & Yanaze, L. K. H. (2012). *Redes digitais e sustentabilidade: As interações com o meio ambiente na era da informação* (1ª). Annablume.

Diniz, D., Medeiros, M., & Madeiro, A. (2017). Pesquisa Nacional do Aborto 2016. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, *22*(2), 653–660.

Duby, G. (1998). *Ano 1000, ano 2000. Na pista de nosso medos*. Fundação Editora da Unesp.

Escudero, M. C. (2009, agosto). Comunicación para el empoderamiento y comunicación ecosocial. La necesaria creación de nuevos imaginarios. *Perspectivas de la comunicación*, *2*(1), 146–158.

Escudero, M. C. (2015). *Claves para repensar los medios y el mundo que habitamos. La distopia del desarollo*. Ediciones Desde Abajo.

Eser, P. (2009). Dossier Decrecimiento. Un debate abierto. Con entrevistas a: C. Taibo, J. Sempere, M. Amorós, A. Jappe, M. Etxezarreta, J. Reichmann, J. Iglesias y G. Mosangini. *El Viejo topo, v. 258*, 43–59.

Espírito Santo, S. M. do E., & Oliveira, C. L. G. A. (2020). Sísifo e Pítia: a imagem da atuação do agente da preservação no direito ao patrimônio cultural. *Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade*, (Vol. 24, pp. 75-100). Recuperado de https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/51590

Fausto, B. (1998). Imigração: Cortes e continuidades campo. Em L. M. SCHWARCZ (Org.), *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea* (Vol. 4, p. 13–61). Companhia das Letras.

Fausto, B. (2009). *História do Brasil* (13ª edição, 1ª reimpressão). Edusp.

Fenelon, D. R. (1992). Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. Em *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania.* (p. 29–33). DPH (Departamento de Patrimônio Histórico.

Fernandes, J. O. (2012). *O direito à memória: Análise dos princípios constitucionais da política de patrimônio cultural no Brasil (1988-2010)* [Comunicação em Mesa Redonda VI: Política cultural e direitos culturais]. Seminário Internacional Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Revista Sociologia. Problemas e práticas, v. 9*, 171–177.

Ferrarotti, F. (2007). Las historias de vida como método. *Convergencia, Revista de Ciências Sociales, v. 44*, 15–40.

Ferreira, G. N. (1996). A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna. *Lua Nova, n. 37*, 229–254.

Ferreira, M. N. (1976). *Imprensa e Sociedade: O Trabalhador Gráfico.* [Dissertação de Mestrado]. Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo.

Fiori, J. L. (2000). A propósito da "Construção Interrompida". *Economia e Sociedade, 14*, 1–19.

Fonseca, L. A. (2000). O sentido da novidade na Carta de Pêro Vaz de Caminha. *Revista USP, n. 45*, 38–47.

Franco, J. E. (2009). Vieira e a possibilidade de um Mundo Novo: Quinto Império como projecto de cidadania do futuro. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, *v. 5, n. 14*, 101–114.

Freire Filho, J. (2003). A sociedade do espetáculo revisitada. *Revista Famecos*, *22*, 33–46.

Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra.

Freixo, M. J. V. (2011). *Teorias e modelos de comunicação* (2ª). Instituto Piaget.

Fresnot, A. (Diretor). (2002). *Desmundo* [Drama; Filme]. https://www.youtube.com/watch?v=bH3vyt7ZW84

Furtado, A. T. (2005). *Celso Furtado e a economia brasileira*. Celso Furtado e o desenvolvimento regional, Fortaleza. http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311541080.FURTADO_CF_e_a_economia_brasileira.pdf

Furtado, C. (1974). *O mito do desenvolvimento econômico*. Editora Paz e Terra.

Furtado, C. (1999a). *A busca de novo horizonte utópico*. 1–16. https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/655

Furtado, C. (1999b, novembro 13). O futuro da economia. *Folha de São Paulo / Jornal de Resenhas*. https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1311199901.htm

Furtado, C. (2005). *Formação Econômica do Brasil* (32ª). Companhia Editora Nacional. https://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2020/05/F.R.Versiani_-F.E.B.-FURTADO-COMO-HISTORIADOR-ECON%C3%94MICO-maio20.pdf

Furtado, C. (2009). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (5ª). Contraponto; Centro Internacional Celso Furtado.

Furtado, C. A. (2014). Desenvolvimento. Em C. A. Furtado & L. Sansone (Orgs.), *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa* (p. 91–103). Universidade Federal da Bahia. https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14647/3/dicionario%20critico-repositorio.pdf

Gama, L. H. (1998). *Nos Bares da Vida. Produção Cultural e Sociabilidade em São Paulo. 1940-1950*. Editora SENAC São Paulo.

Garrido, Á. (2016). *Cooperação e Sociedade. Uma história da Economia Social* (1ª). Tinta da China.

Ghon, M. da G. (2000, junho). 500 anos de lutas sociais no Barsil: Movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. *Revista Mediações, v. 5, n. 1*, 11–40.

Ghon, M. da G. (2011, agosto). Movimentos sociais na contemporaneidade. *v. 16 n. 47, V. 16, n. 47*, 333–513.

Giddens, A. (2005). *Sociologia* (4ª). Artmed.

Godoy, S. A. de. (2014, dezembro). Martin Afonso Tibiriçá. A nobreza indígena e seus descendentes nos campos de Piratininga no século XVI. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, v. 4, n. 7*, 191–212.

Goes, S. S. (1991). *Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas: Aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras da Amazônia*. Fundação Alexandres de Gusmão / Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.

Gonçalves, C. W. P. (2005). *Chico Mendes: Memória de um Ecossocialista.* [Institucional / Acadêmico]. Centro de Estudos Sociais - Universidade do Minho. https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/chico_mendes_2005.pdf

Grosfoguel, R. (2018). Desenvolvimentismo, Modernidade e Teoria da Dependência na América Latina. *Revista Epistemologias do Sul*, *2*(1), 10–43.

Guido, C. (n.d.). Celso Furtado. Em *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Fundação Getúlio Vargas/CEPDOC. http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/celso-monteiro-furtado

Habermas, J. (1985). A nova opacidade: A crise do Estado-Providência e o esgotamento das energias utópicas. *Revista de Comunicação e Linguagens*, *nº 2*, 115–128.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Vértice.

Henriques, I. C. (2014). Colónia, colonização, colonial, colonialismo. Em C. A. Furtado & L. Sansone (Orgs.), *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Editora da Universidade Federal da Bahia.

Henriques, R. (2004). *Memória, museologia e virtualidade: Um estudo sobre o Museu da Pessoa* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades.

Herculano, S. (2006). Construindo a boa sociedade: As utopias. Em *Em busca da boa sociedade* (p. 321–350). EDUFF.

Herschmann, M., & Ribeiro, A. P. G. (2008). História da Comunicação no Brasil: Um campo em construção. Em A. A. Abreu (Org.), *Comunicação e História: Interfaces e Novas Abordagens.* (1ª, p. 271). Mauad X / Globo Universidade.

Hilsdorf, M. L. S. (2003). *História da Educação Brasileira. Leituras*. Pioneira Thomson Learning.

Hobsbawm, E. J. (2010). *A era das revoluções: 1789-1848* (25ª). Paz e Terra.

Hobsbawm, E. J. (2012). *Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. Editora Schwarcz.

Ibermuseos. (2022, agosto 24). *Temos uma nova definição de museu!* [Institucional]. Ibermuseos. http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/noticias/temos-uma-nova-definio-de-museu/

IBGE. (2013). *O Brasil Indígena*. IBGE / Funai / Ministério da Justiça / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

IBGE. (2020). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020* (p. 152). IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

IBGE. (2021). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021*. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

IBGE / Agência de Notícias. (2019, novembro 6). *Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos*. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos

IBGE / Agência de Notícias. (2020, novembro 12). *Síntese de Indicadores Sociais: Em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população* [Institucional]. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao

ICOM. (2022). *ICOM aprova nova definição de museu* [Institucional]. Icom Brasil - Internacional Council of Museuns - Brasil. https://www.icom.org.br/?p=2756

Instituto Ethos. (2016, maio 25). *Fim do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos deixa...* [Institucional]. Instituto Ethos. https://www.ethos.org.br/cedoc/30012/

Instituto Socioambiental. ([s.d.]). *Índios emergentes* [Institucional]. Povos Indígenas no Brasil. Recuperado 1º de outubro de 221DC, de https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o

IPEA. (2021a). *Atlas da violência 2020* (p. 95). IPEA. https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020

IPEA. (2021b). *Atlas da violência 2021*. IPEA. https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020

IPHAN. (n.d.). *Carta de Pêro Vaz de Caminha*. IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional).

Jackson, M., & Ritchie, L. (1985). *We are the world* [Teledisco]. de https://www.youtube.com/watch?v=s3wNuru4U0I

Joutard, P. (1983). ¿Construir arquivos? Em *Esas voces que nos llegan del pasado* (p. 297–330). Fondo de Cultura Económica. https://historiaoralfuac.files.wordpress.com/2017/10/joutard-construir-archivos.pdf

Karnal, L. (2007). *História dos Estados Unidos: Das origens aos século XXI*. Editora Contexto.

Kerckhove, D. (2009). *A pele da cultura. Investigando a nova realidade eletrônica*. Annablume.

Kerckhove, D. (2015). Ética na transparência na era do Big Data. Em M. I. V. Lopes & M. M. K. Kunsch (Orgs.), *Comunicação, cultura e mídias sociais*. ECA-USP. http://www.assibercom.org/download/Congresso_Ibercom_2015.pdf#page=13

Kessel, Z. (2003). *A construção da Memória na Escola: Um estudo sobre as relações entre Memória, História e Informação na contemporaneidade* [Dissertação de Mestrado]. Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

Klein, H. (1994). *A Imigração Espanhola no Brasil*. Sumaré / Fapesp.

Lago, A. A. C. (2006). *Estocolmo, Rio, Joanesburgo. O Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas*. Fundação Alexandre de Gusmão / Instituto Rio Branco.

Latouche, S. (2009). *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. Martins Fontes.

Le Goff, J. (1996). *História e memória* (4ª). Editora da Unicamp.

Lechat, N. M. P. (2002). As raízes históricas da Economia Solidária e seu aparecimento no Brasil. *Economia Solidária*, *1*, 4–17.

Leitão, A. M. (2019). *Plano Museológico 2019-2021*. Museu da Pessoa.

Leitão, M. (2011). *Saga brasileira: A longa luta de um povo pela sua moeda*. Record.

Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Editora 34.

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual*. Editora 34.

Lima, M. (2016). O uso da entrevista na pesquisa empírica. Em *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo.* (p. 24–41). Sesc São Paulo/CEBRAP.

Lopez, A., & Mota, C. G. (2008). *História do Brasil. Uma interpretação.* (2ª edição). Editora Senac.

Lovelock, J. (1991). *As eras de Gaia. A biografia da nossa terra viva*. Campus.

Macedo, L. (2013). *Da diversidade do mundo ao mundo diverso da lusofonia: A reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede* [Doutoramento]. Universidade do Minho.

Macedo, L., Cabecinhas, R., Macedo, I., & Martins, M. de L. (2013). Researching Identity Narratives in Cyberspace: Some Methodological Challenges. Em R. Cabecinhas & L. Abadia, *Narratives and social memory: Theoretical and methodological approaches* (p. 119–133). Universidade do Minho.

Magalhães, M., & Miranda, J. B. de. (2018). Democracia e comunicação nas redes sociais digitais: O net-ativismo para além da participação sem partidos. *Revista De Comunicação da FAPCOM, v.1, n. 2*, 35–56.

Maigret, É. (2010). *Sociologia da Comunicação e das Mídias*. Editora Senac.

Manolescu, F. K., & Rangel, R. R. (2012). Economia Solidária pela perspectiva histórico-teórica. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, *2*(8), 1–30.

Martins, H., & Garcia, J. L. (2016). A hegemonia cibertecnológica em curso – uma perspetiva crítica. Em T. D. Martinho, J. T. Lopes, & J. L. Garcia (Orgs.), *Cultura e Digital em Portugal*. Edições Afrontamento.

Martins, J. R. (2015). Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: Uma teoria ainda atual? *Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales, V*, 95–108.

Mattelart, A. (1994). *A invenção da comunicação*. Instituto Piaget.

Mattos, L. V. de. (2017). As razões do laissez-faire: Uma análise do ataque ao mercantilismo e da defesa da liberdade econômica na riqueza das nações. *Brazilian Journal of Political Economy [online]*, *v. 27*(1), 108–129.

Ministério da Justiça e Segurança Pública (BR), Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral, & Observatório das Migrações Internacionais. (2020). *Resumo Executivo Relatório Anual 2020 OBMigra*. Observatório das Migrações. https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf

Miranda, J. B. de. (1996). A virtualização do Arquivo. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 9*, 97–117.

Mombeig, P. (1984). *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. Editora Hucitec / Editora Polis.

Montenegro, A. T. (2010). *História, metodologia, memória*. Contexto.

Moraes, C. (2015, julho 4). Ngugi wa Thiong'o: "Eu daria um Nobel a Jorge Amado, porque ele deu a mim o seu Brasil". *El país*. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/03/cultura/1435952470_967603.html

Moraes, H. (2011). Introdução. Em F. P. da Cherso, *A cidade feliz* (p. 13–57). Editora Unicamp.

Morus, T. (2006). *A Utopia*. L&PM Editores.

Moura, D. A. S. de. (2002). O desaparecimento do dote: Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600 -1900 (resenha). *Estudos Feministas*, 246–247.

Museu da Pessoa. (1919). *Manual do Entrevistador*. Museu da Pessoa.

Museu da Pessoa. (2004). *Planejamento Estratégico*. Museu da Pessoa.

Museu da Pessoa. (2005). *FBB 20 anos: Criando memória compartilhada*. Museu da Pessoa.

Museu da Pessoa. (2012). *Memória dos Brasileiros. Guia de Acervo.* Museu da Pessoa.

Museu da Pessoa. (2022). *25 anos de Museu da Pessoa n Brasil: Fortalecimento e Consolidação de Acervo—"Realizações, resultados e impacto" (2018/2022)* (p. 41) [Relatório de Prestação de Contas].

Nações Unidas. (2008). *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas*. Centro de Informação das Nações Unidas.

Nery, T. (2004). *Economia do desenvolvimento na América Latina: O pensamento da CEPAL nos anos 1950 e 1990* [Mestrado, PUC - Rio]. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=5213@1

Nóbrega, M. (1931). *Cartas do Brasil: 1549-1560*. Academia Brasileira de Letras.

Nora, P. (1993). Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História, v. 10*, 7–28.

Peixoto, A. Nota preliminar. (1931). Em M. Nóbrega, *Cartas do Brasil: 1549-1560*. Academia Brasileira de Letras.

Nunes, E. P. (2006). O Brasil do século XX. Entrevista com Celso Furtado. Em *Estatísticas do Século XX* (p. 11–24). IBGE.

Oliveira, C. L. G. de A. (2008). *Memórias dos Brasileiros: Um percurso pelo Brasil através das narrativas orais* (p. 145) [Relatório de Prestação de Contas]. Museu da Pessoa.

Oliveira Santos, C. L. G. de A. (2002). *O Balé do IV Centenário. Estudo sobre a profissionalização da* dança [Dissertação de Mestrado]. Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo.

Oliveira, C. L. G. de A., & Worcman, K. (2012). Vidas no comércio: Um olhar para o projeto memórias do comércio. Em C. L. G. de A. Oliveira & K. Worcman (Orgs.), *Memórias do Comércio Paulista. Guia de Acervo* (p. 67–73). Edições Sesc SP.

Organização das Nações Unidas. ([s.d.]). *Objetivos do desenvolvimento sustentável*. https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html

Paoli, M. C. (1992). Memória, História e Cidadania: O direito ao passado. Em M. C. P. Cunha (Org.), *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania.* (p. 25–28). DPH (Departamento de Patrimônio Histórico.

Park, R. (2002). As notícias como uma forma de conhecimento: Um capítulo na sociologia do conhecimento. Em J. P. Esteves (Org.), *Comunicação e Sociedade* (p. 35–48). Livros Horizonte.

Paulani, L. M. (2020). Celso Furtado e a utopia de nação. *Revista Socialismo e Liberdade*, *28*, 68–72.

Pena, J. de O., & Mello, C. J. (2008). Tecnologia social: A experiência da Fundação Banco do Brasil na disseminação e reaplicação de soluções sociais efetivas. Em *Tecnologia social: Uma estratégia para o desenvolvimento* (p. 83–87). Fundação Banco do Brasil.

Pereira, E. da S. (2010). Pós-modernidade e mídias nativas: A comunicação indígena brasileira audiovisual. *Comunicação e Sociedade*, *18*(Modernidade e Pós-Modernidade), 97–106.

Pereira, J. M. D. (2011). Uma breve história do desenvolvimentismo no Brasil. *Cadernos do Desenvolvimento*, *6, n. 9*, 121–141.

Pereira, N. de O. M., & Azevedo, M. M. (2004). Os povos indígenas e os censos do IBGE: uma experiência brasileira. Em *1º Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de População* (p. 1–16). ALAP.

Pereira, P. R. (1999). *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil* (2ª). Lacerda Editores.

Perniola, M. (2005). *O sex appeal do inorgânico*. Studio Nobel.

Personagem SP | Karen Worcman. (2017). [Transmissão]. Em *Personagem SP*. https://www.youtube.com/watch?v=dpKN4mBmgJk&t=994s

Pessanha, J. A. M. (1999). Vida e obra. Em Agostinho (Santo), *Confissões. Livro X*. Editora Nova Cultural.

Pessoa, D. (2019). Os museus são rios. *Remate de Males*, *v. 39, n. 1*, 28–37.

Pessoa, F. (1972). *Mensagem* (10ª). Ática.

Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Intrínseca.

Platão. (2000). *Platão (2000). Fedro, ou Da beleza.* Guimarães Editores. http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/platao_19.pdf

Pnud Brasil. ([s.d.]). *ODS em Ação* [Institucional]. Recuperado 19 de agosto de 2024, de https://www.undp.org/pt/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel

Pnud Brasil. (2005). *Relatório de desenvolvimento humano. Racismo, pobreza e violência—2005* (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD). Pnud. http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios- Desenvolvimento-Humano-Brasil.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHBrasil

Pollack, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-1. *Estudos Históricos*, *2*, *n. 3*, 3–15.

Portelli, A. (2008). História oral italiana: Raízes de um paradoxo. *Revista Tempos Históricos*, *v. 12, n. 2*, 1–30.

Portelli, A. (2010). *Ensaios de história oral*. Letra e Voz.

Pretto, A. (2011). Analizar las historias de vida: Reflexiones metodológicas y epistemológicas. *Tabula Rasa*, *N. 15*, 171–194.

Prins, & Burke, P. (1992). História oral. Em *A escrita da história. Novas perspectivas*. Editora da Universidade Estadual Paulista.

Priore, M. D. (1995). *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (2ª). José Olympio Editora.

Priore, M. D. (2000). *Corpo a corpo com a mulher*. Editora Senac.

Priore, M. D., & Venancio, R. (2010). *Uma breve história do Brasil*. Editora Planeta do Brasil.

Pureza, J. M. ([s.d.]). Estudos sobre a cultura e a paz. *Nação e Defesa*, *95/96*.

Quem são? (2005). [Institucional]. Povos Indígenas no Brasil. https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o

Queré, L. (2015). Prefácio. Em I. Babo, *Espectadores e públicos ativos*. Editora Nova Vega.

Ramos, M. da C. P. (2011). Economia solidária, plural e ética, na promoção do emprego, da cidadania e da coesão social. *Laboreal*, *7*(1), 81–104.

Reis, J. J. (2007). Presença negra: Conflitos e encontros. Em IBGE: Centro de Documentação e (Org.), *Brasil: 500 anos de povoamento* (p. 79–99). IBGE.

Rennó, C. (2018). *Manifestação* [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LLgfodydIOo&list=TLPQMTMxMTIwMjFMPE9tHLR5aA&index=2

Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* (2ª reimpressão). Companhia das Letras.

Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. Sueli Carneiro / Pólen.

Ribeiro, F. B. (2017). *Uma sociologia do desenvolvimento* (1ª). Edições Húnus.

Ruy, A. (1970). *A primeira revolução social brasileira (1798)*. Laemmert.

Santos, B. de S. (2003). *Um Discurso sobre as Ciências* (14ª). Edições Afrontamento.

Santos, B. de S. (2007). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, *79*, 71–94.

Santos, L. A. O. dos. (2009). *O percurso da indianidade na literatura brasileira: Matizes da figuração*. Unesp/Cultura Acadêmica. http://books.scielo.org

Santos, I. M. M., & Santos, R. da S. (2008). Etapa de análise no método história de vida – Uma experiência de pesquisadores de enfermagem. *17*, 714–719.

Schwarcz, L. M. (2008). Sérgio Buarque de Holanda e essa tal de "cordialidade". *IDE. Psicanálise e cultura., v. 31, n. 46*, 83–89.

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.

Sen, A. (2010). *Desenvolvimento como liberdade*. Companhia das Letras.

Silva, C. E. G. (2010). Gestão, legislação e fontes de recursos no terceiro setor brasileiro: Uma perspectiva histórica. *Revista de Administração Pública*, *v. 44, n. 6*, 1301–1325.

Silva, A. A. B. da. (1892). *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares.* Typographia da Academia Real das Sciencias.

Silva, K. V., & Silva, M. H. (2009). Colonização. Em *Dicionário de Conceitos Históricos* (2ª / 2ª reimpressão, p. 67–70). Editora Contexto.

Silva, V. F., & Franca, A. G. (2017). o estado contemporâneo em debate: Apontamentos sobre as reformas neoliberais em face da mundialização do capital. *História e Economia Revista Interdisciplinar*, *19*(1), 129–142.

Sodré, M. (2005). Por um conceito de minoria. Em A. Barbalho & R. Paiva (Orgs.), *Comunicação e cultura das minorias*. Paulus.

Sodré, M. (2010). *Reinventando @ cultura. A comunicação e seus produtos.* (5ª). Editora Vozes.

Souza, J. J. F. (2016). *A radiografia do golpe: Entenda como e por que você foi enganado*. Letramento.

Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG.

Stake, R. E. (1983). Pesquisa qualitativa/naturalista: Problemas epistemológicos. *Educação e seleção, 7*, 19–27.

Stake, R. E. (2016). *A arte da investigação com estudos de caso.* (4ª edição). Fundação Caloueste Gulbenkian.

Stiegler, B. (2009). Anamnésia e hipomnésia: Platão, primeiro pensador do proletariado. *Revista ARS, v. 7, n.13*, 22–41.

Strauss, D. (2018, setembro). O problema da dependência econômica e a desindustrialização no Brasil a partir do Neoliberalismo. *Revista Espacio Abierto, 27*(3), 145–164.

Suano, M. (1986). *O que é museu*. Editora Brasiliense.

Szymczak, M. B. (2017). *Histórias de vidas e Patrimônio Cultural: Desafios do Museu da Pessoa* [Dissertação de mestrado]. Universidade da Região de Joinville, Univille.

Taibo, C. (2010). *Decrescimento, crise, capitalismo*. Estaleiro Editora.

Tenbruck, F. H. P. (1990). O sonho de uma ecumene secular: O significado e os limites da política do desenvolvimento. Em M. Featherstone (Org.), *Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade* (p. 207–220). Editora Vozes.

Theodoro, J. (1991). *Descobrimentos e Renascimento*. Editora Contexto.

Thiong'o, N. wa. (2021). *Sonhos em tempos de guerra: Memórias de infância* (2ª). Biblioteca Azul/Tag Experiências Literárias.

Thompson, P. (1992). *A voz do Passado*. Paz e Terra.

Thompson, P. (1993b). Historias de vida y analisis del cambio social. Em *Historias de vida y cambio social* (p. 117–135). Debate. <http://sgpwe.izt.uam.mx/pages/egt/Cursos/MetodoLicIII/10_Thompson_HistoriadeVida.pdf> Acessado em: 15 out. 2018.

Thompson, P., & Slim. (1993a). *Listening for a change. Oral testimony and development.* Panos Publication.

Todorov, T. (1999). *A conquista da América. A questão do outro.* (2ª). Martins Fontes.

Tolentino, Á. B. (2016). Museologia Social: Apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia*, *8*, 21–44.

Tom Zé. (1978). *Menina Jesus* [Teledisco]. https://www.youtube.com/watch?v=LLgfodydIOo

Trebitsch, M. (1994). A função epistemológica e ideológica da História Oral no Discurso da História Contemporânea. Em M. Moraes (Org.), *História Oral e Multidisciplinaridade*. Finep.

Turino, C. (2010). *Ponto de Cultura: O Brasil de baixo para cima*. Anita Garibaldi.

Unicef Brasil. (2021). *Relatório Anual UNI-2020* (nº 47 (ano 17); p. 24). Unicef Brasil.

Vainfas, R. (2007). História Indígena. 500 anos de despovoamento. Em IBGE: Centro de Documentação e (Org.), *Brasil: 500 anos de povoamento* (p. 35–60). IBGE: Centro de Documentação e.

Valery, P. (2008). O Problema dos museus. *ARS, v.6, n. 12*, 31–34.

Vattimo, G. (1992). *A sociedade transparente*. Relógio D´Água.

Veiga, J. E. da. (2010). *Sustentabilidade: A legitimação de um novo valor*. Senac.

Veiga, J. E. da. (2021). Presságio do Antropoceno. Em *Cadernos Adenauer XXII* (p. 11–26). Fundação Konrad Adenauer.

Veloso, C. ([s.d.]). *Língua* [Teledisco]. Recuperado 21 de abril de 2021, de https://youtu.be/tX7cqBreLUY

Veloso, C. (1978). *Língua* [Teledisco]. https://www.youtube.com/watch?v=jw-VUYgVvhc

Ventura, R. (2002). Sexo na senzala: Casa grande & senzala entre o ensaio e a autobiografia. *Literatura e sociedade, v. 7, n. 6*, 212–222.

Vieira, P. A. (2011). *Essencial Padre Antônio Vieira.* Companhia das Letras.

Vizentini, P. F. (2006). *História Mundial Contemporânea (1776—1991)*. Funag.

WD. (2020). *Eu sou* [Teledisco]. https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbI

Weinhardt, E. (2016). *Entrevista: Massimo Di Felice*. TransObjetO. https://transobjeto.wordpress.com/2016/04/03/estrevista-massimo-di-felice/

Worcman, K. (1999). *Ashoka Fellow desde 1999—Brasil: Karen Worcman—Museu da Pessoa* [Institucional]. Ashoka Empreendedores Sociais. https://www.ashoka.org/pt-br/fellow/karen-worcman

Worcman, K. (2021a). *Quem sou eu? Memória e Narrativa no Museu da Pessoa*. Universidade de São Paulo.

Sítios consultados

Agência Brasil (órgão de comunicação): https://agenciabrasil.ebc.com.br

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (órgão público): https://digitarq.arquivos.pt

Centro Celso Furtado (organização da sociedade civil): http://www.centrocelsofurtado.org.br

Juntos (coletivo)- https://juntos.org.br

Diário de um linguista (blog pessoal): https://diariodeumlinguista.com

Dicionário Priberam - https://dicionario.priberam.org

Folha de São Paulo / UOL (agência de notícias): https://www1.folha.uol.com.br

Secretaria de Cidadania e da Diversidade Cultural: (órgão público): https://culturavivascdc.redelivre.org.br/programa-cultura-viva

Assembleia Legislativa de Minas Gerais: https://dspace.almg.gov.br

Ted – Ideas change everything (organização da sociedade civil): https://www.ted.com

PNUD Brasil (organização internacional): https://www.undp.org/pt/brazil

Infopedia (dicionário em linha): https://www.infopedia.pt

Instituto Ethos (organização da sociedade civil): https://www.ethos.org.br

International Council of Museus – Brasil (órgão público): - https://www.icom.org.br

El País – Brasil (agência de comunicação): https://brasil.elpais.com/brasil

Ministério da Saúde (órgão público): https://www.gov.br/saude/pt-br

Ministério Público Federal (órgao público): http://www.mpf.mp.br

Museu da Pessoa (organização da sociedade civil): www.museudapessoa.org

Politize (organização da sociedade civil): https://www.politize.com.br

Revista Carta Capital (agência de comunicação): https://www.cartacapital.com.br/

Site da Presidência da República – Brasil (órgão público): http://www.planalto.gov.br

Brasil de Fato (agência de comunicação): https://www.brasildefato.com.br

Leonardo Boff (site pessoal)- https://leonardoboff.org

Unversidade de Campinas (órgão público): https://www.unicamp.br

Youtube: https://www.youtube.com

ANEXOS

Anexo nº 1: Canção Manifestação

Carlos Rennó
Lançada pela Internet, 2016

Aqui ´stamos na avenida,
Pelas ruas, pela vida,
Marchando com o cortejo
Que flui horizontalmente,
Manifestando o desejo
De uma cidade includente
E uma nação cidadã tra-
duzido numa canção,
Numa sentença, num mantra,
Num grito ou numa oração…

… Por todo jovem negro que é caçado
Pela polícia na periferia;
Por todo pobre criminalizado
Só por ser pobre, por pobrefobia;
Por todo povo índio que é expulso
Da sua terra por um ruralista;
Pela mulher que é vítima do impulso
Covarde e violento de um machista;

Por todo irmão do Senegal, de Angola
E lá do Congo aqui refugiado;
Pelo menor de idade sem escola,
A se formar no crime condenado;
Por todo professor da rede pública
Mal-pago e maltratado pelo Estado;
Pelo mendigo roto em cada súplica;
Por todo casal gay discriminado.

E proclamamos que não
Se exclua ninguém senão
A exclusão.

Aqui ´stamos nós de volta,
Sob o signo da revolta,
Por uma vida mais digna
E por um mundo mais justo,
Com quem já não se resigna
E se opõe sem nenhum susto
A uma classe dominante
Hostil à população,
Numa ação dignificante
Que nasce da indignação…

… Por todo homem algemado ao poste,
Tal qual seu ancestral posto no tronco;
E o jovem que protesta até que o prostre
O tiro besta de um PM bronco;
Por todo morador de rua, sem saída,
Tratado como lixo sob a ponte;
Por toda a vida que foi destruída
Em Mariana ou no Xingu, por Belo Monte;

Por toda vítima de cada enchente,
De cada seca dura e duradoura;
Por todo escravo ou seu equivalente;
Pela criança que labuta na lavoura;
Por todo pai ou mãe de santo atacada
Por quem exclui quem crê num outro deus;
Por toda mãe guerreira, abandonada,
Que cria sem o pai os filhos seus.

E proclamamos que não se exclua ninguém
Senão a Exclusão.
Eis aqui a face escrota
De um modelo que se esgota.
Policiais não defendem;
Políticos não contentam;
Uns nos agridem ou prendem;
Outros não nos representam.
E aquele que não é títere,
E é rebelde coração,
Vai no Face, no zapp e Twitter e
Combina um ato ou ação…

… Por todo defensor da natureza
E cada ambientalista ameaçado;
E cada vítima de bullying indefesa;
E cada transexual crucificado;
E cada puta, cada travesti;
E cada louco, e cada craqueiro;
E cada imigrante do Haiti;
E cada quilombola e beiradeiro;

Pelo trabalhador sem moradia,
Pelo sem-terra e pelo sem-trabalho;
Pelos que passam séculos ao dia
Em conduções que cansam pra caralho;
Pela empregada que batalha, e como,
Tal como no Sudeste o nordestino;
E a órfã sem pais hetero nem homo,
E a morta num aborto clandestino.

Impelidos pelos ventos
Dos acontecimentos,
Louvamos os mais diversos
Movimentos libertários
Numa cascata de versos
Sociais e solidários
Duma canção de protesto
Qual “Canção de Redenção”,
Uma canção-manifesto,
Canção “Manifestação”…

… Por todo ser humano ou animal
Tratado com desumanimaldade;
Por todo ser da mata ou vegetal
Que já foi abatido ou inda há-de;
Por toda pobre mãe de um inocente
Executado em noite de chacina;
Por todo preso preso injustamente,
Ou onde preso e preso se assassina;

Pelo ativista de direitos perseguido
E o policial fodido igual quem ele algema;
Pelo neguinho da favela inibido
De frequentar a praia de Ipanema;
E pelo pobre que na dor padece
De amor, de solidão ou de doença;
E as presas da opressão de toda espécie,
E todo aquele em quem ninguém mais pensa…

E proclamamos que não se exclua ninguém
Nem nada senão a Exclusão.
Dando à vida e à alma grande
Um sentido que as expande,
Cantamos em consonância
Com os que sofrem ofensa,
Violência, intolerância,
Racismo, indiferença;
As Cláudias e Marielles,
Rafaeis e Amarildos
Da imensa legião
De excluídos do Brasil, do Sul
ao norte da nação.

Anexo nº 2: Canção Língua

Caetano Veloso
Álbum: *Velô*, 1978

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior?
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira! Fala!

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas!

Cadê?
Sejamos imperialistas!

Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E (xeque-mate) explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem

Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé
E Maria da Fé
E Arrigo Barnabé

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Se você tem uma ideia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão

Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo
Meu medo

A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria

A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria

A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria

Poesia concreta, prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap
Chic-left com banana

Será que ele está no Pão de Açúcar?
Tá craude brô
Você e tu
Lhe amo
Qué queu te faço, nego?
Bote ligeiro!

Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!
Ó Tavinho, põe esta camisola pra dentro
Assim mais pareces um espantalho!
I like to spend some time in Mozambique
Arigatô, arigatô!

Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem

Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

Anexo nº 3: Canção Menina Jesus

Tom Zé
Álbum: *Correio da Estação do Brás, 1978*

Valei-me, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, valei-me

Valei-me, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, valei-me

Só volto lá a passeio
No gozo do meu recreio
Só volto lá quando puder
Comprar uns óculos escuros

Com um relógio de pulso
Que marque hora e segundo
Um rádio de pilha novo
Cantando coisas do mundo, pra tocar

Lá no jardim da cidade,
Zombando dos acanhados
Dando inveja nos barbados
E suspiros nas mocinhas

Porque pra plantar feijão
Eu não volto mais pra lá
Eu quero é ser Cinderela
Cantar na televisão

Botar filho no colégio
Dar picolé na merenda.
Viver bem civilizado
Pagar imposto de renda

Ser eleitor registrado
Ter geladeira e tv
Carteira do ministério
Ter CIC, ter RG

Bença, mãe
Deus te faça feliz
Minha menina Jesus
E te leve pra casa em paz

Eu fico aqui carregando
O peso da minha cruz
no meio dos automóveis, mas

Vai, viaja, foge daqui
Que a felicidade vai
Atacar pela televisão

E vai felicitar, felicitar
Felicitar, felicitar
Felicitar até ninguém mais respirar

E vai felicitar, felicitar
Felicitar, felicitar
Felicitar até ninguém mais respirar

Acode, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, acode

Acode, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, acode

Anexo nº 4: Poema A Pátria

Olavo Bilac
Livro: *Poesias Infantis*, 1904

Valei-me, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, valei-me

Valei-me, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, valei-me

Só volto lá a passeio
No gozo do meu recreio
Só volto lá quando puder
Comprar uns óculos escuros

Com um relógio de pulso
Que marque hora e segundo
Um rádio de pilha novo
Cantando coisas do mundo, pra tocar

Lá no jardim da cidade,
Zombando dos acanhados
Dando inveja nos barbados
E suspiros nas mocinhas

Porque pra plantar feijão
Eu não volto mais pra lá
Eu quero é ser Cinderela
Cantar na televisão

Botar filho no colégio
Dar picolé na merenda.
Viver bem civilizado
Pagar imposto de renda

Ser eleitor registrado
Ter geladeira e tv
Carteira do ministério
Ter CIC, ter RG

Bença, mãe
Deus te faça feliz
Minha menina Jesus
E te leve pra casa em paz

Eu fico aqui carregando
O peso da minha cruz
no meio dos automóveis, mas

Vai, viaja, foge daqui
Que a felicidade vai
Atacar pela televisão

E vai felicitar, felicitar
Felicitar, felicitar
Felicitar até ninguém mais respirar

E vai felicitar, felicitar
Felicitar, felicitar
Felicitar até ninguém mais respirar

Acode, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, acode

Acode, minha menina Jesus
Minha menina Jesus
Minha menina Jesus, acode

Anexo nº 5: Poema Guardar

Antônio Cícero
Livro: *Guardar: Poemas Escolhidos,* 1996

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto
é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é,
velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que pássaros sem vôos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se
declara e declama um poema: Para guardá-lo.
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

Anexo nº 6: Tabela de Projetos (1991 – 2010)[364]

NOME DOS PROJETOS	TEMA	PERÍODO DE EXECUÇÃO
Memória e Migração	Imigrantes	1991
Itaú Cultural - Memória Oral: Processo, Técnica e Produto	Fotógrafos e Pintores	1992
Memória Oral do Idoso	Terceira Idade	1992
Memorial do São Paulo Futebol Clube	Futebol	1993-1994
Memórias da ADC Eletropaulo	Eletricitários	1993
Memórias do Comércio de São Paulo	Comércio	1994-1995
Anfavea	Indústria	1994
História da Farma Janssen Cilag	Indústria	1995
História em Multimídia do SENAC-SP	Escolas	1995
Programa Brasil Legal - TV Globo	Imigração italiana	1996
História das Profissões em Extinção	Trabalhadores	1996
Odebrecht	Construtora	1997
Abifarma 50 Anos	Indústria Farmacêutica	1997
História da Rhodia-Farma	Indústria Farmacêutica	1998
Juquery	Saúde Mental	1998
Arte Cidade	Comunidades	1999
Museu da Agricultura Brasileira	Cultura Brasileira	1999
Memória da CTBC - Companhia Telefônica do Brasil Central (CTBC)	Telefonia	1999 - 2004
CVRD	Mineração de ferro	1999 - 2994

[364] Elaborada pela autora desta tese, a partir da Linha do Tempo de 2003, com colaboração de Rosali Henriques

Clube de Regatas Flamengo	Futebol	1999-2000
Santos Futebol Clube	Cultura Brasileira	1999
Memória nos Bairros	Comunidades	2000
Embrapa (Museu da Agricultura)	Agricultura	2000
Instituto do Coração	Medicina	2000
Rede Globo (Programa Muvuca)	Televisão	2000
Omilton Visconti (Biografia)	Saúde	2000
Metrô (Memória dos Bairros)	Bairros de São Paulo	2000
Projeto Aprendiz	Terceiro Setor	2000
Memórias do Comércio Araraquara, São Carlos e Adjacências	Comércio	1999-2000
Aventis (Olhar Rhodia)	Indústria	2001
Colégio Dante Alighieri	Escolas	2001
CRC - Conselho Regional de Contabilidade	Serviços	2001
Imigrantes: crônicas de vida - West Plaza Shopping	Imigrantes	2001
Memória Local Vila Isabel (RJ)	Comunidades	2001
Memória Local Ituiutaba (MG)	Comunidades	2001
Identidade e Memória: Morro dos Prazeres	Comunidades	2001
Votorantim	Holding	2001
O presente da prevenção na escola - FDE	Escolas	2001
Memórias do Comércio da Baixada Santista	Comércio	2001
Qual é o seu centro? - CCBB	Comunidades	2001
Alberto Dines: 50 anos de jornalismo	Comunicação	2002
Memória dos Trabalhadores da Petrobras	Petróleo	2002-2010
Samarco	Mineração de ferro	2003-2004
Memória da Volkswagen	Indústria Automobilística	2002
Aché Vai Contar Sua História	Indústria Farmacêutica	2002
Memória AmBev	Cervejaria	2002

Memória dos Colégio Dante Alighieri	Escolas	2002
Memória Local Santos	Escolas	2002
Morro dos Prazeres	Comunidades	2002
Vila Albertina	Comunidades	2002
Memória Local Uberaba	Escolas	2002
BNDES	Desenvolvimento Econômico e Social	2002
Memórias dos Pacientes	Saúde	2002
Heliópolis dos Sonhos	Comunidades	2003
Museu Clube da Esquina	Música	2003-2004
Samarco	Mineração de ferro	2003-2004
Aracruz Celulose	Celulose	2003
Pão de Açúcar Conta Sua História: Memória, Identidade e Cultura	Supermercado	2003
Memórias do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro	Comércio	2003
Memórias do Comércio do Vale do Paraíba	Comércio	2003
Acesita - A História do Inox através das Pessoas	Indústria	2004
Causos Gaúchos	Cultura Brasileira	2004
Fundação SOS Mata Atlântica 18 anos	Mata Atlântica	2004
Unimed-Rio	Cooperativa de Médicos	2004
ABEVD Catadores de Materiais Recicláveis	Reciclagem	2004
CDI (Memória) - Comitê para Democratização da Informática	Terceiro Setor	2004
Memória dos Brasileiros	Comunidades	2005-2010
Instituto Walmart (Memória dos Projetos Sociais)	Comunidades	2005
Tetra Park	Embalagens	2005
Almanaque Dieese: 50 anos fazendo história	Desenvolvimento Econômico e Social	2005
Thyssen Krupp 40 anos	Indústria	2005

Causos Maranhenses	Cultura Brasileira	2005
Mix Aberje	Comunicação - Mulheres	2005
Congada em Brás Pires	Cultura Brasileira	2005
Herzog Hoje	Comunicação	2005
Fundação Banco do Brasil - 20 Anos	Terceiro Setor	2005-2006
Política Nacionalização de Humanização - Ministério da Saúde	Saúde	2006
Olhares sobre a educação em São Paulo: Pueri Domus, 40 anos	Escolas	2006
Memórias do Comércio de Campinas	Comércio	2006
Redecard - 10 anos	Banco	2006
Um Milhão de Histórias de Vida de Jovens	Juventude	2006
CEDECA	Terceiro Setor	2007
Instituto Wal-Mart	Terceiro Setor	2007
Memórias da Literatura	Literatura	2007
Tetra Pak 50 Anos de Brasil	Indústria	2007
Unimed Brasil 40 Anos	Serviços	2007
Histórias de Mestres (Oi Futuro)	Escolas	2008
Banco do Brasil 200 anos	Desenvolvimento Econômico e Social	2008
Mckinsey	Terceiro Setor	2008
Cada língua uma história, cada história uma língua	Língua Portuguesa	2008
Memória Local na Escola na escola Votorantim	Escolas	2008
Memória Local na Escola - Indaiatuba	Escolas	2008
Juiz de Fora: a cidade e suas histórias	Comunidades	2008
Memória Local - Paraty	Escolas	2008
Memória Local - Sto André	Escolas	2008
Avon - Memória dos 50 anos de Brasil	Indústria	2008
Banco do Brasil - 200 anos de Brasil	Agricultura familiar	2008

Instituto Ethos	Terceiro Setor	2008
Memórias da Literatura Infanto-juvenil	Literatura	2008
Mestres do Brasil	Escolas	2008
Histórias que Mudam o Mundo	Empreendedorismo social	2009
Ópera Urbana	Cultura Brasileira	2009
Fundação Gol de Letra	Comunidades	2009
Sebastião Camargo Correa (Memórias do)	Indústria	2009
Escola PlayPen - Educação para o Mundo: 30 anos da escola Cidade Jardim	Escolas	2010
FUS - FUM (Memória de Habitantes)	Comunidades	2010
Um Trem de Histórias - IPHAN	Cultura Brasileira	2010

Anexo nº 7: Termo de Licença de Captação e Exploração de Imagem

Nome ("Licenciante"):	Endereço:
RG:	CPF/MF:
Estado civil:	Profissão:
Data de nascimento:	Telefone de contato:

1. Eu, Licenciante, neste ato, concedo à INSTITUIÇÃO X, com sede em XXX, Estado de XXX, na Rua XXX, CEP XXX, inscrita no CNPJ/MF sob o nº XXX ("Sociedade"), por livre e espontânea vontade, uma licença gratuita, definitiva, irretratável e universal ("Licença") para a captação, fixação, armazenamento, edição e utilização da minha imagem para os fins da produção, edição, exibição e comercialização de obras diversas de preservação histórica que venham a ser criadas e/ou produzidas pela Sociedade ("Obra"). Para os fins deste instrumento, imagem significa a representação estática e dinâmica da minha forma externa e minha forma plástica distintiva, incluindo todos os componentes exteriorizadores do meu corpo, bem como o som de minha voz e dados biográficos por mim revelados.

2. Eu, Licenciante, neste ato, entendo, aceito e reconheço que: (a) a Licença será irrevogável; (b) a Licença possibilitará que a Sociedade, de forma livre e sem limitação de território ou de repetições, possa, a seu exclusivo critério, utilizar, fixar, editar e dispor da Imagem; (c) a Licença possibilitará que a Sociedade explore pública e comercialmente a Obra contendo a Imagem através de quaisquer meios existentes, restando, a partir de tal data, impossibilitada, a Sociedade, de exercer qualquer controle de suspensão e/ou de interrupção de tal comercialização e exibição da Obra contendo a Imagem e/ou de qualquer de suas obras derivadas; (d) a Sociedade poderá ceder a Obra contendo a Imagem para terceiros, possibilitando que tais terceiros explorem comercialmente a Obra contendo a Imagem através de quaisquer meios existentes; (e) os Terceiros, neste ato, adquirem os mesmos direitos cedidos à Sociedade por meio da presente Licença; (f) a Licença é concedida gratuitamente e, por conta da sua outorga e/ou através do exercício dos direitos ora concedidos, nenhum pagamento, compensação, royalties ou outra forma de remuneração me será devido pela Sociedade, pelos Terceiros e/ou qualquer terceiro, a qualquer tempo e por qualquer razão; (g) estou apto e legalmente autorizado a conceder a Licença objeto deste instrumento; (h) compreendi e aceitei integralmente, de forma consciente e sem qualquer limitação, as condições desta Licença; (i) inexiste qualquer impedimento de ordem legal, religiosa, moral ou pessoal para a concessão da presente Licença; e (j) me foram fornecidas todas as informações e dados relacionados com os propósitos de utilização, fixação e disposição da Imagem.

3. Para os fins deste instrumento, a utilização, edição e exploração da Imagem compreende a possibilidade de a Sociedade utilizar, fixar e/ou explorar a Imagem sempre que em conexão com a Obra, sob qualquer forma ou método, incluindo, sem limitação, através da sua: (a) reprodução parcial ou total em qualquer meio, eletrônico ou não; (b) edição; (c) adaptação; (d) armazenamento e/ou distribuição por quaisquer meios ou sistemas, incluindo, sem limitação, banco de dados digitais e/ou estáticos; (e) comercialização e (f) exibição.

São Paulo, de de .

_____

LICENCIANTE

Testemunhas:

1. Nome:_____

2. Nome: _____

Anexo nº 8: Linha do Tempo do Museu da Pessoa (1990-2010)[365]

ANO	LIDERANÇA	MODELO	PRODUTO	PARCEIROS	EQUIPE	CONTEXTO	OBSERVAÇÕES GERAIS
1990	Karen Worcman	Autônomo	Evento: Memória e Migração	Museu da Imagem e do Som	Equipe de trabalho: BárbaraTavernard; Iris Kantor; Fernanda Scalvi; Paula Ribeiro e Cláudia Leonor Oliveira	Vinda de Karen Worcman do Rio de Janeiro para São Paulo	
1991	Karen Worcman	Autônomo	Evento: Workshop Memória Oral: Processo, Técnica e Produto	Instituto Cultural Itaú	Pessoas agregadas: Zilda Kessel e José Santos		
1992	Karen Worcman	Autônomo	Oficina de Formação Publicação: Almanak da Idade de Pensar	Secretaria de Estado da Cultura, Fundo Social de Solidariedade e Oficina Cultural Oswald de Andrade (Márcia Ruiz e Ari Meneghini)	Equipe de trabalho: Fernanda Scalvi e Cláudia Leonor. Pessoas agregadas: Fany Pekelman; Marcelo Barbieri; Sergio Azenberg e Cláudia Amaral; Marina D'Andrea; Maria Valéria Barbosa e	Sala alugada à Rua Barão de Itapetininga, centro de São Paulo	

[365] Elaborada pela autora desta tese em 2003, com colaboração de Rosali Henriques. Atualizada até 2010.

					Vassiliki Constantinidou		
1992	Karen Worcman	Constituição legal: empresa limitada.	Formação do acervo, início do trabalho do Núcleo Interdisciplinar.	Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor e Mauro Malin	Núcleo Interdisciplinar: Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor Oliveira e Mauro Malin		
1993	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor Oliveira e Mauro Malin	Constituição legal: empresa limitada.	Protótipo Multimídia Primeiros materiais institucionais do MP: Folder, cartão e vídeo institucional.	M2A	Pessoas agregadas: Mauro Rech	Participação do evento Tipo 93, voltado para a multimídia. Museu da Pessoa tem a primeira reportagem como empresa, na Folha da Tarde. Na sequência o programa Vitrine faz uma grande reportagem. Mudança para o Edifício Arcoverde, Rua Cardeal Arcoverde nº 1745 (Pinheiros), junto a M2A.	

1993/1994	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e José Otávio Penteado	Constituição legal: empresa limitada.	Memorial do São Paulo Futebol Clube: Estação Multimídia; Projeto Museológico e Museográfico; Slide Show e vídeo de gols. Inaugurado em 28 de março de 1994	M2A e Softcad, Escritório Júlio Abe	Pessoas agregadas: Rosali Henriques; Marcia Zoet; Cláudio Miklos e Romero Tori, José Otávio Penteado, Susana Worcman.	Primeiro projeto vendido pelo MP efetivamente, para se trabalhar com memória organizacional. Nesta época, o MP se apresenta como pioneiro no trabalho em história em multimídia	Karen Worcman, logo após a assinatura do contrato do SPFC (1993) vai para Londres, a convite de Paul Thompson, a quem conhecera em 1991 por ocasião do evento realizado no MIS: A História Oral na Voz de Paul Thompson. No lançamento do SPFC (1994), ele vem ao Brasil e participa do evento. Uma matéria na Folha de São Paulo é publicada.
1994	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e José Otávio Penteado	Constituição legal: empresa limitada.	Estação Multimídia; Livro; CD-ROM e documentário	Softcad, Miklos Design	Pessoas agregadas: Danilo Santos Miranda (SESC); Roney Cytrynowicz, Claudio Miklos e Gilberto Thomé	Equipe central passa a ter dedicação total, exceto Mauro Malin. Estrutura básica do projeto é definida: 1) Supervisor geral, 2) Coordenador, 3) Coordenador de pesquisa, 4) Pesquisador. Demais fornecedores são contratados para fonrnecimento de serviços específicos	Karen Worcman e Cláudia Leonor participam do I Congresso de História Oral no Brasil, ocorrido no final de abril de 1994, apresentando o texto *SPFC: Uma História em Multimídia*

1994	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e José Otávio Penteado	Constituição legal: empresa limitada.	Estação Multimídia	Softcad	Conhecimentos agregados: André Luiz Prado, Carmen Silvia Natale	Estrutura básica do projeto é consolidada: 1) Supervisor geral, 2) Coordenador, 3) Coordenador de pesquisa, 4) Pesquisador.	
1994	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e José Otávio Penteado	Constituição legal: empresa limitada.	Estação Multimídia	Softcad	José Luiz Aidar	Após a finalização do projeto da Anfavea (sem entrevistas), o Museu da Pessoa toma a decisão de trabalhar somente com projetos que tivessem fundo histórico, baseado em História Oral	
1995	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e José Otávio Penteado	Constituição legal: empresa limitada.	CD-ROM e exposição	Softcad; Expomus e Arquiprom			
1995	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin; José Otávio	Constituição legal: empresa limitada.	Livro; vídeo e banco de dados	Aktom	Pessoas agregadas: Tamaro Rotondo	Primeiro banco de dados como produto, elaborado pelo MP, feito em access e visual basic.	

	Penteado e Luiz André do Prado						
1996	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e Luiz André do Prado	Constituição legal: empresa limitada.	Mapeamento e orientação para locações para Programa de TV. Livro e banco de dados	Aktom, Smart (Sato), Confederação Nacional dos Metalúrgicos	Pessoas agregadas: Oswaldo Bargas, Gilberto Sato	Museu passa a levantar histórias voltando seu trabalho para os meios de comunicação de massa (TV). Banco de Dados tem a mesma base do projeto da Farma Janssen-Cilag. Tem início as primeiras conversas sobre o documentário dos Imigrantes. Museu monta seu primeiro site, em HTML com a colaboração da Miklos Design	Karen Worcman e José Santos participam do Congresso Internacional de História Oral, em Gottemburgo, na Suécia
1997 - A	Karen Worcman; Márcia Ruiz, José Santos, Cláudia Leonor; Mauro Malin e Luiz André do Prado	Constituição legal: empresa limitada.	Livro e banco de dados		Pessoas agregadas: Sara Mendonça, Marta McBritton Em meados do ano, Márcia Ruiz e Cláudia Leonor se afastam do MP. Ao final do ano Luiz André se desliga também.	Primeiras entrevistas feitas fora de São Paulo: Pernambuco, Rio Grande do Sul; Tocantins e Pará.	

1997 - B	Karen Worcman; José Santos e Rosali Henriques	Constituição legal: empresa limitada.	Intranet	Dualtec	Pessoas agregadas: Luiz Egypto	Grande dedicação a formatação do projeto, cancelado posteriormente por conta da chamada crise asiática. Lançamento oficial do site do Museu da Pessoa, na megastore Saraiva, com depoimento ao vivo de Paulo Autran	Karen Worcman, José Santos e Rosali Henriques participam do congresso ICHIM 97, em Paris
1998	Karen Worcman; José Santos e Rosali Henriques	Constituição legal: empresa limitada.	Exposição	Venosa Design		Início de projetos desenvolvidos fora de SP, mas ainda com equipes da Capital.	
1998	Karen Worcman; José Santos e Rosali Henriques	Constituição legal: empresa limitada.	Livro		Pessoas agregadas: Rosana Miziara e José Carlos Viladarga, Fabio Hanaoka	Com o re-início das pesquisas de campo e de história oral, o MP chama Cláudia Leonor para dar a formação para os novos pesquisadores: coleta de narrativas, preenchimento de fichas e seleção de imagens e documentos.	

1999	Karen Worcman; José Santos e Rosali Henriques	Constituição legal: empresa limitada.	Acervo Portal Museológico Exposição	New Channel, Júlio Abe, Arquiprom	Pessoas agregadas: Sílvia Carvalho e Wellington Nogueira, Ari Meneghini, Simone Lourenço. Karen Worcman, José Santos e Rosali Henriques participam do congresso Museums and Web 99, em Nova Orleães, onde conhecem Jorge Rocha (Portugal) e Thom Gillespie (EUA)	Grande esforço de captação, com novos parceiros: Diduche e Ana Paula. Início de projetos de médio prazo com foco na organização de acervos. Cláudia Leonor volta para MP, como coordenadora. Karen Worcman é fellow da Ashoka. MP ganha prêmio Aberje por melhor site na Internet	
2000	Karen Worcman; José Santos; Rosali Henriques; Luiz Egypto e Rosana Miziara	Constituição legal: empresa limitada. Primeiras discussões para estuturação do Instituto Museu da Pessoa	Acervo Portal Projeto Museológico Exposição Livro		Pessoas agregadas: Olívia Araújo, Marta Rezende, Joana Zatz	Primeiros contatos com Avisa Lá para os programas de formação em escolas. Mudança para casa da Rua Delfina. Formatação do primeiro projeto social: Agentes da História. Claudia Leonor volta ao Museu da Pessoa, como coordenadora de Projetos	O programa Agentes da História foi um projecto desenvolvido pelo Museu da Pessoa entre os anos 2000 e de 2001 e previa a formação e capacitação de idosos na metodologia de história oral. Após a formação, os idosos participavam da recolha de depoimentos aos sábados e em eventos onde havia recolhas de depoimentos. http://www.museudapessoa.net/hotsites/agentes/index.htm Mudança da sede da Rua Cardeal Arcoverde para a Rua Delfina, 342, Vila Madalena

2001	Karen Worcman; José Santos; Rosali Henriques; Luiz Egypto; Rosana Miziara e Márcia Ruiz	Constituição legal: empresa limitada. Estruturação do Instituto Museu da Pessoa	Livro, Acervo, Portal, Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Primeiros projetos de formação para professores (Memória Local)	Avisa Lá, Práxisnoscópio, Arquiprom	Pessoas agregadas: Cláudia Fonseca; Arnaldo Marques; Carol Misorelli; Renato Theobaldo	Márcia Ruiz volta ao MP, fazendo parte do núcleo gestor. Claudia Leonor Oliveira passa a desenvolver os projetos educativos, como formadora de professores. MP participa do Prêmio Empreendendor	Karen Worcman participa do Congresso Ptolomée, realizado em Paris no la Villete, a convite dos organizadores. Trata-se de um evento anual sobre Novas Tecnologias. Karen Worcman e José Santos participam em Seattle do congresso Museums and Web 2001
2002	Karen Worcman; José Santos; Rosali Henriques; Luiz Egypto; Rosana Miziara e Márcia Ruiz	Constituição legal Ltda. Estruturação do Instituto Museu da Pessoa (julho de 2002). Duas entidades jurídicas passam a conviver no mesmo espaço	Livro, Acervo, Portal, Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Primeiros projetos de formação para professores (Memória Local)	Formação de um pool de empresas para projeto AmBev: Tempo e Memória, Expomus e MP. J. C. Serroni, Práxis, Martin, Promon	Pessoas agregadas: Immaculada Lopez; Beth Quintino; Judith Zuquim; Carla Vidal; Sônia London	Museu apresenta seu primeiro modelo organizacional, baseado em Unidade de Negócio (Uen). A criação do Instituto Museu d Pessoa.Net era uma demanda no sentido de desenvolvimento de projetos sociais. No segundo semestre, Rosali Henriques muda-se para Portugal. Uen Pesquisa e Formação (Claudia Leonor)	.O projeto Memória Local - Histórias de Nossa Terra, desenvolvido em parceria com o Instituto Avisa Lá e a CTBC Telecom ganha o Prêmio Aberje de Memória Empresarial

2003	Karen Worcman; José Santos;Rosana Miziara; Márcia Ruiz; Cláudia Leonor; Sônia London; Eduardo Siqueira Santos e Fernando Bogo	Constituição legal Ltda. Instituto Museu da Pessoa.Net. Segundo modelo operacional foi proposto por Sergio Sampaio da Pacto	Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)	Jexperts, Cafi	Pessoas agregadas: Stela Tredice; Maiza Zakzuk, Carlos Kessel. O Lançamento do Portal marca a presença de vários colaboradores interessados em fazer parte da rede de Histórias de Vida do Museu da Pessoa. No Seminário, participam Paul Thopmpson, Maurita Holland, Thom Gillespie, Pedro Henriques, Phil, Marc Derllorme, além dos parceiros brasileiros como Rodrigo Faleiros de BH	Museu apresenta seu segundo modelo operacional, baseado em áreas de competência e transversalidade. Foi montado um grupo gestor, no qual cada um dos integrantes seria responsável pela gestão de uma área. Projeto da Samarco realiza as primeiras entrevistas fora do Brasil, em São Francisco (EUA) .	O Museu da Pessoa ganhou novamente o Prémio Aberje de Memória Empresarial, desta vez pelo projecto sobre a memória do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, realizado por ocasião do aniversário de 50 anos da instituição. O Portal do Museu da Pessoa é lançado publicamente no Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social, ocorrido no Sesc-SP, unidade Vila Mariana e 12, 13 e 14 de 2003.

2004	Karen Worcman, José Santos, Márcia Ruiz; Cláudia Leonor; Sônia London; Immaculada Lopez; Luiz Egypto; Soraya Moura e Carla Vidal	Constituição legal Ltda. Instituto Museu da Pessoa.Net.	Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)		Pessoas agregadas: Márcio Borges e Pablo Donwey. Na pesquisa: Léo Dias e Tatiana Dias.	Ao final desse período o Museu da Pessoa desenvolve um terceiro modelo operacional. As áreas de transformam em programas e cada programa desenvolve seus projetos. Modelo proposto por Luís Antônio, do Instituto Fonte, foi implementado em 2005.	O projeto Acesita 60 Anos ganha o Prêmio Aberje na categoria Memória Organizacional, no âmbito da regional de Minas Gerais.

2005	Karen Worcman, José Santos, Márcia Ruiz	Instituto Museu da Pessoa.Net.	Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)	Instituto Fonte	Pessoas agregadas: Ana Paula, Ana Nassar, Carla Nóbrega, Erick Krulikoviski.	Modelo operacional restringe a Diretoria à três pessoas: Karen Worcman, José Santos e Márcia Ruiz. Estrutura: Programa de Formação (Sonia London), Programa Conte sua História (Erick Krulikoviski), Programa de Memória Institucional (Claudia Fonseca), Programa Portal - Acervo, Editoral e Tecnologia (Rosali), Rede (Karen Worcman e Ana Nassar) Administrativo (Márcia Ruiz), Mobilização de recursos (José Santos e Carla Nóbrega) , Comunicação (Erik Krulikowiski)	Consultoria com Antônio Luiz do Instituto Fonte "redesenha" o Museu da Pessoa, tanto em termos de áreas, como no seu posicionamento estratégico. Busca ser: 1. Polo gerador de conteúdo, disseminador de metodologia e Articulador de conteúdo; 2. Registrar histórias, divulgar histórias e disseminar iniciativas para registro e uso de histórias; 3. Ação pontual, ação coletiva, mobilização social Estratégias: elaborar um mapa dinâmico de parcerias e alianças e buscar a colaboração com projetos de políticas públicas de memória.

2006			Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)		Renata Schiavon, Leonardo. Na pesquisa: Eliete Pereira da Silva, Thiago Majolo, Winny Choe, Antônia Domingues e Júlia Relva.	Mobilização de recursos passa a chamar-se Geração de Negócios e Oportunidades	Novembro de 2006 e março de 2007, consultoria de Sergio Arruda Sampaio. Voltado para a) avaliação de 2005-2006; b) missão, visão de mundo e visão institucional (para 2011); c) formas de ação institucionais; d) resultados gerais esperados pela instituição;
2007			Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)				
2008	Karen Worcman, José Santos, Márcia Ruiz		Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)				

2009	Diretoria Karen Worcman (Curadoria) Márcia Ruiz (Memória Institucional) José Santos (Projetos Especiais) Diretora-Executiva: Ely Harassawa	Viviane Naigeborin propõe um outro modelo operacional. A diretoria deseja atuar mais em projetos. O modelo proposto define um Diretor-Executivo, a ser contratado	Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)			Áreas: Projetos Especiais (José Santos), Programa de Memória Institucional (Márcia Ruiz), Formação (Sônia London), Acervo (Rosali Henriques), Mídias Digitais (Eduardo Barros), Administrativo (Paulo Mazzarello) e Produção (Issac Patreze)	Karen Worcman assume a Curadoria, Márcia Ruiz assume a área Memória Institucional e José Santos assume a área Projetos Especiais
2010	Diretoria: Karen Worcman (Curadoria) Márcia Ruiz (Memória Institucional) José Santos (Projetos Especiais) Diretora-Executiva: Ely Harassawa (até julho de 2010)	Karen Worcman, Marcia Ruiz e Sonia London assumem a direção do Museu da Pessoa e formam um Comitê Executivo. José Santos segue com o a área de Projetos Especiais.	Livro, Acervo, Portal Vídeo, Exposição e Banco de Dados. Projeto de Formação para Professores (Memória Local)			Áreas: Projetos Especiais (José Santos), Programa de Memória Institucional (Márcia Ruiz), Formação (Sônia London), Acervo (Rosali Henriques), Mídias Digitais (Eduardo Barros), Administrativo (Paulo Mazzarello) e Produção (Issac Patreze)	Crise financeira (pela quebra do Lehman Brothers) leva a um dos momentos mais difíceis da instituição com diversas dispensas de colaboradores. Museu da Pessoa tem as seguintes áreas: Comitê Executivo, Projetos Especiais, Conte Sua História, Acervo, Portal, Administrativo/Financeiro.Claudia Leonor Oliveira e Rosali Henriques se afastam do Museu da Pessoa, novamente. O modelo operacional em vigência é desfeito. Ely Harassawa deixa a Diretoria-Executiva.

Anexo nº 9: Entrevistas com colaboradores do Museu da Pessoa

Entrevista com Ana Maria Leitão, Museóloga Entrevistada em 17 de junho de 2021 Por modo *online*	
Identificação	É um prazer estar com você aqui Cláudia. Então, meu nome é Ana Maria Leitão Vieira, eu sou museóloga e trabalhei no Museu da Pessoa em duas fases. Em 2004/2005, depois eu voltei em 2011. [...] Nasci em São Paulo.
Formação	Eu sou da segunda turma [de Museologia] na verdade, e foi muito interessante porque nós tínhamos uma [professora], a que criou o curso, a Waldisa [Russio]. Era uma mulher muito politizada e ela que começou a colocar o museu como função social. E em São Paulo a primeira escola foi essa, e foi na Fundação Escola de Sociologia e Política. E ela era formada lá também, ela era socióloga. No Brasil todo, a gente foi muito pioneiro nessa ótica da Museologia de função social. Existia uma escola muito [antiga]... no Rio, mas a visão deles era muito por preciosismos, antiguidades, as porcelanas, [porque] o Rio é praticamente a História do Brasil, foi capital tanto tempo, é a História Oficial, sabe? Teve uma escola na Bahia também, que apareceu bem depois. Então eu tive a oportunidade de ser aluna da Waldisa e essa formação que a gente teve, dessa visão social foi muito revolucionária. [...] E a minha irmã é que era da primeira turma só que ela não seguiu carreira, não foi até o fim, ela era formada em História. Mas por ela eu conheci o curso e fui lá. Cheguei lá e me apaixonei, me apaixonei! Era um curso de pós-graduação Latu Senso, a Museologia não era considerada uma profissão, inclusive [foi] a minha turma [que] trabalhou pra regulamentar a profissão.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Eu era diretora do DEMA [Departamento de Museus e Arquivos] quando teve a exposição do MIS... [Memória e Migração]. Eu era diretora do DEMA quando eu conheci a Karen aí, depois eu fiquei muito interessada que ela estava fazendo o trabalho de museu de empresa e tal. E eu fui assistir uma palestra dela no [Centro Cultural] Itaú. E eu tinha muito aquela coisa de aprender porque eu estava vivendo num mundo, os museus estavam numa dinâmica de mudança muito grande, então eu tinha que estudar o tempo inteiro.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Eu estava no Banco Santos, daí no Banco Santos aconteceu tudo o que você sabe, daí eu fui procurar emprego e eu era amiga da Immaculada [Lopez]. Daí a Immaculada falou com a Karen

	[Worcman], falou com a Soraya [Moura] e eu fui pra lá, e aí que eu fui para a Votorantim. [Isso, lá em 2004, né?] Exatamente, até 2005 quando eu sai para ser diretora do Memorial do Imigrante [...] Então, eu trabalhei no Museu da Pessoa em 2004. Depois, em 2005, eu fui para o Memorial do Imigrante. E eu fui direto [para o projeto] da Votorantim. [...] Daí, a gente montou lá a reserva técnica, eu treinei as meninas pra conservação, eu não tinha montado nenhuma exposição, eu trabalhei [na montagem do Centro de Memória] para treinar as meninas.
Histórias de Vida e Empoderamento	É, porque [a entrevista] começa precisando de muito estímulo, com as perguntas: qual seu nome, nome do seu pai, onde você mora, [etc.]. Daí a pessoa vai se focando, né? Daí, eu não sei se existe uma teoria sobre isso, não sei, eu que estou falando, eu acredito, vai fazendo a pessoa se soltar e daí quando ela percebe a curiosidade da pessoa que pergunta, ela pensa "Poxa, ela está curiosa!". Ela se sente importante de falar, satisfaz uma curiosidade sua, até que [essa narrativa] vai para um acervo de um museu com várias outras pessoas, ou que fazem parte de um grupo dela, ou mesmo que não seja de um grupo, que seja solitário. Ela sente que ela faz parte de, faz parte da história daquele grupo, eu faço parte da história da cidade, eu faço parte da escola, a pessoa se sente importante, não quando você é solitário, você só se sente importante quando você é um elo do coletivo.
Empoderamento em Nível Individual	Então, você imagina a importância da pessoa, ela é afirmada dessa importância quando a foto dela sai do tamanho de um prédio sabe, na cidade, e ela é da cidade. Isso do Museu da Pessoa, você fazer parte de um coletivo que organiza uma memória, que organiza uma história, você percebe que você é agente da história. Sim, por exemplo, sozinho você não é tão emponderado como quando você faz parte de um coletivo, no caso, na menor das hipóteses você faz parte do acervo do Museu da Pessoa, além de fazer parte dos trabalhadores da Eletrobrás, etc., entendeu?
Empoderamento em Nível e em Nível Coletivo	É, eu acho que é transformador, é nisso que eu estou querendo acreditar... Eu acho que é transformador para a pessoa e para o coletivo, em dois momentos. Mas eu acho que essa questão do grupo, {se dá] principalmente quando trabalha projeto, memória de grupo social, de comunidade, das empresas.
Metodologia do Museu da Pessoa	E o entrevistador também desenvolve coisa de delicadeza, de sutileza, porque imagina, isso que eu acho do Museu da Pessoa, tem o Museu da Pessoa, o resto tudo é objeto. Então você tem que... entrevistador no Museu da Pessoa, ele faz parte da museologia porque ele está musealizando uma história. [...] você tem que pegar uma história com muita delicadeza, com muito

	cuidado pra por num museu, com muito respeito, entendeu? [Agora, você usou um termo muito interessante, que o pesquisador está musealizando a pessoa, né?] A história dela. [A história dela...] ela se transforma então num objeto de museu de fato. O acervo como acervo em si, ele é um museu digital, agora, ele é um museu como todos os outros, ele tem um objeto que se encaixa, a memória, e nesse caso o objeto é a memória de uma pessoa, entendeu? A imagem dela também, com todos "tiques e triques", e a coleção de fotos e aquela história toda. O que você tem físico é o suporte só, só o suporte. Você não tem acervo físico, você tem, tanto é que a gente mudou né, e vai mudando sempre pra atualizar a mídia. [O suporte] é o objeto em si. [...] Então ele seria diferente dos outros museus porque o suporte que guarda algo que é digital, é diferente dos outros museus que tem objetos que o suporte é o objeto em si?
Metodologia do Museu da Pessoa	O Museu, ele desenvolve necessariamente uma ética, na hora de entrevistar, isso que eu falo, do meio psicólogo, da delicadeza de receber, como é que fala de... [...] Tem uma palavra muito moderna, acolhimento. [...] Empatia, acolhimento, tudo isso, o entrevistador de história oral, precisa ter para fazer parte do "staff" do Museu. O documento de que aquilo é original, a pessoa autoriza o Museu da Pessoa a usar, isso dá pra ela mesma, tanto para a pessoa um conforto, quanto pro Museu, é uma questão ética sabe.[...] Então eu acho que Museu da Pessoa tem essa coisa de ter um código de ética e comportamento, uma documentação , a hora que a pessoa quiser ela tira [do Portal] sabe, tudo isso e tem o conjunto de comportamento de regras que constitui a ética do Museu da Pessoa, que é importantíssimo. Todo museu tem que ter ética, mas o Museu da Pessoa é a ética diretamente com a pessoa.

Entrevista com Felipe Rocha Entrevistado em 9 de janeiro de 2020 Por modo *online*	
Identificação	[Meu nome é] Felipe Rocha, eu nasci em 11 de abril de 1990, aqui em São Paulo.
Formação	Eu sou bacharel em História na FFLCH-USP, Faculdade de Filosofia, e eu tenho uma especialização em Gestão de Acervo na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. [...] É a Escola de Sociologia antiga, onde o Florestan [Fernandes] fez o curso.

Museu da Pessoa: primeiros contatos	Eu ingressei no Museu em abril de 2013; anteriormente eu trabalhava no Arquivo do Estado; trabalhava com o acervo da Ditadura Militar, um projeto específico chamado *Marcas da Memória* . Fazia a catalogação do acervo do Departamento de Ordem e Política Social de Santos [DOPS], e tomou-se conhecimento de que além da documentação central aqui da capital tinham algumas ,digamos, subgerências do DOPS, uma no interior e uma na Baixada. E aí quando essa documentação veio à tona, o Arquivo [do Estado] incorporou e fez todo o processo de higienização da documentação, acondicionamento, etc. e catalogação, UCR, catalogação das informações; e eu participei do processo como um todo. Antes eu era estagiário, depois eu acabei ingressando para esse projeto, participei de todas as etapas e ao final o projeto acabou, e acabou o meu contrato também. Nesse meio tempo eu ainda estava tendo aula, eu estava concluindo a universidade, faltava uma disciplina da licenciatura e frequentando a universidade, a FFLCH, e eu encontrei com o Lucas [Lara] que já trabalhava aqui no Museu e ele me informou que tinha aberto uma vaga pra [trabalhar no] acervo do Museu. E aí eu me inscrevi, fiz o processo [seletivo]; na época a Ana [Maria] Leitão estava como museóloga responsável pela área. Aí tinha uma provinha, um processo em três etapas, salvo engano. E eu participei, vim pra entrevista com o Rogério, na época ele era o gestor executivo, e aí eu ingressei como assistente de acervo. A área era basicamente a Ana Maria Leitão coordenando – como museóloga responsável –, o Lucas mais à frente da área e eu como assistente. Por um tempo a gente teve a Lucia como estagiária também, e depois alguns outros estagiários. Enfim, comecei em 2013 aqui nessa mesma salinha, exatamente no lugar que eu estou falando com você. [...] [Tinha ouvido falar do Museu da Pessoa] muito pouco, muito pouco mesmo. Tinha ouvido uma menção justamente quando a gente conversou sobre História Oral na universidade, mas muito pouco, principalmente pegando por essa linha da atuação do Museu em Memória Organizacional. Então tinha uma disciplina que estava sendo ofertada lá [na universidade], de memória empresarial enfim, e quando eu fui fazer alguma das matérias teve uma discussão sobre História Oral e aí contou-se que o Museu [da Pessoa] fazia esse trabalho mas eu conhecia muito pouco sobre o Museu até ingressar. [...] Eu fiz um processo digamos da casa assim, quando eu entrei, a Rosana [Miziara] na época estava à frente do *Conte* [*sua História*], ela me apresentou ao Museu, fez toda a introdução, né... coisas que depois eu vim a fazer, de explicar o que é o Museu para as pessoas que estavam ingressando, enfim, mesmo pra visitantes, então ela me explicou todo o Museu, explicou a lógica, apresentou o programa *Conte sua História*, apresentou alguns projetos, e aí depois ao longo do ano eu fui participando do *Conte* [*sua História*]. Então conforme foi acontecendo, eu participei de algumas entrevistas... a minha primeira entrevista o Lucas conduziu e eu acompanhei. O

	entrevistado contou a história sobre o pai dele que morreu numa briga de facão, abraçado com um outro cara, os dois estavam brigando de faca e os dois morreram engalfinhados; mas foi [uma entrevista] bem bacana. E ao longo desse ano eu participei de algumas entrevistas, mas eu só vim fazer entrevista mesmo sozinho, se não me engano no meu segundo, terceiro ano aqui no Museu depois que eu já tinha acompanhado algumas, tinha participado de algumas já, enfim.
O que é que leva uma pessoa a deixar a sua história de vida registrada para o Museu da Pessoa?	Olha, do que eu já vi é bem variado. Eu já fiz histórias em que a pessoa, claro que a pessoa caiu de paraquedas aqui, não sabia muito bem o que estava fazendo e conforme a entrevista ia acontecendo ia se dando conta do processo, o que é muito legal também. Aconteceu algumas vezes por exemplo, a família trazer o avô e o avô estar meio perdido, não entender direito, mas ao longo ali ele percebeu o que era a Museu e a proposta e isso virar um momento muito interessante pra ele próprio, pro entrevistado. Teve gente que meio, como vou dizer, uma vontade de passar um legado de deixar algo pra família ou pra outros né, e então digamos, deixar sua marca no mundo, outras pessoas tem uma vontade muito grande de compartilhar experiências, essas eu acho bem sintomático, bem interessante. São pessoas que tiveram uma trajetória difícil ou experienciaram algumas coisas que a própria pessoa considera que foi um aprendizado muito importante pra si mesmo e quer deixar para os outros como um exemplo ou uma lição. E eu já fiz algumas entrevistas nesse sentido também, e foram bem bonitas, uma clareza muito grande da pessoa, tipo: “eu passei por muita coisa e eu quero deixar aqui um registro para pessoas que passem por situações semelhantes vejam a minha história e falem: ‘Poxa, não estou sozinho, também estou passando por isso e posso passar por cima disso de alguma forma’”. Então é muito variado, eu não consigo te dar um perfil porque eu acho que não existe um perfil, são motivações diversas, tem pessoas que acham que a própria história é muito interessante e que devem, e aí isso deve ser guardado de alguma forma, enfim, são perspectivas muito diversas, é muito bacana.
Histórias de Vida e empoderamento	Eu acho que existe [empoderamento], não é em toda entrevista... [...] Eu acho que sim, é lógico que não acontece em toda história, por exemplo, projetos de, como eu mencionei, os projetos de memória que eu participei, de organizações, eu dei sorte, as entrevistas que eu fiz, elas deram muito certo, não porque elas são ótimas, incríveis, mas porque a pessoa se envolveu no processo e foi bacana pra pessoa, eu consegui perceber isso, [...] em alguns casos, ou mesmo durante a entrevista por exemplo. Por isso que eu estou falando bastante dos projetos de memória porque eu acho que é onde pega mais, para o *Conte* [*sua História*] as pessoas vem mais espontâneas, né? Projetos de memória é justamente isso, muitas entrevistas não dão certo porque a pessoa está ali e [pensa]: “Ah, vou falar um pouco sobre mim, sobre a empresa e sei lá, não vinga muito bem em alguns casos. Mas, por exemplo, nesse do *Memórias do Comércio da Zona Cerealista*, teve um atacadista que uma hora

	eu perguntei, ele tinha apelido, ele pediu pra chamar pelo apelido e aí eu falei: XXXX, porque você escolheu o feijão [para comercializar]? Por que feijão? Aí ele parou assim e falou: "Que pergunta interessante, hein?" E aí ele começou a pensar sobre aquilo e foi muito bacana. Aí ele me explicou porque que ele escolheu o feijão, começou a buscar na memória dele e contar como se deu, e aí depois ele começou a me dar uma aula de porque a marmita básica do brasileiro era arroz e feijão e não por exemplo o macarrão, porque o feijão e o arroz se adapta bem na marmita, e não estraga fácil e dá pra levar, o macarrão não dava tão certo. Isso foi mudando o hábito alimentar e porque o feijão carioquinha chama carioquinha, que na verdade nem é o feijão que é mais consumido no Rio, mas é porque a distribuição vinha do Rio. Então o pessoal ficava: "não, pega daquele carioca lá!" Us dois anos atrás, teve curso de entrevistadores aqui no Museu, e um dos entrevistados, pelos participantes do curso, foi um senhor que os dois filhos também deram entrevista. Então o pessoal chamou um filho, chamou o irmão e aí o pai também deu entrevista. [...] E aí você vê que o pai fez de tudo pra deslanchar os filhos e a entrevista do pai foi muito sintomática porque ele fala muito sobre os filhos e tal, promoveu os filhos, ajudou os filhos a montarem banda, em certa medida, a vida dele foi meio pautada nisso. E aí quando ele começa a contar a história dele, ele começa falando muito dos filhos e a coisa fica meio entrelaçada em algum momento. Só que aí ele começou a falar mais sobre ele mesmo e etc., e aí chegou no fim, o pessoal fez aquela pergunta: O que você achou da sua experiência de contar sua história? A única pergunta mais alternativa que a gente tem no roteiro e que mesmo assim é perigosa, eu já vi transcrição aqui que a pessoa falou: "Ah, eu não gostei não". Enfim, faz parte, mas esse senhor ele falou: "Poxa, eu pra falar a verdade eu nunca tinha parado pra pensar em tudo o que eu fiz e fazer esse balanço, então essa tarde pra mim foi inesquecível, foi um momento que eu me apercebi de muita coisa". Eu falei de algumas entrevistas que digamos, entre aspas, dão certo e entrevistas que não dão certo. Teve um senhor também que tinha um perfil ótimo, pelo perfil dele eu achei que ia ser uma entrevista super legal e ele era super direto, então eu perguntava, ah, e como... ele era um barbeiro num bairro super tradicional e que começou a fazer teatro de rua, então em um certo momento fizeram uma peça na frente da barbearia dele e ele começou a participar, e aí ele começou a tomar gosto e começou a participar de teatro, eu falei: Pô, super legal, comunicativo, então acho que vai ser uma entrevista legal. E ele era super seco. E eu falava: "Como é, tal e não sei o quê". Ele: "Assim, assado. Isso foi assim." "Ah, e aí?" "Não era, não era." "Ah, mas não era, então o que você sentiu?" "Ah, foi bom." Então foi uma horinha e pouco de entrevista que eu saí super desapontado. Falei: "Nossa..." [...] É, eu fiquei super mal. Eu falei: fiz tudo errado. Deu super errado.

	[...] Eu acho que isso está muito ligado à intenção da pessoa, o que a gente falou um pouco antes, a motivação dela pra vir aqui. Eu acho que tem gente que espera pouco aqui, e aí começa a contar história e a coisa toma uma outra forma de fato, e eu acho que tem pessoas que meio, vem aqui e meio tanto faz também. Acho que é bem variado e vai muito com a motivação que a pessoa vem, mas não consigo cravar uma coisa específica, eu diria que do que eu vi pelo menos no *Conte sua História* boa parte o impacto é positivo mesmo, pra quem conta como pra quem vê. [...] Teve um senhor que eu nem fiz a entrevista, ele veio aqui, um dia eu fui comprar marmita, eu estava subindo, ele me parou e eu já achei que ele queria conhecer o Museu e eu comecei: "Ah não, é um Museu virtual". E ele: "Não, eu já pesquisei, eu queria vir contar a minha história". Aí eu falei: "Bacana, deixa os seus dados eu vou agendar". Aí o pessoal agendou a entrevista, não fui nem eu que conduzi, foi um colega, e era uma entrevista super bonita, foi uma entrevista belíssima, só que super difícil. O entrevistado teve uma infância muito dura, o pai era envolvido com tráfico de drogas com crime e etc. no Campo Limpo. Ele cresceu, e ele também acabou se envolvendo [com o crime]. Perdeu o pai cedo, acabou preso, foi para o Carandiru, ficou anos no Carandiru e contou toda a lógica de funcionamento interno lá, contou muito sobre um amigo que era um grande amigo dele lá dentro que acabou falecendo, uma história super bonita. E ele acabou saindo antes do massacre [do Carandiru] Hoje ele tem uma empresa de logística e comunicação, casado, dois filhos, deu uma virada na vida super se emocionou durante a entrevista. E depois a gente fez uma ação no final do ano no Centro Cultural São Paulo, enfim, uma ação, a gente lançou uma cabine lá, uma cabine expositiva e a gente fez uma ação e chamou algumas pessoas que participaram ao longo do ano. E esse senhor foi um dos que a gente convidou e ele ficou super emocionado de participar tanto porque ele tinha gostado muito de ter participado do *Conte sua História* como porque nesse evento teve uma contação de histórias, e a Sandra Lessa a contadora, uma das histórias que ela contou foi a dele, e aí ele se emocionou muito porque ele falou: "Poxa, já tinha sido uma experiência muito bacana e aí ver minha história aqui contada com essa outra perspectiva foi uma experiência totalmente diferente, interessante também". [...] Então eu acho que em muitos casos ela dá certo sim, se eu tivesse que arriscar eu diria que a entrevista tem sim um potencial a longo prazo, mas é lógico, como eu disse tem entrevistas que claramente a pessoa não se envolve ali. [São] ou pró- forma ou é encarar de uma outra forma também. Eu acho que é válido. [...] E como ela encara até, eu acho que tem muita gente por exemplo que está interessado em fazer um registro e é uma questão prática: ela vai lá e faz o

	registro: “deixei aqui o que eu queria deixar, acabou, ótimo”. No sentido mais prático digamos.
Museu da Pessoa e tecnologia	A minha frente de trabalho aqui – eu atuo um pouco em outras também – mas eu estou à frente do tratamento do acervo. Então a gente tem algumas metas e pela lógica mesmo do projeto tem metas para serem cumpridas, e são questões práticas que são extremamente relevantes como a digitalização do acervo na íntegra, na totalidade dele e a organização de informações da base de dados, catalogação de informações e etc. [...] Hoje a gente está fazendo uma migração, às vezes é de suporte, às vezes de formato, então tem equipamentos, tem mídias e suportes que são digamos analógicos ainda, são pré-digitais. Então a gente está fazendo a conversão, criando um representante digital dessas entrevistas. Tem casos, por exemplo, a maior parte dos formatos aqui é DV, mini DV, DVcan que é um formato que é digital já. Então a gente está migrando, digamos, o suporte de uma mídia magnética pra outra mídia magnética que é o LTO, a gente está criando representantes digitais, mas esses representantes digitais vão ficar armazenados em um outro formato de mídia. Na verdade, a gente está passando da mídia DV para uma LTO que é essa daqui, não sei se você já viu da outra vez que você veio aqui. [...] Que é uma espécie de “filho” do HD com um VHS. [...] Ele é uma fita que armazena base digital, a mini DV também é digital só que ela... o grande lance dela é que ela não prevê obsolescência. Então vamos supor, a Sony é proprietária do formato DV, então ela faz a mini DV e ela faz a DVcan. Se a Sony para de produzir a DVcan você para de ter leitor, você para de ter uso e progressivamente isso vai cair na obsolescência. [...] E você perde o acesso, né? Por mais que a fita esteja extremamente [bem conservada], vamos supor daqui uns trinta anos e aí você vai ver e fala: “Nossa, mas essa fita está numa condição ótima. Beleza, e como você vai acessar ela?” Então a gente está migrando, a gente optou pela LTO que ainda é um dos padrões mais seguros pra *back up* de dado digital. A LTO é um consórcio, então ela prevê essa obsolescência, então é a IBM, a HP, e outras duas produtoras, eu não lembro bem quem que são os fabricantes, mas é um consórcio entre alguns dos principais nomes do ramo de fazer um esforço de um formato de preservação de *back up*. Então, por exemplo, a gente adotou a LTO 7, a sétima geração e a gente tem um leitor de LTO 7, quando a gente tiver, por exemplo, vamos supor, se eu tivesse aqui uns LTOs 5 gravados, eu conseguiria acessar eles nesse mesmo leitor. Então, os leitores preveem a obsolescência e eles acessam gerações anteriores pra você ter mais tempo de, digamos fazer essa adaptabilidade, essa portabilidade por assim dizer, de suporte. Tudo isso é muito provisório, essas coisas estão mudando muito rápido, a médio prazo digamos o que é que está, o intervalo de lançamento dos LTOs está diminuindo, a capacidade de armazenamento está aumentando bastante, mas isso implica que em breve vai haver um descompasso e aí o LTO vai deixar de ser a coisa mais razoável possível mas para

	o nosso caso é o que funciona melhor. Até porque a gente tem um tempo útil aí de uns 10 anos pra pensar no que fazer e como proceder e é a forma mais segura que a gente tem, por exemplo, se a gente adotar, se a gente tem um *storage* aqui, um servidor parrudo, com uma capacidade robusta de armazenamento, pra garantir que os dados ali estejam preservados de uma forma segura você tem que minar a parte da capacidade de armazenamento, que é um sistema que eles chamam de *raid*, r a i d. Então o que você faz? Por exemplo, vamos supor, eu não sei bem as porcentagens então vou dar um exemplo simples: você tem quatro Hds de 8 *teras* [*terabytes*] por exemplo, eles estão juntos num *case* lá, você tem eles integrados. Você meio que sacrifica um deles pra ser o *back up* geral por assim dizer, então você perde espaço de um deles, o que acontece com esses 8 teras [*terabytes*] que você perdeu, você não perdeu eles, é a informação total que está armazenada só que fragmentada em todos os Hds. Então vamos supor, um dos HDs dá pane, esses outros três guardam a informação que estava naquele também, e organizam ali internamente e aí quando você restabelece o quarto elemento substituindo o HD que deu problema você tem de novo o sistema íntegro com todos os dados. Você não perde a informação, vamos supor, ao invés de ter 32 teras [*terabytes*] de capacidade, você tem menos. Mas, esse espaço que você perdeu é um espaço que o sistema usa com um *back up* seguro. Então ele próprio gerencia a informação de uma forma que se você tiver uma perda de um dos elementos, você não perde informação. [...] É que pra gente, a gente tem um volume de dados digital que vai pra casa dos 250 a 300 teras [*terabytes*]. [...] Então pra gente ter um servidor nesses... a gente teria que ter um servidor de sei lá, uns 600 teras pelo menos, né, pra ter a coisa segura, um pouco menos, mas ele teria que ser muito, teria que ser muita coisa. [...] O LTO tem um custo de um HD externo, mais barato até então, quanto ao custo benefício é o que vale mais a pena e pra pensar nessa perspectiva de prazo é a melhor opção que aí a gente tem tudo seguro e consegue ter essa folga de dez anos inclusive pra ver. Por exemplo, a gente não joga uma mídia original fora, primeiro que, se precisar, se tiver qualquer problema na digitalização a gente consegue acessar ainda e refazer, é o procedimento, e vamos supor que muda a tecnologia e desenvolve uma forma muito melhor de digitalização, então a gente ainda tem o produto original pra fazer essa, recuperar essa informação original, enfim, só alguns procedimentos básicos.

Entrevista com Karen Worcman Entrevistada em 16 de junho de 2021 Por modo *online*	
Identificação	Meu nome é Karen Worcman, eu nasci no Rio de Janeiro no dia 9 de janeiro de 1962.
Formação	Então a minha formação: eu fiz História na Universidade Federal Fluminense, e da parte de formação, além de eu ter feito História, eu acho que a partir do segundo ou terceiro ano, eu fiz o que a gente chama de Pesquisa de Iniciação Científica que depois virou uma Bolsa de Aperfeiçoamento. Porque eu estou mencionando isso Cláudia, você deve saber, com a sua expertise do Museu, mas acho que de alguma maneira, mais do que a própria faculdade em si, essa pesquisa de Iniciação Científica, eu acho que ela tem um efeito formativo maior sobre mim do que a própria faculdade. Porque... aí eu tive uma orientadora, eu e a Matilde, que você conhece, então a gente trabalhava juntas numa pesquisa sobre livros didáticos de História publicados no Brasil. E a gente teve uma orientadora que se chamava Vânia Leite Fróes, que era uma professora de [História] Antiga e [História] Medieval na UFE. Mas a Vânia, ela era uma pessoa que hoje eu chamo de muito generosa, porque ela dizia, na época, que o que os professores, os historiadores deviam fazer, o que ela dizia que era preciso ensinar "o pulo do gato". E o que ela chamava "pulo do gato"? Ela dizia: Você precisa ensinar os estudantes a pesquisar, o que é uma pesquisa de História. E aí realmente, eu atribuo, [o que] eu aprendi, eu a Matilde, com ela orientando, metodologia de pesquisa. Além do assunto ter se tornado um assunto fundante pra mim, a ideia de que a história é uma narrativa, a história didática é uma narrativa, qual que é a função social da História Didática na sociedade, e como essa narrativa de alguma maneira ela é fundante de um grupo social. Naquele momento, eu acabei derivando pra perceber isso por meio da pesquisa, que durou uns três anos. Passei muito tempo, de tarde, naquelas bibliotecas de bairro do Rio, [bibliotecas] escolares, pegando os livros de história e classificando o conceito de antigo, medieval e moderno nesse livros. E o método na época, que ela ensinou que de alguma maneira eu acabei ensinando pra você: é como organizar em ficha, como organizar em tema, como sistematizar o conhecimento que você está pesquisando, como retornar, como organizar uma leitura. Eu acho que esse período da faculdade foi muito mais rico, esse pedaço do que a faculdade em si. Eu tive matérias muito interessantes mas eu acho que, do meu curso de História, o que mais ficou foi o aprendizado da metodologia de pesquisa, o quanto isso é importantíssimo. Depois, por causa dessa pesquisa da Iniciação e do Aperfeiçoamento dos livros didáticos, eu a Matilde, a gente acabou, chamada, por um dos professores que chama-se Ronaldo [Vainfas], que era muito conhecido, ele estava coordenando uma equipe de publicações de

	História, e aí ele pediu pra gente fazer um livro sobre essa pesquisa. E a gente fez o livro, mas naquela época eu acho que a gente já era... - hoje, no meu olhar de hoje é óbvio – completamente disruptiva, rs... A gente tinha uma sacada... O que a gente percebeu lá? Independente da narrativa do livro, todos os livros tinham uma gramática comum que era uma narrativa criada, [e que] dependendo da ideologia do autor, (6:08?) e depois ele fragmentava o medieval e depois ele retomava no moderno, e era essa a narrativa criada. Vamos pegar aquilo que por exemplo eu estudei: Grécia tudo nasceu, Idade Média, tudo morreu e Renascimento de volta pra Grécia. Mas você pode levar isso pro [lado] marxista: comunidade primitiva, não tem excedente, todo mundo distribui tudo, o paraíso na terra, aí tem o Estado, o excedente, o capitalismo, o domínio de uns sobre os outros e teremos então uma revolução socialista/comunista, vamos voltar ao estado de comunidade primitiva. Então a gente sacou que haviam quatro modelos, tinha um modelo que eram os livros publicados na época do Getúlio [Vargas]. E onde tudo começava no Egito, que foi primeiro grande Estado, digamos de força, e aí você ia até Roma e depois o renascimento dos Estados Nacionais. Aquilo me fascinou, à mim e à Matilde, e além disso tinha a percepção de que como cada pequeno evento era contado dessa mesma maneira. Porque eu estou contando isso? Porque eu acabei tão fascinada por essa ideia da gramática que eu comecei a me fascinar por linguística e eu comecei a querer entender se essa gramática era uma gramática cognitiva, da forma da gente pensar e construir histórias ou se era uma gramática cultural. E aí fui fazer linguística, então eu fiz mestrado em linguística. Aí eu fui fazer linguística, eu fiz mestrado em linguística na UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e acabei fazendo uma tese chamada Modelo de Narrativas, Gramáticas e Histórias, e aí eu já trabalhei com as narrativas dos imigrantes judeus que eu tinha feito as entrevistas. Então minha formação é essa, e agora voltei, tipo, 93, 2003, dez, vinte anos quase trinta anos depois, vinte e cinco anos depois, estou fazendo doutorado na USP também sobre o Museu da Pessoa, é isso, minha formação.
Primeiros momentos do Museu da Pessoa	A ideia do Museu, eu acho que ela veio nesse período que eu fazia por um lado essa pesquisa de Iniciação Científica, muito interessada sobre esse jeito de construir narrativas. E aí naquele período eu me envolvi nessa pesquisa sobre os imigrantes judeus do Rio de Janeiro e estruturei com toda aquela metodologia, uma pesquisa liderada pela minha mãe por parte da Associação Israelita do Rio de Janeiro, e, mas eu acabei estruturando uma parte de História Oral que não tinha na pesquisa. Então eu estava me formando e eu tinha que entregar um projeto de pesquisa, eu transformei aquilo num projeto de pesquisa e eu estruturei. Eu me fascinei muito por organizar metodologicamente, eu acho que eu descobri que eu tinha talento pra isso por um lado, e também tive essa orientadora que era muito boa. Acho que foram as duas coisas, porque você tem uma orientadora que é muito boa mas

	você não tem saco ou talento pra isso, mas eu percebi o valor disso, percebi isso, o tema, me interessei por isso, eu acabei trazendo, organizando metodologia para a História Oral, naquela época eu não sabia que isso se chamava História Oral.
Experiências anteriores de trabalho	Quando eu comecei... Eu posso estar errada, por exemplo o Paul Thompson eu nunca tinha lido, não era por ali que eu caminhava mesmo na minha bibliografia de História, mesmo na análise da parte dos livros didáticos de História. Não tinha História Oral na faculdade, não se discutia isso, então, não era meu mundo. Eu organizei aquilo porque cargas d'água eu me interessei! Ah! E porque eu também tinha trabalhado na Funarte [Fundação Nacional das Artes]. E na Funarte eu fui trabalhar no Instituto de Fotografia, e depois de fazer vários trabalhos [chatos] de estagiário, eu acabei trabalhando com uma pessoa muito bacana chamada Nadja Peregrino, e a Nadja era muito legal. E ela via que eu era uma pessoa com muita energia e ela começou, eu ajudei a montar uma exposição sobre uns franceses e tal e ela tinha na cabeça um trabalho que ela queria resgatar e organizar o acervo de José Medeiros que é considerado o primeiro repórter fotográfico nacional. Ele se tornou, ele é um grande diretor de fotografia do Cinema Novo, e o José Medeiros tinha sido um forte, grande repórter fotográfico da Revista Cruzeiro, que foi a Globo daquela [época] , dos anos quarenta. Então eu, acho que isso foi até antes da Iniciação Científica mesmo, antes eu trabalhei na Funarte e quando eu fazia faculdade, antes de ter a bolsa de Iniciação Científica, eu trabalhava. E eu fiz, fiquei um ano na casa do Zé Medeiros organizando o acervo dele, que era incrível, de fotos, e essa de trabalhar na casa do Zé Medeiros, ficava eu e ele organizando. Eu pegava os negativos assim, e o Zé Medeiros dizia, "essa aqui é a Cacilda Becker" Aí ali a gente foi gravando essas histórias das fotos e como ele fazia isso na Cruzeiro. Quando terminou a Nadja falou: "Vamos fazer uma grande exposição e um catálogo sobre o Zé Medeiros, você quer organizar pra mim?" E eu falei: "Sim!" Aí eu fiz muitas entrevistas, não só com o Zé Medeiros mas com todas as pessoas com quem ele tinha trabalhado no Cruzeiro e depois no cinema. Então, sei lá... Cacá Diegues, toda essa turma do Cinema Novo eu entrevistei, depois o Walter Silva e depois o pessoal do Cruzeiro, e aí esse processo de fazer as entrevistas e já editar essas entrevistas para construir o livro do Zé Medeiros. Eu acho que foi o meu processo de lidar com a narrativas foi intuitivo, chegava lá e perguntava: O que você acha do Zé Medeiros? Zé Medeiros é uma pessoa extraordinária. Então eu ia experimentando o que funcionava e o que não funcionava, era intuitivo. E aí eu fui sacando como fazer uma entrevista que saísse alguma coisa mais original, depois eu editei essas histórias, e eu também tive um processo de lidar, o que que se edita e o que não se edita, eu tinha essa experiência. Quando eu fui fazer o processo dos judeus eu acho que a minha principal experiência era essa experiência que eu tinha tido com o processo do Zé

	Medeiros. Não eram leituras de História Oral, ou eu estou louca, mas eu não consigo lembrar disso porque não era o que se lia, não era mesmo. E então eu comecei a trabalhar muito intuitivamente, e com essa minha percepção metodológica eu acabei sistematizando. Eu fui fazer muitas entrevistas de.... Aí agora dos imigrantes e como aquilo, eles [mandavam] dinheiro da Alemanha, eu acabei tendo uma equipe e para que essa equipe trabalhasse eu comecei a sistematizar. E aí aconteceu o primeiro Manual do Entrevistador, o primeiro manual de fazer ficha, a primeira coisa da postura, mas era um pouco uma sistematização da própria experiência que eu estava vivendo e tentando estruturar, então foi daí. O meu contato com a História Oral, ele veio muito tempo depois, muito tempo depois; o primeiro livro que eu li que se aproximou disso foi da Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade*, eu me fascinei pelo livro da Ecléa Bosi, pelo jeito que ela editava. E aí eu percebi que essa coisa de trabalhar com histórias de vida e abrir para uma História, através das histórias de vida, foi aí que eu fui entendendo. Então eu comecei a ler coisas desse tipo e ali eu descobri Eduardo Coutinho, Ecléa Bosi, depois um cara que me impactou muito e que eu nunca mais vi nada dele, foi um alemão que chamava Letzner (?) que fazia filmes documentaristas a partir de histórias de vida. Eu acho que eu fui me aproximando por aí, muito pelo Coutinho também, pela percepção artística que aquilo tinha. Depois ali é que eu fui conhecer a literatura de história oral, o livro do Paul [Thompson] e outras coisas ali, mas já estava até fazendo [mestrado em] Linguística, se eu não me engano. Então eu acho que no meio dessa história, das entrevistas dos judeus e da pesquisa dos livros didáticos, [eu estava] muito fascinada com a capacidade de... eu nunca me interessei muito por História pra falar a verdade, sabe, História mesmo, do século, o que aconteceu, não aconteceu, tanto que eu não consigo lembrar... mas eu acho fascinante as pessoas que são historiadores, aqueles que ficam pesquisando o assunto em si. Mas eu não tinha esse interesse, meu interesse era mais a narrativa, sempre foram, as narrativas históricas, as narrativas científicas, as narrativas que se construíam em torno do que aconteceu, e foi por meio dessa pesquisa dos livros didáticos, que eu me aproximei das narrativas orais, no caso dos imigrantes judeus. De alguma maneira eu não tinha tanto interesse, é obvio que é fascinante no caso dos imigrantes judeus, é fascinante ainda mais sendo a história, vamos dizer, da minha ascendência, da minha família, eu descobri muita coisa mas eu não tinha um interesse: Ah, [de saber] exatamente o que aconteceu. Eu fiquei encantada sobre como as pessoas organizavam e entendiam as experiências que tinham tido. Então aquilo me fascinou tanto, Cláudia, aquela história das narrativas dos imigrantes, as histórias que eu caia, mais a função social, eu sempre me interessei muito por epistemologia. E eu acho que dali nasceu a ideia do Museu da Pessoa, ou seja, eu percebi o poder das narrativas de vida pra me transformar em primeiro lugar, mas o quanto isso podia ser

	transformador. E aí eu não sei, acho que tem essa coisa da missão mesmo, que eu me lembro, já contei essa história mil vezes de eu [explicando que] tem um lugar chamado Museu da Pessoa. Então foi ali, e eu acho que isso foi digamos em 89 talvez, só que ainda eu fui fazer Linguística. Eu comecei a fazer Linguística acho que em 88, 89, e aí eu estava muito fascinada por Linguística, Linguística diferentemente do assunto da História me fascinou muito, então... eu tinha essa ideia do Museu, mas não tive a ideia e no dia seguinte sair fazendo, ela ficou ali, ainda fiz Mestrado no Rio e conclui, aí eu vim pra São Paulo e falei: Bom preciso fazer isso. Foi isso.
Metodologia do Museu da Pessoa	Ah, é. Então, aí veio esse lado da metodologia, antes da minha dissertação, eu nem sei se eu já te mostrei isso, muito provavelmente já, não sei se você vai lembrar. Eu tinha caixas, eu tenho até hoje se não falhe minha memória, essa pesquisa sobre os livros didáticos, essa época não tinha computador, então são caixas de fichas, as fichas tem cores, eu me organizava com aqueles fichários por assunto, então ali eu já fazia o *hiperlink* entre as fichas. E aí depois na narrativa dos imigrantes judeus também era muito com ficha, essas coisas que a gente tem no Museu. Fichas, eu achei fascinante essa coisa, aprendi, né? Quando chegou o computador eu estava, acho que no meio da dissertação entrou o primeiro computador pessoal TK 3000, ele era um computador, ele era pré Apple na verdade, e eu comprei esse computador de um Hare Krishna... E tinha um programa que eu comprei, não sei porque, nunca mais eu tive um programa tão inteligente como aquele porque ele era como se fosse um Word mas ele tinha uma outra forma que era organizar a ficha no próprio Word, não era um Word, era pré, né?
Metodologia do Museu da Pessoa	É antes do Word Perfect, é um desses programas... lembra do ToolBook? Era um daqueles programas que eram incríveis, viraram... ele era tipo um ToolBook? Cara, você organizava as fichas no próprio computador, aí você tinha o texto e ele também permitia que você organizasse a bibliografia, ele era um programa integrado, eu nunca mais... depois aquilo virou o Word Perfect pra um lado, Dbase pro outro. Aí eu comecei a trabalhar com aquele computador e na própria dissertação percebi que era fácil, era interessante fichar os modelos de narrativas e as narrativas, então dali eu comecei a achar muito interessante organizar aquelas narrativas. No projeto dos imigrantes judeus, já chegou o computador. Então uma pessoa transcreveu uma parte em datilografia, e a partir de um dado momento ela passou a digitar. Ali eu já tinha a ideia de fazer um Museu e de transformar cada pessoa num dossiê, numa história, né? Eu pensava assim: cada pessoa é um livro.
Metodologia do Museu da Pessoa	É, aí eu já pensava como base de dados, com palavras-chave, começava já indexação, base de dados, ficha de cadastro com campos, eu já... eu li livros de DBase, aí eu comprei uns livros sobre DBase , e li os livros sobre DBase, era como organizar uma base de dados no DBase, aquilo tudo. Aí sim eu já fazia

	intencionalmente. [Eu] me lembro de estudar o DBase, ler livros e trabalhar a base de dados, o que era uma base de dados, o que era campo. É incrível, eu esqueci, mas eu estudei, aí deixou de ser intuitivo e se tornou uma intencionalidade.
Metodologia do Museu da Pessoa	Na verdade, [quando] eu cheguei em São Paulo, estava terminando a tese, ainda não tinha terminado e eu já tinha na cabeça que eu ia fazer o Museu da Pessoa, então eu... por onde eu ia começar? Sabe, é uma pergunta: Por onde você começa? Então como o livro, eu tinha acabado[de fazer] aquele livro do *Heranças e Lembranças* e a gente tinha feito uma enorme exposição no Rio que tinha sido muito bonita, e o livro era muito bom eu saquei: Vou começar daqui. Então fui no MIS [Museu da Imagem e do Som], acabei no MIS, onde a gente se conheceu e marquei a exposição, e pra mim a exposição era trazer um pedaço de exposição, lançava o livro e já naquele momento eu não queria só lançar o livro e a exposição, eu queria já lançar a ideia do Museu da Pessoa. Então de alguma maneira foi uma estratégia pra lançar essa ideia que naquela época era muito estranho. Não consegui nem chegar pro diretor do MIS então, que era o Ricardo Otake e dizer pra ele: "Eu quero lançar a ideia do Museu da Pessoa". Não tinha esse diálogo possível, né? Então era mais fácil falar: Eu quero trazer essa exposição sobre imigrantes judeus. Aí todo mundo entendia, então acho que todo aquele evento de alguma maneira foi uma forma de conseguir chegar em São Paulo e estrategicamente por meio daquilo que era compreensível lançar uma ideia. Então o estúdio foi a forma que eu encontrei de dar tangibilidade a ideia: como eu lanço uma ideia chamada Museu da Pessoa? Então com essa exposição, aí já não era mais sobre judeus, era "Memória e Migração" e ela vai ter um estúdio lá dentro, um estúdio onde todo mundo pode vir contar sua história, que é a ideia do Museu, então era um jeito de inserir uma ideia em uma coisa que todo mundo compreendia. E aí no meio chamava tanto a atenção, porque eu tinha até vergonha de dizer, então eu falava no meio daquele negócio chamava Museu da Pessoa, falava meio baixo assim, rs... as pessoas iam achar que eu era louca, né? E as pessoas me perguntavam quando entendiam, quando prestavam atenção: "Mas que pessoa?" Eu falava: "Qualquer pessoa". E aí vê isso comigo. "Mas pra que isso? Qual o interesse?" Bom, essa foi uma pergunta que acho que tanto você ou eu ouvia, com certeza, nos cinco primeiros anos do Museu da Pessoa. Era a pergunta mais feita: "Quem vai ter interesse?" Ninguém percebeu que ia virar a coisa do Facebook e aí realmente são histórias de pessoas, e nem são histórias de fato, são completamente... pessoas comuns, o banal do banal do banal! Então ali era, acho que uma antevisão do que veio a se tornar uma obviedade social. É tão forte que até a mim que criei e pensei o Museu da Pessoa me surpreende, né? Quando alguém diz... outro dia eu estava lendo que tem uma cara que tem não sei quantos mil seguidores, ele bota o celular assim no Uber, ele fica cinco horas andando: Eu não sei se vou por essa rua ou vou por aquela lá.

	Olha esse cara, tem seguidor vendo isso. Nem eu consegui pensar que chegaria a uma banalidade nesse nível, nem eu fui perceber isso. Então é isso, mas naquele momento era a pergunta que se fazia, então acho que eu fiz aquele estúdio como uma forma de lançar a ideia ali.
Primeiros momentos do Museu da Pessoa	[E tinha ali aquele cartaz, né?] Sim, ali é uma experiência inédita! Esse é o início de uma experiência inédita onde a sua história... era algo assim?. Eu achei que você estava atrás daquele cartaz, você quer essa frase Cláudia, é isso? (P - Eu adoraria, mas também se você lembrar da frase agora, mas tem uma questão que além da frase. R - Eu tenho essa frase escrita, se você me lembrar eu vou te mandar. P - Eu quero. Porque eu acho que ela é significativa, entendeu? R - Você me lembra, eu vou falar com a Renata, porque eu vi essa pergunta e ela me passou. Eu falei, como a Renata não tem o cartaz. Existe o cartaz e existe a frase: "Esse é o início de um centro de referência onde a sua história é o objeto a ser preservado, uma coisa assim"). (E ali no evento Karen, aquela coisa que a gente fala: Cada um tem um olhar, eu estava lá também, mas como é que você teve essa percepção da adesão ali, desde o dia que abriu a exposição...)
Primeiros momentos do Museu da Pessoa	Foi um sucesso. Então, essas entrevistas, já foi também outra estratégia. Aí Cláudia, é de onde você sabe que tem que ter essas estratégias, hoje se você me perguntar não sei. Acho que aí hoje em dia, mais velha, eu consigo perceber o valor da intuição, o valor da missão e o valor da intuição. Eu acho que, eu vou dizer uma coisa pra você que eu ando pensando ultimamente, mas você pode usar ou não, mas agora, ultimamente. Eu percebo que o Museu da Pessoa é uma missão do mundo, e eu acho que eu tangibilizei essa ideia. Como o Joe Lambert tangibilizou, parecida a ideia, com outra metodologia, como o Paul [Thompson] tangibilizou, então eu não acho que.... é uma ideia que foi dando *download* no mundo, naquele momento, entendeu? Então eu acho que para alguns tangibilizar, vamos chamar para o bem, e outros fizeram só o uso dela, né? Eu acho que fez uso da mesma ideia com o poder e com a capacidade diferente, uma proposta diferente, mas é a mesma ideia, então eu acho que essa coisa que baixou e que eu acabei percebendo, ela vem com muita intuição, muita intuição, e o que você tem que fazer pra acontecer? Óbvio que eu pensava nisso 25 horas por dia! Então eu ficava buscando os canais, então a ideia das entrevistas, das pessoas era o jeito que eu pensei, bom, tem que ter muita gente nesse lançamento aí, eu não conheço, eu tinha acabado de chegar em São Paulo, eu não conhecia tanta gente assim, como é que eu ia garantir o sucesso? A ideia de trazer gente famosa pra contar foi uma ideia feliz porque veio televisão, tinha um monte de gente famosa, então acho que foi uma estratégia de lançar a ideia do Museu a partir dessas entrevistas que eu acho que também todo mundo entendia.

O que leva uma pessoa a deixar sua história de vida registada no Museu da Pessoa?	Eu acho que uma pergunta é o que leva, a outra pergunta é o que causa, e a outra é o que ela percebe depois que ela faz, entendeu? São três coisas diferentes. Mas o que leva, eu acho que alguma, dependendo da pessoa, algumas coisas. Acho que algumas pessoas, eu não sei se você lembra aquela nossa primeira frase no Museu: "Todo mundo tem a demanda de eternizar a sua história", e o Museu da Pessoa existe pra isso. Esse folder existe viu Cláudia, é legal, você pode pedir pra Renata, aquele de *craft*, você lembra disso? Eu acho que tem um grupo grande de pessoas, que todo ser humano tem essa vontade de se eternizar. Ela se realiza de maneiras diferentes, então eu tinha pensado, a gente tem filhos, de alguma maneira quase que uma demanda natural, a se perpetuar, ter filhos, não é só o ser humano, animais, árvores todos fazemos continuidades de mundo, né? Então eu acho que essa é uma continuidade biológica, uma continuidade espiritual, uma continuidade cultural, e acho que a eternidade de você como pessoa também é uma demanda, então a gente se debate durante a existência com essa demanda. Isso me tinha sido dito também por alguns dos entrevistados dos judeus, isso também foi importante pra eu perceber, importante pro Museu. Eu lembro que [a gente] repetia muito que a Dona Matilde dizia: "Agora eu já posso morrer porque a minha história está registrada". Então o espírito transformador que aquilo causava elevou o Museu. Eu acho que muita gente se leva por essa ideia de deixar um legado. Eu acho que essa é a principal ideia, mas essa é uma ideia em geral para os mais velhos. Eu acho que ao longo do Museu eu fui percebendo outras possibilidades. Algumas pessoas buscam ser simplesmente escutadas, sair de uma total invisibilidade, eu acho que algumas pessoas fazem automaticamente. Lá no Portal, né, depois que entrou a era Facebook que a gente passou a receber as histórias, eu acho que tem uma turma que é... faz, e quando está fazendo percebe. Então é diferente quando você convida, ou quando você tinha que ir no estúdio ou quando você é convidado e depois que a gente abriu o tipo de participação mudou também, então tem algumas pessoas que querem compartilhar sua história, algumas pessoas querem dizer. Acho que todas tem a ideia de se entregar, se eternizar, algumas com mais consciência, outras com menos, hoje em dia é igual a foto, hoje a gente tira foto e não sabe pra que que tira foto tanto, tirava foto pra guardar na memória, né? Lugares, momentos pra se guardar, você tirava uma foto, agora você vai tirando foto sei lá porque, as pessoas tiram foto, sei lá,. [Dá para] fazer uma tese: "Porque as pessoas tiram foto". Hoje em dia, eu não sei, é interessante entender, pessoa, o que é que leva ela ficar ali não é mais guardar na memória porque ela não faz mais isso. Agora, eu acho que pelo Portal que as pessoas contam histórias, algumas são levadas igual essa coisa da foto: "Ah, eu vou contar aqui". E uma grande parte ainda com essa ideia de compartilhar, de compartilhar algo de si. Então eu acho

	que tem uma demanda comum só que ela tem graus de consciência diversos do ato, talvez seja isso, Cláudia.
O que leva uma organização a procurar o Museu da Pessoa para registar a sua história?	Eu acho que também tem instituições que procuram outros, a gente virou referência, ganhou um monte de prêmios, criou um *glamour*, então eu acho que o *glamour* funciona, é igual aquelas entrevistadas do MIS, com gente célebre contando, eu vou nessa também, eu sou menos, hoje em dia menos encantada, eu acho que... [Eu] acho que, igual eu falei das pessoas, das que tem todos os tipos, então eu acho que tem empresas e sindicatos que tem mais consciência ou organizações, essas procuram o Museu. Então vamos dizer, a nossa parceria com o SESC, é uma parceria com o Museu mesmo, o jeito do Museu ser. Quando nós fizemos a memória da Petrobrás, várias empresas, elas sabiam que era uma história, e o que é que leva? Eu acho que é essa coisa da valorização da pessoa, da valorização das muitas perspectivas da História, da ideia de criar um acervo mais humano, então eu acho que entendem o Museu, entenderam isso, que você tem um jeito diferente de construir a História e que é um jeito muito mais envolvente ou múltiplo e humano, mais emotivo e profundo. Então esse é o grupo que procura o Museu de verdade, um certo público procura porque virou uma referência. Acho que uma época, se você for me perguntar, lá naquele início, como a gente fez multimídia, aquilo atraía também, lembra? Então tinha essa coisa dos vagalumes, porque você fica pela luz, então multimídia foi um fator definitivo na nossa história porque aquilo era meio fascinante, era um museu inovador, a gente mexia com tecnologia, a gente mexia com uma coisa que naquele início era muito mágico, aqueles CD-ROMs, aquele jeito de contar história. Então, também teve esse fato da forma dessa inovação que o Museu trazia e traz, sempre trouxe, de virar site, de virar coisas muito interativas, de virar... foi bem pioneiro nisso, então eu acho que um grupo procurou por esse pioneirismo, por essa inovação. Então, um pela essência, um pela inovação, um pelo glamour...
História de Vida em Plataforma Digital	Então, como, vou te contar. Eu já estava na história do DBase, né? Então pensava assim, era um museu virtual que eu pensava assim, uma base de dados, já na época dos judeus eu queria organizar aquelas pastas e aquilo viraria uma base de dados, por isso eu estudei o DBase, para sair uma grande base de dados. Aí, eu conhecia o pessoal da M2A, eles estavam começando a trabalhar, me pediram pra fazer uma apresentação porque o Carlos trabalhava com eles e estavam organizando essa ideia de fazer apresentações, da Abril, eles trabalhavam com a Abril, eram jornalistas, você não lembra do Walmir? Essa turma, o Carlos trabalhava com aqueles... eu os conhecia por causa do Carlos, conhecia alguns deles há muitos anos. E como eu tinha chegado em São Paulo e eles estavam montando aquela empresa em torno das apresentações. Eles começaram porque eles eram jornalistas, então as pessoas iam escrever simplesmente, como que você se apresenta, imagina. E eles tinham um curso, fazendo sucesso, eles viviam disso, eram três dias de curso, eles ganhavam uma grana,

	eu achava aquilo fascinante, pra mim já foi fascinante aquilo ser de São Paulo, porque São Paulo era muito diferente do Rio. São Paulo eu tinha a sensação que as pessoas tinham ideias, e as ideias viravam negócios, as pessoas se interessavam. Não existe isso no Rio. Por mais que eu fosse bem relacionada no Rio não existe isso, então aquela coisa das pessoas, tive uma ideia que vou ensinar um curso para as pessoas escreverem bem e as pessoas viviam bem, daquilo! Eu sempre fui muito empreendedora, você sabe, eu nunca quis... no Rio as pessoas ficavam... "vou fazer um concurso pro Banco do Brasil", meus colegas todos da universidade. Aí, esse professoro, o Ronaldo, falou pra mim e pra Matilde: Vai ter concurso aqui pra UFE, vocês têm que fazer. Porque a gente era ótima pesquisadora. Eu olhei pra Matilde e falei: "Poxa Matilde, tu vai querer passar a vida vindo pra Niterói? Eu não estou a fim de viver essa vida. Entendeu? Eu não achava aquilo muito interessante. E aí depois, eu também fui trabalhar na Funarte, eu sou uma boa pesquisadora, tem aquela energia, Cláudia! Aí falaram: Nossa a gente podia te efetivar. Eu falei: Efetivar? Como assim? [...] Eu nunca tive isso como perspectiva, eu sou do Rio, mas eu sou de uma família, sei lá, de imigrantes, muito empreendedores, mas esse é o jeito de estar no Rio, né. Arrumar um emprego, arrumar uma coisa mais... Então São Paulo era assim, eu ligava: Eu tenho uma exposição sobre... Ah, vem aqui fazer a reunião. Eu achava aquilo incrível. Esses caras [da M2A] estavam sendo pioneiros na história de ensinar a escrever e depois eles transformaram aquelas ideias dos textos em apresentações de multimídia. Aquilo ia bombar, como bombou! Então eles criaram a M2A e aí eles foram para aquele escritório na Av. Cardeal Arcoverde, e eu com a ideia do Museu falei, eles perguntaram: Você não quer alugar um pedaço aqui, a gente.... Sei lá, eu falei: Vou alugar um pedaço aí. A gente estava na [rua Barão de Itapetininga] Em algum momento esse pessoal da M2A que eu convivia até por causa do Carlos, que é uma pessoa que eu conheço da minha adolescência, falou: Ah, a gente mudou para um escritório. Cheguei naquele escritório, achei legal, falei: Vou alugar um pedaço desse escritório. Ali na M2A eu conheci o Mauro Rech. E eles tinham essa ideia de escrever e eles se juntaram com esse pessoal, que era o pessoal da multimídia...
História de Vida em Plataforma Digital	Então eu conheci o Mauro Rech, eu conheci programação ali e eles eram legais, eles falavam: "Você não quer fazer então um protótipo?" Eu falei: "Vamos fazer um protótipo. "Então... Onde você estava Cláudia, você já estava... CL: Eu fiz o protótipo contigo.K - Comigo, lembra? Tinha os sete depoimentos, sentava com o Mauro e fazia... CL - A gente escolheu dois entrevistados de cada projeto que tinha: Memória e Migração, do Almanaque e de um curso que você deu, um workshop que você deu no Itaú. [...] O José Antônio Silva, Marina Garrido Monteiro. K - Isso, aí eles falavam: Vamos fazer

	um protótipo, eles eram super legais, eles também estavam precisando de conteúdo pra pode mostrar, então foi ali na M2A, por causa daquelas pessoas que eu conheci, ter me convidado pra aquele escritório, que nasceu a ideia de fazer o protótipo, e aquele protótipo, você participou, já vinha daquela ideia daquelas pastas, daquela ideia das fichas, da organização do DBase. Então ali, o DBase, então vamos fazer um negócio que cruze: "se você quiser saber todo mundo que nasceu em São Paulo". Aí eu já tinha na cabeça porque era uma ideia de base de dados, né, embaixo daquele ToolBook tinha uma base de dados, então acho que era aquela pasta revisitada, já como um sistema.
História de Vida em Plataforma Digital	Então, é o hipertexto, lógico, o hipertexto, então, mas aquele hipertexto, eu vi a possibilidade no protótipo, mas eu já pensava naquela ideia, se você for na pasta dos judeus... Ela está ali, a ideia está lá. Você podia pensar cada CD-ROM de um jeito, não podia? Mas a gente sempre classificava a pessoa do mesmo jeito, se for lembrar, isso tinha a ver com a questão do Romero falar de que você padronizando - mesmo que a gente não tivesse a base de dados - a informação e aí em alguma hora você conseguiria juntar tudo como a gente veio a fazer. [...]Porque era assim, pegava o índice onomástico. Então o cara falava assim:" Então eu estava em Auschwitz." Aí vinha o que é que era Auschwitz. Era a ideia de você abrir janelas para a história, então tem umas tabelas já lá na parte de judeus que é, as janelas contextuais acho que aí já veio...
História de Vida em Plataforma Digital	[Tinha] o georeferenciamento, é, já vinha tudo, estava tudo ali, então eu acho que a gente foi inovando na linguagem mas já estava tudo ali. E aí tem muito a ver acho que com a formação de historiador, né, Cláudia? A ideia de conectar a história individual com a janela social, com a janela contextual, já invertido, não mais como uma... a pessoa se encaixando como ilustração num fato, mas o fato se encaixando com uma janela na pessoa. Então eu acho que a grande sacada do Museu; hoje em dia é essa inversão, né? A história de vida, ela não ilustra ou ela não complementa a história, é o contrário, a gente inverteu, e isso eu acho que é uma inovação da ideia do Museu, você viaja pela pessoa, mas essa pessoa obviamente é intrincado entre o social e o individual. Então como você abria para o social? Por meio desses hipertextos, ali já veio a ideia do hipertexto, ali veio todas as ideias, agora tem uma pessoa que eu preciso mencionar, quando eu morava no Arouche, já com a ideia do Museu, como foi que eu cheguei ao Romero?
História de Vida em Plataforma Digital	Não sei como, alguém me apresentou o Romero Tori, e o Romero, eu falei pro Romero, eles foram um dia lá naquele apartamento da Arouche eu falei assim: Eu queria fazer um Museu, e era assim, uma grande história de pessoas, e tal, eu expliquei a ideia da base de dados e o Romero falou: "Então tem que padronizar a informação, em alguma hora isso vai virar. Você vai juntando, isso vai virar uma base de dados grande." Então o

	Romero, de alguma forma ali naquele ToolBook, se você for lembrar, ele era supervisor. Ele já tinha a ideia, por isso nós construímos todos aqueles CD-ROMs com o mesmo jeito porque vinha dessa ideia do Romero que a gente tinha que manter os mesmos campos, a mesma padronização porque em alguma hora ia juntar tudo, entendeu?
História de Vida em Plataforma Digital	Mas o Romero naquela época, ele tinha uma empresa pequena com outras pessoas, você vai lembrar disso talvez, com três caras da USP como ele, ficava num escritório na frente da USP, eles eram excelentes, aliás, um dos melhores parceiros que... [Tinha o Carlos] e tinha mais um que eu tinha esquecido. Sim, o Romero supervisionou o São Paulo, porque o São Paulo foi feito no âmbito da M2A, e a M2A apostou na ideia também como negócio, tanto que ela ganhou o cliente que era o São Paulo. Depois já o SENAC acho que já foi feito por aquela empresa do Romero... E o Memórias do Comércio, com o Dinho, né? [Com o Dinho na parte de visual, né?] E o Romero fazia com aquela turma a programação. Então, acho que todos aqueles primeiros multimídias, nascidos da ideia do ToolBook que o Mauro desenvolveu mas o Romero supervisionou, depois foram padronizados com a participação do Romero. Foi isso.
História de Vida em Plataforma Digital	Então, acho que esse é um muito importante, né Cláudia? Eu acho que o outro foi a nossa entrada na internet, eu acho que isso foi definitivo. Aí, não sei se você lembra, eu acho que... eu me lembro quando chegou a internet, a gente ia estudando GeoCities, você lembra disso? Estudava a ideia do GeoCities, estudava Yahoo, como você se categorizava no Yahoo, e aí depois não sei como, acho que o Zé conseguiu uma parceria com uma empresa que a gente ganhou de graça, e pôs o nosso primeiro site. Então eu acho que ali, a gente... foi um ponto de inflexão. Então eu me lembro que logo depois dali, eu, o Zé e a Rosali fomos pra aquele congresso de “Museans and the web” apresentar a ideia do Museu. A gente ainda fazia aqueles depoimentos com HTML, a Rosali organizava HTML, lembra?
História de Vida em Plataforma Digital	Não tinha base de dados, aí, mas chegando lá o Museu foi muito revolucionário lá, nesse encontro nos Estados Unidos, e tinham grandes museus, Cláudia. Tinha os maiores museus do mundo estavam lá. Eu acho que, eu me lembro na apresentação que eu fiz, que eu fiz um artigo, não sei se você chegou a ler, ficou publicado. Era... mostrando aquele site, HTML, alguma coisa assim: “The ideia behind it” As pessoas levantaram e aplaudiram de pé, surreal, foi surreal, foi um negócio assim, com isso ficou marcante. Então todo mundo que era inovador, o Tom Gillespie todos os caras que pensavam ficaram... a gente ficou amigo de todo mundo porque o pessoal, era muito “cucaracha”, a gente não tinha dinheiro pra pagar todos os workshops, mas a gente acabou sendo muito... Então ali a gente percebeu que a gente tinha uma coisa muito inovadora. Então, aquilo já era o site, aquilo foi um momento importante. Eu acho que depois daquele momento teve, eu não sei em que momento qual foi, onde a gente começou a

	juntar a base de dados com a internet que foi com aquele pessoal da Dual Tech. A gente teve uma tentativa com aquele projeto da CUT que já foi uma base de dados e depois aquilo foi para a Dual Tech, então a gente ficou passeando até conseguir: como é que faz uma base de dados na internet. E então eu acho que ali, e aí o outro, o primeiro portal que foi em 2003 já com a base de dados, foi a chegada dessa busca que durou uns quatro anos de várias base de dados que não funcionavam direito, não sei se você pode lembrar disso. Era uma busca incessante por essa ideia, então eu acho que a ideia do Museu não é nem minha, a ideia do Museu é, você conhece aquela peça de teatro "Seis personagens em busca de um autor", eu acho que é do [Luigi Pirandello], um teatro do absurdo, né. Um personagem, eu acho que o Museu é uma ideia em busca da sua realização.
História de Vida em Plataforma Digital	E aí eu me lembro que a gente foi... quando que a gente entrou no UOL? Eu me lembro conversando com o Caio Túlio, isso foi antes de ter o Portal... Naquele pré UOL e a gente foi parar no UOL por causa do Mauro Malin, naquele momento o Caio Tulio dizia: Vai vir um milhão de histórias. O Caio Tulio dizia: Como a gente vai fazer, vai vir um milhão de histórias. E não aconteceu isso, não veio um milhão de histórias. Então também é interessante porque você, às vezes, está num momento que ele não é exatamente o momento, está um pouco antes, um pouco depois, enfim, a história é um pouco... esse ritmo, onde você está, então não veio um milhão de histórias. Por que não veio? Não sei, talvez porque eu acho que a gente estava um pouco antes daquele momento da explosão do *self*, vamos chamar assim. Então, eu não sei se você lembra, lembra quando eu fiquei em busca de uma ideia louquíssima porque foi um momento de muita [busca] de dinheiro que era o telefone, lembra? Você telefonava... [Disque 190 pra ouvir uma história.] Era, lembra disso? Eu acho que a gente foi experimentando, né Cláudia? As cabines, os telefones. [...][A ideia da] Jukebox, eram buscas de realização daquela ideia, e como não tinha a ideia de museu virtual pronta, então: "Ah, pode ser uma Jukebox, pode ser você ligar num telefone, pode ser uma cabine que anda, pode ser..." sei lá, então você fica pensando, não sabe o que...
História de Vida em Plataforma Digital	(A própria ideia da cabine a gente pensou logo no começo do Museu, e ela foi acontecer nos anos 2000, lá no projeto do Metrô. Essa cabine pública aberta.) Exato. Cláudia, eu me lembro, quando a gente botou aquela cabine no Metrô, eu me lembro que o Miguel tinha acabado de nascer, então eu não consegui ver isso. Então eu me lembro de eu subindo, eu só fui visitar, não sei se você lembra disso, era um feriado. (Era 25 de janeiro, aniversário de São Paulo). É, eu fui lá, mas eu não podia ficar lá né, porque o Miguel tinha nascido e estava lá de babá, aquelas coisas todas, então eu me lembro subindo, eu lembro saindo na Sé e subindo a escada rolante e aí eu vi aquele banner... (Gigante, 50 metros de banner.) Aí eu pensei assim: oito anos e olha a gente aqui. Porque

	a gente queria fazer aquilo em... (94, 91, 92.) É, então, oito anos, porque foi em 2000, início de 2001, nossa demorou hein? Fico pensando assim: "Como demorou." Então essa noção de... é bonito a gente pensar nisso, né? Como a história, e você vai percebendo e essa história, ela é uma corporificação de uma ideia sem corpo, né? Ela vai adquirindo muitos corpos com essa ideia. É uma imagem bonita, hoje eu pensando como eu vou concluir a [minha] tese, qual é o corpo, o que o Museu tem a dizer ao mundo, não eu. Eu acho que é isso que eu vou te falar, "um personagem em busca de um autor". Ele é uma ideia e ele pode ter tantas formas quanto as tecnologias, e a gente pode terminar na pedra. Cláudia, tanto faz.
Empoderamento em nível individual	Eu acho que isso varia de pessoa a pessoa, mas eu acho que sempre acontece alguma coisa. E o que é que eu acho que acontece com a pessoa, depende da profundidade, do quanto ela se entrega para a narrativa. Então o impacto tem muito a ver com a jornada que ela faz. Quanto mais longa, mais profunda, mais, ela faz a jornada, mais impacto. Quanto mais superficial, menos, mas acho que é o seguinte, aliás, isso tem a ver com a minha tese: A memória ela é, a narrativa da memória, não a memória em si, a memória está lá. Cada vez que a gente quer acessar a memória a gente tem que construir uma narrativa pra expressar o que a gente acessou. Esse ato de visitar a memória e expressar aquilo, ele é um ato criativo. Isso está na minha tese, porque ele não é um ato "resgatativo", eu não vou lá, abro um armário e "olha aqui está". Não, eu tenho que recriar mesmo, eu recrio, então é uma eterna, o mito do eterno retorno porque eu me recrio na hora que eu faço isso.
Empoderamento em nível individual	[A cada vez que se conta uma história], aí no ato que eu vou lá eu início, isso que eu estou fazendo com você agora de alguma maneira, então eu recrio, eu revisito essa história, e não é que eu vou lá visitar a mesma história, ela se ilumina pra mim, eu me ilumino pra mim visitando a minha própria memória sobre esse história, então eu renasço com a história de novo. Quando a gente faz isso no caso do Museu, dizendo com todo aquele cuidado que a gente tem, de escuta, de dar aquele espaço pra pessoa que é o espaço da escuta, é o espaço, diferentemente do que é o trabalho do Paul e outros entrevistadores, que eles tentam não fazer aquilo se notar, a gente fez uma opção de se fazer aquilo se notar, de dar certificado, de botar a luz, vamos todos formar um momento de show. A gente seguiu um caminho diferente, e esse caminho tem um efeito incrível na minha opinião que a pessoa, além de fazer aquela visita ela percebe de alguma maneira que essa visita tá tendo algum valor social porque se não, porque cargas d'água aquelas pessoas estariam ali, me tratando tão bem, com aquela luz, com aquele gravador me ouvindo o que eu tenho a dizer. Então, aquela visita criativa de mim, ela tem um reconhecimento social e esse reconhecimento social legitima a minha narrativa, deixa de ser um exercício puramente, que eu escrevi no meu diário e se torna um exercício de, um acontecimento importante,

	a narrativa, ela é reconhecida socialmente e a gente diz que o bom da narrativa está no Museu. Então eu acho que o reconhecimento social, o reconhecimento de que é de um Museu. [...] Então acho que isso no Museu, muda. Ah, eu sou importante porque eu sou funcionário daquela empresa, não, isso já, mas aí a gente fala: Não, mas a gente quer saber do que você brincava. Aí aquilo mexe, porque eu acho que esse ato de se visitar que é um ato profundo, que é um ato de criação, profundo que a gente leva pra surpreender, além de levar pra surpreender a gente diz a ela que tem muito valor, e não é só a gente, na boa, aí ou é o Museu que te reconhece, ou o Sesc que te reconhece, então aquilo empodera, traz empoderamento porque de repente você sente que tem algo a dizer, eu valho, eu sou reconhecida socialmente, né? Aquilo pelo o que eu contei, eu acho que isso é outro nível.
Empoderamento em nível coletivo	Com certeza, aí eu acho que é uma outra coisa. No nível individual a pessoa faz a visita e seja reconhecida, mas quando é de um grupo tem vários tipos. Quando, primeiro, ela ser reconhecida pelo grupo aí é mais fácil ainda, então vamos lá, no Projeto Memória Local, ser reconhecido pelas crianças, pelas novas gerações, aquilo tem um efeito surreal pra aquela pessoa na minha opinião. Agora por exemplo, você, quando a gente lança o livro da empresa, o livro do grupo, e você está naquele livro, então aquele grupo mais próximo, a família fala: "Meu pai está nesse livro". Então é uma sucessão de reconhecimento, da família, do próprio grupo do qual eu faço parte, de pessoas que eu conheci, aí você vai ampliando, de dentro pra fora agora. Agora, quando o grupo trabalha a sua história, que é o que a gente faz quando lança um livro editorial ou faz um memorial, além de você contar, aprender a fazer, discutir, você transformar a sua história em alguma coisa, nessa coisa de ser reconhecida, todo mundo faz, [projeto] Memória dos Brasileiros, [projeto] Fercal, eu acho que tem um processo muito transformador mesmo por vários motivos. Do indivíduo a gente já falou, e depois o grupo no processo, essa noção de legitimação da própria história que aquele grupo criou, pra mim aquele é o ponto ápice, aquilo é a evolução, o que você quiser fazer, é isso Cláudia, quem é você? Quem é esse grupo? Porque, você pra se emponderar, você sendo alguma coisa, você precisa saber o que você fez, no ato que nós estamos fazendo aqui, não é o que a gente fez quando a gente inovou, a gente sente um poder, de ter criado, né? Então imagina um grupo que está ali, de periferia, que muitas vezes a gente trabalha um grupo, digamos, todas as pessoas, todos os grupos tem poder, basta você perceber, né? Então o que é que a gente faz? Quase uma polinização, a gente não traz um poder, a gente simplesmente provoca um processo e cria uma consciência do poder que você tem, de ter construído e reconhecido o seu próprio legado, a sua história. Então aqueles grupos que juntos discutem, lembra, faz, mapeiam, constroem, é um exercício mítico de recriação, de renascimento, sempre. Estou até falando, fico até emocionada mas é isso, e é lindo porque esse nosso trabalho é um

	privilégio, né Cláudia? Na vida foi ter buscado, provocar isso, entendeu?
Desafio no Museu da Pessoa	Com intuito de evangelizar ninguém, dizer: a verdade está ali. A gente de alguma maneira diz que o valor está em você, no seu grupo, que você é, busque aí, é um oráculo, né? Busca-te a ti mesmo, busque o poder que está em ti. Eu acho que o nosso trabalho, o trabalho da memória, não é só o da memória, porque o da memória é um trabalho por exemplo terapêutico, que é bastante poderoso, né, escavar na própria memória eu acho que é um trabalho terapêutico, mas ali é um investigação, a terapia é uma investigação pra você se reconstruir. O Museu não é essa investigação, ela faz isso, mas não como uma busca só da reconstrução, a gente desvia para uma outra rota, mas é uma busca de consciência no seu poder de criação, das suas narrativas, né? Então é um trabalho, eu acho uma benção mesmo viu Cláudia, é um benção, sei lá, poder ter dedicado a nossa vida a um negócio tão delicado, tão fino (filigrana). Cuidar, muito tênue de olhar que cada... e provocar, né? Polinizar, aquele momento que a aquela senhora de repente percebe um poder no que ela mesma viveu ou contou, quer dizer, você só facilita, a gente é o famoso facilitador, rs... é, porque a gente não fica lá dizendo. Então, eu acho que o lado B, o lado que esse tipo de coisa que vem ocorrendo, tipo Facebook que pegou, porque eu chamo isso de lado B da força, eu chamo hoje em dia. Eu acho que é tudo "Guerra nas estrelas" é a mesma força que está ali, está trabalhando com a mesma coisa, só que essa que o Facebook acabou trazendo é uma força que tira o poder da pessoa, por que? Porque ela precisa do *like*, então ela deixa de entender que aquilo tem valor em si. Ela precisa do seguidor, do *like*... (Do número, da curtida, do compartilhamento...) É, você precisa da aprovação social, e não da legitimação do seu valor em si, "per si" entendeu? Eu estou falando alto e estou percebendo o que estou falando, mas eu acho que é o lado B da força, é a mesma coisa, mas acontece que aquilo acabou levando a um elemento de desempoderamento da pessoa, onde a pessoa, ela precisa, quando a gente é criança a gente tem vergonha de fazer maria-chiquinha, que é que as minhas amigas vão achar, né? Aquilo é um exercício de insegurança que todo o ser humano tem insegurança, né? "Nossa eu estou gorda. O que é que vão achar de mim?" Quando a gente é muito criança a gente vive isso na carne, de você criança ser aceito no grupo, isso é cruel. A força do... o lado B da força como o Facebook ou Instagram, qualquer um desses aí, ele levou a nós aquele estado de infância de ser aceito, então esse é um estado de alto índice de insegurança, então ao invés de levar a pessoa para um estado de consciência de perceber em si: Nossa, olha só, eu criei a minha vida, eu criei essa experiência, o meu grupo criou, levou aquilo. Mas a gente está trabalhando com a mesma coisa, a mesma coisa, eu só não sei se a gente que é do bem não ficou tão rico quanto o mal, mas é a mesma coisa...

Desafio no Museu da Pessoa	Olha só, eu vou dizer duas coisas pra você, uma é a função que eu venho percebendo, porque quando chegou todas essas mídias e tudo, eu falei: Ah, todo mundo já pode contar sua história, pra quê que tem que ter o Museu da Pessoa. Eu pensei muito sobre isso. Então eu acho que, decorrente do que eu acabei de falar, eu acho que o Museu da Pessoa, ou a proposta, o espírito do Museu nunca se fez tão necessário porque essa busca, essa polinização que a gente faz é uma polinização da gente perceber, mesmo que um exercício mais difícil do valor que a gente tem, um valor mais profundo, e a gente está vivendo um momento que está caminhando cada vez mais para uma roboti... não é uma robotização, pra um "desempoderamento" muito grande do indivíduo na minha opinião, e eu nunca fui uma pessoa pessimista, mas eu vejo que a gente está nessa encruzilhada.
Desafio no Museu da Pessoa	Está numa encruzilhada, pra onde que nós vamos seguir, mas nós estamos na encruzilhada, então pra mim Covid é fichinha. A pandemia é o jeito que as pessoas estão fazendo uso do celular, a verdadeira pandemia, ela é global, e ela vai das comunidades indígenas às crianças da Tailândia, tanto faz, que é uma usurpação mesmo da capacidade de ser do cérebro de estar no mundo. Então a gente está numa encruzilhada grande, então eu acho que a contribuição do Museu da Pessoa cada vez mais eu percebo a sua função que é nesse nível espiritual, energético de consciência, não só social, de consciência mesmo, de que a gente é, e o que a gente é uma escolha, uma construção, uma narrativa. Então eu vejo, diferente de quando o Museu começou que era todo mundo faz parte da história, tinha muito a ver com aquela coisa da ditadura, inclusão social, né começa e continua havendo isso, mas eu acho que a gente até transcendeu esse lado sabe, a gente tá num lado de: Olha, você pode tá incluído mas você já está se desin... excluído de si próprio. Então o cara às vezes nem tem desafio social, mas ele está excluído de si, ele está em busca de *like*, entendeu? Então a gente tá adquirindo uma função maior no mundo...]...] Ponto de resistência, é uma resistência maior até do que aquela de luta social... é aquela ainda, da inclusão dos grupos agregados a essa de ser uma resistência superficialidade, essa fluidez total, não no bom sentido, uma fluidez do indivíduo, uma fluidez do ser humano, uma fluidez das gerações, então eu acho que é um ponto de resistência, e eu acho que a gente vai ter que encontrar o que é que será o Museu da Pessoa no mundo no futuro.
Desafio no Museu da Pessoa	Então, mas é mais. Sim, acho que a gente vai construindo essas memórias, então isso fica, é legado, mas mais do que as memórias que ficam que é um legado, a gente tem uma função do ato. Então lembra que a gente estava falando a pouco, além do que eu contei, o ato de eu ter contado, o ato de eu ter me sentido importante, ele, o ato em si é transformador. Então eu acho que a gente nunca vai, ou se for ficar, a gente vai se auto anular, se a gente se contentasse

	em ser simplesmente um arquivo da pessoa porque sim, é uma memória que sempre se tornará uma fonte de pesquisa, isso sim, mas eu acho que talvez a gente tenha que buscar cada vez mais provocar este ato, este ato de você perceber o valor da sua história, você contar, você ter o tempo de refletir sobre a sua história. Esse ato, Cláudia, a gente não poderia abrir mão como fator de resistência, agora, se esse ato vai se dar. Atualmente a visão do Museu é museu em cada mão, então vamos chamar, se tem celular, mais celular do que gente no mundo, então vamos botar nesse celular um museu, pra que eu possa perceber que eu possa contar, né, o popularismo porque é uma estratégia, se é essa forma final, eu duvido porque não tem forma final, como eu te disse, é um personagem em busca de um autor. Eu adorei essa imagem que eu mesma fiz que ela me corporificou. [...] Então pra concluir eu acho que o futuro não é a forma, ela vai continuar se inovando, e se Deus quiser e tomara que sim, ela pode virar uma holografia ela pode virar uma progressão mental mim mesma, o que a gente vai saber o que pode vir...

Entrevista com Lucas Lara Entrevistado em 23 de dezembro de 2019 Por modo *online*	
Identificação	Que gostoso responder essa pergunta! Meu nome é Lucas Ferreira de Lara, eu nasci em São Paulo em 25 de novembro de 1987.
Formação	Eu sou formado em História, bacharel e licenciado, eu tenho mestrado em História Social e eu também tenho uma pós graduação em Gestão Cultural pelo Sesc CPF [Centro de Pesquisa e Formação].
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Eu comecei a trabalhar no Museu da Pessoa em 2011, eu entrei, eu vinha do MIS, Museu da Imagem e do Som, aqui de São Paulo e eu fiquei sabendo que tinha uma vaga no Museu para trabalhar em um projeto de memória chamado *Memórias do Comércio de São Paulo*. Eu já tinha uma amiga que trabalhava no Museu, que era a Marina [Simões] Galvanese e ela falou para eu tentar a vaga. E aí eu vim pra cá como pesquisador júnior na época, eu ainda estava terminando a faculdade, e então teve uma negociação, estágio... eu falei: Pô, faltam só seis meses, tal. Aí me contrataram aqui como pesquisador júnior. Então, tinha estágio no Museu, mas se não me engano, eu já entrei nesse modelo, era RPA, não era estágio, já era como um prestador de serviço no Museu, mas como já era alguém que estava entrando cru ainda, então eu acompanhava os outros pesquisadores pra pegar um pouquinho de como eram as coisas. [...]

	Nunca tinha ouvido falar [do Museu da Pessoa]... é engraçado porque eu sempre trabalhei em acervos de áudio, então, desde que eu comecei a faculdade eu fui trabalhar no acervo da Discoteca Pública Municipal, lá no Centro Cultural São Paulo, com o acervo da *Missão de Pesquisas Folclóricas* e aí lá eu cuidava dos fonogramas e tudo mais. E depois eu fui para o MIS também, no acervo de vinil, mas aí mais na parte de artes gráficas e aí eu sempre trabalhei com museu mas eu não conhecia ainda o Museu da Pessoa. Eu ainda não tinha essa noção, essa perspectiva de um museu de história oral, para mim naquela época ainda, a questão da história oral estava muito atrelada a núcleos de pesquisa em universidades, foi uma grata surpresa.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	[No projeto Memórias do Comércio em 2012], eu comecei no projeto, nunca tinha ouvido falar do Museu, nunca tinha feito uma entrevista na minha vida, e depois de cinco dias que eu estava no Museu eu já fui acompanhar a primeira [entrevista]. Então o meu desafio inicial foi como me auto formar em 5 dias. Ler tudo o que tinha sobre o Museu, me passaram a Tecnologia Social da Memória, na época, a Márcia Ruiz era coordenadora do projeto e me passou a Tecnologia Social da Memória. E essa primeira entrevista que eu fiz, eu fiz com ela, ela estava de P2, mais de observador, mas foi um desafio porque era todo um universo muito novo. Eu vinha de uma área que era catalogação e tratamento de acervo. Então eu via o grau de deterioração, media as peças, e do nada eu caio num outro universo, de memória, outro universo de fonte documental, então acho que o meu maior desafio foi nesse comecinho, de me ambientar e tatear onde é que eu estava. Esse projeto foram 63 entrevistas, então quando eu entrei, tinha uma ou outra que já estava mapeada, mas esse projeto *Memórias do Comércio* implica um mapeamento muito grande de território, então eu acabei entrando nesse primeiro momento mais para acompanhar mesmo. Éramos eu, a Daniela Baraúna e o David Sampaio que era um dos pesquisadores do projeto, e já tinha essa ideia de ser um time mais multidisciplinar mesmo. Então a Daniela era muito focada em pesquisa iconográfica, e o Davi, ele tinha uma questão de patrimônio histórico, de conhecer a história da cidade e dos bairros, e eu estava ali mais pra esse lado de acervo, mas como sempre fui meio desenvolto, também acharam que seria bom eu fazer esse mapeamento e ir lá conversar com as pessoas, e foi o que eu fiz. Então eu entrei, fiz essa entrevista, na época tinha uma outra coordenadora que era a Judith Zuquim que ela começou a fazer com a gente quase como um grupo de estudos então foi passando textos, apresentou os textos de uma professora que chama Heliana Comin Vargas, não lembro se foi ela ou se foi você que trouxe esses textos, mas eu lembro que ela trouxe alguns textos também. Então a gente ia lendo, discutindo e decidiu-se pelo mapeamento de algumas regiões, então nesse começo eu fui para a rua mesmo, foi uma delícia. Fui conhecendo São Paulo, eu cresci na Praia Grande, então de São Miguel até Parada Inglesa, atravessei a cidade inteira com o Davi e com a Dani fazendo esse mapeamento e conversando com os

	comerciantes. E aí o interessante é que foi justamente nessa coisa de você entrar em 30, 40 comércios por dia, tendo que explicar toda hora o que é o Museu da Pessoa, que foi introjetando em mim o que era o Museu da Pessoa porque eu precisava entender pra poder explicar. As pessoas tinham muito mais dúvidas do que eu quando entrei, então eu precisei ir percebendo quais eram essas dúvidas, o que eles queriam saber pra poder me comunicar e convencê-los de participar. Acho que a minha maior formação foi justamente conversar com esses comerciantes. [...] O projeto já estava meio em andamento e aí já tinha algumas indicações que eram aquelas figuras clássicas mesmo, eram comerciantes, eu lembro que essa primeira que eu fiz com o Thrassyvoulos Georgios *Petrakis*, que era um comerciante grego, de um dos restaurantes gregos mais famosos de São Paulo no Bom Retiro. E a Márcia já conhecia esse comerciante porque teve uma época que o Museu gravava ali na Oficina Oswald de Andrade, então conhecia aquela região e eles já tinham convidado e ele topou. Então essa já foi uma de cara que a gente sabia que ia entrar, a partir daí a gente começou a fazer mapeamento e buscar mesmo qual seria o eixo norteador do trabalho. Aí então foi que você entrou e ajudou bastante a gente nisso.
O que leva uma pessoa a deixar sua história registada no Museu da Pessoa?	Eu acho que é a vontade de se eternizar, eu acho que 90% das entrevistas que eu fiz, e eu já fiz centenas de entrevistas, acabam sendo pessoas que querem ter a sua história registrada por algum motivo. Em grande parte são pessoas mais velhas e muitas vezes a vontade de se eternizar não é nem delas, é dos familiares, mas existe essa vontade. E pessoas mais jovens, é muito interessante, que, pelo menos na experiência que eu tenho elas acabam vindo depois que elas terminam determinados ciclos. Então, “venci uma doença”, ou “conquistei alguma coisa que eu queria”, ou “tive o filho que eu estava esperando”. Aí esse momento ela decide ir lá e deixar um marco, mas eu acho que é muito mais uma coisa, não digo egoísta, mas parte mais de uma visão mais individualista de eu querer ir lá me eternizar, depois eu acabo percebendo que toda história tem valor, outras histórias estão lá e a minha vai contribuir para essa memória coletiva, mas o que move no comecinho é essa vontade de se eternizar. [...] Quando a gente fala do Museu da Pessoa, as pessoas nunca falam: “Nossa, eu vou lá”. Sempre falam: “Nossa, eu tenho alguém que tem que ir lá”. Tenho alguém para indicar que tem que ir lá. Então as pessoas não percebem de cara que a história delas importa, elas sempre pensam numa história inusitada naquela pessoa que viveu um zilhão de coisas e aí elas falam: “Nossa vou levar essa pessoa lá”. Me ligam: “Nossa, tenho alguém para indicar”. No caso das famílias é muito a questão dos mais velhos mesmo, o neto que traz o avô, a mãe que traz, enfim, a mãe, coisas nesse sentido, pra eles a coisa é super importante depois a questão da gente entregar o DVD. Agora não é mais o DVD, agora é o link da entrevista que a pessoa

	recebe pra ela baixar, isso pra elas é muito importante e gratificante quando elas veem a história do familiar delas no portal do museu.
O que é que leva organizações a procurarem o Museu da Pessoa?	Eu acho que primeiro, dentro da expertise do Museu em produzir produtos culturais, então, querendo ou não o resultado que o Museu realiza é um resultado atrativo para essas empresas, que estão sempre acostumadas a trabalhar com agências de Marketing, então acaba sendo sempre produtos muito impessoais. E o Museu traz essa coisa diferente, mas eu acho que tem muito, e isso tem aumentado, uma visão de se ligar a determinadas causas e meio que humanizar um pouco a história da própria empresa. Não simplesmente contar a história do grande fundador, mas mostrar, ou seja fazer algo não só com o mercado, mas com os próprios funcionários e mostrar que eles importam para as empresa também, que a história deles é relevante. Mas hoje em dia tem aumentado muito a ideia de me atrelar a causas. Então é o Museu que combate a intolerância, é o Museu onde todo mundo importa, é o Museu que fala de mulheres empreendedoras, então eu quero atrelar a minha marca a este Museu.
Empoderamento em nível individual	Olha, eu acho que no caso de memória organizacional, é o que fica mais evidente. A pessoa, em geral, sai da entrevista realmente se achando importante, sabe? Primeiro porque dentro desses momentos de mapeamento – você imagina uma empresa com 300, 400 funcionários forem escolhidos, 40, 50 – esses 50, de certa forma, já se acham importantes. E, às vezes, eles entram no estúdio meio tensos porque eles acham que estão representando alguma coisa e tudo mais. Mas, quando eles saem da entrevista – e a gente tem uma preocupação grande de conversar com eles antes e depois que é feita a história – eles realmente se sentem parte de algo maior. Eles percebem: Pô até que eu tenho alguma coisa para falar!" Sempre falam dessas histórias, mas nunca desse jeito. Então você percebe que essa questão da reflexão, ela acontece mais automaticamente. Quando são histórias livres, no Programa *Conte sua História*, às vezes, isso acontece durante a própria entrevista: "Puxa, nunca tinha parado pra pensar nisso, estou vendo que realmente tenho alguma coisa pra deixar para as pessoas". Às vezes, acontece depois, quando a pessoa está assinando a licença de uso ela lê e vê que aquilo vai parar na internet e a gente explica o processo e ela fica sabendo que realmente ela vai poder mandar para todos os amigos e que tem ali o *link*, e que sempre que ela entrar ela vai estar lá. Mas eu acredito que tem muita gente em que esse processo de reflexão acontece depois, sabe, no momento que vai pra casa, ou realmente quando a história vai pro ar. Ela recebe aquele *link*, entra e vê a história dela está dentro de um museu, em meio a centenas, milhares de outras histórias, eu acredito que aí também aconteça um processo de reflexão, mas aí fica sendo suposição minha mesmo porque não teria como confirmar.
Empoderamento em nível individual	Eu acho que ele é uma tomada de consciência, das pessoas que vem aqui é uma tomada de consciência, aquele lapso, aquela: "Puxa, caramba, nunca tinha pensado nisso!" Eu acho que para que fosse

	uma coisa mais duradoura, teria que ser um estimulo maior, digamos. Acho que tem projetos comunitários que trabalham a memória local na escola, eu acho que isso tem mais chance de acontecer porque eles trabalham durante muito tempo, depois tem uma exposição, muitas vezes gera-se um roteiro educativo, e a comunidade continua utilizando. Então eu acho que como é uma ação reiterada, isso acaba ficando mais forte. Mas eu acho que nas pessoas que vem dar uma entrevista para o Museu, essa percepção, esse lapso que a pessoa fala: "Nossa, nunca tinha parado pra pensar nisso". Que aquele Lucas lá de 2011, nossa nunca tinha pensado que um museu assim existisse, eu também acho extremamente importante porque daí as pessoas passam a seguir o Museu nas redes, passam a comentar histórias, então a chance que ela tem de ter essa percepção outras vezes, acaba reforçando. E essa percepção acaba sendo maior, mas acho que no momento ali da entrevista, nesse primeiro contato é mais um descobrimento, um autodescobrimento. [...] Eu acho que eu dividiria entre as pessoas que vem aqui dar uma entrevista e as pessoas que enviam as suas histórias pela internet porque essas pessoas tem um esforço muito maior no sentido em que o portal hoje não é nada amigável, nada intuitivo. E isso a gente vai mudar, mas para a pessoa querer contar a história lá no portal ela tem que querer muito, sabe? E aí você vê pessoas que voltam, pessoas que contam outras histórias, pessoas que [contam] histórias de familiares, e nessas pessoas eu acredito que sim, essa percepção é mais forte justamente por você parar e empregar seu tempo. Ali deixa de ser uma coisa de simplesmente se eternizar, a partir do momento que você já contou uma vez e você volta pra contar outras coisas é que sua percepção é maior, você aumentou um pouco, essa parte de se eternizar já foi.

Entrevista com Márcia Ruiz Entrevistada em 5 de dezembro de 2020 Por modo *online*	
Identificação	Márcia Ruiz Gomes, eu nasci dia 6 de fevereiro de 1959, na cidade de São Paulo, estado de São Paulo.
Formação	Então, eu na verdade fiz História na USP, e depois eu fiz uma extensão em Administração de Empresas e depois também fiz um curso, não é um mestrado, é um curso de extensão também, na verdade um MBA em Administração Hoteleira, e agora eu estou fazendo Filosofia!
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Então, na ocasião 1991, 1992, na verdade, eu trabalhava na Oficina Oswald de Andrade na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e a Karen foi convidada para dar um curso, pra ministrar um curso baseado um pouco na metodologia que ela tinha utilizado no livro que ela havia escrito que era a [sobre a] Memória dos judeus no Rio de Janeiro. E eu era coordenadora operacional lá da Oficina, então era eu

	que cuidava de toda a infraestrutura do curso, e também eu cuidava da área de Marketing da Oficina, era uma forma de buscar patrocínio também para alguns projetos e para a própria Oficina. E aí a Karen foi dar esse curso, e um dia o Ari [Meneghini] subiu com ela lá na minha sala pra conversar comigo que eles estavam querendo buscar um patrocinador para fazer um livro como produto final da oficina dela [Memória Oral do Idoso]. E eu achei super interessante porque era memória oral, era uma coisa que eu tinha muito interesse já, mesmo durante a faculdade. Mas na verdade, eu me meti, enveredei por um caminho profissional antes da Oswald de Andrade, por um caminho mais administrativo, administração, minha família tinha uma empresa, então a ideia era que eu assumisse a empresa. E aí eu achei super interessante, e eu falei: "Nossa, que legal." Eu até me inscrevi na Oficina, eu não consegui fazer tudo, mas me inscrevi porque eu achei super interessante e tal, e aí eu falei: "Olha gente, pelo que vocês estão me falando a gente podia, na verdade, [fazer] uma agenda na verdade." Aí eu falei, não era nem livro, eu falei: "Olha tem as Agendas Pombo, porque, ele que produz as agendas dele, é uma família judia, então acho que tem tudo a ver, vai ter uma sintonia legal." Aí Karen falou: "Como é que faz?" Eu falei: "Peraí." Peguei o telefone das Agendas Pombo liguei e falei que queria falar com o... daí um velhinho me atendeu, foi muito engraçado, aí marquei uma reunião com ele. A Karen não acreditou, só sei que... acho que aquela coisa de energia positiva e também a coisa meio que, a energia positiva rondando a situação. Daí marquei e a Karen foi comigo, nós fizemos a reunião, mas quando a gente chegou na reunião era uma sala enorme que era dividida por uma porta, e de um lado ficava o filho e do outro lado ficava o velhinho. Não vou lembrar... Aí o que aconteceu? A gente começou a conversar com ele e tal, e o filho lá de trás, que era o presidente da empresa mesmo, porque o velhinho, na verdade o pai, já estava numa situação de... vamos dizer assim, presidente do conselho familiar, que não existia, que não era bem isso, enfim, ele não era mais um executivo da empresa. E a gente contou um pouco o projeto pra ele, a Karen contou um pouco o livro que ela tinha feito, tal, e aí foi muito engraçado porque teve uma hora que ele perguntou pra Karen assim; Você é judia, e você? [Respondi]: "Eu também, sou cristã nova!" Eu falei, não vou poder ficar pra fora, a Karen não acreditava. Enfim, a gente conversou, ele achou bárbaro o projeto e resolveu patrocinar a imprissão. Ele falou que, era a impressão do almanaque. Era um almanaque na verdade, com cara de agenda. E foi muito legal porque ele foi no lançamento lá na Oswald de Andrade. E aí o que é que aconteceu, com essa impressão, a Karen, eu acabei ficando amiga da Karen, a gente conversava muito, tal, e ela tinha um escritório lá no centro, uma salinha na verdade, perto da Praça da República, era na Barão de Itapetininga e de vez em quando eu ia lá, Aí a gente começou... Aí ela me contou da história do projeto, me falou do nome do Museu, que na verdade ela tinha aberto, ela tinha registrado o nome mas não tinha uma empresa aberta. Aí eu falei pra ela: Karen, é uma ideia super legal, eu acho que tem tudo a ver, a gente podia abrir uma empresa mesmo, já que você registrou o nome e a gente poderia

	trabalhar com Memória Organizacional. Desde o começo, a Karen queria coletar depoimentos de pessoas, na verdade essa era a grande visão dela, o grande mote dela era esse. Aí eu lembro que a gente até entrou o Zé, e aí montou-se aquele grupo inicial, que era eu, você Claudia, a Karen, aí nesse ínterim a Karen foi dar um workshop no Itaú e ela acabou conhecendo o Zé Santos, que ele tinha feito um projeto super legal, *Cartas com Cuba* que era uma coisa super legal. Tinha uma aderência muito grande à proposta do Museu e então a gente começou, com esse grupo, a se reunir pra poder estruturar a empresa, essa organização, e foi assim o começo. Depois a gente mudou pra Rua Cardeal Arcoverde, a gente foi dividir uma sala com um pessoal de informática, e aí eu acho que tem toda uma confluência, eu estou falando de 1992, 1993, eu acho que tem a ver tudo com o momento histórico, a gente como historiador sabe disso, tem tudo a ver com o contexto, né?
Primeiros momentos do Museu da Pessoa	Eu acho que o grande desafio era assim, era você convencer as pessoas, primeiro que era assim, você chegar pro empresário, apesar desse momento, desse contexto que eu falei das empresas, mas eu estou falando de empresa multinacional né, então você chegar pra uma empresa e falar: "Você tem que contar a sua história". E aí, através das pessoas que fazem parte dessa história, ou seja, você não tá contando a história do presidente, então era uma coisa muito difícil de você convencer as pessoas, chegar pra elas e... Eu lembro assim, de algumas reuniões que nós fizemos, porque no começo era assim, era a gente que ia nas reuniões cavar a coisa. E aí era assim, ao mesmo tempo que era uma ideia que encantava era uma coisa que assim, as pessoas não conseguiam entender como isso era possível, porque eles não conseguiam entender a importância de um chão de fábrica na construção de uma empresa por exemplo; qual é a importância do cara que trabalha num chão de fábrica, numa Volkswagen. Estou aqui exagerando mas enfim, era um pouco isso, e eu acho que além do que, não faz parte, naquela época as empresas ainda tinham muito uma mentalidade de não fazer parte do seu negócio, ou seja, não faz parte do meu *core business*, então eu não vou fazer. O máximo que o cara fazia era uma organização de acervo, e aí assim, acervo, não estou nem falando de acervo histórico, é do arquivo mesmo, tanto é que a Tempo e Memória trabalhava muito nesse sentido. Óbvio que quando você organiza acervo, você está trabalhando também com arquivo histórico e arquivo corrente, aquele que... então assim, mas de qualquer forma a gente não tinha essa coisa: Olha vamos contar a história entrevistando as pessoas, ainda mais contando história de vida, né. As pessoas não conseguiam entender porque contar história de vida, porque é que tinha que começar lá atrás, falar do nascimento, da data, não sei o que, então assim, eu lembro que a gente, em várias reuniões a gente, encantava, eu lembro uma reunião que a gente fez no metrô, a menina ficou encantada com a ideia, o projeto até, no Metrô demorou a sair, demorou alguns anos, nessa época, rs...[...] Então, mas era isso, a gente visitou o Metrô em 94, 95, tal né. E aí assim, os primeiros projetos, o primeiro projeto que a gente acabou fechando foi por conta de um amigo que conhecia o presidente do São Paulo

	[Futebol Clube], então resolveu contar essa história e eu acho que foi revolucionário. E foi um projeto interessante porque é isso, mexia com uma paixão nacional, né, o pão e circo, infelizmente. O São Paulo [Futebol Clube], a história, era uma clube que na época estava fazendo um sucesso danado, quer dizer assim, foi o auge do São Paulo Futebol Clube. Então assim, de novo, o contexto, o clube estava bombando, a maioria dos jogadores faziam parte da seleção brasileira, tinha grana... Tinha patrocínio, então o cara conhecia o presidente do clube, então juntou a fome com a vontade de comer, vamos dizer assim. E a gente fez o projeto, foi um projeto muito legal, porque é isso, a gente entrevistou, que era uma coisa, apesar dos jogadores fazerem parte da mídia, tal, viviam dando entrevista, eles não estavam acostumados a dar esse tipo de entrevista né, e o foco era assim, era olhar pra ele enquanto pessoa, não enquanto jogador só. Eu acho que o Museu tem isso, você olha a pessoa pela essência dela, por aquilo que ela é, e o cara dá uma entrevista, um jogador, estão interessados em quantos gols ele fez, enfim, e apesar de toda a restrição de imagem, time, porque é isso, a gente. O Museu [da Pessoa] desde o início, e isso foi uma coisa muito legal que eu acho, o Museu conseguiu construir o acervo que ele construiu em função de um posicionamento nosso muito, vamos dizer assim, contundente, muita força no sentido de dizer o seguinte: "Olha, a gente coleta o depoimento, a gente faz a história da sua empresa, mas você tem que permitir que o seu funcionário ceda depoimento pro Museu também". Porque se a gente não tivesse tido essa postura... Teve toda uma consultoria, eu fui atrás de uma advogada de direito autoral super "ban ban ban", que até nem me lembro o nome dela. E aí o que aconteceu? A gente montou toda a questão de direito de imagem, porque é isso, a pessoa cede a voz, a imagem, a história pro Museu e tal. E era assim, pra época era uma coisa muito pioneira porque era muito difícil, muito difícil as pessoas cederem, voz, imagem, essas coisas todas, não tinha o *Creative Commom* nem nada, quer dizer, ou seja, a gente tinha, era uma coisa assim, que as pessoas podiam até ceder desde que ganhasse algum dinheiro, e a gente desde o começo deixava isso muito claro, que não tinha dinheiro nessa história. [...] Já tinha a ideia [de ser uma salvaguarda dessas narrativas], eu lembro, que era muito engraçado, a gente falava, não sei se você lembra dessas reuniões, a gente era meio louco mesmo. A gente falava assim: "Ah, eu queria ter uma.. eu queria que as pessoas, eu me lembro muito da entrevista daquela, eu não sei se era coreana, acho que era coreana a menina, lembra? Uma morena super bonita, uma das primeiras, o Zé conheceu ela na rua... [...] Eu lembro que quando foi feito o depoimento dela a gente trouxe uma questão que ainda é atual né, a questão do preconceito em relação ao imigrante, aquelas coisas todas. E aí eu lembro que a gente falava: Imagina se a gente colocasse isso num *break light*, que na cidade tinha um monte de *break light* e aí, o trecho da história, enquanto a pessoa tá parada no ponto de ônibus, tá lá lendo um *break light* um trecho do depoimento dela. Então a gente já via a possibilidade, antes da Internet, desses depoimentos chegarem

	nas pessoas, a gente falava também do 0800 da história, era super engraçado, você está num ponto de ônibus, tem um orelhão, enquanto você espera o ônibus disca um 0800 pra escutar a história de alguém, então assim, a gente já tinha essa...
História de Vida em Plataforma Digital	É, então, por isso que a gente buscava, mas é interessante porque a ideia chegar nas pessoas, nos depoimentos, ele era digital no sentido, era online, porque era isso, a gente tentava estruturas que pudessem possibilitar que esse depoimento chegasse pras pessoas. [...] Um CD-ROM, fez um sucesso danado quando gente lançou, então assim, eu acho que a dificuldade era isso, um pouco convencer as pessoas, outra, não era barato, porque de novo, a gente mexia com tecnologia, então a gente se propunha a gravar o depoimento em vídeo, não era uma coisa tão popular. Hoje a meninada que faz um vídeo hoje com um celular. Então na verdade, naquela época não tinha câmera, eu lembro da primeira câmera que a gente comprou, a gente usava a câmera do Zé e aí depois, eu lembro até hoje o valor da câmera, que era um absurdo, a gente comprou um câmera na época, acho que isso foi depois do projeto da Farma [Janssen Cilag] eu acho. A gente comprou uma câmera eu paguei, eu lembro até hoje, 32 mil reais, quer dizer, era um absurdo isso. Porque era isso, era tecnologia e custava grana, e eram projetos caros...
O que leva uma pessoa a deixar sua história de vida registada no Museu da Pessoa?	Então, eu acho que assim, Claudia, tem uma coisa, todo mundo quer se eternizar de alguma forma, eu falo assim, que às vezes, se você olhar por exemplo, nas narrativas, eu penso nas narrativas do meu avô, meu bisavô, eles colocavam uma coisa assim: “Ah, a minha vida vai se perpetuar através dos meu filhos”. Que é um pouco isso, que eu acho que é isso, todo mundo viver como uma... tem essa necessidade de se perpetuar, de ser lembrado, né, de ser... E eu acho que, óbvio que tem alguns que é muito pelo ego, tal, mas eu acho que tem uma coisa, é a necessidade do ser humano de ser lembrado, sabe, se perpetuar, achar que a hora que ele morrer vai ficar alguma coisa. E eu acho que é um pouco isso que leva as pessoas a darem depoimento e tal, e eu acho também que, dentro da empresa, mesmo ele sendo convidado, e às vezes a pessoa pode ficar meio receosa em dar o depoimento e não querer. Mas como é uma coisa que foi proposto pela empresa – tanto é que você percebe isso nitidamente durante a entrevista, que a pessoa, traz a narrativa dela muito ligada à narrativa da empresa, o papel dela dentro da empresa, tal, mas não muito como pessoa. Outros não, é isso, tem pessoas, tem gente que tem histórias maravilhosas de depoimentos dentro de empresas que conta a história de vida deles. Então eu acho que tem um pouco isso, eu acho há essa questão da necessidade de se perpetuar, sabe Cláudia, de deixar um legado, enfim.
Histórias de Vida e Empoderamento	Então Cláudia, eu acho que, todas as vezes que você faz a entrevista, tem uma coisa, eu geralmente costumo falar isso, eu percebo que é uma recíproca que acontece do lado de lá, né? Eu falo que geralmente quando eu saio de uma entrevista, eu saio diferente de como eu entrei, eu passo por um processo de transformação, eu falo isso muito. Porque assim, tem um aprendizado muito grande né? Aí eu estou falando, você entrevistar uma benzedeira, uma pessoa que não tem, vamos dizer, uma formação escolar rígida, ou seja, nos moldes que a gente

	acha, mas é uma pessoa de um extremo conhecimento, de uma extrema sabedoria. Então, eu acho que a hora que você conta a sua história, e aí eu já vou pegar dentro da empresa, você consegue perceber, eu acho que as pessoas, elas na verdade dentro da empresa, elas realmente vivenciam aquilo que virou um pouco de jargão, aquela coisa de colocar [foto] na parede. Mas tem aquela coisa assim, as empresas são feitas de pessoas, daí ela percebe o quanto isso é verdadeiro, porque ela tem consciência do processo, como é que ela participou desse processo, entendeu? O que é que ela conseguiu fazer... então eu acho que essa rememoração, essa busca, e é claro, aí que o roteiro ajuda muito nesse processo, ele ajuda a pessoa a refletir sobre o papel dela, e aí eu estou falando isso dentro da empresa, e agora mesmo dentro da empresa, e fora. E eu lembro que... um projeto que foi muito marcante que foi o *Vira Vida* que a gente trabalhou com adolescentes e com jovens que sofriam abusos e tal, e era muito interessante você ver o jovem contando a história dele, e aí assim, ele percebendo o que, de como ele entrou nesse processo todo, sabe: "Eu tenho que falar que passou um filminho na minha vida, passou, eu fiquei aqui nessas duas horas, três horas e passou um filme da minha vida". E assim, eu acho que, meio óbvio, a gente já sabe, aquela coisa, o roteiro ajuda mas também é isso, você lembra aquilo que te marcou, você sabe disso... [Isso a ver com a atuação do entrevistador também, pra chegar nesse resultado] Eu acho que sim, eu acho que a mesma história, uma pessoa contar a mesma história, ela não conta a mesma história pra dois entrevistadores diferentes. E eu acho que isso tem a ver com o momento da história também, eu lembro, não fui eu quem entrevistei, não sei se foi você, tinha uma senhora que deu o depoimento, ou foi a Rosana, não me lembro mais, mas enfim, que ela contava, ela tinha dado o depoimento para o Museu e depois não sei porque cargas d'água ela voltou, e o filho dela tinha morrido naquele acidente da Tam. [...] Então, eu acho que deve ter sido com a Rosana, porque aí assim, ela conta o depoimento dela de uma outra forma, né, ela conta, porque assim, a narrativa dela, eu não fiz a entrevista mas me lembro mais ou menos assim a história, era isso, uma pessoa super articulada, super ativa, uma senhora que trabalhava, o foco da narrativa dela, a primeira, era em cima do que ela fez, fez, ela teve, enfim, e a narrativa dela depois da morte do filho foi muito da relação dela com o filho. [...] Eu acho, eu acho que tem uma tessitura dessas narrativas que forja uma memória coletiva.
História de Vida em Plataforma Digital	Ah, eu acho que de uma forma... porque eu acho que assim, se não tivesse, se a gente não tivesse achado esses caminhos alternativos, se não tivesse a tecnologia e os processos de desenvolvimento da tecnologia e depois com a internet, Claudia, as pessoas, como é que as pessoas iam, onde é que a gente ia disseminar essa história, é isso! Ia ser um Museu que as pessoas iam ter que ir lá visitar. E aí tem toda uma peculiaridade que eu acho que é isso, e aí eu acho que é uma grande sacada do Museu também, porque a história de vida, ela vira um registro, ela vira um documento.

	[...] E aí eu acho que o Museu, essa coisa de se preocupar em criar produtos pra disseminar essas histórias, que foi uma coisa, uma outra sacada muito interessante, então quando a gente falava de *Jukebox*, a gente falava, não era colocar o depoimento na integra, era trazer um trecho impactante para a pessoa, para impactar a história.

Entrevista com Rosali Maria Nunes Henriques Entrevistada gravada em 7 de janeiro de 2020 Por modo *online*	
Identificação	Meu nome é Rosali Maria Nunes Henriques, nasci em Barbacena no dia 22 de novembro de 1966.
Formação	Sou formada em História, tenho graduação em História, tenho mestrado em Museologia e tenho doutorado em Memória Social, e estou fazendo doutorado em História. Eu já fiz o Pós-doc na Universidade de Coimbra, já terminei, e agora estou fazendo um novo doutorado em História na Universidade Nova de Lisboa, e com a tutela da Universidade Federal d Juiz de Fora. [...] Sim, o meu mestrado foi em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e o meu tema de trabalho do mestrado foi exatamente o Museu da Pessoa, eu fiz uma análise do Museu da Pessoa sob o ponto de vista da Museologia analisando as questões dos museus virtuais, analisando inclusive o conceito do que é Museu virtual e como o Museu da Pessoa trabalha a historicidade, a memória na virtualidade, no espaço virtual.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	O Museu da Pessoa, eu tive conhecimento do Museu da Pessoa em 1993, eu vi uma matéria no programa Vitrine da TV Cultura, era uma entrevista com a Karen e a Márcia, na época, a Marcia Ruiz e a Karen Norman. E eu achei, na época eu fazia especialização em Museologia na Fundação Escola Sociologia e Política, então eu olhei, vi a matéria e falei: "Eu quero trabalhar nesse Museu, esse Museu é a minha cara". E minhas irmãs até riram porque acharam graça que eu falei isso, e mandei o meu currículo, e na ocasião quem recebeu meu currículo lá foi o Zé, o José Santos. E ele já me conhecia de Juiz de Fora que eu tinha feito um trabalho com ele, ele que coordenou um projeto em Juiz de Fora chamado "1968 parece que foi ontem" e eu fiz a pesquisa histórica desse projeto, que era 20 anos do maio de 68, então eu já conhecia o Zé. E o Zé viu meu currículo e falou: Essa menina é muito boa, vamos chamar ela pra trabalhar. Então eu fui lá, fui entrevistada pelo Zé, a Karen estava pra Inglaterra na época ela estava fazendo um intercâmbio com o Paul [Thompson], e eu trabalhava numa outra empresa na área de arquivo e o Zé me chamou pra fazer transcrição. Então eu comecei no Museu fazendo transcrição. Eu trabalhava durante o dia e fazia transcrição a noite, era transcrição para o projeto do memorial do São Paulo Futebol Clube, foi o primeiro projeto que eu trabalhei. Depois eu acabei, o Zé acabou me chamando pra

	trabalhar de assistente dele, ele era coordenador do projeto e ele estava meio atrapalhado no final do projeto e precisava de alguém pra ajudar, alguém mais organizado, então eu fui chamada pelo Zé pra ser assistente dele pra organizar tabela de transcrição, controlar os transcritores, o material que vinha dos pesquisadores que ia pra empresa de informática que na época fazia o CD-ROM, né, que na época era o CD-ROM. Então eu fiquei trabalhando com ele assim, foi o primeiro projeto que eu trabalhei. Depois eu fui trabalhar no projeto do SENAC, que foi um projeto que eu já fui pesquisadora, já fui como pesquisadora. Não, minto, primeiro eu fui trabalhar no projeto da ADC Eletropaulo, o projeto que foi em seguida, logo que acabou o São Paulo, teve o projeto da ADC Eletropaulo, eu trabalhei nesse projeto, e depois fiz pesquisa, um pouco de pesquisa para o projeto Memórias do Comércio, mas só pesquisa de imagem, então o projeto Memórias do Comércio de São Paulo, só trabalhei na pesquisa de imagem, com o Roney [Cytrynowicz] e aí em seguida quando terminou o ADC e esse projeto, eu fui para o SENAC. Aí eu fui trabalhar no projeto do SENAC, fazendo também sendo pesquisadora, entrevistando, fazendo revisão de depoimento, fazendo inserção de dados, na época a gente fazia CD-ROM, né, então a gente tinha lá uma "basesinha" de dados que a gente fazia inserção. Então foram esses foram os meus projetos iniciais, São Paulo Futebol Clube, ADC e o SENAC, e um pouquinho do Comércio que foi a pesquisa fotográfica. Eu na verdade, Memórias do Comércio eu nunca trabalhei no projeto inteiro do Memórias do Comércio, eu sempre trabalhei na tangente, ajudando, fazendo coisas, mas nunca como pesquisadora completa, e foram os primeiros projetos que eu trabalhei no Museu. Depois trabalhei no projeto Profissões em Extinção que foi um projeto que eu trabalhei como pesquisadora mesmo, fiz entrevista, todo o processo de pegar foto de depoente, revisar depoimento, esse não teve base de dados. Depois, mais tarde, teve um livro, então foram esses os primeiros projetos.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	E quando o Museu da Pessoa, em 1995 com o surgimento da Internet no Brasil, o Ari Meneghini um dia falou com a Karen sobre a internet, a Karen não sabia direito, ninguém sabia direito o que era internet, aí ele falou: Eu venho dar uma palestra pra vocês pra explicar o que é a Internet. E foi lá, aí estávamos lá o Zé, a Karen, eu, acho que a Márcia também na época, não, a Márcia não estava lá, então tinha um grupo de pessoas e ele deu uma palestra sobre o que é que era internet e quando a gente viu a palestra a gente ficou doido, né, porque a Karen falou: É isso que o Museu é, precisa. Porque a Karen sempre teve aquela ideia de que Museu ia ter *jukebox* que era o CD-ROMs, né, o Museu fazia os CD-ROMs e que teria nos shoppings, nas galerias as *jukebox* pra colocar os CD-ROMs pra ler. E acontece que com a internet ela falou: Ah, é isso aí que o Museu precisa. Eu fiquei fascinada, eu confesso que eu fui uma *cyber* otimista de carteirinha, hoje eu sou um cyber realista, mas na época eu era uma *cyber* otimista. Então eu amei a internet, aí... [...]

	[O que que me encantava era] a possibilidade de conexão, né Claudia, que é uma coisa que eu sempre achei fabulosa, achei aquilo, eu acho que quando o Ari explicou o que era internet e depois quando o Museu fez a primeira página no lançamento da página, eu achei, eu falei: Gente, isso é uma revolução. Pensei, é uma revolução e eu não tinha lido ainda o Pierre Lévy ainda, que fala que a evolução, a galáxia da internet, porque teve a galáxia de Gutenberg, que o McLuhan fala da questão como a prensa, imprensa, foi uma revolução na época do Gutenberg, e a internet ia ser essa revolução, e eu vi que era mesmo, e a gente não tinha o que é a internet hoje, do ponto zero é lento, mas eu achei isso e a Karen também, e o Museu apostou nisso. Aí o Museu convidou o Dinho, o Claudio Miklos pra fazer, criar um site, era umas paginininhas, aí o Dinho me ensinou a trabalhar com HTML porque aí eu fiquei responsável por alimentar a página né, era uma página que a gente alimentava, trocava o conteúdo de quinze em quinze dias, então tinha umas templatezinhas em HTML que o Dinho fez, e eu de quinze em quinze dias eu ia lá, salvava como, o Dinho me ensinou tudo a fazer tudo isso, a subir as páginas, então ia tudo no HTML abrir o HTML, o editor de HTML bem fraquinho mesmo, eu ia lá, mexia nos códigos trocava as imagens, aí aprendi a trabalhar as imagens e subia a página, quinze em quinze dias a gente trocava o conteúdo, a gente trocava o depoimento, e assim, o Zé criava os conteúdos, eu e o Zé fazíamos isso depois das seis horas da tarde, porque não era no horário de trabalho, a gente fazia isso pós horário de trabalho. Aí a gente ia colocando esses conteúdos, a Karen e o Zé foram chamados para ir no UOL [...] o UOL estava surgindo, UOL estava lançando, e eles queriam conteúdo e eles chamaram o Museu pra hospedar o Museu, porque a gente pagava uma hospedagem, né, ainda naquele período era uma coisa cara porque era uma coisa inicial, poucas, 95. As primeiras páginas da internet no Brasil, a internet comercial no Brasil é de 95, né, a internet comercial nos Estados Unidos é 94, no Brasil é 95, foi criado comitê gestor, o registro .br. Então o Museu foi realmente daquelas primeiras páginas, então tinham poucas instituições que tinham páginas, era uma coisa muito incipiente ainda. Então o UOL chamou o Museu pra lançar, o UOL é de 96, então ele chamou o Museu pra ser hospedado lá, e na época a Karen falou uma coisa interessante: a gente é uma lojinha de bairro, a gente vai pro shopping, então, qual era a diferença? E houve grande diferença porque na verdade o UOL trouxe algumas ferramentas que a gente não tinha que era o *chat*, fórum, e depois o fórum se mostrou uma coisa muito complicada porque já havia, já começou com *trolls* e *haters*. Então a gente viu que o fórum não era uma coisa muito interessante e a gente até desativou porque o pessoal botava comentários idiotas, racistas e xenófobos... [...] Já naquela época, internet nasceu com *troll*, *troll* nasceu junto ali com a internet o trolzinho já nasceu com ela. [...] O *troll* é uma sigla, é um negócio em inglês que tem que olhar na internet, mas o *troll* é aquele cara, aquela pessoa, geralmente perfil muito masculino e muito jovem, mas ele

	normalmente é aquele que vai pra... tem a questão de ser anônimo na internet, ele destila ódio, que depois esse *troll* virou o tal do *haters*. *Troll*, a gênese dele, já existia o *troll* (pessoa externa dá o significado: [...] Mas antes de haver as caixas de comentários, que os *trolls* se proliferaram ali os fóruns já eram assim, tanto que a gente desativou o do Museu logo, a gente usou muito pouco, porque o Zé tinha uma ideia muito interessante que era assim: Nós já temos os fóruns, então assim: Ah, primeira vez que eu vi o mar sabe aqueles temas do Museu? Meu primeiro brinquedo favorito, então eram uns temas muito interessantes, e a ideia é que as pessoas contassem histórias temáticas sobre aquele assunto, então o fórum. Só que vinha muito lixo, muito *troll*, então a gente desativou. Além da ferramenta do fórum e do chat, porque o chat na verdade a gente usou muito pouco. Usou no dia da inauguração, porque a inauguração do site foi no Shopping Morumbi, na Saraiva, foi feita uma entrevista com o Paulo Autran, a Karen fez uma entrevista com o Paulo Autran e a gente convidou, eu não me lembro o nome agora, o rapaz de Paraisópolis pra fazer um chat, a gente fez uma chat temático com pessoas e foi uma coisa muito interessante, aí paralelamente com a minha vida pessoal porque pra, eu não sabia o que era chat, né, ninguém sabia, ai o Zé falou: Vamos entrar num chat pra ver o que é, pra gente no dia da inauguração a gente não... porque eu ia ser uma das moderadoras do chat e ele também, eu e o Zé ficamos lá no computador, moderando, incentivando as pessoas a conversar e tal, porque tinha vários computadores lá na Saraiva e a ideia era que as pessoas conversassem entre si e tal. Aí eu me viciei em chat, rs... eu ficava depois do expediente lá fazendo as páginas do Museu, mas com o chat aberto do UOL, o chat do UOL. [...] Mas no dia da inauguração a gente ficou falando, a gente fazia perguntas pra esse rapaz e ele respondia, as pessoas faziam pergunta e tal mas o chat a gente só usou no dia da inauguração porque realmente o chat não tinha muito sentido, né, o fórum até tinha mas a gente parou de usar justamente por causa dos *trolls*, e a outra ferramenta, a ferramenta mais importante que foi, que o UOL nos trouxe que foi o *Conte a sua História*. Isso porque o UOL deu-nos a possibilidade de fazer um formulário onde as pessoas pudessem inserir as informações nesse formulário que falava que ia pra nossa base de dados, mas a gente não tínhamos base de dados, aquele formulário vinha por e-mail, para o meu e-mail porque era direcionado pro meu e-mail e eu fazia as páginas das histórias com base nas histórias que vinham pelo formulário, vinha um pouco de lixo também como deve vir até hoje, mas os trolls, não era um espaço que as pessoas frequentavam, o *Conte sua História* não, porque o *Conte sua História* tinha que botar muita informação, essas pessoas não tinham paciência. O fórum não, as pessoas eram bem usuárias... [...] Vinha muito lixo porque as pessoas começavam a escrever, escrevia uma frase só, não escrevia as informações completas, a gente não tinha sistema de checagem de e-mail, então vinha muito e-mail fajuto, hoje em dia você pega essas

	checagens, a pessoa cadastra e depois recebe um e-mail para confirmar, então o Museu não tinha, nem quando teve a base de dados, no início não tinha isso.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	[...] Os conteúdos eram sempre dos projetos do Museu. Quando a gente entrou para o UOL a gente conseguiu fazer com que esse conteúdo, além do conteúdo dos internautas, a gente também tinha o do projeto do Museu, aí começou a incrementar, aí já não era só um trechinho, uma fotinho e uma biografia que a gente colocava, a gente começou a colocar trechos de depoimentos, depoimentos inteiros, então a gente começou a colocar e a gente começou a mexer também aos poucos fazendo coisas temáticas. Então Dia da mãe, histórias de mãe, incentivava os internautas a contar histórias de mães, dia do pai, carnaval, conta uma história de carnaval, então isso foi aos poucos, o site foi mudando um pouco a cara visualmente, a gente no UOL ainda mas sempre com essa ideia de ter chamariz, entendeu? E o UOL sempre tinha uma chamadinha para gente, as vezes quando tinha alguma chamada nossa pra uma campanha, dia do pai, dia da mãe, a gente sempre mandava pra eles pra eles darem um destaque lá além do randômico, que a gente ficava na biblioteca, eles não sabiam onde enfiar a gente, (pausa) a gente ficava na biblioteca, e a gente ficava meio escondido lá, mas de vez em quando eles faziam umas chamadinhas principalmente nessas campanhas, então pra gente era interessante, a gente ficou um tempo no UOL.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	[...] Tudo HTML, a gente não tinha base de dados, que o UOL só dava hospedagem, não dava nada de incentivo financeiro, a gente teoricamente, ganharíamos clicks mas o Museu não era um espaço que ganhava, tinha tanto click assim que chamava pra falar assim: Vocês ganharam tantos de *view* e não sei o que, e fora que essa coisa de *view* ainda era uma coisa muito, hoje com as redes sociais está uma coisa muito mais incrementada, você vê as monetizações de youtuber, clicks no Facebook, Twiter, mas naquela época era muito incipiente, a internet ainda não se pagava. A gente tinha o Dinho [Miklos] que fazia a parte visual, porque de vez em quando, a gente mudava o *layout*, a gente mudou algumas vezes, né, mesmo sem ter base de dados, isso eu estou falando antes de 2003, porque 2003 criaram o portal do Museu e a base de dados.
O que leva uma pessoa a deixar sua história de vida registada no Museu da Pessoa?	Olha, eu vou falar do ponto de vista da internet. Do ponto de vista de gravar depoimento e aí ligar no *Conte sua História* que nessa época nem existia, né? Nós estamos falando ai da década de 90, ainda não existia o *Conte sua História*" o *Conte sua História* foi mais final da década de 90. Que nós chamávamos Museu Aberto e a gente sabe disso que normalmente quem liga não é a pessoa, é uma neta de alguém que quer que o avô grave e etc. Aí tem o desejo de eternizar a sua história pra própria família, né, de gravar essa história desse senhor: Ah, eu quero que meu avô, meu avô tem uma história fascinante, não sei o que e tal. Isso é um desejo normalmente que vem do *Conte sua História*, agora o *Conte sua História* na internet. Ele tinha... e aí vamos abrir parênteses porque quando a gente criou o

	formulário na internet a Karen falou: “Ah, a pessoa pode contar a história dela ou de outra pessoa”. Então ela podia contar a história de outra pessoa, então tinha muita gente: “Ah, eu quero contar a história do meu avô”. Tinha muita gente que pegava histórias que alguém já tinha escrito, um caderno, digitava e mandava: “Ah, eu tenho um caderno que minha tia escreveu a história da família”. A gente tem que pensar, que nós estamos falando dos anos 90, final dos anos 90 e a internet ainda tinha pouco espaço, não havia blogs, os blogs vieram depois, blogs vieram no início de 2000. Não havia espaço para as pessoas deixarem, tirante esses fóruns e os chats, não tinha nem caixa de comentário, então as pessoas tinham necessidade de contarem sua vida, contarem sua história. Hoje tem as redes sociais, né, com as redes sociais a pessoa se expõe, põe a sua história e conta suas coisas, mas naquela época não havia. Então eu acredito que o Museu entrou aí, e o Museu só não teve muito mais histórias porque era pouco divulgado. Se tivéssemos divulgado a gente ia ficar louco com a quantidade de histórias que ia chegar, porque as pessoas tem esse desejo de deixar preservada a sua história, as pessoas querem contar a sua história. [...] Eu acho que as pessoas tem desejo de eternizar a sua história, e no caso de projeto, é uma honra pra elas porque elas, normalmente uma empresa, uma instituição falam: “Olha vem dar um depoimento, conta a nossa história, você vai ser uma das que vão contar a nossa história”. Isso é uma espécie de um prêmio, né, é uma honra a pessoa fala assim: Eu fui reconhecida. É uma espécie de reconhecimento dentro da instituição ou da organização.
Empoderamento	Olha, eu acho que no fundo, é muito fácil pra quem sempre, um famoso por exemplo, que tem todo espaço na mídia, ter esse espaço de reconhecimento do trabalho, é muito fácil, um grande artista, um grande escritor, ele ter essa fama, o ser humano anônimo, ele não tem isso, ele é só reconhecido na família, no trabalho: Ah, ele é um bom profissional, ok, um bom pai, então essa questão dele ser reconhecido, primeiro, numa instituição, numa empresa que fala: Olha, você pode contar sua história. É uma forma dele descobrir que ele é protagonista da história. [...] Eu acho que o Museu ajuda um pouco as pessoas a fazerem isso, elas se descobrirem atrizes principais da sua própria história, e você deve saber, tem muitas entrevistas que a gente faz, na entrevista a pessoa: “O que você achou de contar a sua história”? A pessoa: “Ah, eu fiquei muito assim porque eu não sabia que a minha história era tão interessante, entendeu”? É aquele poema do Drummond que fala que eu não sabia que a minha história era mais bonita que a do Robinson Crusoé, porque a pessoa não tem consciência do seu protagonismo. Tem pessoas que tem, que tem autoestima elevada, etc., mas tem pessoas que precisam disso, precisam ser reconhecidas que elas são

	protagonistas da sua própria história, elas não são coadjuvantes, porque todo mundo tem uma história bonita, independente de qual a trajetória dela, e que ela é protagonista da história, então, se ela tem, se o Museu ajuda ela a fazer esses dois insights ela se empondera disso, e ela emponderada, ninguém pode com ela né, se a pessoa sabe, e aí o mundo é dela.
Empoderamento	Tem pessoas, que passaram, começaram a escrever a sua biografia, né, em relação a isso, agora, praticamente, ah, a Dona Fulana, depois disso passou a não sei o que, não tenho, porque a gente acaba não acompanhando, né Claudia? [...] A Dona Neusa já tinha um elemento, ela já era uma pessoa que já escrevia, e ela já tinha essa consciência histórica da importância da memória. O que o Museu veio fazer com ela, foi dar ferramentas pra ela, então o Museu deu primeiro, visibilidade para as histórias, que as histórias dela ficavam na casa dela e aí passaram a divulgar histórias e aí ela gostou tanto que virou blogueira, vovó blogueira e etc... e depois o Museu com a formação que deu pra ela, ela virou formadora na área de memória, ela é inclusive formadora até hoje, mas ela já tinha esse elemento, ela não despertou pelo Museu da Pessoa. [O Museu da Pessoa] potencializou. Potencializou, o que eu acho que acontece também muito, o Museu potencializava, né, como potencializou a você, a mim, que trabalhávamos lá e potencializamos. Não é que a gente despertou, a gente já tinha esse elemento tanto que quando eu vi a matéria eu falei: "Ah, esse Museu é a minha cara, eu quero trabalhar lá, e o Museu deu ferramenta pra gente que potencializou a gente pra trabalhar com isso." Então a questão maior é que a gente nunca, no Museu, fez um trabalho de acompanhamento dos depoentes, não é também o papel, mas seria interessante porque eu acho que muita gente modificou por conta das histórias do Museu, modificou pessoalmente contando a sua história ou lendo alguma história. Que a gente sempre tem aqueles comentários: "Ah, eu li uma história, fiquei fascinada e não sei o que, tá tá tá". Eu falo do meu exemplo pessoal, que muitas coisas que eu não conhecia passei a conhecer gravando histórias de vida, inclusive sobre, não gravando às vezes mas editando, por exemplo, recentemente o projeto sobre os transexuais, eu não sabia nada sobre transexuais e tinha até certo preconceito por desconhecimento, e eu fazendo edição dos depoimentos eu vi histórias, eu falei: "Gente, eu não sabia que era tão complexo, e não sabia que era isso." Então, a gente eu sei porque a gente está no dia a dia, como isso nos impacta. Com relação aos nossos depoentes é mais complicado porque a gente não faz o acompanhamento, a gente não fala depois: "Ah, fulano veio aqui, deu depoimento e depois, a gente não sabe a transformação que acontece depois no dia a dia."
Empoderamento	[E esse empoderamento], eu acho que é verdadeiro, é verdadeiro Claudia porque é uma sementinha, entendeu? Pode, às vezes, não ser uma grande transformação, isso é uma coisa que eu acredito, não tenho cientificamente como comprovar, a gente que é cientista sabe que tem que ter comprovação, mas é um achismo meu, que eu acho que é uma semente, às vezes, essa semente pode ser uma coisa, eu acho que em alguns deve impactar muito e outros pode ser uma

	sementinha de alguma coisa, acho que no mínimo, no mínimo a gente está dando espaço pra eternizar essa história, então essa pessoa, ela está eternizada. Pouco que o Museu já fez, é isso, mas eu acho que faz mais do que isso.
Empoderamento	Eu vejo, eu acho que sim, eu acho que, talvez em termos conceituais as pessoas não tem claro isso, mas o grupo fica mais coeso, né? A gente sabe que quando eles gravam um depoimento, um determinado grupo, uma organização, uma empresa, a pessoa se sente mais parte daquele processo, fazer parte daquela instituição, daquela empresa, e parte daquele grupo, e o grupo fica mais coeso também porque ele passa a se conhecer, porque a gente trabalha com as pessoas e não conhece as pessoas, a gente no dia a dia, nem a própria família às vezes descobre coisas: Ah, eu não sabia dessa história, entendeu? Da minha mãe, do meu pai, porque nunca contaram, nunca teve oportunidade de contar, então eu acho que tem sim. Pode ser bem sutil, mas tem, eu acho que a pessoa fica impactada e é impactada também...
História de Vida em Plataforma Digital	Olha, primeiro eu acho que na essência, né, porque o Museu ele já nasceu com a essência virtual, então ele já era museu virtual em si, porque você não tem como visualizar pessoas, a única forma de visualizar pessoas é visualizar as suas narrativas, que o objeto museológico do Museu da Pessoa não é um objeto físico, é uma narrativa, tanto que ele é uma memória intangível, ele é, a preservação física, não existe preservação física do Museu. Preservação física é do suporte, que a nossa preservação era fazer transposição de mídia, então, porque no fundo, o que o Museu preserva é intangível, é a memória, a narrativa daquela pessoa que contou naquele dia, naquela hora, naquele lugar para aquelas pessoas. Então é essa narrativa, esse é o objeto museológico do Museu da Pessoa, então a tecnologia, e aí eu estou falando a tecnologia internet, tem a tecnologia também das gravações que também modificou muito ao longo dos anos, agora já não é mais física, né, é digital. Quer dizer, é física porque você põe num HD, mas é digital e etc., porque isso tem muito a ver com a mudança tecnológica, mas a tecnologia deu possibilidade do Museu ser mesmo virtual, e a grande questão que na minha dissertação ainda estava muito longe de chegar a isso, mas hoje está, é que o Museu na verdade quanto mais foi virando tecnológico, mais virou híbrido. [...] Porque o Museu não é um Museu, ele é essencialmente virtual mas ele tem ações físicas, só que as ações físicas do Museu, antes elas eram exteriores, por exemplo, uma exposição montava lá numa galeria, num shopping, no SESC, SENAC, o livro, a exposição. Então era um museu que não tinha exposição física dentro dele, a única coisa que ele tinha era o virtual, o seu espaço virtual, que era o site, que depois virou portal, mas era o site, então a comunicação museológica, que a gente chama de comunicação museológica era feita de duas formas, era feita virtualmente através da internet e através desses produtos que o Museu fazia. Hoje o Museu tem uma exposição física no espaço dele, então o Museu hoje é um museu híbrido. Ele não é um museu virtual, é um museu híbrido.

Entrevista com Rosana Miziara Entrevistada em 18 de outubro de 2019 Por modo *online*	
Identificação	Rosana Miziara, nascida em 21 de abril de 1966, taurina, em São Paulo, no Hospital Cristo Rei, Tatuapé, batizada na Igreja da Penha.
Formação	Eu fiz vários cursos, fiz Educação Física, Jornalismo na Cásper, Letras na USP, tudo eu tranquei. Fiz todas essas coisas mas sempre tinha dúvida entre o Jornalismo e a História. Então eu achava que na História eu ia ter mais subsídios, ia ter uma visão maior da vida, e da própria História e eu acho que foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Tinha coisa que eu não gostava, claro. Mas eu curti muito o curso, acho que ele me fez muito bem, e ele me deu uma base. Fiz na PUC.
Experiências anteriores de trabalho	Eu fui trabalhar na secretaria de Cultura, gestão da Erundina , eu fui assessora da... Ah não... A Faap foi depois que eu sai da Secretaria de Cultura. Eu fazia DPH (Departamento de Patrimônio Histórico), Folha, e era estagiária, porque a gente já podia dar aulas em faculdade, não é como agora que você precisa ter tudo. Aí teve um evento *O Direito à Memória*, deve ter meu nome lá. Eu era estagiária da Maria Célia Paoli que foi implantar o núcleo de memória oral no DPH. Aí eu fui selecionada porque eu tinha essa experiência da PUC. Devo tudo à Déa Fenelon, devo tudo à ela. Porque eu era bolsista de iniciação, eu fui pedir um estágio para a Déa e ela me falou que a Paoli ia montar o núcleo de memória oral. Nesse meio tempo teve *O Direito à Memória*. Aí eu me evidenciei um pouco nesse seminário, na parte de produção, de organização. Aí eu fui emprestada para o Gabinete, em 1989 foi um evento dos Direitos Humanos, já tinha essa pegada de eventos. Aí eu já fui contratada como pesquisadora de assuntos culturais e depois eu virei coordenadora da região centro, que era disseminar a política cultural da secretaria, que era cidadania pros equipamentos da região, ia do Teatro Municipal às escolas públicas. [...] aí eu saí, trocou o prefeito... eu estava grávida e resolvi estudar e fazer Mestrado.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Aqui no Museu eu fui contratada para fazer o projeto dos 80 anos da Rhodia Farma. Eu tinha experiência de história oral, mas muito diferente daqui, eu tive três experiências de uso: na faculdade, quando eu fui bolsista, tinha muito uma coisa de fazer uma pesquisa preliminar muito grande e tinha um roteiro que você não perguntava a história de vida da pessoa, você perguntava, era uma entrevista que aqui a gente chamava de temática. E na prefeitura também era diferente , era um aspecto mais "sociologizante". Era muito o olhar da Maria Celia Paoli, da Sociologia. As duas formações que eu tive não tiveram com o método de história de vida do Museu da Pessoa, mas tinha a ver com o olhar, com o desafio, tanto na universidade, como no poder público. Era um desafio porque era uma linha aberta para

	a memória oral e as outras áreas viam a memória oral como uma área menor. Acho que já era ligado àquela coisa se história é ciência, a veracidade dos fatos, já tinha muito isso. Com exceção da Déa Fenelon, as outras pessoas não eram muito reconhecidas, tinham trabalhos ótimos. Mas tinha essa questão. Tinha o poder público que estava começando, tinha o MIS, você que eu nem conhecia, sabia que estava tendo um seminário no MIS, eu fui, do Paul Thompson. A Maria Célia foi, e ela já estava em contato com a Déa, porque a Déa já estava no DPH e essa experiência incentivou a prefeitura a criar o programa de memória oral lá dentro. E lá a primeira etapa, a prefeitura era petista, então a primeira etapa era a memória oral dos movimentos sociais de São Paulo e a gente começou a fazer o projeto. Fiz várias entrevistas de saúde na zona leste, Itaquera. Só que aí e saí e vim para o Museu.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	E aí quando eu entrei aqui, vim fazer o trabalho da Rhodia, teve uma formação, eu lembro que teve uma oficina. Foi você que deu! Foi você que me ensinou a preencher ficha a fazer entrevista. Foi você, Cláudia! O Tico [José Carlos Villadarga] entrou no projeto dois meses antes de mim, você deu essa formação, eu não tenho muito essa memória... Mas foi você quem me ensinou a entrevistar, a preencher as fichas, a numerar, foi tudo com você. E eu pensava: "Gente, como ela sabe, como vou aprender isso?" E nisso, estava entrando a Internet, tinha de passar *email*, eu mal passava *email*...
O que leva uma pessoa a deixar registada sua história	Eu acho isso uma loucura, eu acho que tem diferenças entre projeto e museu aberto. Museu Aberto, a experiência que eu tenho é que eu coordenei o *Conte Sua História*, quando eu voltei, de 2010 a 2013. E coordenava também projetos de expedição e projetos de memória organizacional. E eu coordenei na época da Vale, Petrobras, e eu acho que tem diferenças e mesmo quando a gente não coordena, a gente acaba fazendo entrevista. Expedição acaba contando um pouco como projeto, né? Acho que tem uma diferença entre Expedição, projeto de Memória Organizacional e *Conte sua História*. A experiência que eu tenho do *Conte Sua História*, das pessoas que se inscrevem, não das que são convidadas. E tem as convidadas que aceitam, o que leva a aceitar? Eu acho que as que vem espontaneamente, se inscrevem, é o desejo de duas coisas. Primeiro, ela quer ser escutada, ela quer ser escutada, é uma instância e tem uma camada que é para deixar um legado registrado. E eu acho que as que aceitam é para deixar legado, essas de empresa, de memória organizacional é para deixar legado. E mesmo a memória institucional porque uma ONG, um sindicato também fazem projetos de memória, acho que é muito ligado ao reconhecimento, é mostrar como ela teve participação naquela história. Não é autocentrado, é reconhecimento mesmo e é compartilhar uma sabedoria.
Empoderamento	Eu acho que no *Conte a sua História* esta possibilidade acontece, acho que nas duas acontece, acontece o

	empoderamento da pessoa, mas eu acho que ela rola mais solto no *Conte a Sua História* porque na Memória Organizacional, ela tem sempre aquela preocupação de que tem alguém da empresa escutando. Não o Museu, mas alguém da empresa. Eu vou te dar um exemplo, a gente entrevistou uma pessoa, a XXX, ela é uma fera na Educação, ela trabalhou com Paulo Freire, ela que implantou o Telecurso [Telecurso Segundo Grau]. Ela está no Educativo da XXXX faz trinta anos. Foi para ela que eu vendi o projeto, porque ela diz que é fã do Museu da Pessoa, que era um sonho. Aí teve os trinta anos da metodologia de telesala, do telecurso que ela implantou. Foram três momentos de entrevista. Quando acabou a primeira entrevista, ela falou coisas que nunca... ela me ligou no dia seguinte dizendo: "eu não dormi a noite, não dormi a noite, estou muito mexida". E falei: "É assim mesmo, faz parte". E ela: "Eu estou muito mexida, não sei o que eu falei, não sei se me abri demais, estou repensando, não parei de pensar". Passou uma semana ela me disse: "Rosana, eu penso nessa entrevista todo o dia, passou um filme na minha cabeça, é um processo profundo"... e na hora de editar os vídeos das entrevistas, ela não deixou editar nenhum vídeo de história pessoal. Não liberou a cessão de direitos dela [...]ela falou simplesmente: "Não quero que use". Mas ela se emponderou, ela teve essa percepção, eu tenho esse retorno. E claro, eu sinto isso na entrevista, às vezes a pessoa fala: "Nossa, eu fiz isso!" E ela vai se apropriando, vai cada vez mais crescendo essa narrativa. Eu acho que em memória organizacional, não é com todo mundo, mas acontece com boa parte, eu acho que por ter esse foco de que a empresa vai estar ouvindo isso de alguma maneira, eu acho que ela dá uma segurada. Ela se "edita" mais. Enquanto que no *Conte A Sua História* a gente escuta coisas inimagináveis. E a pessoa mesmo fala: "Eu nunca pensei que fosse falar isso". Já escutei muito isso. Já escutei histórias incríveis.
Empoderamento	Eu acho que para cada pessoa é de um jeito, mas ela pode não lembrar, né? Mas aquilo ficou nela. Vou te dar um exemplo: eu nunca fiz minha história de vida, eu fiz parecido com isso. Uma amiga estava fazendo uma tese de mulheres que trabalham, tem dois filhos, tinha esse olhar e ela foi perguntando e eu fui falando. E ai quando eu falei: Gente, eu fiz tudo isso, como eu sobrevivi? Eu saí da Mooca, com um irmão que cheirava e bebia, numa casa de dois quartos, e era um inferno, a minha mãe e meu pai chorando, eu não sabia mais o que fazer, e eu atravessei a ponte. É uma maneira de falar da zona leste, eu atravessei a ponte e fui tocar a existência. Aí eu fico pensando que eu podia ter tomado outro caminho também e aí eu fui vendo as escolhas que eu fui fazendo na vida, onde eu fui me colocando, e aí você fala assim: Nossa, que demais! E eu aprendi isso foi muito louco porque o psicodrama faz muito isso. Ele vai te conduzindo e você vai contando coisas da sua

	vida, as coisas vão entrando, você está sempre no presente e você vai se emponderando. Eu acredito que isso acontece muito na história de vida, você pode sentir isso depois quando você faz essa reflexão e eu acho que você esquece depois. Eu falo isso porque eu tenho alguns momentos de autoestima baixa. E aí eu sempre lembro da minha história de vida e eu falo: imagina, está tudo certo, passei, ultrapassei. Então aí eu lembro, e eu lembro o que me trouxe, mas isso me traz porque eu vejo as pessoas aqui, mas isso não necessariamente tenha passado por essa entrevista. Então o que eu imagino do que acontecesse com elas e eu tive um relato aqui, de quando você escuta, não estou falando dessas pessoas famosas, mas tem gente famosa,, XXX que me disse: "Eu nunca dei uma entrevista desse jeito". Uma pessoa acostumada, mas acho que ela impacta mais para pessoas que não estão acostumadas. Eu acho que é verdadeiramente empoderador, porque tem muito relato sobre isso. Mas, às vezes, eu acho que a pessoa esquece, passa dois anos, três, ela esquece, mas a semente está lá. Eu acho que causa aquele impacto e volta.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	Acho maravilhoso isso, acho um privilégio quem tem história de vida no Portal do Museu da Pessoa, sobretudo aquela manufaturada, que é feita *tete a tete*. Acho isso um privilégio humano, a pessoa tem de ajoelhar e agradecer. Por quê? Porque é um jeito de eternizar, então no digital tem: primeiro que ela está lá, você não gravou num cassete que ficou jogado naquela estante que você não escutou, não transcodificou, e ela ficou; ela não está naquele livro que meia dúzia da tua família viu, ela está no mundo, ela é acessível pro mundo, e alguém vai ler e alguém se conectou com aquilo. Então ela vai dar uma real materialidade. Não que você perde a materialidade se você não conta. Legado é legado, mas ele fica registrado, ele... Ele eterniza eu acho que é ali. Eu sempre fico falando: eu vou fazer um vídeo para o meu pai, mas meu neto, meu bisneto não vai mais ver esse vídeo. E no Museu ele vai estar lá, o Museu vai mudando, vai atualizando, você viu... A gente tinha isso em cassete e agora é tudo digital, as plataformas agora estão no Ártico, então as gerações vão poder acessar, as empresas perdem as histórias e ela está aqui. De vinte anos atrás, a Vale de cinco em cinco anos, eles pedem de novo a história. Mas o que eu acho de mais louco de tudo isso que o Museu faz é que alguém vai ler essa história, vai se importar com essa história e vai se conectar com essa história, o significado. E eu acho que tem muito essa coisa, essa importância de medir impacto porque senão não tangibiliza. Mas perder o controle, eu acho maravilhoso também! Esse perder o controle: como é que eu sei que essa minha história vai inspirar alguém? De alguma maneira ela vai, eu não sei como. Ela vai, você tem mil maneiras de mensurar isso, aquela história específica, mas eu acho que essa sensação da sua história estar no Portal, não é o Facebook, ela está num templo, está numa catedral, num

	museu. Ela está ligada à preservação e à disseminação. O digital porque não é um prédio, não é o físico que está lá entre quatro paredes, ele está no mundo. O mundo inteiro está vendo!
Histórias de Vida em Plataforma Digital	É um anonimato [ser entrevistador], porque ninguém sabe que fui eu quem fiz. Foi você quem me sensibilizou. É tão transformador a cada vez, eu chorei ontem na plateia [durante evento na Aberje], ele [o vídeo do Antonelli, 001 da Petrobras, que foi passado] é muito transformador. E é sempre instigante você ver como a história é multifacetada. E você não pega tudo de uma vez, porque, por exemplo, ontem eu o re-escutei como eu não escutei na época. Eu fiquei com o "001", mas ele tem uma trajetória antes, então eu revisitei essa história de outra maneira. Eu acho que cada vez que você revisita, você vê uma coisa nova, e você sentir a autoria daquilo não tem igual. É como se você tivesse escrito um livro, escrito não, editado. Eu sinto que é uma obra que você fez, porque escrever para mim é mais fácil, se eu fosse do vídeo eu falaria que eu fiz um longa metragem, curta metragem e média metragem, dependendo a entrevista e do tempo do vídeo. Mas como eu tenho mais familiaridade com a escrita, tem essa ideia da co-criação, da autoria. Tem a minha mão, porque eu acho que é isso que a gente estava falando. Essa criação e essa empatia que se cria. Então você está construindo lá e lá que você está começando a escrever, a filmar, a fazer esse filme, esse livro.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	Eu pensei que era uma loucura, você podia traçar um panorama revolucionário da história. Isso pode mudar o estudo da história porque isso vai dar visibilidade para o Museu porque as pessoas vão poder ter acesso ao que elas quiserem dentro disso e desses indexadores. Aí teve um período eu que vivi aqui, que parou de crescer o Portal, ele congelou um pouco naquilo. Quando eu voltei em 2010, ele estava um pouco congelado, porque começaram as redes sociais e naquele momento ele não se reposicionou. Era muito pioneiro mas já não era vanguarda. Ele já fazia aquilo que as redes sociais começaram a fazer. Mas não tinha essa interatividade que as redes sociais começaram a possibilitar depois. É nesse momento que eu volto. Agora a gente vai viver a revolução da Internet das Coisas, porque aqui está se discutindo como colocar inteligência artificial por trás do Portal, fazer as plataformas, no celular é digital, é o Museu em cada mão. Esse posicionamento novo da Karen, que ela trouxe para cá, que é super revolucionário, que o Museu está indo lá para frente. É mais um salto e se você for pensar, toda essa concepção do Museu da Pessoa digital, ela é mais revolucionária que o Facebook e que o Instagram, ou qualquer coisa, não no termo de alcance, mas aqui a história está selecionada e guardada. Lá ela não está guardada. Você não a pega.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	Pressionam totalmente, eu não tinha parado para pensar, mas acontece isso e cristaliza, né? Ele cristaliza e socializa ao

	mesmo tempo, porque as pessoas se relacionam com essa memória que ele selecionou.

Entrevista com Sônia Dória London Entrevistada em 18 de outubro de 2019 Por modo *online*	
Identificação	Meu nome é Sônia Helena Dória London, nasci em São Paulo, no dia 17 de dezembro de 1952. Eu me formei em Letras, Português-Francês.
Primeiros contatos com o Museu da Pessoa	Ingressei no Museu da Pessoa pela Silvia Carvalho, empreendedora social, era amiga em comum com a Karen. A Instituição da Silvia e o Museu da Pessoa estavam desenhando um projeto educativo. Silvia indicou a Sonia para conversar com a Karen. Para mim foi muito, muito difícil a adaptação porque a minha formação era em educação não-formal em instituições que faziam atendimento à escola [...] Quando eu vim para cá era completamente diferente, me fascinou essa possibilidade de fazer mesmo, de contribuir, de ajudar, de estar dentro de um projeto que não era só para criança, não era só para adolescente, não era só para pobre, não era só para idoso, era para a humanidade! [...] A instituição trabalhava com história de vida, com história da pessoa, com valorização da pessoa, igual, não era para quem era pobre, era mais valorizado, merecia mais. Essas instituições que eu trabalhei tinha mais um viés assistencialista e aqui era algo mais amplo, era o ser humano, não importa de que local ele era. Isso para mim foi muito difícil...
O que leva uma pessoa a deixar sua história de vida registada no Museu da Pessoa?	"Eu não sei se todas as pessoas vêm essa ideia de que 'vou colaborar com um museu'". Acho que tem uma coisa muito individual, muito pessoal, essa possibilidade de ter alguém para ouvir e revisitar suas memórias, as passagens de sua vida, acho que se vê nesse processo. Acho que sim, as pessoas que vêm aqui gostam de contar, elas querem contar. Já ganha, não precisa convencer muito as pessoas. Principalmente no Conte Sua História que é espontâneo, totalmente espontâneo, é elas que se inscrevem. Mas mesmo dentro dos projetos, quando elas vêm, elas vêm querendo. Acho que o que conta é o fato de ser ouvido, e aí sim tem o registro, muitos falam: "Ah, que bom estar aqui, que bom que eu falei isso, eu nunca tinha falado isso para ninguém". Então a experiência é muito... a pessoa fica muito feliz com a experiência. Linguagem, ritmo, um ritmo muito diferente de uma ONG, ainda tinha dois CNPJs, tinha de me preocupar com a captação de recursos. Eu ouvia: "Até quando vocês vão viver na Disneylândia"? Essa área era antes bancada pelo Museu, depois deslanchou.
O que leva uma organização a	Eu acho que é um pouco isso também, é de um momento de parar e de revisitar com alegria, de se emocionar, de se perceber

procurar o Museu da Pessoa para registar a sua história?	a trajetória das organizações. Aí eu acho que tem mais essa preocupação de deixar registrado, deixar num museu, porque o museu vai preservar. E assim, algumas experiências, mais recente. Uma organização falou que era bom ela ter feito isso para se organizar para o futuro, o quanto, ao contar a história, elas encontraram a essência. Estou pensando na fala das instituidoras do Instituto Fazendo História. O Instituto Fazendo História já tem um pouco essa sensibilidade para contar histórias, mas para elas foi revelador, o quanto ainda está presente na organização, depois de 25 anos como ainda está forte o propósito de constituição da organização. [...] mas elas perceberam o quando ainda existe desse propósito de constituição. (CL - O valor da permanência). [...] Fica esse desafio: como modernizar a gestão mas sem perder a essência. Acho que no exercício de contar a história, nesse processo, elas identificaram o que ainda tem do propósito que não pode abrir mão.
Empoderamento	Não sei se de empoderamento, mas é de apropriação da história. Quando eu ouço, vejo as pessoas, ouço as pessoas falando... Nossa, eu não via a história desse jeito, no dia-a-dia, poucas vezes paro para organizar, para contar para outras pessoas, então essa oportunidade é para eu me ver e me apropriar dessa história. Acho que não se empondera, mas fortalece, fortalece essa apropriação. Eu, às vezes, sinto tão , quando eu ouço isso, quando eu ouço histórias de organizações, eu penso: Ah! Que bom que eu ouvi isso, é por isso que eu vim aqui, é por isso que eu faço o meu trabalho. O meu trabalho não é tão diretamente na escuta, não entrevisto tanto, mas as vezes que eu fiz, as vezes que eu ouvi organizações, para mim é muito bom. Não sei se é empoderamento, mas esse contato com a história fortalece e aí você se apropria. Essa apropriação permanece, principalmente nas organizações, ela não volta a ser a mesma.
Histórias de Vida em Plataforma Digital	Eu preciso me apropriar mais desta vertente. Eu adoro, acho tão valioso essa relação que se forma entre entrevistado e entrevistador que eu não vejo isso acontecendo no digital. Quando eu leio uma história, eu me emociono, mas é muito diferente da emoção de o momento de ouvir, ali na hora da gravação. Quando eu entrevisto eu sinto profundamente o encontro com o que mais me aproxima da nossa humanidade. Quando eu leio, eu me sinto como espectadora, eu me emociono quando eu vou ao cinema, eu quando eu leio um livro eu me emociono mas é como espectador. Então eu não sei como o meio digital garante isso, aliás, não garante... e é engraçado porque uma entrevista não é um bate papo, tem um roteiro... mas é... acontece esse encontro, mas por mais diferente, é a mesma emoção, a mesma, eu me identifico, não é que eu tenha vivido essa situação, mas eu me identifico. Mas para mim é mais forte do que empatia, é o encontro da minha humanidade com o outro, não é que somos iguais, não, somos

	diferentes e no momento da entrevista é isso, é o encontro com a nossa humanidade. Muitas vezes eu não vivi aquela situação, mas eu estou entendendo! Gera muita empatia, mas é mais forte que empatia é o encontro da minha humanidade com a humanidade do outro. E tem essa coisa: somos todos iguais. Não! Somos todos diferentes!!! A única coisa é que somos iguais na nossa humanidade. Nesse momento da entrevista, eu acho que é isso que acontece: o encontro com a nossa humanidade. E quando eu leio, eu não vejo isso forte. Então como fazer isso no digital, como encontrar isso no digital?
Histórias de Vida em Plataforma Digital	O digital é maravilhoso, é uma super democracia, é a democratização da memória, só assim é possível. Memória como um direito? Não sei... É o direito ao reconhecimento, como um valor que a gente está falando. [...] Então você ter um espaço que preserva, um espaço digital que preserva e que as pessoas acessam, é claro que é melhor aquilo que eu falei, no face a face, mas não tem condições de fazer tudo no face a face, então que seja nesse ambiente digital. Porque muitas vezes você sai de uma entrevista com isso na cabeça: o mundo precisa conhecer essa pessoa e aí hoje, é como o Roberto [Carminati] fala que nem isso mais vai ter [apontando computador]. Então é lugar... mas realmente dá medo, sei lá, e se alguma coisa perder tudo isso... tem data de validade, mas é o que temos para hoje. E emociona também você preservar um pouco dessa história.
Projeto Referência	Eu acho valiosíssimo [o Memória Local] porque quando a gente vai para a escola, eu vejo que a escola é vista como a instituição de produção e de transmissão de saber. Então quando uma pessoa é convidada pelos alunos para contar sua história dentro de sala de aula, para ser entrevistada a partir da curiosidade dos alunos, você muda completamente essa relação. Então não é só a escola que produz e transmite o saber, você está chamando uma pessoa que a escola nem conhece, e que ela naquele momento está levando aquele saber, ele transmite, está contando uma experiência. Várias vezes a gente já encontrou nessas entrevistas, nos alunos fazendo essas entrevistas, a gente ficou sabendo que a aquela pessoa fez alguma coisa que aquela pessoa fez para a própria escola existir ali. É o conhecimento, uma informação, uma história que a escola não conhece. Então essa pessoa sim está empoderada, porque ela está levando para aquele templo de conhecimento um saber que esse lugar não tem. E os alunos que são os agentes daquela história, que eles produziram conteúdo, face a face, trazendo, foram ajudando aquela pessoa a fazer aquela história, eles fazem para transmitir aquele saber, aquele conhecimento. [...]É a professora que monta a coleção, as escolas ainda não se apropriaram desse projeto. Fica só na hora que eles veem pronto. [...]Eles se sentem os agentes [os alunos] e ficam doidos para contar tudo. Isso é muito forte. [...]Já foram feitos mais ou menos projetos de Memória Local em 70 municípios, sempre em escolas públicas, mais municipais. Agora estamos pensando em fazer

	novas experiências de formação à distância. Acho que é a metodologia que conta. Essa formação hoje é toda no digital e o resultado é maravilhoso. O engajamento do professor vai se dando à medida que ele vai se envolvendo com a metodologia
História de Vida em Plataforma Digital	O que eu quero, mas não agora, acho que eu percebi isso: o quanto de fato eu preciso ir mais atrás dessas ferramentas e dessas aproximações de metodologias de formação e de produção de história, o uso dessas ferramentas, o meio digital, eu sei falar pouco, Mas eu sei que as coisas estão aí, mas acho que é neste momento, mas eu acho que as coisas estão aí. Acho engraçado que na parceria com a Karen, ela sempre muito na correria, o meu papel acabou sendo "terra": vamos consolidar, vamos ver, a gente avalia... E no educativo eu admiro porque está tão redondinho, tão encantador, nas escolas, com as crianças, nos municípios, os no patrocinadores, então eu penso: por que mexer? Mas eu acho que no fundo, no fundo, eu faço isso mesmo, eu fiz durante certo tempo também ficava: por que ficar mexendo? Para quê mexer? Está ótimo! A gente mexe um pouquinho ali.

Anexo nº 10: Canção: Eu Sou

WD, lançada na Internet

2019

Tão pequeno e tão sensível
Ao toque do abusador
Logo cedo definido pela voz e a sua cor
Esquecido pelo pai e a mãe
Que fez e não criou
Mas agradecido a Deus
Por sua vó e seu avô

Marginalizado e só
Por não ser mais um igual
Incapaz de ver beleza
Em seu corpo natural
Endeusava o branco
Por não ser o padrão real
Mas compreendeu
Que o mundo é seu
Tentar nunca faz mal

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar

Tão pequeno e tão sensível
Ao toque do abusador
Logo cedo definido pela voz e a sua cor
Esquecido pelo pai e a mãe
Que fez e não criou

Mas agradecido a Deus
Por sua vó e seu avô

Marginalizado e só
Por não ser mais um igual
Incapaz de ver beleza
Em seu corpo natural
Endeusava o branco
Por não ser o padrão real
Mas compreendeu
Que o mundo é seu
Tentar nunca faz mal

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar

Oooh yeaaah
Oooh

Seu nariz é lindo preto
Sua boca é linda
Seu cabelo é lindo preto
Sua cor é linda

Seu nariz é lindo preto
Sua boca é linda
Seu cabelo é lindo preto
Sua cor é linda

Se você foi rejeitado
Nada disso vai importar
Tudo sempre vai dar certo
Basta só você se amar

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou

E ninguém isso vai mudar
Tudo começou
Tudo começou
Tudo começou

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai empretar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar

Seu nariz é lindo preto
Sua boca é linda
Seu cabelo é lindo preto
Sua cor é linda

Seu nariz é lindo preto
Sua boca é linda
Seu cabelo é lindo preto
Sua cor é linda

Anexo nº 11: Tabulação das entrevistas dos Griôs[366]

1. CODINOME	ANA
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: São Sebastião de Águas Claras, estado de Minas Gerais
Data de Nascimento: 12/08/1942	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: 07/07/2007	Modo da entrevista: Presencial, entrevista gravada na Serra do Cipó, estado de Minas Gerais
Acesso em: 01.05.2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	Nasci em São Sebastião de Águas Claras. [Em] 12 de agosto de 42. [...] Meu pai chamava xxxx. Minha mãe, xxxx. [...] Meu pai era lavrador, mexia com carvão. E a minha mãe era doméstica, do lar. [A história deles], não, deles, eu não sei. Porque eu sou a filha mais nova deles. Então eu nunca tive essa curiosidade de aprofundar como foi a vida deles. Eu só sei que nós morávamos no mato mesmo, em uma roça mesmo. Meu pai mexia com carvão, a minha mãe fazia doce, mas tudo lá na roça.
Infância	A gente brincava muito. A minha vida de criança foi muito divertida, porque meu pai não impedia a gente de brincar, não. Brincando, deixava a gente a vontade. Quando já era tarde, era umas cinco horas, seis horas podia brincar, porque durante o dia também não tinha liberdade para brincar, também não. Nós brincávamos de roda, essas coisas. Nós cantávamos assim: "E o professor, a professora ensinou eu. E o professor, nós queremos aprender. Minha mãe me pôs na escola para aprender o be-a-bá, e a mestra me ensinou na janela namorar. E o professor, a professora ensinou eu, ai, professora nós queremos aprender. Alecrim verde arrancado chora a terra que nasceu. Eu também, eu estou chorando por um amor que já foi meu. Ai, professora, a professora ensinou eu, ai professora, nós queremos aprender". A outra: "A dança da carranquinha é uma dança estrinbelada. Quem tem o joelho em terra só não pode ficar palmada. Maria balança a saia, Maria levanta os braços, Maria coça a cabeça, Maria me dá um abraço". (risos) Esta é a outra: "Nesta rua, nesta rua tem um bosque, que se chama, que se chama solidão. Dentro dele, dentro dele mora um anjo, que roubou, que roubou meu coração. Se eu roubei, se eu roubei teu coração, tu roubaste, tu roubaste o meu também. Se eu roubei, se eu roubei teu coração é porque, é porque te quero bem". Essas eram as músicas que a gente cantava.
Formação escolar	E assim foi a vida da gente. Ir para aula, brincar, ajudar no serviço da casa, até que a gente foi crescendo, saiu da escola. Saí da escola, eu estava com 11 anos. Fiz só até a terceira série, porque não tinha também mais grade de estudo. Era só a terceira série só, era a última, e ia sair e pronto, ia ficar à toa. Então para não ficar muito à toa a gente arrumava uns (carrolé?), fazia uns bordados, ajudava na casa,

[366] Disponibilizadas por ordem alfabética, a partir dos codinomes dados pela autora desta tese, em respeito à manutenção do anonimato dos entrevistados.

	aprendia a bordar. Ninguém nunca me ensinou, aprendi com minha espontânea vontade. Olhava o que os outros faziam, passava a mão na agulha e ia fazer também. E assim foi a vida, até que a gente foi crescendo, veio a mocidade.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Morei com eles [na roça] até os sete anos, a gente morou na roça. Depois dos sete anos, eles mudaram lá para São Sebastião de Águas Claras. A gente tinha uma casinha por lá e já estava na época também de eu ir para a escola. Então mudamos para lá, eu tinha sete anos. E lá começou a vidinha da gente. Eu brincava de roda, morava pertinho do grupo. Tinha hora de aula. Ajudava a mamãe a fazer doce. Terminava os doces a gente ia brincar, só que não brincava até tarde, porque não tinha luz, era tudo escuro. Brincava até ali umas oito horas e ia para casa, ia dormir. A gente brincava, tinha a vidinha da gente. Quando a gente não estava brincando, a gente ia para o córrego lavar uma roupa, ia para o mato buscar uma lenha. Era pequena mas já fazia os afazeres da casa. Mamãe punha a gente para torrar café, fazer comida e tinha que dar conta. Aquele que não desse conta, punha num banquinho, subia em um banquinho para mexer a panela lá no fogão. [...]
Ser Griô	A importância dela [DaAção Griô]é que eu achei que a gente está participando de alguma coisa diferente. Porque a gente não fazia uma coisa diferente. Então agora a gente já está fazendo alguma coisa diferente, conhecendo gente nova, conhecendo mais as colegas. Porque quando nós estávamos na roda de viola sempre tem mais gente estranha. Ainda outro dia lá, nessa roda de viola, tinha um senhor me dando a mão e eu não sabia quem era o senhor. Nossa, brinca de roda, na hora que falava assim: "Fulano, me dá um abraço", ele vinha me abraçava naquela maior alegria. Quando chegou meu menino em casa: "Mãe, quem estava te abraçando era meu patrão". Eu falei: "Ah, não acredito que seu patrão estava brincando de roda conosco". "Não, mãe, pois é, era ele". Quando foi um dia desses, terça-feira ele foi lá em casa levar um freezer. Ele falou comigo assim, eu falei com ela assim: "Luciene, esse moço que estava lá na roda". Ela disse: "Então, era ele". Ele virou e falou assim: "Ah, mas sua mãe cantou muito bonito". Nossa, abraçou. "Mas sua mãe é alegre demais". Eu falei: "Pois é, eu falei com ela que achava que era você, mas que não tinha certeza, que eu não te conhecia". Era a primeira vez que eu tinha visto ele lá na roda. "Achei estranho você lá no meio da roda, brincando conosco". Ele falou assim: "Ah, eu gosto. Comigo não tem disso, não". Uma pessoa assim, simples. Eu admirei quando ela falou que era ele. Admirei porque ele é uma pessoa milionária... Ficar no meio de nós pobres lá, cantando. Estava ali brincando de roda. E chegou uma outra lá, com os meninos também e entrou tudo na roda. Eu fiquei, a gente fica feliz, a gente está conhecendo gente nova, igual aqui a gente está conhecendo os outros, também de outros estados. Então a gente fica feliz, porque eu nunca participei de uma coisa assim, não.
Significado da entrevista	Achei ótimo. Estou feliz, muito feliz de poder estar aqui, falando um pouco da minha vida para vocês. É o que eu posso fazer, é isso. Se eu tivesse mais coisas para contar, eu contaria. Às vezes fica alguma

	coisa que a gente esquece, não é porque a gente não quer falar, não. Porque minha vida é um livro aberto, certo? Não tenho nada a esconder de ninguém. Nem da minha família, nem de vocês, nem de ninguém. Se precisar de mim eu estarei a disposição.

2. CODINOME	**ANTÓNIA**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento: Pinheiral, estado do Rio de Janeiro
Data de Nascimento: 13/07/1956	Década de Nascimento: 1950
Entrevistado em: 21/04/2007	Modo da entrevista Presencial – Entrevista gravada em Vassouras, Rio de Janeiro
Acesso em: 21.04.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Meu nome é Maria de Fátima da Silveira Santos, mas eu sou mais conhecida como Fatinha, eu nasci em Pinheiral em 13 do sete de 56.[...] Bem, meu pai é, ele nasceu na Fazenda da Bemposta, aqui na região de Petrópolis, Três Rios. Foi trabalhador da Light, né, durante 35 anos e já é falecido e a minha mãe, ela é de Minas Gerais, da cidade de Santo Antônio do Monte e nós já moramos em Pinheiral há muitos anos, desde que eles casaram foram pra Pinheiral e a gente reside lá até hoje, nossa família e a minha mãe, a família da minha mãe, eles, ela é descendente de índios e africanos, então a gente tem assim uma mistura muito, muito legal.
Infância	Bem, é, a minha família sempre foi desde os meus avós, sempre foi uma família assim muito, muito batalhadora, muito consciente, né, é, principalmente na questão da nossa etnia, de sermos negros e tudo. Então, a gente cresceu já num ambiente de conscientização muito forte, sabe, sempre assim, é, valorizando muito tudo que a gente tinha, né, tudo que a gente trazia, toda a nossa história, isso acontece até hoje. A minha família, né, a gente, é, assim, nós somos militantes de movimento negro, a gente participa de muitas lutas, a gente tá presente sempre em tudo que fala da cultura afro, a gente tá presente aqui da região, sabe, mas isso vem de família mesmo. Meus pais e meus avós, por exemplo, a minha avó Bárbara, que a gente conviveu muito, eles assim, não tiveram, né, uma formação, né, de, de foram, estudaram até a quarta série, assim, né, no máximo a minha mãe que fez atualmente até a oitava série, mas eles têm assim uma, sempre tiveram uma vivência muito grande, sabe, e isso foi passado pra gente, então, nós temos uma, um jeito de viver bem peculiar, bem legal, bem legal e isso foi passado, né? Prá mim, meus irmãos, agora a gente passa pros filhos, netos, a minha família é uma família muito legal.
Formação escolar	[...] vocês sabem que nós, enquanto negros brasileiros, a gente tem uma dificuldade muito grande em tudo, em tudo, é questão de estudo, a família negra brasileira, ela é uma família que tem muitas dificuldades, tudo prá gente é difícil, é uma luta todo dia, todo instante. [...] Eu fiz Educação Física. [...] Essa época foi muito interessante, porque eu sempre fui muito, muito grande, né, então, eu

	praticava esporte, jogava, adoro handball, mas eu fui estudar no colégio agrícola, eu queria fazer veterinária, aí, naquela época, a gente pra entrar pra faculdade federal era muito difícil e lá nesse colégio era interessante, alguns anos atrás não só no colégio, no Brasil, tinha uma tal duma "lei do boi" e quem era filho de fazendeiro tinha 50% de vantagem pra entrar na faculdade, né, na universidade, aí, a gente que não tinha não entrava. Eu fiz vários vestibulares, vários Estados e tal, mas essa lei dificultava muito a gente. A gente então, ou você tirava o primeiro lugar ou você não entrava, então, eu acabei não fazendo veterinária que eu queria fazer. Aí, como eu gostava muito de esportes, né, pela minha estatura, assim, tal, eu fui fazer educação física e fiquei na educação física e foi bom, entendeu? Aí, consegui fazer um trabalho fácil ainda até hoje trabalho em escolas, coordenação de educação física e tal, mas já tô quase aposentando, mas foi bom, aí acabei indo por esse lado e paralelo a isso, né, envolvido com a cultura, como movimento negro, tal, então eu consigo trabalhar nas duas áreas.
Trabalho na infância e/ou adolescência	É, a minha entrada pro movimento negro aconteceu da seguinte forma: lá em Pinheiral, todo mundo lá, a maioria dança jongo, porque é tradição lá. E, em Volta Redonda tem um clube, ele chama Clube Palmares, é um clube que foi fundado por engenheiros negros que trabalhavam na CSN, porque lá em Volta Redonda tinha três clubes lá que os negros não podiam entrar. Então, esses engenheiros foram os primeiros negros na CSN, eles fundaram esse clube, Palmares. E lá houve um trabalho, existe até hoje esse clube muito grande na questão da cultura negra e um dia a gente estava com uma festa lá, porque é tradição nossa no 13 de maio a gente fazer uma reflexão sobre o 13 de maio. Então, a gente faz a reflexão e depois a gente dança. Aí, a gente estava nessa atividade lá e foram algumas pessoas desse clube visitar o nosso trabalho. Então, eles ficaram assim apaixonados. Aí, ia ter um outro trabalho lá em Volta Redonda, na vila lá, que é um lugar assim, é nobre, aí eles, a gente vai levar vocês prá dançar lá, aí nós fomos, né, na atividade deles na praça e, isso foi início dos anos 80. Aí, daí a gente entrou pro movimento, sabe? Começamos a frequentar Palmares e estamos até hoje aí, sabe. Eu fui pro coletivo de mulheres negras e a gente trabalha até hoje. Aí, depois, a gente fundou o nosso grupo lá, se organizou mais, né, registrou o grupo. Aí, começamos um trabalho mais intenso, a gente atualmente trabalha em torno de 60 pessoas, né, então, é, é um trabalho bem bacana, porque a gente consegue dançar, fazer trabalho em escolas, que a gente faz palestras em universidades, em escola desde o fundamental, né, até as universidades falando não só do jongo, mas como da cultura negra e o contexto que a gente vive atualmente.
Ser griô	É, a gente passa, né, no meu caso, o jongo, eu sempre mostro como é que dança, o quê que tem pra fazer, o básico pra entrar na roda e dançar e os nossos batedores mostram as batidas. A gente vai, mostra, porque a batida do jongo é diferente, inclusive de uma comunidade pra outra tem diferença, então a gente como que faz aí depois a gente faz um "rodão", aí todo mundo dança. As outras manifestações é a

	mesma coisa. E a gente conta também a história que a gente já viveu, história que passa de geração pra geração, né, igual, rola uma história na roda de jongo, de jongueiros, todo mundo conta essa história, que antigamente, né, na época dos jongueiros bons mesmo que o jongueiro fez nascer, cantou um ponto lá que nasceu uma bananeira na... na roda de jongo lá e que deu cacho de banana, a banana madurou e todo mundo que estava na roda comeu a banana, todo mundo conta essa história. Então, sabe, é possível que isso tenha acontecido mesmo, porque eu no meu caso, por exemplo, eu conheci assim vários jongueiros que seriam capazes de fazer coisas dessas, que era jongueiro, sabe, jongueiro mesmo, né, e além de jongueiro tinha uma religião. Então, essas pessoas que são fortes dentro das religiões afro consegue se fazer muitas coisas, então é possível que isso tenha acontecido. Agora, eu vivenciar, nunca vivenciei não. A única coisa que eu vi quando era criança era o jongueiro passar nas brasas sem queimar o pé, isso eu vi, várias vezes na noite de São João que eles fazem isso.
Significado da entrevista	Eu que agradeço, né, porque é muito bom a gente falar da gente, falar da nossa história, sabe, falar da nossa cultura, é muito bom isso, tá, então eu tenho muito o que agradecer vocês também por essa oportunidade, né, igual eu falei no início, agora, né, que a gente tá tendo oportunidade de tá mostrando a nossas coisas realmente como elas são, né, então toda oportunidade assim é importante a gente tá mostrando isso, porque é uma história de vida, né, é uma história de um povo, que, sabe, acho que ela tem que ser contada realmente como ela é, porque as nossas histórias sempre foram contadas por outras pessoas, né? Imagina, outras pessoas. A gente viveu situações aí de pessoas brancas se pintarem de negros prá nos representar, e a gente não precisa disso, né? Então a gente, quando a gente tem essa oportunidade de tá falando, tá mostrando as nossas coisa, é tudo que a gente quer, porque a nossa história é uma história, assim, autêntica, linda, linda, linda, linda, né, o povo negro é um povo que acho que merece, nossos ancestrais merecem todo o respeito porque lutaram muito prá gente tá aqui hoje numa condição ainda não muito boa, mas mais ou menos, né, então a gente tem muito o que agradecer a esses negros guerreiros que fizeram todo esse trabalho, principalmente as mulheres, a gente, ainda hoje na história a gente lembra muito dos homens, né, dos heróis negros, e a gente não lembra muito das mulheres, mas nós tivemos mulheres fortíssimas negras que tiveram, assim, lideranças, né, durante a história, é que num se registrou isso muito. Então a gente tá buscando através da, a gente fundou aqui até uma associação, Mariana Creoula, em Volta Redonda, que são estudantes da FERP, uma universidade que tem lá, e a gente tá levantando essas mulheres, né, pesquisando o nome dessas mulheres prá gente fazer um trabalho, porque elas existiram, existem ainda e a gente tem que botar isso prá fora, aí, mostrar essas caras. Gente, mas muito obrigada pela oportunidade.

3. CODINOME	ANTÓNIO
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Buenos Aires, estado de Pernambuco
Data de Nascimento: 05/03/1939	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 15/09/2007	Modo da entrevista: Presencial – Entrevista gravada em Piaçabuçu, estado de Alagoas
Acesso em: 21.05.2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	Nasci em uma cidadezinha pequena do interior por nome Buenos Aires. Mas essa não é Buenos Aires lá de fora, é daqui do interior mesmo. Fica depois de Nazaré. Lugar que eu nasci. Nasci e saí de lá com 17 anos. Aí ganhei o meio do mundo. Tenho [irmãos], o meu pai é Severino Bernardo Pessoa, minha mãe Eulália Malaquias. E irmão eu tenho quatro. Agora, vive mais eu somente uma irmã. O resto vive tudo pelo mundo.
Infância	A minha infância em Buenos Aires foi, para mim foi muito boa. No começo até que eu pensei que não. Mas graças a Deus, quem pensa em Deus tudo tem. Sempre eu tive o sonho de alguma coisa. Eu nunca saía de casa porque eu era privado, a minha mãe não deixava. Nesse tempo os filhos respeitava os pai. Hoje em dia não. Filho diz: "Vou para tal canto." E vai e vai mesmo, acabou. Mas eu fui criado em um tempo que se a minha mãe dissesse, não, meu pai dissesse: "Vai", minha mãe dissesse: "Não vai", eu não ia. Ela quebrava a ordem do meu pai. Porque ele dava a autorização de eu ir, ela não deixava. Aí eu não ia. Então eu fui criado nesse tempo. Me deram o tempo para estudar, eu não quis. Não quis. Lutaram para mim estudar, eu digo: "Eu não quero aprender ler." "O que é que você quer?" Eu digo: "Eu não quero nada." Foi depois botei na cabeça de acompanhar maracatu. Mas ela não deixava eu sair de casa para ir olhar maracatu. Mas um dia e teve um maracatu distante da minha casa e eu fui dormir. Quando eu acordei uma faixa de 10 horas da noite eu vi tocando, a zuada pelo mundo. Aí escutei assim dentro de casa, eles tudo dormindo, meu pai. Eu abri a porta devagarzinho, saí, fechei, joguei a chave por baixo, fui embora. Quando eu chego no maracatu estava dois mestres sambando. Cheguei entre um e outro fiquei. E ali só saí quando terminaram de manhã. Quando terminaram de manhã, de os dois não, mas de um eu sabia tudinho o que ele tinha cantado. Eu decorei tudinho no juízo. Eles se despediram foram embora. Um para um canto, outro para outro. E eu fui embora para casa. Quando eu cheguei em casa estava tudo brabo me procurando, porque eu não estava em casa. A rede estava armada mas eu não estava. Aí me procurando, aí vou chegando. Já com medo de apanhar. Porque a véia era malvada para mim. "Você estava aonde?" Eu digo: "Eu estava no maracatu." "Sozinho?" Eu digo: "Não, estava meio mundo de gente e eu estava no meio." "Isso é bonito?" Eu digo: "É bonito e eu sei cantar." Aí disse: "Sabe nada, meu filho." Eu digo: "Eu sei, eu sei cantar." E fiquei com aquilo no juízo: "Eu sei cantar o maracatu." [...] Aí no dia que eu completei 10 anos meu presente de aniversário foi eu tirar um carnaval. Maracatu. O cara me entregou o maracatu pronto. 36 caboclo, acompanhado. Bonito todo. Aí disse: "O mestre

	é você." Eu desse tamanho. Que eu com 10 anos era do tamanho de jumento, pequeno. Tirei o maracatu. Fiquei ansioso. Quando eu, a minha mãe não queria deixar eu tirar o maracatu porque ia passar três dias fora de casa. O dono do maracatu muito jeitoso, e coisa, aí tirou eu da unha dela. Quando eu saí no domingo de oito horas do dia de casa, cheguei na quarta. Quando eu cheguei em casa ela disse: "Gostou?" Eu disse: "Gostei." Ela disse: "Foi o primeiro e o derradeiro que você brincou." Eu falei: "Por quê? Eu não morri." Ela disse: "Porque eu não quero que você brinque." Eu disse: "Meu pai do céu, meu Jesus, dá-lhe no juízo dela para ela deixar eu brincar." Aí o pessoal caiu para cima dela: "Dona Eulália, deixa o seu filho brincar. É um signo que ele trouxe e ninguém pode cortar." A minha de umbigo, cortou meu umbigo quando eu nasci, aí: "Comadre, deixa ele brincar." Mas comadre, eu não quero porque maracatu é uma tuia de pau, uma tuia de homem bravo, e vai matar meu filho", não sei o que. Mas eu dizia: "E a senhora de filho só tem eu? Não tem seis filhos?" "Não, mas você é o mais desmantelado para ganhar mundo.
Formação escolar	Não comentou.
Trabalho na infância / adolescência	Minha mãe só queria que eu trabalhasse na roça, no roçado. Eu trabalhava, mas aquilo não tinha futuro, não tinha futuro. Ela dizia: "Meu filho, maracatu não tem futuro." Eu disse: "Mas talvez tenha. Talvez tenha. Talvez a senhora ainda vá usar produto do maracatu."
Trabalho	Para mim é bom porque chegar em um lugar estar 40, 50 pessoas querendo que você ensine a ele cantar maracatu, ensine cantar ciranda, ensine cantar coco, dançar, fazer isto, fazer aqui, é bonito. Aquilo dá um prazer para quem está ensinando. Agora, o pior é quando a gente vai ensinar uma coisa e que o cara: "Quero aprender isso não. Isso não tem futuro." Porque antigamente maracatu não tinha futuro porque era dança de negro. Mas o negro chegou onde o branco ficou. Tem muito negro lá na frente, que o branco está lutando para chegar atrás, onde está o negro. Então não vamos distinguir. Não vamos distinguir. Porque cada cara tem que puxar da cultura. E com esse Ponto de Cultura é que o cara sabe de coisa. Porque foi não foi chega uns aluno sabido, que é bom. Eu gosto de conversar com os aluno, ele procurando, mexendo com cultura. Eu gosto. Porque eu digo: "Eu não sei não, não entendo bem cultura não. Eu entendo cantar maracatu. Agora, cultura eu não conheço não."
Significado da entrevista	Quem agradece sou eu. Agora, eu peço uma desculpa, você querer, o analfabeto fala muito errado. Aí quem pede desculpa sou eu. Mas para mim é um prazer. Porque eu não sabia onde era São Paulo. Aí lá vai eu para São Paulo. O cara me levou para São Paulo. Fui lá para Ibirapuera. Não, Sesc Pompéia. O Antonio Carlos Nóbrega, me levou. Quando eu chego lá, uma foto minha: "Vixe, aqui? Espera aí. Quem trouxe para aqui?" Ele disse: "Eu. Você não é meu convidado? Eu mandei lhe buscar, tinha que botar sua foto." Aí um bocado de gente lá: "Eu já vi esse camarada." Outro: "Eu já vi ele." Um dizia: "Eu vi em Recife." Outro: "Eu vi em Nazaré." Disse: "Meu Pai do céu. Quando eu pensei que estava sozinho estava cercado." Então aquilo que eu dou de presente é outro presente que eu ganho. Quando eu dou fé, é uma coisa dessa: "Mestre Zé Duda, está lembrado de

	mim? Tal canto assim." o quanto é bom isso. Mas se eu me negar de fazer isso, sei que vocês não dizem, mas tem outra classe que diz assim: "Aquele é imbecil, aquele é imbecil, não sabe nem se apresentar. Não sabe o que perdeu." Quem sabe o quanto eu ganho com isso? Ir para o museu? Depois de morto vou para a terra, mas o meu nome fica no museu. É para mim uma tranquilidade. Só resta dizer muito obrigado.

4. CODINOME	**APARECIDO**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento Teofilândia, estado da Bahia
Data de Nascimento: 19/03/1947	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: 18/08/2007	Modo da entrevista Presencial - Entrevista gravada em Lençóis, estado da Bahia
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Nasci em Teofilândia, a 19 de março de 1947. Sou José Alcântara dos Santos, conhecido como Zé Pedreira, filho de Verôneo Rodrigues dos Santos e Celeste Alcântara de Jesus. [...] Existe a família Pedreira direitinho, que não são meus parentes próximos, mas eu sempre gostei do nome. Aí, usei como apelido, e também nasci na fazenda vizinha da fazenda Pedreira. Um lugar com muitas pedras, destruíram o lago, mas não destruíram as pedras. Então, por isso sou Zé Pedreira. [...] Meu pai foi agricultor até os últimos dias da sua vida. E minha mãe, aos 80 anos, continua agricultora. [...] Na nossa região, não há muita diversificação de plantas, porque o regime de chuvas é temporário, é inverno temporário. Lá, eles plantam feijão, de varias espécies, batata, mandioca, milho, amendoim, plantam sisal para cultura permanente e plantam mais algumas coisas, plantam fumo também. E eu, como inimigo do fumo, nunca adotei tal prática, fiquei sempre por fora. No tempo da colheita, eu me ausentava na casa da minha madrinha e deixava ele escolher o fumo, porque eu não aguentava o cheiro. Mas eles foram. E minha mãe foi agricultora e meus irmãos também são. [...] Cresci em Teofilândia até os 20 anos. [...] Ao nascer, não era cidade, era um distrito de Serrinha. Teofilândia ainda é uma cidade pequena, e, quando passou a cidade, não parecia ser cidade. Era a praça, umas três ou quatro ruas, alguns meninos de calça curta e os velhos carregando cabeça de boi do açougue nas costas. Inclusive, meu pai. [...] É. Matavam o boi, eles compravam a cabeça, levavam. [...] Tiravam a carne, pescoço e tudo, e o resto jogavam para os urubus (risos).
Infância	Na verdade, nós não tivemos muito tempo para brincar. Porque nós, filhos de agricultores, entramos na vida da agricultura logo cedo. Brincava de futebol de domingo. Apesar de eu ter deficiência física, desfilava no campo com a bola, atuei muito nos campos de várzea, lá na minha região. Eu, sendo o mais velho dos irmãos, mantinha uma certa liderança, não a punho de ferro como os outros. Meu pai, que saudosa memória, que, para mim, continua presente, confiava muito

	em mim. Se eu viajasse, os trabalhos só andavam mais quando eu aparecia. E eu pegava de igual para igual com o meu pai.
Formação escolar	Eu sou autodidata, abro livro de cordéis. Fiz até a quarta série a pulso, não que eu não quisesse estudar, eu não tive oportunidade. As dificuldades eram imensas. Eu levei a vida sempre trabalhando muito, as escolas eram difíceis. Mas mantive quase uma biblioteca de livros dentro da minha casa, tudo da língua portuguesa. Ainda montei um livro que serve de préstimo para muita gente. Também tenho livro desaparecido há mais de 30 anos. Mas tenho trabalho de mais de 300 volumes em minha casa. Sempre sobra dinheiro para comprar algum livro. Se eu for comprar 4 quilos de carne, eu recolho três e guardo um para comprar um livro. [Aprendi as primeirs letras] com um senhor de nome Porfírio, e a esposa dele, que era prima de meu pai. Aquele tempo era do cabra ter que ajoelhar em cima de sal e milho no joelho, mas a esposa dele, com certeza por ser prima de meu pai, nunca permitiu. Disse: "Você pode ser malvada com o aluno que você quiser, mas com esse aí, você não põe a mão." E assim foi. Todo nordestino sabe [fazer os versos]. Todo, não? [...] Uma grande parte tem uma tendência à poesia de repente, de violeiros, de emboladores de pandeiro, aboiadores e até bebedores de cachaça no pé do balcão. Você encontra um sujeito: "Ah, eu não gosto de cantoria, não, não quero nem ver aquilo." Aí, você se esconde no mato, ele passa na próxima esquina, passa na próxima curva da estrada falando do verso que o outro fez, ou solfejando. Umas seis tiras assobiando. Então, ele não gosta do que está sendo a pagar. E se aquilo for de graça, ele vai. [...] No começo, é muito difícil. Você tem muita dificuldade com conhecimento de rima, porque tem muita coisa que parece ser, mas não é. Então, a dificuldade é você saber que "mulher não rima com José" [...] Saber que amor rima com cantador. Mas "fulano que amou fulana" não rima. São essas as dificuldades.
Trabalho na infância / adolescência	Por volta de 63, comecei a fazer as primeiras estrofes. Em 64, comprei a primeira viola. E meti a cara no mundo, cantando. Apareceu um companheiro, cantando de feira em feira. Violeiro é tido como preguiçoso, cantava para ganhar dinheiro mais fácil. Meu pai disse: "Meu filho, e isso presta?" Eu disse: "Um dia, o senhor vai ver se presta." E ele viveu o suficiente para ver eu gravar o meu primeiro disco, ter programa no rádio AM durante 18 anos. E ele viveu o suficiente para ver se prestava ou não. Meus irmãos, um também cantava comigo, mas, por problemas religiosos, me deixou. Ele fez muita falta, mas outro companheiro apareceu. [...] Comecei [com a música] sem ser apaixonado, porque não tinha coragem de enfrentar sozinho só a música. Porque, no começo, as dificuldades para você conseguir as apresentações são terríveis. Eu cantava e trabalhava com aquilo que aparecesse. Com isso, fui levando o barco, e, em 1969, fundaram, foi para o ar a rádio difusora de Serrinha, e para lá eu me mudei. Fiquei em Serrinha, demorei muito tempo, vim a Araci, arranjei uma namorada, a de casar, as outras foram de Serrinha mesmo. A namorada de casar que arranjei era de Araci

	mesmo. Estamos felicíssimos até hoje, 34 anos depois. Trinta e três de casal, e 34 de acertos para casamento.
Trabalho	Cantando: "A Ação Griô para mim é, pois é tranquilidade. É integração do povo na nossa comunidade. E tá trazendo para o povo paz e mais felicidade. A interação de verdade acontece todo dia, mas com a Ação Griô, nesse sertão da Bahia, tá sendo muito cuidada e recebida com alegria. E aqui em Lençóis da Bahia, eu cheguei tranquilamente, um pouco desconfiado, mas me interei certamente. Que tudo que é bacana, da Ação Griô com a gente. E serei daqui para frente, um griô a todo dia, trabalhando dia e noite, junto com a minha Maria, para o bem do nosso povo, que é griô todo dia!" [...] Eu acho importante. Acho importante e espero que as crianças deem a devida importância ao que eu estou fazendo, porque eu estou fazendo de coração aberto. E espero que venha a ser reconhecido pelo trabalho que eu estou fazendo, e que depois ele venham: "É, Seu Zé Pedreira passou aqui, o Zé Pedreira" – ou como quiserem chamar – "passou aqui e ensinou alguma coisa boa que nos fez muito bem"
Significado da entrevista	[...] E eu, como pessoa, também agradeço ao Museu da Pessoa. [...] Muito bem. "Um abraço a todo mundo, gente média, gente boa, gente que vive no alto e gente que vive à toa. E agradecer a todo mundo, sobre o Museu da Pessoa."

5. CODINOME	**BARTOLOMEU**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento
Data de Nascimento: 11/11/1954	Década de Nascimento: 1950
Entrevistado em: 08/10/2007	Modo da entrevista Presencial - Entrevista gravada em Piaçabuçu, estado de Alagoas
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Eu nasci em Canguaretamba, uma cidadezinha no estado do Rio Grande do Norte, aos 11 de novembro de 1954. [...] Meu pai chamava-se XXX, minha mãe XXX [...] Meu pai era herdeiro de um engenho e depois perdeu tudo por política, não é, e virou funcionário público na área da arrecadação fiscal, minha mãe era beata de igreja, e meu pai se engraçou da minha mãe, que já era casada e tinha uma outra família, e tirou por tirar minha mãe lá da igreja, e nós fomos sendo a segunda família do meu pai. Minha mãe depois fez um concurso pra funcionário público para ser tabeliã da cidadezinha. [...] Sim, minha mãe tinha origem em outra cidade vizinha, mas já morava com a tia em Canguaretamba, e daí, chegou eu nesse mundo de Deus, (risos) uma situação um pouco adversa, né, porque meu pai na época tinha dinheiro, e tudo podia, e podia mesmo, e até de encontro aos valores, assim de, constituir uma segunda família, e enfim, nós vivemos a vida inteira em harmonia com essa situação. [...] Eu cheguei a conhecer o engenho muito pouco, já fui conhecer depois de grande, não é, porque como nós éramos, assim, a segunda família, a minha mãe com todo orgulho era a outra, e a gente não tinha muito acesso a essa parte da vida da outra do meu pai. [...] Nós somos cinco

	irmãos, e nasceram sete e dois morreram, porque era na época que se morria muito, né, a mortalidade infantil era incrível, então, por melhor que fosse a situação, ainda e morreram dois, ficamos cinco, dois homens, três homens e duas mulheres.
Infância	Até os cinco anos de idade eu vivi em Canguaretamba, e depois o meu pai resolveu nos levar pra capital, para ter uma condição melhor de estudo, assim era o que passava para gente, e eu não quis vir, eu fiquei ainda um tempo, não lembro exatamente, mas eu acredito que uns dois anos com uma segunda mãe que era uma avó, que não era avó, mas que me viu nascer e me pegou da mão da parteira, e me teve a vida inteira muito carinho, e eu fiquei na cidadezinha, e foi lá mesmo que eu aprendi a escrever, e aprendi muita coisa da vida, porque nessa idade até sete anos, é uma idade muito importante. [Canguaretamba] era uma cidade pequena, como toda cidade do interior, tinha lá a igreja, a escolinha, a delegacia, e eu lembro muito pouco porque, eu quando sai de lá, tinha menos que sete anos, oito anos, oito anos por aí, de 64, oito anos de idade. [...] Ah, ela fazia uma comidinha gostosa, fava, ela chamava de raposa de fava, ela amassava a fava, fava, nossa, é um tipo de feijão, então, ela amassava, assim, com a mão, e amassava e misturava com a carnezinha, a mistura, não é, e me dava aquele bolinho, a raposa, e isso é o que me vem na memória das delícias que eu saboreava das mãos da minha "avozinha". [...] Em Canguaretamba sim, eu morava na cidade, em Natal também já fomos morar lá no bairro, no mesmo bairro que até hoje moro, que é o bairro do Alecrim. [...] É uma casa simples, né, é uma casa simples. [...] A casa da infância, eu voltei outros dias depois, e sonhava muito com meus irmãos, vamos comprar essa casa de volta, vamos comprar essa casa de volta, porque trazia muitas recordações do tempo, tinha um sítio em torno da casa, cajueiro, eu lembro de um cajueiro formidável, que eu acredito que, aos cinco anos, o meu presente, o meu bolo foi ter encontrado um caju enorme, todo inteirinho sem estar mordido dos pássaros, né, bicada dos pássaros, nem de morcego, e aquele caju, eu lembro que foi uma alegria muito grande para mim, que não tinha bolos pra comemorar aniversários, e aquele caju nós fatiamos, e ali fizemos a brincadeira no dia do meu aniversário, e eu fiquei muito satisfeito, porque foi um grande presente pra mim, aquele caju. [...] Minha mãe ali sempre em casa, e eu dividia sim, quartos com meus irmãos, dormíamos em rede, e tinha o quarto das crianças, não era uma casa que tem o quarto de cada um, ou pelo menos, o dos homens e das mulheres, na minha infância todo mundo alinhado ali juntinho.
Formação escolar	Em Natal sim, eu graças a Deus, eu tive sempre muita vontade de estudar, porque já foi uma anunciação da minha avozinha, ela me levava na escola, ela me tomava a lição, ela me orientava, então, eu acredito que foi um grande impulso para mim gostar de aprender, né, gostar de estudar, eu ia para a escola, dava duas lições, tinha que dar uma lição, uma página dum livrinho, ela me preparava tanto que eu dava as duas, aquela leitura meia decorada, daquela cartilha, daí pra frente, Natal, eu tomei gosto pelo estudo, e teve uma época que a situação nossa era difícil, eu sou filho de escola pública, com

	dificuldade, teve uma fase brava, tinha fase que a alimentação da manhã, ia ser a merenda da escola, e eu sempre gostei e fui estudando, e graças a Deus, cheguei até uma faculdade, e fiz um curso superior, e estou aprendendo, já estou querendo estudar mais, tinha uma promessa e um mestrado, alguma coisa, não sei como vou fazer com o meu tempo parar. [...] Nós geralmente, um estudava numa escola, o outro estudava noutra, raramente foi o ano que estudou os dois na mesma escola, mas era uma escola diferente. [...] Porque era conveniência, às vezes da série, a questão de vaga, ia ficando tudo, mas tinha as escolas todas próximas. [...] Não, lá no interior, lá na cidadezinha onde minha avó, ás vezes, eu estava manhoso demais para ir, ela ia me deixar, levava até no braço, e eu já na cidade, na capital, ai nós já estávamos também, já crescidos, né, em torno de dez anos, de treze, quatorze, ai já íamos nos deslocando para a escola. Aí sim, na volta [minha mãe fazia o almoço], mas lá em casa a gente sempre tinha uma coisa, nunca reunia formalmente na hora da refeição, todo mundo não, um chegava mais antecipado, almoçava, outro chegava depois, já almoçava, ficava sempre flexível, minha mãe que sofria bastante, pra dar conta da refeição, desencontradas, cada um.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Não menciona.
Ser Griô	Bom, a cultura desse país sofre um momento de revolução, de revolução, a ideia dos pontos de cultura, a ideia dos Mestres de valorização da cultura popular dos Griôs, é um momento muito importante e nós fizemos uma proposta de ponto de cultura que foi aprovado e dentro desses pontos de cultura, o ministério da cultura, veio a Ação Griô, e a capoeira começa a participar de uma forma mais digna, de uma forma mais consolidada dentro do movimento social, em busca de contribuir para a educação com uma expressão cultural de identidade, de raiz, não é, de brasilidade e que foi, e a minha participação como Mestre de capoeira, dentro dessas atividades do ponto de cultura tem me dado muita satisfação, porque a gente percebe que o valor desse trabalho que sempre foi feito pelos Mestres de capoeira, construindo o país com seus saberes, com sua cultura, com seus conhecimentos, com seus ensinamentos, não é, vem agora pra dentro de uma formalidade e de um reconhecimento muito grande, então, a oportunidade de participar desse trabalho do Ponto de Cultura, Ação Griô, tem sido de grande satisfação. [...] O projeto Conexão Felipe Camarão, é o Ponto de Cultura Felipe Camarão, ele tem um nascimento em torno de dois Mestres de cultura popular que tem em uma comunidade que chama-se de Felipe Camarão. Onde o índice de desenvolvimento humano é baixíssimo, a criminalidade altíssima, prostituição infantil, drogas, gravidez precoce, Todos os males desses dentro de uma comunidade que só era vista até então nas páginas policiais, então nós fomos querendo fazer uma ação social, de uma forma de instituição civil organizada

	e criamos uma ONG e fomos pra Felipe Camarão e já tínhamos conhecimento, já, conhecíamos o Mestre Manuel Marinheiro do Boi de Reis, e o Mestre Chico Daniel do Mamulengo, do Teatro de Bonecos, que chama Mamulengo, e fomos criar junto com eles uma forma que essa cultura fosse conhecida por Felipe Camarão, que era muito mais conhecida fora de Felipe Camarão, fora da comunidade, ai veio o nome de, tornar com essas, fazer com esses dois Mestres uma conexão com a comunidade, então Conexão Felipe Camarão, uma conexão de cultura, de vida, de sabedoria, que vi desses dois Mestres conhecido nacionalmente pelo seu trabalho por arte mas que não eram reconhecidos, nem vistos pela sua comunidade e ai foi surgindo a proposta do ponto de cultura Conexão Felipe Camarão e o Boi de Reis também vai agregando outras manifestações culturais da comunidade e que tem aceitação desses jovens, como a capoeira, percussão, a partir daí se cria uma luteria de rabeca porque a rabeca é um referencial dentro do Boi de Reis e precisava-se repassar, construir, se difundir a pratica da execução musical que vinha do Boi de Reis, ai os meninos hoje estão fazendo rabeca, outros tão tocando, outros tão aprendendo flauta por que muita gente através da flauta faz um link com a cultura indígena que é importante também na ancestralidade daquela comunidade que houve tribos indígenas antes naquela comunidade e que tudo isso tinha se perdido através do tempo e o projeto Conexão, o nome vem disso ai, a intenção de fazer uma conexão dos Mestres com os jovens através dessa cultura que eles fizeram a vida inteira. O importante é essa forma como se da impulso, a velocidade, a transmissão desse saber, através duma modernidade, de uma nova tecnologia, de uma nova metodologia, que não só a oralidade, que não só a oralidade, hoje a oralidade não começa a ser só oralidade por que a gente já pega todas as informações que vêm de um mestre joga em rede, na internet, como é a ideia dos pontos de cultura e vai ser democratizado essas informações, não é, vai ser oferecida mais rápido e mais facilmente para todos os acessos as informações, então a oralidade teve uma importância muito grande até agora, o que deve-se ter cuidado é com a entrada de novas tecnologias e novas formas de transmissão desses conhecimentos não se iniba, não vêm inibir a oralidade porque é na oralidade, é na presença do mestre como eu relatei que realmente a gente vai sentir a essência do fazer daquela formula, é, vendo e olhando, é nesse contato corpo a corpo com os mestres que a gente entende melhor, não vai ser através do livro nem de uma tecnologia moderna também só. A tradição oral, esse momento da cultura popular é muito importante, os pontos de cultura, a Ação Griô, né, e eu dizia a utilização de novas tecnologias, de uma sistematização para levar adiante a transmissão oral, não é, porque ai, a gente vai utilizar de várias formas de conhecimentos também, conhecimentos acadêmicos, para que essa tradição de já melhor passada para as outras gerações, agora eu vinha refletindo alguns momentos sobre isso e me tocou um medo, porque o medo é de que, quando se avançar tanto na inclusão de novas tecnologias, para transmitir dos conhecimentos da oralidade, e eles comecem a perder a ciência, e é

	lógico também que perde a essência, né, pela própria oralidade, essas informações perdem a essências, porque o Mestre passa para um discípulo, aquele vai passar para o outro, e as informações vão perdendo a sua essência, a sua fundamentação, sua verdade, nessa corrente, então, quem, está lá no final da linha, já começa a ter essa informação distorcida, né, é aquela brincadeira do telefone que vai passando de pessoa para pessoa, já ouviu falar? Eu lhe dou um recado, e diz assim, olha você diga para a pessoa tal que isso vai acontecer de tal forma, a tal hora, que ela precisa de roupa azul, que é para poder combinar com o dia que vai ser de sol, e você passa de uma pessoa, passa para outra pessoa, daqui a dez pessoas que vai receber essa mensagem, vai estar tudo trocado, disse olha às dez horas o dia está escuro, e a cor preta do vestido, começa a distorcer tudo, porque a informação, a oralidade, ela perde também sua essência, quando ela vai passando de um para o outro, e é até normal, porque também perde pelo movimento, pelo talão de mudança que sofre a cultura, com as épocas, com os novos tempos, novas gerações, o medo que eu venho sentindo é que o Mestre e onde está mais verdadeira essas informações, não fique também muito, termina-se sendo mais excluído do processo, porque tem novas tecnologias e pessoas que entendem uma mitologia mais sofisticada para transmitir esse saber, aí eu vejo um pouco cautela nisso, tá certo? Tipo assim, os Mestres, os Griôs, e os aprendizes de Griôs, e se coloca ao foco, muito forte nos aprendizes de Griôs, eles são animadores culturais, são formidáveis, a proposta é formidável, a proposta é tornar o jovem um elemento que vai conduzir a sabedoria dos Mestres, é formidável a ideia, o risco é que quando forem se, acontecendo mais Griôs, e os Mestres fiquem um pouco mais excluídos do processo, e eu acho que até numa situação que não pode se reverter, porque já os Mestres já não vão atender a uma demanda tão grande de pessoas que querem essa informação, mas não há mal nisso, não há mal nisso não.
Significado da entrevista	Vou entrar para a despedida, né, (risos), então é formidável, viu? Isso aqui é o verdadeiro divã de psicanálise, a gente, há um retrospecto na vida da gente, e de uma forma digna porque a gente sabe que está fazendo uma retrospectiva e está deixando alguma semente, para que alguém tome como exemplo, tenha, tome como lição de vida, não é, encontre uma informação, siga adiante pela vida, e a gente aqui sente dessa forma, isso é a sensação que eu estou tendo, sabe, é uma situação de permanência, de imortalidade, né, a gente sente mais imortal, porque é mais um registro com uma intenção forte de preservação da memória mesmo, desse povo todo, e que a gente sente de uma importância incrível, eu vou sair daqui renovado e, e fico mesmo lisonjeado, encabulado, porque vocês ficam querendo tirar da gente o que a gente tem, porque depois a gente vai achando que está tendo coisa demais, ai a gente se acha, sabe? Grande, mas aí pra se lembrar do canto do mestre, grande e pequeno sou eu, e caminhar, né, e para encerrar o que eu poderia dizer? Cantar? [...] Muito obrigado, viu? Eu que agradeço a vocês pela oportunidade, vocês me fizeram muito bem, aquilo que eu falei, é

	uma terapia, eu estou fortalecido pela minha caminhada pela vida, muito obrigado e que Deus abençoe a todos vocês.

6. CODINOME	**BENEDITA**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento: Timbira, MA
Data de Nascimento: 02/02/1942	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: 26/10/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Alter do Chão, estado do Pará
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Eu nasci no município de Timbiras, eu não tinha um ano de idade meu pai mudou para o município de Codó. [...] [Nasci] é no dia 2 de fevereiro, eu vou completar 66 anos de idade, já estou velha meu Deus do céu, tanto que eu não queria ficar velha. [O nome] dos meus pais? O nome da minha mãe é xxxx e o do meu pai é xxxx Alves. [...] Trabalhava na roça, meu filho, era roçando, queimando nós carregando madeira, fazendo cerca, capinando, plantando, colhendo, arrancando mandioca, fazendo farinha, quebrando coco, tirando azeite, é, nosso serviço era esse. [...] Os 2 são maranhenses, todos os dois, agora os meus avós, o pai do meu pai, ele disse que era filho de cearense, agora minha mãe é do Maranhão mesmo, de uma família azia de preto assim, só que ela era mais clara agora meu pai era desse povão branco. [...] Minha mãe teve 10 filhos. [...] Com esse monte de filhos? Eram os mais pequenos ficando em casa e os maiorzinhos indo para roça trabalhar, é tudo unido, ninguém podia brigar, todo mundo era alegrezinho, sempre o meu pai, a gente era pobre assim para roupa, para calçado, porque a gente só possuía 3 mudas de roupa: uma para ir para roça, não, eram 4 mudas de roupa: uma para é para roça, outra para chegar em casa trocado, outra para sair para um lugarzinho e outra, vestidinho para ir para a missa porque para toda a missa gente ia, para a festa não porque ele não deixava, ele não deixava ir para a festa não. Aquela brincadeira, tudo que tinha no município de Codó, tentando tipo de brincadeira ele não deixava a gente ia, mas para a roça eu era aquela que da farinhada era do cabo de rodo para torrar mais e estou satisfeita de meu pai ter ensinado assim, não ter me deixado eu preguiçosa, porque assim eu ensinei meus filhos e todo mundo está vivendo. Não tem dinheiro para brincar e saltar, mas tenho que comer em casa, graças a Deus.
Infância	[E] lá no município de Codó eu me criei, lá no município de quando eu me casei, tive 3 filhos lá no município de Codó e de lá eu fui para município de Grajaú, passei dez anos, todo o tempo trabalhando de roça, quebrando coco todo o tempo. Quando cheguei no município de Grajaú lá eu encontrei o Lindô, meu pai não deixava de eu ir para brincadeira, mas o meu marido apoderou e aí eu achei o Lindô e aí lá eu comecei brincar o Lindô. [...] Tinha brincadeira de roda, tinha muitos tipos de brincadeira, só que eu não ia e a brincadeira que eu resolvi brincar mesmo porque minha irmã levava, minha irmã mais velha levava uma turma de criança para ir brincar e quando era a

	outra, uma madrinha minha vinha e trazia uma turma, mas ele não andava deixando, mas quando ele deixava que a gente ia para uma reza, ele: "Ah, o Pedro gosta muito de festejar..." A gente ia para essa, a gente aproveitava, brincar, e a gente brincava aquela brincadeira da ciranda: “ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar uma meia volta, volta e meia vamos dar”. Aí que tinha tudo na roda rodando. Aí tinha uma menina e a pessoa dizia: "senhora dona Raimunda, que entrou na roda agora, diga um verso bem bonito, diga adeus e sai pra fora." Ali ela escolheu verso, né, ali ela dizia: "alecrim da beira d água, corrente da ribanceira, menino casa comigo, me tira dessa cegueira." Ela cantava para outro: "ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar uma meia volta, volta e meia vamos dar”, aí ela tirava, as pessoas tiravam outro? Aí cantava outro verso assim: “menina, minha menina...” Errei, isso aí está errado, aí cantava outros, outros versos, eu sei que muitos versos diz assim: “querer bem não é bom não, querer mal ainda é pior, eu quero uma coisa e outra e querer bem sempre é melhor". Às vezes a gente dizia: “a garça bota o pé n’água e o bico no alagadiço, amor de rapaz solteiro mata mais do que feitiço”. E assim vai dizendo.
Formação escolar	Não menciona.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Olha, meu querido, eu me lembro que eu trabalhei de roça num lugar, num centro, que a gente trabalha num centro, apegam os terrenos alheio, a gente trabalha no centro chamado Bobento, porque disse que tinha um igarapé, igarapé do Bobento, que o povo disse que tinha uma senhora de bobo, uma doença que se curasse, banha–se, lá chamava–se Bobento, eu não entende mais, isso era no tempo da feitoria, aí eu fui para a roça, mas minha irmã... Daí eu estava na roça, o papai não tratou da roça toda, não deu tempo porque tinha muito mato, aí a gente tirando ficou assim, aí eu me lembro de trabalho nesse tempo do mundo, aí eu fui mais minha irmã, minha irmã mais velha. A bicha era trabalhadeira, sabia dar conta de tudo. Aí chegou lá [na roça e] ela dizia: "Bié, levanta Bié, está com brincadeira eu vou dizer para o papai..." O papai estava bem assim cortando arroz eu aqui... Ela contou para ele lá e eu nem vi, ela contou para ele quando ele chegou: "cheirosa" Eu disse: senhor papai, já com medo que eu ia apanhar. Daí ele disse: "tamanha moça que nem tu, minha filha, trabalha..." Aí ele tirou o cinturão e me deu uma tacada: "tammm." Aí disse assim: "cheirosa, trabalha, tu já está uma menina, com 6 anos de idade dentro de 7, minha filha,com preguiça de cortar arroz? olha, um cacho de arroz que tu corta..." eu me lembro direitinho... "um cacho de arroz que tu corta, eu não corto, nem a Neusa, nem sua mãe..." Aí outra tacada, aí eu não agüentava mais, aí o mijo desceu nas pernas . Aí ele disse: "olha, serviço de menina é pouco, mas quem perde é louco você já está dentro de sete anos." Aí veio outra tacada, ele me deu três tacadas, meu pai, de lá para cá que eu vim conhecer serviço. Então eu digo que comecei a trabalhar cedo e eu tinha meu irmão que era mais novo do que eu e tudo ia para roça trabalhar, ele não judiava, mas botava para trabalhar. [...] A Chiquita ela não pode carregar esse pauzão não, ela leva um que tu leva 2." encostar madeira para fazer cerca e a gente fazia e assim mesmo eu agradeço

	meu pai que me ensinou a trabalhar e assim eu criei meus filhos tudo trabalha.
Ser Griô	Faz poucos meses [que entrei na Ação Griô] , meu filho, foi agora no... eu não estou nem mais alembrada porque depois que o meu marido morreu eu fiquei toda assim, uma pessoa assim que faz uma coisa já não lembra, faz outra e já não lembra, mas já foi esse ano mesmo já. [...] Eu gostei, minha Catarina não queria então gostei, tem achado tanta gente amigo que... Um prazer agora com vocês aqui, meu Deus do céu... Ter paciência de estar olhando para mim e eu conversando... Eu para mim é o maior gosto da minha vida, fazendo todo o possível. [...] Canto para as crianças, música lá no Malocão, chamo eles para nós brincar, tudo, já disse para eles, eu digo: ó, agora no fim do ano eu vou lá no Maranhão aí eu vou caçar umas pessoas que são próprias pessoas que iam com um tanto de meninos para brincadeira, para recordar as brincadeiras para nós brincar, meus filhos, porque é tão bom a gente brincar...
Significado da entrevista	Eu achei bom porque estar conversando com vocês, umas pessoas tudo bem educada, umas pessoas tudo amável com a gente, que vem de acolá para conversar com a gente, porque tem gente que tem a saber, a gente vê o que ele está fazendo, mas está assim, vocês não, está de coração aberto, estão tudo da parte de Deus aqui com a gente eu gostei de estar conversando aqui com vocês, dando essa entrevista porque vocês estavam, querem que eu dê a entrevista, pois... Gostam de ver conversas feia, né, aí...

7. CODINOME	**DURVAL**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Coruripe da Cal, estado de Alagoas
Data de Nascimento: 06/07/1943	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: 2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada Piaçabuçu, estado de Alagoas
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	O meu nome é xxxx, nascido e criado em Coruripe da Cal, um povoado próximo de Palmeira dos Índios, no dia 06 de julho de 1943, filho de xxxx e xxxx, uma família de 15 filhos dos quais o mais velho sou eu, nascido e criado na roça, cultivando a terra. [...] meus pais xxxx e xxxx, já falecidos, somos uma família de 15 filhos, dos quais eu sou o mais velho. Coruripe da Cal [...] É uma comunidade, é uma comunidade. Fica a dez quilômetros de Palmeira dos Índios, lá eu residi até os meus 26 anos aproximadamente, nesse meio tempo, eu iniciei os meus estudos lá em Coruripe mesmo, depois passei a estudar em Palmeira dos Índios, mais especificamente no Colégio Estadual Humberto Mendes até concluir o primeiro grau. [...] Uma morada simples, como toda comunidade que vive no interior, entendeu? Uma vida cheia de dificuldades, que se hoje a gente tem dificuldades vivendo no interior, você imagina naquela época? Filho de gente simples, gente pobre, você mais ou menos imagina como

	seria essa vida do homem do interior. [...] Uma vida cheia de muito trabalho cultivando a terra, entendeu? Plantando feijão, plantando milho, plantando algodão, criando algumas cabeças de gado, que quando o inverno não era muito favorável em termos de chuva, faltava ração para o gado, eu vi muitas vezes gado do curral do meu pai morrer de fome porque não tinha o que dar, entendeu? [...] mas felizmente a gente conseguiu vencer, uma família grande, o meu pai um cidadão de bem, muito trabalhador e felizmente conseguiu criar a família de maneira satisfatória. [...] Olha, lá naquele nosso tempo uma comida básica em casa era o cuscuz de milho, entendeu? Com leite tirado do próprio curral, era abóbora, era batata, uma galinha de capoeira, no final de semana, a minha mãe quase sempre gostava de matar peru, para que a gente pudesse ter um almoço mais, sei lá, mais farto na mesa, Lá em casa era uma casa que sempre recebia gente de fora, o meu pai tinha muitos amigos, e a gente recebia visitas com muita frequência, e por conta disso a nossa mesa, apesar das dificuldades que se tinha na época, era uma mesa farta, porque a gente tinha tudo produzido no próprio quintal de casa, no terreiro, como se diz, criava galinha, criava algumas cabeças de gado, criava o bode, criava o porco, então era uma vida difícil, mas farta, felizmente.
Infância	Normalmente seis da manhã já não tinha mais ninguém dormindo, a gente tinha aquele hábito de acordar cedo e quem pensasse em ficar mais tarde, minha mãe já estaria chamando o meu pai, porque o café sempre era cedo, seis e meia, ou mais tardar sete horas, o café já estava à mesa, a gente não tinha como acordar tarde não, tinha também o compromisso da escola, quem não ia para a escola ia para a roça trabalhar, entendeu? A gente começava a trabalhar muito cedo, eu aos oito, dez anos, eu já trabalhava na roça, puxando a enxada, como diz, puxando cobra com os pés, né, então a gente começava cedo, muito cedo. [...]Brincava, a gente brincava de tudo um pouco, né, brincava de tudo um pouco, como já disse: peteca, pião, manduque, fazer arapuca, ratoeira, fazer boi de barro, não sei se você já ouviu falar disso? Fazer boi de barro, com pipa, aquela pipa, pipa, papagaio que se chama, a gente já brincava com aquilo também, eram brincadeiras simples, não se tinha aqueles carros, eletrônicos que não existia ainda, pelo menos para nós, não existia, carro de plástico era coisa rara, a gente improvisava, carro, carrinhos pequenos com carretel de linha, entendeu, aquelas latas de doces, por exemplo, que hoje já não se tem mais aquela lata de doce, que é tudo plástico, daquela, que nós fazia aqueles carrinhos de brincar, a gente fazia carro de madeira, pra pudesse ser puxado, aqueles bois de barro, simbolicamente o carro de boi, né, brinquedos assim, simples, muito dia feito por nós mesmo
Formação escolar	E veio a escola, a gente começou a estudar lá com as professoras naquela época, e terminado já o primário, diria naquela época o primário, e eu passei a estudar em Palmeiras dos Índios conforme eu já disse, né, enquanto eu estudava em Palmeira com cerca de 16 anos, mais ou menos, 17 anos, eu dava aula em Coruripe, um grupo escolar que ainda hoje existe lá, dava aula de português e de matemática, então estudava durante o dia e à noite eu dava aula em Coruripe para aquela meninada que não tinha condição de estudar em Palmeira dos

	índio, ou a pedido de reforço de aprendizagem para aqueles que não estudavam em Coruripe, né, e nem energia existia na época, a gente utilizava uma espécie de uma lamparina que existiam na época, né, movido a ar, e a gente fazia isso de segunda a sexta-feira, das sete e meia da noite mais ou menos até às dez, e durante muito tempo fiz isso. [...] Eu com 16 anos, 17 eu já dava aula de português e matemática, com nove anos de idade eu comecei a tocar meu primeiro instrumento, que foi um cavaquinho, presente do meu pai, facilmente aprendi tocar cavaquinho depois ele achou por bem comprar uma sanfona, viu que eu tinha facilidade para música e eu… Comprou a sanfona, e facilmente também eu aprendi a tocar, não demorou muito. [...] Sozinho, nunca fui a uma escola e aprendi a tocar sanfona sozinho, com 12 anos eu já tocava em baile naquela época, naqueles forrós no pé de serra e fui tocando sanfona e tal, depois comprei uma outra sanfona. [...] E estudando em Palmeira dos Índios, terminei o ginásio, que é primeiro grau, e terminado o primeiro grau resolvi estudar em Maceió, fazer o Científico, na época seria o Científico, hoje seria o segundo grau. Lá fiquei um ano aproximadamente, retornei para casa e não voltei mais ao colégio em Maceió e resolvi ir embora para São Paulo tentar a sorte.
Primeiros trabalhos	Lá, em 1971, chegando a São Paulo, fiquei com uns amigos e nada de arrumar emprego, estava uma situação um pouco difícil para conseguir emprego naquela época e pacientemente eu fiquei desempregado, com esses amigos, dando todo apoio deles, nunca me faltou nada e felizmente consegui passar num concurso do correio para carteiro, entendeu, e comecei a trabalhar no dia 1 de dezembro de 1971. Imagine só, uma pessoa que saiu do interior de Alagoas chegar em São Paulo e trabalhar como carteiro numa cidade daquele tamanho, não foi fácil, inicialmente morando na Vila Sapopemba, Jardim Sapopemba, eu trabalhei em diversos bairros, começando pelo Brás, Tatuapé, Água Rasa, Vila Diva, Mooca, diversos bairros ali eu conheci trabalhando como carteiro. Felizmente, decorridos três meses e meio aproximadamente, fui tirado da rua para trabalhar internamente, eu disse felizmente, porque se não tivesse acontecido isso, eu não teria continuado nos correios, que eu já não aguentava mais como carteiro, não aguentava mesmo, e por diversas vezes eu me sentei no meio-fio, debaixo de uma árvore e dizia: “Meu Deus, o que foi que eu vim fazer aqui em São Paulo?” Por pouco, por muito pouco eu não retornei a Alagoas, entendeu?
Ser griô	Eu passo aquilo que eu aprendi ao longo da vida, contar algumas histórias, entendeu? Tocar sanfona, falar de alguns músicos conhecidos, tipo Luiz Gonzaga, eu estou fazendo inclusive um histórico para distribuir com a meninada, entendeu? Tenho ideia de apresentar vídeos desses cantores e tocadores conhecidos, entendeu? Tipo Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Fagner, e música sertaneja um Sérgio Reis, Cascatinha e Inhana para que eles possam conhecer esses valores, entendeu? Que tanto fizeram pela música do nosso país, essa é a minha ideia é tocar para eles, ensinar bater uma tabaca, a tocar um afoxé, um triângulo, uma “ponderola” eles ficam

	ali acompanhando comigo, um bate certo, o outro bate errado, mas com o tempo eu sei que eles aprenderão, com certeza.
Significado da entrevista	P/2 – Só pra finalizar, é, queria perguntar se você gostou de contar sua história pra gente, como o senhor se sentiu, estar dando essa volta no túnel do tempo? R - Olha, dizer simplesmente que gostei é pouco, entendeu, eu fico feliz da vida por estar aqui com vocês, contando parte da minha história, que a gente conta muita coisa, mas acaba ficando algum detalhe aqui e ali, mas pra mim foi por demais gratificante, vocês me deixaram feliz da vida, é mais um fato marcante que eu não vou esquecer nunca mais. [...] É, vou contar para outras pessoas o que aconteceu comigo aqui e para que vocês fiquem conhecendo algo mais ao meu respeito, mandarei pra cada uma de vocês um livro que conta a minha história, uma autobiografia, intitulada A saga de um caipira e esse caipira sou eu! [...] Eu que agradeço, muitíssimo obrigada por este momento, por esta oportunidade que vocês me deram, que Deus as proteja e lhes dê muita saúde e muita paz e muitos anos de vida para que vocês possam propiciar cada vez mais momentos felizes e gratificantes e Deus as proteja!

8. CODINOME	**EVERALDO**
Ascendência: Indígena	Local de Nascimento: Alter do Chão, estado do Pará
Data de Nascimento: 08/05/1990	Década de Nascimento: 1990
Entrevistado em: 26/10/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Alter do Chão, estado do Pará
Acesso em: 01.05.2021	
Indexação	**CONTEÚDO**
Origem (rural / urbana)	Moro em Alter do Chão, município de Santarém, no Pará, e nasci no dia 8 de maio de 1990. [...] Meu pai não sei quem é. Minha mãe é xxxx, nasceu aqui também. [...] Minha mãe é líder comunitária. Ela já trabalha há uns seis ou sete anos com isso. Ela dá assessoria para as comunidades, as comunidades além de Alter do Chão. Participa das associações de mulheres, de bairro, de tudo quanto é associação que visa ao cooperativismo e ao bem da comunidade. Ela trabalha nisso. Então, eu devo isso a ela. O trabalho que eu desenvolvo hoje, eu devo isso à experiência dela. Ela foi minha mestra. Meu avô, minha avó. Meu avô é meio índio, minha avó já é de família mais tradicional, já de origem portuguesa. Alter do Chão tem muito isso. É o branco, o negro e o índio, é a mistura, e a minha família é isso. Meu avô é meio, é índio, ele é descendente de índio, e minha avó é descendente de português. Eu morei, desde quando eu nasci até os meus dez anos, 12, na casa dos meus avós. Era uma casa boa, era uma casa de madeira. Porque foi assim: o meu avô, ele era indígena, ele foi ser soldado da borracha, da borracha, não, ele trabalhou na Petrobrás. Então, por exemplo, na época, a Petrobrás estava furando poços na Amazônia todinha para ver se encontrava petróleo. E meu avô era filho, ele tinha 12 irmãos, tinha que cuidar de 11 porque ele

	era o mais velho. Na época, numa dessas vindas, porque aí os navios eram todos a lenha, um dos meios de sobrevivência da comunidade era vender lenha. A praia, ela tinha um formato muito maior do que é hoje, tinha um formato de duna, e, na época, para um navio ancorar, era tipo duna, era fundo. E o povo vendia lenha para eles, e meu avô vendia lenha, ele trabalhava, ajudava, meu outro parente ia vender lenha, meu avô. E ele começou, o pessoal da Petrobrás veio. Conheceu tudo, se entrosou com o pessoal. Tem que sustentar os irmãos, e ele foi. Ele entrou num navio desses e foi trabalhar com eles. Ele entrou como foguista, que eles chamam, que era trabalhar com lenha, e depois ele foi subindo. Ele começou a furar os poços. Meu avô tinha uma condição de vida boa, porque ele trabalhava para a Petrobrás. E, nesse período, meu avô viajava muito com minha avó, minha mãe, viajava de lugar para lugar. Só que, antes de o meu avô se aposentar da Petrobrás, a minha avó ficou doente. Mas eles eram bem de situação, só que minha avó ficou doente, eles tinham dois filhos, três filhos, e ele tinha dinheiro num banco. Tinha Banco do Brasil, dinheiro bom no Banco do Brasil. Aí, meu avô, quase analfabeto, trabalhava na Petrobrás, mas teve… A gente morava no Maranhão na época. Ele é daqui, minha família é daqui, mas, quando meu avô começou a trabalhar, eles viajaram muito, antes de eu nascer, antes de a gente vir para cá de novo. E aí o meu avô pega, tira o dinheiro que estava no Banco do Brasil e põe no Noroeste, Sudoeste, que hoje em dia nem existe mais. E deu a crise, não sei que crise foi. Faliram os dois bancos. Todo o dinheiro da família foi junto.
Infância	Brincadeira, a gente sempre brincava na rua. Brincadeira na rua. Tinha brincadeira que minha avó, meu avô me ensinava, e a brincadeira nossa era brincar na rua mesmo. Sempre, às vezes de dia, às vezes de noite. Tinha o rio também, a gente brincava no rio, na praia, que aqui é bom por isso, tem grande espaço para a gente correr, brincar. E era mais ou menos assim. A gente não brincava de “pira”, “pira” aqui é “pega”. “Pira” é peixe aqui, na língua indígena. Então, tem “pira-pega”, “pira-isso”, “pira-aquilo”, mas é tudo peixe. Peixe isso, peixe aquilo, tudo peixe. “Pira-pega”, “pira-bola”, “pira-se-esconde”, tem um monte de “pira”. “Pira-alta”, tem várias piras, vários nomes assim, de brincadeira. [...] Porque a gente vivia basicamente na praia. Na época do verão, o pessoal tem costume de dormir na praia. Todo mundo vai para a praia. E eram presentes também as lendas, brincadeiras, as histórias que o pessoal contava. Porque aqui é de origem indígena. Então, por exemplo, para justificar algumas coisas que não tinham explicação ou para dar um impedimento para as pessoas, para não fazer o que queria, tinham as “visagens”, que eles chamavam. Visagem é tipo um ente, é tipo um fantasma. Só que não era fantasma, era visagem. E tinham as visagens, tinha também a história do respeito com a natureza, de pedir. Ah, vai no igarapé, então vamos pedir permissão para a mãe-d’água. Ah, vai não sei aonde, pede permissão para a mãe não sei da onde. Tinha esse respeito. E, quando a gente era pequeno, a gente seguia mesmo, né?

Formação escolar	Aqui, tinha só uma escola. Antes, meu avô contava, não tinha escola. Então, as pessoas, os pais que tinham um pouquinho de condições para dar educação para os filhos, eles tinham que ir para Santarém. Os filhos moravam lá, porque só tinha rios, e demorava muito. E geralmente ficavam no colégio de freiras. Esses colégios mais tradicionais. Ficavam lá. E aqui não tinha escola. Ah, outra coisa também que é muito forte em Alter do Chão é a presença de mulher. A força da mulher. Por exemplo, o homem, nas famílias tradicionais mesmo, ele era só para procriar e para trabalhar. Quem dava as ordens da casa era a mulher. O homem era só empregado, só para procriar. As mulheres se juntaram: "Não, nós não queremos que nossos filhos fiquem igual à gente, analfabeta, isso e aquilo." Foram para Santarém, receberam capacitação. Quem tinha até a quarta série na época, era o ensino superior da vida. Porque praticamente todo mundo era analfabeto. Eles se formaram, se juntaram, não era um mutirão que eles faziam. Então, eles faziam limpeza. Por exemplo, limparam a praia, "vamos limpar o cemitério, vamos fazer para limpar o cemitério". Eles conseguiram, com algumas ajudas, eles conseguiram construir uma escola. A primeira escola daqui era o Grupo Escolar Dom Macedo Costa. Foi a própria comunidade que construiu, e eram as próprias mães que davam aula. Eu cheguei a estudar lá, mas já com a atuação municipal, já com a gestão pública, do município
Trabalho na infância e/ou adolescência	Ser aprendiz griô é uma coisa muito boa, mesmo porque a outra coisa que eu esqueci de falar é que, vendo todas as dificuldades da escola, os professores, como são daqui, sempre incentivaram a gente a fazer resgate cultural. Depois que a gente ficou com o pessoal do Vila Viva, depois que a gente começou a se relacionar com eles, tudo foi um incentivo a mais, mas o maior incentivo que a gente teve com relação ao resgate cultural foi mesmo com a escola municipal, em todas as dificuldades que teve. Ser griô aprendiz é bom, mas ao mesmo tempo é muito ruim, não para desenvolver um trabalho, mas para quebrar preconceitos, quebrar barreiras. Porque é uma coisa nova, e às vezes a gente tem vontade de desistir porque parece um trabalho ruim, não ruim no ponto de vista de a gente estar fazendo um trabalho ruim, mas no ponto de vista de ser ruim para a gente conseguir desenvolver o trabalho. Quando eu entrei na ação, quando a gente começou, a gente começou a fazer visitas a idosos, coletando informações. E foi isso que influenciou a gente, que incentivou a gente a escrever a proposta do projeto. Então, a nossa maior dificuldade foi justamente em relação à escola, porque a gente achava que o problema não eram os alunos, não eram os professores. O problema era uma direção da escola que tinha um problema pessoal, que eu digo pessoal porque não era comunitário. E a nossa maior dificuldade era essa, e hoje ainda existe um pouco. Não vão mudar da água para o vinho rápido. Então, hoje a gente ainda tem umas brigas, umas divergências, mas aos poucos a gente está mostrando para o pessoal que não é bem assim.
Ser Griô	Eu espero, com a Ação Griô, que a gente consiga pelo menos resgatar um pouco da essência da comunidade, com a valorização do idoso,

	com todo o conhecimento repassado para a a gente, os jovens. Que a gente possa, que a gente consiga voltar um pouco ao estilo da comunidade que era antes. Não vamos voltar, não queremos que cortem a nossa luz, não queremos voltar ao tempo da pré-história, na época deles, na época que não tinha luz, não tinha nada. Mas a gente quer um pouco da sabedoria deles, que eu acho que é isso que a sociedade precisa hoje, dos valores, dessas coisas que, às vezes, a gente acaba sendo aculturado, por um monte de coisa, pelo que a televisão ensina, pelo que a internet ensina, tudo aquilo. Não que isso não seja importante, mas que a gente não esqueça a essência do que é mesmo. Então, o que eu espero é que a gente consiga firmar mais parcerias, que a gente consiga um apoio maior tanto das parcerias não locais e principalmente das locais, porque eu acho que, com todos os problemas, as parcerias não locais estão muito mais fortes, muito mais concretizadas do que as parcerias locais, que são importantes. Eu espero isso, que as barreiras sejam acabadas, que elas sejam minimizadas ao longo do tempo e que a gente firme, que a gente consiga fazer parcerias locais, a atividade se desenvolva.
Significado da entrevista	Ah, eu achei legal, porque a gente conta. Eu aprendi que conhecimento não se paga para ter. Tem a escola, mas eu acredito que é isso que vale. O conhecimento é transmitido, a tradição oral tem que ser transmitida, é aquilo que não está escrito, não está na gramática, não está no dicionário. É aquilo que tu vais aprendendo com o teu avô, vais aprendendo com o teu pai, tua mãe, sei lá com quem. Mas eu acho que é isso que fica para a sua vida: é o conhecimento que tem. Então, é mais ou menos por aí.

9. CODINOME	**GERMANO**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Remanso, estado da Bahia
Data de Nascimento: 28/04/1945	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: 2007	Modo da entrevista: Presencial, entrevista gravada na Serra do Cipó, estado de Minas Gerais
Acesso em: 21.04.2021	

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
ORIGEM (RURAL)	O que eles [meus pais] faziam era trabalhar na roça, pescar no rio, que lá passam dois rios onde nós moramos, no povoado de Remanso, passam dois rios, o Santo Antônio e o Utinga. Eles vêm de fora e perto do Remanso eles fazem o encontro, aí em Remanso eles passam os dois juntos, é Utinga e Santo Antônio. O meu pai viveu e a maioria dos moradores de lá vive da roça e da pescada no rio; vivem pescando, trabalhando na roça e pescando. Disso é que se vive lá e o meu pai me criou nesse ritmo e o povo de lá tudo vive assim. Plantava mandioca, milho e batata doce, aipim, que lá a gente conhece por aipim, mas nos outros lugares têm vários nomes do aipim: uns conhecem por macaxeira, outros conhecem por aipim, outros já conhecem por outros nomes, que eu me esqueci.
Infância	Ah, eu fazia muita coisa. Eu brincava, trabalhava na roça. Quando era pequenininho, que não aguentava trabalhar na roça, aí eu brincava. Naquela época não usava aula, não tinha escola onde eu morava, era uma roça, não tinha escola, não tinha nada. Aí o que fazia enquanto não aguentava trabalhar na roça era vadiar, aprender alguma coisa que os velhos ensinavam, rezar um Pai Nosso. Era isso que eles faziam. E à noite os velhos tinham aquele modo de ensinar pra ir dormir: "Vai rezar pra dormir, meu filho".
Formação Escolar	Rezava um Bendito, qualquer uma reza, daquelas que eles gostavam, pra livrar do mal, das doenças e aí ia dormir. De manhã tinha que levantar, dar bênção aos pais pra poder sair pra algum canto ou ir vadiar. É assim que eu fui criado. As meninas também do mesmo jeito. A criação hoje eu acho muito diferente da minha. É que os meus filhos eu criei quase do meu ritmo, porque eu, como mãe deles, foi criado assim. Agora, já hoje, se fosse de eu criar novamente eu achava difícil. É difícil porque a lei hoje é muito diferente da época da gente e eu acho muito difícil. Hoje eu crio um neto, em alguma parte eu sigo a lei de hoje, mas em outras eu não consigo seguir. Não consigo seguir porque eu fui criado com o maior respeito aos mais velhos. A coisa que o pai mais castigava a gente era pra não desrespeitar os mais velhos, não responder. Se os mais velhos diziam qualquer coisa a gente tinha que acalmar; se uma pessoa mais velha reclamasse, qualquer menino achava que estava reclamando para o bem, pra livrar de alguma coisa. Hoje a educação é a escola é quem dá, e antigamente quem dava a educação eram os pais. Educação de saber viver com o povo. Não era na leitura não, que a gente não aprendeu a leitura. A educação que os pais davam era saber viver. Saber viver que eu falo é respeitar, ter respeito, que tinha muito respeito na minha época.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Ah, o meu trabalho sempre é isso mesmo, é roça. Que naquele tempo tinha muito aquilo que a gente fazia na roça, pescaria e fazer festa. Fazia festa, que hoje eu não aprendi várias coisas por causa da minha

	vaidade, a idade, e achava que aquilo não valia de nada. E hoje eu estou arrependido porque não aprendi as coisas do meu pai, dos meus tios, dos meus primos, que sabiam várias coisas de cultura. Sabia Reisado, formava reunião, fazia festa de índio. Fazia Marujada, não sei se você conhece. Marujada é um cordão de grupo, a mesma coisa que a gente faz numa roda, numa festa, a gente faz a Marujada. Marujada tem o piloto, tem o mestre e tem o cordão, que a gente dança. Tem as palavras que a gente fala da Marujada e tem as músicas. Aí é um cordão de Marujada. Em Lençóis mesmo tinha. Ainda tem ainda, mas está devagar, que os chefes, os velhos, morreu tudo. [...] E aí a Marujada está um pouco devagar. Ainda tem lá, mas só sai de ano em ano, na festa do padroeiro. O padroeiro de Lençóis é o Senhor Bom Jesus dos Passos, é no dia 2 de fevereiro
Ser Mestre Griô	Quem me convidou foi o professor Márcio, foi ele que me convidou, ele que me chamou pra fazer parte da trilha dos griô. [...] Não, eu não conhecia o Márcio. Nessa época eu não conhecia ele, depois ele andou por lá, coisa e tal, sondando. Acho que ele percebeu pelos forró da gente, que a gente fazia forró, e até hoje a gente faz forró por aqueles lugares tudo ali, tem em Lençóis, Andaraí, aquela redondeza tudo o povo chama e a gente vai fazer o forró. E aí eu acho que ele observou de um forró e encostou por lá, esteve por lá. E sempre eles gostam também de visitar a escola, o grupo deles sempre visita a escola. E esteve por lá e me chamou: "Vamos ali fazer uma caminhada ali mais o velho griô". A primeira vez que ele esteve lá em casa se vestiu lá de griô e: "Vamos fazer ali uma caminhada, bater ali um bumbo". Tocamos uma viola e eu fui bater bumbo. Aí, daí pra cá começamos. Ah, eu não sabia. Até aí eu estava lutando e ele não me falava que era um griô, mas não falava o que era o griô. Um dia ele fez as procuras, se eu sabia o que era o griô, me explicou. Eu acho que eu tenho isso gravado. Eu digo: "Nossa, eu mesmo não estou bem por dentro como é o griô não". E ele: "Não, mas pra você, o que você pensa assim mais ou menos o que é?". Eu digo: "Bom, pra mim o griô é uma coisa que vai trazer as coisas velhas, que pelo jeito do griô eu acho que ele vai, é esse tipo de coisa que vai trazer aquela lembrança dos velhos, pais da gente, dos tios, desse povo, aquela lembrança". Pra mim o griô é desse tipo, porque eu nem sabia o que era griô. Porque pelo que eu vi o griô fazer, dá a aparência daquelas coisas antigas, dos velhos. Dá aquela aparência daquela coisa dos velhos, aquela dança, era cantar roda, era dizer verso, fazer essas coisas pra mim é o que é o griô, é lembrar, é trazer. O griô tá vindo pra trazer a lembrança dos velhos, que acabou
Significado da entrevista	Ah, eu não sabia. Até aí eu estava lutando e ele não me falava que era um griô, mas não falava o que era o griô. Um dia ele fez as procuras, se eu sabia o que era o griô, me explicou. Eu acho que eu tenho isso gravado. Eu digo: "Nossa, eu mesmo não estou bem por dentro como é o griô não". E ele: "Não, mas pra você, o que você pensa assim mais ou menos o que é?". Eu digo: "Bom, pra mim o griô é uma coisa que vai trazer as coisas velhas, que pelo jeito do griô eu acho que ele vai, é esse tipo de coisa que vai trazer aquela lembrança dos velhos pais da gente, dos tios, desse povo, aquela lembrança". Pra mim o griô é

	desse tipo, porque eu nem sabia o que era griô. Porque pelo que eu vi o griô fazer, dá a aparência daquelas coisas antigas, dos velhos. Dá aquela aparência daquela coisa dos velhos, aquela dança, era cantar roda, era dizer verso, fazer essas coisas pra mim é o que é o griô, é lembrar, é trazer. O griô tá vindo pra trazer a lembrança dos velhos, que acabou. [...] Eu me interesso muito porque eu tenho o maior prazer, se por acaso eu morrer, de deixar quando nada uns dez ou vinte aprendizes, pra quando nada ficar a minha lembrança, que eu tenho lembrança com o povo. Às vezes, quem sabe, que eles estão falando depois a mesma coisa que eu estou falando aqui, não é verdade? A mesma entrevista que você está entrevistando aqui, pode entrevistar qualquer um dos meus aprendizes. Amanhã ou depois: "Quem me ensinou foi um velho que chamava Aurino, por essa forma e essa". E é o desejo que eu tenho, de deixar. Isso era pra deixar pros meus filhos, mas os meus filhos não interessam nada. Eu achei importante [essa entrevista] porque pra mim é uma grande coisa. Talvez, quem sabe, amanhã o povo não vai saber: "Você estava proseando lá, eu vi". Que nem lá, eu fiz uma entrevista com o pessoal aí, o povo dá notícia. Esses dias mesmo eu fui dar uma entrevista lá mesmo no Remanso. Aí eles mandaram pra modo de sair na Record, pra gente escutar no horário e coisa e tal. Parece que foi um negócio. Eu nunca assisti, e lá o povo dando notícia: "Olha, ele passou na Record, não foi?". O povo em Lençóis tudo dando notícia. Eu nunca assisti. Eles mandaram, eu já liguei a TV no horário que eles falaram pra eu entrar e nunca aconteceu. Parece que o dia que eu vou ligar pra assistir é que não acontece. O dia que eu não vou o povo dá notícia. É isso, pra mim a importância é isso. Mais a gente vai crescendo, mais vai ficando reconhecido, o pessoal do lugar que não conhece. Os que conhecem sabem que a gente fez aquela entrevista, sabe que o povo está conhecendo a gente. Quem não conhece não vai lá fazer essa entrevista, quem nunca viu, né? Então sabe que a gente proseou, teve aquela prosa com esse pessoal, ainda um jornalista, que é uma grande pessoa.

10. CODINOME	GONÇALO
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Santo Amaro da Purificação, estado da Bahia
Data de Nascimento: 25/12/1937	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 08/10/2007	Modo da entrevista: Presencial – Entrevista gravada em Lençóis, estado da Bahia
Acesso em: 21.04.2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	Nasci no dia 25 de dezembro de 1937. [...] Agora houve um erro porque o meu irmão me registrou aqui em Salvador, então eu tenho o problema desse erro, pois eu não pude consertar e sou feliz em Salvador por esse motivo. Porque o meu irmão me registrou aqui! [...] Porque eu nasci em 1935 e minha mãe, no dia do batizado, foi ela que me registrou, e eu vim descobrir isso quando eu fui me casar. [...] Esse foi um problema. Agora eu nasci pequenininho, como todo mundo nasceu. [...] Meu pai trabalhava na roça, era muito inteligente, tinha uma serraria, ele serrava aquelas madeiras [...] botava aqueles troncos em cima e tirava as ripas, barrote na mão, no serrote. [...] E ele, já foi um Griô e eu puxei a ele. [...] É muito importante o meu pai. [Ele] emprestava dinheiro. Tirava do banco, emprestava sem cobrar juros, não cobrava nada. Ele era avalista, ele pegava o dinheiro e dava para você trabalhar, e a roça era de meia, então, se você não pagasse com a sua meia, ele pagava com a meia que ele recebia sua, e então ele cresceu comprando vaquinha, aí de uma foi para outras. E deixou a gente mais ou menos. Até hoje eu tenho um terreninho lá que tem a minha vaquinha, [é a] Catarina, botamos o nome Catarina porque eu tinha uma namorada de nome Catarina e botei o nome da vaquinha de Catarina e o bezerro Curió, nasceu agora. Agora vou contar a minha história mesmo, já contei de meu pai... [...] A minha mãe não deu muita sorte com o meu pai, porque o meu pai era muito bonito e arrumou uma negra e deixou a minha mãe. Eu sou filho caçula dela, mas além de mim o meu pai tem mais 14 com outra criatura.
Infância	[Do casamento com a minha mãe], tem cinco filhos! Eu sou o caçula. Meu pai teve mais de 20 e tantos filhos! Com a "consorte" teve 14. Agora o privilegiado era eu, porque quando eu estudava eu comia na casa de minha mãe e comia na casa da outra, eu tinha duas mães. Eu estudava, eu era mais velho que os meus outros irmãos, porque eu era o caçula, mas não da segunda esposa dele
Formação escolar	e eles iam para o colégio comigo porque o colégio era muito distante, assim mais ou menos de 18 a 20 quilômetros que a gente andava para ir para o colégio, uma dificuldade, de manhã. Nós conseguimos estudar, porque nem todos os meninos tinham a oportunidade, que era ir montado a cavalo, não é? Tinha o seu cavalinho para montar, ia montado, botava o meu irmão, a minha irmã ia com outro e a gente ia os quatro estudar juntos e era uma bênção, a professora. [...] O que acontece, não é? Eu, com sete anos de idade, fui escolhido para fazer uma palestra, um poema entre os 20 meninos que estava no colégio. Meninos de 14, 15 anos e eu fui escolhido, com esse talento

	todo, as pessoas escolheram, com aquela roupinha, sapatinho. Meu pai sempre cuidou da gente. [...]Eu fui chamado para fazer esse poema e um dia a escola, acho que foi 2 de julho a festa, se não me recordo, de 1944! [...]Com esse poema eu recebi o título do melhor menino da sala. Daí para cá eu fiquei fazendo os poemas.
Trabalho na infância / adolescência	Então o que aconteceu? Eu trabalhei na Fundição Brasil [em São Paulo], trabalhei um ano e pouco na Fundição, e a minha mãe ficou doente aqui. E eu pedi umas férias na empresa e a empresa não me deu. Eu esperei receber o meu dinheiro. Olha como eu era valente. Quando eu recebi o dinheiro, eu peguei, abandonei tudo lá e vim ver a minha mãe. Eu acho que a melhor pessoa do mundo, até hoje, é a minha mãe! Eu não faço brincadeira, não xingo nem um milímetro assim, não gosto de brincadeira, não gosto que falem da minha mãe, porque a minha mãe me criou com o maior carinho, maior amor, aquela dificuldade, mexendo farinha e trabalhando na roça, um serviço brabo, pesado, para me dar. Ali na roça poucos meninos estudavam, poucos e eu tive a bondade, o privilégio de estudar, de vir para a cidade, para a roça, vim para a cidade para estudar e depois meu irmão achou o meu talento e me trouxe para Salvador, foi o que eu acabei de contar, a Capoeira, certo? Então essa maravilha que eu ganhei, eu estava tão bravo [que] quando cheguei aqui [em Salvador] eu entrei na Petrobrás, fiz um concurso e o passei na Petrobrás. [...] Tirei outra carteira e deixei a carteira lá presa, trabalhei na Petrobrás aqui, dinheiro pouco...
Trabalho	E hoje eu com 72 anos, praticamente é um emprego que eu peguei esse Grupo Griô. Tem um salariozinho para poder vir para Lençóis, ir para Candeia, [...] tudo de graça, mas também os garotos pra quem eu dou aula. Porque eu acabei não concluindo, está meio atrapalhada, mas quem ler vai ver, porque ao invés de eu ir à frente eu mudo para outra coisa, mas o menino da escola do grupo Griô teve de dizer: "O mestre ensinou qualidade de vida do passada, se o cara não tiver um passado bom, não vai ter um futuro bom. Então só você pode saber do futuro se o passado, depois do passado." Então esse menino deu um show no relatório que eu fiz, e as professoras todas assim, me chamando e quando eu passo parece até que eu tenho dinheiro. [...]Eu passo por dez meninos, mexem me agarrando, acho a coisa mais engraçada do mundo! [...] É, os versos, eu levo os versos para eles, os versos do meu conhecimento todo eu passo para eles. Então eu vou começar a falar dos versos agora. A minha vida é assim, eu estou muito feliz com o grupo Griô e com a Ginga e Malícia, eu vou falar sobre o grupo todo, foi o grupo que me deu a oportunidade de eu estar com vocês, então tem que falar do grupo. A academia é a Ginga e Malícia do Mestre Marinheiro, onde a academia tem inglês, informática, espanhol, cursos, tem Capoeira mirim que é com a professora Luana, tem os professores Sapo, Marrom, eu, Michel, que é médico e é professor de Capoeira lá, Tutiba, Giba, Beijinha, Nenéu, que é o meu filho...
Significado da entrevista	Sinceridade, eu estou tão feliz de estar aqui no meio de vocês e é uma bênção de Deus, uma bênção porque são tantos saberes que eu, a Vanda Machado é uma pessoa digna e o rapaz que coordena aqui,

	acho que é Márcio e a esposa dele e que trouxe muita qualidade, esses grupos aqui fez coisas que eu nunca esperava na minha vida. A Vanda Machado é uma figura onde trouxe o pessoal de Cachoeiras e de Santo Amaro também, uma senhora de idade que botou mesmo tudo que sabia ela falou, foi uma bênção, fiquei satisfeito! O violeiro, o repentista também falando os versos dele, enfim, bem tratado no hotel, tratado bem, até o dono falando comigo, o pessoal não tem preconceito, isso é uma beleza mesmo e eu me sinto muito feliz por ser escolhido como Griô e vou dar de tudo que esse ano tenha mais um encontro desse, com tanto valor, tantas pessoas juntas aqui, o pessoal aqui de Araci que vieram para aqui também, um rapaz contando as histórias deles, história muito bonita, muito bonita mesmo, que eu, com essa idade, o cara morrendo não aprende nada. Mas quem está vivendo aprende, então eu aprendi muito aqui e se eu não tivesse um gravador, eu ia gravar na memória para poder nunca esquecer desse encontro maravilhoso, que tem diversos, que vocês todos brilharam! Adorei, se eu fosse de um nível elevado, eu ia pagar vocês suficientemente para ver todos os meses dentro de mim, mas infelizmente não é como a gente quer, esse Paulo é uma figura, é uma figura porque só a risada dele é uma bênção. E eu gosto de gente mago, que o meu é bem maguinho e mago tem beleza, é delicado e tem carinho. Cuido de seus velhos, de seus idosos, de seus Griôs e a minha nota para vocês eu vou dar 999! Só não vou dar 1000 porque eu sou professor de Capoeira, já tenho mais de 10 mil alunos e professor formado por mim, e eu nunca dei 10 a ninguém, quer dizer, nunca dei 1000, só dou 999, são nove que dez não ganham, vocês todos! E eu vou me despedir de vocês, com muita honra levando comigo essa recordação e eu espero que nós tenhamos outros encontros e vou terminar assim: “Adeus, São Paulo, que a Bahia vai embora. Adeus, São Paulo, a Bahia vai embora! Adeus, Rio de Janeiro, a Bahia vai embora! Adeus, Paulo Manuel, já vai embora. Adeus, Aninha Manuel, já vai embora. Adeus, Cláudia Manuel, já vai embora. Adeus, Paulo, Cláudia, já vai embora. Adeus, adeus, até outra hora. Adeus, adeus até outra hora, fica com Deus e Nossa Senhora, Fica com Deus e Nossa Senhora. Fica com Deus e Nossa Senhora, eu levo Deus e Nossa Senhora. Fica com Deus e Nossa Senhora. Adeus, adeus e até outra hora, adeus até outra hora!

11. CODINOME	IGNÁCIO
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Fortaleza, estado do Ceará
Data de Nascimento: 22/12/1931	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 15/08/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Lençóis, estado da Bahia
Acesso em: 21.04.2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	[Sou] nascido em Fortaleza, nasci em Fortaleza, no dia 22 de dezembro de 1931. Aconteceu um fato importante: nós viajávamos, eu era neném, meu pai compra uma passagem num navio misto, cargueiro e passageiro, pra gente ir de Fortaleza para o Rio. Só que nessa viagem, eu fiquei doente. O navio teve problema, ficou em Recife dois dias pra conserto. De Recife para o Sul, o navio perde a rota. Nós ficamos dez dias perdidos, sem rota, sem saber pra aonde ia. Eu muito doente, minha mãe pensando que eu pudesse morrer, agoniada de eu ser sepultado no mar, né? E com aquele nervoso da minha mãe, quando chegamos a um local, já era a costa da África. Aí, os marinheiros de lá sinalizaram com o navio oferecendo prático pra ver se o navio queria aportar, mas não aceitaram, né? Meu pai também, por acaso, era marinheiro, só que nesse navio ele não estava trabalhando de marinheiro. Aí, viemos direto da África a Salvador. Em Salvador, meu pai teve que desembarcar porque eu passava muito mal, eu estava muito doente. Entra no navio, quando meu pai ia desembarcando, um médico negro e meu pai reconheceu que ele era médico por causa do anel. Aí, falou pra ele: "O senhor poderia examinar o meu filho porque ele não está passando muito bem?". Aí, o médico disse que não podia no navio, que era falta de ética, que no navio deveria ter médico, que meu pai desembarcasse em Salvador e fosse numa farmácia que tinha no Mercado Modelo, ao lado do Mercado Modelo ou no Mercado, não sei. E lá, esse médico me consultou e aconselhou o meu pai para desembarcar em Salvador, que ele ia ao Rio, ficar em Salvador pra me tratar. Mas não era tratar de doença nenhuma, me tratar de santo, que eu tinha um problema espiritual, que meu pai procurasse uma pessoa na Barroquinha, uma senhora na Barroquinha que fazia trabalhos assim, cuidava de candomblé, cuidava de santo. Meu pai, então, me leva lá, e eu me lembro que minha mãe contava, eu era criança, o que esta mulher pediu, entendeu? Os apetrechos que ela pediu pra fazer o trabalho pra mim foram roupas de criança. Então, hoje, pelas roupas que foram pedidas, as cores que foram usadas, depois, homem que tomei conhecimento das coisas, eu passo a tomar conhecimento, qual seria o trabalho que foi feito pra mim? O médico disse pro meu pai que o meu remédio era banho de semente de linhaça e chá de semente de linhaça, que não ia passar nenhum remédio de alopatia pra mim. E essa mulher que me cuidou na Barroquinha só passou foi banho. Só passou o banho e chá.
Infância	Eu cresci um menino muito peralta. Eu me lembro de tantas coisas que eu fiz que hoje são coisas importantes, e uma das coisas era essa de levantar escondido, de madrugada, e recolher as vacas pra tirar leite. Porque eles me davam um latão de dez litros de leite pra eu

	levar pra casa, entendeu? Todo dia de manhã cedo, eu ia entregar o leite na cidade. Aí, pegava o seguinte, não fazia os trabalhos da escola, os trabalhos de casa. Quando eu entregava o leite, amarrava o cavalo na chácara que era perto da escola, ia fazer os trabalhos, os deveres de casa sentado na porta da escola antes de começar as aulas. Então, ficou no costume de a minha turma, todo mundo, sentar, principalmente trabalho de Matemática, eu tinha que ensinar todo mundo. Eu era o que menos estudava e que ensinava todo mundo. Todo mundo só fazia os deveres depois que eu chegava, também se acostumaram a não fazer em casa. Aí, ficou nisso. Eu nunca tinha desconfiado que eu tinha uma certa tendência, assim, pra estar ensinando uma coisa ou outra, né? Quando eu já tinha até me, não, não tinha me casado, eu era rapazinho, 16, 17 anos, estava fazendo esse curso do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), curso de aprendizagem comercial, e a professora vai, passa um dia, a professora de Matemática, ela passa uns problemas, passa umas equações, umas coisas, e ela foi comentar em outras turmas que na minha turma tinha um professor de Matemática e deu o meu nome, né? Então, na hora vaga que não tinha aula pros alunos, os alunos vinham à minha sala me procurar, pra eu ensinar Matemática a eles, entendeu? Aí, foi acontecendo as coisas na minha vida, né? Eu tinha pena dos jovens que vinham do interior do Estado do Rio, ficava lá. Então, tinha um menino que ele tinha feito até a quinta série, mas ele mal sabia ler. E eu comecei a ensinar ele, botei ele lá em casa todo dia, eu ensinar ele tudo, né? O programa todo: Geografia, História, Português, Matemática, tudo, e ele foi se desembaraçando. Primeira coisa que eu fiz, foi ensinar ele a ler e compreender a leitura, e isso foi acontecendo com esse menino
Formação escolar	E foi o recado que eu recebi do meu avô, eu vim à Bahia. Aí, passaram os tempos, eu comecei estudar o idioma Iorubá com um primo da minha mãe, em um livreto escrito pelo mestre Didi: "Iorubá tal qual se fala", que foi publicado em 1950. Antes disso, quando era criança, eu aprendi um pouco da língua Quincongo com a minha vó, em casa. Vovó sabia muita coisa da língua, lógico, a mãe dela era da África, do Congo, né? E aprendi muita coisa do Quincongo, e mais tarde, eu venho a aprender o idioma Iorubá, em 67. Aí, eu tomei gosto, eu tomei gosto. Uma pergunta que uma aluna uma vez me fez aqui em Cachoeira, foi em Cachoeira. A aluna me fez uma pergunta, por que eu me interessava pela cultura africana? Aí, eu expliquei pra ela: "Embora vocês, não sei se vocês tenham sentido ou tenham sido atingidos por uma discriminação". Porque existem vários tipos de discriminação, né? Aí, logo na escola, quando eu começo a frequentar a escola em 1937, 38, começo a frequentar a escola, eu ia fazer sete anos, né, em 38, a professora mostra pra gente, eu me lembro até hoje, era uma Geografia, de Gaspar de Freitas. Ela mostra como que nosso povo era formado, a nossa raça, porque naquele tempo só existia quatro raças no mundo. A gente era igual ao cachorro porque raça é cachorro, cavalo, touro. Então, nós tínhamos raça: a raça vermelha, a raça branca, a raça amarela do mundo, né, e a raça negra. Aí, ela mostra naquela Geografia, de Gaspar de Freitas,

	com um retrato de um negro, ela diz assim: "Infelizmente, nosso povo tem o sangue desse negro, dos negros que vieram da África. Quando vocês virem um negro de fronte bem grande, vocês corram porque geralmente são tarados. Se nós temos tarados no Brasil - você vê o sistema de ensino no Brasil naquele tempo – se nós temos tarados no Brasil é por causa do povo negro, do povo do Congo principalmente, que os tarados vêm do Congo". Aquilo, ela estava falando direto comigo porque vovó era negra, a minha bisavó era do Congo, você entendeu? Aquilo calou em mim e me machucou. Eu era muito pequeno, cheguei em casa e perguntei ao meu pai o que é que era tarado. Meu pai não quis me explicar: "Ah, tarado é um homem maluco". Aí, eu chorei muito, perguntei à minha mãe, aí fui perguntar a ele: "Meu pai, escuta, na nossa família tem algum tarado? Será que na nossa família tem algum tarado?" Aí, foram e me perguntaram por que é que eu estava insistindo com aquilo? Não sei, que não tinha nenhum tarado na nossa família, não tinha, e sempre eu via a minha avó como pessoa bonita. Eu comecei enxergar o negro bonito desde criança, desde que eu nasci. Não é porque eu estudei a cultura, entendeu? Aí, eu acabo me conformando e aquilo me marcou porque eu nunca mais pude endereçar os meus objetivos a não ser estudar qualquer cultura condizente com a África, né?
Trabalho na infância e/ou adolescência	Eu tive negócios, passei pra trabalhar na minha profissão. Eu tive loja no Rio, eu tive fábrica de roupa no Rio, tive fábrica de roupa em São Paulo. Então, eu cheguei a ter até uma posse razoável, mas devido a minha religião também, eu resolvi me transferir para a Bahia. Por que? Quando eu fiz a preparação pra ser dessa religião, quando eu fiz em 1959, o meu avô deixou uma determinação pra mim, que ele não me queria morando no Rio de Janeiro, que eu me transferisse pra África ou se eu não fosse à África, que eu viesse à Bahia, que a Bahia era a continuação da África. E foi o recado que eu recebi do meu avô, eu vim à Bahia
Ser Griô	O médico disse pro meu pai que o meu remédio era banho de semente de linhaça e chá de semente de linhaça, que não ia passar nenhum remédio de alopatia pra mim. / Eu creio que eu sou Mestre Griô desde que nasci. E aí, é a nossa natureza de fazer [as coisas com] amor, entendeu? Até pouco tempo, eu entendia que a África existia, assim, duas línguas ou dois idiomas, várias línguas, várias falas, né, mas dois tipos de idiomas que fossem originários que seria os Bantus e Malês. Os malês seria o povo da África Ocidental. Quando eu estudei, eu comecei a compreender que a África para fins de estudos, foi dividida em duas grandes partes: da linha do Equador pra baixo, seriam todos Bantus, e da linha do Equador pra cima, seriam todos sudaneses. E o Sudão, isso que eu queria lembrar, o Sudão é um dos maiores países da África. Então, aquela região toda era o Sudão, eram sudaneses, a língua de origem sudanesa. Mas hoje, eu já entendo diferente. [...] um rapaz que trabalhava na Ação Griô lá em Cachoeira, Luís Antônio, não sei o sobrenome dele. Ele quem criou o Terreiro Cultural, que tinha um cine clube, ele criou o terreiro cultural, ele me chama: "Ah, você quer participar da Ação Griô?" Fez esse convite e eu aceitei porque eu já vinha ministrando aula em

	São Félix. E eu gosto de ensinar, ensinar as pessoas do candomblé porque eu vejo tanta coisa se modificando, dizendo aquilo que não é, entendeu, sendo olhado de outra maneira. E eu queria que meu povo todo visse as coisas como são, que a minha religião não tem nada a ver com Satanás. [...] Então, eu acho que hoje, essa Ação Griô, eu não vou brincar, dizer que ela veio muito tarde, mas isso sempre foi muito necessário. Eu acho um grande trabalho, um grande trabalho, uma grande coisa. O africano ensina mais é o amor. Você sabe que o ensino oral traz uma certa tranquilidade, é diferente do ensino na escola. O oral que eu estava fazendo lá na escola de Cachoeira com o meu projeto ensinando histórias, lendo as histórias para os alunos. Então, eu não dava aula em sala de aula formal, eu colocava as esteiras no chão, os alunos sentavam, eu sentava num banquinho e contava as histórias pra eles. Então, ali, aquela juventude, aquelas crianças, todas passam a amar, descobrem o amor, descobrem sentimento de união. O que a Ação Griô tá fazendo hoje é isso, a gente descobrir como nós somos importantes uns para os outros. [...] Um dia, eu ia atravessando a ponte, veio um grupo de protestantes, me agrediram, quase que me jogam no Paraguaçu: "Sai de retro, Satanás". Assim na minha frente. Então, quando eu passo em qualquer rua de Cachoeira, muita gente vira a cara porque eu sou reconhecido como uma pessoa da religião, eu sou do Candomblé Jeje, entendeu? Então, isso daí foi válido porque um rapaz que trabalhava na Ação Griô lá em Cachoeira, Luís Antônio, não sei o sobrenome dele. Ele quem criou o Terreiro Cultural, que tinha um cine clube, ele criou o Terreiro Cultural, ele me chama: "Ah, você quer Oldemar participar da Ação Griô?" Fez esse convite e eu aceitei porque eu já vinha ministrando aula em São Félix. E eu gosto de ensinar, ensinar as pessoas do candomblé porque eu vejo tanta coisa se modificando, dizendo aquilo que não é, entendeu, sendo olhado de outra maneira. E eu queria que meu povo todo visse as coisas como são, que a minha religião não tem nada a ver com Satanás. [...] Ah, a importância é muito grande porque esta questão de eu ser um Mestre Griô, essa importância de estar falando muito a minha consciência, está pagando um pouquinho daquilo que eu sempre objetivei.
Significado da entrevista	[...] Ah, eu fico muito agradecido a vocês porque assim também seja alguma coisa que fique registrado para o nosso futuro, o futuro de filhos, de netos, de bisnetos para saberem alguma coisa do Brasil, como o Brasil começou e como ele está agindo, a reação que está tendo, né, isso é muito importante.

12. CODINOME	JOANA
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Mossoró, estado do Rio Grande do Norte
Data de Nascimento: 09/01/1930	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 10/08/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Lençóis, estado da Bahia
Acesso em: 21.04.2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	Eu nasci em Mossoró, distrito de Areia Branca. Mas Mossoró mesmo, agora o arraial chama Areia Branca. Eu me criei ali, saí de Areia Branca com 13 anos de idade. Eu morava num arraial. [...] Eu acabei de me criar com meu pai. Chamava Hilário. Acabei de me criar com ele. Então, porque eu me casei, vim morar em Pomares, em Pomares eu estou até hoje. Ele [meu pai] era lavrador, trabalhava de roça, carvão, piaçava. Cortava areia de metro. A vida dele era isso. Fazia mais carvão, meu pai lidava mais com carvão. [As coisas que você mais gostava de fazer era] cantar roda. Meu pai era aquele meio carrasco, meio bravo um pouquinho, não deixava a gente ir pra lugar nenhum, a brincadeira era ali. É menina com menina. É brincar de roda, brincar de boneca. Nunca me botou pra estudar e se eu fosse estudar eu ia fazer carta pro namorado. Hoje em dia eu estou precisando de uma leitura e não tenho. Culpa dos meus pais. Porque ele era carrasco mesmo. Mocinha assim não saía mesmo. Eu, no tempo de moça, era bem vistosa. (risos) Ele tinha medo de que eu me perdesse; não queria que ninguém se metesse com a filha dele. Eu era a filha caçula. Ele tinha todo amor por mim. [...] Eram três irmãos, morreram duas, só tenho um irmão. O meu irmão chama Inocêncio Pereira da Paixão. A minha irmã chamava Guilhermina Pereira da Paixão. A outra, falecida também, chamava Nica Pereira da Paixão. [E essa mudança de cidade foi quando eu tinha 13 anos] Porque meu pai se deixou da minha mãe e se casou com outra. Aí eu fiquei com a minha mãe. Adoeci, aí meu pai veio me buscar pra acabar de me criar. Meu pai tinha mais condições que a minha mãe. Aí eu fiquei com ele.
Infância	Brincávamos muito, graças a Deus, nós éramos muito amigos. Depois que meu pai morreu, um foi pra um lado, outro foi pra outro. A minha madrasta foi [...] morar como o filho dela. A minha irmã foi morar em Camaçari, depois foi embora pra São Paulo. E eu fiquei sozinha por aí, com meu marido. Estando com meus filhos, todo ano tinha um filho. E Deus abençoou, graças a Deus. Eu não vou dizer que foi mal, nem que foi bem, levou meu marido e ficou eu sozinha pra acabar de criar os filhos. {Conheci ele] jovem, é nessa fazenda. Mas eles morando no coqueiro e eu morando na campina. Nós começamos a namorar pelos escondidos aí, escondidinho, escondido de meu pai. [...] O amor leva a gente longe, dava um jeitinho. “Eu vou na fonte pegar água!”. [Era escondido] porque meu pai não deixava de jeito nenhum encostar na porta. Quem ia encostar na porta pra namorar com filha dele? [...] Quando eu não aguentei mais, ele estava pegando demais no meu pé,

	eu fugi, fui embora.[...] Com ele eu tive 14 filhos. [...] Eu estava na base de uns 15 anos mais ou menos. [Nós fomos para] Coqueiro, nesse tempo chamava Coqueiro, hoje em dia se chama Pomares. A mãe dele morava lá, ele tinha casa. Vou ficar mesmo por aqui. Saí sozinha. Pus a trouxinha na cabeça, vou me embora. Ninguém é de ferro. Trabalhava demais também. Vou ver se acho uma melhora. A melhora que eu achei foi 14 filhos. {Trabalhava] Morando com meu marido? Piaçava. [...] Era ir pro mato tirar piaçava, chegava pra limpar e pesar. Pesava as arrobas. Vendia pro rapaz lá mesmo, do Coqueiro. Chamava seu José. Já é morto. [...] fazia vassoura de piaçava. Trabalhava com aquilo. Vendia pra ele, ele vendia pra outra indústria que já fazia a vassoura. [Meu marido também trabalhava com isso], trabalhava, nesse tempo não tinha emprego, não tinha nada. Emprego era mais piaçava e carvão.[...] Carvão era cortar as madeiras, aquele bocado mesmo vamos fazer aquela uma. Pegava uma enxada aí cavando o estradão, botava mesmo na parede assim até chegar em cima, de um lado e de outro. Em cima jogar palha, ou folha velha mesmo, jogar terra ali em cima e botar fogo. Bota fogo, queima, quando queima, sai o carvão. Vendia, ensacar no saco pra vender. Trabalhei muito, até hoje trabalho. É muito duro. Depois que meu marido morreu, que as meninas ficaram todas pequenas, dava três meninas, uma de cinco anos, outra de quatro, outra de oito. [...] 14 filhos. [...] O primeiro eu estava na base dos quinze ou dezesseis anos. Todo ano era um filho. Todo ano tinha que ter um filho, não tinha jeito, não. Não tinha televisão nesse tempo. (risos) Não tinha televisão, chegava cansada, batia um banhinho, embora dormir. Não tinha jeito.
Formação escolar	Não menciona.
Trabalho na infância / adolescência	[Trabalhava] Morando com meu marido? Piaçava. [...] Era ir pro mato tirar piaçava, chegava pra limpar e pesar. Pesava as arrobas. Vendia pro rapaz lá mesmo, do Coqueiro. Chamava seu José. Já é morto. [...] azia vassoura de piaçava. Trabalhava com aquilo. Vendia pra ele, ele vendia pra outra indústria que já fazia a vassoura. [Meu marido também trabalhava com isso], trabalhava, nesse tempo não tinha emprego, não tinha nada. Emprego era mais piaçava e carvão.[...] Carvão era cortar as madeiras, aquele bocado mesmo vamos fazer aquela uma. Pegava uma enxada, ia cavando o estradão, botava madeira até chegar em cima, de um lado e de outro. Em cima era jogar palha, ou folha velha mesmo, jogar terra ali em cima e botar fogo. Bota fogo, queima, quando queima, sai o carvão. Vendia, ensacar no saco pra vender. Trabalhei muito, até hoje trabalho. É muito duro. Depois que meu marido morreu, que as meninas ficaram todas pequenas, dava três meninas, uma de cinco anos, outra de quatro, outra de oito. [...] 14 filhos. [...] O primeiro eu estava na base dos quinze ou dezesseis anos. Todo ano era um filho. Todo ano tinha que ter um filho, não tinha jeito, não. Não tinha televisão nesse tempo. (risos) Não tinha televisão, chegava cansada, batia um banhinho, embora dormir. Não tinha jeito.

Trabalho	Eu estou viva porque o mistério de Deus é grande. / Caiu todo, meu cabelo era bonito. E comecei a minha vida.
Significado da entrevista	Minha filha, pra mim é uma alegria que Deus mandou pra mim. Eu não esperava que eu ia ser [mestre griô]. Chegar na altura que estou. É como diz a música: "Por eu ser tão pequenina, me deixaram pelo fim; por eu não saber falar, meu Jesus fala por mim." Como diz o verso. Eu não sei falar, mas Ele fala por mim. Deus deu [essa memória para mim]. Ninguém tira. Foi Deus que me deu. No tempo que eu era menina, moderna, se eu fosse numa reza, eu corria pra cá, rezando lá, louca pra chegar em casa. Sem saber ler. Sem saber nada. Eu sabia tudo. Não tinha bendito que eu não soubesse. Não tinha o bendito de um santo que eu não soubesse. Hoje em dia, eu não sei mais. Foi morrendo o pessoal, fui ficando mais triste. Deixei de ir mais em festa, porque não tinha um samba que eu não fosse. Em terra de samba, eu fazia sucesso. [...] [Dar esse depoimento representa uma] importância, muita alegria, muita felicidade, muito contente mesmo de conhecer as pessoas que eu não conhecia, como eu estou conhecendo vocês. Estou muito alegre. É muita felicidade. Graças a Deus.

13. CODINOME	**LUIZ**
Ascendência: Indígena	Local de Nascimento: Terra Indígena Nonoai, Rio da Várzea, estado do Rio Grande do Suk
Data de Nascimento	Década de Nascimento
Entrevistado em: 2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada no estado de Santa Catarina
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Nasci e me criei na terra indígena Nonoai. [...] Ela é uma pequena cidade, mas é uma cidadezinha. É um município. [O nome do meu povo] é Kagnãn Nonoai, terra indígena Nonoai. É o nome da aldeia indígena. [O nome] do meu pai e da minha mãe, eu tenho lembrança, né? Ela se chamava Margarida de Paula e o pai João Garcia. [...] Dos avós, a mãe da minha mãe pouca lembrança eu tenho do... longa passagem, quando a gente, eu na minha idade que eu estou agora já, a gente para divulgar o nome de uma pessoa assim imediatamente eu tenho que voltar muito meu pensamento através da minha idade, né? Então minhas avós, meus avôs, eu sei que eles, o avô era Garcia e da avó era de Paula, o pai dela, mãe também. Só eu não me lembro o nome delas, porque a passagem do tempo que, mas conheci elas, né? Conheci sim. Elas que ajudaram a finada minha mãe a criar nós. Velhinha muito especial, o velho também. Daí uns tempo morreram os coitados. O pai, e a mãe, a finada minha mãe, então ela morreu aqui, outra área Chapecozinho, nós viemos em um passeio. Na época o índio andava muito, andava de área de em área. Parava um pouco em uma área, depois em outra. Então era o nosso prazer era andar um visitando o outro nos toldos indígenas, era um costume indígena. Porque hoje já nós somos quase mais diferentes, é dificilmente nós

	sair para outros Toldos. Só que uma reunião, um passeio, a gente vai. Mas dizer, sair daqui, vou morar lá é bem difícil. A gente vai, às vezes, mas não é como era antes passado. [...] Nasci em terra indígena Nonoai. Lá tem uma aldeia de Guarani, hoje, sempre foi uma aldeia de Guarani. Então nasci lá dentro. Porque lá tem, ela é, tem quatro Toldos indígenas dentro de uma área só. Tem o Posto Indígena, depois tem a Bananeira, depois tem o Pinhalzinho e depois tem a Vila Alegre. E nessas quatro toldinhos é tudinho na área indígena Nonoai. Tudo dentro dela, do mesmo território.
Infância	Mas era uma beleza, aquela época era calmo. O tempo que o Getúlio Vargas mandava, era outra lei. Aquele dava mais atenção no índio. Era, que a gente via as notícias, eu tenho lembrança do outro governo, Borges de Medeiros, parece que era, então eles queriam muito bem a nação indígena. O que é que eles faziam? Lá, de vez em quando, porque lá era o soturno, era mato, não tinha estrada de carro, nada, o que é que eles faziam? Eles mandavam assim de carreta. Então ali vinha carro, mandavam foice, machado, enxada, comida, banha, tudo enfardado, para distribuir para cada um índio para ele continuar trabalhando. Só que o índio, nunca ele foi do serviço, a cultura dele é outra. Ele mais gosta de lidar com artesanato. Taquara, essas coisas. A cultura indígena é por ali. A cultura do branco agora que eles estão encaminhando, agora eles já estão compreendendo a cultura de soja, milho, o feijão. Que na época eles plantavam muito feijão e milho, né? Tempo da canjica e a quirela que falavam, mandioca, as coisas, plantavam. Criavam porco. Então eles sempre passavam bem mesmo na época. Porque naquela época tinha o, tinha fruta, peixe, caça do mato e tudo o que se dava no mato eles comiam. Tem uma fruta de canela, canela preta que diz, fruta tão boa, boa, e é saudável. Por isso que tudo aquilo é remédio. Porque a gente nota, até hoje dá para notar, tem que ter um plano assim de notar até os passarinhos, os bichinhos. A gente vai lá na mata, mata um bichinho lá, ele é bem sadiozinho, que não tem um verme sequer. E como é que ele vive na mata, né? Será que ele, alguém vai lá curar, fazer curativo nele? E não se acha um morto também, empestiadinho também não se acha. O pássaro a mesma coisa. O pássaro se mata um ele é bem sãozinho, não tem nada de, e é saudável. Comer ele é o mesmo que tomar um copo de remédio, porque ele é sadio, ele come só frutinha do mato, e ele é bem sadiozinho. Não tem nada contra ele. Então na época que nós éramos assim, era a mesma coisa do bicho do mato. Nós, o nosso alimento era a mata, hoje não existe mais.
Formação escolar	Para nós aprender? Era com os próprios velhos, né? Os velhos sabiam tudo, tudo. Não tinha coisa, que eles eram das épocas mais dificuldade ainda que as nossas épocas, os velhos antigos. Então já sabiam o modo da vida deles, né? Então eles passavam para nós
Trabalho na infância / adolescência	Pois é, na aldeia a nossa vida era, nós plantávamos pouco, porque plantar bastante não adiantava. Nosso comércio era muito mais para comprar um sal. Nós tínhamos que caminhar, às vezes, 10, 12 quilômetros com o produto nas costas. Atilhava o milho, né? Você não entende o que é tilha, mas a tilha é quatro espigas de milho. Pega, rasga a palha, faz o rabichinho na palha, aqui ata ele, aquele

	rabichinho. Ficam quatro espigas. Então a gente pendura uma para cá, e duas para cá, e umas duas para cá, fica grudado ali. Nós fazíamos seis, assim, numa volta de taquara, botava na testa e levava aquele milho ateado. Porque naquela época era difícil até bolsa, não existia, né? Fazia um cesto também, um balaio grande assim, enchia de milho, feijão. Nós levava longe, comprar erva, às vezes, que muitos velhos já, na época, era acostumado a tomar chimarrão. O tempo que eu era criança, né? Era muito custoso de nós comprarmos o que era do branco. Nós comprávamos mais sal. Porque o sal para tudo quanto é comida nossa ele servia. As folhas de mato que nós comíamos. Tem várias, várias folhas de mato que era nossa comida. Cozinhava, botava um pouco de sal e ali nós comíamos ele. Depois nós comíamos mel, comíamos outras frutas, o pinhão, no tempo, na época de pinhão. Porque o pinhão ele, na época, aquela época, ele dava uma safra de pinhão que os índios não venciam. Dava mesmo. Eu ia debaixo de um pinheiro aquilo vermelhava, dava para juntar com a mão assim, e jogar no cesto. Então o que é que nós fazíamos? Nós enchíamos aquele balainho assim, e as velhinhas elas mandava nós trazer, fazia cerro de balaio cheio de pinhão. Ela bota as folhas por cima, de mato, uma samambaia preta que tem no mato, em cima ali. Tampava. Assava bem datadinho por cima. Fazia uma toca no chão botava ele ali, três, quatro cestas. Quando ela tirava uma cesta, que ela gastava aquilo ali em quatro, seis, oito dias, ela ia lá tirava outro. Passava o ano tranquilamente com o pinhão. Era a mistura que ela tinha. Ela guardava. E aqueles que guardavam pouco e não dava para vencer a outra safra sofriam também. Mas não sofriam tanto porque eles tinham o mel, tinham a caça, tinham a abelha, tinha tudo.
Trabalho	Eu acho muito bom ajudar essas pessoas que estão interessadas, como a Odila, o Carlos e outros griô que estão lá. Também peço que eles tenham coragem como eu tenho, assim de chegar em uma repartição e explicar o que eles querem. Falar a verdade que a verdade sempre é pura. A verdade a gente tem que continuar falando ela, não jogando ela no lixo, como diz. Agora, o que não presta, o que não é de valor tem que passar por cima e deixar para lá. A mente que a gente tem, tem que ter a experiência para a gente para soltar para os outros que os outros, para soltar lá na frente. Porque eu, a minha experiência ela está encurtando, ela está indo para trás. Ela não está indo mais para a frente. Claro, eu me sinto cada dia que passa outro Jorge, pela passagem do tempo que eu passei. Me sinto sim. Eu fui um homem muito forte, muito sadio. Mas hoje já me sinto pesado, eu mesmo. Então tudo que eu tenho de soltar que precisam de mim, um prêmio, é idéia, uma coisa, eu estou soltando para as pessoas que procuram. É um bem que eu faço para as pessoas que querem saber o que eu passei para trás.
Significado da entrevista	Mas eu também fico muito obrigado em te contar um pouquinho dessa história que a gente sabe que, tudo que a gente passou e tem alguma coisa para passar. Porque eu canso de falar que a minha vida está ficando curta, né, com a idade. Que diz que antes da gente começar a caducar e falar bobagem, daí não, tem que [pssar] para os filhos que estão se criando hoje, então a gente está tentando fazer eles

	entender que uma verdade seja uma verdade, e o que não é verdade não é verdade. Seja como [for] são sempre as pessoas, é preciso assim mesmo para ajudar a criar o povo, né? Que o povo é como a gente está enxergando. [...] Mas eu acho que também vale bastante você pegar uma experiência minha. Porque eu gosto de pegar a experiência de um jovem para mim contar para outro jovem lá. Falei com Fulano de Tal, tipo assim, assim, assim. Para ele ficar sabendo como a gente fala com pessoa de importância.

14. CODINOME	**MIMINHA**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro
Data de Nascimento: 12/11/1939	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 21/04/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Lençóis, estado da Bahia
Acesso em: 21.04.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Meu nome é XXX, eu tenho o apelido de XXX como todo mundo me conhece, eu nasci em 2 de novembro 1939 no Rio de Janeiro, eu moro atualmente na Alameda das Américas, segunda travessa, número 8 casa 11. [...] É, chama-se, o local, Engenho Velho de Brotas, em Salvador, porque é um local bastante cheio de causos, cheio de histórias e lá tinha dois engenhos. Um era o engenho velho da federação, do lado direito de quem vai e o outro era o Engenho Velho de Brotas, do lado esquerdo de quem vai, né, ou sobe para o centro, e eu tô bem próxima da casa onde viveu Castro Alves, que chama-se Solar Boa Vista. [...] Meu pai chamava-se Ademar de Souza e Silva, era correieiro, porém ele tinha como profissão oficial sapateiro e minha mãe sempre foi dona de casa desde pequenininha, nem sei se dá... Eu não quero nem que ela escute isso, que ela assista em algum momento, porque a minha mãe, o pai dela era espanhol, minha avó muito negra e ela não foi aceita na comunidade dela porque ela nasceu com a pele clara, muito clara, olhos castanhos claros, então ela teve que ser entregue a uma família pra que cuidassem dela, então ela sempre trabalhou desde pequenininha, não é, então levou toda vida até um certo tempo, depois que ela se tornou comerciante daquilo que ela aprendeu, se tornou comerciante, depois não teve mais necessidade de ser comerciante.
Infância	Bem a minha infância foi muito feliz, pra idade que eu tenho hoje, eu fui uma criança que tive todos os brinquedos que vocês possam imaginar, meu pai sempre trabalhando e minha mãe também, eu considero uma mulher, pra idade dela hoje, uma feminista porque ela ia trabalhar, pra trabalhar, eu ficava em casa com minha irmã. Então eu fui feliz porque eu tive todos os brinquedos que você possam imaginar, e eu tive coisas na minha vida, por exemplo, eu tive uma tia que era governanta de uma família alemã, essa família eu lembro que morava em Santa Tereza, um bairro que tem no Rio e se eu quisesse alguma coisa tinha que pedir em alemão e eu aprendi. Em

	46 eu vou pra escola e eu falava as 2 línguas, então eu tinha que esquecer o alemão pra falar português e é cheia de aventuras a minha vida. E eu lembro, em pleno a guerra, eu fiz aniversário, é uma coisa muito forte na minha vida, eu fiz aniversário e meu disse: "Eu não vou te dar um bom presente porque nós estamos em guerra, mas vamos na sapataria", e comprou uma coisa pra mim que poucas pessoas tinham, sapato de verniz que chamava-se boneca, hoje, então eu tinha um sapato boneca, eu tinha, eu fui criança que tinha luvas, fui criança que tinha chapéu, fui criança que tinha conjunto de argola com colar igual, então eu fui uma criança muito feliz. Eu tive... Uma das coisas mais interessantes na minha infância, eu tinha a primeira boneca que a estrela fez que tomava mamadeira e fazia xixi, primeira boneca, eu tive… Eu tinha uma bonequinha de corda, alemã, lembrança de minha mãe alemã, era uma, eu chamava ela Mutter Meiner, então a gente dava corda na boneca, a boneca tinha espelho e um “blushezinho”, aí quando dava corda ela fazia assim... No rosto. Então o primeiro livro de história que eu ganhei chamava–se Pinóquio, uma tia minha chamada Leni me deu o Pinóquio, eu não gostei muito porque o livro era grande e grosso e criança é preguiçoso, quer brincar, né, ainda mais que eu tinha todo tipo de brinquedo, graças a Deus. Então essa infância muito feliz que eu tive, ela me deu muitas forças quando eu me tornei adulta e passei as adversidades da vida, eu tive muita força com isso, porque a minha infância foi feliz.
Formação escolar	Bem, eu fui pra escola por força da pessoa, de Mutter Meiner querer ir pra Alemanha e me levar, aí mamãe disse: "Se a senhora fica no Brasil, ela fica, mas pra senhora levar eu não deixo", aí eu fiquei com ela até as vésperas de ir embora e voltei pra minha casa, então em 1946, me parece, ou 45, eu não me lembro... Acho que 46 eu fui estudar numa escola chamada Escola Francisco Cabrita e a minha primeira professora chamava-se dona Célia, era muito meiga, mas quando eu fui pra escola eu já sabia ler, que eu já tinha aprendido a ler e a contar... [com a] mamãe, eu já sabia ler e escrever e nesse ano quando eu passei pro segundo ano primário, eu recebi um livro que infelizmente eu não consigo lembrar a história toda, a história da formiguinha, o meu era fininho, a formiguinha que sempre perguntava até ela chegar a Deus, então quando ela chega a Deus ela entende a vida, isso eu tinha de sete pra oito anos quando eu ganhei [o livro] A formiguinha. [...] Ah, era uma escola antiga que tinha dois andares, a primeira parte da escola muito grande, o nome da rua é Avenida Melo Matos, na Tijuca e no fundo tinha, então, várias salas, várias salas, tinha um grande refeitório, tinha um grande pátio, tinha muita fruta, mas não podia pegar nenhuma, não se tocava em nenhuma. Foi boa a escola, mas quando eu mudei de professora, ai, ai... Eu não queria passar de ano pra não deixar a professora [...]Aí ela disse: "Mas se você passar eu vou estar com você." Mas que nada... Eu passei e ela continuou com a turma dela e dali a gente vai crescendo, vai passando por tantas histórias, mas parece que eu comecei mesmo a que a vida não era aquilo a partir da escola, quando eu queria ficar com a professora, eu gostava muito dela, aí disse:

	"Não, você vai passar pra outra turma, vai passar de ano, mas você vai passar..." Eu disse: “A senhora vai comigo?” "Claro que eu vou." Aí começou as decepções, mas eu já sei que era uma coisa importante, hoje eu sei que quem labuta com criança, o que é a pessoa que a criança faz uma imagem, né, então eu tenho muitas crianças hoje, mas elas criam vínculos e o pior também e que a gente também cria vínculos com eles, é muito triste, é muito triste...
Trabalho na infância e/ou adolescência	Eu queria um trabalho, fui trabalhar, fui ser, como se chama, aqui, chama cobradora de ônibus e ali comecei a passar por muitas histórias, muitas experiências, conviver com muitos tipos de pessoas, conhecer todas as reações, entende, e o motivo da vida da pessoa, que não era o meu, né, eu não tive essa vida que eu vim ver aqui de muita fartura, tudo bom tudo bem. Aí foi quando coloquei meu pé no chão realmente, entendeu, eu fui conhecer o valor do ser humano, porque antes era tudo as coisas do sul que você sabe melhor do que eu... [...] quando comecei a trabalhar como cobradora, vivenciei várias experiências... Ah, muitas histórias, umas muito interessantes outras muito tristes. [...] Então foi muito interessante para mim; quando eu não pude mais cobrar carro, tive que me aposentar porque fiquei com problema nos dois joelhos e fui trabalhar com meu pai Fatumbi Pierre Verger, foi trabalhar com fotografia a partir de um projeto de Angela Lühning, que é diretora da fundação Pierre Verger, e eu tive a oportunidade de trabalhar com 11 mil fotos dele. Ele tem 62 mil e se eu pudesse eu queria que ele estivesse aqui agora vivo, mas todo trabalho que eu pudesse ter com ele aprendendo, porque novamente uma outra fase da vida foi quando eu entrei naquele mundo de pessoas antigas que eu comecei identificar quem eram e outras que ele começou a me ensinar quem eram. E quando eu entrei na África, eu digo: “Entrei na África com ele”, comecei a foto número um, tem o título: The Arrival, a chegada, a foto número um, ele {Pierre Verger] começa na África pelas antigas colônias. Argélia, aí ele está assim, o navio para entrando no porto, aí ele pega a máquina dele, conforme o navio vai se aproximando de começa fotografar, a número um, ele vai para as primeiras colônias francesas. Aí ele começa a trabalhar comigo, começa a me ensinar, eu dizia: “Meu pai, como é que o senhor fazia…” Ele já era conhecido, eu já conhecia ele pelo livro d'Afriqué. Então ele era um homem, desde 46 aqui, e ele tinha os títulos do terreiro do qual eu sou neta, que é Ilê Axé Opó Afonjá. Então eu dizia assim: “Meu pai, venha cá…” A família dele, ele era de uma família burguesa, e toda sua família já tinha morrido, então o que foi que ele começou a fazer? Começou a trabalhar com fotografia e saiu da França e, ele vendia as fotos para turismo no caminho. Então eu comecei... a primeira coisa, antes de chegar a minha natureza, eu fui aprender sobre a África do Norte, eu fui aprender sobre os Casbá, eu fui aprender sobre os Tuaregues, eu fui aprender sobre Máli, foi aprender sobre Senegal; primeiramente Argélia, toda aquela parte da África do Norte, primeira parte, África do norte. Aí ele disse: "Aqui está a Ilha de Goé onde tinham um Forte que se botava escravos.” Aí, toda a visita, toda aquela coisa. Aí eu fui perguntar sobre os Tuaregues, que era Tuaregue, aí ele me

	mostrava a foto; eu ficava, com uma lente deste tamanho, olhando o rosto, os olhos, e aí até chegar na mistura, como é que misturavam com a cor do outro, como se aí aquele tipo um... Isso tudo eu aprendi, tudo, um já sabia identificar quando era um túmulo no deserto, quando era um casbá, tudo, aquela coisa é impressionante, aquela vida... Tem uma coisa importante que quando a gente está na África do Norte, ele conta, uma noite de Natal viu chegar a cinco mil camelos trazendo sal, ele nunca tinha visto aquilo e coisas para trocarem em Níger, e aquela gente, e aquelas mulheres... O camelo chega com sede. Gente, aquelas mulheres com os braços fininhos, aquela pele toda queimada do deserto, ninguém sabe que cor ela tem... A foto, com o cabelo em pé, ela segura aqui e vai abaixa o camelo devargazinho para ele beber água, aquelas crianças enchem aqueles tanques de água e elas trabalham, trabalham. Aí eu comecei a ver a situação das pessoas, as necessidades de cada qual, o costume de cada qual, isso tudo é escola para mim, foi o meu melhor professor... Aí quando eu saio da África do Norte, eu entro no antigo Congo, hoje eu nem sei dizer o nome, porque no tempo que eu trabalhei com ele eu sabia muito bem, Congo belga e Congo francês, o que hoje são republiquetas, que eu chamo, eram umas cidades à época que ele esteve lá, agora, claro, hoje eu sei dizer porque virou republiqueta, porque as etnias mais fortes declaravam guerras às etnias mais fracas, tudo eu aprendi com Pierre Verger. Aí decidi tudo aquilo para poder chegar, então, naquilo que hoje eu falo, é a África do Oeste, da qual fez, que formou esse povo da Bahia, a maior concentração de negros fora da África. O negro baiano, sua composição maior, maior historicamente é no final do século 18 com povos que vieram a maioria da Nigéria, que foi para abastecer, abastecer a cidade, o povo da Nigéria começa a ser jogado no mundo através de um negreiro chamado Francisco Félix de Souza que sai do Rio de Janeiro e 1810 que torna o maior negreiro de todos os tempos, ninguém vendeu mais escravos para o mundo do que ele, mas em todo mundo ele vendeu, ele dizimou a cidade nigeriana de Ketu, todo aquele povo foi vendido como escravo e a cidade de Ketu foi anexada ao Daomé, antigo Daomé que hoje se chama Benin. O povo do Benin, então, vendeu o povo de Ketu, o povo Yorùbá, de várias etnias no caso para este negreiro que vivia no Benin em Porto Novo e ele se tornou tão importante, tão rico que o próprio rei teve medo dele. Veio também o povo de Gana, tem o Yorùbá, tem o próprio povo do Daomé, que vem em menor número, que é o povo Fon. Povo de língua ewe, que é o povo do Tôgo eu povo de Gana. Então nós temos primeiramente, antes do século 18, os primeiros que chegam são: Congo e os sudaneses, porém por esses povos, o Congo vem com os portugueses de suas posições, mas os sudaneses, o nome está dizendo, vem do o Sudão, era parte da África do Norte e tinha que ser comprado na mão dos árabes, então eles vinham em situação pior do que aqueles que eles pegavam a pulsos e colocavam no navio negreiro e trazia. Então uma parte mesmo fundamental da cultura baiana vem desses 4 povos: o povo de Gana, que você já ouviram dizer negra Nina, porque eram negras que tinham Congo... Gana é

	um país que tinha muito dinheiro, muito dinheiro, a gente diz muito ouro e ao tempo que eu estudei chamava a Costa do Ouro e aí traz Ninas, as negras e os negros Ninas, traz o povo do Togo, o povo Yorùbá e finalmente por motivos políticos aí chega o Fon, o povo Fon chega muito no Rio de Janeiro pela Pedra do Sal, né, que é chamado, a gente conhece como povo Jeje, de culturas diferentes, mas que dentro das senzalas todos eles foram juntados, né, colocados juntos porque para o colonizador e à época, eles falando línguas diferentes não fariam levantes, então coloca pessoas de línguas diferentes, por isso os que sobrevivem têm suas crenças e ela são adaptadas diferentemente de uns para os outros, não é, mas toda a nossa história está calcada nesses quatro países, a parte mais forte aqui.
Ser Griô	Bom, a Ação Griô pra mim, a importância da Ação Griô é acordar o que estava esquecido, porque infelizmente o povo brasileiro não tem memória, ele lembra uma coisa aqui, daqui uma meia hora ele já esqueceu porque ele não anotou, ele não ensinou, ele não desenhou, ele não pintou... Ele não registrou! Então, com a Ação Griô, o que a Ação Griô faz? A Ação Griô resgata aqueles conhecimentos que estavam adormecidos, mas que na realidade a gente não tinha oportunidade de contar, de falar, porque talvez não interessasse a outras pessoas saber desse conhecimento e querer que o brasileiro continue sem memória, então pra mim a Ação Griô vem resgatar tudo isso, entendeu, não importa, eu não passei na universidade, a minha universidade é a da vida, não é, eu não tenho uma linguagem elaborada, uma linguagem cheia de “esses”, cheia de “erres”, mas eu tenho aquela que a criança me escuta, aquela que eu falo e eles não esquecem, entendeu? Então a Ação Griô pra mim, veio resgatar tudo isso, a forma natural de se aprender a viver.
Significado da entrevista	Bom, a Ação Griô pra mim, a importância da Ação Griô é acordar o que estava esquecido, porque infelizmente o povo brasileiro não tem memória, ele lembra uma coisa aqui, daqui uma meia hora ele já esqueceu porque ele não anotou, ele não ensinou, ele não desenhou, ele não pintou... Ele não registrou! Então, com a Ação Griô, o que a Ação Griô faz? A Ação Griô resgata aqueles conhecimentos que estavam adormecidos, mas que na realidade a gente não tinha oportunidade de contar, de falar, porque talvez não interessasse a outras pessoas saber desse conhecimento e querer que o brasileiro continue sem memória, então pra mim a Ação Griô vem resgatar tudo isso, entendeu, não importa, eu não passei na universidade, a minha universidade é a da vida, não é, eu não tenho uma linguagem elaborada, uma linguagem cheia de ésses, cheia de erres, mas eu tenho aquela que a criança me escuta, aquela que eu falo e eles não esquecem, entendeu? Então a Ação Griô pra mim, veio resgatar tudo isso, a forma natural de se aprender a viver. [...] Bem, eu não imaginava isso, né, eu não sabia nem se eu ia poder chegar aqui, com esses ossos todos remendados! Eu disse: “Ô, meu Deus, se chegar um pedaço de Sissi está bom”, mas felizmente Sissi chegou inteira. Então foi um grande prazer para mim conhecer outras partes da minha própria cultura com outras influências e fazer, como se diz, eu

	não gosto da palavra globalização não, mas a gente pegou um pouco de cada coisa que eu aprendi e o meu caminho é aprender muito mais e quem sabe, se Deus quer, se Oxalá quer e Ifá quer, eu posso participar de uma outra, quem sabe? E eu quero que a Ação Griô cresça por muito, muito tempo, muitos anos e tenha um caminho que não seja só num papel e que depois vire um projeto esquecido, eu quero que seja um projeto, uma escola viva para sempre, que em todos os momentos que poder, que alguém poder apresentar esse projeto e trazer mais pessoas e entrar em mais locais, entrar em mais escolas, será realmente uma coisa pra mim que eu tenho muito amor que é a nossa ancestralidade, é não esquecer os nossos saberes porque um povo sem memória não tem alma.

15. CODINOME	**RAIMUNDA**
Ascendência : Indígena/europeia	Local de Nascimento: Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul
Data de Nascimento: 28/08/1961	Década de Nascimento: 1960
Entrevistada em: 20/10/2007	Modo da entrevista: Presencial - Entrevista gravada em Alter do Chão, estado do Pará
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Eu vivi no campo até os 17 anos. [...] Todo o aprendizado de grupo, de compromisso com o outro começou nesse processo, né? No trabalho coletivo, né? Muito interessante. Acho que todo mundo, é fundamental na vida da gente uma vivência, um... Uma vivência mesmo, rural. Isso mexe com todos os sentidos da gente, toda a concepção de mundo. Eu me sinto, eu me sinto... Hoje eu vivo numa cidade pequena, mas num centro urbano. Não gostaria hoje de viver no campo, mas eu continuo uma camponesa, né? Dentro do espaço urbano, mas é uma camponesa. É a minha alma, o meu... Tudo é de camponesa. [...] O meu bisavô paterno, eu não sei se ele nasceu ou se ele veio pequeno da Itália, né? Então, tem italiano. E a minha bisavó materna era kaingang. Depois que eu fui me dar conta da importância disso, eu vou ter, se eu quiser resgatar isso, eu vou ter que fazer um trabalho enorme. Que eu não sei aonde está essas raízes, né? Mas é importante. E também tem portugueses no meio aí. E tem a minha avó, que é viva até agora, que é, o que se chama no Rio Grande do Sul, pelo duro. Ela tá com 86 e está com o cabelo pretinho. Ai que bom que isso eu herdei dela! Então, é essa mistura, essa salada que nós somos. Eu tenho muito isso, do italiano, tem muita essa coisa, né? Mas tem uma coisa que, do indígena, de começar a ouvir e da ligação com a terra profunda.
Infância	As lembranças é de acordar, tomar chimarrão com eles. De dormir na cama deles, né? E da conversa, que ela gostava de uma conversa... Meu Deus do céu. Gostava de ficar na janela e saber da vida de todo mundo. Então, isso é engraçado, que eu chegava e ela queria saber de todas as novidades. E essa... A comida pra todo mundo. A vó Georgina... Eu acho que é isso. [Ela fazia] toda a comida italiana,

	né? Polenta de manhã, polenta à noite... Ela gostava de muita gordura, então a gente vivia cuidando dela pra não... Quando a gente virava as costas, ela colocava uma, duas colheres de banha na comida dela, né? E fazia umas cucas maravilhosas também. Que daí entra o alemão na coisa, mas tem muito isso no Rio Grande do Sul, né? E eu digo que hoje eu tenho o privilégio de viver no Norte, né? Mas digo que isso é um privilégio porque me criei entre europeus, entre alemães e italianos e dentro de uma concepção luterana, que eu não sou, mas isso teve uma influência danada na questão do trabalho, né? Daquela questão luterana do trabalho de todos os dias, você tem que... Então, é meio viciada em trabalho e a rigidez que vem, né?
Formação escolar	O meu aprendizado, acho que é mais externo. Eu aprendi mais com os homens da minha família, eu acho. Mais com o meu pai, mas com os tios, com avôs, que até hoje cozinha não é o meu forte, né? Então, era questão de, a questão de plantação, de roça. Então, isso sim... O tempo da lua cheia, o tempo da minguante, na minguante tu planta as plantas de raiz, né? Não se sabia cientificamente porque, mas era, se plantava, naquela época... Na tal lua, tu corta a alfafa, e assim... Então os ciclos da plantação, né? Isso é o saber mais próximo. E das ervas, né? Isso é chá pra isso, aquele pra outro, né? Então, hoje eu identifico, tenho essa proximidade com as plantas. Mas não... Dentro de casa, as artes, os crochês, os tricôs, conheço isso, mas não tenho, não peguei essas habilidades, né, não me interessava. Me interessava tá lá montando a cavalo ou tirando leite, nessas outras lidas mais externas, ao ar livre. [...] A escola... É, a escola foi em lugares distantes, né? Então, a gente caminhava muito pra ir em alguns cantos e hoje eu vejo isso em outro processo que a gente vive, mas... A escola foi interessante.
Trabalho na infância e/ou adolescência	O teatro começou... Eu já tinha um envolvimento com literatura no Rio Grande do Sul, né, com a literatura regional, conhecia alguns poetas interessantes, e muito com a música nativa também. Então, aquela coisa de terra mesmo, né? Quando eu cheguei em Roraima, eu conhecia muito mais Mercedes Sosa [...] do que Elba Ramalho, que eu nem sabia que ela existia. E logo que eu cheguei em Roraima, né? Então, a minha formação se deu toda lá, né, participando de vários grupos. Aí teve um momento, quando eu fui pra Roraima era território federal. Por isso que tem pessoas de vários Estados, que era uma oportunidade de ocupação bacana lá. Quando passou a território, quem era funcionário público foi embora, pediu sua redistribuição e foi embora. Aí ficaram alguns, que não quiseram ir. Inclusive o meu parceiro hoje, de grupo, aí a gente deu uma avaliada: “Epa!Pera aí. Ficamos nós, então não podemos ficar fragmentados”. E aí a gente se juntou e construiu o grupo. “Vamos começar. Então vamos juntar as nossa experiências.” E a gente vem nessa caminhada desde o início dos anos 90, porque essa debandada ocorreu depois de 88, né, foi quando passou a território e os anos 90... Por aí. E a gente já teve momentos de troca muito importante, né? Um Estado pequeno, com 15 municípios, que, em um momento tem 11 grupos de teatro produzindo na capital, isso é um movimento bom, né?

Ser Griô	É, os mestres é uma coisa que me mobiliza internamente há muito tempo. Muito, sempre. Os cantadores do Nordeste, eu acho, eles sempre me encantaram. Então, quando eu conheci o livro da pedagogia Griô, falei: "Uau, isso que eu quero". E a nossa mestra, que tá no projeto com a gente, eu conheço ela desde 2001. Aí, quando eu vi essa criatura falando, eu digo: "Ainda vou fazer um trabalho com ela". Quando implantamos as atividades do Ponto de Cultura na vila onde ela mora, ela foi uma das primeiras pessoas que eu convidei pra vir pras reuniões de articulação com as lideranças. E ela já estava com a gente no processo, né? Como a Dona Maura também, que é da mesma comunidade, que trabalha com folhas. Como o Zé, que é da outra comunidade, que é o artesão que faz o reaproveitamento de madeira, cascas, sementes, né? E, então, tem outra vila. Aí, quando lançaram o edital, aí nós ficamos buscando na vila, nessa outra vila, a Nova Colina, que tivesse o perfil e a gente começou a observar um vassoureiro, um artesão que trabalha com vassouras, com cipó, faz umas coisas lindas. Mas a gente sentiu que ele não tinha o perfil de vir para o grupo, para o coletivo. Daí nós... "Não vai dar para convidá-lo. Essa vila vai ficar sem, por enquanto, né?" Então, ele já estava integrado, a gente não sabia ainda, e estava começando a construir alguma coisa pra ver como, principalmente a história, né, porque uma coisa que a gente está buscando nessas vilas e a gente sempre achou importante a presença deles, é a memória dessas vilas, porque são vilas que estão do lado da BR 104, que liga Roraima ao Amazonas e Venezuela e é essa coisa, essa colcha de retalhos, pessoas vindo de vários lugares do país. Então, ali a gente entrou na ação com eles nessa perspectiva, de resgatar essas histórias. E a entrada da Dona Benê traz uma coisa, na ação, traz uma coisa importante, que é... Tem muito maranhense em Roraima. Eles vieram uma, por uma circunstância política de um governador que trouxe os eleitores do Maranhão para lá. Então, se diz no dito popular: "O maior trabalho social feito no Maranhão foi feito por Roraima". Isso criou... Vieram muitas pessoas com pouca qualificação, aí criou uma fricção, um atrito. Hoje, assim, Roraima, para falar de maranhense, é uma coisa que se desqualifica: "Ah, isso é coisa de maranhense". Então, na comunidade que a Dona Benê vive, é uma comunidade muito introspectiva, mas muito. E a gente começou a ver porque, o que que tem nessa comunidade que todo mundo é trancadinho, né? Aí fomos fazer uma pesquisa, a comunidade foi originada em torno de um acampamento militar, que foi para construir a BR. Então, a gente fez as nossas viagens. Então, o pessoal tá trancado, tá na retaguarda e a Dona Benê sempre cantou essas músicas, sempre falava do Lindô. Mas a gente começou a ver com as crianças e os adolescentes: "Vocês conhecem Lindô?" "Não." Ninguém sabia nada. Conversava com as pessoas e ninguém sabia, ninguém lembrava. E aí... Quando a Dona Benê começou a fazer esse trabalho com o grupo de teatro, a memória veio à tona de todo mundo. Todo mundo começou a lembrar que sabe também, né?

SIGNIFICADO DA ENTREVISTA	Legal e desafiador, porque tu tem que ficar pensando aqui na... Vocês ficam perguntando coisas que a gente não estava pensando, então tu tem que ir fluindo (riso). E fluindo e... "Será que eu esqueci de dizer algo importante? Será que eu..." Mas, bacana...

16. CODINOME	**SANDRO**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Pelotas, estado do Rio Grande do Sul
Data de Nascimento: 27/06/1936	Década de Nascimento: 1930
Entrevistado em: 21/04/2007	Modo da entrevista: Presencial – Entrevista gravada Santa Catarina
Acesso em: 01.05.2021	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	eu sou natural da cidade de Pelotas do Rio Grande do Sul, 250 km adiante de Porto de Alegre. E eu nasci em Pelotas em 1936. Portanto, eu "tô" com 71 anos. [O nome da minha mãe é] Bernardina Meirelles Batista [e do meu pai é] Ramón Batista. [...]Meu pai era oleiro. Trabalhava em olaria. E a minha mãe era doméstica.[...] O meu pai era encarregado de uma seção de manilhas. Manilhas, naquela época, se usava muito em esgoto. Ainda não "existia esses canos" práticos, né, de "brasilite", e se usa manilha de barro vidrada. E ele trabalhava na Cerâmica Pelotense. E a Cerâmica Pelotense na época... Inclusive, eu acho assim, no meu ver, que ela tava muito adiantada pra época, por que ela quebrou em 1959... Em 59 ela quebrou, desistiu. [...] O meu pai nasceu no Uruguai, na província de Melo. E o meu avô, pai do meu pai, ele era do exercito lá no Uruguai, deu uma revolução lá e o pai do meu pai teve que fugir para o Brasil e trouxe as crianças junto. E o meu pai entrou aqui por Jaguarão, né, e veio se instalar em Pelotas. Não voltou mais, até a época que eu me lembro ele tinha a língua meio enrolada, ele não conseguiu assumir o idioma, o português na sua totalidade. A ele também tenho os meus respeitos, a minha saudade, foi ele que meu a educação, "teja" aonde ele "teje", muita luz pra ele.
Infância	Olha, eu pude até dizer que eu tive uma infância. Hoje a gente vê essas crianças cheirando cola, viciado em cocaína, usando craque, tudo essas porcaria que "tão" aí, né? E na minha época não existia isso, por que nós tínhamos uma infantilidade, muito assim, como é que eu vou explicar... Muito saudável. Então, nos brincávamos. Era uma época inclusive... Por que em Pelotas teve bonde, né? Existia bonde em Pelotas e até agora não tinha nada o que fazer, então a gente se dependurava nos bondes pra, na época nós dizíamos, pra gozar... Nós dizíamos: "Vamos gozar." Quando chegava perto do fim da linha nós puxávamos a corda, que era a ligação do bonde, que o bonde era elétrico, tinha um fio em cima que ocorria a alavanca que passava a corrente pro bonde elétrico. E nós puxávamos. No momento que "nós cortava" aquilo ali o bonde parava e nós saiamos disparando. Era uma infância muito saudável. Tinha diversos tipos de brincadeira, na época, a gente jogava bolinha de unha que chama

	hoje, bolinha de gude, a gente jogava buraco, fazia o triangula e pulava ali em cima... Teve diversos tipos de brincadeira que a gente fazia quando era mais jovem.
Formação escolar	E o meu pai era analfabeto, "a minha mãe semi-analfabeto". Então, a gente tinha "inúmera dificuldade" pra se sustentar, pra sobreviver na época. E, então, meu pai disse que eu ia parar de estudar, é por isso que eu deixei o primário. Eu não consegui ir além do primário, por que meu pai disse pra mim que "eu fosse parar de estudar" e fosse trabalhar. Na época eu me lembro que a minha mãe: "Mas, o nego tá tão adiantado! Já ta no quinto ano aí." E ele disse: "Mas, já ta bom de estudar. Já aprendeu a ler e a escrever. E mesmo que nego nunca vai ser doutor. Então, ele vai trabalhar pra ajudar a criar os irmãos dele". Foi quando eu trabalhar na Cerâmica Pelotense. É mais ou menos o que eu me lembro, por que já faz muitos anos, já. Eu tô com "71 ano", né? Eu tô falando de praticamente, 65 anos atrás é muita coisa, né? É isso aí.
Trabalho na infância e/ou adolescência	[...] Eu digo isso, até com um pouco de emoção, por que quando eu entrei pra Cerâmica Pelotense eu tinha 16 anos, eu era muito jovem. E ninguém esperava, por exemplo, que a Cerâmica Pelotense fosse quebrar! Por que ela tinha um movimento muito grande de venda de material. Ela vendia material pra todo o estado do Rio Grande do Sul. E pra surpresa nossa foi anunciada a quebra da Cerâmica Pelotense. Então, eu digo isso hoje, com muita tristeza... E inclusive fez parte do meu início de venda, nesta vida, né? E lá trabalhava eu, trabalhava o meu irmão, trabalhava o meu pai, trabalhava um tio meu, por parte... um irmão da minha mãe. Então, quando faliu a Cerâmica Pelotense... Eu "tô" falando, praticamente, da minha mocidade e é por isso que eu me emociono. [...] Eu me lembro com muitas saudades, "apesar que" a partir daí, de uma certa época, eu passei a me comprometer mais com o social. Meus pais tinham vaca de leite e eu tinha que levar de manhã as vacas pros campo e depois de noite teria que buscar. E eu ia ajudar o parceiro do meu pai, também a ordenhar as vacas. Aprendi, inclusive, a tirar leite. Entregava leite. E a partir daí o meu tempo de criança foi se eximindo, né? Então, as brincadeiras, praticamente, foram parando. Eu muito jovem eu já comecei a assumir a casa, que nós éramos cinco irmãos. Eu digo éramos por que uma irmã já foi embora, já partiu pro mundo espiritual.
Significado da entrevista	Não, não tem nada que agradecer. Eu que agradeço, certo? Por que vocês pertencem ao quarto poder, certo? E o quarto poder decide. O quarto poder tem mais força do que os outros "três poder". Eu me sinto muito privilegiado por vocês me convidar a dar essa entrevista que a partir daí, eu "to" falando com o mundo. Tem muita gente que não me conhece e passa agora a me conhecer. Que essa mensagem que eu "tô" dando aqui, que vocês estão me proporcionando, é pro mundo. Eu agradeço essa oportunidade e assim que vocês precisarem de mais alguma coisa, alguma informação vocês tem meu telefone, tem o meu endereço, e pelo amor de Deus, não me abandone, eu preciso de vocês.

17. CODINOME	VALDOMIRO
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento: São José do Egito, estado de Pernambuco
Data de Nascimento: 24/05/1943	Década de Nascimento: 1940
Entrevistado em: Julho de 2007	Modo da entrevista: Presencial, entrevista gravada na Serra do Cipó, estado de Minas Gerais
01/05/2021	

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem (rural)	Pois é, o meu nome de nascimento é xxx, [...] é porque em São Paulo, em 73, eu tocava a música de João do Pife, aí lá mesmo, sem eu falar e sem nada. Eu toco umas musiquinha dele. E então, rolou, rolou isso, viajei pra Pernambuco, depois vim pra Brasília, em Brasília tocando também o Pife sem eu, sem eu falar nada pro povo o povo ficava me chamando de Zé do Pife e Zé do Pife ficou. Por isso que eu tenho, meu nome artístico é Zé do Pife. [...] Eu nasci em São José do Egito, Pernambuco, mas eu não sou mesmo da cidade. Eu sou do sítio Riacho de Cima, pertinho de Juazeirinha, Riacho do Meio, Tigre, Vila do Tigre e, mas é município da minha cidade, de São José do Egito. [...] É, 1943, a 24 de maio é que eu nasci. [...] Olha, meu pai, quando ele era rapaz novo, ele tocava o pé de bode, que hoje chama sanfona ou então baixo né, antigamente era pé de bode. Meu avô também tocava pé de bode, marcava quadrilha, mas a maioria todinha era na roça, plantando milho e feijão é e tudo. E eu e meus irmãos e minhas irmãs, nós tudinho era da roça, sofremos muito na roça, plantando, limpando mato, que lá a gente chama limpar mato, não é capinar, a gente chama limpar mato. Dentro da formiga preta, dentro do toco, sofremos muito e nós sofremos muito, muito na roça.
Infância	E depois eu estava com uns dez aninhos de idade é, as bandas de pife ao redor da minha cidade, que é da mesma cidade, acostuma sair pelo sítio de junho a julho, sempre tem festa lá, tocando para o sítio vizinho, tirando prenda para o leilão. E eles saíam de porta de casa em casa, com a banda de pife, a santa no andorzinho, quando tá aqui, a santa no meio de duas pessoas lá andando e aquela multidão de gente atrás e as banda de pife tocando. De longe a gente escutava o tom do pife, que o pife o tom dele vai longe. E eu ficava encantado com aquilo, eu dizia: "Eu vou aprender a tocar que é muito bonito", eu era criança. Peguei por minha conta, fiz um pife de talo de jerimum, ou que fosse de talo de mamona, que é carrapateira, fiz por minha conta e eu fui tentando devagarinho, sem ninguém me ensinar, sem ninguém me dar explicação, aí cheguei a aprender um pouquinho, aí as bandas de pife que era da minha cidade, que era já profissional, aprende sozinho, aqueles pifinho lá do nordeste. Eles aprendem ser ter aula de ninguém, aprende sozinho, eles viram que eu era esforçado, era eu e meu irmão, meu irmão também toca o pife, só que ele tá lá e eu tô lá em Brasília. E sei que nós dois aprendeu e eles viram que nós tinha esforço e tinha boa vontade de aprender a tocar o pífano. E eles pegaram e deram um aparelhinho de pife pequenininho, como eu tenho aqui na minha sacola, que a gente era

	criança, que os grande o espaço é largo, não dava pra gente, eles deram e a gente desandou, desenvolveu a tocar o pífano aí até que meu avô montou uma banda de pife, comprou zabumba, comprou caixa, comprou prato, triângulo, montou uma banda de pife. E nós desenvolvemos cada vez mais e nós era chamado pela cidade vizinha, povoado, sítio, o povoado admirava com a gente, que a gente era criança e, chegamos o ponto de aprender.
Formação escolar	Não comentou
Trabalho na infância / adolescência	Depois, depois já de adulto é, eu peguei fui tentar viajar pra São Paulo, viajei pra São Paulo, eu sozinho. Cheguei lá, me empreguei numa firma chamada Delta é, construtora Delta. Porque aqui tem uma Delta, aqui em Brasília tem uma Delta também, Delta Engenharia, acho que a de lá também acho que é a mesma coisa, construtora Delta. E na obra eu fazia o pífano de cano de PVC, que não tinha bambu, não tinha material pra fazer e eu fazia de cano de PVC. E eu tocava lá dentro da obra lá, o povo ficava admirado, meus colegas de trabalho, e dizia: "Mas o senhor por que não vai se apresentar no Silvio Santos?", eu digo: "Vou nada", eu nem sabia o que era isso de rádio de televisão: "Vou nada", é Pernambuco na Freguesia do Ó, Diamante cor de rosa também na Lapa, no forró do Pedro, sertanejo, forró do Zé Beto. E aí fiquei conhecido ainda mais.
Trabalho	Olha é eu nem, eu nem entendi quase a Ação Griô porque lá em Pernambuco é interior, pode ter lá no Recife que eu sei que lá tem que é cidade grande, mas aqui é, eu vim conhecer e saber o que era a Ação Griô porque, por causa do Chico Simões. Ele sempre me convidou e eu ia com muito prazer e como vou, que ele é uma excelente pessoa. Aí foi quando eu vim conhecer a Ação Griô que faz parte de tudo isso é que é a música nordestina, a música popular brasileira, cultura de, de raiz do nordeste. E foi quando eu vim conhecer e tô dentro dela e tô gostando e tô muito feliz. P/1 – Qual é o significado pra você da Ação, agora o senhor entende melhor o que é a Ação? R – Mais ou menos, mais ou menos a gente vai entendendo aos poucos né. É que tem gente que fala uma coisa pra você só uma vez e você já decora, já sabe o que é que vai responder, já sabe o que que faz. Mas eu, minha cabeça não sei, o povo diz que eu tenho uma cabeça boa, um computador porque eu faço as minhas coisas , mas eu tenho, a minha memória é meia cansada, meia pouca. Eu pra decorar uma coisa eu tenho que passar uma semana ou mais pra decorar aquilo que, que tem que acontecer e fazer, mas é assim mesmo.[...] Olha, esse eu acho que é o terceiro encontro, parece que, parece que eu já tive um dois encontros com o Chico,lá no SESC de Taguatingua, parece que lá foi o primeiro, que lá foi onde eu dei a oficina de pífano. Foi lá parece o primeiro e deixa ver o outro canto qual foi meu Deus, se lá na Invenção Brasileira também, lá em Brasília e aqui também. Aí aos pouquinhos a gente vai aprendendo né, que a gente vê tanta coisa bonita que igual vi aqui que tem um rapaz até quase chora ali, eu também botei as lágrimas pra fora. Pois

	é, que a gente fica até, sente que aquela pessoa tá sentido. Tem um menino ali, hoje mesmo ele contando a história dele que ele tinha aquele desejo tal e tal de chegar lá e ele chegou lá, botava lágrima dos olhos e eu também botei. Porque a gente sente o que ele, o que ele quer, o que ele imagina de ser.
Significado da entrevista	Maravilhoso, maravilhoso demais. Eu, você nem sabe que prazer que eu tenho quando as pessoas me procuram pra esse tipo de coisa, entrevista é, é fazer pergunta sem ser pela reportagem. Se junta quatro, cinco pessoas e me faz aquelas perguntas, fica conversando comigo, fica ao redor de mim, manda eu tocar. Pra mim é maravilhoso essas coisas, muito bom.

Anexo nº 12: Tabulação das entrevistas dos comerciantes, técnicos comerciais e prestadores de serviços[367]

1. CODINOME	**AIRTON**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Bauru, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 30/04/1993	Década de Nascimento: 1990
Entrevistado em: 20/01/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem	Meu nome completo é XXXX, data de nascimento é 30 de abril de 1993. [...] Meu pai é aposentado, era segurança e minha mãe é professora. [...] Isso, eu sou natural daqui. [...] Eu cresci numa comunidade, ali no Parque das Nações. [...] Era um bairro mais simples, mais humilde. Quem é de Bauru, conhece. Era um bairro, antigamente, um pouco mais perigoso. Era uma favela, como se fosse uma favela. [...] Meu pai e minha mãe sempre trabalharam muito, né, pra dar sustento pra nós, pra nos dar o melhor que eles poderiam dar na época, né? Então, assim, eu cresci vendo minha mãe e meu pai acordarem muito cedo e chegarem muito tarde dentro de casa, pra nos sustentar. Então, isso que eu levei dentro de mim, né? Desde pequeno, trabalhar muito. [...] Meus irmãos, já eram mais velhos. Quando eu era nenê, mesmo, eu tinha uma pessoa, uma mulher que cuidava de nós, que era uma tia nossa. . [...] Minha mãe é professora de Química, Matemática e Física. [E meu pai era] segurança. Foi gerente, também, de algumas empresas.
Infância	Como a gente morava na comunidade, não tinha muitas coisas pra ser feitas, a não ser brincar de bola, né? Daí a gente acaba pegando gosto e descobriu que tinha um certo talento pra continuar, mas devido a uma lesão, eu tive que abandonar, em 2014 [...] [...] É o que eu disse: era mais jogar bola, né? Jogava bola no campinho, na rua, golzinho. Era mais jogar bola. Cresci e o que eu gostava de fazer era jogar bola. Então, era pra escola, chegava, não via a hora de bater bola (risos) com a molecada.
Formação Escolar	Estudei no Christino Cabral. [...] Sempre gostei de Matemática, de números. A professora que me recordo – é que eu não sou muito bom de memória – é a de Português, que eu era bem "atentado", bem levado e ela falava que eu dava um trabalhão danado. [...] Eu sempre fui muito ágil, né? Eu terminava as coisas bem rápido. Então, eu terminava e em vez de deixar os outros terminarem, os outros eram mais lerdos, atrapalhava a aula. [...] Daí minha mãe, como professora, chegava na reunião, daí minha mãe ia com a 'cara vermelha' lá, né, porque falava que eu era um baita de um aluno, tirava só nota boa, mas atrapalhava os outros. [Era muito rápido] Era. Os outros ficavam pra trás e não faziam, ficavam conversando, brincando e acabava atrapalhando os outros.

[367] Disponibilizadas por ordem alfabética, a partir dos codinomes dados, pela autora desta tese, em respeito à manutenção do anonimato dos entrevistados.

Trabalho na infância / adolescência	Eu cresci jogando bola. Fui atleta profissional, saí de casa muito cedo e viajei por mundo afora, joguei bola, totalizando 11 anos. [...] Joguei no Noroeste em 2008. Sim. O primeiro clube foi o Batatais, uma cidade aqui da região; o segundo, o Noroeste, fui pra fora, tudo, morei em sete estados, rodei bastante. [...] Joguei cinco anos em categoria de base, três anos como profissional. [...] Passei pelo Grêmio, em Porto Alegre; pelo Flamengo, no Rio de Janeiro; pelo Operário, do Mato Grosso; Confiança, de Sergipe; Sete de Setembro, de Pernambuco; Guarani, de Bagé, do Rio Grande do Sul; Defensor, do Uruguai. [...] É, saí cedo de casa. [...] Quando a gente começa jogando campeonatos paulistas - igual eu disputei gaúchos, mato-grossenses, os campeonatos são vistos. Então, na categoria de base são pessoas, a gente chama de empresários, que acabam levando os atletas para os clubes. E assim foi. Pessoas que me viram, me colocaram nos clubes que eu passei. [...] O mais que eu levo comigo é a garra, né? Quem foi do futebol sabe que você mata dois leões por dia e amarra o terceiro. Então, o que eu mais levo comigo é a garra, determinação, não tem preguiça, não tem dor, tem que trabalhar, tem que treinar, entendeu? É o que eu mais levo comigo, a determinação que o futebol me trouxe. [...]Tive que amadurecer bem antes do tempo, né? Tive que 'virar homem', que nem o pessoal fala. Na época que era pra eu ser criança, brincar, eu tinha responsabilidade, já e morava distante de todo mundo. Só conhecia estranhos. Então, a gente aprende com a vida(?),né? Passei por muitas coisas também, que me amadureceram. Então, a gente, desde moleque, já aprendeu a ser homem.
Trabalho	Então, a barbearia, em si, desde quando eu jogava em categoria de base e tudo, em alojamento, hotéis, tudo, a gente, só entre nós, então tem máquina, a gente tem tudo, tinha máquina de corte, tudo. Daí sempre cortava o cabelo da rapaziada quando eu era moleque. Mas sem curso, sem nada. Geralmente era raspar, moicano ou social, passava uma máquina só e tesoura em cima. Então, tipo gostava desde quando jogava, já fazia pros amigos de graça. Não era nenhum rei do corte, mas também tinha uma noção. [...]Eu voltei pra Bauru, trabalhei em duas lojas [...] então ganhei algumas premiações e eu me reergui. [...] Como, graças a Deus, eu tinha uma moral dentro da loja, meu supervisor gostava de mim e tudo, ele me ajudava nesse meio, de sair um pouco mais cedo, às vezes trocava o dia da folga, pra eu estudar o ramo da barbearia. Então, eu consegui me especializar bem pra, daí sim, eu abrir a nossa porta e acho que foi isso que fez toda a diferença pra mim. [...] A nossa barbearia eu trouxe um pouco do rústico e do moderno pra dentro da barbearia. Então tem assim: jogos, uma decoração rústica com moto dentro, com madeiras, com músicas. Tem um pouco do moderno, que é um sofá um pouco mais aconchegante. Tem uma sala retrô, onde eu estou aqui, que tem uma cadeira há mais de cem anos, uma sala bem "retrozona". Um pouco aqui, deixa eu virar a câmera aqui e vocês vão ver, os meninos estão trabalhando aqui, que é onde a gente corta. Então, são duas salas de corte e a sala da frente lá é uma sala de lazer [...] A gente oferece, acredito eu, quase todo tipo de cerveja pro nosso cliente, que a gente

	sabe que hoje o homem gosta. A barbearia já não é mais só corte de cabelo. É um lugar que o cara espairece a mente, se desestressa, descansa. Então, é mais um *point* masculino, a barbearia se tornou.
Significado da entrevista	Ah, me sinto lisonjeado, emocionado, vocês desculpem o nervoso aí. "Mas você jogou bola, dava entrevista". Mas a realidade é outra. É totalmente diferente isso aqui. [...] Pra mim isso daqui é um prêmio, tipo assim: um sonho. Você perguntou de sonho, é um sonho isso aqui. Então, ser conhecido. Pô, tem mais de mil barbearias em Bauru! E você ser escolhido pra falar, contar sua história, pra mim, sinceramente, é gratificante demais, emocionante demais. [...] Eu acredito que, assim, por eu ter vindo do nada, um sonho também, você falou 'seu sonho', esqueci de falar isso, vou voltar um pouquinho, é fazer um livro. Deixar a história, tudo que eu passei, dentro de um livro, pra inspirar pessoas. Então, por isso, pra gente chegar nesse patamar, a gente não pode ser um Zé. Ninguém vai ouvir um Zé, né? Zé da rua ninguém vai ouvir. Então, a gente precisa galgar os degraus e, se for da vontade de Deus, chegar no alto patamar, pra gente inspirar as pessoas. Então, meu Instagram, se você der uma olhada, é bem focado nisso, eu acredito que a força da inspiração muda a história.

2. CODINOME	**ALAN**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: São Paulo, Capital
Data de Nascimento: 25/07/1978	Década de Nascimento: 1970
Entrevistado em: 22/01/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem	[Meu nome é] XXXX, eu sou natural de São Paulo, eu nasci no dia 25 de julho de 1978, 42 anos. [...] Meu pai é José Salete Balbino e minha mãe é XXXX. Meu pai, hoje, é aposentado e ele trabalha aqui na "Empadas" comigo, ele aposentou na Telesp e minha mãe aposentou no Banco do Brasil. Hoje ela não trabalha mais. Quem toca o negócio aqui somos eu, meu pai e meu filho. [...] Eu nasci em São Paulo. Meus pais, quando eu era pequeno, um ano de idade, nasci em 1978, em 1979 já estava em Bauru, mas era na zona norte ali, na Vila Sabrina, Jardim Brasil. [...]Eu nasci lá e vim pra Bauru com um ano de idade. [...] Tenho uma irmã de 41 anos, que é advogada, já nascida em Bauru. [...] Um ano mais nova. [E aqui em Bauru, fomos morar] lá na Nova Esperança, zona oeste da cidade. A mãe da minha mãe, a minha avó, a gente morou na casa dela ali, já em 1979, o bairro que nós moramos até hoje. [...] É a periferia da cidade. É um bairro bem distante do Centro. Pessoas humildes, muito carentes, porém muito acolhedoras. Gosto muito de lá, meus pais têm a casa lá, moram lá até hoje. Eu saí de lá, moro em outro bairro hoje, mas eu tenho lá como a minha casa, meus amigos de infância, onde eu cresci, conheci tudo ali. Muito feliz, muito grato por Bauru ter aceitado a gente e em especial a Nova Esperança, um bairro ali bem simples. Gostamos muito dali. [...] Sim, é bem residencial. Agora, com os mercados, as grandes redes indo para os bairros, então acaba criando pequenos

	centros de compra. Mas ali é um bairro 100% residencial, é casa da antiga Cohab que se falava, é um bairro de Cohab. Hoje já totalmente mudado, com avenidas e casas modernas.
Infância	Jogava bola todo dia, jogava bets todo dia, brincava de esconde-esconde o dia inteiro. Quando chegava da escola ia brincar de esconde-esconde, corria com carrinho de lata, que não tinha carrinho igual hoje. Estamos falando de 35 anos atrás. Trinta anos atrás. Jogava bola de gude. Então, essa era a nossa diversão. Subia em árvores pra chupar frutas na árvore: manga, jabuticaba. Então, era uma infância bem divertida, bem legal mesmo. Fui criado ali nas escolas, frequentamos os parques ali, que hoje são as Emeis. Então, muito legal essa lembrança de infância. Muito bacana.
Formação Escolar	Era uma escolinha, um parquinho que está, até, fechado e eu tenho amigos até hoje que vêm aqui na loja, que é dessa época, cara! E depois, atravessando a rua, já era a escola de primeiro e segundo grau Irmã Arminda Sbrissia, tem lá a escola até hoje, me formei lá no colegial. Então, pô, é uma lembrança muito legal, onde era obrigatório usar uniforme e você tinha que comprar, não era nada doado e, se não tivesse bem arrumado, não entrava nas escolas. Coisa que hoje em dia já não é tão assim. Cantar o Hino Nacional, praticar atividade física duas vezes por semana. Era muito legal. [...] Tem o Fábio, que é um grande amigo meu. Ele mora lá no bairro até hoje. Foi embora pra Cuiabá e hoje ele voltou, já tem uns cinco anos que ele voltou pra Bauru. Tem o Sullivan, que veio aqui na loja essa semana, também amigo de infância, veio consumir empadas aqui. Ih, tem vários. Tem o outro Fábio também, que eram três Fábios, né? Cada um tinha um sobrenome diferente. E essa turma aí, meu Deus! Fantásticos. São amigos até hoje. O Everton também, que hoje é tatuador, muito renomado aqui na cidade, também amigo meu de infância. Muita gente, muita gente. Muito legal, mesmo. [...] Isso, ali na escola eu terminei o ensino médio, depois eu ingressei na faculdade de Direito, na ITE e não terminei. O meu pai é formado em Direito na ITE, minha irmã é formada, os dois advogados e eu optei por trabalhar, né? Deveria ter continuado estudando Direito, mas enfim, tempos depois eu me formei em Marketing, na FIB, em Bauru e também fiz curso técnico, também de Marketing, com atualização agora, não muito tempo atrás, uns cinco, seis anos atrás, que aí veio a Etec, me formei em Marketing também e estou pra me formar em Sistemas Biomédicos, na Fatec de Bauru. Só não continuei, por conta das empadas, que aí a empresa virou prioridade, né? Mas falta pouco, falta um semestre só, entregar o TCC e se formar.
Trabalho na infância / adolescência	O meu primeiro emprego foi numa empresa que hoje não tem mais no Brasil, chamada Arby's. Eu entrei lá muito simples, limpando o chão, a mesa, meu primeiro emprego registrado. Então, muito grato, mesmo, trabalhei por mais de um ano lá e saí de lá como gerente. Ela era uma rede que fazia hamburguer de rosbife. Era uma carne fatiada e, por fim, montava o hamburguer e fazia. Hoje existe, é uma rede texana, existe nos Estados Unidos ainda, até hoje e esse foi o meu primeiro emprego. Foi aí onde eu conheci o meu primeiro gerente, chamado Eraldo. Eu não sei nem onde ele se encontra mais, mas ele

	era de São Paulo, era gerente e foi ele que me deu o know how todo de franquia, de atendimento ao cliente, de atender bem e não saiba a quem. Então, foi onde eu aprendi a trabalhar com o público, aprendi a cuidar de uma loja, aprendi a ter amizade, a ter um time que faça por você e com você e não pelo salário, né? [A loja era aqui em Bauru.] Era no Walmart, assim que abriu, em 1997. Agora fechou, agora é o BIG lá, mas foi logo que abriu, a primeira franquia que teve dentro do Walmart. Eu entrei lá muito simples, limpando o chão, a mesa, meu primeiro emprego registrado. Então, muito grato, mesmo, trabalhei por mais de um ano lá e saí de lá como gerente.
Trabalho	E eu tinha algumas certezas: era que eu não queria ser funcionário público, empresário e vendedor. Essas foram as três certezas da minha vida. Eu queria, sempre, trabalhar com uma grande empresa. Empresa de renome, pra poder criar raiz e acontecer lá. E foi tudo ao contrário: eu acabei sendo um vendedor, eu falo muito, (risos) uso as mãos pra falar, então eu tenho um poder de persuasão muito grande naquilo que eu acredito. Eu acredito num produto e eu vou vender esse produto. Então, eu sou um grande vendedor. Pelo destino, eu virei empresário. E também, por um outro destino da economia, eu fiz um concurso e sou funcionário público. Então, eu sou as três coisas que eu não queria ser na vida. E deu certo. Estou legal, estou feliz. [...] Essa é a parte mais bonita da minha história. Num momento de dificuldade, trabalhando, ganhando meu salário já, no final do mês eu fiz as contas e não me sobrou dinheiro. Me sobrou trinta e três centavos. Paguei todas as minhas contas e sobrou trinta e três centavos. Aí eu falei: “E se eu precisar comprar um remédio pra dor de cabeça?” Claro, eu tinha um cartão de crédito, valor muito pequeno, coisa e tal, falei: “E aí? Eu não tenho dinheiro”. E aí veio a ideia das empadas. Falei: “Pô, minha vó sempre faz empadas, vou conversar com a minha vó. Vou pedir a receita pra minha vó”. E ela falou: “Não, eu te ensino a fazer”. E eu sem dinheiro, com aqueles trinta e três centavos, o que eu fiz? Eu comprei, eu tenho até hoje isso. Não está aqui agora, mas eu tenho o extrato do cartão de crédito, que eu comprei 12 forminhas de empada, por quinze reais, no cartão de crédito. Então, eu comecei um negócio com quinze reais, no cartão de crédito. Aí eu fui pra casa... quer dizer: fui mostrar pra minha mulher que eu tive uma ideia de fazer empada e eu tinha comprado as forminhas. Ela ficou doida que eu gastei os quinze reais, falou: “Mas você não tem dinheiro, onde você arrumou quinze reais pra gastar?” Eu falei: “Tinha um cartão de crédito de trezentos, ainda tem duzentos e pouco”. (risos) Ela falou: “Você vai pagar, você não tem dinheiro”. Eu falei: “Não, fica tranquila. Eu não tinha nada, agora eu tenho trezentos e mais forminhas de empada”. Aí eu peguei as coisinhas dela lá: farinha, essas coisas lá e comecei a fazer as empadas. Eu peguei essas fôrmas, fui pra casa e peguei a farinha que tinha lá, peguei o frango que estava na geladeira e fiz a receita que a minha vó me ensinou, mas não deu certo. Eu falei: “E agora? Vó, passa de novo o passo a passo”. Fizemos no outro dia de novo, agora beleza. Fiz e ohhhhh, não deu certo de novo, entendeu? Perdi todas

	as minhas coisas. Aí eu só tinha mais um quilo de farinha, eu falei: "Vó, não deu certo de novo". E ela lá em São Paulo, falou: "Filho, faz assim, faz assado". Aí eu falei: "E agora?" "Deu certo?" Não deu certo de novo. E aí acabaram as coisas, não tinha mais. Enfim, consegui arrumar mais dinheiro e consegui fazer empadas, então tinha 12 forminhas, eu fazia 12, comia duas e vendia dez, entendeu, porque eu saía pra vender pra rua, então o primeiro que comprava era o motorista de ônibus e aí já vendia algumas ali dentro do ônibus e ia no Centro vender o restante. Então, foi assim que eu comecei. Eu fiz isso acho que por uns 15 dias, vendendo 12 empadinhas. E aí eu já comecei a vender 24, que aí eu já fui e comprei mais 12 forminhas, entendeu? E aí já vendia vinte, vinte e duas empadas todo dia. E durou uns dois, três meses assim e aí foi crescendo.
Significado da entrevista	[...] Realização pessoal. Sabe o que é isso? É o que vocês estão me proporcionando. Eu vou deixar para as pessoas um sonho, um legado, de acreditar em você e saber que você, sozinho, tem o potencial de chegar onde você quer, sem depender dos outros. Então, pra mim, é um sonho. O que eu queria deixar pros meus filhos. Eu não sei se eles vão tocar isso aqui, se vão vender essa empresa, mas eu vou conseguir deixar registrado que um dia alguém começou do nada e chegou lá, entendeu? Eu cheguei e eu estou registrando que eu cheguei lá, através de vocês. Mesmo estando distante, mesmo sendo dessa forma de internet. Pra mim é a primeira vez que eu estou fazendo isso aqui também. Sempre converso com o pessoal no balcão aqui. Eu estou muito feliz, mas muito. Eu vim correndo, eu me atrasei todo, eu parei tudo, o Guilherme falou: "É tal dia, tal horário". Eu falei: "É. Não pode ser agora?" Ele falou: "Não, tem que ser amanhã". Eu falei: "Então, beleza". Vimos aqui a parte de comunicação de áudio e vídeo. Eu estou muito alegre, muito feliz, muito obrigado! Eu agradeço vocês, por vocês terem conversado comigo essa manhã!

3. NOME	**ANASTÁCIA**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento: São Paulo, Capital
Data de Nascimento: 01/09/1992	Década de Nascimento: 1990
Entrevistada em: 18/06/2021	Modo da entrevista: Online
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem	Meu nome é XXXX. Nasci em primeiro de setembro de 1992. Eu nasci em São Paulo. São Paulo, capital. [...]XXXX, é o nome do meu pai. O nome da minha mãe é XXXX [...] Eu tenho os meus avós dos dois lados. É, né? Os meus vôs, né? Os meus vôs dos dois lados. E as minhas avós faleceram antes de eu nascer, as duas, né? [...] Eu não sei. Eu não sei o nome das minhas avós. [...] Não conheci. Elas faleceram muito antes da gente nascer, eu a minha irmã nascermos. Eu não sei nem o nome. [...] Tanto o [avô] materno, quanto o paterno, são do interior de Minas Gerais. Mais da região norte. Patos de Minas, mais ou menos naquela região ali. E ambos moravam num contexto mais rural, não era urbano. Eles fizeram essa migração pra cidade quando eles foram pra Brasília. Ambas, também, as famílias, tanto do lado da mãe, quanto do lado do pai, fizeram essa migração nesse

	contexto aí, de inauguração de Brasília, né? [...] O meu pai trabalhava no Carrefour, em Brasília. A minha mãe também. E eles se conheceram lá. [...] Olha, de imigração, não que eu saiba. Do lado paterno é uma família negra, né, afrodescendente. Do lado da minha mãe, a minha mãe é branca. E ela tem uma ascendência acho que é portuguesa e indígena, se eu não me engano. [...] Acho que, assim, tanto a cultura indígena, quanto a afro-brasileira, está muito presente na nossa cultura, como um todo, né? Mas assim, especificamente, num resgate mais focado, assim, nessas ambas etnias, eu acho que não. Mas permeia muito, né? Eu acho que é uma família bem brasileira, né? Permeia muito a nossa cultura, que é bastante, principalmente, indígena e negra, africana. [...] Eu nasci em São Paulo. Por conta do trabalho do meu pai, eles se conheceram. Ambos são mineiros que se conheceram em Brasília. E, por conta do trabalho do meu pai, ele era bastante transferido. E a minha mãe ia junto. Ia todo mundo junto. Então, de Brasília, eles moraram em Goiânia, onde a minha irmã mais velha nasceu. De Goiânia, foi São Paulo, onde eu nasci. E daí a gente veio pra Ribeirão. E ainda o meu pai mudou pro Rio de Janeiro, morou em Niterói também. E depois também voltamos todo mundo, aqui pra Ribeirão. Mas foi por conta do trabalho, a gente foi fazendo um tour aí pelo Brasil. [...] Então, eu mudei pra Ribeirão em 1996. Eu moro aqui na Campos Salles com a Barão de Amazonas, bem aqui no Centro de Ribeirão. Eu moro aqui desde que eu moro em Ribeirão.
Infância	Olha, brincava de corda, de pular corda. Eu adorava. A gente brincava muito de pique-esconde. O que mais, gente? Jogo de tabuleiro. A gente gostava bastante, também, de jogo de tabuleiro. É, eu acho que era algo nesse sentido, assim. Eu lembro, eu lembro bastante do Museu da Cana. Eu lembro que a gente tinha que tirar o sapato, colocava aquelas, tipo, pantufinhas. Eu lembro que era, assim, um super passeio. Eu adorava aquela experiência, então me marcou muito aqui em Ribeirão, esse passeio. De resto, eu acho assim: por conta dos meus pais morarem em muitas cidades, muitos finais de semana a gente ia, tipo, visitar família. O meu pai tem família em Uberaba. A gente acabava saindo de Ribeirão, bastante, assim, em férias, feriado, finais de semana, por conta de ter família em todos os lugares, visitar todo mundo. Mas eu lembro muito da gente passear em parque, andar de bicicleta. O meu pai levava a gente pra andar de bicicleta. E acho que sair pra comer, assim, no geral. [...] Eu lembro de uma churrascaria que ficava ali na Presidente Vargas. Eu acho que ela chamava Porto Alegre. Era isso? A gente ia bastante lá. Eu acho que era isso, esse nome. Acho que é no mesmo lugar que tem aquela churrascaria, lá, só que daí foi mudando, mudando... O meu pai é administrador de empresa, né? Daí, no Carrefour ele trabalhava enquanto diretor de lojas, por isso as transferências também, né? Então, saía de dirigir uma loja em Ribeirão, ia dirigir no Rio, enfim, ia mudando. Acho que ele pegou mais... o perfil dele era mais de inaugurar, ou de reformar lojas. Mas ele já ficou também bastante tempo em lojas que não estava passando inauguração, nem

	reforma. Variava. Mas, normalmente, nas mudanças, era porque ia abrir uma nova loja, ou porque ia reformar alguma loja que já tinha.
Formação Escolar	Eu lembro, mas num contexto mais de escola, assim. De passar muito esse tempo na escola. Tanto o tempo do estudo, mas o contra-horário escolar também ser bastante na escola. Acho que, por conta de por mais que eu vinha de uma cidade grande, eu vim pra um contexto bem urbano, também: centro da cidade, prédio. Então, eu acho que não tinha tanto esse espaço da rua, né? Eu nunca morei em casa, não sei como é essa experiência. Então, eu acho que eu ficava bem ou no térreo, prédio, né, onde se reuniam as crianças lá embaixo, pra brincar. Ou nesse contexto da escola, mesmo, que a gente ficava, às vezes, o dia inteiro lá, fazendo atividades, esportes. [...] Eu estudei no COC, aqui em Ribeirão. Desde pequenininha também, desde que eu mudei pra cá. Ah, eu lembro de um contexto, assim, de pequenininha ainda, muito gostoso, assim. Sempre fui boa aluna, assim, sempre adorei estudar. Eu gostava bastante desse ambiente escolar, assim, no geral. Então, o COC, na época, tinha bastante atividades curriculares, né? Tanto quanto, sei lá inglês ou muito esporte, era uma área do COC que tinha muito investimento, na época. Então, eu lembro que eu gostava muito desse ambiente, assim, quando criança. Tanto da parte dos estudos tradicionais, assim, que eu sempre gostei e essa parte de esporte, que me interessava bastante. [...] Eu sempre fui muito de Humanas, assim, uma negação pra Biológicas ou Exatas. Eu sempre fui muito de Humanas. Eu acho que eu relaciono mais a isso, né? Então, eu acho que, no comércio, se a gente pensar, o contato interpessoal, essa visão de mundo que a gente tem que ter, que é muito importante, que traz História e Geografia, né? Com certeza eram as minhas matérias favoritas. Então, eu acho que, no nosso comércio específico, que é um brechó, um consumo consciente, essa visão crítica, então, com certeza, o que indicava na escola, era o meu fascínio, assim, por História e Geografia. Eu fiz a UFRJ, a federal do Rio. Fiz Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, lá.
Trabalho na infância / adolescência/ vida adulta	[O meu primeiro trabalho] já foi no Rio. Já foi no Rio, no contexto de faculdade, mesmo, estágio. E eu já comecei a trabalhar com marketing de moda, que é a área que eu ainda atuo, hoje, com brechó. Eu sempre quis atuar nessa área, assim. [...] Ah, foi bem intensa, assim, a experiência de fazer faculdade lá, né? Eu saí de casa tão nova, eu tinha dezoito anos, dezoito pra dezenove. Mas foi muito bom. E uma cidade de dois lados, né? Então, tem aquelas partes maravilhosas, que a gente adora, da cultura, da natureza. Mas também é uma cidade muito difícil, muito cara, com uma mobilidade urbana muito difícil pra você se deslocar pela cidade. Então, acho que foi um choque de realidade, também, né, sair de Ribeirão. Porque eu falo que Ribeirão é uma cidade quase de brinquedo, assim, né? Tem sempre uma paz, nada de mais acontece, uma tranquilidade, assim. E o Rio, aquele caos. Então, eu acho que, com certeza, foi aquele choque de realidade, que me ensinou bastante. Eu acho que em pouco tempo eu entrei nesse ritmo também, então, conciliar morar sozinha, com faculdade, com os estágios que vão chegando. Mas eu acho que você

	fica tão dentro dessa nova realidade, que você não percebe. Acho que hoje, eu olho pra trás, eu falo: "Gente! Como que alguém dá conta de fazer tudo isso? Que horas eu dormia?" Eu fico, assim, meio incrédula, assim, ver as coisas que acontecem. Eu acho que é a idade, a gente está no pique, está animada, quer descobrir. Essa área da moda, especificamente, sempre foi um sonho, assim. Então, eu queria, eu tinha muita sede, assim. Tanto de aprender dentro da universidade, né, os caminhos. Então, pensar a moda enquanto ferramenta de comunicação. E também no comércio, no sentido da "hora do vamos ver", né? Então, era muito interessante ver construindo junto essas duas experiências, né? A experiência realmente prática e a experiência acadêmica se construindo ali. Muita coisa não sendo da forma que eu imaginei. Todas essas aventuras de faculdade. [...]
Trabalho	O Rio é uma cidade difícil. Então, assim, pra mim foi muito natural a volta, no sentido de que depois dos meus quatro anos lá, a cada ano que passava, eu falava: "Gente, não é normal essa realidade". O dinheiro não dá, tipo: pra você ter um mínimo de qualidade de vida lá, você tem que ganhar muito, assim, é muito desproporcional as coisas, né? E eu queria viver uma vida um pouco mais equilibrada, com um pouco mais de calma, assim. Onde o meu dinheiro valesse, onde eu tivesse um serviço de qualidade, uma boa infraestrutura, é lógico. E Ribeirão é esse lugar, né? É uma cidade que tem defeitos e qualidades. Mas é esse lugar, que a gente consegue ter uma ótima estrutura, sem estar nesses grandes centros, como essas super capitais, né? [...] Então, no Rio eu fiz esses estágios, né, em marketing de moda. Volto pra Ribeirão, realmente, sem nada de bom. O meu foco era sair do Rio, a princípio. E aí, voltando pra cá, eu fiquei, acho que quase um ano procurando algo nessa área de moda. Mas especificamente aqui em Ribeirão, essa área é muito difícil. De fato, é uma área que tem mais efervescência, assim, nas capitais, né? E por conta também, acho que principalmente de questões raciais, assim, foi muito complicado ter uma abertura nesse nicho específico da moda, que é muito elitista, que é um ambiente racista, né? Então, mesmo com a preparação que eu tinha, que era exigida, muitas vezes, pros cargos, como inglês fluente, uma boa universidade etc., eu via, às vezes, pessoas não tão capacitadas, assumindo esses cargos. E foi uma época bem complicada, mesmo, assim, meio de choque de realidade, né? Porque a gente escuta muito que, se a gente fizer tudo certinho, as coisas vão dão certo, né? Então: "Se você estudar, se você se formar, se você se preparar". E não é bem assim, né? Eu acho que o racismo estrutural e até o machismo perpassam essas ideias de que, se a gente se esforçar, a gente consegue. Então, eu acho que, pra mim, foi ali o maior choque de realidade que eu tive, quando eu me formei, que é aquela sensação de tipo: "Pronto. Eu cumpri tudo o que me falaram que eu deveria cumprir, pra eu alcançar certos lugares" e eu vi que outras coisas impediam o meu acesso. Então, eu fazia bastante entrevista em São Paulo. Aqui em Ribeirão foram poucas. Eu cheguei a fazer um mini estágio de férias numa agência aqui em Ribeirão. Eu

	esqueci o nome, ela era bem grandinha, na época. A W3. NW3? É isso, né? E aí fiquei nisso quase um ano, assim, sem nem... "Ah. O ano que vem. Vamos. Vamos ver. Vamos ver". E nisso, eu conhecia a Esther já da época do colegial. A gente se conheceu um ou dois anos antes, no máximo, de eu mudar pro Rio. Até quando eu morei no Rio, a Esther chegou a ir na minha casa algumas vezes e tal. Voltando pra Ribeirão, que a gente se encontrou; eu acho que num evento. A gente estava um pouquinho afastada, assim. E a gente retomou essa amizade, fomos conversando. A Sté também foi entendendo que momento eu estava, aqui em Ribeirão, né? E aí foi a Sté mesmo que trouxe essa ideia da gente empreender, da gente abrir um brechó. Que eu acho que eu trago esse lado mais de marketing de moda, mas a paixão específica por brechó vem muito da Sté.
Significado da entrevista	Gente, assim, não estava esperando. A gente não estava esperando. Mas eu acho muito importante, né? Eu acho que todos nós, sempre que tiver a oportunidade, compartilhar as nossas histórias. Porque eu acho que o pessoal se funde muito com o coletivo, né? Então, a minha história também é a história de muitas outras Marianas, de muitas pessoas com uma história parecida com a minha. E eu acho que o poder da identificação traz muito força, às vezes, pra pessoa acreditar também num projeto que ela tem, num sonho. Então, eu acho um privilégio muito grande poder compartilhar a história do meu brechó através da minha história pessoal, um privilégio muito grande. Eu acho que tem uma potência muito grande atrás disso, que é dessa identificação e também da diferença, né? Às vezes, uma pessoa que teve uma realidade muito diferente da minha, conhecer realidades diversas, né? A gente não ficar preso numa única história, numa única história de vida, num único modelo de se ter um negócio, de se ter um comércio. E a gente ver como é amplo e como cada um, do seu jeito, consegue transformar o seu sonho, fazer o seu percurso dentro do que você acredita, de quem a gente é, né? [Contar história empodera uma pessoa?] Nossa, com certeza. Talvez é o que mais faça isso, né? E contar várias histórias, eu acho que empodera. Contar uma história eu acho que não empodera ninguém. Agora, contar várias histórias é o que, de fato, transforma. Assim, aumenta a nossa visão, aumenta a nossa percepção. A gente não fica acreditando em algo único, né? A gente vê, de fato, a diversidade, principalmente, assim, do nosso país, né, de quantas possibilidades, de quantas pessoas a gente pode ser, admirar ou não. E, enfim, eu acho que o plural é que traz mais senso crítico pra gente. A [minha referência] mais recente aqui, é a Chimamanda, que foi até no Roda Viva. Nigeriana, a Chimamanda. Viveu entre a Nigéria e os Estados Unidos. Mas com certeza, assim, é a autora do meu livro favorito, no mundo e uma grande potência que nos ensina muito isso, né? Ela, enquanto uma - ai, gente exatamente - uma escritora e quase uma historiadora, né? Profunda é a pesquisa que ela faz nas escrituras, nos livros dela. Eu acho que um dos maiores ensinamentos que ela traz, é isso, assim: a importância da gente contar várias histórias pra pessoas diferentes, pra gente, de fato, construir uma visão mais crítica do nosso mundo, né? E não ficar preso na capa desse livro, né, dessa história única que,

	normalmente é o que tentam fazer com a gente. Então, eu acho muito disruptivo sempre que a gente puder, todo mundo puder, contar a sua história e ouvir as histórias de outras pessoas.

4. CODINOME	**CÉLIA**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: São José do Rio Preto, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 07/04/1974	Década de Nascimento: 1970
Entrevistada em: 25/03/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Meu nome é XXXX, eu nasci sete de abril de 1974, aqui em São José do Rio Preto. A XXXX, minha sócia, companheira há 18 anos. Ela nasceu em Cedral, que é uma cidade vizinha, mas mora em São José do Rio Preto há alguns anos, bastante anos. Meu pai é XXXX, também nascido aqui em São José do Rio Preto e XXXX, também nascida aqui em São José do Rio Preto. Infelizmente não tenho mais [meus avós], né? Mas a minha vó materna... você quer que eu fale o nome? Alguma coisa da história? Minha vó materna é de uma cidade vizinha aqui, Planalto. Lá ela e minha bisavó eram parteiras e ficaram bastante tempo lá e vieram pra cá depois, em torno de 1960, por aí e aqui continuaram a trilha da vida. O meu avô materno, o Miguel Domingos de Oliveira, também já não está mais aqui, mas também era de Planalto, veio pra cá com a minha avó. A minha avó paterna, Alice Franco Sales, nascida numa cidade também aqui próxima, que é São Francisco de Sales, Palmeira D´Oeste, veio pra cá também em torno de 1940, acredito, pelo que eu já vi nas certidões. E meu avô, que era funcionário da prefeitura aqui de São José do Rio Preto, também era da mesma região da minha avó, que é o 'seu' João Moreira, que há muitos anos já é falecido. Bom, vamos começar da ordem que eu comecei: a minha avó materna, Guiomar Melo de Oliveira, a mãe dela é italiana, Dona Adélia Castelani, vieram pro estado de São Paulo durante aquela imigração grande que houve e o pai dela, o Dino Merlo, na verdade tinha o sobrenome original, que era Merlo. Aqui virou Mero, né? Ele é de Údine, na Itália. Nós temos alguns registros de parentes na Itália, dele e eles eram viúvos, tinham onze filhos. Eram viúvos, os dois e depois acho que um tinha quatro, o outro quatro, uma coisa assim, eram quatro e quatro e aí se casaram, já com uma idade mais avançada. Essa minha bisavó, que era parteira em Planalto. Tinha uma pensão, era parteira, farmacêuticos, (risos) eles eram, na época, praticamente. E eles se casaram e tiveram três filhos: a minha avó e o meu tio, que eram gêmeos e o meu tio Moreti. Depois de alguns anos, quando eles nasceram, a minha bisavó e o meu bisavô Dino os apelidaram, porque a minha vó era grande e o irmão dela era muito pequenininho, então era Biuca e Pit. Então, a minha vó, aqui em Rio Preto, é conhecida como Dona Biuca, Irmã Biuca, que ela era evangélica. Então, muita gente a conhece como Biuca. Ela foi o grande amor da minha vida. (risos) E o meu avô, que se casou com ela, o pai dele veio da Bahia a pé, pro estado de São Paulo. Ele é

	baiano, por isso que eu tenho algumas características, (risos) até fortes e eles vieram a pé da Bahia. E aqui fizeram a história deles. Da parte do meu pai, a minha avó Alice era filha de escravos, ali na região de fazendas: Jales, Palmeira D'Oeste, mais pra região indo pro Mato Grosso. Ela era filha de escravos e aí trabalhou em fazendas lá, ela era bem mulata, mesmo. E o marido dela é filho de calabrês. Olha que mistura! (risos) Mistura. Mistura boa. E é isso. Até onde eu sei se casaram, viveram a toda juntos e aí meu pai e minha mãe se conheceram aqui em São José do Rio Preto. Bom, aí é outra história, já. Vamos lá! Olha, aqui a gente viveu mais a parte italiana da coisa, que era sopa de fubá com ovos em fios, que minha avó fazia, com couve; era polenta, minha vó era muito polenteira. Minha vó Biuca, Guiomar, era muito polenteira. De mais a *minestra* que ela fazia, que é aquela sopa e depois existia a *minestra* também, que eu não sei se por influência, eu nunca pesquisei... eu gosto muito de pesquisar sobre a história da gastronomia, mas ela fazia uma *minestra* também, que virou praticamente uma sopa paraguaia, que era um bolo. Daquela *minestra* que faz sopa, ela fazia também a *minestra* tipo torta. E muito macarrão, ela fazia massas e aí acredito que, com as influências daqui, ela fazia o colorau. Eu lembro que o colorau da minha vó era o melhor do mundo. Que é uma coisa já mais regional, nossa, mas ela fazia também, sabia pilar certinho, tirar o extrato no pilão mesmo. O que mais, menino? Agora você me pegou de surpresa, um pouco. (risos) E, assim, aquela coisa de calor, né, de abraço, de beijo. A gente sempre foi, tanto das duas partes... eu convivi mais com a família da minha mãe e essa parte de culinária era mais com a minha avó, mesmo. Da carne de lata. Africanos eu posso dizer que não tivemos muito, foi mais a influência da culinária italiana, mesmo, de fazer... eu não sabia o nome na época, aquela *focaccia*, ela fazia. (risos) Eu não me ligava, mas eu chamava de bolo de forno, né? Bolo de forma, que é a *focaccia*. Mais essa parte, mesmo, italiana. O meu pai foi um dos primeiros formandos do Senai aqui em São José do Rio Preto, então ele era mecânico e ele foi mecânico até aposentar. Está vivo ainda, graças a Deus, mas aposentado. E a minha mãe era de uma criação muito mais simples, mais rigorosa, vamos dizer assim: o meu avô mandava em tudo. Então, quando os meus pais se conheceram, minha mãe era muito nova e meu pai precisou roubá-la. (risos) Ele a roubou. (risos) Roubou, mesmo. Foi embora com ela, ficaram uns dias numa cidade vizinha e depois foram morar na casa dos pais dele, porque meu avô não permitia o namoro e tudo o mais. E aí estão juntos há... menino, faz tempo! (risos) Eu tenho 47, minha irmã mais velha tem 52... 55 anos eles estão juntos, casados.
Infância	Eu lembro de muita coisa e eu posso te dizer o que os meus pais me contam e os meus avós me contavam. A gente se estabeleceu ali, meus pais e meus avós, na região do Parque Industrial, que hoje é Parque Industrial. Que o antigo distrito industrial, o primeiro distrito industrial de Rio Preto, hoje é um bairro residencial, um tanto comercial, mas ainda não era chamado Parque Industrial. Bom, essa

	região é perto da basílica, perto da Ceagesp aqui em Rio Preto. Dos silos - não a Ceagesp hortifruti – da Ceagesp. Então, o que os meus avós me contam é: coincidentemente, os meus avós paternos e os meus avós maternos moravam ali quando jovens, quando eles vieram pra Rio Preto. Então, a minha avó, a Biuca, a Guiomar, me contava que, na rua da minha casa era estrada boiadeira e ali era tudo chão. Eu consigo visualizar isso, porque eu vivi naquele lugar a vida inteira, uma grande parte da minha vida e era estrada boiadeira, eles moravam ali na esquina, a gente sabe quais são as primeiras casas que tinham lá, que é a casa da esquina ali e sei que era uma região, assim: Rio Preto ia até a parte ali um pouquinho pra cima da Bady Bassit e um pouquinho pra cima da Alberto Andaló. Não ia muito mais que isso. Aí tinha a parte da curva da galinha, que virou Curva da Galinha, que era a zona do meretrício, por isso hoje se chama Curva da Galinha. E algumas outras regiões: a Vila Toninho, que era uma viagem pra ir, hoje é um bairro aqui, mas parecia outra cidade. Eu costumo dizer: quando a gente ia até a Vila Toninho, que meu avô tinha algumas casas lá, meu avô materno, a gente fazia até lanche pra ir, porque era muito longe. (risos) Hoje, não. Hoje você pega uma avenida e está ali, é muito rápido, né? Mas é curioso como as coisas mudam e a nossa percepção de distância também muda, né? Aí, de quando eu era criança, eu me lembro ainda do bairro, né, que eu nasci na Rua Visconde de Ouro Preto, entre a Silva Jardim e a Jorge Tibiriçá, até hoje meus pais têm casa lá, que é na direção da basílica, quase chegando na Ceagesp, nos silos, lá. Então, naquela época, a maioria dos quarteirões a gente atravessava a pé, por trilhas, né? Não tinham casas. A maioria do quarteirão não tinha tanta casa e eram as fábricas do lado debaixo: Móveis Primor, que era uma potência em São José do Rio Preto; tinha a Francal, que era têxtil, eu acho que era de papel, indústria de celulose; tinham várias indústrias ali, principalmente moveleiras. Tinha a Móveis Primor e várias outras moveleiras ali na nossa região e ali onde eu morava, mais pra cima, eram mais casas, oficinas, onde meu pai trabalhou muitos anos lá com oficina mecânica, em um terreno do lado da minha casa. E tudo mudou, né? As moveleiras fecharam, viraram igrejas; agência de Inss; outras, escola, porque são galpões imensos que tem ali. Muito grandes. Outros até hoje estão desocupados, até nos dias de hoje, infelizmente e tudo mudou, a cidade foi crescendo, crescendo. Eu, de vez em quando, dou uma volta numa avenida nova, só pra passar, porque eu gosto de saber como está Rio Preto, sabe? Eu gosto muito dessa cidade, nasci aqui e a gente vai vendo as mudanças, mas muita, muita. Tem mais, assim, casas. Às vezes a gente se surpreende, né? "Ah, vou entrar nessa avenida aqui, porque eu quero saber, eu não conheço esse cantinho de Rio Preto" e a gente vai (risos) só pra ver e fica assim, né: "Nossa, gente, eu não conheço mais essa cidade". [...] Quando eu nasci, a rua ainda não era asfaltada, mas eu acho que eu tinha uns quatro anos, por aí, que eu me lembro da rua sendo asfaltada, da pavimentação da rua, das obras e tudo o mais. Aí asfaltou a rua e aí era muito gostoso, porque era tijolo na mão,

	amarelinha, caracol. Caracol, não sei, pra quem não viveu, é uma amarelinha também, só que ela é feita em caracol, é tipo aquele joguinho de você levar o carrinho. Aí você volta, se você erra, volta tanto, tinha umas regras que hoje eu não me lembro mais, (risos) mas era essa mecânica que a gente usava. E a gente desenhava também na rua e era bola queimada, que eu nunca me dei muito bem, (risos) porque era muito pequenininha e eu acabava levando muita bolada e acabava virando o famoso copo de leite. (risos) Eu era o copo de leite, não valia na bola queimada, mas jogava muita bola queimada e corda, bastante corda. Depois, na época já que eu estava com nove, dez anos, a gente brincava muito de elástico, que é uma brincadeira... devia voltar essas brincadeiras agora, na pandemia, né, porque a gente, em casa, sozinha, colocava, às vezes numa máquina de costura, que tem as pernas mais abertas e brincava em duas de elástico. Essas brincadeiras, essas coisas todas, ciranda, serve já era uma coisa meio proibida, a gente brincava, às vezes, meio escondido. O serve é aquele que passa o anel. Que aí dá beijo na boca, abraço (risos) e tudo o mais. Mas eram essas brincadeiras que a gente brincava. De vez em quando pegava uma boneca, mas a maioria eram essas brincadeiras de rua, coletivas, mesmo. Pique-esconde. Essas brincadeiras. [...] Passeio, normalmente, era sorveteria. O passeio era sorveteria. Eu, da minha infância mesmo... eu falo 'a minha infância', eu casei com 15 anos, então eu tive uma infância forte, mas pequena. (risos) E a gente ia muito na sorveteria, eu passeava muito na casa da minha avó. Mas, assim, eu estou lembrando, a gente tinha, também, um passeio muito legal, que era o Bosque Municipal. Que a gente fazia lanchinho pra levar também. Na casa da minha avó paterna eu passeava bastante e lá eu brincava muito dessas brincadeiras aí que eu citei anteriormente. Mas, assim, tinha o Bosque Municipal, que tinha balanço, *playground*, piscina, os animais pra gente ver. Na Vila Vila Toninho, onde meu avô e minha avó maternos moravam, tinha a represa, que é o Rio Preto, ali, perto da nascente do Rio Preto. Então, ali no fundo da Vila Toninho tinha uma represa onde a gente brincava, nadava, via olho d'água, sonho em ver um olho d'água, (risos) nunca mais eu vi. Mas a gente brincava, porque a gente enfiava a mão no olho d'água, assim, ia enfiando a mão, era areia movediça, a gente chamava, né? Brincava muito com Dorme João. E esses eram os passeios. Era o bosque, a represa lá da Vila Toninho, na casa da vó e a sorveteria. Dia de ir na sorveteria era uma festa. (risos)
Formação escolar	Eu estudei, até essa escola eu vi a construção dela porque, na verdade, nesse período que eu morei em Rio Preto, que eu nasci em Rio Preto, eu morei dois anos em Osasco, dos meus cinco aos sete anos. Nesse período a escola foi construída, que é a Escola Voluntários de 32. Ela era ali na Rua São João, aí foi feita uma escola nova, porque a escola era antiga, não ia abrigar todas as crianças que precisavam de escola, foi feita uma outra Voluntários de 32 na Rua Dom Pedro, que era a dois quarteirões da minha casa. E aí eu estudei lá durante bastante... até os meus 15 anos... até os 14 anos e ali eu ia a pé, porque era dois quarteirões de casa. Então, era muito próxima.

	[...] Olha, minha mãe sempre quis que eu fosse da área da Saúde, que fosse enfermeira ou médica, mas era um sonho praticamente impossível. Eu falo hoje: deveria ter seguido o conselho da minha mãe. (risos) Eu gostaria muito de estar... é uma área que eu também gosto. Me interesso muito, pesquiso, estou sempre atenta pra essa área. Eu não sabia o que eu queria ser, não. (risos) Eu vou te falar a verdade: não. E eu sempre me interessei por vários assuntos e não tinha muito... eu gostava muito de Ciências, gostava muito de História, sempre gostei muito de História. Matemática ali eu me virava, mas sempre tirava notas boas, mas também não era a minha praia. Exatas, jamais, né? E aí eu gostava muito de Artes, da aula de Artes, fazia teatro na escola, amava. O que eu queria ser era da área de Artes. (risos) Mas aí eu fiquei grávida aos 15 anos, então a minha vida mudou muito, né? (risos) E aí eu voltei a estudar, eu trabalhei... quem direcionou a minha vida profissional foram os meus trabalhos, porque aí eu entrei na área comercial, eu era demonstradora, promotora de vendas. Aí fui mais pra essa área do *merchandising* e *marketing* e aí que eu fui me desenvolvendo profissionalmente. Mas eu mudei bastante. Acho que a área de Artes que eu queria seguir era disso aí. (risos) Acabei fazendo, porque eu tive bastante mudanças na minha vida, profissionais.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Não menciona.
Trabalho	Eu me casei aos 15 anos, fiquei casada até os vinte anos, tive uma separação e, aos 23, eu me casei novamente com a mesma pessoa. (risos) Com o pai do meu filho. (risos) E aí eu fiquei casada novamente até os 27, mas infelizmente não fluiu, não deu certo. Tentamos, duas vezes. (risos) [...] Eu me casei aos 15 anos, fiquei casada até os vinte anos, tive uma separação e, aos 23, eu me casei novamente com a mesma pessoa. (risos) Com o pai do meu filho. (risos) E aí eu fiquei casada novamente até os 27, mas infelizmente não fluiu, não deu certo. Tentamos, duas vezes. (risos) [...] Eu me casei aos 15 anos, fiquei casada até os vinte anos, tive uma separação e, aos 23, eu me casei novamente com a mesma pessoa. (risos) Com o pai do meu filho. (risos) E aí eu fiquei casada novamente até os 27, mas infelizmente não fluiu, não deu certo. Tentamos, duas vezes. (risos) [...] ... uma distribuidora de alimentos. E ali eu conheci algumas pessoas e vi uma oportunidade de um nicho que estava sem... vamos dizer assim, em aberto, que estava precisando de alguém pra investir. Então nós fizemos um bar alternativo. Desse barzinho virou uma casa noturna, onde a gente já recebeu, por noite, mil e duzentas pessoas numa noite, então ficamos cinco anos com esse bar, que acabou

	virando uma casa noturna, porque já não era mais um barzinho, né? Antes a gente tinha voz e violão, depois a gente tinha voz e violão de entrada e banda e depois eu tinha que colocar um DJ ali, porque tinha um público grande. Era uma média de oitocentas pessoas/noite e ainda era um lugar muito tranquilo, porque eram pessoas que a gente conhecia, que a gente também protegia ali na diversão, pra ficarem tranquilos, sem nenhum tipo de *bullying*, preconceito e tudo o mais e tivemos, chamava Enquanto Houver Lua. [...] Era na Marginal da Rodovia, perto do Carrefour. E ali foi muito gostoso, foi muito divertido. A gente abria só de sexta-feira, um dia na semana, mas muita gente se conheceu, as pessoas têm saudade ainda, aqui da região. Tem até uma história curiosa sobre o Enquanto Houver Lua, que eu fui ao Rio de Janeiro, no *Encontro* da Fátima Bernardes e eu cheguei lá pra maquiar e eu estava maquiando e o menino falou pra mim: "De onde você é?", eu falei: "De São José do Rio Preto", ele falou: "Ah, eu sou de Paranaíba. Nossa, mas eu ia muito em Rio Preto, eu ia num barzinho lá superlegal, no Lua", que as pessoas chamavam de Lua, né? Eu falei: "Você ia no Lua? O Lua era meu". Menino, ele fez uma maquiagem em mim (risos) maravilhosa! Então, assim: lá no Rio de Janeiro encontrei um cliente do Lua e ele falou muito bem, as pessoas gostavam muito, eu gostava muito do Lua, mas infelizmente a gente tem um tempo pra começar e pra terminar, né? Aí a gente parou com o Lua, depois de quatro anos de funcionamento, por questões pessoais. A gente ficou, ainda, um ano lá no mesmo espaço, com uma locação, a gente locava o local e fazia parceria, chamava Espaço All. E ali a gente ficou e fez vários tipos de eventos, mas já estávamos com o Vila Aurora. Nós compramos o Vila Aurora, ele já existia e aí a gente ficou esse um ano, por questões de contrato de locação, aí a gente entregou o prédio e ficamos só no Vila Aurora. Aí é que começa a história do Vila Aurora. A minha sócia, Juliana, queria muito ter um bar diferente, viver uma vida mais tranquiiiiiila, porque a vida noturna é um tanto desgastante, né? A gente vivia muito intensamente no Lua. E aí ela queria um lugar mais tranquilo, trabalhar com um público mais variado. Ela queria. Aí comprou o Vila Aurora. Só que o Vila Aurora tinha muitos problemas, que a gente não identificou no início, né? Aí foi um tanto difícil, mas a gente foi passando, passando e aprendemos muito com o Vila Aurora. Muito, muito mesmo. E aqui estamos, há 11 anos. (risos) Então, quando você ganha salário, você tem uma certeza que aquele dinheiro vai cair ali. O mundo do comércio já dá um medo maior, né? Porque você vai ter que contabilizar tudo, saber quanto é que pode comprar disso e daquilo, o preço que você vai vender. Como vocês aprenderam isso, desde a época do início? Aprendemos um tanto disso lá no Enquanto Houver Lua, mas não dessa forma que é necessária hoje, porque você sabe que a maioria dos comércios que vieram até dez anos atrás, não tinha muito que... né? Vivia-se muito, mas hoje tem que ser tudo muito metricamente colocado. Então, a gente veio aprendendo isso na necessidade. Aí,

	quando você me pergunta do medo: eu estava nessa distribuidora de alimentos e eu queria empreender, mudar. É onde eu te falei que eu mudei um tanto, né? Trabalhei bastante tempo em três multinacionais: uma três anos, outra quatro anos, outra seis anos. Eu comecei a trabalhar cedo. (risos) E ali eu tinha vontade de ter um negócio próprio. Sabia que seria difícil, a gente sabe. Muito medo. Eu só me enfiei de cabeça, mesmo, quando eu vi que aquele nicho que eu ia trabalhar estava muito desfalcado. Ele estava necessitando. As pessoas necessitavam de um local legal pra ir. E, assim, a gente se deu muito bem nessa hora, porque realmente a coisa veio de setenta pessoas/noite, pra setecentas, oitocentas, né? Então, foi muito boa essa história e nos rendeu um lucro bom, um esteio bom. Tanto que, quando nós tivemos todos os problemas no Vila Aurora, já, a gente conseguiu segurar a onda ali dois anos, porque a gente tinha um capital de giro bom, por conta do sucesso do Enquanto Houver Lua. Que a gente desistiu num momento bom, saímos por questões pessoais, mas conseguimos nos segurar nesse mercado de barzinho, mesmo, que é muito mais difícil. Tem um mix maior, é muito mais complexo. [...] Bem diferente. Aí entra uma história das dificuldades que nós tivemos, de diversificar o nosso público. Aí essa história é bem interessante porque, além do universo de bar ser machista, não machista no sentido ruim, não. Hoje, há alguns anos isso tem mudado muito, mas assim: nunca foi coisa pra mulher. Bar não é coisa pra mulher. (risos) E a gente teve uma dificuldade grande, bastante grande, mas persistimos. Eu sempre dizia, falava assim: "Um dia essas pessoas vão sentar aqui". E elas sentaram e elas sentam. Não estão sentando, por conta da pandemia, né, meu Pai, mas elas se sentam, sabe? E um lugar que fosse de comum e de aceitação e aí foi muito legal porque, por causa dessa dificuldade, é que eu comecei a seguir pra parte gastronômica, que eu descobri que eu precisava me especializar nisso, que bar não é um lugar só pras pessoas beberem, que ele tem que ter coisas boas pra comer e assim você vai atingir todo tipo de público, um público mais diversificado. E assim você consegue aumentar seu *ticket* médio, toda aquela coisa do Sebrae. (risos) Toda aquela coisa que a gente tinha falado agora há pouco. Então, aí, nessas dificuldades, eu comecei a estudar Gastronomia, a fazer outros cursos, pesquisar cardápio, aprender os termos técnicos de coisa que eu nunca imaginava e aí foi o nosso *up*, né? Foi onde a gente conseguiu um respeito que a gente não tinha, uma visibilidade e uma visão, pra nós, diferente. [...] Aí tem uma outra história de mudança, né? Esse bar aqui não era aqui. O primeiro Vila Aurora era a cinco quarteirões daqui. Ele era na Rua Aristides Serpa, número 5, que é próximo ao Bom Jesus, próximo ao Atacadão, ao Colégio Santo André. Lá nós compramos o Vila Aurora, ficamos sete anos e já vai pra quatro anos que estamos aqui, nesse novo local. O primeiro local era uma casinha, gostosinho, mas ainda lá não era esse estilo aqui. Era, assim, visual fora, era... como

	eu vou te falar? Era uma casa. Então, toda essa decoração aqui ficava lá, mas ninguém via, né? Nós precisamos mudar, por conta de contrato de locação e aí eu falei: "Eu preciso de um lugar que eu possa fazer a coisa do jeito que eu gostaria que fosse. Eu quero mostrar as garrafinhas". Depois eu te mostro ali: tem umas garrafinhas miniaturas em paspatur, coisinhas que eu fui criando, tinha guardado, a gente foi colocando na parede. E aí nós achamos esse salão aqui, próximo, que são cinco quarteirões, mas é na Avenida Potirendaba, aqui, bem perto da rodovia. Cheguei aqui e falei: "Eu preciso de uma picareta", porque a nossa fachada é de tijolo de demolição à vista. Peguei uma picareta, (risos) aqui é tudo de tijolo, aí entrei no salão, amei e aí nós fizemos uma reforma, fizemos uma varanda, fizemos uma estrutura, que é essa que você está vendo aqui. Então, esse é o segundo. Foi outra mudança. (risos) A gente mudou pra cá há quase quatro anos. Nós tivemos uma história ali embaixo – eu costumo dizer ali embaixo, porque é mais pra baixo daqui – no primeiro Vila Aurora, muito forte, assim. A gente estava num local onde, na época, era considerado uma Vila Madalena de Rio Preto e só a gente não tinha movimento. Não tinha. A gente esperava as pessoas saírem dos outros bares ou não terem lugar pra sentar, pra ir no nosso. (risos) E ali nós ficamos dois anos, assim e aí veio um tanto de público, a gente vai conquistando alguns clientes, vai devagar, mas é bem devagar, bem devagar. Aí, em 2013, nós ganhamos um concurso, que é o Comida Di Buteco. [...] Aí, em 2013, nós ganhamos em três categorias o Comida Di Buteco. Que foi, assim... quando eu falo surpresa, as pessoas: "Mas você não confiava no seu trabalho?" Sim, por isso eu ganhei. Mas, assim, você fala: "Gente, eu não acredito", né? Porque era o segundo ano que a gente participava e a gente fez tudo muito certinho, se profissionalizou muito na coisa, de atendimento principalmente e da cozinha, de logística, de tudo, mas principalmente atendimento. Aí nós ficamos assim, né? Até sem... daí o público começou a nos olhar com um olhar diferente. Mas ainda demorou um pouquinho. (risos) Participamos em 2014, pegamos acho que sexto lugar, está ótimo, foi tudo muito bom, eu aprendi com os erros que eu... porque assim: em 2013, quando a gente ganhou, a gente fez tudo pra ganhar. Tudo certinho, pra ganhar. Só que nós não imaginávamos que nós fossemos ganhar e eu costumo dizer: "Troféu na parede é só responsabilidade, ele não significa nada, é só responsabilidade". A gente não se preparou pro pós. A gente se preparou pra ganhar, mas não pra vencer, vamos dizer assim. E dar uma continuidade no nosso trabalho. Então, aí a gente pecou, porque eu não fiz essa equipe pra mim, eu tive um público que eu não consegui atender como eu gosto de atender e como eu deveria atender. Então, aí, em 2015, o meu prato não foi aquele que era pra ser. 2016 eu tive um *insight* da Colherada. Eu falei pro moço que trabalhava com a gente assim: "Eu não sei", porque o bar, o carro-chefe dele é a costela desossada. E o prato que ganhou em 2013 é o Entrevero e, no meio desse Entrevero, ia a

	costela. E aí eu falei assim: “Eu queria fazer um Escondidinho, porque o Escondidinho de Costela eu já fiz aqui no bar e o pessoal gosta muito, mas eu queria fazer de uma maneira diferente”. Eu fiquei pensando, pensando, pensando e falei: “Será que é possível montar um Escondidinho numa colher?” Ele falou assim: “Vamos tentar”. Aí eu montei, chama Colherada, um Escondidinho de Costela na colher. Até ele falou pra mim assim: “Mas como que a gente vai gratinar isso?” Eu falei: “E maçarico? Vamos pegar um maçarico e vamos testar?” Pegamos o maçarico, testamos e fica psssssssss, muito gostoso, muito bom. (risos) E aí eu procurei acompanhamento: geleia de pimenta, gente! Aquela combinação da costela, o *catupiry*, o purê de mandioca e a geleia - o maçarico, que dá, fica defumado – de pimenta, ficou muito bom. E aí, com esse prato, a gente foi campeão em Rio Preto e vice-campeão nacional do Comida Di Buteco. O nacional acontecia em cada bar, mas a final dele foi no Rio de Janeiro, com passagem pra entrevista da Fátima Bernardes, no *Encontro*. (risos) E aí, lógico, né, você tem uma mídia nacional, é uma coisa muito forte e que tem um alcance. Aí é que nós viramos, encorpamos mesmo, tomamos corpo, né? E aí foi uma história forte, bem legal. Aí, no outro ano, nós fomos segundo lugar em Rio Preto e no outro ano que participamos, também. Mas aí, no último ano a gente já estava aqui, nesse novo ponto. Então, esse público todo, a gente foi divulgando durante quatro meses, que a gente iria mudar de local. Fizemos assim: boca a boca, um a um, que a gente foi falando: “Olha, o novo local é aqui perto, o endereço”. Fizemos também, tivemos assessoria de imprensa da Sabrina Braga, que foi muito importante, que ela ajudou muito nisso, ótima profissional também. E aí veio o dia da inauguração, (risos) eu falei: “Meu Deus, será que alguém vem?” e vieram, graças a Deus vieram, lotou e ficamos aqui um ano e, depois de um ano e pouco, veio a pandemia, né? (risos) Então, aí já não é mais parâmetro pra nada. (risos) Assim, só resistir, mesmo. Na verdade, o público ficou uma faixa etária mais madura, vamos dizer assim. É o que você falou: que vem pra comer, com cervejas diferenciadas e tudo o mais. Realmente, mudou um tanto, um pouco, né? Até, no último decreto que pôde ter música ao vivo, que é uma marca muito forte aqui também, a gente sempre... nós estamos numa cidade muito sertaneja e eu até gosto de churrasco com sertanejo, mas a gente tem uma linha MPB, *pop rock*, uma linha musical focada em outros estilos, que não o sertanejo. E aí eu tenho também um público por conta disso, né? Porque, apesar da gente estar numa cidade muito sertaneja, as tribos não se misturam muito bem. (risos) A música ao vivo alegra muito. Esses últimos meses que a gente trabalhou aqui em Rio Preto, que a gente conseguiu trabalhar, porque a gente é restaurante, né? Hoje até está prevista aí uma mudança, a hora que passar tudo isso, a gente vai fazer uma mudança na logo, a gente está mudando também o nosso cardápio pra restaurante, porque se não fôssemos também, hoje não poderíamos trabalhar, de jeito nenhum. E há alguns meses também não poderíamos. Mas a música

	ao vivo, mesmo sendo restaurante, traz uma alegria, mesmo. Traz um público que gosta. O músico é parte do bar, né, do contexto. Ele é anfitrião. Os músicos aqui, eu vou citar um, o Luís Dillah, que parece que o bar é dele. (risos) E é, de verdade. Naquela noite, é. Eles se sentem em casa e fazem a recepção da casa. É muito gostoso trabalhar com eles. Eu não sei te dizer agora, assim, porque aqui em Rio Preto tem bastante gente que participa dos festivais, vocês devem saber disso. A gente viu algumas pessoas aqui, o pessoal do Chá de Lua se despontando. A cena musical aqui em Rio Preto é muito legal. Ela não é só de um bar, né? Ela não é só de um local. Eles vão fazendo... o Dillah é antigo, já, mas o André Fernandes, o Zeca Barreto trabalham aqui e estão sempre fazendo a cena musical de Rio Preto, né? A Jaqueline Cardoso trabalhou comigo, ela era minha cozinheira, a gente cozinhava juntas. Aprendi muito com ela, mas é uma excelente cantora e ela... talvez a Jaqueline, mesmo, que depois saiu do bar enquanto trabalho, foi pro teatro e aí tomou uma nova cena na vida dela, cantora e atriz. (risos) Pode ser a Jaque, a Jaqueline Cardoso, que é uma querida e que a gente viu a história dela mudar, vamos dizer assim, né? Se diversificar, melhorar, modificar.
Significado da entrevista	Eu quero dizer, primeiro, que eu preciso falar pra vocês, que eu agradeço muito o convite, por participar desse programa, desse evento e que eu fiquei muito feliz, porque a gente tem seguido uma história, eu e a Juliana, totalmente na contramão do que se é, do que foi colocado pra nós, né? A gente vive num universo que era masculino, que é de bebida e a gente conseguiu - às vezes aprendendo com os erros, nas dificuldades – mudar um pouco o contexto de tudo isso. Duas mulheres fazerem com que o bar fosse uma extensão da casa, mesmo e que duas mulheres colocam um prisma feminino, mesmo, um ambiente feminino, de um cuidado feminino, as pessoas conseguiram enxergar o cuidado feminino. Não que vocês, homens, não estou criticando vocês, mas a gente tem um acolhimento diferente, né? Então, a gente conseguiu entrar nesse universo masculino e, principalmente, vencer todos os tabus que tinham de duas mulheres estarem à frente de um negócio, bar e transformar esse bar e ver a transformação desse bar pra, também, o restaurante descontraído. Então, eu quero agradecer muito vocês, porque vocês estão nos dando essa oportunidade de mostrar isso e quero que nós possamos resistir a essa pandemia, que vai ser um desafio muito difícil e espero nos vermos ao longo desse ano e espero que a gente resista a tudo isso. Acho que é isso, né, Ju? Acho que é isso mesmo. E um prazer estar com vocês... e que eu possa levar alguma coisa pra alguém, ou da história de Rio Preto, pela visão de uma menina simples, que morou ali na Rua Visconde de Ouro Preto e que não teve oportunidade de estudar enquanto nova, mas teve um filho maravilhoso e que viveu essa

	experiência, que agora a história, o ciclo se fechou ali, quando eu falei do meu filho, né? E que, mesmo que ele não esteja aqui hoje, mas ele ainda me traz muita força. E espero que as pessoas possam, aí, em todas essas perdas que elas têm sofrido, muita gente, encontrar força, porque a gente sabe que a vida não acaba aqui.

5. CODINOME	**CHICA**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Cafeara, estado da Paraná
Data de Nascimento:	Década de Nascimento:
Entrevistado em: 27/01/2021	Modo da entrevista: Online
Acesso em 31.08.2022	
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem / Rural	Eu me chamo XXXX. Tenho... vou completar 60 anos e nasci em Cafeara, Paraná. [...] A mamãe sempre foi do lar, trabalhou muito em casa de família e chama XXXX. E o papai, quando jovem, trabalhava na roça e quando nós viemos pra São José do Rio Preto, o papai tinha... ele se chama XXXX. Os dois falecidos. Inclusive, a mamãe faleceu dia 15 de dezembro, agora. Ainda estamos vivendo ainda esse período... [O luto] que ainda, com tudo isso é maravilhoso, porque é a única coisa certa. Tristonho, mas, ainda assim, maravilhoso. E o papai trabalhava na roça enquanto jovem e aí ele se aventurou a fazer um armazém lá no Paraná. E eu estava com três aninhos de idade nessa oportunidade. Nem três, dois. E, assim que eu nasci, o meu tio me trouxe uma galinhazinha, um pintinho de presente e que na qual ele veio ser meu padrinho. Só que essa galinha, esse franguinho, esse pintinho, era uma franga e ela ficou maravilhosa, grande, linda e encheu aquele quintal com aquele monte de galinha. E aí com esse monte de galinha, o papai vendeu as minhas galinhas, levantou todo o dinheiro e viemos pra São José do Rio Preto. Olha que chique! Então, desde pequeninha, eu sustentando esses negrinhos maravilhosos, que é a minha família. Com as minhas galinhas viemos pra São José do Rio Preto. Isso é muito bom. [...] Galinha de ouro. Galinha com os ovos de ouro. Isso é fantástico.
Infância	Não, eu não cresci no Paraná. A minha infância, minha primeira infância foi em São José do Rio Preto. E eu sempre uma menina espontânea e maravilhosa, extremamente abençoada, sem modéstia. A mamãe foi ajudar uma família, a Dona Celeste tinha cinco filhos e a mamãe tinha duas meninas: eu e minha irmãzinha. Eu com três, quase três aninhos e a minha irmãzinha com um aninho e seis meses, uma coisinha assim. E o papai empurrava carrinho, vendia pipoca em São José do Rio Preto. [...] É, e ele pegou a gente pra não ficar lá na casa da Celeste, porque era muita criança pra mamãe cuidar, da mulher acamada, que o marido pediu.
Formação Escolar	levou a gente com ele empurrando um carrinho lá de pipoca e pôs a gente sentadinha na sarjetinha, em frente do Externato Santo Antônio, em São José do Rio Preto. E veio aquela irmã, aquela freira maravilhosa e falou assim: "Baiano, essas duas meninas são suas

	filhas?". E ele falou: "Sim". Aí ela nos colocou para dentro da escola. Fizemos a nossa infância lá. A escola mais cara de São José do Rio Preto. As pessoas chegavam lá com motorista, tinha até luva e nós estudamos lá até o primeiro grau, que hoje eu não sei falar muito bem qual é a graduação hoje, nessa escola. Então, nós aprendemos a ter comportamento, nós aprendemos uma boa educação, nós aprendemos a lidar com o outro, porque era um colégio pago de altíssimo nível e nós duas, eu e minha irmãzinha, estudamos nesse colégio sem a menor distinção. Isso foi primordial para a minha e da minha irmã [Maria de Fátima], nossa formação. Isso foi maravilhoso. [...] É. Nós estudamos lá. E depois, como não tinha como prosseguir - sem pagar um tostão - como não tinha como prosseguir lá...aí nós passamos na escola pública, que aí fomos ver o que era a realidade que nós não conhecíamos, eu e minha irmãzinha, nós não conhecíamos essa realidade, é... porque, de uma escola particular pra aquela época, preste atenção, há 53 anos, a gente não conhecia a realidade. Mas isso foi fundamental pra nossa formação, a nossa educação. Os primeiros passos de vida. Isso foi maravilhoso. Não deixamos de ser pobres... [...] mas tínhamos uma educação primordial. [...] A gente fazia... era... tinha filinha. Como nós éramos as pequeninhas, nós ficávamos sempre na frente. E as freiras, os mesmos uniformes, o mesmo tudo era pra nós também. E a gente ficava muito pequeninha ali na frente, porque as outras crianças um pouquinho maiores ficavam atrás. E a mamãe sempre era convidada a ir na época de Dia das Mães, na Páscoa, que fazíamos os desenhinhos, aquelas coisinhas. Então, a gente fez bastante coleguinhas. Mas, por favor, não me pergunta o nome de nenhum, não lembro. [...] Que, mesmo empurrando carrinho na rua, naquela época tinha o Senac. Como eu tinha estudado no Externato Santo Antônio, eu tinha sede de conhecimento, eu queria aprender coisas. Então, eu fui aprender datilografia, eu fui aprender escritório. Enquanto eu não estava empurrando carrinho com o papai, eu estava lá no Senac, que era de grátis e eu podia fazer todos os cursos. Eu aprendi a andar, eu fiz culinária, eu fiz um monte de coisas
Trabalho na infância / adolescência	Uma infância e adolescência... muito trabalho. Trabalhei demais empurrando carrinho na rua com o papai, ele com o carrinho de pipoca, eu com um carrinho de melancia, laranja e abacaxi. Um carrinho imenso pra fazer o contrapeso. Então, até os meus 18 anos, quase 18, antes de entrar no Grupo XXXX, eu empurrava carrinho na rua com o papai. [...] Juntos, juntos, juntos. Nós... o papai tinha esse ponto, que ele era único e exclusivo, ali na frente do Externato Santo Antônio e depois desse ponto, acabava a escola, nós íamos pra outro ponto, que é em frente da Santa Casa, lá em São José do Rio Preto. [...] E quando nós crescemos, que a gente cresceu e que eu já tinha condições de empurrar um carrinho, aí ele fez um carrinho pra mim. E aí nós dois juntos, eu ia na escola na parte da tarde e depois, tarde e noite, ia. Antes disso, nós íamos lá nesses pontos, que era o ponto fixo. E levávamos. Tinha uma maquininha que descascava laranja, ele cortava as fatias de melancia e as fatias de abacaxi. E ele levava

	o carrinho de pipoca, amendoim, paçoca. Tudo a gente fazia em casa. E depois a gente colocava as frutas no meu carrinho e nós dois íamos. Até 17, 17 anos e meio, sempre trabalhando com o papai. Até ele ficar meio acamadinho e como nós dois cuidávamos da nossa família, eu falei: "Papai, amanhã eu vou procurar emprego" - falei pra ele, que ele ficou meio acamadinho e eu sozinha não dava conta. Eu vou procurar emprego. Aí eu fui no Grupo XXXXX, Supermercado XXXX, lá em São José do Rio Preto. Fui admitida na mesma hora. Eu devia ser linda, muito engraçadinha, porque eu fui admitida na mesma hora. [...] E foi, assim, a libertação da nossa família. Pensa numa coisa maravilhosa. Porque a gente ia lá no barzinho do 'seu' Floriano e ficava comprando de picadinho em picadinho, porque a gente ganhava dinheiro todo dia e ia comprando picadinho. Só que, quando eu entrei no Jumbo, a gente passou a receber por mês. Aí eu fui lá no... fiquei linda, me arrumei toda e fui lá no Supermercado Santa Cruz. Só que a gente não sabia o que era supermercado e era de uns portugueses. A hora que o português viu a negrinha, ficou encantado, abriu crédito, podia pagar por mês lá. Olha que coisa mais fofa! Meu Deus do céu! Veio o primeiro salário. Uma fortuna. Uma fortuna. Meu primeiro salário foi uma coisa que nem... nunca a gente tinha visto tanto dinheiro junto nas mãos de uma menina de 18 anos. E eu entrei como operadora de caixa. Que, mesmo empurrando carrinho na rua, naquela época tinha o Senac. Como eu tinha estudado no Externato Santo Antônio, eu tinha sede de conhecimento, eu queria aprender coisas. Então, eu fui aprender datilografia, eu fui aprender escritório. Enquanto eu não estava empurrando carrinho com o papai, eu estava lá no Senac, que era de grátis e eu podia fazer todos os cursos. Eu aprendi a andar, eu fiz culinária, eu fiz um monte de coisas. Então, quando eu cheguei no Jumbo Eletro, eu tinha uma bagagem teórica muito boa, uma bagagem boa. Eu não tinha experiência, porque eu ficava empurrando carrinho na rua, mas eu tinha uma bagagem teórica e isso foi o primeiro passo pra que eu pudesse entrar lá. O Abílio [proprietário] sofreu um sequestro, ele saiu muito, assim, com o coração muito cheio de amor e falou assim: "Eu vou fazer alguma coisa pelos funcionários de todo o Brasil, que eu tenho". E ele fez um concurso pra quem tivesse algum tempo e quisesse subir de cargo e eu fui indicada pra fazer esse concurso, por um rapaz de São Paulo que um dia, ele veio e eu estava fazendo uma vitrine, Deus e eu dentro daquele Jumbo, mas eu queria deixar maravilhoso pro outro dia. E eu estava no lugar certo, na hora certa. Que eu estava fazendo a vitrine e ele chegou, ele só vinha de noite, ele chama Ferrari. Naquela época, ele era muito idoso já, mas era de uma elegância maravilhosa, o 'seu' Ferrari. E ele me viu lá em cima fazendo a vitrine. Aí, ele falou assim: "Milton, o que essa menina está fazendo aí uma hora dessa?". Aí, o 'seu' Milton ficou roxo, com medo, falou: "Agora eu vou levar um pito". Né? Aí, eu desci rápido da escada e falei assim: "'Seu' Ferrari, eu só estava fazendo a vitrine,

	mas já estou indo embora". Um medo lascado do homem, que ninguém o conhecia ele. Ele era o top da empresa. E ele ficou encantado com a minha postura em relação ao 'seu' Milton, tipo: "O Milton não tem culpa, eu que estou aqui querendo fazer a vitrine". E quando houve isso, ele indicou pra que eu fizesse esse curso. E, por alegria minha, eu passei. Eu passei. Só que existia uma coisa que chama... eu não vou falar essa palavra, que é feio e eu não a admito no meu vocabulário, mas existem pessoas que são preferidas em relação a quem é você. Às vezes você tem cultura, às vezes você tem conhecimento, mas você não é o preferido. Então, eu não consegui. P3: A gente sabe, né, o nome disso, o nome que se dá a isso. R1: É. Eu não consegui esse trampolim nessa época, mas algo maravilhoso ainda estava por vir. Todo mundo já tinha assumido os seus cargos e, no interior do estado de São Paulo, eu tinha passado em primeiríssimo lugar pra ser encarregada, mas não fui convidada a ir. Aí, passou um tempo, o 'seu' Ferrari voltou lá em Rio Preto. E quem que ele encontra? A cara da negrinha lá. Aí, ele perguntou: Mas o que essa menina está fazendo aqui? Ela passou no teste que eu mesmo vi e ainda fiquei muito feliz". Aí, o seu Milton, sem saber o que dizer e não disse nada, mas arrumou um lugar pra mim em... é perto de São Paulo. Não, é em São Paulo, num bairro que chama Lapa, em São Paulo. Só que eu, jovem, nessa época eu estava com 22 anos, do interior, nunca tinha saído de casa, São Paulo era algo muito distante e eu fiquei com um pouco de medo e falei: "Ah, eu acho que a mamãe não vai deixar eu ir pra São Paulo". Mas não era verdade, eu que estava com medo de ir pra São Paulo. E aí ele falou assim: "Então, vamos ver um outro lugar pra você". E aí tinha Bauru. Bauru tinha ônibus três horas da tarde, da Reunidas, que eu saía daqui no sábado às três, voltava no domingo às três e tudo maravilhoso. Podia ver a família, né? Que até então eu era provedora da família. E aí eu aceitei vir pra Bauru. Em 1985, em novembro, eu desci aqui em Bauru. Meninas, foi um sururu a hora que eu desci aqui em Bauru, parecia um ET ((risos)). Sabe por quê? Aqui, naquela época, tinha uma casa que chamava Eny. Eram moças de programa, essas moças maravilhosas e eu peguei e parei em frente da Yara Calçados. A Yara Calçados também era uma loja de sapato maravilhosa. E o táxi me deixou em frente da Yara Calçados. E as moças da Eny, lá, as mulheres maravilhosas, vinham de táxi pra cidade. A hora que eu desci, vestido amarelo, sapato azul, cabelo pra cima, falou: "Chegou mais uma na Eny, acorda". Tem gente que lembra de mim até hoje chegando em Bauru. É. Olha só que espetáculo! Foi uma chegada, tipo assim: "Chegou mais uma na Eny" E aí em diante... [...] até nesse presente momento, eu cuido de toda a minha família, de todos que se aproximam de mim. Tenho o que tenho, sou o que sou por causa das minhas funcionárias, por causa dos meus clientes maravilhosos, por todos os beliscões que eu ganhei na vida e eu não olhei pra eles, eu só olhei pra frente. E é por isso que

	hoje eu sou o que sou, tenho o que tenho e é por isso, talvez, que vocês estão falando comigo.
Trabalho	Na verdade, é aquele lance de sorte, de você estar no lugar certo, na pessoa certa e a pessoa ter uma confiança em você. O que que aconteceu comigo? [Eu era gerente de uma loja peças folheada as ouro] a GoldSilver e o Jad Zogheib me procurou pra interceder, junto ao 'seu' Luciano, pra ele inaugurar uma loja lá no Confiança. O Jad me procurou. [...] E eu fiquei encantada com aquilo. Falei: "Meu Deus! 'seu' Luciano vai ficar maravilhoso, ele vai adorar". E aí, eu cheguei até ele, ele não estava totalmente à frente dos negócios, já os filhos, né? [...] Porque ele já estava meio doentinho, não estava totalmente à frente, mas ainda era o meu patrão. Aí eu cheguei e falei: "'Seu' Luciano, eu tenho uma máxima". Aí ele foi na loja. "O Jad Zogheib vai inaugurar um supermercado e ele quer que a gente faça uma loja lá. Olha que coisa maravilhosa!". Aí vieram os filhos, que hoje são os atuais donos e conversaram, conversaram, conversaram e não acharam interessante, na época. E o Jad cobrando. E eu não sabia o que falar porque, dentro do meu coração, eu queria que a Gold abrisse uma loja lá, porque eu via que aquilo era maravilhoso. Até que um dia, o 'seu' Luciano falou assim: "Ah, vai lá, conversa com ele e fala que a gente não está interessado, que a gente não quer, que a gente isso, que a gente aquilo, 'bebebê, bebebê'". Aí, naquela tarde, ele ligou. Aí eu falei assim: "Ai, olha, eu estou aqui com um cliente, mais tarde eu ligo pro senhor e falo com o senhor". Com o Jad. Aí ele falou assim: "Então, vamos fazer melhor. Você não quer vir na minha casa à noite? Aí a gente conversa melhor sobre isso". E eu fiquei... sabe quando você gagueja, não sabe do sim, não sabe do não? Aquele: "O que eu vou fazer? Onde que eu vou? O que eu faço?". Né? E aí... [...] Aí, à tarde eu falei assim: "'Seu' Luciano, o Jad falou que é pra eu ir lá na casa dele falar com ele do porquê que o senhor não quer. O senhor não quer ir comigo, 'seu' Luciano? Vamos lá. Porque olha, presta atenção, é o senhor que tem que falar, o senhor que é dono da loja. Por que o senhor quer falar comigo, né? Por que quer que eu vou?". Ele falou: "Ah, porque eu fico com vergonha". Ele falou, (riso) o 'seu' Luciano falou pra mim: "Não quero ir, porque eu fico com vergonha". Mentindo, brincadeira, porque o 'seu' Luciano era maravilhoso. Eu falei: "Então está bom, então eu vou". E quando chegou de tarde, eu saí lá da loja e já subi na... ele morava aqui no Edifício Marselha. Subi, já estavam me esperando lá, tal. E aí, eu fui lá e eu falei: "Olha, bem, não...". Conversa vai, conversa vem, uma casa chique de doer, né? Aquela coisa maravilhosa. A Carmem Isa mais linda ainda, eu já os conhecia, porque eles compravam lá comigo. E aí: "Ah, não, o 'seu' Luciano falou que pra ele, nesse momento, não seria bom, não dava certo". E "tatata", aquela "contorneza" que a gente fica, né? Vem a máxima: "Então, por que você não fica? Fica você e a Carmem". A esposa. Aí eu quase desmaiei. Eu falei: "Não, não. Eu não tenho cacife, não tenho condição, eu não... não tem jeito. Eu não". "Não! Dá sim, por que não? Você tem know-how, você tem conhecimento". Aí começou a

	grande saga. Voltei e fiquei: "Falo ou não falo com ‘seu’ Luciano?". E aí eu falei com o ‘seu’ Luciano: “’Seu’ Luciano, eles ofereceram se não quer que eu pego a loja junto com a Carmem Isa”. Aí o seu Luciano falou assim pra mim: "Ué, se você achar que você tem condição de fazer e se eles estão te oferecendo lá, ué, vai”. Tipo assim: não achou, talvez, que eu pudesse ir, entendeu? E aí, passou um pouquinho, em agosto, mais ou menos, eu aceitei. Só que aí, eu não falei que tinha aceitado na época, porque aí ele já não estava mais lá, ele já estava retirado, fora, o Alzheimer atacou demais mesmo, assim, de uma maneira avassaladora. Então, eu não falei. Eu só aguardei, porque ele tinha diverticulite também e foi tudo muito intenso. Aí eu esperei e quando foi no dia dois de outubro de 2005, ele veio a falecer e quando foi no dia 20 de abril, foi também o meu último dia de 2005 e no dia 14 eu inaugurei as lojas. Eu e a Carmem Isa e os nossos funcionários. A Carmem Isa ficou três meses e falou: "Nair, eu tenho que cuidar das minhas filhas, o balcão não é pra mim. Não, eu não posso. Então, nós vamos vender a loja”. Eu falei: "Amém, vamos ver quem pode comprar”. Saí atrás de compradores. Aí um dia eu ajoelhei e falei: "Senhor, eu não sei o que fazer. De repente, eu vou ficar desempregada e amanhã eu gostaria que o Senhor me desse uma resposta". No outro dia de manhã, a hora que eu abri os olhos, eu ouvi em alto e bom som: "Compra a loja”. Aí eu falei pra Carmem Isa: "Carmem, e se eu comprar a loja?". Ela falou: "Nair, é a melhor notícia que eu pudesse receber. Paga do jeito que der, da maneira como puder, como você quiser, quando você quiser”. E aí nós ficamos um período pra levantar, dispensei alguns funcionários, fiquei só com o que realmente precisava pra aquela situação. Foi muito difícil o Flex, no começo, porque ninguém atravessa o Rondon, pra ir lá naquele mercado. Foi muito, muito, muito, muito difícil, escutei besteira demais, mas eu sempre acreditei que algo maravilhoso ia acontecer.
Significado da entrevista	[...] Olha, eu fiquei muito lisonjeada. Claro que eu vi as meninas muito felizes antes de mim, porque elas começaram a pular aqui e tinha um orgulho, mas eu fiquei muito lisonjeada, muito agradecida. E hoje eu estava falando lá na outra loja, que eu falei: “Eu vou lá no Tauste pra falar com elas, porque foi lá que elas foram”. É... Eu, eu falo por mim e pra todas e pra elas que me rodeiam, que elas estão aqui e pra você, que vai deixar no Museu da Pessoa, o seu legado, o seu rastro, sabe? O seu rastro você que faz, a sua vida positiva ou negativamente, de alguma maneira você vai ser lembrada. De alguma maneira. Então, que o seu rastro, que a sua trajetória, que a sua existência, seja lembrada positivamente. E eu, nesse período, estou tendo a felicidade, que nem a menina falou: “Dona Nair, Dona Nair, a senhora vai ser imortalizada”. Ela falou. Então, é isso que vocês estão fazendo comigo, contando a minha história. Um dia não existirei mais nesse plano, mas um dia alguém vai entrar lá no Museu da Pessoa e vai falar: “Uma mulher existiu, eu li sobre ela”. E quem fez parte disso? A Cláudia, a Daiana e o... [...] E o Caio. E o Caio. Sabe? Então, é… eu fico muito agradecida, muito lisonjeada e agradeço a Deus por ter feito... sempre procurado fazer o melhor de

	mim e um dia alguém enxergou, um dia enxergou... Você, eu estava atendendo você, livre, espontaneamente como sou e você, não sabia quem era você e você falou: “Essa mulher merece ser comentada”. Por um atendimento simples, de você estar passando por aqui. [...] Isso foi em 2016? [...] Nossa, meu Deus! Nossa! Está vendo só? Então, eu acho que é isso: é o seu legado, quem é que você quer que lembre de você e de que maneira você quer, mas tendo a sua personalidade, tendo a sua atitude, o seu comportamento, porque ninguém muda, o que é, é, sabe? E uma hora você é visto. Então, eu não tenho outra coisa a dizer: muito obrigada.

6. CODINOME	**CLÓVIS**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Ribeirão Preto, Estado de São Paulo
Data de Nascimento: 08/04/1989	Década de Nascimento: 1980
Entrevistado em: 14/04/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem	Bom dia! Bom dia a todo mundo! Bom, o meu nome é XXXX. Eu nasci no dia oito de abril de 1989. Aqui em Ribeirão Preto mesmo. [...] E estou muito feliz por estar participando desse projeto. [...] O meu pai chama-se XXXX. E a minha mãe se XXXX. [...] Bom, o meu avô… eu vou começar com o meu avô que é falecido: o meu avô Milton, ele é neto de pessoas que foram escravizadas. E ele viveu a vida toda em São Paulo. E quando a minha mãe fez dezoito anos, eles vieram pra Ribeirão Preto e ficaram por aqui. Mas em São Paulo ele era mecânico, trabalhava com carros de gente famosa. O meu avô era espetacular. Era bom na capoeira. Macumbeiro, de onde a gente herdou toda essa cultura bonita, né? Ele que trouxe essa cultura na nossa família, né? A minha avó era de Minas, mas foi pra São Paulo, aonde ela o conheceu, né. E aí eles vieram pra Ribeirão Preto, se instalaram aqui e ficaram o resto da vida aqui. O meu avô paterno e a minha avó materna, eu não sei muito… muito sobre a história deles, porque foi uma história bem complicada: família se desuniu, foi cada um pra um lado. Eu sei que o meu avô, ele tem origem portuguesa e a minha avó tem origem italiana. [...] Mas sempre foram trabalhadores aqui de Ribeirão Preto, também. O que eu sei deles, assim, é que eu já nasci com eles morando aqui. Eu não conheço uma história muito mais aprofundada, não. [...] O meu avô [paterno] era muito do povo. Ele era muito feliz. Era um homem muito feliz. Onde ele ia, ele tinha amizade, ele conhecia todo mundo. Começou muito com a capoeira, né? Eu lembro de pequenininho, tinha roda de capoeira na casa dele, os meus tios, os meus primos, todos vinham. E também tinha as sessões de umbanda, né, que tinha o batuque, o tambor e onde reunia gente ali,

	naquela comunhão de fé, né? E eu, assim, me lembro vagamente de, de… do meu avô colocando os discos de samba pra gente ouvir, de domingo. Ele gostava muito do Paulinho da Viola. Eu acho que essas músicas, o samba, ele conta muito a história do povo preto e a cultura do orixá, a cultura do candomblé, a cultura da umbanda. E o meu avô, a lembrança que eu tenho dele é muito musical; é muito capoeira, berimbau; é muito samba e batuque. Foi isso que ele deixou pra gente. [...] [...] Eu acho que é o que você falou, Daiana: é o respeito. Eu acho que o meu avô e o meu tio-avô, eles tiveram uma criação muito doutrinada na base do respeito, né? A avó deles era índia. E o pai dele… o avô deles era africano. Então, já desde o começo teve essa junção, assim, sem explicação. Porque pegou a cultura do indígena, pegou a cultura do africano, misturou com a afro-brasilidade né, que tem essa mistura já no Brasil. E foi, eu acho que foi por conta dessa mistura que já estava desde o começo, já estava ali já, desde o princípio deles ali. E a gente sempre foi criado numa norma bem firme assim em questão de respeito, em questão de saber chegar, saber sair, respeitar a hora que a pessoa está falando, saber se colocar sem ofender as pessoas. Isso é uma coisa que a gente herdou da nossa família, do meu avô, do meu tataravô, do meu bisavô, né?
Infância	Eu sou o primeiro neto dele, né? Então, era Deus no céu e eu na terra. (riso) Onde ele ia, ele me levava. Eu tenho uma tia que ela tem a minha idade. Na verdade, os meus tios são jovens, né, então a nossa infância foi junto. [...] E a gente brincou muito na rua, muito. Morava ali na Vila Tibério. Então, era um bairro bem tranquilo, bem pacato, como ainda é. E a gente brincava muito na rua, muito. O meu avô ensinou muitas brincadeiras pra gente, brincadeiras de rua, né? De pique e pega, de várias brincadeiras… várias brincadeiras: pião, bolinha de gude. Nossa, ele ensinou muito, essas brincadeiras. A gente teve o contato com esse… essas brincadeiras mais folclóricas. Eu acho que é por isso que eu tenho muita gratidão da minha infância. Na verdade, eu morava no Monte Alegre, né, um bairro mais afastado. E a minha avó morava na Vila Tibério e eu ficava lá. Todo fim de semana, eu estava na casa da minha avó. Então, era esse contato de rua, eu tive muito, de brincar na rua, de bola, de pique e pega, o taco. A gente brincou muito, muito. E influência, muita influência do meu avô, muita influência dele. Da minha infância, uma memória que eu lembro, que eu tenho muito carinho: ele gostava de modular no rádio amador. [...] E a gente falava com o mundo inteiro. Com o mundo inteiro. Pelo rádio amador. Isso aí eu não esqueço até hoje. [...] A nossa vida foi aqui no interior, mesmo, assim. Foi uma infância pobre, mas muito feliz.

	Muito feliz. Nunca faltou nada. Mas a gente sempre foi muito, teve muito pouco, né? Brinquedo de moda, a gente não teve. A gente brincava com o que a gente tinha na mão ali: pedra, pau, caixa de papelão. Foi mais ou menos assim. A gente não saía muito. Mas eu conheci o mundo através do rádio amador do meu avô, que me levava, assim, pra vários lugares: Holanda, conversava com paraguaios, peruanos, argentinos, muitos argentinos. A gente conversava com muita gente, muita gente, pelo rádio amador. Sempre tive muita brincadeira na rua com os meus amigos. A gente podia ficar livre na rua, não tinha problema. Agora eu não sei como está. É o bairro… É o bairro [Vila Tibério] de vó, né? Bairro de vó. [...] Era bem interiorano mesmo, bem tradicional de todo mundo pôr a cadeirinha ali, seis horas, sete horas, ficar ali batendo um papo, as crianças brincando. Depois entrava todo mundo. Era muito gostoso.
Formação Escolar	Bom, eu tenho um irmão mais novo, dois anos, né? E ia eu e ele pra escola, à pé. A gente estudava na… no Sinhá Junqueira, né, da primeira à quarta série. Que eu me lembro, tive de ir pra escola a pé todo dia, porque era pouco, poucos quarteirões, assim. Era uma escola muito boa. Muito boa. Ali eu tenho lembranças maravilhosas. Eu estudei com a minha sala da primeira série, até eu me formar. [...] As mesmas pessoas, assim, a maioria eram as mesmas pessoas. A gente cresceu junto, né? Tanto que a gente, até hoje, tem muitos amigos da época da escola ainda, lá do Sinhá Junqueira. [...] Ah, eu sempre fui apaixonado por História e Ciências Sociais, né? Na época, no Sinhá Junqueira, era Ciências Sociais. Eu sempre fui apaixonado por Antropologia, né, a origem das coisas, de onde surgiu, o porquê é assim. Só que na escola a gente não tem um contato muito do que é da África, né? Na escola, a gente aprende que eram escravos e se resume a isso: eram escravos e foram libertos em 1888. E só, né. A gente não tem uma... o que eu fui buscando depois, foi por mim, né? Fui conhecendo sobre África, sobre a cultura. Mas eu sempre fui apaixonado por História e essas coisas sobre o comportamento humano, eu sempre gostei disso. E talvez isso tenha me levado mesmo pro comércio, pra ter essa troca, né? [...] Assim, como eu tinha que estudar e trabalhar, né? Eu tinha que estudar e continuar trabalhando, porque eu ajudava os meus pais em casa. Então, eu prestei vestibular. Prestei Filosofia. Eu queria ter feito Filosofia. E aí… Só que era em São Paulo. E aí eu não fui. Eu prestei, passei a primeira fase, só que acabei que eu não fui. Porque já tinha a complicação de eu ter que ajudar os meus pais em casa. Eu trabalhava com o meu pai. Então, eu tinha que trabalhar. Depois eu tive que procurar um

	emprego registrado, pra poder ajudar mais, porque não estava dando. E aí eu fiquei… eu não fiz faculdade. Aí, depois de alguns anos, eu fiz Direito. Eu fiz três semestres de Direito, na Barão de Mauá. Gostei muito. [...] Mas não era aquilo que eu... não era, né?
Trabalho na infância / adolescência	E aí eu já estava já inserido no comércio. Eu já estava trabalhando em comércio, já estava trabalhando em loja. E aí, de repente, eu fui trabalhar numa loja de artigos religiosos. [...] Que aí foi onde que eu falei: "Nossa, é isso que eu quero pra minha vida". [...] Ah, eu tinha uns vinte e cinco anos. Vinte e cinco pra vinte e seis. [...] Já trabalhei, já vendi perfume na rua, de porta em porta. Foi daí que eu desenvolvi a comunicação pra poder vender, né? Eu agradeço muito esse emprego. Eu fui muito explorado, porque não me pagaram bem, mas eu aprendi, eu aprendi a trabalhar. Eu aprendi a me comunicar. Eu aprendi a apresentar o meu produto e porque ele é vantajoso. Mas aí, depois, aí eu fiz o Tiro de Guerra, eu peguei o Tiro de Guerra, fui fazer o Tiro de Guerra. E, nesse tempo, eu fiquei sem trabalho, eu fiquei trabalhando com o meu pai. E aí depois do Tiro de Guerra, eu fui fazer, eu fui trabalhar em mercado, no extinto Gimenes, aqui em Ribeirão. Tinha o Gimenes. Aí o Gimenes, eu entrei. Eu fui muito sortudo: eu entrei e o Gimenes faliu. E aí, daí eu fui pro Pão de Açúcar, trabalhar no Pão de Açúcar. Foi assim: uma escola, também. Foi uma super escola. Conheci coisas que eu não imaginava que existia. Comi coisas que eu não sabia que tinha, qual era o sabor, que eu só via na TV. E aí ali a gente aprendeu… ali eu aprendi muito a lidar com as pessoas que são um pouco difíceis, né? Porque lá é um mercado de pessoas um pouco mais... e tinha gente que vinha já com as pedras na mão, querendo ser atendido bem. E aí onde a gente conseguia, ali eu consegui equilibrar, a não me estourar, pra, né, poder ficar ali na paz, né, tentar reverter a situação. [...] Aí eu sai, fui trabalhar de promotor de vendas. E aí eu fui trabalhando. Aí eu trabalhei de telemarketing, que também me ajudou muito a me comunicar. Mas sempre com venda, sempre vendendo, sempre. E aí eu fui parar na loja de artigos religiosos.[...] Eu entrei lá só pra ajudar a arrumar o depósito. Eu estava parado. Eu tinha perdido o emprego. Uma amiga minha trabalhava lá. E aí o chefe dela precisava de alguém pra arrumar o depósito. Aí eu fui. Como eu já era de umbanda, já era da religião, eu estava muito familiarizado com aquilo tudo, eu sabia o que era, sabia pra que que era. Eu era cliente naquela loja, inclusive, eu era cliente lá. E aí, então, eu já tinha essa proximidade. Aí, onde facilitou o dono querer que eu ficasse.

Trabalho	Eu falo que eu sou a pessoa mais abençoada, porque todo pai de santo que vem aqui, abençoa a gente. E desde já… desde lá eu já era, o pessoal gostava. Porque eu gosto de me comunicar. Eu não sei… Eu falo bastante, vocês perceberam, né? Eu gosto de me comunicar. [...] E ali, onde eu aprendi a trocar, a aprender, a ensinar, o que eu sabia, o que eu passava. [...] Tanto que eu encontrei, ali, muitos irmãos, que hoje participam lá no meu terreiro, no terreiro da minha família, que hoje eles vão lá. Me conheceram lá e aí eu: "Ah, vai lá no meu terreiro, conhecer. E bababa". E o pessoal vai e apaixona, porque lá é muito tradicional, né? É bem tradicional. E o pessoal… E ali, eu fiz muitos amigos. Muitos amigos. Infelizmente tive alguns atritos com o ex-dono. Porque, eu acho que, assim, a gente precisa trocar, acho que tem que trocar, né? E eu estava me dedicando muito e ele não estava retribuindo, né? Foi bem complicado... Foi bem complicado… Quando o término, né, dali, que eu não aguentava mais. Começou a ser uma situação de exploração mesmo, de assédio, às vezes, muito assédio moral, algumas coisas que ele me falava. E ali, eu fui... só que eu não desanimei desse comércio, porque era isso que eu queria pra minha vida. Eu gostava. Eu gosto de vender vela, de vender imagem, de vender artigos religiosos, né? E aí a minha esposa estava desempregada também. Ela falou: "Vamos montar um". E ela é publicitária, uma ótima publicitária. Tudo que… Tudo da Baobá, é a mão da Daniela, assim, excelente no que ela faz. [...] E aí foi onde a gente se juntou e falou: "Então, vamos abrir a nossa loja. É isso o que a gente quer. Vamos". A gente era recém-casados, falei: "Então vamos lá". [...] E a gente montou. E a gente foi indo de pouquinho, a gente foi vendendo o que tinha. E aí, assim, sempre reinvestindo, né? O que entrava, a gente comprava mais mercadoria. Até hoje, a gente faz isso, né? O que entra, a gente já: "Ah, vamos comprar uma coisa novidade?". A gente ia lá e comprava coisas nov... que era… que não tinha, nenhuma outra loja tinha. "Ah, mas a gente precisa trabalhar também a cultura". "Ah, então vamos montar uma página, que a gente vai contar um pouco da nossa cultura. A gente vai contar um pouco da história do Orixá. A gente vai contar um pouco da história do Zé Pelintra. A gente vai contar um pouco da história das músicas, do maracatu, do samba. Consciência Negra, a gente faz um levantamento das pessoas que tiveram importância não só na nossa vida, mas no Brasil inteiro. A gente conta a história de pessoas negras que foram esquecidas, que tiveram importância muito grande, né?". A gente quis trazer a nossa cultura e o nosso comércio junto. A gente fez diferente de outras

	lojas, né? A gente quis também trabalhar nesse lado, da cultura. E desmistificar, né? Trazer uma ideia, uma imagem da umbanda, do candomblé, que não seja demonizada, né, que não tenha preconceitos, explicar o que é e pra que é, né? E a gente foi montar. A Baobá nasceu de muito amor, muito amor. Há alguns anos anteriores, uns três, quatro anos, teve manifestação cultural do maracatu, do samba de coco, da umbigada, do jongo. Então, isso é legal. Eu… Pra mim é uma honra fazer parte dessa… desse conjunto de ideias que está trazendo informação. Eu acho que é informação que falta. O preconceito ele é… ele é… ele só é dado por conta da falta de informação.
Significado da entrevista	Ah, eu acho que esse bate papo foi muito bom. Eu pude… Eu tenho muita coisa pra falar e eu falei tudo o que eu queria. Contei sobre a origem da Baobá [loja de artigos religiosos], assim, que é importante. [...] E nossos planos, né? Era uma coisa que já estava aqui, eu queria falar pra alguém. E vocês tiveram esse privilégio. [...] E é isso. Ah, e outra coisa, que quem estiver assistindo, se alguém for ver, que respeite a religião do próximo, que tenha amor no coração. Nada que a gente… nada da umbanda, nada do candomblé é pro mal. É tudo pro bem, é tudo pra evolução espiritual, é tudo pra comunhão, é tudo pelo coletivo. É uma religião que poderia ter sido extinta, né? O candomblé poderia não ter se formado, pela repressão, pela opressão. Porém, mantiveram as tradições, adaptaram, disfarçaram os cultos e estão aí. E ninguém está aqui pra fazer o mal, ninguém está aqui pra fazer amarração, destruição. Quem faz isso não pratica a verdadeira religião. Não pratica a verdadeira religião. A nossa religião é do bem, ela é pro bem e somente para o bem. Não tem como alguém falar que alguém do candomblé faz coisa de errado, faz coisa ruim, que não faz. O candomblé, ele é união, é resistência, é cultura, tradição, é amor. E é louvar o Deus que está tão próximo da gente que a gente não vê, que é o ar que a gente respira, que é a cachoeira que vem com as bênçãos de Oxum, que é as montanhas, que é o verde das plantas, né, os animais. Então, a gente louva tudo isso, tudo o que o Criador nos deu. É isso. [...] Bacana, viu. [...] Axé pra vocês. Que o orixá abençoe e abra os caminhos de todos vocês.

7. CODINOME	**DANDARA**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Piá, estado de Min as Gerais
Data de Nascimento: 04/07/1988	Década de Nascimento: 1980
Entrevistado em: 10/06/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	CONTEÚDO
Origem	Vamos lá. Bom, o meu nome completo é xxxx. Eu tenho trinta e dois anos de idade. Eu nasci em Piá, Minas Gerais, uma cidade que tinha quinze mil habitantes, aproximadamente, no ano de 1988. No dia quatro de julho de 1988. [...] A minha mãe se chama xxxx. Eu não tenho o sobrenome do meu pai. O nome do meu pai é xxxx. Como eu vim de uma família de pessoas negras e é, historicamente, muito comum, essa estrutura da base familiar da pessoa negra, ser uma mulher preta, né? Os meus pais foram um casamento que não deu certo. O meu pai é alcoólatra. E a minha mãe se separou dele quando eu era muito pequena, eu tinha uns quatro anos de idade, por conta da questão do alcoolismo, né? E isso é muito comum, né? É muito comum que pessoas negras tenham uma base familiar com mulheres muito fortes. Então, eu já cresci de um lar aonde a minha mãe era mãe e pai, era "pãe". [...] Eu conheci os meus avós paternos. Eu tive pouquíssimo contato com eles, até os cinco anos de idade. Hoje ambos já são falecidos. Os meus avós maternos, a minha mãe ficou órfã com doze anos de idade. A história da minha mãe também daria um livro. Então, eu não conheci os meus avós maternos. Ela foi criada por tios. Então, eu não conheço.[...] A minha mãe não se formou. Ela sempre trabalhou como empregada doméstica e cozinheira. Ela sempre foi empregada doméstica, babá, cozinheira. Sempre trabalhou na informalidade. Nunca teve um registro em CLT. [...] [...] Minas Gerais, Uberaba, é muito forte a presença da família afro-brasileira. E também é muito forte a presença da fé católica. Então, eu sou católica de berço. As festas que eu me lembro, são sempre festas, assim, de São João, de padroeiros, né? Festa de Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora da Abadia. Inclusive, a minha mãe é Maria Aparecida, por conta de Nossa Senhora. Ela nasceu em outubro. Então, o que tenho muito forte das tradições familiares é essa questão da fé, né? E nós nascemos em berço, como eu disse, eu nasci em berço católico. Então, as festas que eu me lembro são sempre relacionadas a isso.
Infância	Eu tive uma infância muito, muito pobre, muito, muito difícil. Eu nasci num contexto que eu tinha tudo pra não dar certo, né? Pai alcoólatra, uma cidade muito pequena, onde o pessoal trabalhava na roça. A minha mãe já catou algodão, plantou batata, colheu café. Eu me lembro quando eu era, assim, muito pequenininha, eu tinha uns quatro anos, a minha mãe tinha que me levar pra lavoura, com ela, porque ela não tinha com quem deixar em alguns períodos do ano, né? E pra mim era super divertido. Ela me colocava num saco de estopa. E, enquanto ela trabalhava na lavoura, eu comia café maduro, pra matar a fome. Então, assim, eu não tive muitas festas na minha infância. A minha infância foi muito difícil. A gente passou muita necessidade. A gente chegou a não ter roupa, calçado, a não ter comida. A minha mãe chegou a precisar de caridade, né? Então, eu me lembro de que a gente fazia, às vezes, uma refeição por dia, né? E sentia fome antes de dormir, né? E aí a mãe falava: "Vamos dormir, né? Amanhã a gente come". Então, isso foi muito positivo, por um lado, porque hoje eu sou uma pessoa que como de tudo, não

	desperdiço nada, porque na minha infância, muitas vezes, a minha mãe fez broto de chuchu, broto de abóbora, broto de bambu. O meu irmão pescava pra gente comer, comia aqueles peixinhos pequenininhos, que ainda não tinha criado, nos córregos. Foi uma infância bastante difícil. E eu tenho boas memórias, a gente comia passarinho. Hoje eu não comeria, "tadinho". Eu já comi capivara, preá. Mas o meu irmão matava, caçava rolinha com estilingue, assim, pra gente matar a fome, né, pra comer com arroz. Então, assim, festas, abundancia, é uma coisa que eu não tenho muita lembrança. Eu lembro de festas em sítios, nessas épocas, sempre relacionada à religião, sempre assim. Do restante, foi assim, uma infância bem complicada, né? A gente não tinha Natal, presente de Natal, Páscoa com chocolate. É bem difícil, né? Estruturalmente, a gente, como o racismo é uma questão estrutural, então a gente já vem com várias, várias disparidades, né? Então, é muito difícil. As minhas memórias, eu tenho memórias muito tristes da infância, mas eu tenho memórias afetivas muito boas, né? A minha mãe sempre foi uma mãe muito carinhosa, muito afetuosa. Então, amor, a gente não faltava, na infância. Então, tinha muito amor. O meu irmão acabava tendo que cuidar muito de mim. Como a minha mãe trabalhava, às vezes, em dois empregos, pra poder conseguir nos sustentar, o meu irmão, com seis anos de idade, eu tinha só um ano de idade, ele que me levava pra creche. Ele que cuidava de mim, penteava meu cabelo. A memória mais afetiva, relacionada à cultura, que pra mim é sensacional, é a questão do cabelo, né? O cabelo. Eu me lembro de sentar no meio das pernas da minha mãe e ela trançar o meu cabelo. Então, era o momento ali, meu e da minha mãe. Então, assim, o cabelo, infelizmente, era motivo de bullying na escola, né, o cabelo de pessoas pretas, então: "O teu cabelo é ruim. Teu cabelo é duro. Teu cabelo é de Bombril". E aí, a minha mãe, até pra eu passar menos constrangimento, né, a trança é um símbolo de resistência na nossa família, né? Então, era pro cabelo ficar arrumadinho, né? Aquela coisa da gente é pobre, mas é limpinho, né, pra não pegar piolho. Então, a minha mãe trançava o meu cabelo. Eu lembro que ela me colocava no meio das pernas dela e ali eu passava duas horas, com a minha mãe trançando o meu cabelo. E aquilo me traz muita ancestralidade, né? A mãe dela fazia com ela, a avó dela fazia com ela, né? A gente tem, historicamente, a gente sabe que tranças datam de 3000 antes de Cristo, né? É lá do Egito, dos primeiros africanos do continente, né? Símbolo de tribo, de guerra, de resistência, né? Os escravos brasileiros usavam pra guardar semente, pra plantar nos quilombos. Então, é uma coisa que eu carrego até hoje, a questão das tranças. Então, não é uma comemoração. Não sei se eu respondi. Mas é algo que me traz muito essa questão da ancestralidade. [...] Eu me lembro que era um momento que era só nosso. Era uma coisa muito peculiar e muito particular. Naquela hora, ela contava as histórias dela, que ela lembrava da infância. Ela dizia que o meu avô deitava na rede, que ele tinha um radinho de pilha. E aí ela contava que a avó dela era negra com índio e que a avó dela também fazia essas tranças. E aí eu viajava, naquele momento, pra períodos onde não podia saber,

	se ela não contasse, né? Era ali que ela cantava pra mim. Era ali que ela colocava as expectativas, que ela dizia que eu ia ter um futuro próspero, brilhante, que eu era especial. Então, era um momento, eu não sei nem explicar, era muito lúdico pra mim, trançar o cabelo. [...] [Piá] era uma cidade muito pequena, minúscula. Pra vocês terem uma ideia, quando eu era bem criança, não tinha nem transporte público, porque não tinha necessidade, todo mundo andava a pé, a cavalo ou de charrete. E, assim, a estruturas, as imagens... a gente morou em várias casas, porque a gente morou de favor, a gente morou em troca de cuidar do lugar. E toda casa parecia uma chácara, porque a rua era asfaltada ou de paralelepípedo, em Minas tem muito paralelepípedo. Mas o quintal sempre era de terra, então a minha mãe plantava chuchu, cebolinha, plantava as coisas pra consumo. E sempre perto da nossa casa, parecia uma chacarazinha, tinha córrego. A gente tinha fogão a lenha. As casas lá em Minas, ainda, nessa cidade, ainda são muito, a estrutura física delas é muito antiga, assim: as janelas de tramela, de madeira. Não sei, sabe tramela, assim? Não tinha tranca, não tinha fechadura na porta, né? Eu me lembro que, quando eu tinha uns cinco anos de idade, na casa da minha madrinha, eu acordava e, ao invés de eu sair pela porta, eu pulava a janela e já ia brincar. Já ia descalça pro quintal, sem escovar dente, sem nada. Eu acordava, pulava a janela e ia brincar. Quando a minha madrinha via, eu já estava brincando. Eu fui cuidada por muitas pessoas. Por isso que eu falo do meu irmão, da minha madrinha, porque a minha mãe tinha que trabalhar. Então, ela tinha que deixar os filhos, pra cuidar dos filhos de outras pessoas, pra que ela tivesse dinheiro. Então, ela foi babá, foi cozinheira em restaurante, trabalhou na lavoura, também e foi empregada doméstica. E ela tinha que fazer isso em tempo integral, porque senão não dava. Não dava. Aluguel sempre foi muito caro, né? A gente já morou em vários lugares. Mas eu me lembro especialmente desse lugar que parecia uma chacarazinha, onde a gente tinha um fogão a lenha. Onde o meu irmão saía pra soltar pipa, ia pescar no córrego. Mas era um ambiente bem ruralzinho, mesmo. [...] O meu irmão chama Douglas. Douglas Fabiano Donizete. Ele é cinco anos mais velho que eu. E ele foi a figura masculina presente na minha vida, desde sempre, assim. Ele foi o mais próximo de um pai que eu tive.
Formação Escolar	Quando eu era bem pequenininha, eu ia pra creche. O meu irmão levava pra creche. Eu sempre fiquei em creche e escolinha. E eu sempre fui uma criança muito comunicativa. E eu gostava muito de ler. Eu andava nas ruas lendo placas, o tempo todo. Eu perguntava pra minha mãe o que estava escrito ali, o que está escrito aqui. E eu tenho lembrança de que, na escola, a minha mãe, por ter tanta dificuldade, sempre foi muito exigente, né, com relação a escola. E ela sempre conversou comigo, que eu precisava estudar muito, né? E que, por conta da minha condição, eu não podia ser menos do que a melhor aluna que tivesse na escola. E eu levei a ferro e fogo. E aí, quando eu tinha sete anos de idade, eu ganhei um prêmio por uma história que eu escrevi, né, um livro, uma ilustração que eu fiz sobre um livro. E aí eu me mudei. Nós nos mudamos pra Rio Preto, em

	1996. A gente veio na boleia de um caminhão. A minha mãe conheceu um caminhoneiro. Ela cozinhava nessas obras de empreita, ficou conhecendo um caminhoneiro, trinta anos mais velho que ela, chamado Silvério. E aí ele resolveu trazer a gente embora, né? Se apaixonou pela minha mãe, viu a condição que a gente vivia, também e trouxe a gente pra São José do Rio Preto. A gente chegou aqui de caminhão. Nunca vou me esquecer. Eu era bem pequena, mas eu me lembro. O primeiro bairro que a gente morou aqui foi o Solo Sagrado. [...] Então, eu estudava numa escola chamada Doutor Oscar de Barros Serra Dória. Então, foi ali que eu comecei a minha jornada acadêmica, né? Eu fiz segunda série, terceira série, ali. Eu sempre fui muito, muito dedicada, muito aplicada, né? Por todos esses motivos que eu falei. Ali na Oscar de Barros Serra Dória eu ganhei, inclusive, um prêmio entregue pelas mãos do prefeito Liberato Caboclo, como aluna exemplar, honra ao mérito. Eu tenho tudo isso documentado, né? Eu tenho lá o certificado. Então, aí eu comecei a minha jornada. E eu me lembro que eu era muito boa aluna, muitíssimo boa aluna. Amicíssima de todos os professores. Mas eu sempre estudei muito, eu estudava bastante. Eu coloquei estudar, como a minha, assim, tábua de salvação. O meu irmão, não, viu? O meu irmão foi o meu oposto. [...] É. Mas aí eu me dedicava muito. Sempre tive excelentes notas. Era a melhor aluna da escola, assim. [...] Ah, com certeza, [gostava mais de] Português, História. Porque eu sempre gostei muito de ler. Muito novinha, eu já inventava poemas, poesias, sonetos. Então, eu lia muito, muito, muito, muito, sempre, dois, três livros por semana, na minha infância. O que não era nada comum, né? Então, eu li a série Vagalume quase inteira, antes dos doze anos de idade. Então, assim, Português e História eram as minhas matérias favoritas.
Trabalho na infância / adolescência	A minha mãe continuou trabalhando de doméstica, aqui. A gente não tinha uma vida, assim, boa, ainda. É que a gente veio de uma miséria, de uma pobreza extrema. Mas aí eu comecei, nas minhas férias, eu ia com a minha mãe pro trabalho dela, né? A ajudava nas faxinas e tal. E foi assim que eu acabei trabalhando de babá. Com treze anos, eu já comecei a ser babá, no trabalho dela, que tinha duas crianças e eu olhava. Aí foi de babá que eu comecei a passear. Eu conheci o Palestra Esporte Clube. Eu conheci o Thermas. Porque aí, eu trabalhando de babá, tinha que ir junto com essas duas crianças, né, com essa família. E aí, foi onde eu mais passeava. Mas a gente ainda batalhava muito, né? [...] A gente não teve, eu não tive uma infância de grandes passeios. Praia, eu só fui conhecer com quinze anos, quinze anos de idade. Então, assim, a gente não tinha condições pra isso, tá? [...] E aí, eu já fui de babá, para Auxiliar do Comércio I. Comecei a minha jornada do comércio, com dezessete anos. Já tive o meu primeiro registro. Eu trabalhava numa loja de conveniência, no posto de gasolina, ali perto do Schmitt. Mas, na verdade, eu fazia de tudo. Eu era auxiliar administrativo, eu fazia cobrança, se precisasse trabalhar de frentista, eu abastecia, também, os carros. Foi ali que tive contato com clientes, né, que eu comecei a minha jornada profissional, com dezessete anos. E aí o meu primeiro salário,

	mesmo, nossa! [...] Era assim: eu tinha que atender no balcão da loja de conveniência. [...] Então, eu ficava no administrativo do posto, atendendo telefone, fazendo cobrança. E na hora do almoço, eu ficava na loja de conveniência. [...]Então, ali eu tive contato, o primeiro contato meu de comércio, da pessoa, de atendimento ao público, de atender cliente, foi ali no posto. Eu gostava bastante. [...] Eu trabalhava lá no posto, lá na conveniência, no comércio. Porém eu fazia faculdade na Unirp. Entrei lá em 2007, cem por cento. Pela minha pontuação no Enem, eu fui a aluna bolsista de cem por cento, não pagava nada. Só pagava o transporte e pagava meia, né, lógico. E aí, em 2007, eu comecei a fazer Comunicação Social [...] mas eu não terminei, por conta que em 2009 eu fiquei grávida e tive o meu primeiro filho. E aí eu fiquei de licença da faculdade. Mas quando foi pra voltar, eu tinha um bebezinho, aí eu tinha a faculdade e eu tinha que trabalhar, porque eu não tinha condições de eu não trabalhar.
Trabalho	E aí, num dado momento, o meu patrão não podia mais arcar com o meu salário, o posto passou por uma crise. E aí o dono da Tintas Brenda falou: "Não. Essa menina, se você for dispensá-la, eu a quero pra mim". E aí foi o meu primeiro trabalho como vendedora, mesmo. Mas eu fique pouquíssimo tempo ali, também. Depois eu fui ser vendedora porta a porta, que foi o meu grande aprendizado. Fui trabalhar pra vender plano corporativo de celular. Então, ali teve muito... o porta a porta, no comércio, é a verdadeira escola, né?[...] Vendedora mesmo, clássica, né? De chegar, pedir pro cliente pra ser atendido e tudo o mais. Então, aí eu fiquei três anos trabalhando porta a porta. E foi, para mim, a grande escola de vendas. E aí eu saí, fui pra uma empresa de comércio de cursos, cursos de idiomas, que é ali no Centro, na XV de Novembro, chamada Microcamp. É uma empresa grande. E aí eu fui pra lá, com o meu filho pequenininho. Ele tinha quatro meses de vida, eu fui pra Microcamp. De 2010 até 2013, eu fiquei no comércio de informática, comércio de cursos. Eu entrei pra essa área. [...] Só que aí eu me desempenhei muito bem e aí eu fiquei dois meses no telemarketing, depois eles me colocaram pra vendedora, mesmo, que é a divulgadora, a pessoa que vende o curso ali pro cliente. Só que aí eu fiquei como divulgadora um ano e meio e fui pra supervisão de vendas, porque eu também me dei muito bem, né? Aí eu fui pra odontologia. Pra parte de plano odontológico. Aí já foi uma questão de proposta. Aí você... as pessoas te conhecem, falam de você. Eu comecei a estudar sobre time, motivação de equipe de vendas, premiação e tudo o mais. E aí eu recebi uma proposta. Então, aí foi por indicação, eu fui pra odontologia, que foi um desafio muito

	grande, né? Eu cheguei na clínica pequenininha, não tinha time, eu que tive que contratar as minhas primeiras vendedoras. [...] Montei o time e comecei. Depois que eu já estava lá há dois anos, ela se desvencilhou da franquia e virou uma marca própria. E cresceu, depois abriu uma segunda unidade. O time foi crescendo, crescendo , crescendo. E eu fui ficando lá, muito feliz lá, profissionalmente. [...] Apesar de estar muito feliz e muito bem lá na clínica. E aí eu acabei recebendo indicação de estar na Benitez & Ramos, na parte de gestão de pessoas. Num primeiro momento como Recursos Humanos, como RH. E aí, quando eu vim conversar e eles viram essa minha formação em Marketing, eu acabei ficando com as duas demandas aqui, nesse comércio. Então, eu sou gestão em gente e também analista de marketing aqui na empresa. [...] A Benitez & Ramos é um comércio de ferragens, parafusos, ferramentas. Não tem nada a ver, eu nunca tinha trabalhado com isso, né, de jeito nenhum. É uma empresa que está há vinte e quatro anos em São José do Rio Preto, no mesmo local. E a história da Benitez me conquistou desde o início, né? Começou com cem metros quadrados. Hoje a gente tem mil metros quadrados. Começou com dois colaboradores, a própria família que trabalhava aqui. E hoje é um comércio tradicional. Nós temos trinta e seis colaboradores. No mesmo lugar, aqui na Avenida Potirendaba, há vinte e quatro anos. E é uma empresa de família, né? E eu estava num momento muito família. [...]E a Benitez tem uma coisa que me encanta, que é um comércio, gente, de interior.
Significado da entrevista	Gente, é o seguinte: eu acho uma honra tremenda. Eu me sinto muito honrada em poder deixar aqui registrada a minha história, porque é a minha marca no mundo, né? Foi uma jornada, eu sempre agradeço muito, eu sou muito grata ao universo, pelas pessoas que eu consigo atrair pra perto de mim, que vão me levando a caminhos como esse. Pra mim está sendo uma experiência, assim, de legado, sabe? Eu não acredito na morte enquanto tiverem projetos como o Museu da Pessoa. Por quê? Porque, se você pode deixar a sua marca no mundo, seja uma arte que você faz, seja a sua história, seja a sua música, você não vai morrer, né? Você deixou a sua marca no mundo. Contar a minha história, além de me trazer, de ter me levado pra essa viagem aí no tempo, né... eu sempre falo isso pros meus filhos: "Eu tinha tudo pra não dar certo. Eu tinha todos os ambientes pra falar assim: "Ah, essa menina não vai conseguir", né? A pobreza, a própria questão do racismo, a questão do alcoolismo do meu pai. E eu sou prova que a gente consegue dar certo, sim. Com muita dedicação, empenho e através de pessoas, né? É aquilo que eu disse: pessoas transformam o mundo. Então, deixar o meu depoimento, pra mim, aqui, é uma questão de legado. É como se um pedacinho de mim nunca mais fosse morrer, porque está registrado. Então, o meu existir acaba se transferindo pra quem vai ouvir essa história. A pessoa vai conhecer um pouquinho de mim. Isso me deixa tão feliz. É tão gratificante. É

	uma sementinha, assim. E enche o meu coração de alegria, de verdade. Eu fiquei com o coração aquecido. Eu não sabia o teor da entrevista, como seria, né? A gente imagina, mas não sabe. Mas eu estou sentindo, assim, como se um pedacinho de mim nunca fosse morrer, mesmo. Um pedacinho da minha alma, eu vou deixar registrada aqui. E que isso vai ficar pra sempre na minha lembrança, né? Eu sou muito grata pelo convite. Estou me sentindo muito honrada.

8. CODINOME	**LAZINHO**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Garaci, Estado de Minas Gerais
Data de Nascimento: 17/05/1950	Década de Nascimento: Década de 1950
Entrevistado em: 02/03/2021	Modo da entrevista: Online

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	O nome do meu pai é xxxx. Ele nasceu no dia 27 de dezembro de 1919. O da minha mãe eu não sei ao certo, que quando eu nasci, ela morreu. Eu não sei a idade, a data ao certo, dela. Nome dela... ela chama xxxx. A data que ela nasceu, aí já não sei. [...] Lá nós tínhamos um empório. Meu pai tinha um empório lá que chamava Empório Santos. Na época, o empório vendia de tudo: secos e molhados, armarinhos em geral. Nós vendíamos de tudo lá: bicicleta, vendia colchão de mola, colchão de capim. Produto pra... ferramenta pra agricultura, grade, arado, bico de pato pra preparar a terra, a gente trabalhava com tudo isso. Zíper, botão, linha, tudo, a gente vendia tudo. Vendia de tudo. Tela... muitas vezes precisava de tela, de linha e meu pai vendia, trabalhava muito com… eu lembro, a tela, sempre muito bom. A gente vendia lá, no balcão. O corte, tirava...
Infância	A cidadezinha [de Guaraci] era bonita. Até hoje ela é bonita, né? É pequenininha. Pacata. Discreta. Bom pra passear, pra andar de bicicleta. Mas, pra poder aquisitivo, era muito pouco, né? Porque o comércio deles, vivia da agricultura. Mas meu pai mesmo, quebrou, porque ele pegou três anos em seguida, de seca. Que a gente vendia, na época, pra receber na colheita. E eu falei: não é que as pessoas não pagaram meu pai porque a pessoa é vigarista, é malandra. Não. É porque realmente é isso, realmente perderam tudo. Meu pai tinha título no Banco, no Banco do Brasil e tinha um avalista que chamava Davi de Oliveira, que era dono de propriedade em Olímpia, eu não sei o nome dele, vendeu a casa, vendeu o que tinha, pra pagar a dívida.

	E a gente voltou pra Rio Preto em 1973, começamos tudo de novo. Sessenta e três, começando tudo de novo. E "tamo" aqui. [...] Porque meu pai - eu com uns oito anos da idade - fez a gente ficar no bar, né, porque meu pai tinha um caminhão que ficava fazendo frete, buscava areia, tijolo, pras cidadezinhas vizinhas, né? E eu ia no bar, com oito anos de idade. Eu e as minhas irmãs. Que bar, essas coisas, é mais na parte da tarde, ou no fim do mês, né? Aí, no fim do mês ele ia viajar, ficava ajudando a gente lá. O povo vinha da fazenda, ia fazer compra, né? Dava um caminhão de mercadoria. Então ele ia entregar. É, meu pai comprava com trinta, sessenta e noventa, da Ermelino Matarazzo. Francisco Matarazzo. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Comprava com trinta, sessenta e noventa. Também era pra pagar na colheita, né? [...] Lá [em casa] era em onze [irmãos]. Escadinha. Na época não tinha televisão, né? Meu pai divertia fazendo filho. Olha, infância a gente não teve, porque meu pai não tinha condições de dar infância pra gente, né, você tinha que trabalhar. Todo o mundo, eu, tanto eu, quanto minhas irmãs, tudo. Tinha onze bocas pra gente tratar, vai dar? Cada um tinha que dar sua parte. Quer dizer: o que o jovem hoje tem de brincar, jogar bola… nessa parte nós não "criou" essa parte, não. Nós não tínhamos condições dessa parte, não, tinha que trabalhar, mesmo. De noite era remarcar mercadoria, que as mercadorias subiam todo dia, né? Trocar o preço da mercadoria, abrir o empório com preço novo, pra não desatualizar.
Formação escolar	Frequentei até o quarto ano primário. Só o quarto ano primário, em Guaraci, no Grupo Escolar Antônio Zuquim. Primeiro ano até o quarto ano. Ia até o quarto ano, tirava diploma com quarto ano, né? Depois vinha a admissão. Mas nem a admissão nós não fizemos, não. Foi só o quarto ano do primário, mesmo. Fiquei lá [em Guaraci] até 1973. E eu passei… com dezoito anos tirei carta de motorista e vim trabalhar aqui em Rio Preto. Na Rua Regente Feijó, Irmãos Furquim, em caminhão tanque. E aí, no... na empresa parece que não deu certo e fui viajar pra fazer a linha de Porto Velho. Um de outubro de 1978 eu comecei a viajar pra Porto Velho. De estrada de terra. De caminhão. E parei o caminhão em oitenta e quatro. Comecei em setenta e oito, parei em oitenta e quatro. Era tudo terra. Eu saía de… quando saía por Santa Fé, saía de Rio Preto e ia até Santa Fé. Santa Fé, atravessava a balsa, Aparecida do Taboado, Ceilândia, vai para Paranaíba* e vai indo até… de Rio Preto a Cuiabá dá mil e duzentos

	quilômetros. Ah, não tinha dia, quantidade de dias, sabe o porquê? Porque quando estava na seca era uma coisa. "Nas águas", era outra coisa, porque encravava. Quem dava assistência pra gente na estrada era o 5º BEC, o exército. Eles que traziam as "coisas" que encravavam a gente, traziam comida pra gente, que no local não tinha. Quem dava assistência pra gente lá na estrada era o 5º BEC.
Trabalho na infância e/ou adolescência	Dos meus sete anos, até os meus dezoito anos, não teve infância. Só trabalho. Todo o mundo. Trabalhava todo o mundo dentro de casa. Ninguém trabalhava de empregado, não. Quando mudamos pra Rio Preto, meu pai quebrou. Aí meu pai arrumou serviço pra minha irmã, uma no Bradesco; o outro numa outra firma desse negócio de encerado de caminhão, sabe? E pra receber salário da gente era meu pai. Que ele trabalhava de servente na Igreja Damasceno, aqui. A gente não pegava o dinheiro da gente. Patrão não pagava pra gente. Os pais que passavam, pegando o salário. [...] A gente media. Feijão, pesava na balança. Saquinho de um quilo, dois quilos, a quantidade que o freguês pedia. Café, o café a gente a gente moía na hora, lá. Era tipo uma mercearia, né? O que o freguês pedia… pedia batata, pedia cebola. A gente pesava. A gente pesava… Inclusive tem a máquina de moer o café até hoje. Tem a máquina de cortar mortadela também tem até hoje, que é manual.
Trabalho	Eu fazia "pinguela", pra passar com o caminhão. Tinha uma parte da estrada aqui, chamava "Capela". Quem vai de Ceilândia ao Alto Araguaia, tem uma capela na cidade. Aí nós passávamos o caminhão dentro d'água. Um ia à pé, "coisando" e o outro segurando a borracha, pra não entrar água no motor, ia assim, e saía do outro lado. Já fiquei parado doze dias. No tempo das águas o exército não dá conta de atender todo o mundo, né? É dois, três tratores, só. Já fiquei "dozinho" encravado. Não tinha lugar pra comer, né? O exército não dá conta… pra você… tinha uma casa lá, pra fazer comida, com uma mulher, né? O que a mulher fazia? Arroz e jiló. No almoço e na janta. Era arroz e jiló. Hoje eu não posso ver jiló nem em banca de supermercado. Não gosto, fiquei com tanta raiva. Mas não tinha outra coisa pra comer. Vixi, Porto Velho era uma cidade bonita, né? Até hoje é bonita. Ah, na linha de Porto Velho fiquei três anos. Depois fui fazer São Paulo/Rio. Peguei uma São Rio, filho do André Teba, fui através de São Paulo/Rio. A gente entregava no Rio de Janeiro. Todo dia nós fazíamos cinco entregas no Rio de Janeiro. Filho de deputado. Sabe

	o que é filho de deputado, você lembra desse deputado? Durante o dia a gente ia entregar. São Paulo e Rio. Brasília também a gente entregava. Olha, eu fui ganhar dinheiro em setenta e cinco, setenta e seis. Eu fui trabalhar com carreta. Aí a empresa fazia balcão** de carreta. Carreta seca, a gente só fazia o nordeste, porque ganhava dez por cento do valor do frete bruto e tinha uma ajuda de custo de mil real. Só que o frete era caro. Que era café. E era descer, carregando, na Paraíba, até em São Paulo e Recife e Maceió. A gente ganhava bastante. O salário-mínimo era noventa e seis na época, em oitenta e seis, né? Noventa e seis. A gente ganhava quase dois mil por mês. Naquela época já era dinheiro pra caramba. Muito dinheiro. Muito dinheiro. Ganhei muito dinheiro. Ah, caminhoneiro eu já era casado. Depois mudei na Viação Cometa. Na Viação Cometa, também. Em setenta e dois eu casei. Minha mulher começou a encher o saco de eu estar fora de casa, né, eu peguei, fui, tentei a Viação Cometa e passei. Mas não fiquei nem trinta dias. Regime militar, né, não me adaptei. Buscar boi. Era caminhão de boi. Trabalhava com caminhão de boi. Quando a gente era solteiro, quando eu era solteiro, ela trabalhava numa fábrica de costura. Que, na época, eu era "de menor", trabalhava numa loja de armarinho, vendia roupa. Sábado muito sacoleiro ia lá fazer compra, né? Era dum turco. Então, a gente vendia… sacoleiro que ia lá e vendia as coisas, eram sacoleiro. Primeiro eu era caminhoneiro. Não tinha bar. Aí, a história do bar, pra chegar no bar… meu irmão, que era do serviço, né, não conhecia o nordeste. E eu só fazia o nordeste, fiquei no nordeste vinte e dois anos. Falava, falava pra ela: "A melhor praia que existe no Brasil chama Fortaleza". E deu certo que um dia eu carreguei pra Fortaleza, carreguei de Rancharia pra Fortaleza, passei aqui na casa do meu irmão, falei: "Está de férias, quer ir conhecer Fortaleza?" E marcamos de sair no outro dia, às quatro horas da manhã. Mas, nesse intervalo, até meu irmão chegar no bar, tomamos uma pinga, tomamos outra pinga, tomamos uma pinga, tomamos outra pinga, eu acabei comprando o bar onde eu estou até hoje. Março de 1984 e estou aqui até hoje. É, a minha mulher viajava comigo direto, né? No tempo das águas, a gente carregava pra Serra Pelada, né? Trinta e seis mil quilos no caminhão, pra Serra Pelada. De Goiânia pra lá começou as águas. E quando você pega a Transamazônica, é tudo terra. Aí encravamos demais. Minha mulher não era acostumada a estar sofrendo. "Não, isso aí é o jeito da madeira, pra não mexer". Quando desencravava um, outro desencravava você, assim é, mas sofremos. Eu, com uma menina recém-nascida. Que até hoje, quando vai, ela vai atrás de mim. Não solta de jeito nenhum.

	Eu comprei o bar, fui lá em Fortaleza, descarreguei. Vim, falei com o meu patrão: "Ó, aconteceu isso, comprei um bar", tudo, né? E aí ele mandou eu carregar de novo em Rancharia. Eu falei: "Eu não vou poder ir, arruma outro motorista, tenho que cuidar daquilo que é meu". O bar fechado, né? Ele falou pra mim: "Quanto você pagou no bar?" Eu falei: "O bar eu não paguei. Eu dei um lote que eu estava pagando e o cara aceitou. Fomos lá na imobiliária, peguei minha promissória, ele assinou a dele, ele ficou com o lote e eu fiquei com o bar" "Quanto vale esse bar?" "Ah, segundo ele vale quatro mil e quinhentos" "Eu vou te dar seis mil. E deixa que eu vendo o bar. Se eu não vender, entrego pra outro dono. Vai trabalhar". Falei: "Não, 'seu' Valfredo. Eu tenho direito de ir. Se eu for e não der certo, a primeira pessoa que eu vou procurar pra trabalhar é o senhor. Se eu estiver precisando, voltamos a trabalhar juntos". Em 15 dias, me ajudou no bar. Em 15 dias, ajudando. Tinha uma caixa e fomos pegar garrafas vazias, tudo, aqui. Ainda fomos na "Arco-Íris", compramos Skol. Ele encheu tudo o bar. Tudo que tinha de vazio, ele encheu tudo aqui pra mim. Eu não tinha acertado, nem tinha acertado com ele. Aí, não saiu o assunto de 'quanto que é, quanto que não é'. Aí pegou o computador dele pra acertar, né? Quando eu encontrei com ele a gente combinou assim, ó: a gente assinava que recebia salário-família, décimo terceiro, tudo. Mas só assinava, nunca recebi. Mas foi tudo, não está devendo ninguém, foi tudo combinado no começo, né? Aí, quando eu fui lá pra acertar, que era pra pagar quarenta por cento a mais, né? Ele olhou em mim, eu olhei nele, o moço do sindicato deu o dinheiro na minha mão, saí de lá, montei, tinha uma Brasília velha, quando ele chegou no escritório dele, eu estava lá. Falei: "Peguei isso aqui, ó". Ele resmungou/criticou** e disse "não foi isso que nós combinamos". Ele deixou tudo pra mim. Tudo, tudo. Não me cobrou um centavo. Não ficou uma garrafa vazia. Ainda vinha de noite me ajudar. Era muito besteirinha, sabe? Gostava de falar bobagem, besteira, mas era pessoa do bem, não era pessoa do mal, não. Todo dia, na hora de fechar o bar, ele era o último a ir embora. Todo dia. Ficou uns 15 dias assim. E ia trabalhando a minha cabeça, pra tentar voltar. "Vou tentar, vou tentar." E assim foi: estou aqui até hoje. Os clientes foi um conjunto. Eu e essa aqui, ó, com vinte e um dias de vida viajava comigo, agradando os outros. A minha mulher na cozinha, trabalhava. Era a união, né? Uniu a família inteira, pra trabalhar. E tentando agradar o povo. E até hoje nós fazemos esse serviço, esse trabalho. Até hoje. O bar faz mais parte dela, da minha filha, do que minha. Nós somos tricampeões do Comida Di Buteco, não por causa do Cidinho, por causa da minha filha. Que ela insistiu pra gente bater de frente. Eu não queria participar, ela falou: "Não, vamos participar." 1917. Participamos com o "Kibertadela". Ganhamos em primeiro lugar, com o "Kibetardela".

	2018 participamos de novo. Ganhamos com o “Carga Pesada”. 2019 participamos de novo, ganhamos de novo com o “Pilãozinho Caipira”. E ainda fomos disputar o nacional, em São Paulo. Pra mim não foi tanto, eu fiquei mais contente de ver a satisfação da minha filha. Minha filha eu adoro. Eu ouvi o senhor perguntando sobre como é conquistar um cliente, né? Deixa eu só dar uma viradinha, pra dar uma enquadrada aqui. Como é a questão de conquistar cliente. Cliente se conquista com amor e muito respeito. Né? É respeito na hora de você escolher o ingrediente. É amor na hora de você cozinhar. Na hora de você fazer o preço. Não adianta você fazer um preço abusivo e aí você não vai ter pra quem vender, né? Então, você precisa pautar a tua venda e o teu trabalho sempre na questão do respeito e da qualificação. Então, quando você respeita o outro, o outro percebe o carinho que a gente tem por ele e isso volta pra gente também, entendeu? E pra gente é base, isso. E o Comida Di Buteco veio numa época muito difícil pra gente, porque a gente era um bar que tinha muito… um movimento extremo. Que a gente fazia música ao vivo. Só que, naquela época, né, não tinha aquela questão de… [lei do silêncio] Aí não deu pra nada, né? Aí é que eu comecei. Minha filha é funcionária pública. Fazia empréstimo no nome dela. Estourei o cartão dela. Estourei o nome da minha mulher. Estourei a família inteira, mas graças a Deus já paguei todo o mundo, né? Mas fizemos. Em trinta e três dias fizemos as coisas. Eu falo pra minha filha assim: “Quando a pessoa te ofende, a trato melhor ainda. A maior surra que tem é o carinho. O cara te maltrata, tem que agradá-lo. É melhor do que você xingá-lo, tudo”. . [Minha filha] Falava que ela ia arrumar o balcão, né? E a mãe dela: “Você não viu o chocolate, é papel, a menina está comendo o chocolate”. Como que eu sou filho de comerciante, nós éramos em onze irmãos, meu pai nunca regulou nada pra gente, né? Meu pai falava... às vezes minha madrasta vinha falar alguma coisa: “Já, já não vai um mês e para. Não fica enchendo o saco do moleque não, deixa o moleque fazer as coisas dele”. Inventaram de arrumar um garçom pra comer chocolate, arrumaram… mesma coisa minha filha, minha mulher vem falar: “Ah, chocolate…” “Deixa a menina comer, pelo amor de Deus. Não fala nada. Não dá uma semana, para.” Depois, verdade, comeu, parou, enjoou. Eu nunca falei pra ela: “Não come”, ou “Come”, nada. “Fica à vontade. A boca é sua”. Ah, eu gosto do barulho. Tendo, fazendo barulho, pra mim tá bom. Eu só não gosto de silêncio. Caminhoneiro há trinta e seis anos, eu nunca gostei de silêncio. Dá um desespero, silêncio. Hora que eu abro

	o bar de manhã cedo, eu abro o bar, eu ligo a televisão, ligo o rádio, ligo tudo de uma vez. Eu gosto do barulho. Não gosto de silêncio. E estamos até hoje vendendo marmita. Eu entrego. Ah, não, eu vou te explicar, vou te explicar. Eu era motorista de caminhão, eu fazia o nordeste. Na cidade que o Lula nasceu, em Garanhuns, eu carregava aqui em Araçatuba, carne seca. Começava fazendo entrega em Garanhuns, terminava em Recife, supermercado Bom Preço. O Lula, eu comecei em oitenta e nove, comecei no negócio de política, né? "Lula, mas é comunista", cada um falava uma coisa e, dentro de mim, eu pensava: se esse homem pegar o poder na mão um dia e não fizer nada pro povo, nem Cristo faz, que a pobreza é exagerada. Não adianta falar. A pessoa tem que ver, pra compreender. Se o cara passar por aquilo e não fizer nada pro povo, ninguém faz. Toda vez que ele é candidato de novo, toda vez eu voto nele. Até ganhar. Eu voto de novo. Se Deus quiser, em 2022, se o senhor vier aqui, vai ver na minha parede a foto do Lula, do tamanho da parede. O dia que sair a prisão do Lula, o bar vai estar lotadinho de gente. Vai lotar de gente. Muita gente. O povo sabe que eu sou petista, né? O único bar petista de Rio Preto aqui sou eu. Pode ter muitos, mas o povo tem vergonha de falar o que é, né? Eu, não. Eu tenho orgulho de falar que eu sou petista. E eu tenho outra história do Lula pra falar. Quando o Lula entrou, no primeiro ano da presidência da República dele, que ele entrou, eu pagava aluguel de onde eu trabalho, pagava aluguel da casa onde eu morava… hoje a casa que eu moro é minha, o bar onde eu trabalho é meu, a casa onde minha filha mora é minha. Graças aos doze anos de PT. Tudo comprado aqui dentro. Não ganhei na loteria, não, derramei foi suor, né? ... mas eu gosto do boca-a-boca. Eu vou, ligo pra um, ligo pra um… igual, semana passada fui comprar *pancetta*, no mercado estava vinte e cinco e sessenta o quilo. Eu comprei a mesma *pancetta* por dezessete reais o quilo. Não tem necessidade de estar comprando todo dia, né? Que antigamente a gente comprava bastante, que você comprava hoje um preço; amanhã é mais caro. Hoje é ao contrário: você compra hoje e amanhã está mais barato. Mas de tudo isso aqui do bairro, eu tenho uma lembrança muito grande: eu devendo pra caramba, não tinha mais cartão de quem que eu ia estourar, mais: da minha mulher, da minha "fia". Aí nós precisávamos de vinte mil reais, né? Vinte mil reais. Nossa, será que vai, será que não vai? Mudou uma senhora de Londrina, na frente do bar. E aí ela veio no bar pra comprar não sei o quê. E eis que tô eu e minha filha conversando, ela foi embora. Aí voltou na casa dela, com

	o documento do carro dela, um Honda: “Tome o dinheiro é seu, o carro é seu”. Um bocado de carro na garagem. Ela nunca tinha me visto. [Minha fiha é professora de Artes], ela bate a porta do carro, nem vê às vezes a casa dela como é que está, fica dentro do bar. Já cansei de fechar o bar três horas, três e meia da manhã e ela junto comigo. E ela tem que sair cedo pra trabalhar no outro dia. Ela tem o sangue de meu pai. Eu falo pra ela que ela é o sangue de meu pai. . O que eu penso é o seguinte: eu tenho uma filha só. Ela ganha bem. Ela não precisa disso. No dia de amanhã, se eu chegar a faltar e ela não querer tocar o bar, ela ganha o suficiente pra ela. Agora, o que nós pensamos: eu trabalho pra dar conforto pra minha filha. O que ela pede, eu procuro dar. Não tem intenção de comprar uma casa, de comprar um bar. Eu quero viver. Quero viver. Não regulo nada pra ela. Nada, nada. “Ah, empresta o cartão?” Dá o cartão. A gente vive pra isso. [...] O prêmio de 2018… eu sou caminhoneiro, né? Fui caminhoneiro trinta e seis anos. Então, a gente cozinhava na estrada. Arroz carreteiro. O que nós vamos fazer? Vamos fazer o arroz carreteiro. Aí qual o nome que ela deu? “Carga Pesada”. Aí a gente faz o arroz carreteiro, aí o transforma em massa, recheia com queijo, frita e come. Fica muito gostoso. Daí, nossa, arrebentou. E até hoje todos os três pratos que ganharam vendem muito. Vendem muito. Pelo contrário: não caiu a venda, aumenta todo dia a venda. Agora essa aqui inventou uma *pancetta* recheada. Mas ela que vai ver. Com queijo e tudo, muito bonito. Está vendendo bem. Está vendendo bem.
Significado da entrevista	[agradecer] ... a oportunidade que vocês estão dando… Um abraço mais ou menos assim, ó… (risos)

9. CODINOME	**LUIZA**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Promissão, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 24/01/1951	Década de Nascimento: 1950
Entrevistada em: 08/02/2021	Modo da entrevista: Online
Acesso em: 31.08.2022	

INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Meu nome é XXXX. A data do nascimento, como é que é? 1951, vinte e quatro de janeiro. [...] Eu sou de Promissão. [Meus pais são]

	XXXX e XXXX. Era trabalhador rural. [...] A gente morava no campo. No sítio. [..] Tenho [irmãos]. Tem uma frota. (risos). Nós éramos em dez. [...] Dez irmãos. Eu sou a terceira. [...] Olha, Cláudia, o cotidiano era... eu nasci no município de Promissão, bairro Saudade. Depois viemos pra uma fazenda, Santa Isabel, município de Penápolis. E ali foi onde eu só saí casada de lá. [...] Eu era... tinha dois mais velhos do que eu e eu era a terceira. Todos os que vieram depois de mim eram minhas bonecas, meu bebês. Era cuidar deles, de tudo, de banho, comida, tudo. [Moramos na] Fazenda Santa Isabel, Penápolis. [...] Era uma colônia de trinta casas. [...] É. Era uma colônia. Era cafezal, é? O meu pai era meeiro. E os filhos todos ajudavam. Menos eu, não fui pra roça. Mas a minha mãe ia. E eu cuidava dos irmãos, como eu falei pra você. [...] Eram minhas bonecas. Era brincar, tratar, dar banho. E se não fizesse certinho não, a mãe chegava a correia em mim. [...]É. A minha mãe não paparicava, não.
Infância	Era assim, Claudia: o meu pai, como ele não sabia ler e escrever, ele fazia as compras, até eu ter uma certa idade, ter os meus quinze, dezesseis anos. Aí ele punha eu pra buscar as coisas na cidade, o que não tinha no sítio. Açúcar, você não tinha no sítio, é lógico sal, uma mistura diferente. No sítio era só carne de vaca. Ou teve uma época que nem tinha isso, uma época muito ferrenha que o meu pai passou na vida, uma seca que deu. E legumes, a gente tirava do próprio sítio. E o meu pai era meeiro. [...] Meeiro é assim, por exemplo: café deu mil sacos, então quinhentos era do patrão, quinhentos era do... como é que fala? Da pessoa, do trabalhador. E ele, como é que fala? De repente, passado um tempo, ele perdeu essa situação. Por uma fraqueza da cabeça dele. Ele quis ir embora pro Paraná. Foi a pior loucura que o meu pai fez na vida.[...] É. Porque falaram que lá, ele "arrastelava" dinheiro. É. Eu tinha quinze anos pra dezesseis. [...]Sim. Ele vendeu os animais que ele tinha. Vendeu os porcos que ele tinha. Vendeu galinha, parecia pedra no quintal. E, de repente, um caminhão encosta na nossa porta e enfia a mudança. Mudança de pessoas de sítio é mudança bem precária, né? É uma coisa bem simples. E entramos nesse caminhão ao meio dia. E chegamos no Paraná duas horas da madrugada. [...] Uma fazenda que não era a fazenda que a gente conhecia cá no estado de São Paulo. Tinha onça uivando no meio do mato. E era cafezal que você não via o fim do café, lá. Eu era pequenininha – era não, eu sou baixinha – um dia fui no café, você ficava doida naquele meio do café. Tudo de triângulo, você andava, você saía no mesmo lugar, sabe? E você escutar a onça uivando do lado. Nós morríamos de medo. Foi um sofrimento. Foram seis meses de sofrimento. [...] Seis meses. Sem luz, sem nada. Sem nada. Sem nada. Água longe pra buscar. Foi um verdadeiro... nós não estávamos acostumados com a terra do Paraná, nem não conhecia, ela agarrava no seu pé, você não andava, parecia um tijolo no seu pé. [...] As festas de São João, meu pai amava. Meu pai gostava muito da festa do Santo Reis, da Folia do Santo Reis, que hoje é... tem aqui em Bauru, diz que tem, mas não existe mais, né? O meu pai gostava muito. Tinha. Outro falava "baile", hoje fala "forró", ele me levava.

	O meu pai me levava no baile e deixava amanhecer, no baile. A gente falava "baile", hoje fala "forró", né? Era muito gostoso. Festa de igreja, Cláudia. As festas de igreja. Porque tinha a missa, depois tinha a festa, comes e bebes, sabe? Era alto falante com músicas, sabe? Muito, muito, muito gostosa. Nos anos 1960 e nos anos 1970, eu já vivi só os anos 1970 pra lá, depois que eu vim embora pra Bauru. Era muito bom, Claudia. Eu tenho saudade. Era muito bom.
Formação Escolar	Tinha uma escola num sítio vizinho. E eu descia com a minha professora. Ela descia de caminhão. Era caminhão, não era carro. E eu descia, ela dava carona pra mim até a escola. [...] O caminhão vinha de Penápolis, que a professora era de Penápolis. O nome dela é Cleonice. [E era sala tudo junto] Primeiro, segundo e terceiro ano. O quarto já não tinha naquela fazenda, já era num outro lugar. [...] O meu pai era um caboclo, assim... como é que eu falo pra você? Um caboclo rude. Ele não sabia ler, não sabia escrever. E a professora pediu pra ele: "Deixa ela ir morar comigo, 'seu' José. Ela cuida dos meus filhos". E o grupo, era só atravessar a rua, era o grupo paralelo à casa dela. Ele disse pra ele: "Só sai da minha asa, casada". E eu queria estudar. [...]Eu queria estudar. Eu queria estudar e foi cortado pela raiz.
Trabalho na infância / adolescência	E aí eu já costurava. Aí ela pediu um negócio de costura, Claudia. Eu aprendi a costura lá, eu era criança ainda. Já volto aí. A minha mãe me batia, pra eu aprender a costura. Tinha que fazer o que ela fazia, ela sabia costurar. E eu fazia, chorava que nem doida, porque eu tinha dificuldade. Não é que nem... depois eu aprendi o traçado. Era tudo assim, na medida da roupa. Mas eu comecei, eu tinha, acredito que uns sete anos, na costura. Pra morrer o assunto, até hoje, Claudia, eu mexo com costura. Não igual era. Hoje eu mexo menos, né? Já tenho problema de coluna e aí, por tudo, já não aguento mais sentar na máquina cedo e ir até dez horas da noite. Não tem mais isso. Mas continuo com as minhas máquinas aqui, de costura. [...] Eu, como sempre, com o negócio de costura, de arrumar alguma coisa, além de costurar, ainda eu fazia remendo pras pessoas ali do sítio, tinha, às vezes, condição e comprava um refrigerante, um pra mim, um pras meninas, pra Neiva, pra Cida. Quando não, comprava e trazia pra casa, pra elas tomarem. Do contrário não tinha. [...]
Trabalho	Quando eu casei, a primeira coisa que o, hoje, ex-marido, perguntou: "Você quer fazer o corte e costura, que a sua mãe te ensinou o bruto?" E eu falei sim. Fiz o corte e costura, com duas professoras que tinha aqui na... ai, meu Deus! Na rua... como é que chama essa rua que sobe? Antônio Alves. Eu morava na Bela Vista, lá perto do Fórum. E eu descia até elas, fazia o meu corte e costura. Aí, dois meses, três meses, o meu ex-marido, na época marido, foi lá perguntar pra elas, elas falaram pra ele: "É a melhor pessoa que tem aqui pra aprender costura. Ela tem uma mão tão perfeita, que ela não entorta o ponto). Eu fiz o curso oito meses. Não pude pagar o meu diploma. E ele não pagou. Era o curso da época, né? E ele não pagou. E aí eu comecei a costurar. Eu só saí de casa pra trabalhar fora, por causa de decepção com ele. Ele me maltratava muito em casa, maltratava os clientes. Depois que ele pôs bar, largou de trabalhar em ônibus. Ele pôs bar e

	ele maltratava muito os clientes que vinham na minha casa, ele tocava as pessoas. [...] Aí, eu trabalhei numa boutique, a Portable, hoje é fechada, né? [...] - Na quadra dezoito da Duque de Caxias. Centro comercial. Naquela época era todo "bambambã" ali. Eram todas as lojas que funcionavam. Eu trabalhei ali. Eu trabalhei quatro anos pra ele, na minha casa, Claudia. Eu que ensinei alta costura pra ele. E aí, quando foi que o meu ex-marido os humilhava muito, trazia roupa, no caso, hoje e era pra pegar amanhã à tarde. E eu tinha que estar com a roupa pronta. Aí, de tanto ele maltratar, ele falou pra mim, ele me chamava, até hoje aonde ele me encontra, se ele me encontrar, ele não fala o meu nome, ele chama de Bela. Isso gerou uma confusão com colegas, sabe? Porque era Bela pra cá, Bela pra lá. Ele é Pierre e ela, Lucilene. E aí eu fui. Ele falou: "Vai trabalhar com ele na loja". Que ele estava com um destaque, na época, lá na quadra dezoito da Duque de Caxias. E eu fui trabalhar pra sair de dentro de casa, que eu não aguentava tanta humilhação. Eu fui trabalhar. Eu já tinha a minha filha com cinco aninhos, a Vivian. Eu levava a Vivian. Eu falei: "Eu tenho que trazer a minha filha". Eu levava a Vivian. Entrava às sete e saía, fim de ano saia às onze. Ele vinha trazer em casa. [...] Ele vinha trazer em casa. E no outro dia, às sete, tinha que estar lá. [...] E vim pra casa. Aí não fiquei muito tempo em casa, Cláudia. Aí uma amiga, que era freguesa de costura minha, abriu uma loja de costura e falou: "Eu quero você, a pilota da minha loja". E na mesma rua minha aqui, a dois quarteirões pra frente. Eu trabalhei com ela quatro anos também. [...] Depois disso daí, eu não trabalhei mais fora. Já ajeitei serviço pra trabalhar só em conserto, nos Altos da Cidade. [...] Ah, não! Trabalhei pra uma senhora também, nos Altos da Cidade, pra fazer vestido de balé. [...] Depois eu fiquei em casa, Cláudia. Eu não quis trabalhar mais fora. Esse ano mesmo, me ofereceram pra eu trabalhar nos Altos da Cidade, só de reforma. Eu falei: "Não quero". Eu estou cansada, né, Cláudia? Muitos anos. Eu comecei a minha vida na cozinha com sete anos, na máquina com sete anos.
Significado da entrevista	Ah, foi muito bom, Claudia. Eu tenho que agradecer vocês. Foi muito bom. Agradecer o Wiliam. Ele gosta de história. Eu também gosto. E eu estou parada no tempo, Claudia. Uma por causa da minha idade, eu tenho uma limitação pra tomar um ônibus. Eu vou pra qualquer lugar, ele que me leva de carro, sabe? Depois que eu enfartei, eu tenho uma limitação na minha perna. Mas eu amei. Obrigada, por você... vem. Eu sei que você é ocupada, mas vem uma hora aqui, conhecer o lugar meu aqui, vem tomar um café.

10. CODINOME	**NELSON**
Ascendência: Afrodescendente	Local de Nascimento: Santo André, estado de São Paulo
Data de Nascimento:	Década de Nascimento
Entrevistado em: 17/05/2021	Modo da entrevista: Online
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**

Origem	Eu sou o XXXX, diretor comercial da xxxx, fui fundador também da empresa, hoje nós temos duas empresas no ramo de cosméticos e criamos o grupo. Uma chamada XXXX Cosméticos, que é onde atende os distribuidores e a outra chama XXXX, onde a gente atende a internet, farmácia e mercado, né? Mas, do início da nossa história, como a de grande parte dos brasileiros que vem de uma pobreza muito extrema, né? Eu sou filho adotivo e com muito orgulho; perdi minha mãe há pouco tempo, há uns três anos atrás, mas com muito orgulho de ser filho adotivo, morei numa comunidade, que antigamente se falava favela, né? Fiquei lá até meus 14... 16 para 17 anos mais exato, morei em Santo André... [...] Em Santo André, São Paulo. [...] Isso, nasci em Santo André. Eu perdi a pessoa, a figura que eu chamava de pai, com seis para sete anos, né? Que ele teve um problema de saúde e veio a falecer.
Infância	Enquanto meus amigos estavam jogando bola, soltando pipa, se divertindo, eu estava trabalhando, pra ajudar a família.
Formação Escolar	[Em Votuporanga] a grana ficou curta, eu estava meio desanimado com isso, porque o meu negócio era vender, eu pagava a faculdade vendendo perfume importado, que eu ia de bicicleta e eu pagava a faculdade, mas eu falei que eu poderia ir muito mais longe que uma faculdade, para mim mesmo, né? Eu falei: "Nossa, é importante". Eu falo pra todos que tem que estudar, é lógico que tem que estudar, mas cada um tem uma expertise, um caminho a ser seguido. [...] Tinha muito isso: "Não, você tem que estudar". Eu tenho como ídolo meu pai, com toda certeza do mundo, mas eu não quero ser igual ele, eu quero ficar melhor que ele, né? [...] Então, antigamente tinha muito isso: "Você vai estudar, você vai ser mecânico, vai ser barbeiro". Não interessa, vai ganhar mil reais e para eles está bom. Eu nunca quis isso pra mim, eu sempre quis mais, desenvolver mais, ajudar pessoas, multiplicar todo cenário, pra isso acontecer. E isso tive que enfrentar meus pais, pra poder começar no ramo dos cosméticos, né? Porque, de uma certa forma, não é por mal, eles querem blindar, eles querem te proteger: "Ah, você vai pôr seu carro na rua, novinho, pra vender produto de cosmético, nesse preço, que está caríssimo esse produto?" "Eu vou" "Você é louco, você nem terminou de pagar teu carro". Então, sempre põe aqueles empecilhos, de uma certa forma... [...] As pessoas esquecem de estudar, as pessoas esquecem de analisar como eu posso vender melhor o meu produto, como que eu faço desempenho melhor para controlar. Hoje, se eu for te vender, Claudia, eu sei o pH dessa água, eu sei a quantidade correta que está no frasco, eu sei quantos graus você vai bebê-la e ficar mais refrescante pra você, porque eu me preparo pra isso e as pessoas têm que se preparar. Eu pensei que eu ia ter essa dificuldade, mas eu me preparei também, eu fui estudar. Tanto é que há pouco eu me formei em Química também, né, voltei a estudar para fazer Química, pra poder assinar, ter um conhecimento melhor, saber o que eu estou falando para meus clientes, para os meus funcionários, para minha equipe, para os meus parceiros. Então, ou seja: se eu não evoluir, o meu concorrente vai evoluir. Se eu ficar para trás, quem vai chorar são os meus filhos.

Trabalho na infância / adolescência	Eu comecei a trabalhar com sete anos de idade, para ajudar em casa. E foi assim que começou minha trajetória, vendia coxinha, vendia verdura, vendia sorvete, cuidava de carro na feira, para ajudar em casa, acordava quatro horas da manhã para montar as barracas e desmontar as barracas no final da feira, né? Então, a gente... eu ganhava... o que sobrava na feira, né? [...] Eles me davam: "Oh, leva essa verdura, esse pastel, caldo de cana". Então, eles me davam e eu levava pra casa, mas em troca disso eu ajudava a montar e desmontar a feira. E, nesse período que eu ficava sem fazer nada, eu olhava carro, até dar o momento de fechar, a feira acabar, né, desmontar e ir embora. Até que minha mãe me colocou num sistema chamado CPM, que é Corpo de Patrulheiros Mirim e isso existe, essa instituição existe até hoje em Santo André, ela é bem bacana, ela tem à frente o grupo Rotary, né? [...] O Rotary está a frente desse projeto e, nesse projeto, pega as crianças [que ficavam] de rua, que era no meu caso e ensina profissões pra elas, né? Ensina profissões, datilografia na época, informática, como se comportar, preencher documento, como interagir com a empresa, funcionário, com os outros demais, foi bem bacana! Eu fiquei seis meses lá. De lá saí para uma empresa chamada ACC Indústria de Artigos para Escritório, que existe até hoje também, que é aquelas caixinhas verdes de clips, muito... vende na rua Assunção, em Santo André, número 63, até hoje eu lembro disso. De lá eu queria uma empresa melhor, aí foi naquela transação, à época da gestão do [prefeito] Celso Daniel, em Santo André. [...] [...] Eu tive o prazer de trabalhar com um cara incrível que foi ele, eu trabalhei na Chrysler, na Avenida dos Estados, três anos, até que meu pai, quando minha mãe casou novamente com outra pessoa, muito bacana também, resolveu mudar para o interior de São Paulo. Eu tinha 16 pra 17 anos ali e aí eu não queria vir, porque eu tinha um bom emprego, aí eu comecei trabalhando na Xerox, deixei a empresa trabalhando na diretoria presidencial, onde eu cuidava de 22... [...] guardinhas mirins. Eu cuidava e coordenava os setores deles, já. Era muito bacana, tinha um futuro muito grande nessa empresa, mas, porém, tudo na mão de Deus tem um momento certo, né?
Trabalho	E aí eu vim para o interior de São Paulo, para morar em Votuporanga, 16 para 17 anos, começar uma carreira ali que não sabia por onde começar essa carreira, fui ser "chapa". Para quem não sabe o que é "chapa" é aquelas pessoas que ficam na estrada, esperando o caminhão chegar para descarregar, com aquelas plaquinhas, eu fiquei uns seis meses trabalhando daquilo, porque eu não tinha opção de emprego, por ser interior e comecei estudar, até que eu consegui um emprego numa loja de roupa bem popular em Votuporanga, depois recebi um convite para trabalhar em outra empresa, na parte de sapato, e ali foi um estresse muito grande, eu queria crescer e não tinha para onde crescer, um amigo meu falou: "Por que você não entra no cosmético?", e eu falei: "Mas não tenho dinheiro", ele: "Entra como representante, eu vou te indicar para uma empresa". Foi onde eu comecei a trabalhar no ramo de cosméticos, a gente fez um teste no cabelo da minha namorada na época, que ela foi uma das únicas

	que me incentivou, né, lógico. Eu lembro que nós fizemos um cabelo dela num tanque e aí eu falei para o cara que ia me convidar, que eu estava pronto, ele deu risada: “Mas você está pronto?” “Não, estou pronto, o que está escrito no contrarrótulo do produto está tudo certinho?” “Tá certo” “Eu vou estudar e vou vender”. E aí fiquei trinta dias, nesses trinta dias recebi uma proposta de uma empresa aqui de Rio Preto, para ser vendedor, ganhava bem mais, aí tive que aceitar essa proposta, porque a necessidade falou mais alto, não tinha como não aceitar a proposta e eu fiquei um ano, peguei essa empresa, batendo de porta em porta, fiz vários eventos, vários cursos na área de cosmético, ergui essa empresa e achei um momento que era... que eu tinha que começar o próprio negócio. Aí você me fala assim: “Giba, mas quanto você tinha para investir?” e eu falei: “Só tinha dois mil e seiscentos reais”. É uma loucura. Eu peguei toda a economia e acreditei. As pessoas: “Você é louco, vai fazer isso, vai largar um bom emprego e... como você vai se sustentar?” Eu falei: “Não, calma”. Aí montei toda uma estratégia, quem eram os clientes que pagavam em dinheiro, como eu poderia fazer uma carteira de clientes mais sólida, mais estratégica, com pessoas que realmente compravam o produto e pagavam. Então, eu fiz um desenho, né, e nesse desenho eu fiz... como eu não tinha computador na época, então eu tinha um caderno que eu tenho até hoje aqui, bem velhinho mesmo, eu anotava tudo que eu ia fazer, todas as minhas vendas. Quando cheguei em São Paulo, para conhecer essa empresa que eu pedi a representação, para eles, pedi, eles falaram que o investimento era de vinte mil reais, eu falei: “Gente, eu não tenho esse dinheiro, mas eu tenho algo lá comigo que vocês não têm” “Giba, mas o que é?” Eu falei: “Cliente, gente! Eu tenho todos os meus clientes” E eu peguei aquele caderno, todo sem capa, ele olhando aquele caderno, começou a olhar para mim: “É seu isso aqui?” E olhar assustado, porque tinha muitas vendas diárias, né? Ele falou: “Nós vamos te dar essa oportunidade realmente, para você começar com dois mil e seiscentos reais e cada compra você vai ter o direito de crescer 25%”. Ou seja: comprei os dois mil e seiscentos reais, investi e eles me davam crédito de 25% a mais pra eu pagar no final do mês. Então, com isso, eu fui fazendo um crescimento financeiro. [...] O próprio dinheiro que entrava, o estoque era no meu quarto, eu tinha uma cama de casal, essa cama de casal eu dei para meu irmão, pus uma cama de solteiro, pra pôr um monte de prateleira, coloração, OX, pó descolorante. Onde tinha lugarzinho eu conseguia pôr produto e fazer isso acontecer. Então... [...] E é muito bacana essa trajetória, porque as pessoas sempre perguntam: “Mas como você chegou?” Gente, são quinze anos de comércio... [...] para quem não sabe como funciona a feira, se você estiver no meio do quarteirão, a pessoa tem que chegar às quatro horas da manhã, depois os outros demais é quatro e quinze, é quatro... é uma sincronia, senão não consegue entrar todos os caminhões e, para montar uma feira de grande porte, então, é uma organização bem bacana, eles sabem exatamente os horários de entrada e os horários de saída que eles têm que sair, bem coordenados. E eu não sabia disso e a gente foi aprendendo, né? E, como eu disse, eu ficava esse tempo

	vago, eu olhava carro. Então, eu ajudava a carregar sacolas, senhoras que não tinham condições, dependendo da situação, eu ia fazer a feira com ela, porque ali eu ganhava roupa, ganhava presente de aniversário, no final do ano eu ganhava cesta de Natal de um monte de gente, porque eu sempre mostrei muito interesse em ajudar pessoas, pra poder crescer, né? Mas, com isso, eu desenvolvi uma técnica para eu poder ganhar mais dinheiro ainda nesse período. O que foi, nesse período, que eu fiz? Eu chegava, um exemplo: Claudia, você já me conhecia há algum tempo, fiquei lá uns quatro anos, sendo olhador de carros, então, muita gente me conhecia há muito tempo: "Claudia, estou vendo que seu carro precisa lavar, você não quer que eu o lave na sua casa? Eu pego minha bicicleta e vou até na sua casa, eu lavo seu carro e eu cobro dez reais". Na época dez reais era bastante dinheiro, né, porque... e eles pagavam, então eu deixava pelo menos uns dois ou três carros por dia, eu pegava mais no final de semana.
Significado da entrevista	É. Eu acho que o conteúdo, quando você mostra para pessoas, que as pessoas conseguem vencer na vida, é um conteúdo tão importante para a pessoa ouvir outra pessoa crescendo, sabendo que ela também pode crescer, isso é tão bom, me faz tão bem, sentir bem em ajudar o próximo e eu gosto quando eu conto minha história de vida ou quando as pessoas me conhecem, sabem de onde a gente surgiu, onde a gente quer chegar ainda, isso inspira muitas pessoas. E eu acho que inspirar as pessoas é a palavra certa, eu gosto de inspirar as pessoas.

11. CODINOME	**LUIZ ANTÔNIO**
Ascendência: Afrodescendente	Local De Nascimento: Marilia, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 18/02/1966	Década de Nascimento: 1960
Entrevistado em: 07/02/2021	Modo da entrevista: Online
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem	Eu me chamo XXXX, nasci no dia 18 de fevereiro de 1966. Eu sou de Marília, estado de São Paulo e eu estou aqui, hoje aqui, ao vivo e a cores, para todos vocês. Ok?[...] Ah, o meu pai é XXXX, né? E a minha mãe, XXXX, né? São ambos descendentes de... do pessoal lá do norte do país, né? Os pais deles eram um da Bahia, né? A minha vó, de Alagoas. É, minha família é um pouco de mistura, né? E a minha vó também... eu tenho uma vó que era portuguesa. Né? Então, essa mistura brasileira aí. Aí está aqui o futuro dessa nação aqui, que somos nós e nossos filhos. [...] Eu tenho um irmão, né, e duas irmãs. [...] Um é o Jorge, o meu irmão, a minha irmã a Cristina e a outra é a Célia. [...] A história eu não sei, porque a minha mãe fala que a mãe dela faleceu quando ela... assim, ela tinha uns três anos de idade, né? E, naquela época, tinha muita falta, assim, de assistência médica, essas coisas, era muito carente, né? Então, ela teve um problema que ela acabou falecendo e a minha mãe era pequena. E a situação dos meus pais, da minha mãe, entendeu, foi uma situação, assim, de sofrência, contando com a geração de hoje, né? Entendeu? Então, deu

	ela pra criar, pra uma família, né? A família Coelho, que era de Marília, que era um pessoal de empresário, sabe como é? Então foi assim, foi uma vida meio difícil, dificultada, assim, entendeu? E eu não cheguei a conhecer essa minha avó, que era portuguesa. Mas o meu vô, eu conheci, que era baiano, né? Grandão, falava forte, arretado, firme, né? Sangue na veia, sei lá o que é. Então, é mais ou menos assim, meio brabão, meio... né? Então, era assim, meio truculento. Entendeu? Foi assim, entendeu? O que eu sei da ascendência dos meus avós, né? [...] A história da minha mãe é uma história legal, assim, porque, naquela época, entendeu, como era muita dificuldade, essas coisas, registrava os filhos não quando nascia, que eles não tinham condições de registrar, os pais, assim, alguma coisa. A maioria das pessoas daquela época, entendeu, registrava quando ia, assim, tinha um problema de saúde, ia falecer, ia morrer, então registrava. Entendeu? Então, mais ou menos a história é assim. [...] O meu pai, quando era jovem, meu pai, né, era, assim, da parte da minha vó, da outra parte, entendeu, era filho... ele, praticamente, assim, não teve um pai do lado dele. Né? Foi criado, assim... a mãe dele foi a mãe e o pai dele. Então, era uma vida bem simples, né? Então, o meu pai era uma pessoa bem simples, mas uma pessoa bem correta, você entende? Uma pessoa esforçada, uma pessoa que lutou bastante pela vida. Entendeu? Então, o exemplo vivo do meu pai, o legado dele, entendeu, é nunca deixar a gente desistir das coisas, dos nossos sonhos, entendeu? Que, por mais que seja dificultoso, por mais que seja difícil, sonho é sonho, entendeu? É que nem eu falo, eu comento com meus filhos, né: a gente tem que sonhar, tentar construir um castelo. Entendeu? Porque, pelo menos, se a gente não conseguir construir esse castelo, pelo menos dois cômodos, um banheiro e um quarto, a gente fez. Entendeu como é? Então, os sonhos são feitos assim. [...] Meu pai trabalhava numa fábrica de vassoura, né? E depois dali meu pai foi ser gari da prefeitura. Né? Trabalhou muito de gari. E por meu pai não ter essa cultura, de conversar, tudo, naquela época, as coisas eram bem difíceis, né? Tinha o aluguel pra pagar, tinha de manter a casa, entendeu? A gente morava em casa simples, casa de madeira, que tinha muito na época, entendeu? Eu falo até pros meus filhos hoje, né? Na minha época, eu sabia quando era dia, quando era sol, quando era chuva, né? Porque casa de madeira, sempre tem um buraquinho, né? E sempre tem um telhado furado. Então, é mais ou menos assim, pra quem morou em casa de madeira, o pessoal sabe. E... que eu falo assim pros meus meninos, né, que nem meu pai, né? Então, era muito difícil pra ele, porque ele era sozinho, então eram complicadas as coisas. Entendeu? E eu sofri por causa disso. Entendeu? Eu sofri bastante, né? Porque ele era sim ou era não, então não tinha conversa, meio termo, né? Que nem hoje, pelo menos eu sou assim, eu converso bem com meus filhos, né? Meu pai não tinha muito conversa não, entendeu? Era mais courinho do que carinho, entendeu? Só o olhar... a educação era outra, entendeu? Só o olhar já falava tudo, você entende? [...] A minha mãe chegou a trabalhar, assim, mais em casa, lavar uma roupa, passar uma roupa, entendeu? Mas era isso daí.

	Costurava um pouquinho pra fora, né? Mas sempre foi mais em casa, mais doméstica mesmo, a minha mãe. Só que a minha mãe, por ela ter a quarta série, entendeu, a minha mãe foi meu travesseiro, entendeu? Então, ela era uma pessoa que eu podia conversar com ela amplamente, entendeu? E ela sempre me organizava, você entendeu? "Ó, você deve fazer isso, você não deve fazer isso". Entendeu? E depois que a gente foi crescendo, a gente acha que é dono do próprio nariz e, muitas vezes, a gente não escuta a mãe, entendeu? Foi onde, às vezes, que eu já levei umas pancadas da vida, por não ouvir a minha mãe. Então, mas... a maioria das vezes, a minha mãe estava correta e certa daquilo que ela falava pra gente. E a mãe sempre está certa, né? Mãe é mãe, né? E mãe é uma coisa do outro ser, né? Entendeu? É, mãe é uma benção.
Infância	Não comentou
Formação Escolar	Nossa, eu vou te falar tudinho como era a escola de antigamente e a escola de hoje, tanto que eu falei pra você que a minha filha é professora, entendeu? A sorte dos alunos que eu não sou professor, entendeu? Que, se eu fosse professor, a primeira lei hoje, que eu punha dentro do aluno, é o seguinte: proibido esse tal de smartphone, celular, é proibido entrar na sala. É proibido. Não pode levar celular na sala de aula. "Ah, mas tem tecnologia". O governo que tenha a tecnologia dele lá dentro da sala de aula, entendeu? Não o aluno levar o telefone pra não sei o que lá. É proibido. Na minha... a primeira coisa, era proibido. Porque, na minha época, se existia uma coisa, entendeu? Educação. Né? E se existia uma coisa também, você entendeu? Que era o respeito, né, com os professores, né? Então, a gente respeitava. Agora, o jovem, entendeu, ele gosta de liberdade, ele gosta de fazer aquilo que é proibido. Na minha época também, a gente gostava, só que tinha um preço. Entendeu? Não é que nem hoje, entendeu, você faz, fala que vai ser punido, mas não tem punição. Na minha época, tinha punição. Eu estudava no Tomás Antônio Gonzaga, primeira escola de Marília e tinha uns oitocentos a quase mil alunos, na parte da manhã, né, no colégio. Então, era muito aluno. E na escola tinha a diretora, que era a dona Edneia. Dona Edneia. E tinha uma árvore bem frondosa, que a gente fazia aquela fila indiana: mulher de um lado, homem do outro, você entendeu, né? Tipo o do exército. Aí você punha a mão, tomava a distância... no ombro da pessoa, tomava aquela distância, né? E ficava na fila e batia o sinal e subia. Todo mundo em silêncio, nada de bagunçar, nem nada de nada, não. Mas aí passava o inspetor na frente e passava uma inspetora no fundo, entendeu? E cantava o Hino Nacional todo dia, entendeu? Antes de entrar na escola, de manhã e na hora do recreio cantava o hino, que era o Hino da Bandeira, entendeu? Então, cantava o hino, né? E a gente cantava. E se desse um pio e fizesse gracinha, ninguém pegava e puxava orelha, não, entendeu? Pegava pelo braço, entendeu, você ficava lá de prontidão, lá em frente da árvore, entendeu? E mil pessoas quase, oitocentos alunos te olhando você lá embaixo da árvore. Entendeu como que é o negócio? Então, isso daí, cara, mexe com o psicológico da gente, né, quando a gente é jovem, né? Ninguém quer ficar debaixo da árvore pagando mico, né, pros

	amigos, né? Hoje não tem nem fila, hoje não tem nada, você não sabe quem que é o aluno que vai pra escola ou não, tem nem uniforme hoje. Entendeu? Na minha época, era tudo uniformizado. Se eu não tivesse com uniforme, eu voltava pra casa, entendeu o negócio? Então, eu acho isso aí é questão de... não é que a gente é ignorante, nem nada, entendeu? É, mas mudou. Mudou, mas mudou pra pior, entendeu?
Trabalho na infância / adolescência	E eu trabalhei uns três anos lá no clube [Marília Atlético Clube], né? Nós tínhamos... eu vendia sorvete, na época lá. Eu ganhava dinheiro, entendeu? Eu sempre fui vendedor, entendeu? Meu negócio é vender. É vender, né? Conversar, trocar ideia, entendeu? Fazer daquela coisa, uma simples coisa, um grande negócio, né? Eu sei vender, entendeu? Eu gosto, eu gosto de vender. [...] Ah, vendia, hein, cara? Nossa! Vendia e ganhava dinheiro, né? Assim, não é que eu ganhava, eu não administrava o dinheiro, quem administrava o dinheiro era o meu pai, né? Só que o meu pai não tinha, assim, uma experiência pra administrar, porque, naquela época, ele queria... né? É a vida sofrida, não tinha uma cabeça legal, né? É que nem hoje eu falo com meus filhos: o dinheiro não foi feito pra gastar, entendeu? Porque dinheiro todo mundo ganha, mas poucos que guardam o dinheiro, entendeu? Então, a vida foi me ensinando, entendeu? “Dinheiro, filho, não é pra gastar, dinheiro não foi feito pra gastar, entendeu? Então, você separa um pouquinho”. Entendeu? Porque na própria palavra de Deus fala: “Há tempo de guardar pedras” - não é uma coisa assim, mais ou menos? – “separar pedras e de gastar pedras”. Ganhar dinheiro, entendeu como que é? Com dinheiro é assim, entendeu? Há tempo pra tudo. [...]Aí o meu tio tinha um açouguinho, aí eu fui levando almoço. Fui levando almoço ali e ele me segurava, né? Segurava, pra ele sair um pouquinho, pra ir no Banco, tudo, entendeu? E ali fui aprendendo. Né? Fui aprendendo uma nova profissão, aí até quando eu fui trabalhar integral com ele. E o meu salário era um botijão de gás no fim do mês, quinhentas gramas de carne moída e um frango por semana, entendeu? E, em dinheiro, eu recebia, se fosse hoje, cinquenta reais, que eu recebia. Por mês. E eu ficava contente. Entendeu? Por quê? Porque eu estava aprendendo uma profissão. E eu tenho orgulho da minha profissão. Porque, na minha profissão, demora uns três, quatro anos pra você aprender, tipo de uma faculdade, pra você aprender certo, entendeu? Se você aprender errado, entendeu, você vai falar assim: "Ah, eu sou um balconista, sou um açougueiro”, mas não é, você é um cortador de carne. Você não é um balconista, você não é açougueiro. Entendeu? Então, eu tenho orgulho disso daí, da minha profissão. Porque nem faculdade tem, entendeu? Então, é uma coisa difícil de aprender, né? E eu trabalhei com o meu tio muito tempo, entendeu? Depois fui trabalhar, passei em outras casas de carne na minha cidade, né? Trabalhei num supermercado de grande porte. Fui coordenador, entendeu? Fui preparado pra ser gerente de loja, entendeu? Aí tive problema familiar, então eu não pude. Então, eu sei muita coisa, só que... "Ah,

	mas qual que é a sua situação hoje?". A minha situação, não me falta nada, graças a Deus. Podia ser melhor, mas por quê? [...]
Trabalho	Aí eu voltei aqui uma vez. Aí eu olhei bem um açougue e falei: "Nossa, que açougue bonitinho, ajeitadinho". Aí demorou um tempinho. Aí, faz uns quinze anos que eu estou aqui, aí um amigo meu falou assim: "Você quer trabalhar em Bauru, Mauro?". Eu falei: "Pra quem?". Ele falou: "Ah, pro português". Eu falei: "Rapaz, eu preciso, hein, cara? Eu preciso, porque eu não posso ficar aqui na cidade, mais". Né? Que eu estava com a separação da minha mulher lá, da minha ex-mulher, né? Falei: "E eu não quero ficar aqui, sabe?". Eu falei pra ele. Aí ele falou assim: "Ah, vai lá, rapaz, que vai ser bom pra você. O cara é meio chatão, né? Ele é meio assim". Eu falei: "Ah, mas eu fui criado nesse sistema já, cara, pra mim, é um beijinho na flor, cara, entendeu?". Aí beleza. Aí eu vim aqui e deu certo, sabe? Chegou aqui estava tudo preparado pra mim. Trabalhei quinze anos pra ele, a gente sempre se respeitou, né? Ele foi meu patrão, ele foi meu amigo, né? Tudo a gente tem que ter paciência nas coisas, né? Aí, eu trabalhei pra ele [pro seu Elias, português, dono do açougue, em Bauru] a primeira vez, trabalhei uns dez meses, né? Aí, depois desses dez meses, ele me dispensou. Né? Aí eu acho que foi um ato de Deus, assim, também, né? Por quê? Porque a minha ex-companheira estava morando na Espanha, né e quando eu saí daqui ela voltou pra Marília também e, na época, os meus filhos eram pequenos, né? Aí eu fiquei mais uns dois anos em Marília. Aí [...] um dia eu liguei pra ele, ele falou assim: "Vem cá, que vou te dar um... preciso conversar com você". Aí eu vim aqui pra Bauru, conversar com o 'seu' Elias, aí ele fez uma proposta pra mim, de eu ser o sócio dele, entendeu? Aí eu aceitei! [...] Só que eu fui o tipo de sócio assim: eu não sabia quanto que dava, não sabia quanto que entrava. Entendeu como que é? Então, ele me pagava o que eu merecia e pra mim estava bom, porque na minha cidade, eu não ia ganhar esse valor e eu também... eu não o contrariava, sabe? [...] Mas o que aconteceu? Só que eu nunca reclamei de nada. Aí, passou, agora, no final, a empresa ficou os dois anos no meu nome, a empresa. Ele foi passando aos poucos, entendeu? Hoje, a empresa é definitiva minha, entendeu? [...] Hoje eu a administro 100%, entendeu? Então, eu já... eu administro 100% a empresa, ele só vem pra me auxiliar. Mas o que é o auxílio dele? É o seguinte: como ele é velhinho, eu não posso matar o sonho dele também. Entendeu? Então, se ele ficar lá, 24 horas no ar, dentro da casa dele, eu acho que é pesado, entendeu? Então, ele dá uma escapadinha e vem aqui, a gente conversa um pouquinho, troca uma ideia, ele corta uma carninha. Entendeu como que é? Então, isso é o respeito. Né? Isso é gratidão, né, que a gente tem, né, com as pessoas. Entendeu? Então, foi isso lá atrás, que eu aprendi com meu pai, né? Por mais que meu pai seja... foi ignorante, foi um pouco, assim, bem rústico na nossa criação, eu nunca vi meu pai agindo de errado com as pessoas. Entendeu como que é? Então, é isso aí que eu falo com

	meus filhos também, né? Então, a gratidão, só tem a gente a merecer, né?
Significado da entrevista	[...] Então, tudo aquilo que meu pai acertou, tudo aquilo que errou, entendeu, serve também, entendeu, como história de vida dele e pra minha história, né? E que eu quero que amanhã, depois, a minha história também sirva pros meus filhos, né? Que nem, aí, até hoje eu ajudo os meus filhos. De uma maneira ou de outra, eu os ajudo e sinto muito gratificante ajudando meus filhos, né? Por abençoar os meus filhos, né? Porque eu nunca chamei... assim, eu estou falando de filhos pra você ter um contexto geral, mas eu falo que eles não são meus filhos, são quatro bênçãos que Deus me deu, sabe? Pra eu cuidar, né? Meus frutos, né? E eu tenho muito orgulho dos meus filhos, porque eu tive muito problema, né, com meu irmão, algumas coisas assim, então, onde a minha família, assim, eu tento fazer tudo pros meus filho não errarem, né? Que nem eu falo pros meus filhos: "Ó, vocês são grandes, até hoje não errou, não é agora que vai errar, né?". Entendeu? É mais ou menos assim.

12. CODINOME	**RENATO**
Ascendência	Local de Nascimento: Pirajuí, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 24/07/1954	Década de Nascimento: 1950
Entrevistado em 26/01/2021	Modo da entrevista: Online
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	[Meu nome] é XXXX. Nascimento, vinte e quatro de julho de 1954, em Pirajuí. O meu pai, XXXX. A minha mãe, XXXX. Conheci [meus avós]: XXXX. E a minha avó... o meu avô do Paraná é XXXX. Me lembro bem deles. Da minha avó materna, paterna, eu já não conheci. Eu era muito pequeno quando ela se foi. [...] Tenho três irmãos. Quatro comigo. Álvaro, Janete e Edna. [...] A minha família é original da Itália. Os meus bisavós vieram da Itália. Eles passaram pela região aqui, Bauru, Jaú, mas se fixaram em Pirajuí. Lá, basicamente, eles compraram terras, eram agricultores. Inclusive, eu nasci numa colônia de italianos lá em Pirajuí, na Estiva. E logo eles foram pra cidade. E meu pai virou, lá em Pirajuí, um comerciante do ramo de móveis. [...] E eu naquela época de 1965 ou 1970, nós saíamos pros centros maiores, pra procurar oportunidade de emprego. Então, eu fui pra Campinas, fiquei lá muito tempo. E depois voltei pra Bauru. Exato. [Nasci na] Estiva. É distrito lá de Pirajuí. [...] A minha avó dizia que se tratava da Calábria. Mas nós estamos em pesquisa, porque os antepassados nossos, os bisavós infelizmente tiravam os nomes das mulheres, ficavam só os nomes dos homens e temos dificuldades em cartórios pra isso. Mas já tem alguns dos nossos que já conseguiram a cidadania italiana. E eu estou batalhando

	também. Mas não temos ainda dados, muito, assim, pra fornecer da Itália ainda, não.
Infância	É muito gratificante falar disso. E dá um assunto pra muitas horas. Porque eu gosto de falar disso. A minha infância foi basicamente aquela, na época que nós podíamos sair de bicicleta, andar à vontade. Andava muito no mato. Ia pescar muito. Nadávamos em cachoeira. Saíamos do serviço às três da tarde, quatro horas da tarde estava nadando em cachoeira. Coisas que hoje não se faz. Existiam clubes, a gente frequentava com os colegas, com nossas turmas aí, se divertia muito. Subíamos muito em árvore. Pescava. Todo domingo andava muito de bicicleta, ia longe, em fazendas, pra procurar rios, pra procurar lugares pra pescar. A nossa vida era essa. Muita movimentação. Muita atividade física. Muita diversão. Muita natureza. Comíamos nos pés, né, subíamos nos pés pra comer, pra chupar manga. Passávamos muito tempo em cima de árvores, (risos) trepado em árvores. Era uma diversão. Eu falo pros meus filhos, hoje eles realmente têm uma falta de uma situação parecida com essa. Eu tenho muito orgulho. E eu acho que enriqueceu muito os nossos sentimentos, as nossas raízes. As amizades eram mais constantes, mais presentes. Nós andávamos com as nossas turmas, os nossos amigos, os nossos tios. Sempre bem próximos, conversando muito. Então, conversar, que hoje é um pouco mais difícil e como eu estou tendo esse prazer de falar com vocês, eu falo bastante. Porque a carência nossa de conversar já é daquela época, que a gente só fazia era conversar, exercitar a nossa necessidade de expor os nossos sentimentos, as nossas ideias. E se fazia muito. Eu acho que era o que nós mais fazíamos era isso. Ninguém ficava preso em casa. Hoje, infelizmente, nós estamos vivendo essa situação. Mas isso na idade de infância, até a juventude era assim. Depois íamos pro trabalho, aí começa a vida já com disciplina de horário e cumprimento de deveres, depois sustentar família, daí pra frente. Em Estiva foi onde eu nasci. [...] Eles eram agricultores. Daí quando se mudaram, em Pirajuí, sim. O negócio do meu pai começou assim, por necessidade, no fundo de casa. No fundo, utilizando partes da residência pra se fazer, construir colchões, construir sofás. Ele foi fazendo uma coisa muito lenta. Então, nós trabalhamos muito dentro de uma marcenaria, no começo, ajudando-o, até ele se abrir mesmo a porta dos negócios. Ele era muito comunicativo. Conhecia muita gente. E o negócio em dois, três meses já explodiu. E até hoje, graças a Deus, vai muito bem lá. Em Pirajuí. A nossa vida numa cidade pequena era de já sair de manhã, já ir atrás... tínhamos muitas obrigações. Os pais faziam a gente trabalhar desde pequeno na horta de casa. Muitos produtos vinham do próprio quintal, né? Muitos produtos, muita coisa que a gente comia vinha do próprio quintal. A gente ajudava nisso. Depois era a escola e amigos. E esse lazer todo que a gente vivia. Cantávamos muito. Tocávamos

	violão. Fazíamos serestas. Andávamos com o violão nas costas, pra cima e pra baixo. E a praça em Pirajuí era característica, né? Era o ponto de encontro de todo mundo. Nós íamos à praça pra namorar, pra andar. Naquele tempo que tinha aquela fonte bonita no meio, nós circulávamos em volta, à noite. O nosso lazer era andar. As meninas de um lado, os rapazes de outro e faziam aquela paquera, saíram muitos casamentos, né? Mas o que eu fazia mais, lá atrás, era pescar, andar de bicicleta, correr e jogar bola. E divertir o tempo todo. A escola a gente fazia a obrigação. E o principal era o lazer mesmo, era aproveitar a infância, a diversão.
Formação escolar	[...] Eu comecei a estudar, era época do regime militar. Não, eu comecei em Pirajuí. Em Pirajuí, primeira série, segunda série, grupo escolar. Era regime militar. Mas dava gosto. Era, assim, nós íamos pra escola com muito prazer. Sentávamos cada um na sua carteira. Todo mundo uniformizado igualzinho, ninguém com uma calça *jeans* diferente, não tinha. A disciplina era muito grande. O ensino era puxado, era forte. Mas ainda do tempo, que eu me lembro, que não existia nem caneta esferográfica. Nós usávamos aquela caneta tinteiro, tinha que levar um vidro de tinta pra escola, molhar, encher a borrachinha da caneta Parker, né? Depois escrever com um mata-borrão. Era assim que a gente escrevia os textos, era assim que a gente fazia as tarefas. Tudo em cima de lápis e caneta tinteiro. Mas eu gostei muito. Nossa, eu adorava. Aliás, os pais já passavam a necessidade da escola, os filhos já iam pra escola com muito orgulho. Porque o nosso orgulho era com os pais, era passar pra eles, corresponder ao que eles pediam. E isso era bastante... Eu me destaquei um pouco mais no ginásio. Eu tinha o professor Gerson - que é meu xará - Trevisan, que hoje ele é... bom, era diretor aqui do colégio Objetivo, aqui em Bauru. E foi professor de matemática lá em Pirajuí, quando eu comecei a oitava série, naquela época. E todos nós adorávamos a aula dele. O professor Gerson Trevisan era uma pessoa muito carismática. Ele dava aula, ele sorria, ele descontraía. Eu tinha muita admiração. E todo mundo ia muito bem em Matemática. Apesar que o meu destaque era Português. Eu gostava de fazer redação, de escrever. As minhas redações, às vezes, eram lidas lá pela professora, em classe. Eu tinha muito orgulho disso. Gostava muito de escrever. Até hoje eu gosto dessa parte da fala e da escrita. Mas a Matemática não era o principal, não. Eu estudei lá até o colégio. Depois eu já me mudei pra Campinas. Depois já com dezessete anos, eu já fui pra Campinas. Eu já tinha terminado o colégio, eu fui pra Campinas.
Trabalho na infância e/ou adolescência	O trabalho em casa eram as obrigações de casa: ajudar o meu pai na marcenaria dele. Era cuidar de horta. Era ajudar a limpar a casa, porque os meninos também arrumavam cozinha, os meninos também passavam escovão na madeira da sala, enceravam. Participavam.

	Todas as casas eram assim. Os homens trabalhavam no serviço doméstico também. Tinha onze, doze anos, tinha tarefas distribuídas, certinhas, muito organizadas em casa, desde arrumar a cozinha até encerar a casa. Mas o meu trabalho diário meu, mesmo, era cuidar mesmo da plantação dele, das alfaces, almeirões e tudo que ele plantava lá, que era grande. Então chegava, depois da escola, eu tinha bastante tarefa em casa. Mas de manhã, antes da escola, que eu entrava na escola no meio do dia, saia às dezesseis horas, de manhã a gente saía mais, mesmo, pra praticar esporte, andar, andar de *bike*, brincar, ensaiar mais pra frente aí a música. Olha, no começo, sabe que naquela época existia uma coisa que chamava brincadeiras. As pessoas, os jovens de doze até os quinze anos, se reuniam. Não havia televisão, não tinha nada de... eles se reuniam aos domingos à tarde, na casa de cada um, às vezes até de pessoas, de meninas ou de jovens que a gente não conhecia. Mas nós sabíamos: "Olha, domingo vai ter uma brincadeira na casa de tal pessoa". Então ia uma turma. Os pais dos anfitriões saíam, deixavam os jovens lá se divertindo e cantando e dançando. Então, a gente aprendia a dançar, aprendia a cantar, conhecia meninas diferentes, tinha esse contato pessoal com o pessoal de outras vilas, de outros grupinhos. E todo domingo tinha na casa de um. Às vezes era na minha casa, às vezes era na casa de gente desconhecida. A gente ia, não era conhecido, não era convidado, mas não tem problema, a brincadeira era pra vir todo mundo. Então a gente ia, aprendia a dançar e tocávamos. Aí nós começamos a tocar em algumas brincadeiras, alguns casamentos. Foi mais assim, coisa mais doméstica mesmo, não fizemos assim algo profissional. Chegamos até a gravar diversas fitas, que um suposto empresário ia... criamos algumas músicas. Mas aí eu me casei muito cedo e o conjunto parou quando eu casei, na verdade. O líder do conjunto, não, continuou cantando durante a vida toda dele, ele sempre cantou e tocou. Mas o conjunto, depois que eu saí, deu uma esmorecida. Infelizmente foi aí que parou mesmo, o conjunto.
Trabalho	Naquela época a gente acreditava no amor, né? (risos[...] Mas já estava nas nossas raízes de que era família, né, que a gente ia fazer família. Então, quando eu a conheci, eu já identifiquei que ali seria o início da minha família. Aprovaram, aprovaram. Ainda era um namoro muito iniciante, né, muito do começo assim, eles ignoravam, porque tinha muito namorico, muita menina batendo palma na porta, no portão de casa, a minha mãe ficava brava. (risos) Mas aprovaram. Quando souberam que eu estava namorando com ela, aprovaram. [...] Me casei, fui pra Campinas por uma necessidade de emprego, de ganhar mais. A minha mulher estava grávida já naquela época, da

	minha primeira filha, né? E eu mudei pra Campinas, mas tive muita sorte. Eu já trabalhava em Pirajuí, em escritório de contabilidade, fazia escrita fiscal, essas coisas, já com treze anos, eu já fazia isso. E fui pra Campinas, arrumei emprego já na tesouraria do Banco Itaú. Trabalhei lá doze anos, até mudar de Banco, por um salário maior. E a gente está junto. [...] O escritório de contabilidade, naquela época, os pais conversavam com o empresário ou o dono do escritório ou contador e falava: "O meu filho, onze anos, doze anos, eu quero que ele comece a trabalhar com esse tipo de serviço". Apresentava a gente sem a responsabilidade de registro em carteira e sem a responsabilidade de falar assim: "Você vai ter um salário fixo de tanto". Era assim: a gente era dado pra iniciar um trabalho sem esperança, assim, de ganho ou necessidade. Pra conhecer e aprender. Aí, quando começava a mostrar serviço, depois de meses, é que aí começava a vir um salário, começava vir a ganhar. Então, doze anos ganhando; treze anos ganhando um pouco; catorze anos, aumentando; quinze anos, já... mas não seguia assim. Era menor, né? Aliás, menor naquela época, tinha carteira de trabalho de menor. Hoje, menor é proibido, mas na nossa época tinha, existia carteira de menor, de trabalho. E aprendi assim dessa forma. Fui colocado, aprendi, não foi feito o curso. Eu estudava só o colégio. E quando eu fui pra Campinas, eu fui com a bagagem de conhecer contabilidade. O Itaú, através de um amigo, me colocou lá na tesouraria. Eu trabalhei lá bastante tempo. Eu saí do Itaú, fui pra Habitacional. E depois pro Banco Econômico, onde eu passei pra gerência do Banco. É o medo de não encontrar emprego. A sensação de ter que voltar pra trás, a gente nunca queria. Então, a gente tinha que ter uma persistência, porque não era aceitável você voltar pra trás. Quando você está numa cidade pequena, que a cidade tem poucos recursos e você não consegue se encaixar, sai pra uma cidade maior, você faz essa transição, você tem pouca chance pra voltar. Então, você vai ter que se virar. Então, pega-se, batalha emprego, persiste, não sai, não sai, até sair. Eu fiquei dois, três meses, mas fui gratificado com um bom emprego. Eu estava procurando no ramo contábil, acabei pegando no Banco, na agência maior que tinha em Campinas. E progredi lá dentro, graças a Deus. Essa transição foi assim. Logo que eu pude trazer a minha família, já veio caminhão de mudança, já veio ela. A minha primeira filha já nasceu lá em Campinas. Já nasceu lá. Os três filhos primeiros, meus, já nasceram em Campinas. Foi uma época fantástica, na verdade. A gente tinha salários muito bons. Nós tínhamos clube. Tinha muita assistência médica. Vivíamos numa época intensa, também, de muito trabalho. Muito trabalho. O Banco exigia bastante, muitas horas no Banco. Mas era 'compensante'. Era 'compensante' financeiramente.

	[...] Aí surgiu a Habitacional que é que trabalhava com financiamento de BNH, financiamento de imóveis. Era uma financeira do mercado de imóveis. Eu passei pra lá. E eles estavam expandindo. Eles eram uma empresa muito boa, estava expandindo, agência em Rio Claro. Aí, quando eu fiquei sabendo que tinha, expandiam uma agência em Bauru, era uma oportunidade, que eu queria muito passar pra gerência. Eu tinha tempo, eu tinha experiência. E pedir uma transferência, às vezes é aceitado quando você tem uma situação melhor de salário e de cargo que você já almeja, né? Então, eu vim pra cá com a ideia já de fazer parte da gerência do Banco. Porque lá tinha muito mais concorrência. Então, abriu a agência aqui em Bauru. Isso já era 1980... olha, eu entrei aqui no hotel em 1987. E eu creio que era anos 80, eu já estava aqui. Anos 80, eu já estava aqui. Acho que é isso mesmo, 1980. Eu trabalhei no Banco Itaú. Depois fui pra Habitacional APE. E da APE, o Banco Econômico comprou a Habitacional, já mais pra frente. [...] O Banco mandou eu escolher uma casa. Eu morava ali na Eduardo Vergueiro de Lorena, na Vila Universitária. Um bairro bom, uma casa boa. E eu trouxe a minha família. O Banco pagava todo mês, pagava o aluguel. Eu nem participava desses pagamentos, o contrato era com o Banco, o Banco que bancava tudo. Eu vim pra abrir, inaugurar a agência, que ficava aqui na Rua Batista de Carvalho, a rua principal, que na época ainda transitava carro, hoje é calçadão. E vizinho da loja Yara, que era uma loja muito tradicional. Nós abrimos ali, a agência. Tive a honra de trabalhar, eu era o gerente administrativo e o gerente era o César Savi, que é colunista aqui do Jornal da Cidade. E eu tive o prazer de trabalhar com ele, porque ele não tinha experiência bancária e eu não tinha contato com o povo da cidade, com a sociedade. E ele, como colunista, conhecia todo mundo. Então, ele trouxe muita gente, muito cliente. A agência se destacou, progrediu, até o Econômico, depois, comprar. E depois entrar a época do Sarney, né, que foi 1985, 1986 ali, onde ele fez os Bancos falirem. Foi aí que houve a minha outra mudança de ramo. Eu fiquei desempregado, como trinta gerentes da minha região aqui também ficaram desempregados, no mesmo dia, porque os Bancos fecharam. O Sarney acabou, zerou os índices que davam rendimento. Então, os Bancos tiveram que fechar muitas agências, foram embora em massa, mesmo. E quando você é bancário durante muito tempo, você não tem um diploma especializado em alguma coisa. Então você tem que, ou muda de ramo ou parte pra vendas. Eu tentei vender calçados, viajar, representante. Mas, por conhecimento que eu tive no Banco com a família Obeid, eu conheci lá o senhor José, que era um dos investidores do hotel, dono, né, sócio-proprietário. Ele e os irmãos dele que construíram o hotel. E eu mudei, vim. Mudei completamente de ramo. Um coisa nova, um ramo novo. E gostei muito, porque trabalhava muito com atendimento e eu, já do Banco, a gente já tinha uma experiência maior. Então, eu vi que aqui eu tinha um campo

	muito grande pra eu aplicar o que eu tinha de gerência de Banco, pra hotel. Eu não vim pra ser gerente aqui no hotel. Eu vim pra começar de baixo. Eu participei da recepção, atendimento, restaurante. Então, pra mim foi onde eu pude aplicar os meus conhecimentos aqui no hotel e adaptei. Entendi o hotel, o que era um hotel. E passei a trabalhar com atendimento a nível pra melhorar, que eu tinha uma visão superior disso. E fui gratificado com a gerência, não muito tempo, pouco tempo depois. Eu acho que seis meses eu já estava na gerência do hotel. É um hotel muito bem construído, um hotel feito como não se faz um hotel hoje: com muito espaço, com restaurante, com tudo, com móveis de primeira, colchões de primeira. O Arnaldo, que foi o gerente que montou esse hotel, quando os Obeid, a família Obeid resolveu investir no ramo de hotelaria, criaram o Fenícia. Criaram com o material, com toda infraestrutura de um hotel bem, vamos dizer, com o padrão bem mais alto do que a cidade. E foi reconhecido, né? Durante muito tempo nós trabalhamos aqui praticamente isolados. Só tinha o Fenícia, de um hotel de alto padrão, pra receber todos os que vinham pra cá. [...] O Hotel Fenícia foi inaugurado em 1980. Mas eu comecei aqui em 1987. Sim. O hotel já tinha sete anos, né, de atividade. E, como eu estava dizendo, eu entrei por conhecimento com o 'seu' José Obeid, que é da família Obeid, que é o proprietário. E me adaptei aqui à forma de trabalhar em hotel, que pra mim era novidade, mas foi muito atraente, eu consegui aplicar o meu conhecimento pra ajudar o hotel a desenvolver, de acordo com o que os proprietários queriam. [o centro da cidade de Bauru era] muito diferente. Aqui embaixo, aqui onde é a estação ferroviária, ficavam pequenos hotéis, restaurantes. Hoje não tem, ali é só uma praça. A rodoviária não é mais... a rodoviária também era aqui. A rodoviária também era anexo a ferroviária. Tinha a estação ferroviária e, em volta, em frente à estação ferroviária, era o trânsito de... porque as pessoas andavam muito de trem. Então, era chegar vagões lotados, já embarcava nos ônibus. Ali em frente, né? Depois criou-se a rodoviária, fora do Centro da cidade, já esvaziou uma boa parte aqui da frente. E aí, com a queda da ferrovia, então o local ficou esvaziado. Mas foram muitos anos com essa atividade intensa nesse bloco aqui, onde o hotel foi criado. Na época que o hotel foi criado, essa atividade toda existia. O calçadão foi bem depois. O hotel foi construído com uma parte dele pro calçadão, que na época não era um calçadão, era a Rua Batista Carvalho e transitava carro. Então, se nós tivermos aqui as primeiras referências do hotel, era com uma frente, uma porta menor, ao lado das lojas. Os hóspedes estacionavam por ali e entravam. Aí o hotel foi ampliado com frente aqui pra Rua Gerson França, com visão pra outra, pro bairro também. E foi feita a entrada principal aqui pela Rua Gerson França. Uma entrada grande, com estacionamento grande, dada a exigência. O hotel já tinha na base de hospedagem,

	apartamentos, tudo construído, tudo de primeira linha, mas faltava essa parte de espaço. Então, ele conseguiu espaço ampliando pra cá. [...] Olha, a primeira palavra que eu tenho pra falar dos Obeid é gratidão. Eu divido isso com todos os nossos funcionários. Os nossos funcionários têm, tinham um amor muito grande pelo 'seu' José que, infelizmente, não está mais conosco aqui, mas que era uma pessoa muito humana. O 'seu' Antônio, todos são pessoas muito humanas. Tratam os funcionários com muita dignidade, com muito respeito e com muita responsabilidade nessa época de dificuldade, também. Então, quanto à família Obeid, pessoalmente, o que a gente tem é muita gratidão, muita admiração.
Significado da entrevista	Eu acho que as suas perguntas foram bem abrangentes. Eu acho que até eu estou satisfeito. Olha que eu gosto de falar, hein! Eu gosto de falar, mas as suas perguntas foram bem abrangentes. A gente falou de tudo, mesmo. Que ótimo! Eu fico contente e satisfeito. [...] Vai ser um prazer atendê-los, viu? Eu fico agradecido também pela oportunidade.

13. CODINOME	**RODRIGO**
Ascendência	Local de Nascimento: São Paulo, estado de São Paulo
Data de Nascimento: 04/08/1962	Década de Nascimento: 1960
Entrevistado em: 26/01/2021	Modo da entrevista: Online
INDEXAÇÃO	**CONTEÚDO**
Origem (rural)	Sim. Meu nome completo é XXX, nasci dia 4 de agosto de 1962, eu sou de São Paulo, capital, sou da gema, nasci no Itaim Bibi, em São Paulo. [...] Meu pai é XXX. Ele estava vivo até o ano passado, com 94 anos faleceu trabalhando no sebo, meu vizinho aqui do lado. Ele que construiu tudo isso aqui, depois eu dei, estou dando continuidade, né? Minha mãe chama-se XXX. Tive mais [convivência] com a minha avó, da parte do meu pai. Da minha mãe faleceu todos, né? O meu avô e minha avó da parte da minha mãe não conheci. Mas a minha avó eu vivi muito com ela. [...] Eles são do sertão da Bahia, é a Dona Ana Rosa Bau, a minha avó. [...] É uma senhora mulata, aquelas tipo bugres, né, aquelas velhonas bugres linda demais, com aquelas saionas. Eu sempre grudado nela, eu ia para o sertão da Bahia, lá em Cafarnaum, que minha mãe e meu pai nunca saíam aqui de São Paulo, de São Paulo lá, a gente morava lá. E eu que ia, meu pai dava um dinheirinho e a gente ia ver a minha mãe, a mãe dele e o pai dele. E ataca eu e minha mãe naquela estrada, naqueles ônibus antigos, quatro, cinco dias dentro de um ônibus e vai, é uma história maravilhosa. Conhece tanta gente, aquele radinho de pilha, Roberto Carlos tocando no ônibus, nunca esqueço isso daí na minha cabeça e eu era pequeno, tinha dez, onze anos de idade.

	Chegava lá, na rodoviária de Feira de Santana e andava mais duas, três horas em cima de um pau de arara. Não é ônibus não, é aquele caminhão, você pendurado lá, eu e minha mãe. (risos) Gente, aquela poeira entrando no seu olho, você chegava todo vermelho, de tanta terra vermelha lá no sertãozão da Bahia. E aí vai. [...] A casa da minha avó era uma casa de barro, sabe aquelas casas de barro, feita de barro? [...] Cheio de... os varalzinho era tudo cheio de carne salgada, que eles salgavam a carne para... era pouca água que tinha, né, a seca sempre predominou no nordeste, né, ainda mais no sertãozão. Andava muito de jegue. Era jegue. O carro lá, quem tinha aqueles jipes, era rico. Então era jeguinho ou então era bicicleta, (risos) era assim. [...] Tem o meu irmão Antônio Sérgio. Ele está em São Paulo, aí. Através do problema de serviço, de não arrumar serviço no sertão, a pobreza, a seca e muita gente veio de lá assim, tentar a vida em São Paulo ou em outras capitais. Meu pai fez a vida em São Paulo, viveu em São Paulo e ama São Paulo, amava né, que ele faleceu, mas sempre com gratidão a São Paulo, né? Fez a vidinha dele, através de zelador, sempre trabalhou na área de... primeiro ele foi para o Paraná, da Bahia ele foi para o Paraná, cultivar café em uma fazenda lá, isso eu lembro que ele falou para mim. Foi para lá numa fazenda, lutou, lutou lá, fazia, trabalhava direitinho. De lá ele conheceu um rapaz que vinha para São Paulo. Ele trabalhou bastante lá, o pessoal gostava muito dele lá e o trouxe para São Paulo. E em São Paulo, aqui, ele começou a trabalhar em banca de jornal, ele conjuminava muita banca de jornal, aí ele trabalhou, como estava trabalhando de zelador, sempre trabalhou de zelador, né? E de zelador, na Rua Barão de Campinas, ali, esquina com a Alameda Glete, foi a minha infância ali, perto da Folha de São Paulo, eu descia de carrinho de rolimã, eu e a molecada, de pneu, andando de pneu, empurrando pneu. Olha, é uma loucura! (risos). E vai que vai. E na esquina na Alameda Glete tinha uma banca de jornal que era do meu pai, do lado, do outro lado, do lado direito, tem um posto, não sei se tem um posto de gasolina ainda e tinha uma padaria do lado da banca e no prédio do meu pai eu que tomava conta, ele era o zelador, mas era eu que tomava conta do prédio, enquanto ele ficava na banca de jornal. E foi assim que começou. [...]Não, ele só fez mesmo o primário. Ele sabia escrever, ele ensinava, ele entendia muito, ele era muito inteligente, na medida da proporção dele. Ele sabia o alfabeto, sabia fazer conta muito bem, as continhas sabia, ninguém enrolava ele não, entendeu? Mas ele estudou até o primário, só.
Infância	Meu Deus do céu, foi uma infância maravilhosa. Eu sempre..., a infância antiga é uma infância que você brinca na rua, você brinca de pega-pega, o pega-pega estava constante com a gente, com o pessoal, próprio em São Paulo, em São Paulo você vê que não é interior de... em São Paulo você fazia amizades ainda, naquele tempo. Então, na

	minha rua ali, em qualquer rua que tinha, a gente fazia amizade com o pessoal lá. Então, a gente brincava na rua de bola de gude, né, de tirar bola de gude, brincava de pega-pega, brincava de esconde-esconde, era muito gostoso. Como te falei, brincava, comprava uns carrinhos, amarrava um fiozinho no carrinho, rodava quarteirão e fazia que estava viajando, contando história, o carrinho quebrava na estrada, você arrumava ali no chão, você conversava com o carrinho, era uma brinca... era uma coisa, olha, parecia que era real, tudo o que a gente fazia era real, não tinha malícia, brincava com menino, com menina, ficava junto ali, não existia aquele negócio como é hoje, coisa maliciosa. Depois você vai crescendo e não vai brincando mais, mas não existia. Eu morava, eu morei na Rua Frei Caneca, certo? Ali perto da Rua Augusta, quando faz aquela curvinha da Rua Augusta ali, eu morava ali perto da escadaria da Nove de Julho, que desce, eu descia muito aquela escadaria, subia, se escondia, pulava naquele buracão da escadaria ali, da Frei Caneca, para se esconder do pessoal, dos amiguinhos. Ixi, pulava no prédio do lado, de um moço lá que tinha um jardinzinho para se esconder e o cara: "Sai daí, Roberto, sai daí, está estragando a minha grama". (risos) E assim vai, era ali a minha infância. [...] Depois eu passei para minha, depois eu mudei para... eu ia muito para Guarulhos, com as minhas sobrinhas, para o Grajaú, a gente ia muito para as casas dos parentes. Como a gente morava na mesma cidade, a gente ia para as vilas. Então, nas vilas a gente brincava mais ainda. Se a gente brincava lá no Centrão, nas vilas a gente brincava mais ainda. Nas minhas férias eu ia para a casa das minhas primas, dormia tudo na mesma cama, mulher com homem, não tinha nada disso, era só alegria.
Formação escolar	Estudei em São Paulo ali na Conselheiro Antônio Prado, na Barra Funda. [...] O primeiro é Escola Estadual Conselheiro Antônio Prado, na Vitorino Camilo, esquina com a Eduardo Prado ali. Adorava. Primeiramente, desculpa, primeiramente estudei no Colégio Maria José, mais para cima um pouco, ali perto da Barão de Limeira, Barão de Limeira com a Alameda Glete, lá na frente, lá para quem vai para a Duque de Caxias lá, onde tem a escola Coração de Jesus. Fiz minha Primeira Comunhão no Coração de Jesus lá, naquela praça, onde agora é a Cracolândia, que virou lá, né? Eu não sei, parece que virou Cracolândia lá, mas antigamente a gente andava tudo aquilo lá brincando. Era tudo lindo, antigamente, lá. Depois que fui para o Colégio Conselheiro Antônio Prado, aí fiz o resto do meu... até o colegial lá.

	Eu gostava muito da parte de História e Geografia, puxado, na Matemática eu era meio lento. Física, Matemática, Química, eu sofria um pouco. A Dona Dalva, tem até uns livros da Dona Dalva aqui. Ela era brava e a Dona Dalva era de Matemática e o professor Rui era de Português, parecia aquele, parecia o Rui Barbosa. Ele era com aquele bigodão dele assim, (risos), branco, mas muito elegante, aquela roupa bem elegante, aquelas roupas tudo fechada, até em cima, com a régua de madeira na mão. Ai, meu Deus! Quando ele passava perto de você, se você não falasse... porque era tomada, você tem que ler o livro e ele tomava alguma coisa lá na frente lá, tomava alguma matéria daquele livro, falava alguma coisa daquele livro, para você falar em chamada oral. E você, se você não fizesse, meu pai! Mas olha, hoje eu agradeço, mas na época as pernas tremiam com o professor Rui, viu. Mas História e Geografia eu ia bem. [...] Tinha francês antigamente, tinha francês, tinha latim. Bom, a gente estudava francês e latim antigamente nas escolas, inglês, né? Eu ficava na frente porque a minha absorção - agora melhorei muito - de memorização era meio devagar. Então, eu ficava mais na frente. Eu mesmo ia para a frente ali, ficava ali, mas nunca tive reclamação, eu era quieto, era tímido, quieto, né? Então, na hora de sair para fora eu bagunçava, jogava bola, bagunçava mesmo na hora do recreio, mas na sala de aula era um santinho. (risos) Do pau oco. (risos)
Trabalho na infância e/ou adolescência	E comecei a trabalhar no Banco e fui, fui, entregava jornal em São Paulo. Fazia um montão de coisa em São Paulo, a gente se vira, faz muita coisa ao mesmo tempo. Aí comprei um apartamento, com esse dinheirinho comprei um apartamento aqui no quilômetro três da Anchieta, na Vila Livieiro e vim pra cá e ia resolvendo. A minha esposa trabalhava na Bowls Eletrônica aqui na Avenida São João, agora é United, uma empresa multinacional. E fomos, fomos, fomos tocando a vida. Aí minha esposa resolveu vir para Bauru e eu vim, eu não era nada, só namorava, aí eu falei, ela falou: "Não, vou ter que ir embora, não sei o que, tal, tal, tal" e resolveu. Falei: "Não, vou atrás dela". Peguei uma moto, eu tinha uma CG velha, (risos) uma CGzinha quatro marchas, peguei dois cheques do Unibanco, (risos), pus no bolso, falei só para minha mãe: "Mãe, vou buscar a Vanda", que é a minha esposa, né? "Mas você é louco, você nunca viajou". Nunca tinha viajado, nunca tinha pegado estrada para longe, só para Santos, né? Aí peguei a estrada ali, vim pela Castelo Branco, vim embora. Aí vim encontrar com ela aqui em Bauru. [...]. Caí na estrada! [...] Ninguém entendia nada, aquela, eu todo machucado com a aliança na mão, pedindo a mão da minha esposa Vanda para os pais dela aqui no Redentor. Aí foi, casamos, tudo e comecei a trabalhar aqui na Editora Alto Astral, nas empresas aqui, né? E aí eu comecei a trabalhar na Editora Alto Astral e aí eu tinha Unimed e meu pai estava muito doente em São Paulo, problema de esôfago. Foi aí que

	começou o sebo, hein, problema de esôfago. Eu posso começar? Estou falando muito?
Trabalho	Então, foi aqui em Bauru que comecei. Meu pai, aí retornando naquele material lá, eu vim para cá, entrei em uma empresa boa, tinha Unimed, trouxe meu pai para cá. [...] E aí ele veio para cá e começou a trabalhar não de zelador, mas de porteiro e aí comprou uma banca de jornal aqui na Rua Treze de Maio, onde eu tenho o meu sebo aqui agora, mais para cima um pouco, na mesma quadra, tinha uma banca de jornal. Ele comprou uma banquinha lá, isso aí há trinta anos. Trinta anos atrás e foi, foi, foi, comprou a banquinha e aí começou na banca ali, ele começou ganhar, ele fazia jogo de bicho, vendia Julia, Sabrina, aqueles livrinhos de *bang-bang* vendia também, é o que vendia, certo? Aí ele começou, ele era muito cativante devido à recepção do zelador em São Paulo, ele fazia de tudo, ajudava as pessoas, então a comunicação dele era excelente, maravilhosa. E aí foi, foi, foi e começou, o pessoal descia e: "Senhor João, uma doação para o senhor. Senhor João". E começou a doar livros. Trinta anos atrás, vinte e poucos anos atrás, meu filho está com 32 anos, então a gente calcula trinta anos, porque meu filho nasceu dentro do sebo, dentro da banca de jornal e depois veio para cá. Meu filho está com 32 anos, está estudando já, está em Piracicaba, está formado, graças a Deus, né? Então, "senhor João", deixavam os livros lá, eram saquinhos, eram caixas e começou a encher a banca, não cabia, a banca era pequena. E até então eu trabalhava de vendedor, eu já tinha saído daquela empresa lá. Lá em São Paulo [era] motorista e motociclista, lá é *motoboy*. Trabalhava no Banco Comércio Indústria de São Paulo, Comind, lá em Alphaville. Tenho registro, tenho a carteira de motorista profissional, de moto e de carro. Então, eu trabalhava resgatando material, cheque, né? Compensação, na Grande São Paulo e São Paulo mesmo, com as motos e com carro. Quando não dava para ir de moto, era enorme lá o Comind, tinha muitos veículos. E como trabalhava eu e alguns, trabalhavam bem e conhecia bem as ruas de São Paulo, conhecia bem São Paulo, então sempre estava fazendo. Quando estava para ir embora, que era meio período, o pessoal: "Roberto, fica para fazer hora extra", porque muita gente faltava, os motoqueiros, alguns e eu sempre fazia hora extra, trabalhava direto, trabalhava de cedo até a noite em São Paulo, né? E aí fui, trabalhei na Gazeta Mercantil entregando jornal também. Entregava jornal e vendia assinaturas, ali perto do Diário Popular, no Centro, né? Trabalhei aqui na Cris Café, negócio de conferente de café, no armazém do Ceasa, Ceagesp, né, mas trabalhava com café. De lá fui trabalhar na Editora Alto Astral, de motorista, encarregado e motorista e depois foi, fiquei quatro, cinco anos lá e depois fui, aí veio a... quis montar uma lanchonete, foi a pior coisa. Eu falei: "Vou montar uma lanchonete e vai dar tudo certo". Eu e minha esposa

	juntos já e meu pai aqui. Aí fomos, fomos, sem experiência nenhuma, mas tinha dinheiro, porque trouxe dinheiro de São Paulo, né? Tinha três casas aqui, não sei o que, tal, tal, tal, carro e moto. Fui injetando na lanchonete. E falei: "Como sei pilotar moto, eu vou entregando". A minha esposa sabia fazer lanche bem, minha cunhada boa cozinheira e tal e fomos, fomos, fomos e deu certo. A gente fez sociedade e começou a ter alguns desvios de dinheiro, alguma coisa sumir e não rendia o dinheiro. E como eu estava na rua, a minha esposa estava na chapa, a minha outra sócia estava no caixa e começou a não dar certo. Peguei, vendi uma casa, vendi outra casa, vendi um carro e falei: "Opa, está tudo errado, vou perder tudo, (risos) vou parar". E aí parei. Parei, mas estava quase tarde já, minha esposa estava doente, deu asma grave devido a chapa, *freezer*, chapa, *freezer*, né, deu asma, grave mesmo. E aí meu pai tinha colocado na banca, uma banquinha aqui. Aí foi, aí começou, aí tinha a banca e o estacionamento atrás. E aí meu pai, como ele não para quieto, começou a aumentar a banca atrás e chegando livro. E meu pai começou a aumentar a banca atrás. O serralheiro vinha e aumentava um pedacinho. Parecia, sabe aquele João de Barro? E fazia os pedacinhos e tampava, tudo do jeito dele, meio rústico, é com chapa aqui, chapa ali, um negócio em cima, telha Eternit, luzinha em cima. O homem era ligeiro, viu? E foi, foi aumentando, ele mesmo fazia ali. Ele e chamava um rapaz só para soldar, ele mesmo fazia tudo dentro, de vez em quando eu o ajudava. E foi aumentando e aumentou bastante, sobrou vaga para os carros. E aí eu fiquei desempregado. E meu pai era muito... minha esposa veio trabalhar com ele, que não estava dando conta sozinho, por causa dos livros e meu pai me chamava: "Roberto, vem me ajudar aqui que é muita coisa, tem estacionamento, mais livro". Eu falei: "Não tenho, eu vou trabalhar com isso aí? Vamos morrer de fome, eu, o senhor e a Vanda, vamos morrer de fome com isso aí". Eu falei isso para ele. Ele falou: "Que morrer de fome, não sei o que, tal, tal, tal". Eu vi e, como eu estava parado, eu fui pra lá e falei: "Eu vou, está bom". [Isso foi] em 1989, não em 1989, foi em 1983, isso foi em 1983 e foi. [...] Falei que ia passar fome ali e fomos, fomos, fomos. Eu que manobrava os carros, arrumava os carros e livro chegando, livro chegando, colocava nas paredes, eu com caixa, arrumando e sempre arrumando, começamos a vender, comecei a olhar com outros olhos os livros. Quando o pessoal não tinha dinheiro para comprar, meu pai falava: "Leva, vai estudar e me traga o diploma. É isso que eu quero, vai estudar lá, me traga o diploma e está tudo certo". Ninguém esquece isso que ele falava, entendeu? Nunca negou um livro para ninguém, o 'seu' João. E aí foi embora e eu fiquei agora, na incumbência de dar continuidade ao sebo.

	E aí veio o pessoal do negócio de cobrança, estas coisaradas, cobrança e alugaram lá, ficou muito fechado, alugaram lá e aí mandaram tirar a banca, uns advogados poderosos aqui em Bauru [...] Foi, foi, foi, lutamos, mas eu não tinha força, não tinha muito advogado, né, não tinha como contestar com as coisas e aí perdemos, arrancaram a banca e pronto, acabou. Aí eu aluguei aqui, aluguei para não sair desse quarteirão, aluguei aqui e tinha um fundo aqui e comecei trazer o material da banca, mas o rapaz falou que eu tinha direito a parte de cima também, que eu não conhecia, que lá em cima é enorme, certo? Eu falei: "Como é que eu vou encher isso aqui de livro?", entendeu? Aí foi, foi, foi e enchi, estou transbordando de livro, não tem nem onde andar aqui dentro. São meus clientes eu falo, estão tudo aqui os clientes e aí vai, esta história é do sebo aqui. É, e meu pai nunca quis ficar comigo aqui, ele abriu na.... falei: "Pai, fica comigo, vamos ficar aqui junto". Não, ele montou o sebo na Rodrigues Alves lá, também ficou uma par de tempo lá, ele ficou quase 23 anos lá, aí ficou lá, ficou lá e ele sempre competindo comigo. Aí montou, ele montou lá, eu montei aqui e aí ele faleceu, eu trouxe tudo pra cá agora, acabou tudo lá e eu estou aqui. Catalogar livro, a gente cataloga, [...] e já temos quase duzentos mil itens catalogados aqui. Não tem nem mais ou menos um quarto do acervo, que o acervo é muito grande, então não dá para catalogar tudo, a gente tenta colocar nas prateleiras por áreas, tenta, mesmo assim transborda, se você vir aqui você vai ver, é tudo lotado. Então, a gente tenta moldar de acordo como vai, mesmo assim o que está na prateleira catalogado marcado, a gente acha, eu vendo, um senhor me ensinou: "Roberto, começa a vender *on line*, que você vai precisar". Isso antes eu não achava interessante, depois fui, fui, comecei a injetar *on line* também, né? Entrei na Estante Virtual e eu estou há quase quinze anos com eles lá. Isso aí que está me ajudando um pouco a sobreviver, está entendendo? Fora aqui a física, eu tenho a *on line* também. [...] O sebo tem muito disso, a negociação, tem muito acontecido isso: "Ah, 'seu' Roberto, se eu levar três, quatro livros, dá para dar um desconto?" Eu já tinha dado, fiz um desconto em um só, ele quer mais desconto em cima de três, quatro livros, mas a gente vai acabar cedendo, né? É sempre isso, um bate papo e você vai. me dele? João Silvestre Medeiros de Bau. Eu sobrevivo pelo conhecido que nós somos. O segredo é: eu acredito que é você não desistir, perrengue todo mundo vai ter, altos e baixos, eu tive uma fase aqui que eu não tinha mais onde recorrer para poder sobreviver aqui, entendeu? Não estava vendendo, deu outras crises, várias crises no Brasil que só tem crise e você vê que o navio fica

	assim, balança, vai, sobe e desce, minha esposa sempre do meu lado, eu e ela. Olha, eu acho: o sebo não acaba, acaba quem desiste: "Ah, vou fechar, acabou e pronto". A cultura física, existe a cultura *on line*, os livrinhos lá, *e-book*, você compra pela *internet*, mas nada você compra e não tem aquele apalpar, a visualização. Você vê o livro lá, vê a página, vê a traseira, vê a data, pronto e compra. É uma coisa meio robótica. E o físico não, o físico você pega o livro, como tem meus clientes aqui que está com o livro na mão, pega os livros, olha dentro, vê uma leitura, vê um resumo, vê prefácio. Do outro ele vai vendo outra coisa que não tem nada a ver com a pessoa. Ele pegou um livro aqui que interessa, daqui ele pega outro que chamou atenção, é assim que vai e dá para olhar, a pessoa está apalpando, pegando e vendo, por isso que não vai acabar nunca o sebo.
Significado da entrevista	Obrigado vocês, para eu ajudar a contribuir com vocês, pela cultura do Sesc, cultura do Brasil. Saúde para você! Deus abençoe, obrigado.